

Revista NERA

n. 32
DOSSIÊ



NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária

20 ANOS DE PROPOSTA DE SOBERANIA ALIMENTAR: CONSTRUINDO UM REGIME ALIMENTAR ALTERNATIVO
Estevan Leopoldo de Freitas Coca

MERCADOS INSTITUCIONAIS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR E SOBERANIA ALIMENTAR
Regina Aparecida Leite de Camargo, José Giacomo Baccarin
e Denise Boito Pereira da Silva

AVALIAÇÃO DO PERFIL DOS AGRICULTORES QUE FORNECEM PRODUTOS PARA O PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS - PAA NO MUNICÍPIO DE TOLEDO - PR
Dieterson Debus, Nadel Luiz Soares da Silva, Angelita Pinto Libermann,
Cristiano Luiz Metzner e Geraldo Valentin Ribeiro Filho

SOBERANIA ALIMENTAR E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR NA AMÉRICA LATINA: O CASO DO BRASIL E DA ARGENTINA
Gracieda dos Santos Araújo

LA SOBERANÍA ALIMENTARIA DESDE LA EXTENSIÓN UNIVERSITARIA: REPENSANDO 'LOS' TERRITORIOS Y LA DISTINCIÓN URBANO/RURAL A TRAVÉS DE LA EXPERIENCIA DE LA CÁTEDRA LIBRE DE SOBERANÍA ALIMENTARIA (UNPL-ARGENTINA)
Fernanda Torres, Fernando Glenza, Luis Santarsiero e Ana Ottenheimer

SOBERANÍA ALIMENTARIA Y CONFLICTIVIDAD AGRARIA EN ARGENTINA. MOVIMIENTO CAMPESINO-INDÍGENA, PATRONES RURALES Y GOBIERNO A PARTIR DEL PARO AGROPECUARIO DEL 2008
Luis Daniel Hoczman

SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR NO PARAGUAI: A ATUAÇÃO DO ESTADO E A LUTA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS
Lorena Izá Pereira

INCIDENCIA DE LOS PROGRAMAS AGRARIOS GUBERNAMENTALES EN LA CADENA DE VALOR DEL CACAO FINO Y DE AROMA EN ECUADOR
Oswaldo Viteri Salazar

SOBERANÍA ALIMENTARIA: REFLEXIONES A PARTIR DE DIFERENTES SISTEMAS ALIMENTARIOS DE SANTA CRUZ, BOLIVIA
Georgina Catacora-Vargas, Aymara Llanque Zonta,
Johanna Jacobi e Freddy Delgado Burgoa

IMPACTO ECONÔMICO E SOBERANIA ALIMENTAR E NUTRICIONAL: UM ESTUDO DE CASO NA COMUNIDADE NEGRA RURAL PALENQUEIRA SAN JUAN DE PALOS PRIETO, REGIÃO DO CARIBE COLOMBIANO
Lucas Bento da Silva

SIN MAÍZ NO HAY PAÍS. LUCHAS INDÍGENAS Y CAMPESINAS POR LA SOBERANÍA ALIMENTARIA Y UN PROYECTO DE NACIÓN EN MÉXICO
Carlos Rodríguez Wallenius e Luciano Concheiro Bórquez

DE UNA CRISIS ALIMENTARIA HACIA UNA CRISIS PRODUCTIVA (2008-2015): EL CASO DEL MAÍZ EN EL MUNICIPIO TONATICO, ESTADO DE MÉXICO
Malin Jönsson

"NO PODEMOS HABLAR DE PAZ SI TENEMOS HAMBRE". DESPOJO CAMPESINO Y SOBERANÍA ALIMENTARIA EN COLOMBIA
Flor Edilma Osorio Pérez

RELATÓRIO DE CAMPO: HABLEMOS CON LA BOCA LLENA. LA SOBERANÍA ALIMENTARIA DESDE LA COMUNICACIÓN COMUNITARIA
Silvia Magdisk, Gabriel Piedrabuena e Gabriela Cardoso

2016



Revista NERA nº. 32

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera>

EDITORES

**Mônica Schiavinatto
Estevan Leopoldo de Freitas Coca
Lorena Izá Pereira
Luis Felipe Rincón
Camila Ferracini Origuéla
Eduardo Paulon Girardi
Bernardo Mançano Fernandes
Wendy Wolford
Hannah Wittman**

**NERA
Núcleo de Estudos,
Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária
2016**

Revista NERA (RNERA) nº. 32

EDITORES

Mônica Schiavinatto
Estevan Leopoldo de Freitas Coca
Lorena Izá Pereira
Camila Ferracini Origuéla
Eduardo Paulon Girardi
Bernardo Mançano Fernandes
Wendy Wolford
Hannah Wittman
Luis Felipe Rincón

CORPO EDITORIAL

Lucas Pauli
Leandro Ribeiro Nieves
José Sobreiro Filho
Hellen Charlot Cristancho Garrido
Hellen Mesquita

CONSELHO CIENTÍFICO

Adolfo da Costa Oliveira Neto – UFPA (Belém, PA, Brasil)
Adriano Rodrigues de Oliveira – UFG (Goiânia, GO, Brasil)
Ana Domínguez Sandoval – UDELAR (Montevideu, Uruguai)
Anderson Antônio da Silva – FATEC (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Bernardo Mançano Fernandes – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Camila Ferracini Origuéla - UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Carlos Alberto Feliciano – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Clifford Andrew Welch – UNIFESP (São Paulo, SP, Brasil)
Djoni Roos – UNIOESTE (Mal. Cândido Rondon, PR, Brasil)
Douglas Cristian Coelho – UNIOESTE (Mal. Cândido Rondon, PR, Brasil)
Eduardo Paulon Girardi – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Eliane Tomiasi Paulino – UEL (Londrina, PR, Brasil)
Emilia de Rodat Fernandes Moreira – UFPB (João Pessoa, PB, Brasil)
Eraldo da Silva Ramos Filho – UFS (Aracaju, SE, Brasil)
Estevan Leopoldo de Freitas Coca – UEL (Londrina, PR, Brasil)
Facundo Martín – UNCUYO, (Mendoza, Argentina)
Fernando Mendonça Heck – IFSP (Tupã, SP, Brasil)
Flavio Bladimir Rodríguez Muñoz – Universidad Externado de Colômbia (Bogotá, Cundinamarca, Colômbia)
Francilane Eulália de Souza – UEG (Formosa, GO, Brasil);
Francisco Hidalgo Flor – Universidad Central del Ecuador (Quito, Pichincha, Equador)
Gláucio Marafon – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Hannah Wittman – UBC (Vancouver, British Columbia, Canadá)
Hellen Charlot Cristancho Garrido – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Hervé Théry – USP (São Paulo, SP, Brasil) e CNRS (França)
Humberto Tommasino – UDELAR (Montevideu, Uruguai)
Isaías Tobasura Acuña – Universidad de Caldas (Manizales, Caldas, Colômbia)
Jacob Binsztok – UFF (Niterói, RJ, Brasil)
Janaina Francisca de Souza Campos Vinha – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
João Cleps Júnior – UFU (Uberlândia, MG, Brasil)
João Edmilson Fabrini – UNIOESTE (Mal. Cândido Rondon, PR, Brasil)
João Márcio Mendes Pereira – UFRRJ (Seropédica, RJ, Brasil)
João Rua – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
José Antonio Segrelles Serrano – Universidad de Alicante (Alicante, Espanha)
José Sobreiro Filho – UFPA (Belém, PA, Brasil)
Juliana Grasiéli Bueno Mota – UFGD (Dourados, MS, Brasil)
Julio Cesar Suzuki – USP (São Paulo, SP, Brasil)
Juscelino Eudâmidas Bezerra – UPE (Petrolina, PE, Brasil)
Lorena Izá Pereira - UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Luciano Concheiro Borquez – UAM-X (Cidade do México, Distrito Federal, México)
Luis Daniel Hocsman - Universidad Nacional de Córdoba (Córdoba, Argentina)
Luis Felipe Rincón Manrique – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Mara Edilara Batista de Oliveira – UFF (Angra dos Reis, RJ, Brasil)
Márcio Freitas Eduardo – UFFS (Erechim, RS, Brasil)
Margarida de Cássia Campos – UEL (Londrina, PR, Brasil)
Marta Beatriz Chiappe Hernández – UDELAR (Montevideu, Uruguai)
Matías Carámbula Pareja – UDELAR (Montevideu, Uruguai)

Munir Jorge Felício – UNOESTE (Presidente Prudente, SP, Brasil)
 Neli Aparecida de Mello – USP (São Paulo, SP, Brasil)
 Nelson Rodrigo Pedon – IFSP (Birigui, SP, Brasil)
 Noemia Ramos Vieira – UNESP (Marília, SP, Brasil)
 Omar Angel Arach – Universidad Nacional de Córdoba (Córdoba, Argentina)
 Onélia Carmem Rossetto – UFMT (Cuiabá, MT, Brasil)
 Oscar Bazoberry Chali – UMSA (La Paz, Bolívia)
 Raul Paz – UNSE (Santiago Del Estero, Argentina)
 Ricardo Pires de Paula – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
 Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
 Rodrigo Simão Camacho – UFGD (Dourados, MS, Brasil)
 Rosa Maria Vieira Medeiros – UFRGS (Porto Alegre, RS, Brasil)
 Rosemeire Aparecida de Almeida – UFMS (Três Lagoas, MS, Brasil)
 Samuel Frederico – UNESP (Rio Claro, SP, Brasil)
 Tiago Egídio Avanço Cubas – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
 Valéria de Marcos – USP (São Paulo, SP, Brasil)
 Valmir José Valério (Presidente Prudente, SP, Brasil)
 Víctor Martín Martín – Universidad de La Laguna (Espanha)
 Virgínia Marina Rossi Rodriguez – UDELAR (Paysandú, Uruguai)
 Wendy Wolford – Cornell University (Ithaca, New York, Estados Unidos da América)
 Wilder Robles – University of Manitoba (Winnipeg, Canadá)

Revista NERA

Distribuída por



Indexada por



Apoio



Ficha Catalográfica

Revista NERA. A.1, n. 1, 1998. Presidente Prudente: Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – FCT/UNESP.

1998 – ano 1, nº. 1, nº. 2
 1999 – interrompida
 2000 – ano 3, nº. 3
 2001 – interrompida
 2002 – interrompida
 2003 – interrompida
 2004 – ano 7, nº. 4
 2004 – ano 7, nº. 5
 2005 – ano 8, nº. 6
 2005 – ano 8, nº. 7
 2006 – ano 9, nº. 8
 2006 – ano 9, nº. 9
 2007 – ano 10, nº. 10
 2007 – ano 10, nº. 11
 2008 – ano 11, nº. 12
 2008 – ano 11, nº. 13
 2009 – ano 12, nº. 14
 2009 – ano 12, nº. 15
 2010 – ano 13, nº. 16
 2010 – ano 13, nº. 17

2011 – ano 14, nº. 18
 2011 – ano 14, nº. 19
 2012 – ano 15, nº. 20
 2012 – ano 15, Dossiê
 2012 – ano 15, nº. 21
 2013 – ano 16, nº. 22
 2013 – ano 16, nº. 23
 2014 – ano 17, nº. 24
 2014 – ano 17, nº. 25
 2015 – ano 18, nº. 26, Dossiê
 2015 – ano 18, nº. 27
 2015 – ano 18, nº. 28, Dossiê
 2015 – ano 18, nº. 29
 2016 – ano 19, nº. 30
 2016 – ano 19, nº. 31
 2016 – ano 19, nº. 32, Dossiê

Quadrimestral
 ISSN 1806-6755

1. Geografia - Periódicos - Grupo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária - FCT/Unesp

ENDEREÇO

Rua Roberto Simonsen, 305, Centro Educacional, 19.060-900, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil
 FCT/UNESP – Bloco Docente I – Sala 19
 Fone: (18) 3229-5388 – Ramal: 5552

Site: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera> - e-mail: revistanera@fct.unesp.br

Sumário

- 09** **APRESENTAÇÃO**
PRESENTACIÓN
PRESENTATION

Mônica Schiavinatto e Lorena Izá Pereira

- 14** **20 ANOS DE PROPOSTA DE SOBERANIA ALIMENTAR: CONSTRUINDO UM REGIME ALIMENTAR ALTERNATIVO**
20 AÑOS DE LA PROPUESTA DE LA SOBERANÍA ALIMENTARIA: LA CONSTRUCCIÓN DE UN RÉGIMEN ALIMENTARIO ALTERNATIVO
20 YEARS OF THE FOOD SOVEREIGNTY PROPOSAL: BUILDING AN ALTERNATIVE FOOD REGIME

Estevan Leopoldo de Freitas Coca

- 34** **MERCADOS INSTITUCIONAIS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR E SOBERANIA ALIMENTAR**
LOS MERCADOS INSTITUCIONALES PARA LA AGRICULTURA FAMILIAR Y LA SOBERANÍA ALIMENTARIA
INSTITUTIONAL MARKETS FOR FAMILY AGRICULTURE AND FOOD SOVEREIGNTY

Regina Aparecida Leite de Camargo, José Giacomo Baccarin e Denise Boito Pereira da Silva

- 56** **AVALIAÇÃO DO PERFIL DOS AGRICULTORES QUE FORNECEM PRODUTOS PARA O PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS - PAA NO MUNICÍPIO DE TOLEDO - PR**
EVALUACIÓN DEL PERFIL DE LOS AGRICULTORES QUE SUMINISTRAN PRODUCTOS AL PROGRAMA DE ADQUISICIÓN DE ALIMENTOS – PAA EN LA MUNICIPALIDAD DE TOLEDO - PR
PROFILE ASSESSMENT OF THE FARMERS WHO SUPPLY PRODUCTS FOR THE FOOD ACQUISITION PROGRAM – PAA IN THE MUNICIPALITY OF TOLEDO - PR

Dieteron Debus, Nadel Luiz Soares da Silva, Angelita Pinto Libermann, Cristiano Luiz Metzner e Geraldo Valentin Ribeiro Filho

- 72** **SOBERANIA ALIMENTAR E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR NA AMÉRICA LATINA: O CASO DO BRASIL E DA ARGENTINA**
SOBERANÍA ALIMENTARIA Y POLÍTICAS PÚBLICAS PARA LA AGRICULTURA FAMILIAR EN AMÉRICA LATINA: EL CASO DE BRASIL Y ARGENTINA
FOOD SOVEREIGNTY AND PUBLIC POLICIES FOR FAMILY FARMING IN LATIN AMERICA: THE CASE OF BRAZIL AND ARGENTINA

91

LA SOBERANÍA ALIMENTARIA DESDE LA EXTENSIÓN UNIVERSITARIA: REPENSANDO 'LOS' TERRITORIOS Y LA DISTINCIÓN URBANO/RURAL A TRAVÉS DE LA EXPERIENCIA DE LA CÁTEDRA LIBRE DE SOBERANÍA ALIMENTARIA (UNPL-ARGENTINA)

SOBERANIA ALIMENTAR E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: REPENSANDO OS TERRITÓRIOS E A DIFERENÇA URBANO/RURAL A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DA CÁTEDRA LIVRE DE SOBERANIA ALIMENTAR (UNLP-ARGENTINA)

FOOD SOVEREIGNTY FROM THE UNIVERSITY EXTENSION: RETHINKING "THE" TERRITORIES AND THE URBAN/RURAL DISTINCTION THROUGH THE EXPERIENCE OF THE CÁTEDRA LIBRE DE SOBERANÍA ALIMENTARIA (UNLP-ARGENTINA)

Fernanda Torres, Fernando Glenza, Luis Santarsiero e Ana Ottenheimer

111

SOBERANÍA ALIMENTARIA Y CONFLICTIVIDAD AGRARIA EN ARGENTINA. MOVIMIENTO CAMPESINO-INDÍGENA, PATRONES RURALES Y GOBIERNO A PARTIR DEL PARO AGROPECUARIO DEL 2008

SOBERANIA ALIMENTAR E CONFLITUALIDADE AGRÁRIA NA ARGENTINA. MOVIMENTO CAMPONÊS-INDÍGENA, RURALISTAS E GOVERNO A PARTIR DA GREVE AGROPECUÁRIA DE 2008

FOOD SOVEREIGNTY AND AGRARIAN CONFLICTIVITY IN ARGENTINA. MOVEMENT PEASANT-INDIGENOUS, RURAL PATTERNS AND GOVERNMENT FROM THE LOCKOUT AGRICULTURAL OF 2008

Luis Daniel Hocsman

128

SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR NO PARAGUAI: A ATUAÇÃO DO ESTADO E A LUTA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

SOBERANÍA Y SEGURIDAD ALIMENTARIA EN EL PARAGUAY: EL PAPEL DEL ESTADO Y LA LUCHA DE LOS MOVIMIENTOS SOCIALES

SOVEREIGNTY AND FOOD SECURITY IN PARAGUAY: THE ROLE OF THE STATE AND THE STRUGGLE OF THE SOCIAL MOVEMENTS

Lorena Izá Pereira

153

INCIDENCIA DE LOS PROGRAMAS AGRARIOS GUBERNAMENTALES EN LA CADENA DE VALOR DEL CACAO FINO Y DE AROMA EN ECUADOR

INCIDÊNCIA DOS PROGRAMAS AGRÁRIOS GOVERNAMENTAIS NA CADEIA DE VALOR DO CACAU FINO DE AROMA NO EQUADOR

IMPACT OF GOVERNMENT AGRICULTURAL PROGRAMS IN THE VALUE CHAIN OF THE FINE COCOA AROMA IN ECUADOR

Oswaldo Viteri Salazar

SOBERANÍA ALIMENTARIA: REFLEXIONES A PARTIR DE DIFERENTES SISTEMAS ALIMENTARIOS DE SANTA CRUZ, BOLIVIA

170

SOBERANIA ALIMENTAR: REFLEXÕES A PARTIR DE DIFERENTES SISTEMAS ALIMENTARES DE SANTA CRUZ, BOLÍVIA

FOOD SOVEREIGNTY: REFLECTIONS FROM DIFFERENT FOOD SYSTEMS IN SANTA CRUZ, BOLIVIA

Georgina Catacora-Vargas, Aymara Llanque Zonta, Johanna Jacobi e Freddy Delgado Burgoa

IMPACTO ECONÔMICO E SOBERANIA ALIMENTAR E NUTRICIONAL: UM ESTUDO DE CASO NA COMUNIDADE NEGRA RURAL PALENQUEIRA SAN JUAN DE PALOS PRIETO, REGIÃO DO CARIBE COLOMBIANO

195

IMPACTO ECONÓMICO Y SOBERANÍA ALIMENTARIA Y NUTRICIONAL: UN ESTUDIO DE CASO EN LA COMUNIDAD RURAL NEGRO PALENQUEIRA SAN JUAN DE PALOS PRIETO, REGIÓN DEL CARIBE COLOMBIANO

ECONOMIC IMPACT AND FOOD AND NUTRITIONAL SOVEREIGNTY: THE CASE IN THE RURAL BLACK COMMUNITY PALENQUEIRA SAN JUAN DE PALOS PRIETO, COLOMBIAN CARIBBEAN REGION

Lucas Bento da Silva

SIN MAÍZ NO HAY PAÍS. LUCHAS INDÍGENAS Y CAMPESINAS POR LA SOBERANÍA ALIMENTARIA Y UN PROYECTO DE NACIÓN EN MÉXICO

214

SEM MILHO NÃO HÁ PAÍS. LUTAS INDÍGENAS E CAMPONESAS PELA A SOBERANIA ALIMENTAR E UM PROJETO DE NAÇÃO NO MÉXICO

WITHOUT MAIZE THERE IS NO COUNTRY. INDIGENOUS AND PEASANT STRUGGLES FOR FOOD SOVEREIGNTY AND A NATIONAL PROJECT IN MEXICO

Carlos Rodríguez Wallenius e Luciano Concheiro Bórquez

DE UNA CRISIS ALIMENTARIA HACIA UNA CRISIS PRODUCTIVA (2008-2015): EL CASO DEL MAÍZ EN EL MUNICIPIO TONATICO, ESTADO DE MÉXICO

236

DE UMA CRISE ALIMENTAR A UMA CRISE PRODUTIVA (2008-2015): O CASO DO MILHO NO MUNICÍPIO DE TONATICO ESTADO DO MÉXICO

FROM FOOD CRISIS TOWARDS PRODUCTION CRISIS (2008-2015): THE CASE OF MAIZE IN THE MUNICIPALITY TONATICO, STATE OF MEXICO

Malin Jönsson

“NO PODEMOS HABLAR DE PAZ SI TENEMOS HAMBRE”. DESPOJO CAMPESINO Y SOBERANÍA ALIMENTARIA EN COLOMBIA

276

“NÃO PODEMOS FALAR DE PAZ SE TEMOS FOME”. DESPOJO CAMPONÊS E SOBERANIA ALIMENTAR NA COLÔMBIA

"WE CAN NOT TALK ABOUT PEACE IF WE ARE HUNGRY". PEASANT DISPOSSESSION AND FOOD SOVEREIGNTY IN COLOMBIA

Flor Edilma Osorio Pérez

297

RELATÓRIO DE CAMPO: HABLEMOS CON LA BOCA LLENA. LA SOBERANÍA ALIMENTARIA DESDE LA COMUNICACIÓN COMUNITARIA

FALAR COM A BOCA CHEIA. A SOBERANIA ALIMENTAR DESDE A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

TALK WITH YOUR MOUTH FULL. COMMUNITY COMMUNICATION FOR FOOD SOVEREIGNTY

Silvia Magdisck, Gabriel Piedrabuena e Gabriela Cardoso

COMPÊNDIO DE AUTORES

315

COMPENDIO AUTORES

COMPENDIUM AUTHORS

COMPÊNDIO DE EDIÇÕES

332

COMPENDIO EDICIONES

COMPENDIUM EDITIONS

Apresentação

Este dossiê da Revista NERA dedicou-se à Soberania Alimentar. Há 20 anos atrás, em 1996, durante a Segunda Conferência Internacional da Via Campesina ocorrida no México, a ideia foi amplamente discutida e divulgada publicamente. Neste momento, soberania alimentar foi conceituada como *“direito de cada nação de manter e desenvolver na própria capacidade de produzir alimentos básicos, respeitando a diversidade cultural e produtiva*. Posteriormente, em 2007, no *Forum For Food Sovereignty*, a Via Campesina reafirma a ideia de *“direito dos povos a alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica, e seu direito de decidir seu próprio sistema alimentício e produtivo”*. Ou seja, o poder de decisão do Estado ou das comunidades em executar seus projetos em relação ao alimento e definir seus próprios sistemas produtivos. Assim, o conceito de Soberania Alimentar foi criado justamente em contraposição ao conceito de Segurança Alimentar cunhado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). A diferença fundamental entre a segurança alimentar e soberania alimentar é que a primeira é tratada simplesmente como uma questão econômica, em que a solução para o problema da fome estaria nas leis do mercado. Já a soberania alimentar compreende o acesso ao alimento como um problema político, em que a solução deve vir do povo, da sociedade.

A partir de 1980 há um aumento significativo do poder das grandes corporações atuando no sistema global agroalimentar. É o momento de integração de novas partes do globo na cadeia produtiva. Esta fase se caracteriza por uma forte expansão destas grandes corporações nos mercados dos países pobres, controlando toda cadeia produtiva - desde a produção até o varejo e a padronização mundial da dieta alimentar, em detrimento dos produtos alimentares tradicionais.

De 1996 até os dias de hoje há uma intensificação deste processo, dado pelo aumento na produção de *commodities*, sobretudo para a produção de agrocombustíveis e acentuação de uma corrida mundial por terras, o que coloca em xeque e faz emergir o debate e a luta em torno da soberania alimentar. A América Latina é extremamente afetada com os processos acima citados e onde os movimentos sociais adquiriram protagonismo nesta luta, como é possível observar nos diferentes artigos deste dossiê que evidenciam a soberania alimentar em diversos países latino-americanos. O dossiê está composta por treze artigos e um relatório de trabalho de campo, todos abordando a Soberania Alimentar em seus diversos aspectos: movimentos sociais e luta pela Soberania Alimentar, papel do Estado e de Instituições multilaterais e políticas públicas.

Ressaltamos que três artigos desta edição de autoria de Gracieda dos Santos Araújo, Lorena Izá Pereira e Lucas Bento da Silva - são resultados diretos do projeto

“Soberania alimentar, segurança alimentar, terra e território na América Latina”, financiado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), por meio do Programa “União das Nações Sul-Americanas (UNASUL) e “Red Soberanía y Seguridad Alimentaria y Nutricional” (Red-SSAN-UNASUL), com o objetivo de fomentar o intercâmbio de experiências e pesquisas sobre a segurança e soberania alimentar e nutricional em escala sul-americana.

Ainda, apresentamos três artigos de autoria de Luis Daniel Hocsman, Carlos Rodríguez Wallenius & Luciano Concheiro Bórquez e Flor Edilma Osorio Pérez que originalmente foram apresentados na Reunião do Grupo de Trabalho Desenvolvimento Rural do *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO*, em outubro de 2008, em Assunción, Paraguai. Estes artigos foram revisados e atualizados por seus autores, o que nos dá uma ideia do avanço deste debate nos últimos oito anos.

Abrimos a discussão com o artigo do geógrafo Estevan Leopoldo de Freitas Coca intitulado “20 anos de proposta de soberania alimentar: construindo um regime alimentar alternativo”, que nos traz uma excelente exposição de como o conceito de soberania alimentar tem sido construído desde 1996 como uma alternativa ao domínio que as grandes corporações têm exercido sobre o sistema alimentar global, entendendo a soberania alimentar como uma resistência construída por movimentos socioespaciais e socioterritoriais, organizações não governamentais, governos, entre outros.

O artigo com o título “Mercados institucionais para a agricultura familiar e soberania alimentar” de autoria de Regina Aparecida Leite de Camargo, José Giacomo Baccarin e Denise Boito Pereira da Silva, discutem o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e como estes mercados institucionais contribuem para a promoção da soberania alimentar envolvendo a produção familiar. Os autores contribuem para o debate e realizam uma excelente discussão teórico e empírica, dialogando a soberania alimentar com pesquisas realizadas no Estado de São Paulo.

No terceiro artigo desta edição, intitulado “Avaliação do perfil dos agricultores que fornecem produtos para o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA no município de Toledo - PR”, os autores Dieterson Debus, Nadel Luiz Soares da Silva, Angelita Pinto Libermann, Cristiano Luiz Metzner e Geraldo Valentin Ribeiro Filho realizam uma minuciosa caracterização entrevistando 21 produtores do total de 189 produtores inscritos no programa no município e evidenciam que o PAA contribui para o fortalecimento da agricultura familiar e incentiva a diversidade, promovendo a soberania alimentar.

Continuando no âmbito das políticas públicas e inaugurando a discussão da América Latina nesta edição, o artigo de Gracieda dos Santos Araújo com o título “Soberania alimentar e políticas públicas para a agricultura familiar na América Latina: o

caso do Brasil e da Argentina”, em que nos traz um panorama das políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar e como estas são importantes para a promoção da soberania alimentar no Brasil e na Argentina. A autora também insere no debate a contribuição das universidades, sobretudo no caso argentino para a garantia da soberania alimentar.

Nesta mesma direção os autores Fernanda Torres, Fernando Glenza, Luis Santarsiero e Ana Ottenheimer, no artigo “La soberanía alimentaria desde la extensión universitaria: repensando ‘los’ territorios y la distinción urbano/rural a través de la experiencia de la Cátedra Libre de Soberanía Alimentaria (UNPL-Argentina)”, insere no debate o papel da extensão universitária para a promoção da soberania alimentar, nos faz refletir acerca de quais territórios são construídos com as práticas agroecológicas como ferramenta da soberania alimentar. Os autores inovam pelo fato de introduzir a discussão de relação urbano-rural na soberania alimentar, uma vez que a área de estudo é um parque provincial na região metropolitana de Buenos Aires.

O artigo intitulado “Soberanía alimentaria y conflictividad agraria en Argentina. Movimiento campesino-indígena, patrones rurales y el gobierno a partir del paro agropecuario del 2008”, de Luis Daniel Hocsmán nos contempla com uma ilustre apresentação da estrutura agrária da Argentina na etapa neoliberal e insere no debate as reivindicações ancoradas na luta de movimentos camponeses e indígenas, onde a resistência frente ao avanço do modelo agroexportador ocorre por meio da soberania alimentar.

No artigo “Soberanía e segurança alimentar no Paraguai: a atuação do Estado e a luta dos movimentos sociais”, a autora Lorena Izá Pereira, que expõe como o Estado paraguaio age para a garantia da soberania e segurança alimentar de sua população, elencando os escassos planos, programas e políticas públicas por parte do Estado já finalizados e ainda em desenvolvimento. O artigo também aborda as lutas e experiências de movimentos camponeses de soberania alimentar, abordando com maior ênfase a luta da Coordinadora de Mujeres Rurales e Indígenas (CONAMURI).

Na mesma esfera do papel do Estado através de planos e programas, Oswaldo Viteri Saazar em seu artigo “Incidencia de los programas agrarios gubernamentales en la cadena de valor del cacao fino y arona en Ecuador”, evidencia os diferentes programas agrários para a reativação da produção agrícola do cacau, que tradicionalmente representa uma fonte de renda para milhares de famílias equatorianas. Além de expor os programas e a importância destes para a soberania alimentar, o autor apresenta de modo crítico as limitações destes programas.

O artigo intitulado “Soberanía alimentaria: reflexiones a partir de diferentes sistemas alimentarios de Santa Cruz, Bolivia”, Georgina Catacora-Vargas, Aymara Llanque

Zonta, Johanna Jacobi e Freddy Delgado Burgoa abordam sobre os três sistemas alimentares do departamento de Santa Cruz, na Bolívia - agroindustrial, indígena e ecológico - evidenciando os conflitos em relação a estes sistemas, uma vez que o dominante e expansivo é o sistema agroindustrial, sobretudo sobre o sistema indígena. Os autores também enfatizam as contribuições do sistema agroecológico para a promoção da soberania alimentar na Bolívia.

O décimo artigo com o título “Impacto econômico e soberania alimentar e nutricional: um estudo de caso da comunidade negra rural Palenqueira San Juan de Palos Prieto, região do Caribe colombiano”, o autor Lucas Bento da Silva enfoca o impacto da elevação da produção da *commoditie* flexível da palma africana por empresas nacionais e transnacionais na comunidade negra rural Palenqueira San Juan de Palos Prieto e como esta vem alterando as técnicas produtivas tradicionais e os hábitos alimentares desta comunidade, ou seja, as práticas agroecológicas da soberania e segurança alimentar das famílias palenqueiras de San Juan de Palos Prieto sofreram alterações culturais pela capitalização e tecnificação do processo produtivo da palma.

“Sin maíz no hay país. Luchas indígenas y campesinas por la soberanía alimentaria y un proyecto de nación en México”, de autoria de Carlos Rodríguez Wallenius e Luciano Concheiro Bórquez insere a discussão da luta pela soberania alimentar como um projeto de nação dos movimentos indígenas e camponeses, centrado na cultura do milho e relacionado a propriedade social da terra. Os autores expõem que as ações coletivas expressam uma soberania alimentar construída de baixo para cima e onde se reconhece a natureza multifuncional da agricultura camponesa e se promove o desenvolvimento de uma agricultura sustentável.

No artigo intitulado “De una crisis alimentaria hacia una crisis productiva (2008-2015): el caso de maíz en el municipio Tonatico, Estado de México, a autora Malin Jönsson também analisa o caso da produção de milho no México, porém com o enfoque nas implicações do regime alimentar corporativo em um contexto de crise alimentar. A autora discute as variações nos preços dos alimentos, o domínio das corporações transnacionais, a exploração e desterritorialização de agricultores camponeses, o que impacta diretamente na soberania alimentar da população mexicana.

Em seguida, o artigo de Flor Edilma Osorio Pérez, “No podemos hablar de paz si tenemos hambre - Despojo campesino y soberanía alimentaria en Colômbia” faz uma análise dos obstáculos e ameaças para a soberania alimentar no âmbito local, em diálogo com as outras escalas de análises, a partir da experiência da comunidade rural de *Palo de Hicotea*, na região de Montes de María, Colômbia. A autora expõem e reflete sobre os processos de expulsão de camponeses de suas terras e de dominação a partir, não só da

violência física, mas também pelo avanço do monocultivo da palma na região de estudo, relacionando estes processos com a construção da soberania alimentar

O relato de campo com o título “Hablemos con la boca llena. La soberania alimentaria desde la comunicaci3n comunitaria”, de autoria de Silva Magdsick, Gabriel Piedrabuena e Gabriela Cardoso, nos presenteia com uma excelente exposi3o sobre constru3o da soberania alimentar e da comunica3o comunit3ria na Argentina, fortalecendo os espa3os de discuss3o e reflex3o sobre o alimentos, ou seja, construindo uma soberania alimentar abaixo para cima por meio da comunica3o comunit3ria.

A publica3o deste dossiê é analisada como urgente diante do contexto de um regime alimentar corporativo e de intensa apropria3o de terras em escala global que desterritorializam camponeses e ind3genas e afetam pr3ticas agroecol3gicas tradicionais destas comunidades. Os artigos acima apresentados evidenciam os impactos da consolida3o do imp3rio alimentar e do imp3rio do agroneg3cio e tamb3m evidenciam as lutas e resist3ncias exaltando a soberania alimentar como um projeto de na3o e um regime alimentar alternativo.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

M3nica Schiavinatto e Lorena Iz3 Pereira

Editoras do Dossiê Soberania Alimentar

Revista NERA

20 anos da proposta de soberania alimentar: construindo um regime alimentar alternativo¹

Estevan Leopoldo de Freitas Coca

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp)
Professor Colaborador da Universidade Estadual de Londrina (UEL)
e-mail: estevancoca@uel.br

Resumo

Em 2016 completam-se 20 anos da primeira proposição referente à soberania alimentar pela coalizão global de movimentos camponeses *La Via Campesina*, resultado da sua Segunda Conferência Internacional, em Tlaxcala, no México. Desde então, a soberania alimentar tem sido incorporada como bandeira de luta por diversos outros movimentos do campo e da cidade, organizações e governos. Nesse texto é demonstrado como a soberania alimentar tem se constituído como a principal proposição alternativa ao regime alimentar corporativista, o qual denota como as grandes potências capitalistas, sejam elas estados-nação ou empresas, usam o mercado de alimentos para manter sua hegemonia. O trabalho baseia-se numa ampla revisão bibliográfica e documental sobre a teoria dos regimes alimentares e a soberania alimentar.

Palavras-chave: Regime alimentar corporativista; soberania alimentar; *La Via Campesina*.

Abstract

20 years of the food sovereignty proposal: building an alternative food regime

2016 marks the 20th anniversary of the first time food sovereignty was proposed by global coalition of peasant movements *La Via Campesina*, a result of its Second International Conference in Tlaxcala, Mexico. Since then, food sovereignty has been incorporated as a battle flag by many other movements from the countryside and city, organizations and governments. This text demonstrates how food sovereignty has become established as the principal alternative proposal to the corporate food regime, which denotes how the major capitalist powers, be they nation-states or corporations, use the food market to maintain their hegemony. This work is based upon an extensive bibliographical and documental review of the theory on food regimes and food sovereignty.

Keywords: Corporate food regimes; food sovereignty; *La Via Campesina*.

Resumen

20 años de la propuesta de la soberanía alimentaria: la construcción de un régimen alimentario alternativo

¹ Esse trabalho contém resultados da pesquisa de doutorado “A soberania alimentar através do Estado e da sociedade civil: o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), no Brasil e a rede Farm to Cafeteria Canada (F2CC), no Canadá”, que foi orientada pelo Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

En 2016 ocurre el 20º aniversario de la primera propuesta de la soberanía alimentaria pela coalición mundial de los movimientos campesinos La Vía Campesina, resultado de su segunda Conferencia Internacional en Tlaxcala, México. Desde entonces, la soberanía alimentaria se ha incorporado como una bandera de batalla para muchos otros movimientos en el campo y la ciudad, organizaciones y gobiernos. En este texto se muestra la soberanía alimentaria se ha establecido la principal propuesta alternativa al régimen alimentario corporativo, que muestra cómo las grandes potencias capitalistas – los Estados nacionales o empresas – utilizan el mercado de alimentos para mantener su hegemonía. El trabajo se basa en una extensa literatura y revisión de documentos sobre la teoría de los regímenes alimentarios y la soberanía alimentaria.

Palabras clave: Regime alimentaria corporativista; soberanía alimentaria; La Vía Campesina.

Introdução

Desde 1996, a *La Via Campesina* – uma coalizão global de movimentos camponeses - tem sido a principal referência para a construção da proposta de soberania alimentar, qualificando-a como uma das suas principais bandeiras de luta (DESMARAI, 2007, 2015). Ela tem defendido que o alimento não pode ser tratado como uma mercadoria, fato que tem ocorrido no capitalismo. Pelo contrário, para ela, o alimento tem que ser considerado como um direito de todas as pessoas ou em outras palavras, um bem social (WITTMAN, 2011). Com isso, é feito um questionamento quanto ao domínio que as grandes corporações exercem sobre o sistema alimentar global e sobre a capacidade que cada povo tem de prover sua própria alimentação, dependendo o mínimo possível de alimentos vindos de outras localidades (ROBBINS, 2015).

A bandeira da soberania alimentar tem sido levantada em diversas partes do mundo, abordando temas como a defesa por uma justa distribuição de terras, a luta por melhores condições de comercialização dos produtos da agricultura camponesa e o aumento da oferta de produtos frescos e saudáveis para a população urbana (HOLT-GIMÉNEZ, 2010). Ela está presente em discursos vindos do hemisfério sul (STÉDILE; CARVALHO, 2011; VIEIRA, 2008) e também do hemisfério norte (ROMAN-ALCALÁ, 2015; SCHIAVONI, 2009; WIEBE; WIPF, 2011), em países considerados desenvolvidos (ANDERSON, 2013; LESLIE, 2014) e em países considerados subdesenvolvidos (PECHLANER; OTERO, 2008; PEÑA, 2013; WITTMAN, 2015). Ela coloca a agricultura camponesa como elemento fundamental para se pensar a promoção de um modelo de desenvolvimento mais sustentável para o campo, através da produção sob bases agroecológicas (ALTIERI, 2009; De SCHUTTER, 2015a; McMICHAEL, 2014).

Além de se constituir como bandeira de luta de diversos coletivos do campo e da cidade, ela também tem sido objeto de ampla discussão acadêmica. Como prova disso foram organizados dois eventos internacionais sob o título *Food sovereignty - a critical dialogue* (Soberania alimentar - um diálogo crítico) em setembro de 2013 e janeiro de 2014. O primeiro, que foi sediado pela *Yale University*, em New Haven, no Estados Unidos e organizado pelo *Yale Program in Agrarian Studies* (Programa em Estudos Agrários de Yale) e pelo *Yale Sustainable Food Project* (Projeto de Alimentação Sustentável de Yale) reuniu mais de 300 participantes. O segundo, que foi sediado pelo *International Institute of Social Studies* (Instituto Internacional de Estudos Sociais - ISS), em Kortenaerkade, na Holanda e organizado pelo *Transnational Institute* (Instituto Transnacional) e pelo *Food and Development Policy* (Política de Desenvolvimento e Alimentação - *Food First*) teve a participação de mais de 350 pessoas. Somando esses dois eventos, foram apresentados mais de 100 trabalhos sobre diversos aspectos da proposta de soberania alimentar (ALONSO-FRADEJAS et al., 2015).

Também são exemplos da incorporação da soberania alimentar pela academia as coletâneas organizadas por Wittman et al. (2010), Wittman et al. (2011) e Andrée et al. (2014); as edições especiais do *Jornal Peasant Studies* (volume 41, edição 6, de 2014), da *Third World Quarterly* (volume 36, edição 3), do *Canadian Food Studies* (volume 02, edição 02, de 2015), dentre outros.

Além disso, essa proposta de remodelagem dos sistemas alimentares também tem sido incorporada nos dispositivos legais de países como o Equador (GIUNTA, 2013; PEÑA, 2013; WITTMAN, 2015), a Bolívia (KERSSEN, 2015), a Venezuela (KAPPELER, 2013) e o Nepal (POKHAREL, 2013). Esses exemplos confirmam que além de a soberania alimentar ser uma bandeira de luta de grupos contra-hegemônicos, ela também tem se institucionalizado (WITTMAN, 2015).

Dada essa ampla abrangência, no presente trabalho visa-se discorrer como desde sua incorporação pela *La Via Campesina*, no ano de 1996, a soberania alimentar tem se constituído numa alternativa ao domínio que as grandes corporações têm exercido sobre o sistema alimentar global. A teoria dos regimes alimentares é utilizada como forma de demonstrar como as grandes potências capitalistas, sejam elas estados-nação ou empresas, usam o mercado de alimentos como um recurso geopolítico (McMICHAEL, 2009; OTERO, 2012; SAGE, 2013). A soberania alimentar é lida como uma resistência a esse processo que tem sido construída pelo protagonismo de uma grande diversidade de sujeitos como movimentos socioespaciais e socioterritoriais, ONGs, governos e demais instituições.

O trabalho está dividido em outras duas partes, além da presente introdução e das considerações finais. Na primeira, consta uma discussão sobre a teoria dos regimes alimentares. Na segunda, é discutido como a soberania alimentar se configura como um regime alimentar alternativo.

A teoria dos regimes alimentares

A mercantilização do alimento pelo capitalismo é a principal razão para que, atualmente, cerca de 795 milhões de pessoas sofram com a fome no mundo (FAO, 2015) ao mesmo tempo em que existe uma produção agrícola suficiente para alimentar toda a humanidade (BORRAS JR; FRANCO, 2012). Além disso, também existem outros problemas de saúde pública ocasionados pela concentração de poder no mercado de alimentos como é o caso da obesidade e do diabetes tipo 1 (NESTLE, 2002). Esses são resultado da má qualidade dos alimentos consumidos pela maior parte da população mundial. Ou seja, o sistema alimentar global se caracteriza por paradoxos que se manifestam de maneira diversificada no espaço. Países localizados em regiões como o “Chifre da África” e o sudoeste asiático possuem elevados índices de pessoas em situação de fome. Ao mesmo tempo, principalmente em países considerados ricos, como é o caso dos Estados Unidos e do Canadá, milhares de pessoas encontram-se acima do peso, devido ao consumo de alimentos com baixo valor nutricional como frituras e processados.

A utilização do alimento como recurso de poder no capitalismo pode ser lida através da *food regimes theory* (teoria dos regimes alimentares), que foi elaborada primeiramente no trabalho conjunto de McMichael e Friedman (1989) e depois em trabalhos individuais desses autores (FRIEDMANN, 1993, 2016; McMICHAEL, 2009, 2012, 2016) como também no de outros como Bernstein (2016), Pritchard (1996), Sage (2013) e outros.

Os regimes alimentares denotam não só as bases agrárias das relações de poder em determinado contexto, como também as disputas pelo modelo de desenvolvimento de um modo geral. O motivo é que eles estão relacionados com os mecanismos de ajuste estrutural do capitalismo. Ou seja, no capitalismo tem sido comum a utilização do alimento como uma ferramenta de controle pelas grandes potências. Isso se dá, primeiramente, na dimensão econômica da realidade, contudo, também é possível perceber as repercussões de tal fato nas demais, como a política, a cultural e a ambiental, por exemplo.

No presente trabalho, concorda-se com McMichael (2016), para quem, desde meados do século XIX existiram três regimes alimentares², como exposto na sequência.

O primeiro regime alimentar global

O primeiro regime alimentar global ocorreu entre os anos de 1870 e 1930³, Nele, a Europa exerceu a função de importadora de bens primários de antigas colônias ao mesmo tempo em que incrementou seu processo de industrialização (HOLT GIMÉNEZ; SHATTUCK, 2011). Por outro lado, as colônias importavam da Europa bens manufaturados, trabalho e capital, especialmente para a construção de ferrovias. Não obstante, foram abertas “novas fronteiras” para a atuação do capital em terras que até então eram virgens, como ocorreu na Argentina, no Canadá, na Austrália e nos Estados Unidos (BERNSTEIN, 2011).

Contribuiu para isso, o fato de que a Inglaterra estimulou os demais países europeus a adotarem o livre-comércio. De tal modo, a Inglaterra passou a encontrar maior oferta de bens primários para as suas indústrias, reafirmando-se como a “oficina do mundo” (McMICHAEL, 2009), ou seja, ela assumiu a vanguarda mundial do processo de industrialização.

Nesse momento, também foi reafirmada a predominância da monocultura em antigas colônias, haja vista que a nova ordem internacional “encorajou um movimento em direção não apenas das vantagens comparativas, como um aparente mecanismo de especialização” (FRIEDMAN; McMICHAEL, 1989, p.94, tradução nossa

Em suma, como saldo do primeiro regime alimentar houve a predominância, sobre a maior parte da população mundial, de uma dieta influenciada pelo poderio político-econômico dos estados europeus, baseada, sobretudo, no leite, na carne e no trigo. Essa conjuntura possibilitou que a Inglaterra mantivesse a vanguarda do processo de industrialização mundial, pois ela foi hegemônica na condução dos fluxos de alimentos no espaço. Por outro lado, as colônias foram reafirmadas como produtoras de bens primários. O primeiro regime alimentar global começou a entrar em declínio no ano de 1914, quando em decorrência da 1ª Guerra Mundial ocorreu uma depressão econômica e os países capitalistas passaram a adotar medidas de proteção aos seus mercados (BERNSTEIN, 2011).

² Dentre os autores que trabalham com o conceito de regimes alimentares existem diferentes leituras sobre a existência ou não de um terceiro regime alimentar. A diversidade desses posicionamentos pode ser observada na edição 43, nº 3 (2016), do Journal of Peasant Studies. Ver: <http://www.tandfonline.com/toc/fjps20/43/3>. Acesso em: 21 de mai. 2016.

³ O primeiro regime alimentar emergiu na fase de transição da I para a II Revolução Industrial. A economia, que até então era baseada no ferro, no carvão e na energia a vapor foi substituída por outra baseada no aço, produtos químicos, eletricidade e petróleo (BERNSTEIN, 2013).

O segundo regime alimentar global

O segundo regime alimentar global desenvolveu-se no período de 1950 a 1970, sendo caracterizado pelo contexto geopolítico pós Segunda Guerra Mundial. Além da Guerra Fria – um conflito político-ideológico entre os governos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e dos Estados Unidos – nesse contexto também ocorreram a descolonização de países da África e da Ásia e a independência de países da América Latina, o que “efetivamente destruiu as bases da especialização colonial dentro de blocos de mercados centrados na metrópole” (FRIEDMAN; McMICHAEL, 1989, p.103, tradução nossa). Tais fatos modificaram as regras de comercialização da produção agrícola em escala mundial, de tal modo que:

[...] a integração no segundo regime alimentar procedeu em duas novas frentes complementares: a) a importação de trigo vindo de antigas colônias, especialmente os Estados Unidos, na expansão da produção doméstica, e b) o declínio dos mercados de exportação tropicais, notavelmente os de açúcar e de óleos vegetais, através da substituição de importações dos países de capitalismo avançado (FRIEDMAN; McMICHAEL, 1989, p.103, tradução nossa).

Nessas condições, os Estados Unidos se tornaram o país *dominant exporter* (exportador dominante) (FRIEDMANN, 1993). Na teoria e na prática a construção do poderio estadunidense serviu como uma ponte entre o primeiro e o segundo regimes alimentares globais.

Isto é, a agricultura dos Estados Unidos precisa ser entendida como uma distinta forma social que, uma vez resolvidos os problemas europeus de barateamento dos bens de salários pela tradicional agricultura doméstica do século XIX, antecipou a agricultura industrial no século XX (FRIEDMAN; McMICHAEL, 1989, p. 95, tradução nossa).

Nesse período, assim como na indústria automobilística, “novos produtos não-perecíveis e práticas industriais intensivas tornaram-se importantes para a acumulação” (FRIEDMAN; McMICHAEL, 1989, p.95). A dieta da população mundial passou a conter cada vez mais, a presença de alimentos processados, como explicado por Bernstein (2011, p.61):

O aumento da renda real no hemisfério norte, durante o boom econômico do pós-guerra, refletiu-se no aumento do consumo, a ponto

de criar uma nova cultura de massa: o consumismo. O consumo diário de carne e de alimentos processados e de conveniência, em particular, aumentou muito, revelando assim o crescimento das indústrias 'agroalimentares' da agricultura a jusante no 'complexo agroalimentar transnacional'.

O segundo regime alimentar também se caracterizou pela incorporação do pacote tecnológico da Revolução Verde, através de fatores como: mecanização das atividades agrícolas, utilização de insumos químicos, produção em larga escala etc. (PATEL, 2012), além da construção de uma base ideológica de valorização do progresso (PEREIRA, 2012). A Revolução Verde, embasada por uma leitura neomalthusiana, advogava a necessidade de mecanizar a produção agrícola, tornando-a maior, afim de suprir a alimentação da crescente população mundial. Contudo, essas mudanças ocasionaram vários impactos negativos como “a perda de variedades antigas e a perda irrecuperável de material genético e de alternativas alimentícias” (PEREIRA, 2012, p.687), além da “tendência à concentração na agricultura, onde um número menor de fazendas, maiores e mais capitalizadas, vêm aumentando a escala e a produtividade do trabalho” (BERNSTEIN, 2011, p.60).

Destarte, esse período também foi marcado pela forte regulação estatal da agricultura, através de subsídios e créditos bancários. Os países europeus reproduziram a prática dos Estados Unidos de favorecer o caráter nacional da produção agrícola, apoiando as exportações (BERNSTEIN, 2011). Isso fortaleceu a competitividade dos países ricos ao mesmo tempo em que aumentou a vulnerabilidade dos países pobres no mercado global de alimentos (McMICHAEL, 2000).

O declínio do segundo regime de alimentação global começou a ocorrer na década de 1970 quando houve a repentina escassez de grãos no mercado mundial. Isso ocorreu porque o governo dos Estados Unidos embargou a venda de grãos para a União Soviética e ofereceu grande quantidade de trigo a preços preferenciais (FRIEDMAN, 1993). Essa situação “[...] expôs a contradição da superprodução, e também do escoamento de excedentes e dos custos para manter os preços estáveis, com resultados para o lado ‘mercantil’ do segundo regime” (BERNSTEIN, 2011, p. 65).

O terceiro regime alimentar global

O terceiro regime alimentar começou em meados da década de 1980 e perdura até a atualidade. Nessa fase, destaca-se a hegemonia das grandes corporações na condução dos sistemas alimentares, especialmente as que compõem o setor varejista. Isso se dá,

principalmente pelo estímulo ao livre mercado por meio de mecanismos multilaterais, como é o caso da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Sendo assim, atualmente, têm sido estabelecidas novas relações de poder na definição do sistema alimentar global, o que tem garantido a hegemonia corporativista.

Em contradição com os regimes alimentares construídos previamente pela hegemonia dos estados britânico e estadunidense, o regime alimentar sob o neoliberalismo institucionaliza a hegemonia relativa pela qual os estados servem ao capital. Isto, para mim, é o princípio organizativo distintivo pelo qual os direitos corporativos têm sido elavados sobre o direito de soberania dos estado e de seus cidadãos – as regras da Organização Mundial do Comércio (OMC) (entre outros tratados de comércio em andamento) deixa isso claro. De tal modo, no regime alimentar ‘corporativista’ – numa leitura (histórica-comparativa) não significa que todas as corporações são as mesmas, nem que elas mudam conforme as cadeias de cadeias de valores evoluem, a financeirização procede e o varejo se transforma (McMICHAEL, 2016, p. 649, tradução nossa).

Nessas circunstâncias, o regime alimentar corporativista denota que a Geopolítica global já não pode mais ser explicada somente com base nas relações de poder entre os estados-nação (TUATHAIL; DALBY, 1998). Novos elementos precisam ser levados em consideração, especialmente os que se relacionam com a expansão do poder das empresas (STOPFORD; STRANGE; HENLEY, 1991).

De fato, uma pequena quantidade de grandes corporações tem controlado toda cadeia alimentar, contribuindo para a padronização da dieta adotada pela população, fato que denota uma transição nutricional que ocorre na maior parte do mundo (SAGE, 2013). Conforme a ativista indiana Vandana Shiva (2013, não paginado), isso tem gerado uma verdadeira “ditadura do alimento”.

Se você olha para as quatro faces que determinam nossa comida, são todas controladas por grandes corporações. As sementes são controladas pela Monsanto por meio dos transgênicos; o comércio internacional é controlado por cinco empresas gigantes; o processamento é controlado por outras cinco, como a Nestlé e a PepsiCo; e o varejo está nas mãos de gigantes como o Walmart, que gosta de tirar o varejo dos pequenos comércios comunitários e com conexões muito diretas entre os produtores de comida e os consumidores. São correntes longas e invisíveis, onde 50% dos alimentos são perdidos. Temos sim uma ditadura do alimento.

Portanto, o corrente regime alimentar se caracteriza pela concentração de poder por parte de poucas grandes corporações. Mais uma vez na história do capitalismo tem se comprovado que nesse modo de produção não existe a intenção de fazer com que o alimento seja um bem social, pelo contrário, ele tem sido utilizado como uma mercadoria, a qual é comercializada com base na obtenção de lucros ampliados e também como mecanismo de poder por parte das grandes potências globais.

Dado esse contexto, na sequência do trabalho é feita uma discussão sobre a soberania alimentar como a emergência de um regime alimentar alternativo.

A soberania alimentar como um regime alimentar alternativo

Apesar de ganhar destaque global apenas em meados da década de 1990, através de sua incorporação pela *La Via Campesina*, a soberania alimentar foi apresentada primeiramente na década de 1980, quando movimentos do campo e governos da América Central trabalharam pela conquista de melhores condições no mercado de alimentos (EDELMAN, 2014). Mesmo que com menções pontuais e com objetivos pouco definidos, essas primeiras referências foram importantes para que a soberania alimentar fosse incorporada por diversos movimentos do campo, setores da sociedade civil e governos alguns anos depois.

A emergência da *La Via Campesina*, na década de 1990, representou uma ampliação do escopo da soberania alimentar. Ao trabalhar contra os efeitos nocivos do capitalismo neoliberal, ela colocou a soberania alimentar como o elemento central da construção de um novo modelo de sociedade. A *La Via Campesina* é composta por 164 organizações camponesas, distribuídas por 73 países de todos os continentes. Entender como se dá a emergência dessa coalizão de organizações camponesas que atua em escala mundial e conhecer suas bandeiras de luta são passos fundamentais para avançar na análise da proposta de soberania alimentar.

A *La Via Campesina* começou a ser gestada no ano de 1992, no *II Congresso da Unión Nacional de Agricultores y Ganaderos de Nicaragua* (II Congresso da União Nacional de Agricultores e Pecuáristas do Nicaragua), realizado em Manágua, capital do Nicaragua (DESMARAI, 2007). Naquela ocasião, o avanço do modelo de desenvolvimento capitalista no campo e suas nefastas consequências fizeram com que lideranças camponesas dos continentes americano e europeu decidissem criar uma organização internacional para articular suas lutas.

Dado esse primeiro passo, a criação dessa coalizão camponesa foi efetivada na I Conferência Internacional da *La Via Campesina*, realizada em Mons, na Bélgica, em 1993, evento que teve a participação de 55 organizações camponesas de 36 países. Nessa oportunidade, foram definidas as linhas políticas que iriam nortear a ação da *La Via Campesina*, assim como a forma como se daria sua organização interna (DESMARAIS, 2007; VIEIRA, 2008). Desde então, a *La Via Campesina* tem se constituído como uma importante referência crítica aos efeitos perversos do neoliberalismo no campo (BORRAS JR, 2008).

Conforme pontuado por Borrás Jr (2004), a *La Via Campesina* deve ser entendida como “um movimento de movimentos”, pois além de articular as lutas de diferentes organizações camponesas de diversas partes do globo, ela também é propositiva. Como exemplo disso, pode-se perceber que no Brasil movimentos que utilizam a ocupação como tática de luta pela terra fazem parte dela ao mesmo tempo em que ela própria a realiza, como ocorreu entre 2000 e 2013 nas seguintes unidades federativas: Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Tocantins (REDE DATALUTA, 2014).

As linhas políticas da *La Via Campesina* deixam claro o objetivo de modificar a correlação de forças que faz com que os agricultores familiares/camponeses e indígenas sejam subalternos ao agronegócio na condução do desenvolvimento do campo. São defendidos temas como a reforma agrária, a diminuição do controle dos recursos naturais pelas grandes corporações e principalmente, a soberania alimentar. Conforme consta em sua *Web page*, a *La Via Campesina* (2015, não paginado, grifo nosso) possui como principais objetivos

[...] **realizar a soberania alimentar e interromper o processo de destruição neoliberal.** Isso é baseado na convicção de que são os pequenos agricultores, incluindo camponeses pescadores, pastores e povos indígenas que compõem quase metade da população mundial, que são capazes de produzir comida para suas comunidades e alimentar um mundo de um modo saudável e sustentável.

Essa colocação deixa evidente que a *La Via Campesina* defende um modelo de desenvolvimento que vai além do capitalismo. Nesse contexto, a soberania alimentar é apresentada como uma alternativa aos problemas sociais e ambientais causados pelo neoliberalismo nos sistemas alimentares. Na construção da soberania alimentar, o campesinato assumiria a vanguarda do processo de desenvolvimento da agricultura, fornecendo alimentos saudáveis e diversificados para toda a população. Isso se daria, principalmente, através da Agroecologia, a qual se baseia não somente em objetivos tecnológicos e econômicos, mas

também sociais, fornecendo uma metodologia de trabalho que visa à integração dos “princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo” (ALTIERI, 1998, p.23).

A primeira leitura da *La Via Campesina* sobre a proposta de soberania alimentar data de sua II Conferência Internacional, realizada em Tlaxcala, no México, no ano de 1996. Nessa ocasião, camponeses de 37 países, representando 69 organizações, discutiram os efeitos da crise global do capitalismo e sua relação com a oferta e a demanda de alimentos. Nesse evento, a soberania alimentar foi apresentada como uma alternativa à segurança alimentar (WITTMAN, 2011) e como uma proposta de desenvolvimento do campo baseada em princípios camponeses e indígenas (BORRAS JR, 2008).

As discussões da II Conferência Internacional da *La Via Campesina* deram origem ao documento *The right to produce and access to land* (O direito de acessar e produzir na terra), no qual consta a leitura de que a promoção da segurança alimentar não é suficiente para a erradicação da fome e da pobreza (LA VIA CAMPESINA, 1996). É feita uma defesa do modo de viver e produzir do campesinato, destacando a sua contribuição não só para o combate a fome, como também para o desenvolvimento justo e sustentável.

Nós, a *La Via Campesina*, um movimento crescente de trabalhadores rurais, camponeses, sitiante e organizações dos povos indígenas de todas as regiões do mundo, sabemos que a segurança alimentar não pode ser alcançada sem levar totalmente em conta aqueles que produzem os alimentos. Qualquer discussão que ignora nossa contribuição não conseguirá erradicar a pobreza e a fome (LA VIA CAMPESINA, 1996, não paginado, tradução nossa).

De tal maneira, a *La Via Campesina* buscava sua inserção na discussão que era alçada em escala mundial sobre a construção da segurança alimentar como estratégia para o combate à fome. Consta a compreensão de que é impossível a existência da justiça na produção e no consumo de alimentos em escala mundial se não existir uma proposta de inserção da agricultura camponesa e dos povos indígenas nas políticas alimentares. Tendo essas referências, a soberania alimentar é definida primeiramente como:

[...] o direito de cada **nação** de manter e desenvolver a sua própria capacidade de produzir os seus alimentos básicos, respeitando a diversidade cultural e produtiva. Nós temos o direito de produzir nosso próprio alimento em nosso próprio território. A soberania alimentar é uma condição prévia para uma verdadeira segurança alimentar (LA VIA CAMPESINA, 1996, não paginado, tradução nossa, grifos nossos).

Consta a defesa de que as **nações** mantenham e desenvolvam suas próprias culturas alimentares. Percebe-se uma crítica ao processo de importação dos alimentos, através das grandes corporações, fato que faz com que muitos países tenham milhares de pessoas sujeitas à fome ao mesmo tempo em que exportam grande parte da sua produção agrícola. Também merece destaque a observação de que não existe segurança alimentar sem a promoção da soberania alimentar. Isso porque, as grandes corporações têm demonstrado que não possuem o interesse de oferecer alimentos saudáveis para a população de baixa renda. A padronização da dieta alimentar, baseada principalmente nos produtos processados, é uma prova disso. Acredita-se que a solução da fome e da pobreza deve ser buscada fora do capitalismo, através do fortalecimento de relações que não estejam baseadas na exploração do trabalho e na obtenção do lucro ampliado.

Estamos determinados a criar economias rurais que são baseadas no respeito por nós mesmos e a terra, à soberania alimentar e ao comércio justo. **As mulheres desempenham um papel central para a casa e a soberania alimentar da comunidade.** Portanto, elas têm o direito inerente de recursos para a produção de alimentos, terra, crédito, capital, tecnologia, educação e serviços sociais, além de igualdade de oportunidades para desenvolver e empregar suas habilidades. Estamos convencidos de que o problema global da insegurança alimentar pode e deve ser resolvido. **A soberania alimentar só pode ser alcançada através da solidariedade e da vontade política de implementar alternativas** (LA VIA CAMPESINA, 1996, não paginado, tradução nossa, grifos nossos).

Dessa definição merece ser destacada a relação entre a questão de gênero e a soberania alimentar. A proposta de soberania alimentar visa reformular as bases patriarcais que caracterizam a sociedade capitalista, fazendo com que em muitos contextos sociais os direitos das mulheres não sejam respeitados. Reconhece-se que as mulheres exercem um papel crucial para a viabilidade de grande parte das comunidades camponesas e que por isso, elas não podem ser deixadas de lado na discussão sobre a necessidade de mudanças no ordenamento do sistema alimentar global. Sobre isso, Desmarais (2003) explica que é um passo fundamental para a construção da soberania alimentar a criação de possibilidades iguais para homens e mulheres no campo. Deve-se reconhecer que as camponesas possuem uma grande importância na produção de alimentos e na conservação da biodiversidade. Também reitera a importância das mulheres na construção de um regime alimentar alternativo o fato de que, na atualidade, existe uma transição agrária, que é caracterizada pela “feminização da agricultura” (De SCHUTTER, 2013). Ou seja, o percentual do número de mulheres no campo

tem aumentado em relação ao de homens, portanto, torna-se cada vez mais vital considerá-las como fundamentais na manutenção da agricultura camponesa.

Esses fatores fazem com que a *La Via Campesina* possua várias mulheres entre suas lideranças. Acredita-se que elas devem assumir a vanguarda na luta pela implementação da proposta de soberania alimentar. No Brasil, por exemplo, diversos atos organizados por camponesas têm servido para contestar a hegemonia do agronegócio e a necessidade do estabelecimento de um novo modelo produtivo no campo. São exemplos as diversas manifestações e ocupações de terra que ocorrem nos dias 08 de março, quando é comemorado o Dia Internacional da Mulher.

Ainda sobre a importância que as mulheres possuem na proposta de soberania alimentar, também merece destaque o lançamento da “Campanha mundial pelo fim da violência contra as mulheres”, lançada pela *La Via Campesina*, em 2008. Uma síntese do que foi discutido nela consta no documento “Os camponeses e as camponesas da *La Via Campesina* dizem: basta de violência contra as mulheres” (LA VIA CAMPESINA, 2012).

Além do mais, vale ressaltar que a *La Via Campesina* acredita que, na medida em que os camponeses e os povos indígenas passam a ser valorizados como detentores de uma proposta de desenvolvimento mais democrática do que a que as corporações capitalistas apresentam, a erradicação da fome é uma questão subjacente. Por isso, a segurança alimentar nunca será implementada plenamente se não existir a soberania alimentar.

Após a soberania alimentar ser introduzida como bandeira de luta da *La Via Campesina* em 1996, nos anos seguintes outras organizações também passaram a utilizá-la como referência para a superação das contradições que envolvem o mercado de alimentos. São exemplos disso: i) o Fórum Mundial por Soberania Alimentar, ocorrido em Cuba, no ano de 2001; ii) o Fórum sobre Soberania Alimentar de Organizações Não Governamentais e Organizações da Sociedade Civil, ocorrido em Roma, no ano de 2002; iii) a criação da *People's Food Sovereignty Network* (Rede dos Povos pela Soberania Alimentar), pela coalizão internacional *Our World is Not for Sale* (Nosso Mundo Não Está à Venda), em 2001 e; iv) a criação da *The International Planning Committee for Food Sovereignty* (Comitê Internacional de Planejamento para a Soberania Alimentar - IPC), em 2003 (WITTMAN et al., 2010).

Uma leitura mais completa da proposta de soberania alimentar foi feita no ano de 2007 nas discussões do *World Forum for Food Sovereignty* (Foro Mundial pela Soberania Alimentar), realizado no vilarejo de Nyéleni, no Mali, o qual teve a participação de 500 representantes de

organizações camponesas, vindos de 80 países. No documento *Declaration of Nyéléni* (Declaração de Nyéléni), a soberania alimentar é definida como

[...] um direito dos **povos** a alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica, e seu direito de decidir seu próprio sistema alimentício e produtivo. Isto coloca aqueles que produzem, distribuem e consomem alimentos no coração dos sistemas e políticas alimentares, por cima das exigências dos mercados e das empresas. Defendendo os interesses de, e inclusive às futuras gerações (FORUM FOR FOOD SOVEREIGNTY, 2007, não paginado, tradução nossa, grifo nosso).

Essa ampla definição esclareceu o que é, quem realiza, porquê, como, onde, quando e o que aconteça na proposta de soberania alimentar (ALONSO-FRADEJAS et al., 2015). Nesse documento constam ainda seis pilares para a construção da soberania alimentar: i) a comida deve ser destinada para as pessoas; ii) é preciso construir conhecimentos e habilidades locais; iii) o trabalho agrícola deve ser efetivado com respeito aos recursos naturais; iv) os valores dos provedores de alimentos precisam ser preservados; v) é fundamental o privilégio aos sistemas alimentares locais e; vi) os povos locais devem ter o controle sobre os seus sistemas alimentares (FORUM FOR FOOD SOVEREIGNTY, 2007).

A proposta de soberania alimentar está centrada na defesa dos direitos coletivos das minorias, especialmente as que vivem nos campos e nas florestas. Nessa perspectiva, a soberania alimentar tem sido defendida como algo que transcende os aspectos conceituais, tornando-se um princípio e uma ética de vida (STÉDILE; CARVALHO, 2011).

Sob esses termos, evidencia-se que a soberania alimentar não está focada apenas no resultado da produção, mas também no modo como ela se dá. São valorizados os aspectos ambientais e sociais que estão atrelados à produção de alimentos e energia, indo além das abordagens capitalistas, onde os determinantes econômicos exercem centralidade. Isso é o suficiente para que se possa concluir que ela funciona como um regime alimentar alternativo.

A “soberania alimentar” reorganiza conceitualmente o mundo. O movimento por soberania alimentar não agrega somente os camponeses ou a comida; além disso, ele se dirige aos anti-democráticos e insustentáveis impactos do mercado contemporâneo e do regime de investimentos. Ela aborda a reorganização da política econômica, modelando a luta social ao redor de princípios democráticos, igualdade de gênero, direitos dos produtores, práticas ecológicas e rebalanceamento da dívida rural/urbana (McMICHAEL, 2016, p. 649, tradução nossa).

Tendo por base tais princípios, a soberania alimentar tem se especializado pelo globo nos últimos 20 anos. Num primeiro momento, sua referência principal foram os impactos que a má distribuição de terras ocasiona no sistema alimentar de países considerados como subdesenvolvidos do Hemisfério Sul (McMICHAEL, 2014). Nesse período, destacou-se, especialmente, a luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST), no Brasil (ROMAN-ALCALÁ, 2015). Atualmente, além disso, também são evidenciadas lutas realizadas em países considerados ricos do Hemisfério Norte, especialmente no que se refere ao processo de consumo de alimentos, sendo que podem ser tomados como exemplos ações como os *farmer markets*, os conselhos de políticas alimentares e as hortas urbanas (COCA; BARBOSA JÚNIOR, 2016; De SCHUTTER, 2015b; McMICHAEL, 2014). Tem sido questionada a viabilidade do modelo de alimentação que tem sido deflagrado pelo regime alimentar corporativista (SAGE, 2013).

Portanto, para se entender a atualidade da soberania alimentar é fundamental levar em consideração que os efeitos nefastos do regime alimentar corporativista são presenciados no campo e na cidade. Por isso, para a ocorrência de mudanças estruturais na ordenação do sistema alimentar global é fundamental levar em consideração as lutas que são travadas nos espaços rurais e urbanos.

Considerações finais

Através da teoria dos regimes alimentares pode-se perceber que no capitalismo o alimento tem sido utilizado como um recurso de poder e não como bem social. Por isso, as grandes potências capitalistas fazem uso do mercado de alimentos para expandir seus interesses, sejam eles econômicos, políticos ou culturais. Isso fica evidente na atualidade, através do regime alimentar corporativista, que tem sido o responsável para que os fluxos percorridos pelos alimentos no espaço se tornem cada vez maiores, ocasionando a separação entre os produtores e os consumidores. Como parte disso, tem sido implementado um modelo de alimentação globalizado, que é altamente baseado em bens processados, com baixo valor nutricional.

Apesar de as medidas visando alterar esse fato ainda serem tímidas por parte de governos e instituições multilaterais, diversos grupos contra-hegemônicos têm utilizado a soberania alimentar como proposta com maior valor democrático. A soberania alimentar considera o alimento, antes de mais nada, como um direito de todas as pessoas. Por isso, ela

propõe que o processo de alimentação aconteça na escala da comunidade, de tal modo que cada povo controle o que necessita produzir para o seu consumo.

Esse trabalho evidenciou que nos vinte anos de soberania alimentar pode-se perceber que ela tem se constituído como um regime alimentar alternativo. Evidentemente, ela tem se especializado numa velocidade muito menos intensa do que o regime alimentar corporativista. Porém, em países tidos como desenvolvidos e em países tidos como subdesenvolvidos, no campo e na cidade, pode-se perceber que a soberania alimentar tem sido utilizada como a principal referência na luta pela ocorrência de mudanças estruturais no sistema alimentar global.

Referências

ALONSO-FRADEJAS, A. et al. Food sovereignty: convergence and contradictions, conditions and challenges. **Third World Quarterly**, Waterloo, v. 36, n. 3, p. 431-448, 2015.

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

ALTIERI, M. A. Agroecology, small farms, and food sovereignty. **Monthly Review**, Nova Iorque, p. 102–114, 2009.

ANDERSON, M. The role of US consumers and producers in food sovereignty. In: Food sovereignty: a critical dialogue (International Conference): **Anais...** New Haven: ISS-Agrarian, Food & Environmental Studies (AFES), Initiatives in Critical Agrarian Studies (ICAS), Transnational Institute (TNI), Institute for Food and Development Policy/Food First, Land Deal Politics Initiative (LDPI), The Journal of Peasant Studies, 2013.

ANDRÉE, P. et al. **Globalization and food sovereignty: global and local change in the new politics of food**. Toronto: University of Toronto Press, 2014.

BERNSTEIN, H. A dinâmica de classe do desenvolvimento agrário na era da globalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 13, n. 27, p. 52–81, 2011.

BERNSTEIN, H. Agrarian political economy and modern world capitalism: the contributions of food regime analysis. **Journal of Peasant Studies**, Hague, v. 43, n. 3, p. 611-647, 2016.

BORRAS JR., S. M. **La Vía Campesina: un movimiento en movimiento**. Amsterdam: Transnational Institute; Fundación de Investigaciones Marxistas, 2004.

BORRAS JR., S. M. La Vía Campesina and its global campaign for agrarian reform. **Journal of Agrarian Change**, Oxford, v. 8, n. 2-3, p. 258–289, 2008.

BORRAS JR., S. M.; FRANCO, J. C. Global land grabbing and trajectories of Agrarian change: A preliminary analysis. **Journal of Agrarian Change**, Oxford, v. 12, n. 1, p. 34–59, 2012.

COCA, E. L. F.; BARBOSA JR., R. C. (Re) Approximating food producers and consumers in Metro Vancouver, Canada. **Dimensión Empresarial**, Barranquilla, v. 14, n. 1, p. 11–26, 2016.

De SCHUTTER, O. The agrarian transition and the “feminization” of agriculture. In: Food sovereignty: a critical dialogue (International Conference): **Anais...** New Haven: ISS-Agrarian, Food & Environmental Studies (AFES), Initiatives in Critical Agrarian Studies (ICAS), Transnational Institute (TNI), Institute for Food and Development Policy/Food First, Land Deal Politics Initiative (LDPI), The Journal of Peasant Studies, 2013.

De SCHUTTER, O. Don't let food be the problem. **Foreign Policy**, Washington, 2015a.

De SCHUTTER, O. Food democracy South and North: from food sovereignty to transition initiatives. **Open Democracy**, Londres, 2015b.

DESMARAIS, A. A. The Via Campesina: peasant women on the frontiers of food sovereignty. **Canadian Woman Studies/les cahiers de la femme**, Toronto, v. 23, n. 1, p. 140–145, 2003.

DESMARAIS, A. A. **La Vía Campesina: globalization and the power of peasants**. Halifax/London: Fernwood/ Pluto Press, 2007.

DESMARAIS, A. A. The gift of food sovereignty. **Canadian Food Studies**, Ottawa, v. 2, n. 2, p. 154–163, 2015.

EDELMAN, M. Food sovereignty: forgotten genealogies and future regulatory challenges. **Journal of Peasant Studies**, Hague, v.41, n.6, p. 959–978, 2014.

FAO - FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **The State of Food Insecurity in the World**. Roma, 2015.

FORUM FOR FOOD SOVEREIGNTY. **Declaração de Nyéléni**. Nyéléni, 2007.

FRIEDMAN, H.; MCMICHAEL, P. The rise and decline of national agricultures, 1870 to the present. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. XXIX, n. 2, p. 93–117, 1989.

FRIEDMANN, H. The political economy of food: a global crisis. **New Left Review**, Londres, v. 197, p. 29–57, 1993.

FRIEDMANN, H. Food regime analysis and agrarian questions: widening the conversation. **The Journal of Peasant Studies**, Hague, v. 43, n.3, p.671-192, 2016.

GIUNTA, I. **Food sovereignty in Ecuador: the gap between the constitutionalization of the principles and their materialization in the official agri-food strategies** Food Sovereignty : A Critical Dialogue. **Anais...**2013

HOLT GIMÉNEZ, E.; SHATTUCK, A. Food crises, food regimes and food movements: rumblings of reform or tides of transformation? **The Journal of peasant studies**, v. 38, n. 1, p. 109–144, 2011.

HOLT-GIMÉNEZ, E. Food security, food justice, or food sovereignty. **Food First - Backgrounder**, v. 16, n. 4, 2010.

KAPPELER, A. Perils of peasant populism: why redistributive land reform and “food sovereignty” can't feed. In: Food sovereignty: a critical dialogue (International Conference): **Anais...** New

Haven: ISS-Agrarian, Food & Environmental Studies (AFES), Initiatives in Critical Agrarian Studies (ICAS), Transnational Institute (TNI), Institute for Food and Development Policy/Food First, Land Deal Politics Initiative (LDPI), The Journal of Peasant Studies, 2013.

KERSSEN, T. M. Food sovereignty and the quinoa boom: challenges to sustainable re-peasantisation in the southern Altiplano of Bolivia. **Third World Quarterly**, Waterloo, v. 36, n. 3, p. 489–507, 2015.

LA VIA CAMPESINA. **Tlaxcala: Declaração da Via Campesina**. TlaxcalaVia Campesina, 1996.

LA VIA CAMPESINA. **Os camponeses e as camponesas da Via Campesina dizem: basta de violência contra as mulheres!** Brasília, 2012.

LA VIA CAMPESINA. **La Via Campesina: international peasant movement**. Disponível em: <<http://viacampesina.org/en/>>. Acesso em: 11 de nov. de 2015.

LESLIE, B. **Food security and food sovereignty - the case of British Columbia**. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes). Athabasca University, Athabasca.

McMICHAEL, P. A food regime analysis of the “world food crisis”. **Agriculture and Human Values**, Dordrecht, v. 26, n. 4, p. 281–295, 2009.

McMICHAEL, P. The land grab and corporate food regime restructuring. **Journal of Peasant Studies**, Hague, v. 39, n. 3-4, p. 681–701, 2012.

MCMICHAEL, P. A comment on Henry Bernstein’s way with peasants, and food sovereignty. **The Journal of Peasant Studies**, Hague, v. 42, n. 1, p. 193–204, 2014.

MCMICHAEL, P. Commentary: Food regime for thought. **The Journal of Peasant Studies**, Hague, v. 43, n. 3, p. 648–670, 2016.

NESTLE, M. **Food politics: how the food industry influences nutrition and health**. Los Angeles: University of California Press, 2002.

OTERO, G. The neoliberal food regime in Latin America: state, agribusiness transnational corporations and biotechnology. **Canadian Journal of Development Studies/Revue canadienne d’études du développement**, Ottawa, v. 33, n. 3, p. 282–294, 2012.

PECHLANER, G.; OTERO, G. The Third Food Regime: Neoliberal Globalism and Agricultural Biotechnology in North America. **Sociologia Ruralis**, Basel, v. 48, n. 4, p. 351–371, 2008.

PEÑA, K. Institutionalizing food sovereignty in Ecuador. In: Food sovereignty: a critical dialogue (International Conference): **Anais...** New Haven: ISS-Agrarian, Food & Environmental Studies (AFES), Initiatives in Critical Agrarian Studies (ICAS), Transnational Institute (TNI), Institute for Food and Development Policy/Food First, Land Deal Politics Initiative (LDPI), The Journal of Peasant Studies, 2013.

POKHAREL, B. P. Constitutionalization of the struggle for food sovereignty in Nepal: success, prospects and challenges. In: LA VIA CAMPESINA (org.). **La Via Campesina’s Open Book: celebrating 20 years of struggle and hop**. Jakarta: Via Campesina, 2013. p. 1–4.

PRITCHARD, W. Shifts in food regimes, regulation, and producer cooperatives: Insights from the Australian and US dairy industries. **Environment and Planning A**, Londres, v. 28, n. 5, p.

857–875, 1996.

REDE DATALUTA. Relatório DATALUTA. In: VINHA, J. F. S. C.; COCA, E. L. F.; FERNANDES, B. M. (orgs.). **DATALUTA: Questão Agrária e coletivo do pensamento**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

ROBBINS, M. J. Exploring the “localisation” dimension of food sovereignty. **Third World Quarterly**, Waterloo, v. 36, n. 3, p. 449–468, 2015.

ROMAN-ALCALÁ, A. Broadening the Land Question in Food Sovereignty to Northern Settings: A Case Study of Occupy the Farm. **Globalizations**, Nova Iorque, v. 12, n. 4, p. 545–558, 2015.

SAGE, C. The interconnected challenges for food security from a food regimes perspective: Energy, climate and malconsumption. **Journal of Rural Studies**, Aberystwyth, v. 29, n. June 2008, p. 71–80, 2013.

SCHIAVONI, C. The global struggle for food sovereignty: from Nyéléni to New York. **Journal of Peasant Studies**, Hague, v. 36, n. 3, p. 682–689, 2009.

SHIVA, V. **Grandes corporações promovem uma ditadura do alimento** São Leopoldo Instituto Humanitas Unisinos. 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/523025-grandes-corporacoes-promovem-uma-ditadura-do-alimento>>. Acesso em 10 de ago. 2016.

STÉDILE, J. P.; CARVALHO, H. M. **Soberania alimentar: uma necessidade dos povos**. 2011. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2011/03/25/soberania-alimentar-uma-necessidade-dos-povos-artigo-de-joao-pedro-stedile-e-horacio-martins-de-carvalho/>>. Acesso em: 10 de ago. 2016.

STOPFORD, J.; STRANGE, S.; HENLEY, J. **Rival states, rival firms**. Competition for world market shares. Londres: Cambridge University Press, 1991.

TUATHAIL, G. Ó.; DALBY, S. Introduction: rethinking geopolitics: towards a critical geopolitics. In: TUATHAIL, G. Ó.; DALBY, S. (Eds.). **Rethinking Geopolitics**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998. p. 1–15.

VIEIRA, F. B. **Via Campesina: um projeto contra-hegemônico?** Simpósio Lutas Sociais na América Latina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

WIEBE, N.; WIPF, K. Nurturing food sovereignty in Canada. In: WITTMAN, H.; DESMARAIS, A. A. (Eds.). **Food sovereignty in Canada: creating just and sustainable food systems**. Halifax/Winnipeg: Fernwood Publishing, 2011. p. 1–12.

WITTMAN, H. Food sovereignty: a new rights framework for food and nature? **Environment and Society: Advances in Research**, Wageningen, v. 2, n. 1, p. 87–105, 2011.

WITTMAN, H. From protest to policy: The challenges of institutionalizing food sovereignty. **Canadian Food Studies**, Ottawa, v. 2, n. 2, p. 174–182, 2015.

WITTMAN, H.; DESMARAIS, A. A.; WIEBE, N. **Food sovereignty: reconnecting food, nature & community**. Black Point: Fernwood/Food First, 2010.

WITTMAN, H.; DESMARAIS, A. A.; WIEBE, N. **Food sovereignty in Canada: creating just and**

sustainable food systems. Winnipeg: Fernwood Publishing, 2011.

Recebido para publicação em 21 de maio de 2016.

Devolvido para a revisão em 03 de agosto de 2016.

Aceito para a publicação em 22 de agosto de 2016.

Mercados institucionais para a agricultura familiar e soberania alimentar

Regina Aparecida Leite de Camargo

Professora Assistente: FCAV/Unesp/Jaboticabal
e-mail: regina@fcav.unesp.br

José Giacomo Baccarin

Professor Assistente: FCAV/Unesp/Jaboticabal
e-mail: baccarin@fcav.unesp.br

Denise Boito Pereira da Silva

Doutoranda FEA/Ribeirão Preto
e-mail: denise_bps@hotmail.com

Resumo

Questionamentos sobre a influência dos sistemas prevaletentes de produção e distribuição de alimentos na soberania alimentar de povos e países tiveram início já na década de 1980, mas ganharam força e importância política a partir dos anos 1990. Embora diretamente relacionada com a temática da segurança alimentar, a discussão sobre soberania alimentar guarda contornos diferenciados e carece análise própria. Nesse trabalho discutimos se o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) contribuem para a soberania alimentar, com a participação da agricultura familiar. O trabalho assenta-se numa revisão teórica sobre o tema e duas pesquisas de campo: a análise de Chamadas Públicas para o PNAE em municípios paulistas nos anos 2012 e 2013 e entrevistas com 200 assentados da reforma agrária na região norte do estado de São Paulo, realizadas em 2015 e 2016.

Palavras-chave: Políticas públicas; sistemas agroalimentares; assentamentos da reforma agrária; mercados institucionais; soberania alimentar.

Institutional Markets for family agriculture and food sovereignty

Abstract

Questions about the influence of prevailing systems of food production and distribution on the food sovereignty of peoples and countries were raised in the 1980s, but the debate gained strength and political importance since the 1990s. Although directly related to the theme of food security, the discussion about food sovereignty is framed differently and demands its own analyses. In this paper we discuss whether or not the Food Acquisition Program (PAA) and the National School Feeding Program (PNAE) contribute to food sovereignty, with the participation of family farming. The work is based on a literature review on the subject and two field studies: the analysis of public solicitation processes for PNAE in São Paulo municipalities in the years 2012 and 2013, and interviews with 200 agrarian reform settlers in the northern region of São Paulo conducted in 2015 and 2016.

Keywords: Public policies; food systems; agrarian reform settlements; institutional markets; food sovereignty.

Los mercados institucionales para la agricultura familiar y la soberanía alimentaria

Resumen

Los cuestionamientos acerca de la influencia de los sistemas predominantes de producción y distribución de alimentos en la soberanía alimentaria de los pueblos y países ya se iniciaron en la década de 1980, pero ganaron fuerza e importancia política desde el decenio de 1990. Aunque directamente relacionada con el tema de la seguridad alimentaria, la discusión sobre la soberanía alimentaria guarda perfiles diferenciados y necesita su propio análisis. En este trabajo discutimos si el Programa de Adquisición de Alimentos (PAA) y el Programa Nacional de Alimentación Escolar (PNAE) contribuyen a la soberanía alimentaria, con la participación de la agricultura familiar. El trabajo se basa en una revisión de la literatura sobre el tema y dos investigaciones de campo: el análisis de las Llamadas Públicas para el PNAE en municipios de São Paulo en los años 2012 y 2013, y las entrevistas con 200 asentados de la reforma agraria en la región norte de Sao Paulo, realizadas en 2015 y 2016.

Palabras clave: Políticas públicas; sistemas agroalimentares; asentamientos de la reforma agraria; mercados institucionales; soberanía alimentaria.

Introdução

A soberania alimentar ganhou projeção internacional ao ser adotada pela *La Via Campesina* como bandeira de luta nos anos 1990. Para esse movimento, a soberania alimentar representa a um só tempo a essência do modo de produção e de vida camponês e o mote da luta contra o mercado globalizado de alimentos defendido pela Organização Mundial do Comércio (OMC).

Grosso modo, podemos dizer que o tema da segurança alimentar apresenta contornos mais operacionais, e é muitas vezes utilizado para reforçar a necessidade da manutenção do atual regime agroalimentar como premissa para a alimentação dos nove bilhões de habitantes esperados para 2050. Por outro lado, o argumento da soberania alimentar ganha cada vez mais força, na medida em que esse mesmo sistema agroalimentar hegemônico demonstra sua inabilidade em distribuir alimentos, e, sobretudo, igualdade e justiça social e sustentabilidade ambiental. Mas se é possível propor segurança alimentar sem soberania, o inverso é estrutural e ideologicamente inalcançável.

No desenrolar da história agrícola da humanidade, a produção familiar e o suprimento das necessidades alimentares da população estreitaram ou apartaram seus laços, conforme diferentes sistemas de produção se sucederam (MAZOYER, 2002). No Brasil Colônia, a ocupação das terras mais férteis com a cultura da cana-de-açúcar e o descaso com os cultivos de subsistência e a criação animal provocavam escassez frequente de gêneros alimentícios, obrigando sua importação da metrópole. Como coloca Guimarães (1989): “A *“mesquinha plantação de mandioca”* como a chamava em 1807 Rodrigues de Brito, *“que se dá em toda qualidade de terra”* não caberia nos *“raros e preciosos torrões de*

massapé, aos quais a natureza deu o raro privilégio de produzir muito bom açúcar” (GUIMARÃES, 1989, p.49, grifo do autor).

Mais tarde, uma produção voltada para o mercado interno vai se desenvolver no sul de Minas Gerais em consequência da atividade mineradora e da vinda da família real para o Brasil. Lenharo (1993), referindo-se a primeira metade do século XIX, argumenta que:

“[...] até os anos 30, quando somente então o café deslanchou e passou a conduzir a expansão econômica do Centro-Sul, a economia mercantil de subsistência ocupou um espaço vital no crescimento das forças produtivas da região, apoiada na exportação de seu excedente para o consumo da Corte” (LENHARO, 1993, p.23).

A fome no Brasil nunca foi consequência da incapacidade do país produzir alimentos em quantidade suficiente para suprir as necessidades de sua população, ou de condições adversas de clima, ou mesmo por ter sido assolado por guerras internas ou com outras nações. Mesmo as secas periódicas no nordeste, responsáveis pelos primeiros ciclos migratórios, não teriam necessidade de matar, como não o fazem hoje, não fosse a seca estar associada ao problema da cerca – que separava a população sertaneja pobre do acesso aos recursos naturais e a mantinha cativa do poder econômico e político dos coronéis.

Se a fome no Brasil Colônia estava ligada à ênfase na economia agroexportadora e o descaso com a produção de alimentos, a continuidade da concentração da terra e da renda perpetuou os focos de miséria em meio à abundância.

Nada mais em desacordo com a imagem de uma mãe natureza generosa e produtiva que o fato de três quartos da população mal nutrida do planeta ser composta por moradores de áreas rurais e agricultores. Para o ecólogo francês Bernard Hubert (2006):

[...] a subnutrição crônica em energia que atinge particularmente essa população aparece antes de tudo como o resultado de uma organização inadequada do sistema econômico e político sobre o qual repousam, a nível local, a produção e a repartição dos produtos alimentares e, a nível internacional, a regulação das trocas comerciais. (BERNARD HUBERT, 2006, p 12, tradução nossa)

Já na década de 1930, o pioneiro médico, geógrafo e cientista social Josué Apolônio de Castro, estudando a fome no Brasil, alertava para a perversa ligação entre distorções econômicas, fome e subdesenvolvimento (CASTRO, 1984). O mapa que produziu, sobre as carências nutricionais em diferentes regiões do Brasil, chama a atenção pelo fato do problema não estar concentrado nas regiões com restrições climáticas, como o sertão nordestino. Ao contrário, demonstra que elas estão presentes, e de forma endêmica, na produtiva Zona da Mata. Natural do Recife, ele sabia bem que o principal problema do sertão não era a falta de água.

Passados quase vinte anos da morte de Josué de Castro, o problema da fome crônica no Brasil, e da imensa irresponsabilidade social que ela representava, ganhou nova visibilidade com o lançamento, em 1993, da campanha “Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria e pela Vida”, pelo sociólogo Herbet de Souza. A campanha não só expunha o problema, mas possibilitava a participação direta da sociedade através dos Comitês de Solidariedade. A ampla repercussão do trabalho do “Betinho” fortaleceu o embrião de uma política de segurança alimentar no então Governo de Itamar Franco, e legitimou o recém-criado Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA).

No início dos anos 2000, o também pernambucano Luiz Inácio Lula da Silva ancorou sua campanha política na intolerável permanência da fome num país que figurava entre as dez maiores economias mundiais. Ao trazer para o palanque o tabu da fome e prometer um Brasil com “fome zero” Lula tocou numa ferida aberta, e foi ouvido. Os programas brasileiros de combate à fome e promoção da segurança alimentar são hoje referência mundial. Se a fome não foi completamente eliminada, ela foi significativamente diminuída.

A II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional realizada em 2004 na cidade de Olinda-PE, aprovou uma concepção abrangente de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), posteriormente regulamentada no Art. 3º da Lei Nº 11.346, de setembro de 2006:

“Realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras da saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis” (BRASIL, 2006)

O conceito de SAN anda de mãos dadas com o de soberania alimentar, definida no Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar realizado em Havana em 2001, como o direito dos povos definirem suas próprias estratégias de produção, distribuição e consumo de alimentos (MALUF, 2007), ou seja, refere-se à ideia de autonomia, tradicionalmente cara ao campesinato e à agricultura familiar. Na parcela mais capitalizada da agricultura familiar a soberania alimentar talvez seja argumento tão ou mais importante para a produção para o autoconsumo que a preocupação com o suprimento das necessidades alimentares da família. Nesse caso, prevalece o cuidado com a qualidade do alimento ingerido, tanto no que se refere a uma apreciação gustativa como a sanidade e isenção de produtos nocivos à saúde.

É justamente no quesito qualidade que a agricultura familiar pode investir para ganhar espaço de manobra frente à agressividade mercadológica do que Van der Ploeg (2008) chama de “*Impérios Alimentares*”, representados pelas gigantescas empresas

transnacionais de produção e distribuição de alimentos. Para Muchnik (2006), a qualidade de um alimento engloba, além das dimensões nutricional, sanitária e gustativa, uma dimensão simbólica relacionada com valores culturais e identitários e uma dimensão ambiental ligada aos impactos que a produção, processamento e distribuição dos alimentos podem causar ao meio ambiente.

A seguir exploramos como, em linhas gerais, o tema da soberania alimentar se consolidou como aspiração, bandeira de luta e elemento definidor e estruturante seja de comunidades camponesas tradicionais ou daquelas que atualmente passam por processos de recampanização.

Soberania Alimentar: origens da discussão

Em seu artigo pioneiro “Agriculture and the State System”, de 1989, Harriet Friedmann e Philip McMichael discorrem sobre o papel da agricultura no desenvolvimento da economia capitalista. Os autores identificam dois regimes agroalimentares, hegemônicos em seus respectivos períodos: o primeiro vai de 1870 a 1914, durante o domínio britânico da economia mundial e o segundo vigora de 1945 a 1973, com a hegemonia norte-americana na economia pós-guerra. No primeiro período as colônias de clima temperado foram estimuladas a produzir grãos para garantir um alimento barato para o proletariado europeu; mas com a independência dessas colônias, esse mesmo alimento de baixo custo passou a competir duramente com a agricultura europeia. Segundo os autores:

[...] a agricultura das colônias barateou a produção de commodities agrícolas, através da apropriação política e colonização de novas terras. Posteriormente, mudanças técnicas, especialmente a mecanização da colheita, adaptaram a agricultura das colônias à escassez de mão-de-obra (FRIEDMANN e MCMICHAEL, 1989, p. 101, tradução nossa).

Durante o período de hegemonia norte-americana diminuíram gradativamente as fronteiras entre a produção agrícola e a indústria, mas na medida em que declinava essa hegemonia, ampliava-se a tensão entre as economias organizadas nacionalmente e o capital transnacional (FRIEDMANN e MCMICHAEL, 1989, p. 103). A pressão desse capital agrícola transnacional na organização e reorganização da agricultura mundial vai impactar principalmente outras ex-colônias que buscavam se firmar como estado nação. Até hoje, o poder desse capital mina as iniciativas de estados que buscam direcionar a agricultura para fins domésticos como segurança alimentar, desenvolvimento local e preservação de comunidades camponesas.

Para Jaques Chonchol (2005), a transferência de alimentos internacionalmente, seja através de importações ou de doações, não eliminou o problema da fome crônica em algumas regiões do mundo e tampouco ajudou o desenvolvimento da agricultura local, pelo

contrário, aumentou a dependência dos chamados países em desenvolvimento da importação de alimentos “[...] que passaram de cerca de vinte milhões de toneladas no começo dos anos 1960, ou seja, 2% do seu consumo de cereais, para 120 milhões de toneladas no começo dos anos 1990, ou seja, 10% do seu consumo” (CHOCHOL, 2005, p.43).

Efeitos particularmente perversos para a economia e a agricultura locais são decorrentes das doações de alimentos e das práticas de “*dumping*” por países com excesso de produção agrícola. As doações, ainda que necessárias em momentos de crise, podem de tal forma desestruturar a agricultura local que, mesmo passada a crise, é penosa sua reconstrução. Elas podem ainda mudar hábitos alimentares e criar dependência de importações para as quais nem sempre a economia do país está preparada – como é o caso de países africanos agora dependentes da importação de arroz.

Bernard Hubert (2006) argumenta que embora o maior contingente de atingidos pela subnutrição crônica se encontre nos países em desenvolvimento, grandes potências agrícolas e agroalimentares não escapam do fenômeno, presente em estimados 10% da população da Europa e da América do Norte. Tem-se, portanto, um mundo que abriga ao mesmo tempo o que o antropólogo José Muchnik (2006) chama de sociedades confrontadas com o “*paradoxo da abundância*” e sociedades submetidas ao “*desafio da escassez*”. Uma ilustração da disparidade mundial de ingestão calórica aparece representada na Figura 1.

Figura 1- Consumo calórico mundial



Fonte: Adaptado de CARON et al (2009).

Como se pode observar na Figura 1, existe uma diferença na ingestão calórica entre os países mais ricos da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e o bloco formado pela África subsaariana da ordem de 813 calorias/dia/pessoa. Além da diferença na ingestão calórica, a quantidade de calorias de origem animal nesses países é significativamente menor¹. No caso da África, a pobreza decorrente do passado histórico, das condições climáticas adversas, guerras internas e uma política internacional de exclusão levam vários de seus países ao constante “*desafio da escassez*” mencionado acima. Já países como o Brasil e a Argentina, de acordo com Muchnik (2006), vivem ao mesmo tempo o paradoxo da abundância e o desafio da escassez.

Segundo Bernstein (2016), McMichael mais tarde propõe um terceiro regime, que tem início na década de 1980 e é marcado pelo domínio das grandes corporações que floresceram no neoliberalismo globalizado. Mas esse regime vem mostrando suas fraquezas e impulsionando movimentos que tomam a soberania alimentar como lema. Para o próprio McMichael (2014), a história da soberania alimentar coincide com o aprofundamento da crise do regime agroalimentar corporativo:

Realizar um levantamento histórico da soberania alimentar não é apenas reconhecer suas múltiplas formas e circunstâncias no tempo e no espaço, mas também reconhecer sua relação com a política do capital numa conjuntura de crise. Isso é, a visão e o movimento de soberania alimentar

¹ Representada na Figura1 pelo triângulo escuro

hoje são condicionados pelos contornos do regime agroalimentar – agora em crise já que sua habilidade de continuar a alimentar o mundo com a ilusão da “segurança alimentar” via o “livre comércio” perdeu legitimidade com a recente e contínua crise alimentar global (McMichael, 2014, p.933, tradução nossa)

É justamente essa perda de legitimidade, juntamente com o impacto da globalização do mercado alimentar nos sistemas locais de produção e distribuição de alimentos que vai impulsionar um contra movimento camponês em busca de soberania alimentar. Embora haja um reconhecimento generalizado de que o termo se popularizou com o movimento La Via Campesina no início dos anos 1990, Eldeman (2014) argumenta que já em 1983 o governo mexicano anunciava um Programa Nacional de Alimentação, que tinha como premissa básica ganhar maior controle sobre os diversos aspectos da cadeia alimentar, diminuindo a dependência de capital estrangeiro para a importação de gêneros alimentícios, insumos agrícolas e tecnologia. A soberania alimentar como busca de maior autonomia e independência permanece nas definições atuais.

Para Agarwal (2014, p. 1247, tradução nossa) o conceito original elaborado pela Via Campesina em 1996 colocava a soberania alimentar como “o direito de cada nação de manter e desenvolver sua própria capacidade de produzir alimentos básicos, respeitando a sua diversidade cultural e produtiva”. Mas essa definição foi posteriormente ampliada por diferentes grupos, e incorporou a noção do direito dos povos de definir sua própria alimentação e agricultura, de proteger e regulamentar a produção agrícola doméstica e comercializar para atingir objetivos de desenvolvimento sustentável.

A declaração que emergiu do Fórum pela Soberania Alimentar organizado em 2007 pela Via Campesina na vila de Nyéléni, em Mali, abarca inúmeras outras dimensões. Na lista dos objetivos da luta camponesa encontram-se:

- que todos os povos e nações sejam capazes de determinar seus próprios sistemas e políticas de produção, de forma a prover alimentos de boa qualidade, adequados, acessíveis, saudáveis e culturalmente apropriados.
- reconhecimento e respeito pelo papel e direitos da mulher na produção de alimentos e representação feminina em todas as instâncias deliberativas.
- garantir a todos os povos, em todos os países, a possibilidade de viver com dignidade, receber por seu trabalho e ter o direito de permanecer em seu local de origem.
- considerar a soberania alimentar como direito humano básico, reconhecido e implementado por comunidades, estados e organismos internacionais.
- reconhecer que os camponeses são capazes de conservar e recuperar o meio rural, os estoques de peixes, paisagens e tradições alimentares baseado no manejo sustentável da terra, solo, água, mares, sementes, criações e biodiversidade em geral.

- valorizar e respeitar a diversidade de conhecimentos tradicionais, alimentação, linguagem e cultura na forma como são organizadas e expressadas.
- afirmar a necessidade de uma genuína reforma agrária que garanta aos camponeses o pleno direito à terra, áreas indígenas, áreas de pesca, terras pastorais e extrativistas, com respeito pela autonomia e governança locais.
- o reconhecimento de que, no caso de desastres naturais ou criados pelo homem e em situações de conflitos, a soberania alimentar atua como uma forma de “seguro” que fortalece as tentativas locais de recuperação e mitiga os impactos negativos, lembrando que as comunidades atingidas não são incapazes e que uma forte organização local é a chave para a recuperação.
- defender o direito dos povos decidirem sobre sua herança material, natural e espiritual.
- reforçar que todos os povos têm o direito de defender seus territórios das ações das corporações transnacionais.

Essa longa lista é complementada por outra sobre o que o movimento luta contra, encabeçada por: imperialismo, neoliberalismo, neocolonialismo e patriarcalismo. E todos os sistemas que empobrecem a vida, recursos e ecossistemas; bem como seus agentes - as instituições financeiras internacionais, a Organização Mundial do Comércio (OMC), acordos de livre comércio, corporações transnacionais e governos antagônicos ao seu povo.

Pelo exposto, essa ampla bandeira de luta é formada por diretrizes que não são facilmente atingíveis e por vezes contraditórias entre si. O que prevalece no documento é a busca por uma autonomia de largo espectro e uma reordenação produtiva nos moldes do que vem sendo chamado de recampenização. Acreditamos ser possível sumarizar os debates atuais sobre uma recampenização da agricultura familiar em três questões mestres, cujas ramificações abarcam o conjunto de especificidades das formas de produção baseadas no trabalho familiar: a resistência – para fazer frente à expansão do agronegócio e criar novos espaços de identidade e representação; a autonomia, que só é possível uma vez garantida a posse dos meios de produção; e a manutenção de um tecido social centrado na localidade, no interconhecimento, na permanência de trocas não mercantis e na preservação de expressões culturais.

Para Van der Ploeg (2008) o desafio se traduz na indagação de como propriedades familiares modernas, totalmente subordinadas à lógica industrial capitalista por um intenso processo de mercantilização, podem se recampenizar através, entre outras coisas, de uma maior autonomia quanto aos meios que garantem a manutenção da base ecológica da produção. Para esse autor:

A recampenização implica um movimento duplo. Em primeiro lugar, ela implica um aumento quantitativo: o número de camponeses aumenta

através de um influxo exterior e/ou através de uma reconversão, por exemplo, de agricultores empresariais em camponeses. Além disso, a recampanização implica uma mudança qualitativa: a autonomia é aumentada, ao mesmo tempo que a lógica que governa a organização e o desenvolvimento das atividades produtivas se distancia cada vez mais dos mercados (VAN DER PLOEG, 2008, p.23).

É nessa perspectiva que olharemos a seguir para a inserção da produção familiar em mercados institucionais. Em que medida esses mercados se diferenciam dos mencionados por Van der Ploeg e possibilitam uma maior autonomia para os produtores.

Mercados institucionais e autonomia

É apenas a partir de meados da década de 1990 que o Estado brasileiro estabelece programas de política pública, específicos e abrangentes, para o segmento da agricultura familiar: o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), criado em 1996; o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), lançado em 2003 e, por último, a Lei 11.947 de 2009 que regulamentou o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e estipulou a obrigatoriedade das prefeituras gastarem pelo menos 30% dos recursos do FNDE com aquisições de gêneros alimentícios da agricultura familiar. Esses programas, sobretudo os dois últimos, têm em comum a intersetorialidade e a possibilidade de atuarem em várias das esferas da produção familiar. Deteremo-nos aqui no PAA e PNAE, objetos de nossa pesquisa de campo, analisando sua contribuição para a soberania alimentar sob a ótica da inclusão da agricultura familiar em mercados institucionais e do alargamento da autonomia dos produtores.

Como já mencionado, os resultados apresentados a seguir assentam-se em duas pesquisas de campo: a análise de 128 contratos de fornecimento de alimentos pelos agricultores familiares para 22 municípios de São Paulo em 2012 e 2013, através de Chamadas Públicas - um instrumento permitido pela Lei 11.947/2009 para a compra de produtos da agricultura familiar para a alimentação escolar, dispensado a tradicional licitação. E entrevistas com assentados da reforma agrária realizadas em nove áreas de assentamento localizadas na regional norte, segundo a divisão em regionais utilizada pela Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP). O Instituto considera como Regional Norte a área que, grosso modo, corresponde às Regiões Administrativas de Ribeirão Preto, Barretos, Franca, Central e parte de São José do Rio Preto – área onde ocorre a maior presença da cultura de cana-de-açúcar no estado. O Quadro 1 apresenta os assentamentos onde foram realizadas as entrevistas.

Quadro 1: Localização, ano de criação, nº de lotes, nº de entrevistados e área média dos lotes nos assentamentos pesquisados

Município	Assentamento	Ano de Criação	Nº de Lotes	Nº de Entrevistados	Área média dos lotes (ha)
Serrana	Sepé Tiarajú (ST)	2005	80	15	4,0*
Ribeirão Preto	Mario Lago (ML)	2007	464	46	1,5*
Restinga	Boa Sorte (BS)	1999	159	23	13,0
Jaboticabal	Córrego Rico (CR)	2001	47	8	8,7
Colômbia	Formiga (FOR)	1998	61	9	15,9
Bebedouro	Reage Brasil (RB)	2000	84	8	10,8
Pradópolis	Horto Guarani (HG)	2000	274	24	11,7
Araraquara	Bela Vista (BV)	1990	176	27	14,0
Motuca	Monte Alegre (MA)	1999	358	40	14,0

Fonte: Organizado pelos autores, 2016

*Área média dos lotes individuais

Os assentamentos Mario Lago e Sepé Tiarajú foram criados como Projetos de Desenvolvimento Sustentável (PDS), modalidade de assentamento administrada pelo INCRA, que caracterizam-se pela proximidade com centros urbanos, áreas individuais pequenas, incentivo à produção coletiva a adoção de um manejo que obedeça os princípios da agroecologia.

Apesar da projeção do Programa Bolsa Família como principal medida de combate à fome do Governo Lula, a iniciativa com maior poder de melhorar permanentemente as condições de vida de milhares de produtores rurais foi a criação do Programa de Aquisição de Alimentos. O PAA nasceu em 2003 como um programa intersetorial e interministerial. Intersetorial porque combina uma medida de política agrícola de incentivo à produção de alimentos pela agricultura familiar com o um programa de cunho social que tem como principal objetivo combater o flagelo da fome nos segmentos menos favorecidos da sociedade. A equação é bastante simples: - o governo adquire produtos da agricultura familiar por um o preço compensatório, eliminando a exploração abusiva dos atravessadores, e torna esses alimentos disponíveis para a população seja pela doação direta ou, mais indireta e lentamente, através dos estoques governamentais. Ou seja:

O Programa compra alimentos produzidos pela agricultura familiar, com dispensa de licitação, e os destina às pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional e àquelas atendidas pela rede socioassistencial, pelos equipamentos públicos de segurança alimentar e nutricional e pela rede pública e filantrópica de ensino (Brasil, 2016).

O PAA começou operando em quatro modalidades, às quais foram acrescentadas mais duas em 2013 e 2014. O quadro abaixo permite uma rápida visualização das modalidades do Programa, seus principais objetivos e fonte de recursos:

Quadro 2: As diferentes modalidades do PAA

Modalidade	Objetivos	Origem dos recursos	Limite por DAP/ano
Compra com Doação Simultânea	Aquisição de alimentos in natura ou processados da agricultura familiar para doação através de redes socioassistenciais.	MDS	R\$ 6.500,00 para agricultores individuais e R\$ 8.000,00 para produtores de organizações da agricultura familiar
Compra Direta da Agricultura Familiar	Compra de produtores familiares para a formação de estoques públicos para abastecimento social ou venda.	MDA e MDA repassados para a CONAB	R\$ 8.000,00. Com preferência para agricultores organizados em grupos formais ou informais.
Apoio à Formação de Estoques	Permitir aos produtores familiares estocar a produção para venda posterior.	MDA e MDA repassados para a CONAB	RS 8.000,00
Incentivo à Produção e ao Consumo de Leite	Incentivar a produção familiar de leite e distribuir o alimento para famílias vulneráveis.	MDS	R\$ 4.000,00 por semestre
Compra Institucional	Permite que estados e municípios comprem da agricultura familiar por chamadas públicas, dispensando a licitação.	Das próprias instituições	R\$ 20.000,00
Aquisição de Sementes	PAA pode comprar sementes de organizações da agricultura familiar e repassá-las a outros agricultores familiares.	CONAB	R\$ 6.000.000,00 (seis milhões de reais), por organização fornecedora.

Fonte: BRASIL, 2016. Organizado pelos autores.

A modalidade do PAA mais acessada, entre os assentados objeto de nossa pesquisa, foi a Compra com Doação Simultânea, que pode ser operacionalizada através da CONAB ou por convênio entre a CONAB e a prefeitura municipal. Em muitos casos, são as próprias entidades beneficiadas com os produtos doados através do PAA que se encarregam de recolhê-los nos assentamentos.

A Compra Direta aparece nas entrevistas como a segunda modalidade mais acessada. Em ambos os casos os produtores gozam de certa margem de manobra quanto à periodicidade das entregas e a qualidade dos produtos, o que torna esse programa particularmente atraente para aqueles menos capitalizados e tecnificados.

Como pode ser observado no Quadro 3, no estado de São Paulo a modalidade Doação Simultânea foi mais acessada até o ano de 2010, quando a Compra Direta se tornou mais expressiva. Por outro lado, a Doação Simultânea operacionalizada pelas prefeituras aumenta significativamente o montante de recursos em 2011 e 2012, decrescendo em 2013. Chama atenção nesse quadro a inconstância no número de agricultores participando do Programa. De qualquer forma, menos de 11% dos municípios paulistas acessavam alguma modalidade do PAA em 2011 (CAMARGO et al, 2013).

Considerando-se que no Censo Agropecuário de 2006 o estado tinha 227.594 produtores familiares, o acesso ao PAA continuava baixo em 2013.

Quadro 3: Modalidades do PAA executadas no estado de São Paulo entre 2006 e 2013

ANO	PAA CONAB Compra Direta		PAA CONAB Doação Simultânea		PAA CONAB Formação de Estoques		PAA Municipal – doação simultânea	
	Recursos (R\$)	Nº de Agric.	Recursos (R\$)	Nº de Agric.	Recursos (R\$)	Nº de Agric.	Recursos (R\$)	Nº de Agric.
2006	2.774.154,20	1.134	3.160.127,05	1.051	38.500,00	11	-	-
2007	589.037,42	178	12.375.913,82	3.559	-	-	-	-
2008	-	-	18.577.734,60	5.811	-	-	345.061,17	471
2009	3.902.061,26	895	32.595.871,40	4.861	1.063.981,20	195	778.577,48	487
2010	36.622,56	6	11.339.957,15	2.784	-	-	480.804,71	283
2011	46.923.450,76	11.210	4.851.089,27	1.200	-	-	7.711.412,60	1.986
2012	69.711.677,18	14.197	4.744.445,97	992	-	-	8.852.931,38	2.327
2013	51.235.172,46	8.440	1.486.202,0	201	-	-	1.768.945,82	521

Fonte: BRASIL. Disponível em: http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/mi2007/tabelas/mi_social.php. Acesso em 14/07/2014

A modalidade “Compras Institucionais” oferece a possibilidade de instituições públicas adquirirem produtos da agricultura familiar por meio de Chamadas Públicas, dispensando a licitação. Uma licitação:

Objetiva garantir a observância do princípio constitucional da isonomia e a selecionar a proposta mais vantajosa para a Administração, de maneira a assegurar oportunidade igual a todos os interessados e possibilitar o comparecimento ao certame do maior número possível de concorrentes (BRASIL, 1993).

Mas “considera-se chamada pública o procedimento administrativo voltado à seleção de proposta específica para aquisição de gêneros alimentícios provenientes da Agricultura Familiar e/ou Empreendedores Familiares Rurais ou suas organizações” (BRASIL, 2009). A Chamada Pública não pauta-se pelo princípio do menor preço ofertado, sendo a ferramenta mais adequada para o cumprimento do objetivo do PNAE de priorizar “produtos produzidos em âmbito local de forma a fortalecer os hábitos alimentares, a cultura local e a agricultura familiar, aspectos fundamentais na garantia da segurança alimentar e nutricional” (BRASIL, 2009).

Em seus objetivos o PNAE alinha-se com os princípios de autonomia da soberania alimentar:

O PNAE induz e potencializa a afirmação da identidade, a redução da pobreza e da insegurança alimentar no campo, a (re)organização de comunidades, incluindo povos indígenas e quilombolas, o incentivo à organização e associação das famílias agricultoras e o fortalecimento do

tecido social, a dinamização das economias locais, a ampliação da oferta de alimentos de qualidade e a valorização da produção familiar (BRASIL, 2015).

Esse potencial só pode ser atingido quando a participação dos agricultores familiares é facilitada pelo correto entendimento dos procedimentos jurídicos, e outras condições, mais operacionais, são também garantidas.

No ano de 2012, pesquisa realizada com 22 prefeituras do estado de São Paulo, entre elas sua capital, revelou que as mesmas deveriam ter gasto R\$ 74,6 milhões para cumprir o determinado no Artigo 14 da Lei 11.947, mas efetivamente gastaram R\$ 15,3 milhões, ou seja, apenas 6,2% dos 248,8 milhões recebidos do FNDE para a alimentação escolar.

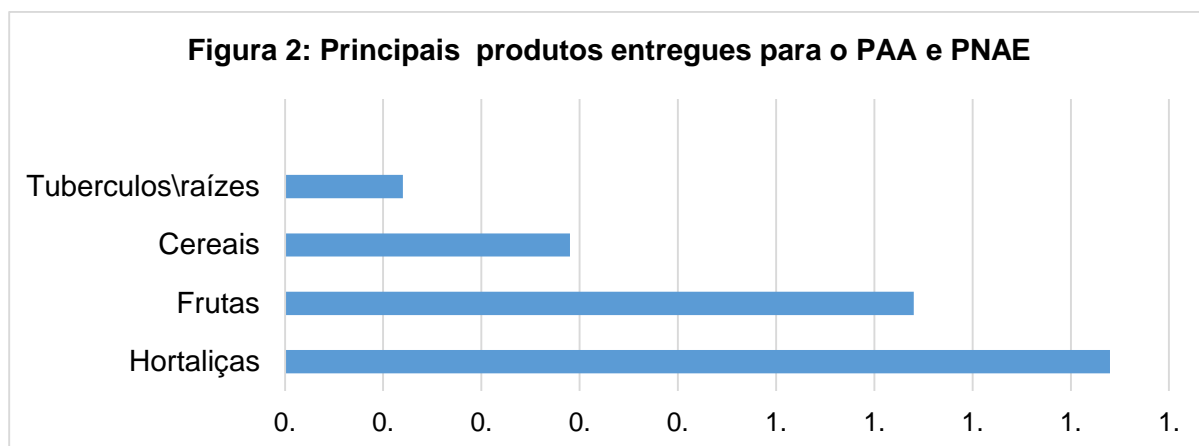
Individualmente, três prefeituras praticamente cumpriram ou registraram gastos pouco acima do previsto no Artigo 14, com valores de 29,6%, 33,1% e 34,9% para a compra de produtos da agricultura familiar. Outras 13 prefeituras registraram gastos entre 20,1% e 29,0%, dez delas utilizaram entre 10,1% e 20,0% dos recursos, seis entre 0,1% e 10,0% e nove não registraram compras de produtos de agricultores familiares (BRASIL, FNDE, 2014). Esses dados demonstram que, embora o PNAE seja um programa de grande potencial para a inclusão da produção familiar em mercados institucionais, sua operacionalização encontrava-se muito aquém do esperado no período pesquisado.

Os produtores familiares podem optar por três tipos de produtos com destinos diferenciados dentro de uma lógica produtiva camponesa: aqueles direcionados apenas para o consumo da família, como é muitas vezes o caso de frutas e hortaliças, os voltados exclusivamente para o mercado, como, por exemplo, o fumo entre produtores familiares gaúchos ou o sisal e a mamona entre os nordestinos ou aqueles que obedecem ao princípio da alternatividade, servindo tanto para o consumo como para a venda (GARCIA JR., 1990).

A inserção no mercado é elemento importante para a compreensão da forma de organização dessas unidades de produção e sua dissociação de uma agricultura que apenas garante a subsistência. Para Wanderley (1999, p.44) “Essa dupla preocupação – a integração ao mercado e a garantia do consumo – é fundamental para a constituição do que estamos aqui chamando de patrimônio sociocultural do campesinato brasileiro”. Constitui, portanto, parte do capital social e da herança sociocultural a ser transmitida para as gerações futuras.

Entregar para os mercados institucionais produtos que obedecem a lógica da alternância, ou seja, que são também consumidos pela família, contribui para a segurança e soberania alimentar. Na Figura 2 apresentamos os principais produtos entregues no PAA e PNAE pelas famílias assentadas pesquisadas. Como pode ser observada, a maioria reportou entregar principalmente hortaliças. Esses produtos foram também apontados como

tendo seu consumo aumentado pelas famílias depois do início da participação nos Programas.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos resultados da pesquisa de campo, 2016

Quando perguntados se a participação no Programa causou alterações nas atividades produtivas, 52% dos entrevistados respondeu que sim e 42% que não. Dos que afirmaram terem feito alterações, as principais modificações referiram-se a uma combinação de aumento da área plantada e diversificação da produção. Os entrevistados também foram questionados sobre as principais dificuldades para a participação no PAA e PNAE. A questão solicitava que fosse atribuída uma nota de 0 a 5 para cada dificuldade listada, sendo que a nota zero significava que a alternativa não apresentava dificuldade significativa e a nota 5 que a alternativa era considerada uma grande dificuldade.

As alternativas que receberam maior número de notas zero, ou seja, que não foram consideradas uma dificuldade pelos assentados foram: falta de pagamento dos produtos entregues; problemas de gestão na cooperativa ou associação e dificuldades logísticas para entregar o produto. Por outro lado, o atraso no pagamento dos produtos entregues, o baixo teto por Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP)² e a falta de assistência técnica foram as alternativas que menos receberam nota zero e mais receberam nota 5, ou seja, foram consideradas uma grande dificuldade na participação nos Programas pela maioria dos entrevistados.

Em relação ao teto por DAP é importante ressaltar que atualmente o Programa permite a participação simultânea em mais de uma modalidade de PAA, mas as entidades dos assentados têm dificuldade em aprovar mais de um projeto, principalmente com o corte recente de recursos.

² A Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP) é o documento que atesta que o produtor, cooperativa ou associação é familiar.

A falta de assistência técnica foi apontada como um problema tanto pelo conjunto dos assentamentos como pelos que são Projetos de Desenvolvimento Sustentável (PDSs), como é o caso dos assentamentos Sepé Tiarajú e Barra, indicando não haver diferença significativa entre os assentamentos assistidos pelo ITESP e pelo INCRA. Os PDSs também não recebiam uma assistência diferenciada, que permitisse o cumprimento de seu objetivo de ser um assentamento agroecológico.

Como argumentam Marques e Lucas (2012):

A implantação de assentamentos próximos a regiões metropolitanas levanta uma série de questões pertinentes para alimentar o debate sobre a reforma agrária. Mesmo em muito pequenas unidades de produção agrícola, os assentados dispõem de oportunidades importantes de comercialização de seus produtos ou de oferta de seus serviços, permitindo refletir sobre a gestão pública destes territórios numa perspectiva de inclusão social fundada em primeiro lugar sobre o trabalho na agricultura (MARQUES e LUCAS 2012, p.18).

No caso do assentamento da Barra, a proximidade com o município de Ribeirão Preto ainda não havia garantido uma participação mais efetiva no PNAE daquele município. O mesmo acontecia com o assentamento de Córrego Rico, que embora não seja um PDS encontra-se praticamente dentro do município de Jaboticabal.

Na pesquisa com as Chamadas Públicas foi averiguada a origem dos produtos entregues – animal ou vegetal, seu grau de processamento, a periodicidade das entregas e o número de pontos em que o produto deveria ser entregue. Como resultados obtivemos que: 95% dos produtos em 2012 e 96% em 2013 eram de origem vegetal e em 87% dos casos em 2012 e 83% em 2013, o produto foi entregue apenas minimamente processado, com a predominância de uma periodicidade de entrega de uma vez por semana e em apenas um local de recebimento. Ou seja, no geral, os resultados para esses quesitos atendem as dificuldades que os produtores têm em processar os alimentos e em cumprir com exigências sanitárias. O fato da maioria das entregas ocorrerem em um só lugar e uma vez por semana também atende as limitações de locomoção dos produtores e favorece a operacionalização do PNAE em São Paulo.

Quanto ao preço dos produtos, pela Lei 11.947/2009 e resoluções do FNDE, o PNAE não deve gerar competição entre os agricultores familiares por preços, que devem ser fixados na Chamada Pública. O desempate, se necessário, deve basear-se em critérios de preferência: agricultor familiar do município e, secundariamente, na sua condição, tendo prioridade assentados da reforma agrária, indígenas e quilombolas. Contudo, observou-se que muitas Chamadas Públicas não continham essa informação. Em 2012, apenas 27,4% das Chamadas Públicas continham o preço ofertado, índice que se elevou para 37,2% em 2013. Dessa forma, esses editais seguiram mais a lógica das licitações do que a diretriz de concorrência igualitária que se pretende com o instrumento Chamada Pública.

O fato da logística na entrega dos produtos não ter sido apontado pelos assentados entrevistados como um entrave para a participação no PAA e PNAE corrobora com os dados da pesquisa das Chamadas Públicas do PNAE. Ou seja, a participação no Programa não estava sendo prejudicada por demandas de entrega, por parte das prefeituras, incompatível com a disponibilidade de tempo e transporte dos assentados. Mas a grande maioria reportou o atraso no pagamento como uma das principais dificuldades encontradas.

Um dos objetivos do PAA é promover a segurança alimentar entre os produtores e os demais beneficiários do Programa, como no caso das entidades receptoras da modalidade Doação Simultânea. Na pesquisa de campo, 74% dos entrevistados respondeu que a renda da família melhorou com a participação no PAA, o que influi diretamente na qualidade da alimentação da família. Ou seja, o PAA possibilitou uma melhora na alimentação tanto pela diversificação da produção como pelo aumento da renda familiar.

Embora a alternativa referente a problemas na gestão das cooperativas e associações não tenha recebido grande quantidade de notas altas, vários entrevistados reportaram ter mudado de uma organização para outra, dentro do próprio assentamento, em busca de uma maior participação no PAA.

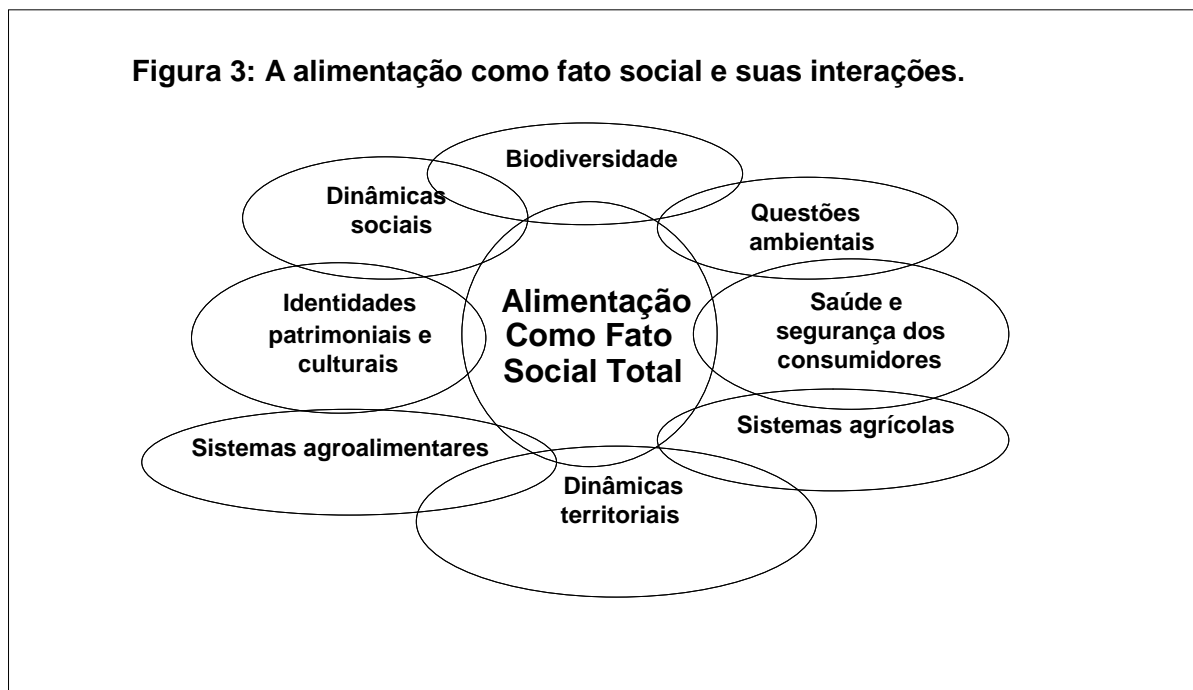
No que se refere as dificuldades com a produção em si, a maioria dos entrevistados apontou a falta de água para irrigação e de capital para investimentos no lote como os maiores problemas. A falta de água reflete a falha do Estado em prover os assentamentos com a infraestrutura necessária para garantir uma produção o ano todo.

A logística da entrega, e sobretudo a origem do produto comprado por uma prefeitura ou o destino do produto entregue ao PAA, tem relação direta com a discussão dos circuitos curtos de comercialização, que constitui numa das demandas da soberania alimentar. Quanto mais um produto viaja, mais perde sua identidade e desassocia as esferas de produção e consumo. Portanto, uma prefeitura paulista que cumpre a Lei 11.947 comprando de uma cooperativa do Rio Grande do Sul ou Santa Catarina, formada apenas parcialmente por produtores familiares, mas portadora de DAP jurídica, não promove o desenvolvimento da agricultura familiar local ou contribui para a soberania alimentar da região.

O PAA e PNAE estipulam um acréscimo de 30% na compra de alimentos orgânicos ou agroecológicos, mas nas pesquisas realizadas não foi detectado esse benefício. Mesmo os assentamentos que são PDS não apresentaram vantagens comparativas em relação aos demais nesse quesito (CAMARGO et al, 2016).

A relação do ser humano com os alimentos é um processo socialmente forjado. Dos métodos de caça coletiva aos tabus alimentares, são as relações sociais e os sistemas econômicos por elas engendrados que respondem pelas formas como o homem se relaciona com a natureza e com seus semelhantes na produção, consumo e

comercialização dos produtos usados para a alimentação. Muchnik (2006), referindo-se às teorias de Marcel Mauss, argumenta que a alimentação pode ser considerada um “*fato social total*”. As interações que permeiam esse fato social podem ser representadas conforme a Figura 3.



Fonte: Adaptado de Muchnik (2006)

Quando garantido o cumprimento dos objetivos do PAA e PNAE, é possível argumentar que os mesmos contribuem para a soberania alimentar e a realização da alimentação como um Fato Social Total em todas as interações presentes na Figura 3. Eles promovem a diversificação da produção e, portanto, contribuem para o aumento da biodiversidade nas propriedades familiares; amenizam o impacto ambiental da agricultura ao estimular a adoção de práticas agroecológicas, o que garante o fornecimento de produtos isentos de substâncias nocivas à saúde dos consumidores; fortalecem os sistemas agrícolas, agroalimentares e as dinâmicas territoriais ao estimular os circuitos curtos de comercialização e a participação dos agricultores nos mercados institucionais, melhorando não apenas a renda das famílias, mas a própria economia da região. O consumo de produtos produzidos localmente pelos alunos atendidos pelo PNAE e pelas entidades socioassistenciais favorecidas pelo PAA permite a preservação do patrimônio alimentar, componente importante da identidade regional. Vários dos assentados entrevistados alegaram que a participação no PAA e PNAE contribuiu para uma maior integração do assentamento na sociedade local – os assentados deixam de ser vistos apenas como “sem terra”, e passam a ser valorizados como produtores.

Contudo, como demonstrado nos resultados das pesquisas apresentadas, ambos programas apresentam problemas de operacionalização, e, principalmente, não estão sendo executados em proporção compatível com o cumprimento de seus objetivos e de seu potencial. No caso do PNAE, cuja execução é uma obrigatoriedade garantida por lei, faz-se necessária uma maior fiscalização da aplicação de 30% dos recursos repassados pelo FNDE na compra de produtos da agricultura familiar e, além disso, a averiguação da origem desses produtos. Como já argumentado, o Programa determina não apenas a aquisição da agricultura familiar, mas uma compra que estimule o desenvolvimento da produção familiar local.

Considerações Finais

Os mercados institucionais podem influenciar positivamente a soberania alimentar, principalmente quando acompanhados por políticas complementares como o crédito rural e a assistência técnica. O consumo de alimentos produzidos localmente pelos alunos valoriza e mantém hábitos alimentares regionais e pode promover tanto a segurança alimentar, em seu duplo sentido de alimento seguro e em quantidade suficiente, quanto a soberania alimentar da região em que ocorre a produção.

Retomando os diferentes componentes do conceito de SAN no Brasil temos que ele abarca um elemento quantitativo: o acesso regular e permanente aos alimentos sem que para isso a família tenha que abrir mão do atendimento de outras necessidades essenciais, ou seja, deve eliminar a insegurança alimentar nos níveis leve, moderada e grave. Também incorpora os elementos qualidade, saúde e meio ambiente, além da adequação e aceitabilidade social do alimento. Mas ele não faz uma menção explícita à origem do alimento e ao seu produtor. Ou seja, um alimento pode ter as características mencionadas acima e ter sido produzido bem longe de seu local de consumo por grandes empresas agrícolas.

Nesse sentido, programas de políticas públicas intersetoriais que estimulam e intermedeiam o acesso dos produtores familiares aos mercados institucionais locais, como é o caso do PAA e PNAE, possibilitam uma maior aproximação entre os conceitos de segurança e soberania alimentar ao adicionar aos quesitos quantidade, qualidade e sustentabilidade a priorização do alimento produzido localmente e necessariamente por produtores familiares.

O processo de recampanização e sua conseqüente busca por soberania alimentar demanda uma coprodução com a natureza, de forma a diminuir a dependência de insumos externos e a mercantilização característica da chamada agricultura moderna. As áreas de assentamento apresentam grande potencial para juntar dinâmicas produtivas sustentáveis

com uma organização social que privilegie a partilha e a cooperação em lugar da competição e da concorrência. Mas para tanto é necessário o apoio de programas de políticas públicas que apresentem em sua formulação e operacionalização as características de fomento à autonomia e à inserção local do alimento produzido pela agricultura familiar.

Referências

AGARWAL, B. Food sovereignty, food security and democratic choice: critical contradictions, difficult conciliations. **The Journal of Peasant Studies**, Vol. 41, nº6, p. 1247–1268, 2014.

BERNSTEIN, H. Agrarian political economy and modern world capitalism: the contribution of food regime analysis. **The Journal of Peasant Studies**, Vol. 43, nº3, p. 611–647, 2016.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 8.666 de 21 de junho de 1993**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8666cons.htm. Acesso em 23/06/2016.

BRASIL. Casa Civil. **Lei Nº 11.346, de 15 de setembro de 2006**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11346.htm. Acesso em 05/08/2016.

BRASIL. Casa Civil. **Lei Federal nº 11.947, de 16 de junho de 2009**. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 17 de junho de 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11947.htm. Acesso em 04/08/2016

BRASIL. FNDE. **Resolução nº 26, de 17 de junho de 2013**. Disponível em: https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl_tipo=RES&num_ato=00000026&seq_ato=000&vlr_ano=2013&sgl_orgao=FNDE/MEC. Acesso em 05/08/2016

BRASIL. FNDE. **Aquisição de produtos da agricultura familiar para a alimentação escolar**. 2ª edição - versão atualizada com a Resolução CD/FNDE nº 04/2015. Disponível em <http://www.fnde.gov.br/arquivos/category/116-alimentacaoescolar?download=9815:pnae-manual-aquisicao-de-produtos-da-agricultura-familiar-para-a-alimentacao-escolar-2-edicao>. Acesso em 05/08/2016.

BRASIL. FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Informações obtidas através de solicitação via portal E-sic em 22/09/2014: <http://www.acessoainformacao.gov.br>.

BRASIL. MDS. SAGI. **Segurança Alimentar PAA**. Disponível em: http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/mi2007/tabelas/mi_social.php. Acesso em 14/07/2014

BRASIL. MDS. **O Programa de Aquisição de Alimentos – PAA**. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa>. Acesso em 23/02/2016.

CARON, P.; GUYOMARD, H.; HUBERT, B. La prospective AGRIMONDE: Une initiative de l'INRA et du Cirad pour creer une plateforme d'analyse critique de scenarios pour la reflexion strategique collective. In: **Agrimonde**. Agriculture et alimentations du monde en 2050 : scénarios et défis pour un développement durable. Paris : INRA/CIRAD, 2009. Disponível

em :<http://www.cirad.fr/actualites/toutes-les-actualites/articles/2009/science/resultats-de-la-prospective-agrimonde>. Acesso em 20/05/2016.

CASTRO, J. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CAMARGO, R.A.L; BACCARIN, J.G; SILVA, D.B.P. O papel do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) no fortalecimento da agricultura familiar e promoção da segurança alimentar. **Revista Temas de Administração Pública**. Araraquara-SP: FCLAr/UNESP, v. 8, n. 2, 2013.

CAMARGO, R.A.L; BOCCA, M.F.; FIGUEIREDO, D.S.; MATOS, J.M.S. O PAA e PNAE em assentamentos PDS no norte paulista. **Retratos de Assentamentos**. Araraquara-SP: UNIARA. v.19, n.1, p.149-173, 2016.

CHONCHOL, J. A soberania alimentar. **Estudos Avançados** nº 19, 2005.

GARCIA JR. Afrânio Raul. **Terra de Trabalho**. Trabalho Familiar de Pequenos Produtores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

ELDEMAN, M. Food sovereignty: forgotten genealogies and future regulatory challenges. **The Journal of Peasant Studies**, vol. 41, nº6, p. 959–978, 2014.

FRIEDMANN H.; MCMICHAEL, P. Agriculture and the State System. The rise and decline of national agricultures, 1870 to the present. **Sociologia Ruralis**, vol. XXIX, 1989.

GUIMARÃES, A. P., **Quatro Séculos de Latifúndio**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989

HUBERT, B. Sécuriser l'alimentation de la planète. In : HEBERT, B; CLÉMENT, O. **Le monde, peut-il nourrir tout le monde ?** Paris :Éditions Quae/IRD Éditions, 2006.

LENHARO, A., **As Tropas da Moderação** (o abastecimento da Corte na formação política do Brasil – 1808-1842). Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1993.

McMICHAEL P. Historicizing food sovereignty. **The Journal of Peasant Studies**, vol. 41, nº6, p. 933-957, 2014.

MALUF, R.S.J. **Segurança Alimentar e Nutricional**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

MARQUES, P. E. M.; LUCAS, A. **Reforma agrária e desenvolvimento territorial em questão**: estudo sobre assentamento periurbano no estado de São Paulo. 36º Encontro Anual da ANPOCS. Águas de Lindóia, 2012.

MAZOYER, M.; ROUDART, L.. **Histoire des agricultures du monde**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

MUCHNIK, J.. Nourrir....le corps humain et le corps social. In : HEBERT, B; CLÉMENT, O. **Le monde, peut-il nourrir tout le monde ?** Paris : Éditions Quae/IRD Éditions, 2006.

VAN DER PLOEG, J. D. **Camponeses e Impérios Alimentares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

WANDERLEY, Maria Nazareth B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In TADESCO, João Carlos (Org.). **Agricultura familiar**: realidades e perspectivas Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

Recebido para publicação em 06 de julho de 2016.

Devolvido para a revisão em 03 de agosto de 2016.

Aceito para a publicação em 08 de agosto de 2016.

Avaliação do perfil dos agricultores que fornecem produtos para o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA no município de Toledo - PR

Dieteron Debus

Discente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) - Campus Marechal Candido Rondon
e-mail: dita.debus@gmail.com

Nardel Luiz Soares da Silva

Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) - Campus Marechal Candido Rondon
e-mail: nardel.silva@unioeste.br

Angelita Pinto Libermann

Discente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) - Campus Marechal Candido Rondon
e-mail: angel_libermann@hotmail.com

Cristiano Luiz Metzner

Discente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) - Campus Marechal Candido Rondon
e-mail: suko_cm@hotmail.com

Geraldo Valentin Ribeiro Filho

Discente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) - Campus Marechal Candido Rondon
e-mail: suko_cm@hotmail.com

Resumo

Dentre as políticas públicas voltadas para a produção de alimentos uma que merece destaque é o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Neste sentido, este estudo objetiva analisar o perfil dos agricultores familiares que fornecem alimentos ao PAA através da modalidade de Compra Direta da Agricultura Familiar para Doação Simultânea, no Município de Toledo – PR. Para atender a esse objetivo, foi realizada uma pesquisa documental, bibliográfica e de campo abrangendo o contexto social, econômico e ambiental. Para análise e interpretação das informações utilizou-se o Programa Statistical Package for Social Sciences - SPSS. Os resultados apontam que o programa vem contribuindo para o fortalecimento da agricultura familiar com a geração de renda, incentivando a diversidade de produção, a fidelidade na permanência no programa, a ampliação nos estoques de alimentos para distribuição dos programas alimentares e a inclusão social dos produtores rurais.

Palavras-chaves: Programa de Aquisição de Alimentos; agricultura familiar; políticas públicas.

Profile assessment of the farmers who supply products for the Food Acquisition Program - PAA in the municipality of Toledo - PR.

Abstract

Among the public policies for food production one worth mentioning is the Food Acquisition Program - PAA. Thus, this study aims to analyze the profile of family farmers that provide food to the PAA through the Buy Direct mode Family Agriculture for Simultaneous Donation, in the city of Toledo - PR. To achieve this goal, a documental, bibliographic and field research was carried out covering social, economic and environmental context. For analysis and interpretation of information we used the Statistical Package for Social Sciences Program - SPSS. The results show that the program has contributed to the strengthening of family farming income generation, encouraging the diversity of production, fidelity in the program permanence, increase in food stocks for distribution to the food programs and social inclusion of rural producers.

Keywords: Food Acquisition Program; family farming; public policy.

Evaluación del perfil de los agricultores que suministran productos al Programa de Adquisición de Alimentos - PAA en la municipalidad de Toledo - PR.

Resumen

Entre las políticas públicas para la producción de alimentos vale la pena mencionar el Programa de Adquisición de Alimentos - PAA. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo analizar el perfil de las familias de agricultores que suministran alimentos al PAA por medio de la compra directa de Agricultura Familiar para la simultánea Donación, en la ciudad de Toledo - PR. Para cumplir con este objetivo se llevó a cabo una investigación documental, bibliográfica y de campo que abarca el contexto social, económico y ambiental. Para el análisis e interpretación de la información se utilizó el paquete estadístico para el Programa de Ciencias Sociales - SPSS. Los resultados muestran que el programa ha contribuido al fortalecimiento de la agricultura para generar ingresos mediante el fomento de la diversidad de la producción, la fidelidad en la permanencia en el programa, el aumento de las reservas de alimentos para la distribución de programas de alimentos y la inclusión social de los productores rurales.

Palabras clave: Programa de Adquisición de Alimentos; agricultura familiar; política pública.

Introdução

Um dos maiores desafios das políticas públicas atuais é conciliar o crescimento econômico com a erradicação da pobreza, tanto no meio rural, como também no meio urbano.

Nesse sentido, o presente estudo busca analisar o perfil dos agricultores familiares que fornecem alimentos ao Programa de Aquisição de Alimentos – PAA e o reflexo desta política pública para a melhoria da qualidade de vida dos agricultores envolvidos.

Esta política pública justifica-se pela importância socioeconômica que tem para agricultura familiar do país. Conforme dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário -

MDA, a agricultura familiar gera mais de 80% da ocupação no setor rural, responde no Brasil por 7 (sete) de cada 10 (dez) empregos no campo e por cerca de 40% da produção agrícola. Atualmente a maior parte dos alimentos que abastecem a mesa dos brasileiros vem das propriedades do tipo familiar. Em 2009, cerca de 60% dos alimentos que compuseram a cesta alimentar distribuída pela Companhia Nacional de Abastecimento – Conab originaram-se da Agricultura Familiar (CONAB, 2014).

Além da absorção da mão-de-obra e da significativa contribuição na produção dos alimentos, a agricultura familiar favorece o emprego de práticas produtivas ecologicamente mais equilibradas, como a diversificação de cultivos, o menor uso de insumos industriais e a preservação do patrimônio genético.

Uma parte da produção da agricultura familiar, atualmente, vem sendo comercializada para o PAA do governo federal. Nesse sentido, a agricultura familiar se destaca como o principal seguimento da agricultura participante do PAA.

O PAA é um instrumento de política pública instituída no ano de 2003, e representou um marco na política agrícola brasileira revelando, de forma inédita, a presença do Estado na comercialização da produção familiar. Com isso os agricultores familiares se sentem mais seguros em produzir, pois parte de sua produção tem um destino garantido. Além disto, os alimentos adquiridos pelo PAA são designados para grupos de pessoas que se encontram em insegurança alimentar.

O investimento em uma política de desenvolvimento na agricultura familiar no Brasil tem as melhores condições para promovê-lo, diferente do modelo de apoio à agricultura patronal voltada para a exportação (SACHS apud FELIPPI, 2001).

Nesse meio em articulação com outras ações, amplia-se e as possibilidades de melhorar as condições de vida do agricultor e de sua família e promove-se o desenvolvimento sustentável nas áreas menos assistidas do meio rural.

Assim, o presente artigo discute a temática do PAA no município de Toledo oeste do estado do Paraná. Segundo dados do IBGE (2010) a população estimada do município é de 119.313 habitantes, dos quais 11.054 são rurais e 108.259 urbanas. Em 2014, o município contava com 189 produtores cadastrados no PAA, os quais produziam uma variedade de produtos, entre eles, carnes, verduras, legumes, panificados, entre outros.

A pesquisa parte dessa introdução, em seguida apresenta os materiais e métodos e após se discute brevemente a temática sobre agricultura familiar e o acesso ao PAA. Posteriormente se apresenta e analisa os dados da pesquisa.

Material e método

O presente estudo foi desenvolvido no município de Toledo - PR, durante o ano de 2014, através de uma pesquisa quantitativa, tendo com suporte um formulário estruturado e elaborado para esta finalidade.

Os agricultores familiares pesquisados são os inscritos no PAA do município de Toledo, definidos por conveniência, a partir de uma listagem levantada junto ao gestor do programa no município, que conta com 189 produtores cadastrados, dos quais, 21 foram entrevistados.

No formulário foram analisados indicadores que colaboram na compreensão mais abrangente de diversos aspectos ligados a produção de alimentos que interferem no resultado final da mesma e também podem influenciar na estrutura econômica, social e ambiental da propriedade.

Nesse caso, a pesquisa realizada é do tipo quantitativa, que segundo Fonseca (2002) está pautada na objetividade, constituindo uma descrição verdadeira de determinada população ou fenômeno. Para isto utiliza-se de técnicas padronizadas de coleta de dados, como a observação sistemática. Essa forma de abordagem também “considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e técnicas estatísticas” (SILVA; MENEZES, 2001, p. 20).

Para análise dos dados foi utilizado o Programa STATISTICAL PACKAGE FOR SOCIAL SCIENCES - SPSS, versão 20, empregado para analisar técnicas estatísticas básicas e avançadas de grande amplitude (PEREIRA, 2006), através do qual foi realizada a análise e cruzamento dos dados.

Agricultura familiar e o acesso ao PAA

Para entender o objetivo desse artigo, primeiramente é necessário minimamente definir o entendimento que gira em torno do conceito da agricultura familiar.

Nesse sentido, segundo a Lei nº 11.326 de 24 de julho de 1996, define como agricultor familiar àquele que desenvolve suas atividades no meio rural, atendendo os seguintes requisitos:

- I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo;
- IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

Além disso, a agricultura familiar também é reconhecida pela sua importância na produção de alimentos. Dados oficiais do Censo Agropecuário de 2006 apontam a participação da agricultura familiar em algumas culturas:

87% da produção nacional de mandioca, 70% da produção de feijão (sendo 76% do feijão-preto, 84% do feijão fradinho, caupi, de corda ou macáçar e 54% do feijão-de-cor), 46% do milho, 38% do café (parcela constituída por 55% do tipo robusta ou conilon e 34% do arábica), 34% do arroz, 58% do leite (composta por 58% do leite de vaca e 67% do leite de cabra), possuíam 59% do plantel de suínos, 50% do plantel de aves, 30% dos bovinos, e produzem 21% do trigo. A cultura com menor participação da agricultura familiar foi a soja (16%), um dos principais produtos da pauta de exportação brasileira. (IBGE, 2006, p. 26).

Nesse meio, a importância da agricultura familiar no Brasil é evidenciada pelos dados do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF, os quais indicam ser responsável por 77% da ocupação no meio rural e por 37% da produção agrícola no país (SACHS, 2008, p.124).

Contudo, a agricultura familiar não é somente um modo de organização produtiva de alimentos, mas sim “um modo de vida que preserva a paisagem, a biodiversidade e diversos aspectos econômicos e culturais de importância fundamental na construção de um desenvolvimento rural sustentável” (MDA; FAO 2004, p. 9).

Peraci e Bittencourt, (2010, p. 191) assinalam que mesmo que os agricultores familiares representam mais de 80% dos estabelecimentos agropecuários e terem uma produção expressiva na agropecuária, principalmente os produtos relacionados à cesta básica, na maioria das vezes, tem um acesso precário às políticas agrícolas.

Para minimizar essas problemáticas foram implementadas, no meio rural, políticas públicas voltadas para a inclusão produtiva dos agricultores familiares, como no caso o PAA, instituído em 2003, compondo-se como uma estratégia política do Programa Fome Zero.

Ainda, conforme Peraci e Bittencourt, (2010, p. 197), o programa tem como objetivos:

- I – incentivar a produção de alimentos pelos agricultores familiares mais pobres, contribuindo assim para a segurança alimentar;
- II – gerar renda entre os agricultores familiares mais pobres com a venda do excedente de sua produção ao governo federal;
- III – incentivar a criação ou o desenvolvimento de canais de comercialização da produção familiar nas comunidades onde estes eram frágeis ou inexistentes;
- IV – ampliar os estoques de alimentos para a distribuição pelos programas alimentares procurando garantir o acesso aos alimentos em quantidade, qualidade e regularidade necessárias às populações em situação de insegurança alimentar e nutricional;
- V – promover a inclusão social no campo por meio do fortalecimento da agricultura familiar.

Nesse meio, com a institucionalização do PAA pela lei nº 10.696 de 2003, assegurou-se aos agricultores familiares a garantia da aquisição de seus produtos pelo governo e com isso lhes transmite segurança em produzir mais e melhor.

Com o objetivo de simplificar o processo de compra, o PAA tem operado atualmente por meio de cinco modalidades de compra: A Compra com Doação Simultânea (CDL); Compra Direta (CDAF); Apoio à Formação de Estoques (CPR – Estoques); Incentivo à Produção e ao Consumo de Leite – PAA Leite (PL) e a Compra antecipada. Conta ainda, com um investimento de mais de R\$ 1 bilhão de reais no plano safra 2012/2013, crescendo mais de 600% em relação ao ano de 2003. (MDA, 2014).

O PAA tem repercussão em todo o território nacional apresentando resultados positivos em suas unidades federativas, como também, mudanças na vida dos produtores e das pessoas que consomem os alimentos.

No caso do Paraná, a coordenação estadual do PAA está sob a responsabilidade de duas entidades gestoras, a Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB e a Secretaria de Estado do Trabalho, Emprego e Promoção Social – SETP. Segundo informações do Coordenador Estadual do PAA da SETP, os principais resultados obtidos pelo PAA foram:

Melhoria das condições de trabalho das merendeiras; diminuição da evasão escolar no Ensino Jovem Adulto-EJA; diminuição da desnutrição infantil; diversificação da produção de alimentos nos estabelecimentos agropecuários e "criação" de renda para agricultura familiar; diminuição de medicamentos em escolas e creches; substituição de sopa pela refeição preparada com alimentos frescos; consolidação de a cultura alimentar regional; novos mecanismos de comercialização para os agricultores através da venda para moradores urbanos e feiras (DORETTO; MICHELLON, 2007, p. 6).

Em 2009, foram comercializadas mais de 8.849.192 kg de alimentos produzidos em mais de 340 municípios, envolvendo recursos na ordem de R\$ 15.041.103,49 disponibilizados pelo MDA/MDS e operacionalizados pela CONAB e SETP (RAUPP et al, 2010).

Estes resultados apontam para um programa que em sua totalidade movimenta e aquece a economia local, possibilitando produções alternativas e rentáveis dentro das propriedades da agricultura familiar. Nesse sentido, o PAA vem apresentando uma expressiva evolução tanto em valores aplicados e número de municípios favorecidos como em famílias beneficiadas e resultados obtidos.

Especificamente no município de Toledo, o programa estabeleceu-se a partir de 2006. Desde o primeiro ano de execução do PAA no município foram repassados mais de R\$ 5,5 milhões para a aquisição de 1,5 mil toneladas de alimentos produzidos por cerca de 500 famílias agricultoras, distribuídas por todo o município, as quais diversificaram sua

produção, fortaleceram o associativismo e deram visibilidade às suas comunidades, através dos grupos de produção e principalmente melhoraram a renda familiar (BRASIL, 2014).

Ademais, o produtor familiar pode se beneficiar de várias maneiras, com a garantia de mercado aos produtos, a criação de parcerias e a formação de pequenas agroindústrias. Além disso, é possível o produtor agregar valor aos seus produtos aproveitando em conjunto as instalações das associações para preparação de seus produtos. Dentre os produtos fornecidos pelos produtores familiares do município, estão: hortaliças, cereais, carnes bovinas e suínas, derivados do leite, bolachas, pães, peixes, sucos, etc.

Cabe ressaltar, nesse caso, que a compra com doação simultânea é a modalidade mais utilizada no município. Essa modalidade permite a aquisição de alimentos in natura, processados e industrializados com um limite de R\$ 4.000 por ano por produtor. Os produtos são utilizados nas refeições servidas nas escolas públicas municipais, creches comunitárias, asilos, casas de recuperação, além dos cinco restaurantes populares do município. “Cerca de 80% do que vem do PAA em Toledo vai para a Cozinha Social, uma imensa cozinha industrial, toda equipada com geladeiras, usina de produção de leite de soja, câmaras frias para armazenagem das carnes, entre outros equipamentos” (BRASIL, 2014).

Por consequência, o PAA contribui com a garantia de renda para os agricultores familiares, pois propicia a aquisição de alimentos e promove a inclusão social e econômica no campo por meio do fortalecimento da agricultura familiar. Os produtos são destinados às pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional, atendidas por programas sociais locais e demais cidadãos em situação de risco alimentar, como indígenas, quilombolas, acampados da reforma agrária e atingidos por barragens (BRASIL, 2014).

Resultados e discussão

A partir do levantamento das informações e da análise de dados primários e secundários, vários indicadores possibilitam alcançar o objetivo proposto no presente estudo. Sendo assim, a seguir, são apresentados os resultados e uma discussão sobre os indicadores considerados como mais relevantes:

Posse da terra: partindo do tipo de posse da terra, o qual é sem dúvida um indicador muito relevante nos estudos de desenvolvimento rural, pode-se classificar o público estudado em três níveis, ou seja, proprietário, arrendatário ou parceiro. Identificou-se que das 21 propriedades visitadas para o trabalho, 81% das posses são proprietários, 19% são mistas, ou seja, parte da propriedade utilizada para o desenvolvimento das atividades é própria e uma parte arrendada. Quanto ao tipo parceria, não foi identificado nenhum caso.

Máquinas e equipamentos: quanto ao indicador equipamentos, 60% dos agricultores familiares não possuem e/ou, os equipamentos são inadequados ou insuficientes para a realização dos trabalhos nas propriedades.

A falta de pequenas máquinas e equipamentos adequados é sem dúvida, um fator que contribui para que os agricultores não tenham eficiência técnica em suas atividades, consequentemente isto afetará o retorno econômico das mesmas.

Além disso, é necessário que a Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER oriente os agricultores para acessar linhas de créditos atualmente disponíveis, para aquisição de equipamentos adequados, visando uma melhor eficiência técnica nas atividades agropecuárias, favorecendo, principalmente às pessoas em idade mais avançada, menor penosidade no trabalho.

ATER: Em relação à Assistência Técnica, foi confirmado que 76% dos entrevistados tem acesso a este serviço. Sendo que estes a consideram de boa qualidade. Nesse sentido cabe destacar a importância da assistência técnica e extensão rural pública para os agricultores familiares visto que estes possuem inúmeras dificuldades no acesso a informação. A ATER por meio dos extensionistas é um instrumento viabilizador e mediador para as políticas públicas chegarem ao meio rural.

Através da ATER, segundo dados do Censo Agropecuário de 2006, mais de 4,8 milhões de estabelecimentos de agricultura familiar “passaram a ter direito a um serviço qualificado e em quantidade suficiente para atender as suas demandas de produção, comercialização, organização social, entre outras questões do campo” (SILVA, 2013, p. 156).

Meio Ambiente: quanto à questão ambiental, 59% responderam que possuem reserva legal e mata ciliar, 16,4% tem nascente de água dentro da propriedade e 24,6% fazem uso de agrotóxico. Quanto ao lixo das propriedades 26,8% é queimado nas propriedades, 14,6% é enterrado, 34,1% é recolhido pelo município para reciclagem e 24,4% levado ao aterro ou outro destino.

Esses indicadores estão intrinsecamente ligados à saúde da população. A contaminação de ambientes rurais pelo modelo produtivo do agronegócio, muito presente na região estudada, deveria ser alterada pela ação do estado através de políticas públicas, com investimentos na recuperação das reservas e mata ciliar, tratamento do lixo, proteção de nascentes e a correta destinação das embalagens.

Nesse meio, no que diz respeito à utilização de agrotóxicos, os dados da pesquisa reafirmam com o evidenciado nos Indicadores de Desenvolvimento Sustentável do Paraná - IPARDES 2013, o qual indica que 27% das pequenas propriedades usam agrotóxicos. Cabe ressaltar ainda, que a produção de hortaliças é responsável pelo consumo de 20 % dos fungicidas comercializados no país e que um terço dos alimentos consumidos

frequentemente pelos brasileiros está contaminado por agrotóxicos (MOLINA, 2012 *apud* IPARDES, 2013).

A análise dos indicadores ambientais é determinante em estudos relacionados ao desenvolvimento sustentável, pois atualmente, deve-se pensar em uma agricultura de longo prazo, sobre a qual, busca-se um equilíbrio entre as dimensões socioeconômicas e ambientais.

Distribuição espacial das unidades de produção: a distribuição das propriedades pelo município e sua distância da cidade para atender ao programa é um indicador que pode influenciar o abastecimento. Assim foram identificadas 4 propriedades com distâncias menores que 10 Km - 19%, e 10 propriedades com distâncias entre 10 e 20 Km - 47,6%. No intervalo entre 20 e 30, foram também 4 propriedades (19%) e 3 (14,6%) tiveram distância com mais de 30 Km da sede do município.

Tabela 1: Distribuição das Propriedades em Relação ao Centro do Município.

Distância em Km	Frequência	%
Menor que 10	4	19
Entre 10 e 20	10	47,6
Entre 20 e 30	4	19
Maior que 30	3	14,4
Total	21	100

Org. Autores.

Observa-se pelos resultados que 66,6% das propriedades, localizam-se a uma distância menor que 20 Km, e, o restante 35% a uma distância maior que 20 Km da sede do município. Este indicador não tem comprometido a regularidade na entrega dos produtos adquiridos pelo programa.

O fundamental é que a população rural esteja dotada dos meios, das "prerrogativas", que lhe permitam tirar proveito do dinamismo que as cidades tendem a propagar ao seu redor. (FARIA,1991 *apud* ABRAMOVAY,1999).

Tamanho das propriedades versus Renda Bruta: na Tabela 2, comparando as faixas de renda até 3 salários mínimos - SMM com o tamanho das propriedades, observa-se um somatório de 3 (14,3%) das propriedades, sendo 2 (66,66%) associadas aos extratos de 5,1-10 e uma (33,33%) associada ao extrato 15,1-20 hectares. No extrato entre 3 e 5 SMM contabilizou-se 6 (28,6%) propriedades, sendo 4(%) associadas ao extrato até 5 hectares, 1(4,8%) associada ao extrato 10,1-15 hectares e 1(4,8%) associada ao extrato 15,1-20 hectares. Para a faixa de renda bruta maior que 5 SMM, contabilizou-se 12 das propriedades, sendo que 3(%) associadas ao extrato até 5 hectares, 3(%) associadas ao extrato 10,1-15 hectares e 6(%) associadas ao extrato maior que 20 hectares.

Analisando os resultados da Tabela 2, observa-se que não há uma associação linear entre tamanho de propriedade e renda obtida mensalmente. Isto permite-nos concluir, que a renda obtida nas unidades de produção analisadas podem ser melhoradas não somente com o aumento da área, mas também, pela forma que é conduzida a unidade produtiva, ou seja, sua forma de gestão.

Tabela 2: Associação entre Tamanho da Propriedade e Renda Bruta em Salários Mínimos Mensais (SMM), das Propriedades que Comercializam Alimentos com o PAA, Que Fizeram Parte do Estudo, Toledo-PR, 2014.

Área em ha	Ate3 SMM	Entre 3 e 5 SMM	Maior que 5 SMM	Total
Até 5	0	4	3	7
Entre 5,1 e 10	2	0	0	2
Entre 10,1 e 15	0	1	3	4
Entre 15,1 e 20	1	1	0	2
Maior que 20	0	0	6	6
Total	3	6	12	21

Org. Autores.

Produtos comercializados: a diversidade de produtos entregues mostra a variedade de culturas de produção dentro das propriedades que fornecem mais do que um produto ao programa ampliando assim seu ganho e um melhor aproveitamento da propriedade.

Na Tabela 3 observa-se os tipos de produtos comercializados e o número de propriedades que fornecem o produto, destacando-se as carnes 8 (29,6%), hortaliças 7 (25,9%), panificados 5 (18,5%), frutas 3 (11,1%), massas 3 (11,51%) e outros 1 (3,7%).

As informações da Tabela 3 são muito relevantes para os gestores municipais do PAA, os quais estão diretamente envolvidos com a aquisição dos alimentos. Isto porque, para desenvolver ações com vistas a sustentabilidade desta importante política pública é necessário conhecer o que e como são produzidos os alimentos. Assim é possível, dialogar com os produtores para que produzam os alimentos que o programa tem demanda, em quantidade, qualidade e regularidade de oferta.

Em 2009, o PAA adquiriu produtos de 142,9 mil agricultores, totalizando 458 mil toneladas de produtos, permitindo a distribuição de alimentos para mais de 10,5 milhões de famílias (PERACI e BITTENCOURT, 2010).

Tabela 3: Tipos de Produtos Comercializados com o PAA, das Propriedades que Fizeram Parte do Estudo, Toledo-PR, 2014.

Item	Frequência	%
Carnes	8	29,6
Hortaliças e legumes	7	25,9
Panificados	5	18,5

Frutas	3	11,1
Massas	3	11,1
Outros	1	3,70
Total	27	100,0%

Org. Autores.

Tempo de comercialização com o PAA: o indicador tempo de comercialização com o programa é relevante para que se possa saber se há um descontentamento, ou, se o PAA é uma alternativa viável para os agricultores. Na Tabela 4, observa-se que existem produtores que comercializam a menos de 3 anos (14,3%), contudo, 23,8% dos produtores comercializam a mais de 7 anos no programa.

A partir deste indicador, entende-se que se o PAA não fosse uma política viável, estes produtores não permaneceriam comercializando seus produtos por tanto tempo.

Tabela 4: Tempo que o Agricultor que fez Parte do Estudo, comercializa os Produtos com o PAA, Toledo-PR, 2014.

Tempo em anos	Frequência	%
Menor que 3	3	14,3
Entre 3 e 5	7	33,3
Entre 5 e 7	6	28,6
Maior que 7	5	23,8
Total	21	100,0

Org. Autores.

Canal de comercialização dos produtos: na Tabela 5, observa-se que os agricultores não se tornam dependentes apenas do PAA para comercializarem seus produtos, estes, buscam numa gama de canais para garantir a venda da produção.

Tabela 5: Canal de Comercialização dos Produtos Além do PAA, Toledo-PR, 2014.

Canal de comercialização	Frequência	% das respostas	% dos Casos
Feiras de agricultores	6	11,1	28,6
Terceiros	9	16,7	42,9
Restaurante	2	3,7	9,5
PNAE merenda escolar	13	24,1	61,9
Mercados	6	11,1	28,6
De porta em Porta	2	3,7	9,5
Cooperativas Locais	12	22,2	57,1
Outros	4	7,4	19,0
Total	54	100,0	257,1

Org. Autores.

Fontes de renda: na Tabela 6, buscou-se saber qual era a importância do PAA na renda da propriedade. Observa-se que apenas um agricultor tem a comercialização de

produtos com o PAA em primeira posição. A partir destes dados, comprova-se que o PAA é uma opção complementar para garantir a entrada de dinheiro nas unidades de produção.

Tabela 6: Principais Fontes de Renda das Famílias dos Agricultores que Fizeram Parte do Estudo, Toledo-PR, 2014.

Fonte de Renda/Ordem	1 ^a		2 ^a		3 ^a		4 ^a	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Produtos para o PAA	1	4,8	4	20,0	8	44,4	7	87,5
Produtos para o PNAE	2	9,5	6	30,0	4	22,2	1	12,5
Avicultura	1	4,8	-	-	-	-	-	-
Agricultura	-	-	7	35,0	4	22,2	-	-
Bovinocultura de leite	10	47,6	-	-	1	5,6	-	-
Bovinocultura de corte	-	-	-	-	1	5,6	-	-
Suinocultura	3	14,3	1	5,0	-	-	-	-
Outras	4	19,0	2	10,0	-	-	-	-

Org. Autores.

Satisfação dos agricultores com o preço pago pelos produtos: a satisfação com os valores pagos aos produtos demonstra o termômetro de manter o programa funcionando garantindo satisfação e qualidade. Observa-se na Tabela 7 que 15 (71,4%) dos agricultores consideram o valor pago bom, distribuídos em todas as categorias de produtos. Já 7 agricultores (33,4%) consideram o valor pago regular. Somente 1 (4,8%) considerou o valor ótimo e 1 (4,8%) considerou o valor ruim.

Sobre os resultados da Tabela 7, merece destaque a associação entre o nível de satisfação “Bom”, 71,4% dos agricultores, com a diversificação de produtos comercializados, contrastando com aqueles que comercializam apenas um produto, para os quais o grau de satisfação são extremo, ou seja, ótimo ou ruim.

A explicação vem ao encontro das orientações baseadas nos princípios da sustentabilidade das unidades de produção familiar, ou seja, quanto mais diversificadas forem as atividades nas propriedades rurais, estas tendem a um equilíbrio. Porque os agricultores que comercializam um número maior de produto consideram os preços bons? A resposta para a pergunta pode ser a seguinte: quando o preço de um produto não é o desejável, este é compensado pelo preço de outros produtos que pode estar acima do esperado. Esta análise também pode ser feita para os extremos que comercializam apenas um produto, ou seja, aquele que tem no momento da comercialização um bom preço, este avalia o preço como ótimo. Numa situação inversa, ou seja, o preço pago não sendo o desejado, este é avaliado como ruim.

Tabela 7: Associação entre o nível de satisfação dos agricultores, com o preço pago por cada tipo de produto comercializado com o PAA, Toledo-PR, 2014.

Nível de satisfação	Origem animal	Origem Vegetal	Panificados	Industrializados	Total
Ótima	1	0	0	0	1
Bom	4	6	3	2	15
Regular	4	1	1	1	7
Ruim	0	0	1	0	1
Total	9	7	5	3	24

Org. Autores

Segundo Peraci e Bittencourt (2010), a base para criação do Programa de aquisição de alimentos tinha por objetivos incentivar a produção de alimentos pelos agricultores familiares mais pobres, gerar renda com a venda do excedente de sua produção ao governo federal, incentivar a criação ou o desenvolvimento de canais de comercialização da produção familiar, ampliar os estoques de alimentos para a distribuição pelos programas alimentares e promover a inclusão social no campo por meio do fortalecimento da agricultura familiar (PERACI e BITTENCOURT, 2010).

Assim, considerando as observações de Wanderley (2000), que a partir da criação do PRONAF, a agricultura familiar no Brasil é reconhecida pela primeira vez na história como ator social. Antes vistos como pobres do campo, produtores de baixa renda ou pequenos agricultores, e agora, percebidos como um modo de vida diferente ao imposto pela agricultura patronal predominante no país. Assim a agricultura familiar passa a ser um forte elemento de geração de riquezas para o país, e um segmento estratégico para o desenvolvimento rural sustentável, atendendo as premissas socioeconômicas, culturais e ambientais.

Considerações finais

A partir dos dados coletados e das análises realizadas é possível concluir que:

Quanto à posse do imóvel, a maioria (81%) são proprietários das terras das unidades de produção e (19%) são proprietários e arrendatários.

Dos entrevistados, 76% têm Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) pública, o que indica que a maioria tem acesso a assistência, a qual pode oportunizar inovações tecnológicas, busca de soluções bem como a troca de saberes.

Quanto à distância das propriedades em relação ao centro consumidor, a maioria, 66,6% localiza-se a uma distância menor que 20 km, e, o restante, 33,4% a uma distância acima de 30 km, o que não interfere na entrega dos produtos.

Em relação à renda, observa-se que não há uma associação linear entre tamanho de propriedade e a renda obtida mensalmente. Isto permite concluir, que as rendas obtidas nas unidades de produção analisadas podem ser melhoradas não somente com o aumento

da área, mas também, pela forma que é conduzida a unidade produtiva, ou seja, sua forma de gestão.

Por outro lado, em relação à satisfação com os preços recebidos, existe uma forte relação entre a diversificação dos produtos comercializados com o nível de satisfação. Ou seja, o nível de satisfação aumenta com o número de produtos comercializados.

A partir das informações geradas neste estudo, o programa de aquisição de alimentos PAA, no caso do município de Toledo, mostra-se uma política estratégica para o desenvolvimento rural sustentável, principalmente, por ser uma política incluída do ponto de vista social e viável do ponto de vista econômico, incentivando a diversidade de produção, a fidelidade na permanência no programa, a ampliação nos estoques de alimentos. Por outro lado, necessita de melhorias em relação aos aspectos ambientais nas propriedades e no processo de produção.

Referências

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar a desenvolvimento territorial. Reforma Agrária - **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária** – vol. 28, n. 1, 2 3 e 29, n. 1 - Jan/dez 1998 e jan/ago 1999.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Programa de Aquisição de Alimentos PAA**. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/falemdu/perguntas-frequentes/seguranca-alimentar-e-nutricional/programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa/gestor/programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa>. Acesso em: out. de 2014.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **PAA: 10 anos de aquisição de alimentos**. Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, 2014.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Referências para uma estratégia de desenvolvimento rural sustentável no Brasil**. SDT/MDA. Série Documentos Institucionais 01. Brasília, mar 2005.

_____. Companhia Nacional de Abastecimento. **O que é o PAA** Disponível em <<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1125>>. Acesso em: 07 fev. 2014.

_____. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. **Política Nacional da Agricultura Familiar**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm. Acesso em: 04 nov. 2014.

_____. Lei nº 10.696, 02 de julho de 2003. **Repactuação e Alongamento de Dívidas Oriundas de Crédito Rural**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/2003/L10.696.htm> acesso em: 04 nov. 2014.

_____. Ministério do Desenvolvimento Agrário; **Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura**. Material didático desenvolvimento sustentável. Brasília, DF, 2004. Disponível em: <<http://www.bancopire.org/teceroutromundo/admin/download/DESENVOLVIMENTO%20SUSTENTAVEL.pdf>>. Acesso em: 23 de dez. 2014.

_____. Ministério do Desenvolvimento Agrário; **Programa de Aquisição de Alimentos**. 2014. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/seguranca-alimentar-e-nutricional/programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa/gestor/programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa>>. Acesso em: 03 de fev. 2015.

DORETTO, M.; MICHELLON, E. Avaliação dos impactos econômicos, sociais e culturais do Programa de Aquisição de Alimentos no Paraná. **Sociedade e desenvolvimento rural**, v. 1, n. 1, p. 107-38, 2007.

FELIPPI, A. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 2, n 4, out/dez 2001.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística. **Censo Agropecuário de 2006**. Disponível em<
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/agri_familiar_2006_2/notas_tecnicas.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2015.

_____. **Censo Demográfico de 2010**. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000000237>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Programa De Aquisição De Alimentos da Agricultura Familiar**. Disponível em:
<http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/2CNDRSS/2cndrss%20cartilha_programa_de_agricultura%20familiar.pdf> <acesso em 25 de out. de 2014. Acesso em: 04 dez. 2014.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Indicadores de desenvolvimento sustentável por bacias hidrográficas do Estado do Paraná**. Curitiba, 2013, 245 p.; il.; 30 cm.

PEREIRA, A. **Guia prático de utilização do SPSS: análise de dados para ciências sociais e psicologia**. 6. ed. Lisboa: Silabo, 2006

PERACI, A. S; BITTENCOURT, G. A. Agricultura familiar e os programas de garantia de preços no Brasil: o programa de aquisição de alimentos. **Fome Zero a Experiência Brasileira**. José Graziano da Silva: Mauro Eduardo Del Grossi: Caio Galvão de França (Org.); Brasília: MDA, 2010.

RAUPP, I. D.; RINALDI, R. N.; ROCHA JR. W. F.; O programa de aquisição de alimentos como canal de distribuição dos produtos da agricultura familiar. **48º Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural**. 25 a 28 de julho de 2010. Campo Grande, MS. Anais. Campo Grande: Sober.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 2011.

SACHS, I. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. 151 p.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. Ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SILVA. R. P. As especificidades da nova ATER para Agricultura Familiar. **Revista NERA**, ano 16, n. 23, Jul.-dez./2013.

TOLEDO. **A Experiência de Toledo no gerenciamento dos recursos do PAA será relatada em um livro.** Disponível em: < <http://www.toledo.pr.gov.br/noticia/a-experiencia-de-toledo-no-gerenciamento-dos-recursos-do-paa-sera-relatada-em-um-livro-0>>. Acesso em: 11 de dez. de 2014.

WANDERLEY, M. A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 2, 2000.

Recebido para publicação em 25 de agosto de 2015.

Devolvido para a revisão em 15 de setembro de 2016.

Aceito para a publicação em 26 de setembro de 2016.

Soberania alimentar e políticas públicas para a agricultura familiar na América Latina: o caso do Brasil e da Argentina¹

Gracieda dos Santos Araújo

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL) (IPPRI/UNESP)

e-mail: gracyeda@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo aborda as conquistas da agricultura familiar no Brasil e na Argentina nos últimos dez anos, a partir da experiência vivida pela autora durante intercâmbio realizado na Argentina. Faz-se uma análise dos avanços conquistados em ambos os países, tendo em vista a defesa da soberania alimentar como paradigma de desenvolvimento para o continente latino-americano. As discussões estabelecidas trazem à luz contribuições de teóricos como Fernandes (2015), Stédile e Carvalho (2012), Teubal (2008) e de representantes do movimento campesino MOCASE, bem como impressões feitas das observações e vivências junto a programas governamentais desenvolvidos pelo governo argentino, a exemplo do INTA, e pelas universidades de Santiago del Estero (UNSE) e La Plata (UNLP). Entende-se que a defesa das políticas públicas para a agricultura familiar/camponesa é extremamente necessária à soberania e desenvolvimento do continente latino-americano; uma questão crucial e desafiadora no contexto de retomada das forças conservadoras, no centro dos governos do Brasil pós-impeachment da Presidente Dilma Rousseff e de eleição do presidente Mauricio Macri na Argentina.

Palavras-chave: Soberania; segurança alimentar; políticas públicas; Brasil; Argentina.

Soberanía alimentaria y políticas públicas para la agricultura familiar en América Latina: el caso de Brasil y Argentina

Resumen

Este artículo aborda los logros de la agricultura familiar en Brasil y Argentina, en los últimos diez años, a partir de la experiencia vivida por la autora, durante intercambio realizado en Argentina. Se hace un análisis de los avances conquistados en ambos países, teniendo en cuenta la defensa de la soberanía alimentar como paradigma de desarrollo para el continente latinoamericano. Las discusiones establecidas traen a la luz aportaciones de teóricos como Fernandes (2015), Stédile e Carvalho (2012), Teubal (2008) y representantes del movimiento campesino MOCASE, así como impresiones de las observaciones y vivencias junto a programas gubernamentales, desarrollados por el gobierno argentino, como por ejemplo el INTA, y por las universidades de Santiago del Estero (UNSE) y La Plata (UNLP). Se entiende que la defensa de las políticas públicas para la agricultura familiar/camponesa es de extremadamente necesaria a la soberanía y desarrollo del continente latino-americano; una cuestión crucial y desafiadora en el contexto de la retomada de las fuerzas conservadoras en el centro de los gobiernos de Brasil post-impeachment de la Presidenta Dilma Rousseff y elección del presidente Mauricio Macri, en Argentina.

¹ O conteúdo apresentado nesse artigo é resultado de um intercâmbio realizado na Argentina, no ano de 2015, pelo Programa TerritoriAL/UNESP - Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais – IPPRI, cujo intercâmbio foi financiado pelo Projeto Rede SSAN - UNASUL.

Palabras-clave: Soberanía; Seguridad alimentaria; Políticas públicas; Brasil; Argentina.

Food sovereignty and public policies for family farming in Latin America: the case of Brazil and Argentina

Abstract

This article discusses the achievements of family farming in Brazil and Argentina in the last ten years, from the lived experience of the author during the exchange in Argentina. It makes an analysis of the advances made in both countries with a view to the defense of food sovereignty as a development paradigm for the Latin American continent. The established discussions bring to light the contributions of theoretical like Fernandes (2015), Stedile and Carvalho (2012), Teubal (2008) and representatives of the MOCASE campesino movement and prints made of the observations and experiences with government programs developed by the Argentine government, for example the INTA and the universities of Santiago del Estero (UNSE) and La Plata (UNLP). It is understood that the defense of public policies for family farming / peasant is extremely necessary for the sovereignty and development of the Latin American continent; a crucial and challenging issue in the context of the conservative forces in the center of the post-impeachment government of the President Dilma Rousseff in Brazil and election of President Mauricio Macri in Argentina.

Key words: Sovereignty; food security; public policies; Brazil; Argentina.

Introdução

Este artigo é o resultado de uma experiência de intercâmbio em país da América Latina, desenvolvido através do Programa TerritoriAL/UNESP (edital 02/2014 - Soberania alimentar e nutricional). As atividades, ocorridas na Argentina entre os dias 30 de junho a 17 de julho de 2015, foram financiadas pelo Projeto SSAN-Unasul, em convênio com a UNESP, e contaram com o apoio e parceria da Universidad Nacional de Santiago del Estero – UNSE, Universidad Nacional de La Plata - UNLP e do Movimiento Campesino de Santiago del Estero MOCASE-VC e Universidad Campesina –UNICAM Suri.

O intercâmbio teve como objetivo aprofundar questões estudadas e debatidas, acerca da temática do desenvolvimento territorial rural e da soberania e segurança alimentar dos povos, ao longo das disciplinas do curso de Mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (UNESP), turma 02, do qual a autora foi aluna. Tudo isso com o intuito de agregar ao processo educativo/formativo outros elementos, necessários à formação de uma visão mais ampla das questões continentais, do pensamento crítico-reflexivo e de melhor contribuir para os processos de transformação social, no continente latino-americano, partindo do contexto das lutas dos povos do campo.

O Mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe faz parte do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL-UNESP), desenvolvido através do convênio com a Escola Nacional Florestan

Fernandes - ENFF e parceria com a Via Campesina e o Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO).

O Programa TerritoriAL-UNESP, inaugurado em 2013, está voltado para a formação de pessoas oriundas dos territórios camponeses, quilombolas, indígenas ou de outras populações tradicionais e daqueles que atuam para o desenvolvimento dessas comunidades. Em seu objetivo, o mesmo visa contribuir com a construção do conhecimento e com a elaboração de políticas públicas que viabilizem condições necessárias para a vida digna. As pesquisas do TerritoriAL objetivam o desenvolvimento numa perspectiva multidimensional, sendo organizado a partir das seguintes linhas: *Campesinato, Capitalismo e Tecnologias; Ambiente, Sustentabilidade e Território; Educação, Saúde e Cultura*.

A propósito, a escolha da Argentina como país para realização da missão de trabalho/estudo também se justifica pelo acúmulo de lutas e organização dos movimentos camponeses e indígenas neste país, como é o caso do MOCASE -VC. Para a concretização dos objetivos da missão, adotou-se uma metodologia baseada nas seguintes dimensões: a) Construção de base informacional - conhecimento da realidade do campo argentino e a trajetória do MOCASE-VC, mediante a realização de estudos, participação em eventos, entrevistas, dentre outros; b) Visitas de campo - realização de visitas a unidades de produção familiar de base agroecológica; conhecimento das formas de inserção aos mercados; c) participação em feiras livres; colaboração em atividades sociais e produtivas; b) Socialização de experiência – troca de informações acerca das políticas públicas para a agricultura familiar no Brasil; relato de experiência de cooperação econômica entre camponeses brasileiros, com ênfase ao cooperativismo de crédito rural solidário.

O texto está organizado com base na seguinte ordem de discussão: Agricultura, soberania e segurança alimentar na América Latina, onde se faz uma breve introdução teórica da temática central deste artigo; Análise sobre a estruturação político-organizacional da agricultura familiar dos governos brasileiro e argentino, trazendo contribuições a partir dos trabalhos de campo na Argentina; na sequência discute-se as contribuições do MOCASE-VC ao debate acerca da Soberania e segurança alimentar na Argentina e o papel estratégico da Universidade para o fortalecimento das políticas de soberania alimentar e nutricional, a partir da experiência da UNLP. As discussões estabelecidas partem do princípio de que o tema da soberania e segurança alimentar é extremamente importante no contexto de avanço da Agricultura Industrial, em todo o mundo, o qual tem sido responsável por causar destruição dos ecossistemas, aumento da pobreza e desigualdade social.

A defesa das políticas públicas para a agricultura familiar camponesa, conquistadas pela força da organização dos movimentos sociais do campo, representa uma questão crucial, decisiva à soberania e desenvolvimento do continente Latino Americano, contra o

retrocesso sinalizado pelo retorno das forças conservadoras ao centro dos governos brasileiro e argentino.

Agricultura, soberania e segurança alimentar na América Latina

No atual contexto de avanços do capitalismo no campo, favorecido pelas políticas neoliberais nos anos 1990 (TEUBAL, 2008), vive-se um novo momento histórico de conflitos territoriais, os quais têm desencadeado processos de resistência e de luta contra-hegemônica em todo o continente Latino Americano (BATISTA, 2013). O modelo de Agricultura industrial tem sido responsável por destruir e fragilizar os ecossistemas, provocando redução na agrobiodiversidade e na base alimentar humana, além de debilitar os mercados locais e os sistemas de produção campestre, contribuindo para o crescimento da pobreza. Diante dessa questão, o tema da soberania alimentar apresenta-se como um projeto social, em oposição à barbárie que representa o paradigma do capitalismo e os sistemas agroalimentares atuais desse sistema.

Conforme Stédile e Carvalho (2012, p. 715), o conceito de soberania alimentar traz uma dimensão política mais ampla do que a segurança alimentar, pois esta parte do princípio de que “para ser soberano, e protagonista do seu próprio destino, o povo deve ter condições, recursos e apoio necessários para produzir seus próprios alimentos”. Segundo os referidos autores, já no início do século XX José Martí advertia o povo latino-americano a respeito da necessidade da produção dos alimentos para não cair na dependência do capital externo. Para o mesmo, “um povo que não consegue produzir o seu próprio alimento é um povo escravo. Escravo e dependente do outro país que lhe oferece as condições de sobrevivência” (STEDILE e CARVALHO 2012, p. 720).

Ao discutir o conceito de soberania alimentar, Fernandes (2015) destaca que no agronegócio se defende a questão da segurança alimentar enquanto política compensatória, através da qual se busca suprir de alimentos industrializados as populações pobres, não havendo nenhum comprometimento com processos de autonomia e emancipação dos povos. Assim, a soberania alimentar vem se constituindo como território do campesinato, na luta por políticas públicas, na discussão democrática sobre o direito de escolher o quê produzir, onde e como produzir o próprio alimento.

Nessa perspectiva, o direito e a autonomia na produção do alimento implica o acesso à terra, logo, “soberania alimentar está associada a uma importante questão territorial, que é a reforma agrária”, o que transforma o próprio alimento em território em disputa (FERNANDES, 2015, p. 47). Ainda para Fernandes (2015, p. 45), “soberania alimentar só pode ser política de governos democráticos que não estejam vendidos às

corporações nacionais e transnacionais. Estas corporações colocam seus interesses acima dos interesses da sociedade e transformam os alimentos em mercadoria”.

Com base nas declarações da FAO (2014), a agricultura familiar passa a ser considerada um setor chave no processo de erradicação da fome e para a transição, rumo à consolidação de sistemas agrícolas mais sustentáveis social e ambientalmente, não só na América Latina e no Caribe, mas para o mundo. Partindo dessa perspectiva, defendida pela FAO, a segurança e soberania alimentar passam a ser defendidos como proposta chave pela Via Campesina.

Nesse sentido, conforme (ALTIERI, 2012), para a Via Campesina a proteção e defesa do meio ambiente, a segurança e soberania alimentar, bem como o sustento e emprego, perpassa pela existência de um sistema de produção que esteja sob o domínio dos pequenos agricultores, não podendo ser uma atividade controlada pelas grandes corporações agroindustriais ou das redes de supermercados.

A estruturação político-organizacional da agricultura familiar dos governos brasileiro e argentino

Nas últimas décadas, os governos do Brasil e da Argentina têm dado à agricultura familiar uma renovada e crescente atenção, conferindo ao setor um papel protagonista no que se refere à promoção do desenvolvimento socioeconômico com sustentabilidade. Na Argentina, tal fato se verifica na materialização de eventos como a criação do Fórum Nacional da Agricultura Familiar (FONAF), em 2006; a criação da Secretaria de Desenvolvimento Rural e Agricultura Familiar da Nação, em 2008, por meio do decreto Presidencial Nº 571/08 (PAZ e GUTIÉRREZ, 2014) e a criação da Lei de Agricultura Familiar 27.118², em processo de regulamentação.

Da mesma forma como tem acontecido no Brasil, a atuação dos movimentos sociais argentinos tem sido um elemento decisivo ao processo de reconhecimento da agricultura familiar, enquanto setor estratégico na construção do desenvolvimento com sustentabilidade para o país. Para isso, as mesas de diálogo entre governo e sociedade civil, o FONAF, os Fóruns Provinciais da Agricultura Familiar (FONAFs) apresentam-se como espaços estratégicos de diálogo permanente entre governo e sociedade, que fortalecem a democracia participativa.

No contexto de organização sócio-política da agricultura familiar camponesa, o Movimiento Campesino de Santiago del Estero (MOCASE) é concebido como o movimento

² Lei 27.118, art. 1º “declara-se de interes público la Agricultura Familiar, su contribución a la seguridad y soberanía alimentaria del pueblo, por practicar y promover sistemas de vida y de producción que prservan la biodiversidad y procesos sostenibles de transformación productiva”.

camponês de maior expressão no cenário argentino. Trata-se de um movimento político e social de luta pela permanência na terra, criado em 04 de agosto de 1990, em Quimilí, sob o lema *campesinos y campesinas unidos por la tierra y la justicia*. Atualmente, o movimento está dividido em MOCASE Vía Campesina e MOCASE, cuja ruptura ocorre em 2001 em consequência de divergências internas. O MOCASE VC – faz parte da Coordenadora Latinoamericana de Organizações do Campo (CLOC) e Via Campesina Internacional com participação e luta em espaços como a FAO/ Nações unidas. O MOCASE, por sua vez, atua com o apoio do Programa Social Agropecuário e a Subsecretaria de Agricultura Familiar da Nação, instancia política que compõe a Reunião Especializada sobre a Agricultura Familiar (REAF) do Mercosul (JARA, 2004).

No caso do Brasil, a institucionalização do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), em 1996, programa ampliado a partir de 2004 (BUAINAIN, 2006) e, posteriormente, a promulgação da Lei 11.326, conhecida como Lei da Agricultura Familiar, conferiu ao país uma posição referencial no âmbito da criação de políticas públicas para a agricultura familiar, entre o conjunto de países do Mercado Comum do Sul –Mercosul (PAZ e GUTIÉRREZ, 2014). Assim,

Por medio de sus Ministerios de Relaciones Exteriores y de Desarrollo Agrario, promovió un espacio político para insertar en el Mercosur la especificidad de la agricultura familiar. Ese espacio fue la Reunión Especializada de Agricultura Familiar (REAF) creada en Buenos Aires en Junio de 2004 (PAZ e GUTIÉRREZ, 2014, p. 24).

Observa-se que a criação de políticas públicas para a agricultura familiar na América Latina coincide com o período de redemocratização de um conjunto de países (Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Nicarágua, Equador, Bolívia), a partir dos anos 1990-1995, com a emergência de governos mais favoráveis às classes populares e corresponde a uma onda de reivindicações dos movimentos sociais do campo (SABOURIN, 2014). Por outro lado, o aumento da demanda dos alimentos e dos preços dos produtos agrícolas na década de 2000 foi fator decisivo para a formulação de políticas públicas favoráveis à agricultura em geral e, em particular, à agricultura familiar. Nesse sentido, a crise do mercado de grãos (2007 - 2008) faz a agricultura recuperar a sua importância para garantir a segurança alimentar e contribuir para a sustentação da balança comercial dos Estados (SABOURIN, 2014).

No Brasil, sobretudo nos governos Lula e Dilma Rousseff, a agricultura familiar passou a exercer um papel fundamental para o desenvolvimento social e o crescimento equilibrado do país, sendo considerada de grande relevância à geração e distribuição de renda, a criação de emprego e, conseqüentemente, na diminuição dos fluxos migratórios das populações do campo.

No âmbito político-governamental, a agricultura familiar brasileira tem como organismo responsável o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), do qual são competências: reforma agrária; promoção do desenvolvimento sustentável do segmento rural constituído pelos agricultores familiares; identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos remanescentes das comunidades dos quilombos. Extraordinariamente, exerce também competências relativas à regularização fundiária na Amazônia conforme disposto na Lei nº 11.952/09. O MDA foi instituído em 2000 pelo Decreto nº 3.338/2000, depois revogado pelo Decreto nº 4.723/03, que definiu suas competências. Assim, o MDA tem como missão promover a política de desenvolvimento do Brasil rural, a democratização do acesso à terra, a gestão territorial da estrutura fundiária, a inclusão produtiva, a ampliação de renda da agricultura familiar e a paz no campo, contribuindo com a soberania alimentar, o desenvolvimento econômico, social e ambiental do país. Visão: Ser reconhecido nacional e internacionalmente como ator fundamental na construção de um meio rural com equidade, com mais oportunidades de renda e vida; mais humano, com inclusão produtiva e social e respeito ao meio ambiente³.

São componentes do MDA: a Secretaria de Agricultura Familiar (SAF), a Secretaria do Desenvolvimento Territorial (SDT), a Secretaria do Reordenamento Agrário (SRA) e Secretaria Extraordinária de Regularização Fundiária na Amazônia Legal (SERFAL)⁴. A SAF/MDA, enquanto instância destinada exclusivamente ao setor da agricultura familiar, tem como missão consolidar o conjunto da agricultura familiar de modo a promover o desenvolvimento local sustentável por meio da valorização humana e da negociação política com representantes da sociedade, respeitando os desejos e anseios das organizações sociais e praticando os princípios da descentralização, da democracia, da transparência e da parceria, com responsabilidade. São princípios da SAF atuar de forma participativa, descentralizada e articulada com os Estados, Municípios e a sociedade civil organizada. Um dos eixos orientadores das ações desta secretaria trata-se da Segurança e soberania alimentar, a partir do qual se busca valorizar e organizar a oferta de alimentos produzidos pela agricultura familiar.

Programas e projetos executados pela SAF/MDA: Crédito; Proteção da Produção; Comercialização; Assistência Técnica e Extensão Rural; Acesso à Terra, Regularização Fundiária e Reforma Agrária; Agroecologia e Produção Orgânica; Biodiesel; Mulheres rurais; Povos e Comunidades Tradicionais; Moda, Cultura, Turismo Rural e Educação. Além da SAF, ações voltadas ao tema da soberania e segurança alimentar também aparecem

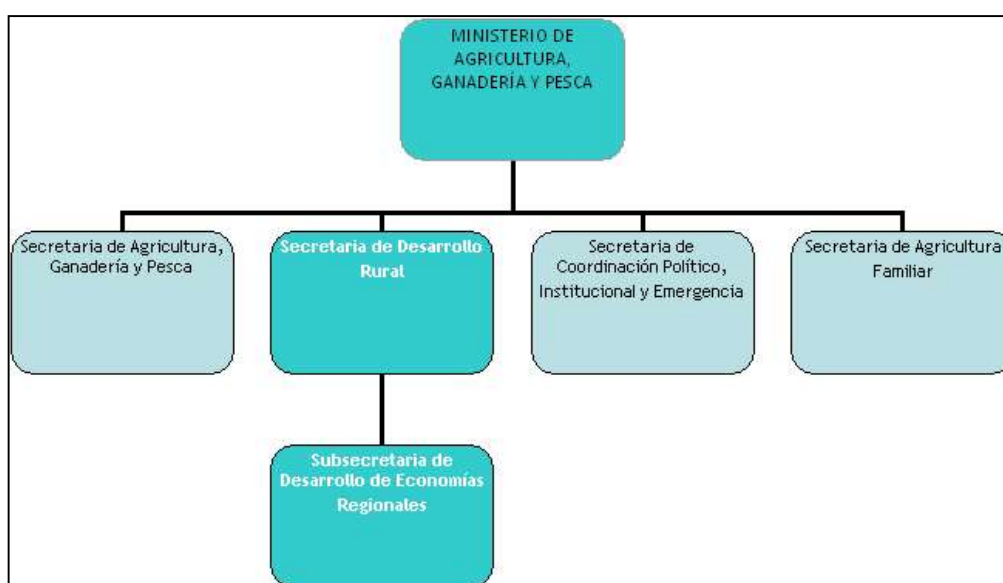
³ Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/pagina/hist%C3%B3rico>. Acesso em: 28 ago. 2015.

⁴ Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/pagina/organograma>. Acesso em: 28 ago. 2015.

inseridas nas diretrizes do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, através de sua Secretaria de Segurança Alimentar e Nutricional – SESAN.

Na Argentina, as políticas públicas relacionadas ao meio rural estão inseridas no Ministério de Agricultura, Ganaderia y Pesca de la Nación (MAGyP). Criado em 2009, no governo da presidenta Cristina Kirchner, este ministério é responsável tanto pelas políticas do agronegócio como para a agricultura familiar. Dentro de sua estrutura organizativa estão conformadas a Secretaria de Agricultura Familiar; Secretaria de Agricultura, Ganadería y Pesca; Secretaría Política Institucional y Emergencia Agropecuária; e Secretaría de Desarrollo Rural.

Organograma 01: Estrutura organizacional.



Fonte: Ministerio de Agricultura Ganaderia y Pesca (2015).

No âmbito do MAGyP, a SAF é a secretaria responsável pelas políticas públicas para o desenvolvimento territorial rural da Argentina. Em sua organização fazem parte a Subsecretaría de Fortalecimiento Institucional, Subsecretaría de Ejecución de Programas para la A.F., Jefatura de Gabinete, Delegaciones, e o setor de Registro Nacional de la Agricultura Familiar (RENAF).

São objetivos da SAF: Integrar o setor da Agricultura familiar na estrutura de funcionamento do Estado; Criar as condições necessárias para garantir a Soberania Alimentar desde o aporte da Agricultura Familiar; Integrar a instância de comercialização aos sistemas produtivos da Agricultura Familiar; Propiciar melhorias na qualidade de vida dos agricultores familiares, o enraizamento rural e o cuidado do meio ambiente; e Visibilizar o setor da Agricultura Familiar como ator principal das cadeias produtivas que contribuem para a Soberania Alimentar.

Algumas ações que contribuem à promoção da soberania alimentar e nutricional na Argentina são também desenvolvidas no âmbito do *Ministerio de Desarrollo Social* e acontecem por meio de diversas iniciativas que envolvem, inclusive, as CTDs, beneficiando, deste modo, pessoas em situação de desnutrição, a exemplo de habitantes das zonas periféricas das cidades. Essas ações fazem parte do eixo Família argentina e contemplam os programas: Educación alimentaria nutricional, Pro huerta, Abordaje comunitario e Familias y nutrición⁵.

Diante da realidade observada ao longo das visitas de campo feitas pela autora, no período de 30 de junho a 18 de julho de 2015 e das declarações dos técnicos do governo (SAF em Santiago del Estero), professores e pesquisadores das questões ligas à agricultura familiar, bem como de lideranças dos movimentos sociais do campo, ao longo das atividades integrantes do intercâmbio ressalta-se que o trabalho do Estado argentino para a agricultura familiar todavia é incipiente, visto como muito mais baixa em relação ao desenvolvido pelo Estado brasileiro. Nesse sentido, considera-se que a Argentina ainda está muito “atrás do Brasil”, uma das razões citadas foi a questão do crédito para a agricultura familiar, problema ainda não resolvido; bem como a inexistência de programas de compras governamentais a exemplo do PAA e do PNAE e a questão da reforma agrária. Foi enfatizado ainda que na Argentina não existe um movimento social da envergadura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do Brasil, sendo o MOCASE a organização considerada mais representativa do país. Não existe uma luta pela ocupação da terra como no Brasil, mas sim de resistência pela permanência na terra e a luta pela titulação da terra por parte dos camponeses.

Para alguns técnicos do governo argentino, a visão do Estado ainda é uma visão assistencialista. A população camponesa é vista como um setor pobre que necessita de ajuda e não como setor produtivo, pelo Estado, enquanto que a produção de alimentos se concentra nas mãos de 04 ou 05 empresas, grupos concentrados (análises a partir de declarações feitas por técnicos da SAF em Santiago del Estero). Nesse sentido, e com base na CEPAL (2014, p. 69), “en términos concretos, en la planificación de la política sectorial agropecuaria, la agricultura familiar continúa siendo una cuestión marginal.”

A produção da agricultura familiar na Argentina tem destaque para a produção de verduras e frutas, desenvolvida através das comunidades bolivianas. São os chamados cinturões verdes que, em geral, se concentram em La Plata e em Buenos Aires, não se tratando, portanto, de produção agroecológica. “Produção agroecológica ainda é uma produção dos pobres para o consumo dos ricos. E não estamos de acordo com isso” (fala de um dos técnicos da SAF em Santiago del Estero).

⁵ Seguridad alimentaria. Disponível em: <http://www.desarrollosocial.gob.ar/pnsa>. Acesso em: 26 ago. 2015.

Quanto à questão do uso da agroecologia como Mariz tecnológica para a agricultura familiar no país, notou-se que esse é um tema controverso por parte dos técnicos do Estado. Para alguns, “produzir de forma ecológica é mais caro. Isso implica na perda de competitividade e pode fazer desaparecer a agricultura familiar” (declarações feitas por técnico do governo argentino na reunião com a SAF em Santiago del Estero). Contudo, defende-se que é preciso recuperar a capacidade de gerar tecnologias próprias adaptáveis à agricultura familiar de cada país, uma vez que o setor agroexportador já tem seu sistema próprio (privado) de geração de tecnologia.

Na Argentina, os problemas de infraestrutura (acesso à água potável, energia elétrica, saneamento básico, habitação), vividos pela maioria das famílias camponesas, nos faz compreender que o problema da pobreza rural e o acesso às políticas públicas é um tema que ainda precisa ser fortemente trabalhado pelos governos latino-americanos, embora se tenha alcançado importantes conquistas na atualidade. Para a Deputada Orfelina Santucho, liderança representante do “Mocase-histórico”, um dos maiores problemas da agricultura familiar em seu país, depois da usurpação das terras pelos produtores de soja, é a existência de alguns projetos governamentais, planejados por técnicos do Estado, sem necessariamente partir das reais demandas dos agricultores-camponeses e, por isso, muitas vezes fracassados (citando o exemplo da apicultura), além de problemas de comercialização. Nesse sentido, a mesma citou a questão dos produtores de caprinos que, por falta de políticas de incentivo à comercialização, enfrentam problemas de superlotação dos rebanhos, sendo submetidos, muitas vezes, à comercialização no mercado clandestino de carnes, sofrendo sérios prejuízos. Para ela, a realização de feiras de agricultura familiar, apoiadas pelo Estado, são ações muito necessárias, uma alternativa de articulação para acesso aos mercados. Diante disso, observa-se que no Brasil, a existência dos programas de Compras Governamentais criado pelo governo brasileiro - Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) - é outro aspecto importante da política pública direcionada ao desenvolvimento da agricultura familiar, com relação à Argentina, uma vez que o país ainda não possui esta política. Estes programas são, também, o resultado das mobilizações sociais, das demandas dos agricultores familiares brasileiros por acesso às políticas públicas de garantia de preço e renda, e ampliação do mercado de comercialização para seus produtos.

O PAA é um instrumento de política pública, instituído com base no artigo 19 da Lei nº 10.696, de 02 de julho de 2003, que tem como objetivo garantir o acesso aos alimentos em quantidade, qualidade e regularidade necessários às populações em situação de

insegurança alimentar e nutricional e promover a inclusão social no campo por meio do fortalecimento da agricultura familiar⁶.

Em relação ao tema do Desenvolvimento Territorial, notou-se que na Argentina, atualmente, existe uma forte influência dos pensadores brasileiros, sendo citado como exemplo Bernardo Mançano Fernandes (UNESP). Em uma das análises feitas a partir das discussões entre o grupo de técnicos da SAF/ Santiago del Estero, foi dito que o país está dando passos com o enfoque territorial com os teóricos que falam dos novos conceitos da geografia social e do papel que desempenha o capital social na construção do desenvolvimento rural, ou seja, existe uma evolução do pensamento, sendo que o conceito de desenvolvimento rural vem variando o enfoque, se desvinculando de visões ligadas a organismos internacionais como o Banco Mundial e o FMI. Como resultado disso, o Estado começa a mudar também o enfoque da extensão rural, sendo citado o exemplo do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária (INTA). Contudo, admite-se que esse processo, todavia não foi consolidado, encontrando-se em fase de transição.

O INTA é um organismo estatal descentralizado, com autarquia operativa e financeira, vinculado ao Ministério de Agricultura, Ganadería y Pesca de la Nación, criado em 1956. Desde então, desenvolve ações de investigação e inovação tecnológica, voltadas à melhoria da competitividade e o desenvolvimento rural sustentável do país. Em seus projetos, trabalha com produção agroecológica, tendo como referência o Projeto Pro Huerta. Esse projeto de políticas públicas visa a promoção das práticas de produção agroecológica para o auto abastecimento, a educação alimentar, a promoção de feiras e mercados alternativos, voltados à inclusão de famílias produtoras⁷.

Em relação ao trabalho de assistência técnica, a SAF possui equipes de campo formadas por agrônomos, sociólogos, conciliadores sociais. Essa interdisciplinaridade é considerada um elemento novo. Antes, a extensão rural era uma tarefa exclusiva do agrônomo e, na opinião do coletivo, isso tem a ver com o novo enfoque dado à extensão rural. Conforme declarações de Silvina Juarez, socióloga da SAF (2015),

Há quatro anos, aproximadamente, trabalhamos de forma contínua com os técnicos do INTA. De uma ou outra forma, dividimos espaços socioterritoriais, o que faz com que busquemos em conjunto estratégias de trabalho que beneficiem o desenvolvimento rural do local (especialmente políticas públicas, destinadas aos pequenos produtores). Por exemplo, juntos incentivamos a soberania alimentar da população, através das hortas familiares. Isto implica que devemos buscar tudo, as atividades que fomentem esta soberania alimentar, por meio de capacitações, montagem das hortas, comercialização de excedentes, visitas, etc.

⁶ Disponível em: <http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/seguranca-alimentar-e-nutricional/programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa/gestor/programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa> 3 Lei 11.947 de 16 de junho de 2009. Acesso: 25 ago. 2015.

⁷ Qué es el INTA? Disponível em: <http://inta.gov.ar/sobre-el-inta/que-es-el-inta>. Acesso em 25 ago. 2015.

Outro ponto destacado como avanço foi o diálogo permanente, existente entre o governo e as organizações sociais do campo. Assim, o FONAF, entidade de âmbito nacional, que reúne cerca de 100 organizações sociais e os FOPAFs (instâncias de nível provincial), é visto como espaço importante de discussão das políticas públicas para a agricultura familiar. Desse processo é que nasce a Lei Nacional 27.118, de Reparação Histórica da Agricultura Familiar.

Contribuições do MOCASE-VC ao debate acerca da Soberania e segurança alimentar na Argentina

A vivência junto ao MOCASE-VC teve como objetivo favorecer a ampliação do olhar para as questões agrárias, da luta dos trabalhadores no continente latino-americano, numa maior e melhor compreensão da dinâmica e papel das organizações sociais do campo, na efetivação de outro projeto de civilização e de desenvolvimento para o continente, uma vez que “no mundo globalizado, a luta internacionalista é chave para mudar o mundo” (ANGEL STRAPAZZON)⁸.

Em sua estratégia de luta, o MOCASE-VC, em conjunto com as organizações que fazem parte do Movimento Nacional Campesino Indígena da Argentina (MNCI), luta por fazer realidade a Soberania Alimentar de seus povos. A atuação do movimento baseia-se em princípios como a preservação das sementes originárias, valorização das mulheres como guardiãs das sementes, no cuidado com os bosques, as águas e a biodiversidade. Ademais, busca-se ainda a recuperação da capacidade produtiva dos trabalhadores do campo e da cidade, com promoção de feiras, luta por preços justos e fortalecimento da economia solidária. Nessa perspectiva, a soberania alimentar é vista como um processo de retorno à Mãe Terra e de solidariedade com os trabalhadores do campo e da cidade.

O processo de luta e resistência do Movimento vai de encontro aos projetos responsáveis por destruir a produção de alimentos de base campesina, na transformação do alimento como mercadoria das companhias multinacionais. Assim, o modelo capitalista do agronegócio é considerado o principal responsável pela fome no mundo, por promover a degradação dos solos, a destruição dos bens naturais, a contaminação das águas, a má qualidade dos alimentos, o aumento do desemprego e o enriquecimento de uns poucos.

Para as organizações do MNCI, a agricultura campesina é considerada a única alternativa para superar a fome e visualizar outro modo de viver, “o bem viver”. A soberania alimentar representa a esperança, o poder de recuperação e de desenvolvimento do conhecimento e da capacidade para produzir alimentos baseados na cooperação, na

⁸ Fala extraída de entrevista concedida pelo representante do MOCASE - VC, MOCASE-VC, Ángel Egidio Strapazzon, à autora e à Jaqueline Tort, aluna da UNSE, dia 09/07/2015, na comunidade de UNICAM Suri em Ojo de Água.

integração e diálogo com a natureza. Nessa perspectiva, a soberania alimentar é entendida como uma direção, um caminho, uma ideia muito poderosa. Esse tema, por sua relevância, atualmente faz parte das agendas dos governos latino-americanos e inclusive nos governos dos estados que participam da FAO.

Para o representante do MOCASE - VC, Ángel Strapazzon, a importância da soberania alimentar também tem a ver com a perspectiva da reforma agrária nos países latino-americanos e, para isso, aponta a necessidade de acumulação de poder popular, frente de massa e correlação de forças; construir processos de conscientização das massas urbanas e rurais; investir na formação de líderes populares, bem como, apoiar ou integrar forma de governos transformadores e revolucionários. Para isso, “é preciso trabalhar a consciência, a mudança de paradigma, a mudança de que necessitam os seres humanos”. Logo, “as escolas populares, a formação, a educação popular é chave”, conclui Strapazzon⁹.

Como forma de vencer a pobreza e a desigualdades, o MOCASE -VC defende a ideia da economia popular e solidária; que os governos devem criar secretarias de economia popular e solidária. A organização política do MOCASE -VC se dá através das centrais camponesas que funcionam em forma de cooperativas ou associações. Elas estão formadas pelos setores de Comunicação, Produção, Formação, Saúde e Território.

Através do Mecanismo de la Sociedad Civil (MSC), o MOCASE - VC, juntamente com outros movimentos sociais, participa do Consejo de Seguridad Alimentária de los Estados (CSA), junto a FAO, onde se discute temas como direito à terra, à água por parte dos pequenos pescadores, direitos dos povos indígenas. A participação da sociedade civil nesse espaço de debate, antes reservado exclusivamente aos Estados, é vista como uma importante conquista dos movimentos sociais por soberania alimentar.

A trajetória do MOCASE - VC chama atenção pela luta e resistência dos camponeses na defesa e permanência em seus territórios, e em favor da construção contra hegemônica do desenvolvimento no território camponês. Este processo se inicia primeiramente contra as “topadoras” e o regime escravo da companhia inglesa La Forestal. Na atualidade, é contra a voracidade e a prepotência dos “sojeros”. Outro destaque é o trabalho com o Sistemas Universitários Rurais Indocamponeses e a criação de Escolas de Agroecologia (UNICAM – SURI) (Santiago del Estero, dentre outras), cujo modelo institucional educativo se embasa nos princípios da educação popular, proposto por Paulo Freire e reúne em sua proposta político- pedagógica os temas da Agroecologia, Direitos humanos e território, Comunicação popular e Música popular.

⁹ Entrevista concedida à autora e à Jaqueline Tort, aluna da UNSE, dia 09/07/2015, na comunidade de UNICAM Suri em Ojo de Agua.

O papel estratégico da Universidade para o fortalecimento das políticas de soberania alimentar e nutricional na Argentina: a experiência da UNLP

Construída no contexto da crise econômica vivida pelo país, a Cátedra Livre de Soberania Alimentar (CLSA) da Universidade Nacional de La Plata, Argentina, nasce em 2003 e trata-se de um espaço de formação transdisciplinar que promove a articulação teórica e prática através de atividades docentes, de extensão e investigação, com ênfase nas experiências dos sujeitos sociais que trabalham em favor da Soberania Alimentar. Fazem parte da CLSA/UNLP as Faculdades de Facultad de Humanidades y ciencias de la Educación; Facultad de Ciencias Naturales; Facultad de Ciencias Exactas; Facultad de Agronomía; Facultad de Periodismo y Comunicación Social; Facultad de Trabajo Social.

Através das Cátedras Livres, a UNLP busca a promoção de áreas da cultura e do saber ainda não abordadas pelos programas universitários convencionais. Deste modo, um dos objetivos da CLSA - UNLP é o de introduzir a proposta da Soberania Alimentar na Universidade Pública. Com isso, busca-se impulsionar a formação teórico-prática sobre a questão da Soberania Alimentar, envolvendo a participação de grupos comunitários, movimentos sociais, cooperativas, pequenos e médios produtores agropecuários e de alimentos; estudantes, docentes, investigadores; organizações não governamentais e instituições do Estado, com foco na agricultura familiar e campesina; a produção agroecológica e a pesca artesanal.

A CLSA - UNLP está integrada à Cátedra Latinoamericana de Soberania Alimentaria Red de Cátedras Libres de Soberania Alimentaria e a coletivos afins a nível nacional e regional. Também tem participação no âmbito do assessoramento em matéria legislativa, propostas na Plataforma de Soberania Ambiental para a província de Buenos Aires.

Em visita aos projetos desenvolvidos pela CLSA - UNLP, na Horta Santa Helena (COCITRA-CLOC-LA VÍA CAMPESINA), situado no Parque Pereyra e nos demais bairros atendidos pelas ações da cátedra, observou-se a existência de uma forte preocupação e comprometimento da UNLP em integrar seus alunos nas discussões críticas em atividades práticas de trabalho de campo, relacionadas ao tema da Soberania Alimentar.

No Parque Pereyra, como nas CTDs Anibal Verón dos Bairros Futuro e Los Hornos (região periférica da cidade de La Plata), integrados em equipes de trabalho coordenadas por seus respectivos professores, os alunos são estimulados todo o tempo a fazer a junção entre teoria e prática, na busca de respostas, alternativas para problemas apresentados, o que dá aos mesmos uma maior criticidade e os auxilia na formação de sujeitos de transformação. No referido Parque a CLSA - UNLP desenvolve práticas de produção de alimento através da agroecologia como matriz tecnológica e se pretende, a partir da experiência desenvolvida na propriedade de uma das famílias habitantes do local, estender

a proposta às demais famílias que habitam o local. Trata-se de uma reserva florestal formada por 1.200 ha de terras, de propriedade do Estado (decreto de expropriação data do ano 1949), onde vivem pequenos produtores familiares. Por meio da CLSA - UNLP está em discussão a criação de uma lei para que toda a produção do parque seja agroecológica.

Em Los Hornos, Futuro e no Bairro Arturo Segui, bairros habitados, em geral, por pessoas bolivianas e paraguaias de origem campesina, as ações da Cátedra envolvem um trabalho de educação popular e de soberania alimentar que chama muito a atenção. As populações habitantes dos bairros referidos enfrentam sérios problemas de habitação, saneamento básico, educação, desemprego. Nestes bairros, a cátedra, através da Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação, executa desde 2001, o projeto de Extensão Universitária “Alfabetização, educação e promoção de direitos”. Este projeto trabalha de forma interdisciplinar onde, por meio de oficinas, são realizadas atividades em conjunto com a Coordenadoria de Trabalhadores Desocupados Anibal Verón (CTDs - AV) que são organizações cooperativas, formadas por trabalhadores desempregados. Conforme sinaliza Torres (2009), as CTDs são organizações criadas em princípio da década de noventa, no contexto de crescente processo de marginalização e exclusão social, decorrente da crise econômica estrutural vivida na época pelo país. A propósito, esta organização configura-se como um dos movimentos de desocupados mais antigos da Argentina, “que arrastra una interesante historia y recorrido de construcción, a la vez que ha asumido un lugar dentro del sector de los “duros” del movimiento piquetero” (TORRES, 2009, p. 281).

Nas CTDs - AV os participantes recebem aulas de alfabetização, por meio do programa “Yo sí puedo”, e discutem temas acerca dos direitos sociais e humanos, desde uma concepção democrática e inclusiva. Nestes espaços, os cooperados estão divididos em grupos de trabalhos distribuídos em atividades como: “veredas” (limpeza de ruas); fábricas de bloco; “quintais” (produção agroecológica de hortaliças); e serviços de preparação e distribuição de refeições dos restaurantes populares. As CTDs - AV são organizações apoiadas pelo governo de Cristina Kirchner que, além de remunerar os trabalhadores, subsidia a compra da produção de hortaliças destinada aos restaurantes populares.

Na conclusão deste artigo, fomos informados de diversas perdas com referência às políticas de fortalecimento da soberania e segurança alimentar e da agricultura familiar camponesa, já em curso, tanto no Brasil como na Argentina. Tais perdas resultam da eleição do governo Macri na Argentina (eleições de 22/11/2015), um representante legítimo da direita e dos interesses do capital estrangeiro, da política de livre mercado e do golpe de Estado em curso no Brasil, desde maio de 2016, contra o governo da presidenta Dilma Rousseff. Nesse sentido, veem-se atingidas as políticas sociais de inclusão da classe trabalhadora da cidade e do campo, implementadas pelos governos do Partido dos

Trabalhadores (PT) (Lula e Dilma), através dos quais o Brasil ganha visibilidade no cenário regional, contribuindo para a configuração de uma nova política de integração dos países latino-americanos e da sua soberania.

Conforme afirma Cárdenas (2016, p. 92),

Lo que hoy sucede en Brasil, no es sino la continuación de un proceso de sometimiento de los países de nuestra región, que puede observarse ya en el reciente caso de Argentina, donde con el ascenso al poder de Mauricio Macri, se ha impuesto una violenta política contra los sectores populares y por la anulación de los derechos sociales.

Como se observa em suas decisões, o novo governo Michel Temer, que assume o poder após o impeachment de Dilma Rousseff, deixa clara a intenção de reinstalar no país políticas econômicas neoliberais de redução dos investimentos sociais, de privatização e entrega das riquezas nacionais ao capital empresarial. Nesse sentido, Stédile (2016, p. 128), defende que:

Las medidas anunciadas o ya tomadas por el gobierno golpista son una tragedia para la vida y el futuro del pueblo brasileño. Pero son coherentes con su plan neo-liberal de reducir costos del trabajo, entregar nuestras riquezas, privatizar lo que pueden y destinar los recursos públicos que iban a la educación, salud y previsión social para los empresarios.

Como exemplo desse retrocesso em curso, destacamos a reforma ministerial que levou à fusão e extinção de pastas como os ministérios das Mulheres, Juventude, Igualdade Racial, Direitos Humanos e do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)¹⁰. Como sublinha Stédile (2016) o fechamento do MDA e, conseqüentemente, dos programas que atendiam diretamente a agricultura familiar camponesa, e os pobres do campo, deixa claro quais são os interesses do governo golpista e qual é a sua forma de atuar.

Na análise de Descamps e Bouafia (2016, 137),

La toma del poder por las derechas en Brasil, sin lugar a dudas va a cambiar radicalmente el panorama político, económico y geopolítico de América Latina. En efecto, Brasil, desde el 2002, ha orientado de manera importante su política regional y ha reforzado sus alianzas con los demás países de izquierda de la región y más particularmente con Venezuela y Argentina.

Na Argentina, por sua vez, os ataques às políticas de fortalecimento da agricultura familiar e da soberania alimentar pelo atual governo do presidente Macri, dentre outras formas, manifesta-se por meio de medidas favoráveis ao modelo agrícola industrial do agronegócio, onde o ministério de Agricultura, Ganaderia y Pesca passa a chamar-se de

¹⁰ O Desenvolvimento Agrário era um ministério autônomo até a entrada de Temer, que fundiu os ministérios do Desenvolvimento Agrário e do Desenvolvimento Social. Disponível: <https://www.brasildefato.com.br>. Acesso: 26 jun. 2016.

Ministério de Agroindústria¹¹. Ao assumir o poder, Macri quis dissolver a SAF, o que desencadeou muita luta e ajuizamento de ação contra seu governo, seguida posteriormente, da manutenção da referida secretaria. Apesar disso, essa não significa a garantia de manutenção das políticas públicas, conquistadas pelos trabalhadores, ao longo do governo da presidente Cristina Kirchner, onde se tem como exemplo a retirada de apoio a iniciativas oriundas dos movimentos sociais populares, ação que já atinge as CTDs - AV¹². Diante disso, e com base em Descamps e Bouafia (2016, 138), podemos afirmar que:

Hoy día, América Latina se encuentra pues en una encrucijada. El continente vive fuertes convulsiones económicas y políticas y nadie sabe lo que va a pasar en los meses por venir. Pero no cabe duda de que Washington no va a pararse en tan buen camino. La Casa Blanca está más que nunca determinada en acabar de una vez con las revoluciones que a su parecer ya duraron demasiado. La reconquista de su hegemonía continental está definitivamente en marcha y sólo la resistencia encarnizada de los pueblos podrá frenar las ambiciones imperialistas en la región.

Conclusões

Diante do atual contexto de agravamento dos problemas ambientais e da pobreza, provocados pelo avanço da agricultura capitalista no campo, é urgente a necessidade de se construir alternativas que busquem fortalecer iniciativas que apontam caminhos para outra lógica societária e produtiva. Nessa perspectiva, entende-se que o debate do tema da soberania alimentar é de grande relevância para a sociedade e sua ampliação depende de um conjunto de ações envolvendo as diversas instâncias político-organizativas, como movimentos sociais, centros de formação acadêmica e setores governamentais.

Desde o âmbito acadêmico, o trabalho de pesquisa e extensão deve se somar às iniciativas sociais populares que contribuam para os processos de desenvolvimento territorial camponês. Nesse sentido, deve viabilizar coletivos de análises e discussões de políticas públicas de soberania alimentar e o papel que cumpre a agricultura familiar, desde uma perspectiva popular, democrática e sócio-transformadora.

A questão da soberania e segurança alimentar na América Latina, sem dúvida, é chave na construção de processos libertadores para o continente. Logo, defender as políticas públicas para a agricultura familiar camponesa, conquistadas pela força da organização dos movimentos sociais do campo, tanto no Brasil como na Argentina, é extremamente necessária à soberania e desenvolvimento do continente Latino Americano; uma questão crucial e desafiadora no contexto de retomada das forças conservadoras, ao

¹¹ Disponível em: <http://www.agroindustria.gob.ar/sitio/>. Acesso em: 22 jun.2015.

¹² Informação acessada através de comunicação com o Professor Federico Lopardo, UNLP e funcionário do Ministério da Agricultura, na Argentina, em 22 de junho de 2016, por meio digital.

centro dos governos do Brasil, pós-impeachment da Presidenta Dilma Rousseff e de eleição do presidente Mauricio Macri na Argentina.

Como aborda Fernandes (2015), a questão da soberania alimentar é um tema que não interessa aos governos conservadores/antidemocráticos, pois estão comprometidos com os interesses do grande capital, das corporações nacionais e transnacionais, mercadoras de alimentos. Assim, seus interesses estão acima dos interesses da sociedade, não sendo a agricultura familiar camponesa pauta de discussão à política do desenvolvimento territorial, mas sim o agronegócio e a sua produção de commodities.

Nesse sentido, a soberania alimentar, como território do campesinato, constituída na luta por políticas públicas e na discussão democrática dos povos do campo sobre o direito de escolha do quê produzir e como produzir, seguirá sendo uma forte bandeira de luta para o continente, questão desafiadora contra o retrocesso e em favor da soberania e emancipação dos povos. Para tanto, será na rua onde o povo latino-americano terá que lutar frente a nova ofensiva do capital. “En las calles será donde los movimientos sociales, los estudiantes, los trabajadores, los pobres tendrán que luchar para preservar sus derechos sociales y políticos” Descamps e Bouafia (2016, p. 136).

Referências

ALTIERI, M. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **Revista NERA**, ano 15, edição especial - agosto de 2012. São Paulo: FCT/UNESP.

BATISTA, Â. F. **Consciência e territorialização contra-hegemônica**: uma análise das políticas de formação da Via Campesina América do Sul. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, São Paulo.

BUAINAIN, A. M. **Agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento sustentável**: questões para debate. Brasília: IICA, 2006.

CÁRDENAS, I. Un zarpazo más del império. In GENTILI, P; MARÍA, V. S; TROTTA, N. (Organizadores). **Golpe en Brasil**: genealogía de una farsa. Buenos Aires: CLACSO; Buenos Aires: Fundación Octubre; Buenos Aires: UMET, Universidad Metropolitana para la Educación y el Trabajo, 2016.

DESCAMPS, E; BOUAFIA, T. Crónica de un golpe anunciado. In GENTILI, P; MARÍA, V. S; TROTTA, N. (Organizadores). **Golpe en Brasil**: genealogía de una farsa. Buenos Aires: CLACSO; Buenos Aires: Fundación Octubre; Buenos Aires: UMET, Universidad Metropolitana para la Educación y el Trabajo, 2016.

FAO. **Agricultura Familiar en América Latina**: Recomendaciones de Política. Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura Santiago, Chile, 2014.

FERNANDES, B.M. Soberanía Alimentar como Território. In. VIDOTTE, B.T.; SCHWENDLER, S.F. (Organizadoras). **Conflitos agrários: seus sujeitos, seus direitos.** Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015.

JARA, C. **Procesos enmarcadores, demandas y escalas de las luchas agrarias: La resistencia del Movimiento Campesino de Santiago del Estero frente al acaparamiento mundial de tierras (2008-2012).** 2014. Tese (Doutorado em Humanidade) - UNT San Miguel de Tucumán.

PAZ, R., DE DIOS, R. y GUTIÉRREZ, M. **La Agricultura Familiar en Santiago del Estero.** Cuantificación y análisis a partir de los datos del Registro Nacional de la Agricultura Familiar. Ed. MAGNA. Tucumán, 2014.

SABOURIN, E., SAMPER, M., y SOTOMAYOR, O. **Políticas públicas y agriculturas familiares en América Latina y el Caribe Balance, desafíos y perspectivas.** CEPAL - Colección Documentos de Proyecto. Naciones Unidas, Santiago de Chile, 2014.

STEDILE, J.P; CARVALHO, H.M de. Soberania Alimentar. In CALDARTE, R.S; PEREIRA, I.B; ALENTEJANO, P; FRIGOTO, G. (organizadores). **Dicionário de Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

STÉDILE, J. P. Los golpistas mostraron a qué vinieron. In GENTILI, P; MARÍA, V. S; TROTTA, N. (Organizadores). **Golpe en Brasil: genealogía de una farsa.** Buenos Aires: CLACSO; Buenos Aires: Fundación Octubre; Buenos Aires: UMET, Universidad Metropolitana para la Educación y el Trabajo, 2016.

TEUBAL, M. O campesinato frente à expansão dos agronegócios na América Latina. In PAULINO, E. & FABRINI, J. E. (organizadores). **Campesinato e territórios em disputa.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

TORRES, F. **Entre la Identidad y La Política: La CTD-Aníbal Verón.** Andamios - Volume 5, número 10, abril, 29, pp. 279-308. Ano: 2009.

Recebido para publicação em 04 de julho de 2016.

Devolvido para a revisão em 23 de setembro de 2016.

Aceito para a publicação em 24 de outubro de 2016.

La Soberanía Alimentaria desde la Extensión Universitaria: repensando ‘los’ territorios y la distinción urbano/rural a través de la experiencia de la Cátedra Libre de Soberanía Alimentaria (UNLP- Argentina)

Fernanda Torres

CISH-IdIHCS-UNLP/CONICET
e-mail: fernandav_torres@yahoo.com.ar

Fernando Glenza

CLSA-FPyCS-UNLP
e-mail: fglenza@perio.unlp.edu.ar

Luis Santarsiero

CLSA-Cimecs-IdIHCS-UNLP/CONICET
e-mail: luissantarsiero@gmail.com

Ana Ottenheimer

CLSA-LIAS-UNLP
e-mail: aottenheimer@fcnym.unlp.edu.ar

Resumen

El presente trabajo aporta al debate en torno a los alcances del paradigma de la Soberanía Alimentaria, desde el enfoque particular que supone la práctica de la Extensión Universitaria. De esta manera, se hará eje en el análisis de una de las experiencias extensionistas realizadas en el marco de la Cátedra Libre de Soberanía Alimentaria de la Universidad Nacional de La Plata en Argentina: la Huerta Ecológica Santa Elena del Parque Pereyra Iraola. Dicha experiencia nos permitirá repensar el tipo de territorio que se construye en las prácticas productivas agroecológicas como herramienta de la Soberanía Alimentaria y su vinculación con la extensión universitaria. También nos permitirá poner en tensión, una vez más, la dicotomía urbano/rural tantas veces discutida desde un anclaje empírico concreto.

Palabras clave: Urbano/rural; territorios; prácticas extensionistas.

Soberania Alimentar e Extensão Universitária: Repensando os territórios e a diferença entre o urbano e o rural a partir da experiência da Cátedra Livre de Soberania Alimentar (UNLP-Argentina)

Resumo

Este trabalho procura contribuir ao debate sobre o paradigma da Soberania Alimentar, desde a abordagem particular e envolve a prática de Extensão Universitária. O eixo de análise será uma das experiências de extensão realizadas no âmbito da Cátedra Livre de Soberania Alimentar da Universidade Nacional de La Plata na Argentina: a Horta Ecológica Santa Elena no Parque Pereyra Iraola. Esta experiência vai permitir-nos repensar o tipo de território que é construído nas práticas agroecológicas produtivas como ferramenta da Soberania Alimentar, assim como problematizar a tensão da dicotomia urbano / rural, tantas vezes discutida, a partir de um fundamento empírico concreto.

Palavras-chave: urbano/rural; territórios; práticas de extensão.

Food Sovereignty from the University Extension: rethinking 'the' territories and the urban / rural distinction through the experience of the Cátedra Libre de Soberanía Alimentaria (UNLP-Argentina)

Abstract

This paper aims to the debate about the scope of food Sovereignty Paradigm, from the particular approach that involves the practice of University Extension. It focus in the analysis of one of the extension experiments carried out in the Cátedra libre de Soberanía Alimentaria of the National University of La Plata in Argentina: Ecological Santa Elena Orchard in Park Pereyra Iraola. This experience will allow us to rethink the kind of territory that is built into the agro-ecological production practices as a tool of Food Sovereignty and its connection with the extension practices and will allow us to rethink once again the urban / rural as many times dichotomy discussed, from a concrete empirical anchorage.

Keywords: Urban/rural; territories; extension practices.

Introducción

El presente trabajo aporta al debate en torno a los alcances del paradigma de la Soberanía Alimentaria, desde el enfoque particular que supone la práctica de la Extensión Universitaria. De esta manera, se hará eje en el análisis de una de las experiencias extensionistas realizadas en el marco de la Cátedra Libre de Soberanía Alimentaria de la Universidad Nacional de La Plata (UNLP) en Argentina: la Huerta Ecológica Santa Elena del Parque Pereyra Iraola. Dicha experiencia nos permitirá repensar el tipo de territorio que se construye en las prácticas productivas agroecológicas como herramienta de la Soberanía Alimentaria y su vinculación con las prácticas extensionistas, y también nos permitirá poner en tensión una vez más la dicotomía urbano/rural tanta veces discutida, desde un anclaje empírico concreto.

Para esto proponemos iniciar el recorrido presentando los debates teóricos en torno al concepto de territorio y los procesos de territorialización, desterritorialización y reterritorialización que nos permiten analizar el alcance que supone la constitución de territorios de Soberanía Alimentaria. Repasando brevemente los lineamientos de dicho paradigma discutimos sobre la distinción urbano/rural y la posibilidad de definir el espacio rururbano, asociado a la idea de continuo rural urbano.

A continuación presentamos la historia de la constitución de la Cátedra Libre de Soberanía Alimentaria de la UNLP, sus ideas motrices y su forma de funcionamiento, deteniéndonos en la experiencia territorial que motiva el análisis puntual de este trabajo: la Huerta Ecológica Santa Elena, en el Parque Pereyra Iraola, un espacio que definimos como rururbano.

Para finalizar, presentamos algunas palabras finales a modo de cierre y de apertura de futuras reflexiones.

Territorios y procesos geográficos T-D-R

Definimos comenzar por una enunciación en plural del concepto de territorio para, desde el comienzo, dar cuenta de la complejidad que supone su tratamiento. Concepto clave de las ciencias geográficas, es habitual encontrar su utilización sin acompañarlo de definiciones claras y explícitas, lo cual ha llevado a diversas confusiones y malinterpretaciones.

El surgimiento del concepto de territorio se remonta a Friedrich Ratzel, fundador de la geografía humana, quien, en el contexto de la Alemania de fines del S XIX, define el territorio fundamentalmente con referencia al Estado.

En 1980 el francés Claude Raffestin publica “Por una geografía del poder” en donde, considerando el pensamiento de Foucault, el autor sostiene que

[...] el poder no se adquiere; es ejercido a partir de innumerables puntos [...]. Las relaciones de poder no están en posición de exterioridad con respecto a otros tipos de relaciones (económicas, sociales, etc.), pero son immanentes a ellas. (RAFFESTIN, 1993, p. 53, traducción propia).

El territorio se entiende como la manifestación espacial del poder fundamentada en relaciones sociales determinadas, en diferentes grados, por la presencia de energía – acciones y estructuras concretas- y de información – acciones y estructuras simbólicas.

Otro geógrafo, Robert Sack (1986) analiza la territorialidad humana en la perspectiva de las motivaciones. La territorialidad es una tentativa o estrategia, de un individuo o grupo para alcanzar, influenciar o controlar recursos y personas a través de la delimitación y control de áreas específicas – los territorios. Lopes de Souza (1995), en este mismo sentido, enuncia que el territorio es el espacio determinado y delimitado por y a partir de relaciones de poder que define así un límite y que opera sobre un sustrato referencial, en definitiva, el territorio es definido por relaciones sociales. Tal como lo había sostenido ya Simmel (1939) a fines del siglo XIX y principios del XX: “El límite no es un hecho espacial con efectos sociológicos, sino un hecho sociológico con una forma espacial” (SIMMEL, 1939, p. 216).

Un territorio supone un espacio determinado y controlado socialmente, supone la construcción de un espacio en el cual se ejerzan relaciones de poder que permitan su control, la definición de quienes tienen acceso a él y quienes no, la determinación de sus usos posibles (TORRES, 2013). Consideramos desde esta perspectiva, que los tipos de territorios construidos por las prácticas de la Soberanía Alimentaria deben ser

problematizados. Y a dicha problematización teórica le sumamos la reflexión sobre la práctica extensionista, sus definiciones e interacciones. Uno de los pilares fundamentales que informa la labor extensionista de la Cátedra Libre de Soberanía Alimentaria (CLSA), es el trabajo en territorios y éstos suponen una amalgama específica de actores de la Extensión en relación con los actores del territorio y con las instituciones, entre ellas la propia Universidad. Volveremos sobre este punto.

Las concepciones de Soberanía Alimentaria propuestas en las dos últimas décadas por diversos Movimientos Sociales, entre ellos, La Vía Campesina, plantean prácticas superadoras a la concepción de Seguridad Alimentaria avalada por organismos internacionales pertenecientes a las Naciones Unidas (ONU).

Una de las definiciones fundacionales de Soberanía Alimentaria declarada en la II Conferencia Internacional de La Vía Campesina en Tlaxcala, México, en abril de 1996, corresponde a

[...] el derecho de los pueblos a definir su propia alimentación y agricultura; a proteger y regular la producción y comercialización nacional a fin de lograr objetivos de desarrollo sostenibles; a determinar la medida en que quieran ser autosuficientes; a restringir el 'dumping' de productos en sus mercados; y a proporcionarle a las comunidades de campesinos, pueblos indígenas y pescadores artesanales la prioridad en la administración del uso de recursos y los derechos sobre los mismos (WINDFUHR, JONSÉN, 2005, p. 3).

En vinculación con la concepción de Seguridad Alimentaria, la Soberanía Alimentaria es definida por La Vía Campesina como:

[...] el derecho de cada nación de mantener y desarrollar su propia capacidad de producir alimentos que son decisivos para la seguridad alimentaria nacional y comunitaria, respetando la diversidad cultural y la diversidad de los métodos de producción. [...] la seguridad alimentaria no puede lograrse sin tomar totalmente en cuenta a quienes producen los alimentos. Cualquier discusión que ignore nuestra contribución, fracasará en la erradicación de la pobreza y el hambre. La alimentación es un derecho humano básico. Este derecho se puede asegurar únicamente en un sistema donde la Soberanía Alimentaria esté garantizada (WINDFUHR, JONSÉN, 2005, p. 47).

Así fue expresada en noviembre de 1996 en Roma, durante el Foro Mundial por la Seguridad Alimentaria que se realizó en paralelo a la Cumbre Mundial de la Alimentación patrocinada por el Organismo de Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura (FAO). Resaltando siete principios para lograr la Soberanía Alimentaria: Alimentación, un Derecho Humano Básico; Reforma Agraria; Protección de Recursos Naturales; Reorganización del Comercio de Alimentos; Eliminar la Globalización del Hambre; Paz Social y Control Democrático (WINDFUHR, JONSÉN, 2005, p. 47-49)

Mientras tanto, en la cumbre organizada por la FAO, los representantes técnicos y políticos gubernamentales, definieron que:

[...] la seguridad alimentaria existe cuando todas las personas tienen, en todo momento, acceso físico, social y económico a alimentos suficientes, inocuos y nutritivos que satisfacen sus necesidades energéticas diarias y preferencias alimentarias para llevar una vida activa y sana (FAO, 2011).

Dicha definición de la FAO plantea cuatro dimensiones primordiales de la Seguridad Alimentaria: Disponibilidad física de los alimentos; Acceso económico y físico a los alimentos; Utilización de los alimentos (referido a la obtención de una buena condición nutricional de los individuos) y Estabilidad en el tiempo de las tres dimensiones anteriores¹. Para que puedan cumplirse los objetivos de Seguridad Alimentaria deben realizarse simultáneamente las cuatro dimensiones.

El paradigma de la Seguridad Alimentaria dice poco en torno a las formas mediante las cuales se puede garantizar de manera estable la disponibilidad física, el acceso y la utilización de los alimentos requeridos para vivir de manera sana y activa. No involucra la discusión en torno a los modos de producción, transformación, comercio y consumo de alimentos, y los conflictos que eventualmente se originen en la confrontación entre posiciones divergentes y, en ocasiones, antagónicas. De la misma manera, la Seguridad Alimentaria no atiende ni problematiza los diferentes territorios que son construidos en base a estas posturas antagónicas.

Frente a estas ausencias y olvidos, el paradigma de la Soberanía Alimentaria pone el acento en las modalidades a través de las cuales son producidos, procesados, distribuidos y consumidos los alimentos y subraya la necesidad de respetar la diversidad cultural y de métodos que los mismos conllevan.

Podemos entonces sostener que los pueblos pierden Soberanía Alimentaria cuando sus políticas alimentarias son definidas fuera de su territorio y sin participación activa de los directamente involucrados. El modelo agroexportador que esta postura que involucra es fomentado por las grandes empresas transnacionales de la transformación y la distribución alimentaria, respondiendo a sus intereses económicos y políticos que buscan imponer sistemas productivos basados en el monocultivo y en la homogeneización de la producción, eliminando la diversidad y la autonomía, tanto de cultivos como de métodos de producción.

Proponemos analizar “los” territorios en los que se asientan o pretenden asentarse experiencias coincidentes con el horizonte de la Soberanía Alimentaria porque, efectivamente poseen características diferentes, partiendo de la centralidad de la escala local para su constitución.

¹ Los analistas de la Seguridad Alimentaria han encontrado que es útil definir dos categorías generales de inseguridad alimentaria en relación a su temporalidad: inseguridad alimentaria crónica e inseguridad alimentaria transitoria.

Sin embargo, todos esos territorios de la Soberanía Alimentaria suponen una construcción política y conflictiva, puesto que se enfrentan a “otros” territorios posibles, como el territorio de la Seguridad Alimentaria; se transforma el propio alimento en un territorio en disputa: qué alimento producir y cómo hacerlo, son posibilidades que se definen en la confrontación entre caminos diferentes. Es decir, bregar por la Soberanía Alimentaria es bregar por la construcción de un territorio en el cual pueda ejercerse dicha Soberanía, poder decidir la producción y sus formas, tomando en cuenta la perspectiva de quienes realizan la producción, sus valores, sus tradiciones, sus convicciones, sus deseos y determinaciones respecto a cómo producir (con qué herramientas e insumos, cómo realizar el tratamiento de la tierra, que semillas utilizar, etc.), cómo comerciar lo producido (si se vende lo producido a las cadenas comerciales dominantes o si se instrumentan vías alternativas de comercialización bajo la consigna “del productor al consumidor”, sin intermediaciones) y cómo repartir la ganancia de dicha producción. Podemos identificar diversas experiencias de movimientos y colectivos sociales que, a través de un proyecto político, pugnan por la instauración de otros sistemas alimentarios que promueven la construcción de otros territorios.

María Cristina Cravino (2009), a su vez, incorpora a la idea de territorio y de territorialidad una forma de repensar la constitución del mismo desde diferentes dimensiones en las que se juegan las legitimidades y reconocimientos de los actores intervinientes en directa relación con el Estado. En este caso, veremos cómo justamente un territorio en tensión se va reposicionando a lo largo del tiempo dentro de una jurisdicción intervenida por diferentes agencias gubernamentales, municipios y políticas públicas.

La expansión y/o creación de territorios son acciones en las que se explicita la conflictualidad y las contradicciones de las relaciones sociales. Debido a esas características, ocurre al mismo tiempo la expansión y la destrucción; la creación y el reflujo. Ese es el movimiento de los procesos geográficos conocidos como T-D-R, o territorialización – desterritorialización – reterritorialización. Estos procesos de T-D-R que describen, entre otros, Fernandes (2005 y 2009); Haesbaert (2007); Hiernaux y Lindón (2004) ayudan a echar luz sobre lo que aquí se quiere identificar.

Los procesos de desterritorialización están asociados a los mecanismos de globalización que refieren al desanclaje de los sujetos de sus propios territorios y la inmersión de lógicas externas en su definición y uso.

La perspectiva escalar la consideramos central para poder comprender los mecanismos mediante los cuales se combaten los procesos de desterritorialización promovidos por los agentes económicos globales y externos. En reiteradas oportunidades, es el anclaje de los actores productivos (campesinos, agricultores familiares y/o

comunidades productivas), en su espacio local el que permite su constitución como sujetos y vehiculiza los procesos de reterritorialización de esos espacios.

Son, entonces, los territorios locales², en su diversidad y en sus múltiples configuraciones los que permiten enfrentar la dominación del “espacio abstracto” (LEFEBVRE, 2013) del capital.

Tal como ya dijimos, a pesar de la heterogeneidad y multiplicidad de las experiencias locales, consideramos que hay un horizonte común que permite la mancomunidad de ciertos territorios, ligados por un patrón de construcción que alienta sistemas de producción anclados en valores, normas y expectativas de los sujetos activos y protagonistas de la producción y no sólo del lucro y la comodificación, y es donde se construyen escenarios en los que puede vislumbrarse una posible articulación de expectativas en la Soberanía Alimentaria como objetivo común.

Urbano y rural: una distinción en debate

La distinción entre “urbano” y “rural” ha sido motivo de reiteradas discusiones teóricas y empíricas. En primer lugar podemos identificar dos tipos de definiciones: las llamadas “objetivas” o “teóricas”, que pretenden dar cuenta tanto de lo rural como de lo urbano a partir de la observación de un conjunto de características consideradas definitorias de cada uno de esos ámbitos, y las definiciones “normativas” o “estadísticas” que determinan la existencia de cierto número mínimo de población a partir de la cual una aglomeración pasaría a ser considerada urbana, mientras que todas las entidades que no alcancen dicho tamaño son consideradas parte del conjunto de población rural.

P. Sorokin y C. Zimmerman (1928) definieron ocho grupos de variables que, a su modo de ver, distinguían las condiciones de vida rural y urbana; estos aspectos eran: empleo, medio ambiente, tamaño de la comunidad, densidad de la población, homogeneidad de la población, diferenciación social, movilidad y sistemas de interacción social. Pierre George señala que la dificultad de clasificar a la población urbana y rural estriba en lo impreciso de los criterios empleados para distinguir una de otra: con la discriminación numérica, es difícil lograr comparaciones a nivel mundial; las divisiones administrativas son diferentes entre un Estado y otro; el número de habitantes por kilómetro cuadrado o milla cuadrada es un criterio muy acotado y no basta para caracterizar una ciudad o una aldea; en países asiáticos existen localidades urbanas donde predominan las

² La escala local, sin embargo no puede ser entendida como un espacio cerrado, sino como un entramado de interacciones con el afuera y con las escalas regionales, nacionales y globales; de lo contrario caeríamos en una nueva fetichización de lo espacial, asumiendo la posibilidad de pensar en constitución de fronteras rígidas y estáticas que marcan la delimitación de un “lugar” cerrado, armónico y homogéneo asociado a una escala de interacción local, desprovista de tensiones.

actividades agrícolas y en naciones desarrolladas, en algunas aldeas, son preponderantes las actividades no agrícolas.

A pesar de lo operativa que resulta la clasificación censal, un análisis más detallado muestra que a menudo resulta sumamente difícil caracterizar inequívocamente a un área como urbana o rural, especialmente si en esa área predomina la población rural -desde el criterio censal-, pero se encuentra rodeando a una gran metrópoli, con una clara influencia de ésta. En este contexto, el concepto de "espacio rururbano", matiza la dureza de la oposición conceptual urbano-rural (...) (BARROS, 1999, s/p)

La idea de espacio rururbano puede asociarse a la de continuo rural urbano desarrollada por antropólogos como R. Redfield (1941,1944) u O. Lewis (1961), quienes contribuyeron a matizar la dicotomía que se expresa a través de la oposición de estas dos categorías. Desde el punto de vista del análisis territorial, se han intentado establecer diferentes categorías dentro de este continuo que permitieran ubicar, en un extremo, al espacio claramente urbano y en el otro al espacio indudablemente rural. Una de las formulaciones más citadas, es la de García Ramón, Tulla i Pujol y Valdovinos Perdices (2014); en ella aparecen seis categorías: 1) el espacio urbano propiamente dicho, 2) el espacio periurbano o áreas urbanas discontinuas, 3) el espacio semiurbano (con alternancia de usos), 4) el espacio semirural urbanizado, 5) el espacio rural dominado por la actividad agraria pero con algunas influencias urbanas como por ejemplo las derivadas de la descentralización industrial y, por último, 6) el espacio rural "marginal". Según los autores citados, el tercer y cuarto círculos representan el ejemplo más evidente de espacio rururbano.

El área bajo estudio, el Parque Pereyra Iraola, constituye un parque provincial, ubicado en el área metropolitana y el cual se encuentra bajo la jurisdicción de cuatro municipios de la provincia de Buenos Aires: Berazategui, Florencio Varela, Ensenada y La Plata. El parque cuenta con una superficie de 10.248 hectáreas y constituye la zona de mayor biodiversidad de la provincia de Buenos Aires. Podemos considerar a la población que vive de manera permanente en el parque como población rural dispersa (no aglomerada) y al parque como una zona rururbana o periurbana: es un área en la cual predomina la población rural, pero se encuentra rodeando grandes metrópolis, con una clara influencia de éstas. Es sobre dicho Parque, donde se asienta una de las experiencias territoriales de la Cátedra Libre de Soberanía Alimentaria de la UNLP, la cual motiva el análisis empírico de las reflexiones propuestas en este trabajo.

La Cátedra Libre de Soberanía Alimentaria (UNLP): un proyecto extensionista y un proyecto político

La génesis de la Cátedra Libre de Soberanía Alimentaria (CLSA) puede rastrearse en la crisis del año 2001, que se reveló para la Argentina como un momento en el cual muchas certezas tambalearon. Entre ellas, la estabilidad económica para la clase media, pero también tambalearon certezas simbólicas tales como que en Argentina nadie pasaba hambre, en Argentina no se discriminaba, en Argentina no conseguían trabajo solamente aquellos que no querían trabajar, en Argentina amparábamos a todo el mundo, en Argentina, en definitiva, podíamos estar mal, pero íbamos a mejorar, y lejos estábamos del resto de los países de Latinoamérica, pobres, caóticos y racialmente distintos.

Frente al contexto de crisis generalizada en la que se encontraba el país, los que luego se constituyen en integrantes de la CLSA entienden que es impostergable discutir y profundizar el rol que la Universidad, en tanto entidad pública y estatal, debía tener frente a la problemática planteada. Es considerando indispensable, en esa línea de pensamiento, garantizar que la producción de conocimiento que se genera en el espacio académico se articule y se construya en diálogo con las necesidades y demandas de los distintos sectores de la sociedad.

La CLSA fue creada a comienzos del año 2003, integrada por estudiantes, docentes, graduados y ciudadanos no vinculados al medio universitario, con diferentes formaciones disciplinares, perspectivas político-ideológicas y trayectorias de vida. Se fue gestando, de esta manera, como un ámbito de integración interdisciplinar y comunitario.

Pese a la decisiva intervención en su génesis y en su seno de sujetos ajenos al mundo universitario, la CLSA puede ser definida *prima facie* como un espacio perteneciente a la Universidad, y sus tareas, conceptualizadas desde la Extensión Universitaria.

Esto es así porque, en la medida que su naturaleza se puede definir a partir de sus prácticas, la CLSA desarrolla especialmente actividades de formación/educación destinadas a sujetos y colectivos no universitarios, pero asimismo porque la índole de la formación que construye y comparte se funda en las capacidades específicas que los miembros han adquirido a lo largo del tránsito por las aulas de carreras universitarias.

Participan formalmente –por resolución de sus Consejos Directivos- seis Unidades Académicas de la UNLP: la Facultad de Ciencias Naturales y Museo, la Facultad de Trabajo Social, la Facultad de Ciencias Agrarias y Forestales, la Facultad de Ciencias Exactas, la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación y la Facultad de Periodismo y Comunicación Social.

La CLSA integra saberes de distintos marcos teóricos, vinculados al arco de disciplinas que se enseñan en la UNLP, tales como nutrición y tecnologías de la alimentación, antropología, trabajo social, sociología, ecología, zoología, botánica, química y tecnología ambiental, comunicación social, periodismo, agronomía, veterinaria, abogacía y pedagogía. También se integran otros conocimientos como disciplinas artísticas. Se

articulan de esta manera, conocimientos y experiencias sobre desarrollo rural, movimientos sociales, agroecología, interculturalidad, producción de alimentos sanos, legislación agraria y de propiedad de la tierra y bienes comunes naturales.

La CLSA intenta funcionar como un espacio de trabajo horizontal, donde la dinámica de toma de decisiones se resuelve en el marco de reuniones generales de todos sus integrantes. Estas reuniones se llevan a cabo alternativamente en dependencias de las diferentes unidades académicas.

En este sentido, la forma de funcionamiento adoptada establece una diferencia sustancial con respecto a la prescrita por la UNLP para sus Cátedras Libres en general. Estas adoptan una estructura de funcionamiento jerárquico que distingue por un lado entre la figura de un director o presidente de cátedra y los miembros por otro, reproduciendo la estructura piramidal de las cátedras clásicas universitarias. Asimismo, otra diferencia importante lo constituye el hecho de que si bien funciona en la órbita de la UNLP no es una Cátedra Libre que dependa de la Presidencia de la Universidad, sino que depende directamente de las Facultades que las avalan. Así, por cada Unidad Académica involucrada se referencia un coordinador que cumple las funciones de articular a la CLSA con el espacio institucional correspondiente.

Para el desarrollo de tareas específicas, los integrantes se agrupan de acuerdo a sus capacidades y afinidades y constituyen subgrupos de trabajo con frecuencia de reunión variable.

Los co-partícipes de la CLSA son grupos comunitarios, movimientos sociales, cooperativas, pequeños y medianos productores, consumidores, estudiantes, docentes, investigadores, ONGs, trabajadores de la industria alimenticia, y todos aquellos actores vinculados con la defensa de la Soberanía Alimentaria.

La CLSA adhiere al concepto de Soberanía Alimentaria enunciado más arriba, lo cual implica conceptualizar a la Soberanía Alimentaria como una reformulación en la manera de comprender las relaciones entre el campo y la ciudad, la actividad productiva, el papel del campesinado, el modelo de agricultura y el consumo de alimentos. Promueve Derechos Universales, como el “Derecho Humano a una alimentación adecuada y a no padecer hambre”, asegurando alimentos nutritivos y culturalmente apropiados, accesibles, producidos de forma sustentable y ecológica, así como a decidir democráticamente su sistema alimentario y productivo.

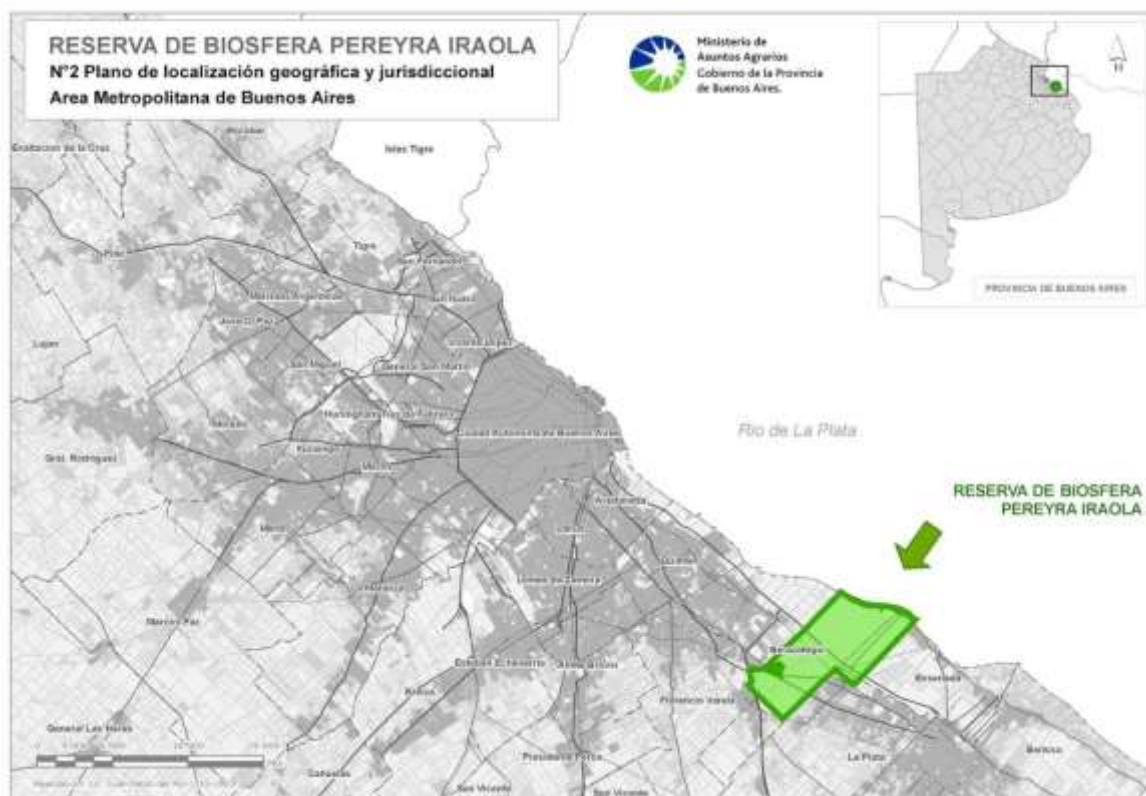
En este sentido, el caso de la práctica extensionista desarrollada en la Huerta Ecológica Santa Elena, unidad de producción agroecológica, localizada en la Parque Pereyra Iraola, representa un caso interesante para analizar no sólo la posibilidad de construir un territorio de Soberanía Alimentaria, sino la posibilidad de construirlo desde el entramado de una unidad productiva familiar en interacción con la práctica extensionista de

la CLSA. ¿Nos encontramos ante prácticas del territorio que proponen nuevos modos de pensar y desarrollar la economía, la salud, la educación, la alimentación? ¿Es posible constituir un territorio de la Soberanía Alimentaria en una zona rururbana, atravesada por múltiples tensiones y dificultades? ¿La interacción con la CLSA ayuda a sostener una unidad de producción agroecológica en una escala local? ¿De qué manera se toman las decisiones en torno a qué alimentos producir, de cómo producirlos y cómo comercializarlos? Estos son algunos de los interrogantes que motivan estas reflexiones.

La Huerta Ecológica Santa Elena del Parque Pereyra Iraola

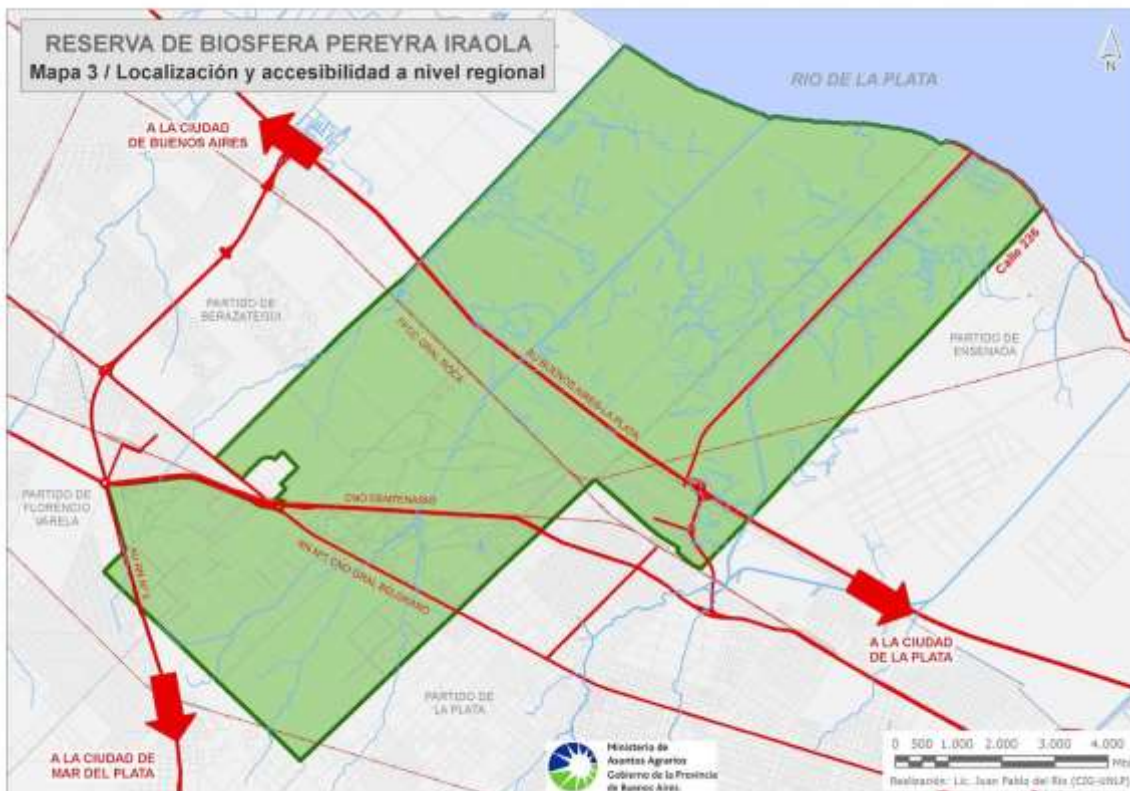
El Parque Pereyra Iraola (PPI) constituye uno de los pulmones verdes más importantes de la República Argentina, teniendo en cuenta su localización. Se halla situado en la provincia de Buenos Aires, la más populosa, entre la ciudad capital del país, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, y la ciudad de La Plata, que es la capital de la provincia. Se ubica en lo que se conoce como conurbano sur y ocupa 10.248 hectáreas. Fue creado por decisión presidencial en enero de 1949 e inaugurado en febrero de 1950, a partir de la expropiación de tierras de dos estancias, pertenecientes a diferentes miembros de la familia terrateniente Pereyra Iraola.

Figura 1: Localización el PPI en la provincia de Buenos Aires, Argentina.



La decisión de la expropiación de estas tierras y la creación del PPI se fundó en la necesidad de contar con un cordón verde frente al crecimiento acelerado de la urbanización entre la capital nacional y la provincial, así como dotar a la ciudadanía de la zona de un espacio recreativo. En términos de estrategia política y económica, la expropiación se fundó en el diagnóstico elaborado desde el gobierno central, como una medida destinada a fortalecer al sector agropecuario formado por pequeños productores familiares, arrendatarios y peones rurales, a fin de consolidar la producción de alimentos destinada al mercado interno y favorecer al sector industrial urbano desde su excedente, así como asegurar el pleno empleo en el sector rural y aumentar la capacidad de consumo de los sectores rurales más postergados (LATTUADA, 2002). Al cambiar las condiciones macroeconómicas a partir de 1949, estas medidas fueron revertidas y la expropiación de tierras que conformó al PPI fue prácticamente una de las últimas desarrolladas durante los primeros gobiernos de Juan Domingo Perón.

Figura 2: Mapa general del PPI



La administración del Parque Pereyra resulta compleja, cuatro municipios (La Plata, Ensenada, Berazategui y Florencio Varela) y el Estado provincial tienen jurisdicción sobre él, aunque la administración última de la reserva recae sobre la Provincia. A su vez, distintas entidades de investigación tienen su sede en el predio, el cual cuenta también con

instituciones de enseñanza primaria y secundaria e instituciones de formación de la policía de la Provincia de Buenos Aires.

Los primeros agricultores familiares se instalaron en el PPI a mediados de 1949, en el marco de los planes de colonización desarrollados por el Estado que estableció una superficie de 1.200 hectáreas para la producción hortícola. Estos colonos se instalaron con un régimen de tenencia provisoria de la tierra, y con el pago de un canon, en calidad de contraparte, al Estado provincial. Actualmente y desde hace varios años, se encuentran en cesación de pagos y muchos de ellos judicializados por la Fiscalía de Estado de la provincia de Buenos Aires. Si bien originalmente los colonos se caracterizaban por ser migrantes internos, la población fue siendo paulatinamente sustituida por migrantes limítrofes, especialmente de origen boliviano.

Durante buena parte de los años ochenta y noventa la situación extrema que tuvieron que vivir muchos de sus antiguos productores estuvo cargada de conflictos y restricciones económicas. A partir de 1992, se profundizaron irregularidades administrativas que pusieron en riesgo la posesión de la tierra, sumada a la crisis del sector agropecuario durante la década del 90, en donde “entre 1988 y 2002, se perdieron más de 100.000 unidades productivas pertenecientes a los productores minifundistas” (MAIDANA, PEREZ, TITO, TURCO, 2005, p. 42).

Como corolario, para finales de los años noventa, la prensa local insistió en que había un aumento de ocupantes ilegales de los terrenos del Parque. Estrategia comunicacional que puede ser interpretada como parte de un intento desarrollado por sectores ligados a los negocios inmobiliarios por lograr el abandono del PPI de sus ocupantes productores y someter al PPI a un loteo destinado a la constitución de barrios privados que tomaron mucho impulso en la zona durante la última década del pasado siglo.

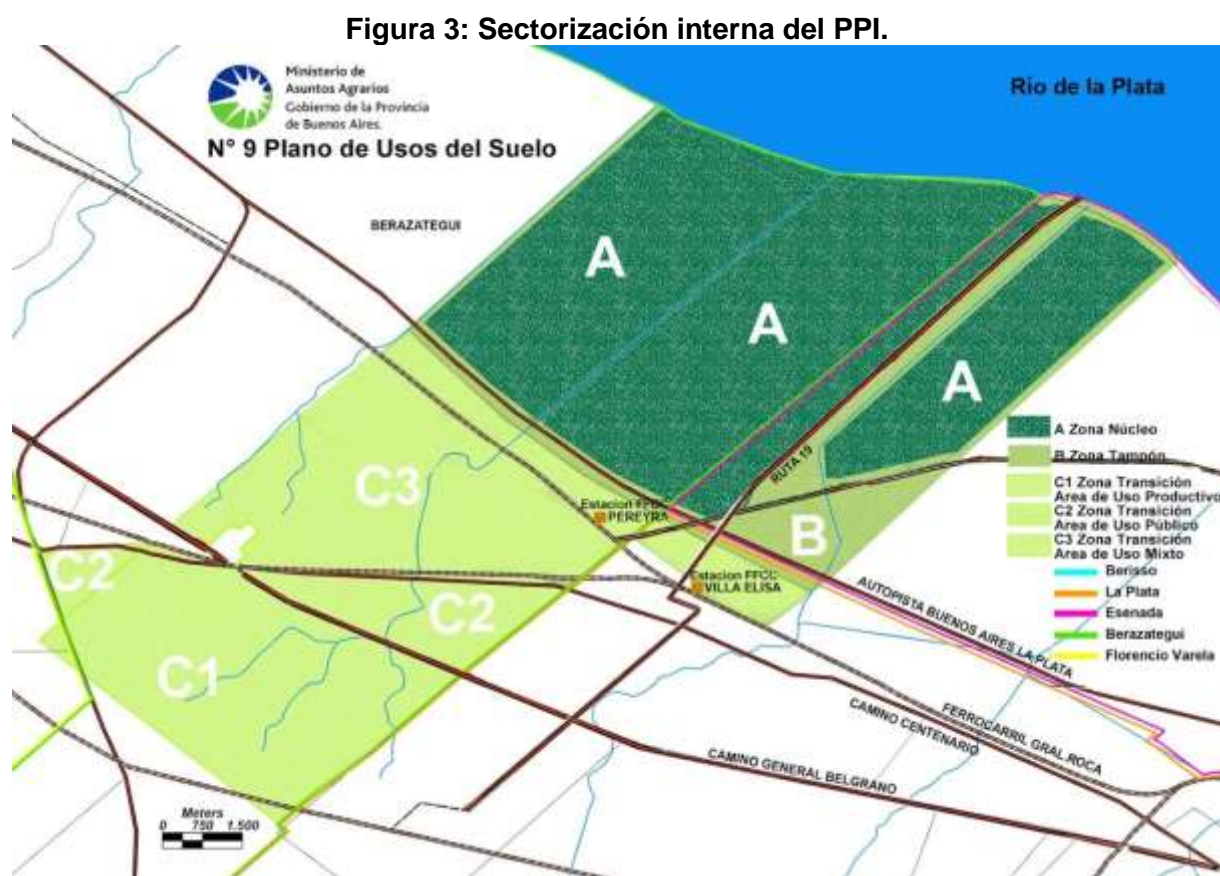
En ese contexto, en 1998 se iniciaron acciones para el desalojo de los agricultores, acusándolos de usurpar y contaminar el Parque con agrotóxicos. Esta situación motivó la formación de organizaciones de productores que resistieron, con movilizaciones y peticiones ante las autoridades, el desalojo de sus tierras.

En ese sentido, fue evidente para los productores la necesidad de cultivar sin agrotóxicos para contrarrestar las denuncias de contaminación que realizaron algunos funcionarios y la prensa local. Requerimiento que se cumplimentó de forma parcial con el asesoramiento de técnicos del Programa Cambio Rural Bonaerense (hoy desactivado) del Ministerio de Asuntos Agrarios de la provincia, la asistencia discontinua del Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria (INTA), aportes ocasionales de colectivos de la UNLP y la Universidad de Buenos Aires (UBA) y eventuales iniciativas de ONGs y personas individuales.

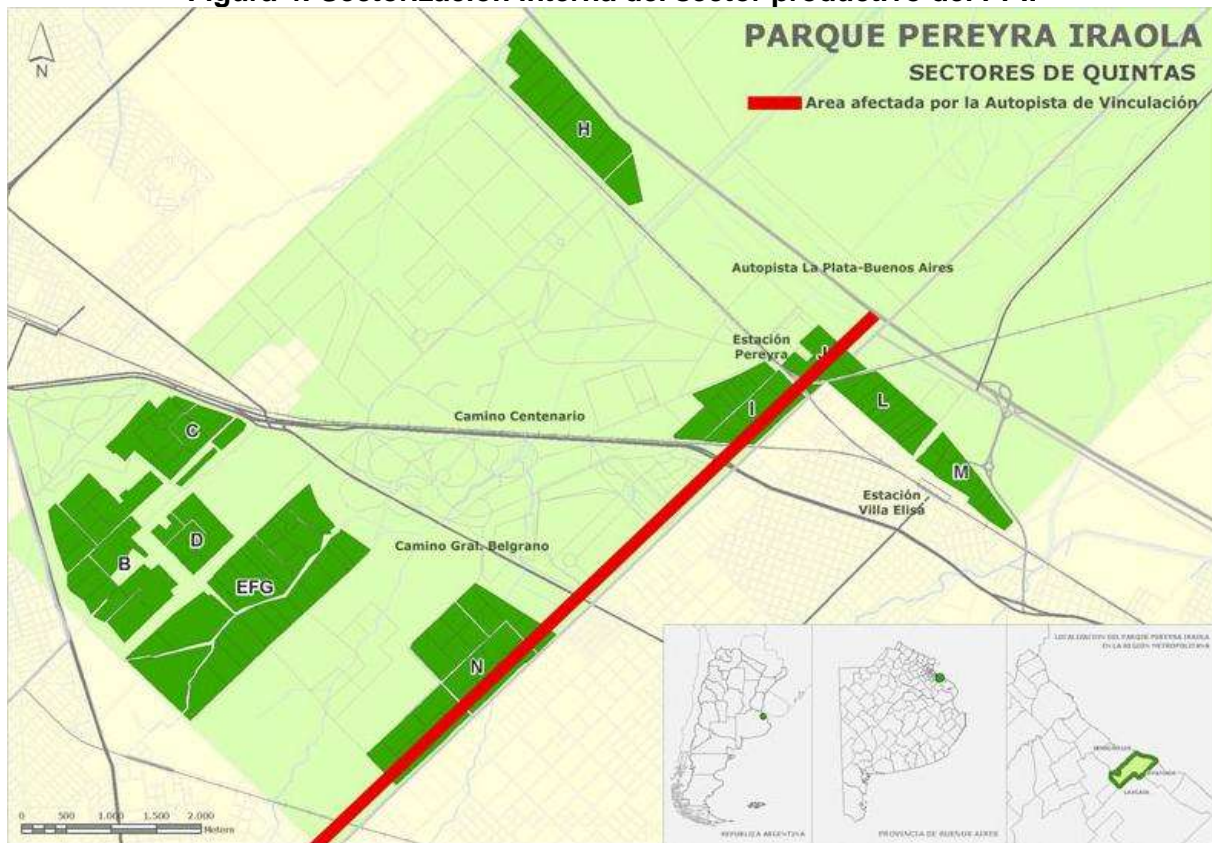
Para proteger la riqueza natural y paisajística del Parque, en el año 2007 se logró obtener la declaración de “Reserva de Biósfera” por la UNESCO en el marco del Programa el Hombre y la Biosfera (MAB, por su sigla en inglés), siendo importante destacar que fue requisito para obtener dicha declaración la existencia de población humana estable en el territorio.

Hoy habitan en las áreas productivas 200 familias que se dedican mayormente a la horticultura y que subsisten con dificultades de distinto tipo: viviendas precarias, falta de mantenimiento de caminos, falta de servicios e infraestructura (la mayoría de las familias no cuenta con servicios de luz eléctrica, agua potable y gas, así como tampoco cuentan con servicio de prestación de salud cercana). A esto se le suma la falta de representación de los pobladores en la toma de decisiones que afectan al territorio.

La figura siguiente muestra la sectorización interna del PPI.



A su vez, en lo que se corresponde al el sector productivo, la siguiente figura muestra la sectorización interna del mismo.

Figura 4: Sectorización interna del sector productivo del PPI.

En particular, la Huerta Ecológica Santa Elena se encuentra en la localidad de Berazategui, en el límite de la localidad de Villa Elisa y en el comienzo del PPI (quintas Nº 61 y 64, sector “J” en el mapa *supra*). Este sector del parque es aledaño a las vías de la línea ferroviaria que va desde La Plata a Buenos Aires y en él se encuentra la estación ferroviaria denominada “Pereyra”. La familia que usufructúa la Huerta Ecológica Santa Elena pertenece al contingente original de colonos. Actualmente, las actividades que en ella se desarrollan se encuentran coordinadas, en conjunto con integrantes de la CLSA, por Elena Beatriz Senattori, conocida como Bety, quién nació y se crió en la finca. La actividad productiva estuvo a punto de abandonarse durante buena parte de los años noventa, por los conflictos y dificultades ya señaladas, pero pudieron implementarse estrategias de supervivencia, para resolver su continuidad como productores.

Durante la crisis de los años 2001-2003, tanto el grupo familiar de Bety como miembros de otras familias de productores de la zona, y de otros sectores del cordón hortícola platense se vincularon con la CLSA para compartir saberes y profundizar la conversión agroecológica a la que aludimos más arriba. En especial, Bety se identificó con la propuesta de Soberanía Alimentaria de la Cátedra y se incorporó a la CLSA en calidad de miembro pleno de la misma. Es una de las unidades productivas que continuaron con la propuesta agroecológica, organizando una red de alianzas técnicas y políticas con otros

productores vecinos y de otras localidades aledañas, así como con sectores de asistencia técnica estatales y otros actores universitarios. La comercialización, por ejemplo, de la producción de la huerta se canaliza en ferias organizadas por equipos extensionistas de la UNLP y también con la venta directa en la finca y entrega a domicilio. En este sentido, tanto como territorio y como espacio de producción entendemos este caso también desde una perspectiva relacional, lo que supone entramados de ayudas, recursos y actores desde la visión de las redes sociales y redes de resolución de problemas como conceptos generales. La perspectiva dinámica de las redes como formas de intercambio de recursos y de capitales simbólicos (IUCCI, 2008) enriquece nuestra visión del caso, dado que nos permite comprender mejor la dinámica territorial en acción. Las redes suponen intercambios de recursos políticos, simbólicos e institucionales entre territorios y actores, las mismas pueden ser asimétricas, recíprocas u horizontales según el escenario que se pretenda estudiar. En este caso, el territorio del parque y específicamente la huerta Santa Elena se entiende como un nodo de una red que se integra dentro y fuera del PPI entre vecinos preocupados por la situación del parque, que son consumidores de los productos y que a su vez peticionan y demandan a los distintos referentes administrativos y jurisdiccionales.

La Huerta funciona, asimismo, como una Unidad Demostrativa Agroecológica – llevada adelante por productores del Parque, junto a vecinos del lugar y estudiantes, docentes e investigadores de la UNLP-, desarrollándose en ella actividades de enseñanza en el marco del Seminario de Grado ofrecido por la CLSA, y con la posibilidad de ser visitada por estudiantes de otros niveles educativos, lo cual le otorga una legitimidad que va más allá de lo estrictamente productivo.

Figura 5: Bety (de sombrero), familia, vecinos y miembros de la CLSA en la Huerta.



Foto: Hernán Rojas.

El último conflicto de envergadura que se desarrolló en el PPI y que tuvo a la familia de Bety y a la CLSA como protagonistas en la defensa del territorio fue la decisión de construir una autopista que atravesaría al PPI (Ver Fig. 4), decisión tomada en 2007 por el gobierno nacional y que fue resistida no sólo por los pobladores del PPI sino también por amplios sectores de las localidades platenses de Villa Elisa, City Bell, Arturo Seguí, entre otras, debido a los perjuicios ambientales que acarrearía dicha obra. El movimiento de resistencia aglutinó a sectores populares y medios, que si bien respondían a intereses diferentes (para los pobladores del PPI se trataba de su eliminación como productores y su desalojo del PPI), permitió la revisión al menos parcial de la decisión gubernamental. El conflicto alcanzó su punto más alto entre los años 2010-2013, adoptando la resistencia una forma de organización asamblearia, muchas de cuyas reuniones se realizaron en la Huerta Ecológica Santa Elena.

Actualmente, el nuevo gobierno al frente del Estado provincial desde diciembre de 2015 (en manos de la alianza Cambiemos y cuya gobernadora María Eugenia Vidal, responde al partido del presidente Mauricio Macri), ha manifestado la intención de imponer nuevamente un alquiler de la tierra a los productores del PPI, por lo que podría reeditarse el conflicto por la regularización del usufructo de la tierra.

Tanto como el conflicto por la tierra, como el generado por la traza de la autopista, que no tiene una solución total, así como las dificultades de llevar a cabo una producción sustentable y una comercialización adecuada a las necesidades a las que se enfrentan los productores, nos llevan a afirmar que el PPI es un territorio en conflicto, que se construye desde la lucha cotidiana y avanza en lo que llamamos inicialmente en este artículo un proceso de T-D-R.

Palabras finales

Consideramos que la experiencia de la Huerta Ecológica Santa Elena contiene en su desarrollo productivo la posibilidad de habilitar prácticas territoriales que redefinen los usos posibles del espacio, proponiendo diferentes modos de concebir y desarrollar la economía, la salud, la educación, la alimentación. La Huerta supuso una “trinchera” a partir de la cual poder defender no sólo la supervivencia de la familia productora sino de una forma de producción agroecológica que permite afianzar la Soberanía de los Pueblos en torno al tipo de alimentos que puede/desea consumir y a la forma de producirlos. Con todas las dificultades, tensiones y contradicciones propias de una apuesta arriesgada, la producción de la Huerta Ecológica Santa Elena continúa apostando al desafío de construir un territorio posible de la Soberanía Alimentaria en una zona rururbana.

La condición de área rururbana creemos es central para explicar algunos de los rasgos de la experiencia, puesto que permite comprender la superposición de elementos y funciones urbanas y rurales: consideramos que se trata de un espacio semirural, en el cual conviven de forma conflictiva distintas funciones (como la residencial de densidad media-baja junto con la recreativa de ocio o deportiva) y actividades económicas (el comercio, la industria, la producción hortícola). Esta localización privilegiada, conformando un espacio semirural urbanizado, es la que permite la articulación de redes de solidaridad y contención con actores sociales y políticos para contener el trabajo cotidiano de la Huerta en tiempos de dificultad. La hibridez de la distinción urbano/rural cobra real significado al concretarse en una experiencia productiva que combina población que por su actividad productiva podemos concebir como rurales pero que se inserta en las tramas urbanas que posibilitan su inserción y comercialización.

Específicamente la interacción con la Cátedra Libre de Soberanía Alimentaria (CLSA) es central para sostener esta unidad de producción agroecológica y producir en forma articulada un posible territorio de Soberanía Alimentaria. La práctica extensionista de la CLSA se concibe como una herramienta de formación y coordinación de acciones necesarias: por un lado, contribuyendo con argumentos y conocimientos teóricos y técnicos que permiten la defensa de estos territorios y de los valores que conllevan de acuerdo al paradigma ya expresado de la Soberanía Alimentaria; por otro, colaborando en la gestión de mercados de venta, redes de circulación y distribución de la producción agroecológica.

Se constituyen, entendemos, espacios de resistencia y esperanza; territorios politizados y disputados por sujetos sociales (económicos, educativos, políticos) que en sus interacciones y coordinaciones producen otros territorios soberanos frente a poderes y dificultades siempre de envergadura.

Este trabajo busca aportar a los debates en torno a las formas posibles mediante las cuales el paradigma de la Soberanía Alimentaria puede abrirse camino en un mundo hegemonizado por las expectativas de lucro de las grandes empresas agroindustriales. Consideramos que hay que prestar atención a las redes de interacción novedosas que posibilita el espacio rururbano, como la que se gesta entre la unidad productiva de la Huerta Ecológica Santa Elena y la CLSA, que colabora en la producción conjunta de un territorio soberano, aunque en permanente disputa.

Referencias

BARROS, Claudia. “De rural a rururbano: transformaciones territoriales y construcción de lugares al sudoeste del área metropolitana de Buenos Aires” en **Scripta Nova**, Nº 45 (51),

1999. Disponible en: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-45-52.htm>>. Consultado el: 05 de may. 2016.

FAO. **Introducción a los conceptos básicos de Seguridad Alimentaria**. FAO, 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. “Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais” en **OSAL** N° 16, 2005.

FERNANDES MANÇANO, Bernardo. “Sobre a tipologia de territórios” en SAQUET, M.; SPOSITO, E. (Orgs.) **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos** organizado por. São Paulo: Expressão Popular, UNESP, 2009.

GARCIA RAMON, María Dolores; TULLA I PUJOL, Antoni y VALDOVINOS PERDICES, Nuria. **Geografía rural**, Barcelona: Síntesis, 2014.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**, Río de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HIERNAUX, Daniel; LINDÓN, Alicia. “Desterritorialización y reterritorialización metropolitana: la ciudad de México.” En **Documents d'Anàlisi Geogràfica** N° 44, 2004.

IUCCI, Matías José. “Redes políticas para la implementación programas sociales. Algunas conclusiones a partir del caso de un municipio de la Provincia de Buenos Aires”. En **IX Congreso Argentino de Antropología Social**. Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales - Universidad Nacional de Misiones, Posadas, 2008.

LATTUADA, Mario. “El peronismo y los sectores sociales agrarios. La resignificación del discurso como articulador de los cambios en las relaciones de dominación y la permanencia de las relaciones de producción” en **Mundo Agrario. Revista de estudios rurales**, vol. 3 n° 5, segundo semestre de 2002. Centro de Estudios Histórico Rurales. Universidad Nacional de La Plata.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LEWIS, Oscar. **Antropología de la pobreza: Cinco familias**, México: FCE, 1961.

LOPES DE SOUZA, Marcelo. “O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento” en ELIAS DE CASTRO, I; DA COSTA GOMES, P.; LOBATO AZEVEDO CORRÊA, R. (Coords.) **Geografia: conceitos e temas**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

MAIDANA, José Antonio; PEREZ, Maximiliano; TITO, Gustavo; TURCO, Elida. “Ecohorticultura en el Parque Pereyra, La Plata-Berazátegui, Buenos Aires, Argentina.” En: **LEISA, Revista de Agroecología**. Lima, 2005.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Sao Paulo: Editora Ática, 1993.

REDFIELD, Robert. “La Ley Primitiva” en **Revista Mexicana De Sociología**, 3(2), 1941.

REDFIELD, Robert. **Yucatán: una cultura de transición**, México: FCE, 1944.

SACK, Robert. **Human Territoriality: Its Theory and History**, Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SIMMEL, George. **Sociología: Estudios sobre las formas de socialización**. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1939.

SOROKIN, Pitirim y ZIMMERMAN, Carl. **Principles of rural-urban sociology**. New York: Henry Holt and Co, 1928.

TORRES, Fernanda. “Territorios, lugares e identidades, una perspectiva de análisis espacial sobre la CTD Aníbal Verón”, en RETAMOZO, M; SCHUTTENBERG, M.; VIGUERA, A. (Comps.), **Peronismos, izquierdas y organizaciones populares**, La Plata: EDULP, 2013.

VÍA CAMPESINA. **Soberanía Alimentaria: Un futuro sin hambre** Roma, 1996. Disponible en <<https://www.rebellion.org/hemeroteca/otromundo/030809alimento.htm>>. Consultado el: 15 de may. 2016.

WINDFUHR, M. y JONSÉN, J. **Soberanía Alimentaria: Hacia la democracia en sistemas alimentarios locales**. The Schumacher Centre for Technology and Development. ITDG Publishing. Rugby, Warwickshire, Reino Unido, 2005.

Recebido para publicação em 08 de julho de 2016.

Devolvido para a revisão em 13 de setembro de 2016.

Aceito para a publicação em 28 de setembro de 2016.

Soberanía alimentaria y conflictividad agraria en Argentina. Movimiento campesino-indígena, patrones rurales y gobierno a partir del paro agropecuario del 2008

Luis Daniel Hocsman

Profesor Titular Área de Estudios Latinoamericanos. Centro de Estudios Avanzados. UNC.
Director Doctorado en Estudios Sociales Agrarios. Centro de Estudios Avanzados / Facultad de
Ciencias Agropecuarias. UNC.

Director del Programa de Estudios Conflictividad territorial, Crítica al Desarrollo y Alternativas
sociales. Centro de Investigaciones y Estudios sobre Cultura y Sociedad. CONICET - UNC.
e-mail: ldhocsman@gmail.com

Resumen

Presentamos una caracterización de la estructura agraria de Argentina, con una profundización del modelo de desarrollo capitalista en un escenario de agudización del conflicto agrario, tras lo que fue una iniciativa gubernamental de modificar el sistema impositivo de producción de granos destinados a la exportación. A partir del primer trimestre del año 2008, cuatro entidades agropecuarias de carácter patronal, irrumpieron y provocaron una disputa que tuvo proyección en todo el país. Mostramos los reclamos anclados en la lucha de organizaciones campesino-indígenas, que tomaron forma de comunicados y pronunciamientos, movilizaciones y acciones sustentadas en formas de resistencia al modelo agro-industrial-exportador imperante, focalizando en principios y prácticas expresados en la Soberanía alimentaria. Nuestro análisis permite visualizar una disputa fundamental y fundante respecto a desde dónde? qué? quienes? y para quienes? se producen alimentos en Argentina. Así como, permite señalar un primer momento de acercamiento – no exento de contradicciones - de estas organizaciones con ciertas políticas del gobierno nacional.

Palabras clave: Soberanía alimentaria; campesino-indígena; conflictividad agraria; Argentina.

Soberania alimentar e conflitualidade agrária na Argentina. Movimento camponês indígena, ruralistas e governo a partir da greve agropecuária de 2008

Resumo

Nós apresentamos uma caracterização da estrutura agrária da Argentina, com um aprofundamento do modelo capitalista de desenvolvimento num cenário de aumento do conflito agrário, através do que foi uma iniciativa do governo para produzir uma mudança no sistema tributário da produção de grãos destinados exportação. A partir do primeiro trimestre de 2008, quatro entidades ruralistas, entraram e provocaram uma disputa que teve projeção nacional. Mostramos reivindicações ancoradas na luta das organizações camponesas - indígenas, que tomou a forma de declarações e pronunciamientos, mobilizações e ações apoiadas em formas de resistência à o modelo agro-industrial-exportador prevalecente, concentrando-se em princípios e práticas expressas na Soberania alimentar. Nossa análise permite mostrar uma disputa fundamental e fundacional sobre de onde? o quê? quem? e para quem? os alimentos são produzidos na Argentina. Como também mostrar uma primeira orientação - não sem contradições – de aproximação destas organizações com certas políticas do governo nacional.

Palavras-chave: Soberania alimentar; conflitualidade agrária; movimento camponês; indígena; Argentina.

**Food sovereignty and agrarian conflictivity in Argentina.
Movement peasant-indigenous, rural patterns and government from the lockout
agricultural of 2008**

Abstract

We approach a characterization of the agrarian structure of Argentina, deepened the capitalist model of development, a stage of deepening the agrarian conflict arises, by what was an initiative to produce a change in the tax system of grain production for export. From the first quarter of 2008, four agricultural entities character employer broke into a dispute that had projection nationwide. Claims show anchored in the struggle of peasant-indigenous organizations, which took the form of statements and pronouncements, mobilizations and actions supported in forms of resistance to the prevailing model, focusing on principles and practices expressed on food sovereignty. Foundational dispute over from where? What? Who? And for whom? Food is produced in Argentina. And it allows point first - not without contradictions - with government national policy guidelines.

Key words: Food sovereignty; peasant-indigenous; agrarian struggles; Argentina.

Introducción

En este escrito presentamos inicialmente una caracterización de la estructura agraria existente en Argentina, considerando sus particularidades y las transformaciones observadas a ese nivel en la etapa neoliberal, que en el espacio rural tiene su expresión en la producción de bienes primarios exportables. Profundizado el modelo de desarrollo capitalista, se presenta – de manera episódica - un escenario de agudización del conflicto agrario, mediante lo que fue una iniciativa por parte del gobierno nacional de producir una modificación en el sistema impositivo de la producción de granos destinado a la exportación¹. A partir del primer trimestre del año 2008, cuatro entidades agropecuarias de carácter patronal (SRA, CRA, FAA y CONINAGRO)² agrupadas en la denominada “Mesa de enlace”, desplegaron una estrategia de lucha, presentada “contra el gobierno”, en defensa de sus privilegiadas condiciones en materia de redistribución del ingreso. Esta disputa tuvo proyección en los territorios con presencia

¹ Desde Noviembre de 2007 el gobierno nacional dispuso una retenciones a las exportaciones de 35 % fijo para la soja, del 28 % para el trigo, del 10 % para el girasol y del 25 % para el maíz. A partir del 11 de marzo del 2008, mediante una resolución del Ministerio de Economía (Resolución No 125/08) se decretó la implementación de un esquema de retenciones móviles para dichos productos y sus derivados. La medida consistía en una estructura de valores móviles para los siguientes cuatro años, alícuotas que se ajustarían automáticamente conforme los precios internacionales. Esto, en una coyuntura de creciente aumento de los precios inter nacionales.

² SRA (Sociedad Rural Argentina), CRA (Confederaciones Rurales Argentinas) FAA (Federación Agraria Argentina). CONINAGRO (Confederación Inter-cooperativa Agropecuaria).

campesina, mediante el accionar directo de sectores que pugnan por la profundización y desarrollo del modelo capitalista de producción agraria.

Agudizado el conflicto presentamos los reclamos anclados en la lucha que, por parte de organizaciones campesino-indígenas, tomaron forma de comunicados y pronunciamientos públicos, movilizaciones y acciones sustentadas en formas de resistencia al modelo imperante, focalizando el sostenimiento de principios y prácticas expresados en la conquista de la soberanía alimentaria. Apuntamos nuestro análisis a este momento histórico por considerar que los aspectos coyunturales de este episodio, permiten visualizar una disputa fundamental y fundante (más allá de las históricas reivindicaciones y luchas por la tierra, por los precios de la producción campesina/chacarera, o por el nivel de los salarios de trabajadores rurales) desde dónde? qué? quienes? y para quienes? se producen alimentos en Argentina. Así como, en clave política – y analizado retrospectivamente – nos permite señalar un primer momento de clivaje entre la histórica oposición de estos movimientos con políticas oficiales, abriendo un horizonte de encuentro parcial – no exento de contradicciones - con lineamientos de políticas públicas y administradores del Estado nacional.

Modelo dominante y territorios en disputa

En Argentina es posible diferenciar dos estructuras agrarias dominantes, una con modalidad de desarrollo capitalista clásico que tiene, históricamente, como foco a la extensa llanura *pampeana* asentada en condiciones agroecológicas de alta productividad, con una renta diferencial en la que se sustentó el modelo agro exportador de producción de granos y carne, desde fines del siglo XIX, valorizando la tierra por sobre la fuerza de trabajo.

La segunda, es la que se encuentra en la región *extra-pampeana* (Patagonia, Oeste, Norte y Noreste del país), en donde –exceptuando la Patagonia³ - el capitalismo agrario se basó en explotaciones agroindustriales (caña de azúcar, tabaco, algodón, yerba mate, vid, etc.), forestal extractiva y/o minera, con presencia de economía campesina con una subsunción indirecta por la oferta de alimentos y fuerza de trabajo estacional, dinamizando así al mercado interno nacional y a las denominadas economías regionales.

Este escenario ha cambiado fuertemente desde los años 90'. El contexto establecido en estas modificaciones ha sido ampliamente estudiado (AZCUY AMEGHINO, 2004; AUTOR, 2007^a, 2014; GIARRACCA Y TEUBAL, 2008; GRAS Y HERNÁNDEZ 2009; REBORATTI, 2010;

³ Frente a la tradicional producción ovino-lanar, se destaca la de hidrocarburos, y turística en la zona cordillerana y costa marítima.

entre otros). Destacamos, en primer término, la incidencia en el espacio rural de procesos que tienen al agronegocio en su versión sojera como estandarte, mediado por un desarrollo tecnológico (transgénicos, agroquímicos, etc.) que permitió poner en valor por parte del capital territorios otrora marginales a sus parámetros de productividad y rentabilidad. Estas condiciones –siempre asociadas al modelo neoliberal y de mercados cada vez más globalizados - habilitó una nueva dinámica por el control de los bienes naturales y el destino de la producción, y vida campesina en su conjunto, habilitando lo que Rubio (2001) denomina para Latino América, *fase de articulación subordinada excluyente de la producción campesina*. Estas transformaciones se vieron acentuadas en concordancia con lo que Svampa (2013) denominó “el consenso de los *commodities*”, desplazando al “consenso de Washington” basado en la valorización financiera, a un modelo basado en la explotación de bienes naturales, marcando así el “ingreso en un nuevo orden, económico y político-ideológico, sostenido por el boom de los precios internacionales de las materias primas y los bienes de consumo cada vez más demandados por los países centrales y las potencias emergentes”; donde para el caso argentino, debido al destino de la producción de soja, cobra preponderancia el proceso de proletarización en China (así como a nivel internacional la vertiginosa suba de precios de minerales derivada de la creciente demanda de la potencia asiática).

En la referida región *extra-pampeana*, en el presente siglo se acentuó la dirección enfatizada en los 90’, y la territorialización del capital no se agota en la producción agropecuaria. Apuntamos, entonces, un segundo eje marcado por la irrupción de importantes emprendimientos mineros (fundamentalmente en el cordón montañoso de la cordillera y precordillera andina) que, con la modalidad de explotación a gran escala (minería “a cielo abierto”), impactan territorios campesinos, no solo mediante la ocupación y enajenación directa de la tierra y conjunto de “recursos” naturales in situ, sino también aguas abajo, mediante la contaminación de los acuíferos de la zona cordillerana y piedemonte andinos, así como la irrupción de inundaciones que alcanzan la zona pampeana. De manera general y con particularidades en cada Estado provincial, el desarrollo minero tiene como marco las mismas políticas neoliberales y específicamente ventajosas condiciones concedidas en la legislación minera sancionada en el período de los 90’, y refrendada por el apoyo oficial durante los años que corren del presente siglo⁴. Este panorama, de la soja a la mega minería, configura una matriz extractiva protagonizado por una variada trama de corporaciones transnacionales que

⁴ Para un conocimiento y abordaje de los emprendimientos mega-mineros a lo largo de Argentina, ver: SVAMPA, Maristella, ÁLVAREZ, Marian y Lorena BOTTARO. 2009.

han encontrado en los trazos de las políticas y administraciones provinciales y nacional, un sólido respaldo.

Un tercer eje de la transformación económica y social en el espacio rural se asienta en la presencia del capital en renovadas formas despojo que implicaron un abanico que va de la apropiación y explotación de tierras, a la especulación inmobiliaria vinculada. A la oferta de servicios turísticos y procesos de urbanización/gentrificación.

Así, en una variada combinación de los factores mencionados, territorios con presencia campesina e indígena (así como los espacios poblados por trabajadores precarizados, que históricamente forman parte de redes parentales y de solidaridad campo/ciudad), se vieron fuertemente impactados agudizando el conflicto de clases en el campo, sumando nuevos sujetos vinculados a fracciones del capital no exclusivamente agrario.

Algunas de estas transformaciones están presentes y/o intentando desplegarse en la mediterránea provincia de Córdoba, siendo la presencia del capitalismo agrario la que produce de manera destacada las mayores transformaciones.

Agronegocio y Estado se conjugan de manera diversa intensificando y posibilitando la concentración económica y la exclusión social, impactando así negativamente sobre las condiciones estructurales -que aún con dificultades crecientes- permitieron a las poblaciones campesinas no solo producir alimentos para la provisión del mercado y consumo interno - contribuyendo sustancialmente a la soberanía alimentaria a nivel nacional- sino también, para el logro de la propia reproducción campesina.

Agriculturización y resistencia campesina en Córdoba

Las transformaciones producidas y las políticas neoliberales implementadas en nuestro país han provocado cambios en la estructura social y productiva del sector agropecuario de la provincia de Córdoba, que son una expresión particular de aquel. Así, la lectura y análisis de información censal disponible nos permite inferir un conocimiento de bajo que parámetros se sustenta la conflictividad agraria a un nivel más amplio.

De forma análoga a la estructura agraria dominante del país, en la provincia, se observan dos características: centro y sureste con desarrollo capitalista basado predominantemente en la producción de granos (fundamentalmente soja y trigo), y el noroeste con predominio del *bosque montano* apto para el desarrollo de ganadería extensiva y agricultura de subsistencia, en las cuales se basa la producción campesina. En un trabajo anterior (AUTOR, 2007b) señalamos, particularmente, las características fundamentales de las

transformaciones ocurridas en este espacio y las estrategias desplegadas por los campesinos organizados, en torno a la disputa por la propiedad de la tierra y el control del territorio.

Las transformaciones operadas en el ámbito rural provincial desde el inicio del período ínter censal iniciado en 1989 implicaron una mayor concentración económica, repercutiendo de manera directa al interior de aquellas explotaciones rurales que por contar con una menor dotación de recursos son consideradas de tipo familiar. Asimismo, se produjeron modificaciones relacionadas con la tecnificación de los procesos productivos, asociado a la superficie de las explotaciones.

La concentración productiva, con la consecuente disminución en el número de explotaciones, es una característica destacada de la producción agropecuaria argentina durante la última década del siglo XX, cuando se pasó de un número de 421.221 a 317.816 EAPs (explotaciones agropecuarias) según registros del Censo Nacional Agropecuario de 1988 y 2002; arrojado un porcentaje destacado de disminución del 24,5 % de explotaciones. Paralelamente señalamos que el porcentaje de baja y los valores absolutos en el número de explotaciones de la provincia de Córdoba medido entre los dos últimos CNA es significativamente superior al de la media nacional, registrando una disminución del 36 %, en relación a las 40.061 unidades económicas señaladas en el inicio del registro censal, conforme estimaciones en base a información del INDEC 2003.

Respecto a la estructura agraria, puede observarse para el mismo período un proceso de concentración productiva, basado en una disminución en el número de explotaciones con menor superficie operada (cuadro N° 1).

Atento a los cortes por escala, la desaparición de explotaciones -vinculado al proceso de concentración- en los estratos inferiores a 1.000 has. observamos que cuando estos son menores a 200 has. -consistentes en explotaciones de tipo familiar- se registra una fuerte disminución que supera al 40 %, coincidente con la disminución del número de productores en el espacio rural para todo el país, como señalamos precedentemente. De manera correlativa las explotaciones de más de 10.000 has. muestran el mayor incremento porcentual, tanto en número de EAPs como de superficie.

**Cuadro Nº 1: Explotaciones agropecuarias y sup. por escala de extensión en Córdoba.
CNA 1988 y 2002**

Escala de Extensión	EAP		%	HA		%
	CNA 1988	CNA 2002	Variación	CNA 1988	CNA 2002	Variación
Hasta 5	1.386	809	-41,6%	3.999,6	2.174,6	-45,6%
5,1 – 10	1.254	685	-45,4%	9.953,5	5.353,8	-46,2%
10,1 – 25	2.509	1.206	-51,9%	44.991,6	21.737,5	-51,7%
25,1 – 50	3.376	1.705	-49,5%	131.457,7	66.820,8	-49,2%
50,1 – 100	6.014	3.295	-45,2%	470.384,4	259.977,8	-44,7%
100,1 – 200	9.072	5.043	-44,4%	1.366.534,1	765.840,4	-44,0%
200,1 – 500	10.423	6.964	-33,2%	3.302.001,6	2.273.460,6	-31,1%
500,1 - 1.000	3.652	3.334	-8,7%	2.541.102,8	2.353.869,7	-7,4%
1.000,1 - 2.500	1.737	1.872	7,8%	2.628.913,2	2.825.344,3	7,5%
2.500,1 - 5.000	437	490	12,1%	1.498.705,1	1.706.678,9	13,9%
5.000,1 - 10.000	164	172	4,9%	1.113.682,6	1.158.876,5	4,1%
Más de 10.000	37	45	21,6%	613.159,3	804.122,9	31,1%
Total	40.061	25.620	-36,0%	13.724.886	12.244.258	-10,8%

Fuente: Elaboración propia sobre información de los Censos Nacionales Agropecuarios 1988 y 2002.

Retomando la consideración del contexto y, para el período señalado, apuntamos la existencia de un nuevo esquema de integración vertical vinculado a la apertura de mercados, sumado a las condiciones mayor competitividad tecnológica, que dio como resultado, un escenario con predominio de dos tipos de actores con poderes diferenciados: explotaciones agrícolas con mayor escala directamente asociadas a la agroindustria, frente a pequeños y medianos empresarios agrícolas, *chacareros* (familiares capitalizados) con menor dotación de recursos, y campesinos, en una relación muy asimétrica, donde las últimas se esforzaron activamente por contrarrestar las estrategias dominantes de las primeras.

En las zonas pampeana y extra pampeana de la provincia de Córdoba verificamos un fuerte proceso de *agriculturización* (orientado al monocultivo de soja transgénica) y/o *bovinización* (consistente en la sustitución de ganadería caprina que pastaba en bosque natural por vacunos con pasturas implantadas) que, además de cambiar el patrón geográfico y técnico de producción, ha producido cambios estructurales no sólo por el crecimiento en escala de las empresas y las dimensiones de las explotaciones, sino también en los sistemas productivos

implementados, desplazando a la producción familiar, impactando de manera excluyente sobre este sector social.

El avance de la agricultura industrial, en su versión dominante del “modelo sojero” que tomó impulso durante el gobierno de Carlos Menem (1989-1999) y se profundizó durante los períodos presidenciales de Néstor Kirchner (2003-2007) y Cristina Fernández de Kirchner (2008-2015) puede graficarse en la configuración de un “desierto verde y contaminado”: previa destrucción de bosques y selvas, avance sobre pasturas naturales, vastos espacios sin agricultores, y ciudades con presencia de familias expulsadas de zonas rurales.

En la etapa iniciada luego del 2001, donde se destaca el cambio en la política monetaria (basado en una fuerte devaluación de un 300% del Peso argentino) asociado al incremento de los valores internacionales de las materias primas e incremento en la rentabilidad de los bienes exportables; las condiciones estructurales basadas en las políticas gubernamentales (con medidas tales como la instauración de las retenciones a las exportación de cereales y oleaginosas) bajo la presidencia de Eduardo Duhalde (2002-2003) no han hecho mella en la alta rentabilidad, ni consecuentemente, frenado el avance de la producción de soja. Durante estos años, los gobiernos nacional y, explícitamente el de la provincia de Córdoba, han fomentado el agronegocio en todas sus expresiones productivas; paralelamente, no se implementaron políticas orientadas al despliegue de condiciones económicas que propicien la continuidad de la producción campesina.

La situación enunciada de expansión del agronegocio orientado a la exportación de oleaginosas se manifiesta en la concentración de tierra⁵, la utilización de semillas transgénicas y agro-tóxicos, con tecnología que degrada los suelos, destruye la riqueza natural del monte chaqueño cordobés⁶ y la diversidad biológica que permite la producción campesina.

Ante esta serie de impactos socio-ambientales, las poblaciones campesinas pugnaron por organizarse reformulando procesos de resistencia y lucha. Surgieron así, al filo del siglo, organizaciones colectivas de carácter auto-gestivo que desde entonces desarrollan su accionar en oposición a empresarios agropecuarios, inversores /especuladores inmobiliarios, así como frente a instituciones, funcionarios y/o el aparato represivo del Estado, que van desde miembros

⁵ La zona comenzó a sufrir el desplazamiento de la población de las comunidades campesinas motivado por la compra fraudulenta de campos por parte de empresarios, con la participación – por acción u omisión – de distintos estamentos del estado provincial, como Jueces, Jueces de Paz y/o policías.

⁶ La expansión de la agricultura a expensas de la destrucción de bosques es un fenómeno que no se detiene, con valores anuales de deforestación que alcanzaron los 146.000 km² durante la década del noventa. Y son los departamentos del norte los que constituyen el más dramático ejemplo, ya que entre 1970 y el año 2000 se perdieron más de 10.000 km² “de bosques xerófilos estacionales (chaqueños) por conversión a cultivos anuales, principalmente soja” (Cabido y Zak, 2010: 7).

del poder Judicial a personal policial, que en primera instancia se muestran como defensoras de los intereses empresariales.

El modelo mono productivo sojero avanza a medida que hace retroceder otros cultivos, y desplazando la producción ganadera; encareciendo los productos alimentarios que constituyen la canasta básica de consumo del conjunto de la población del país, atentando así, de manera directa contra la *soberanía alimentaria*, entendida esta como el:

Derecho a de los pueblos a alimentos nutritivos y culturalmente adecuados, accesibles, producidos de forma sostenible y ecológica, y su derecho a decidir su propio sistema alimentario y productivo. Esto pone a aquellos que producen, distribuyen y consumen alimentos en el corazón de los sistemas y políticas alimentarias, por encima de las exigencias de los mercados y de las empresas. Defiende los intereses de, e incluye a, las futuras generaciones.... Da prioridad a las economías locales y a los mercados locales y nacionales, y otorga el poder a los campesinos y a la agricultura familiar, la pesca artesanal y el pastoreo tradicional, y coloca a la producción alimentaria, la distribución y el consumo sobre la base de la sostenibilidad medioambiental, social y económica... promueve el comercio transparente que garantiza ingresos dignos para todos los pueblos (FORO MUNDIAL POR LA SOBERANÍA ALIMENTARIA, 2007).

De manera contraria al modelo del agronegocio, la producción campesina promueva la diversidad y calidad de los alimentos, el abastecimiento de mercados locales, la existencia de identidad cultural local y la protección y uso sustentable de los bienes naturales.

Los campesinos despliegan una lucha cotidiana por la defensa del territorio, consistente en el sostenimiento de un sistema productivo basado en reciprocidades sociales y con la naturaleza; así también, quienes están organizados colectivamente, despliegan una serie de estrategias de lucha política a distintos niveles. En la articulación de comunidades organizadas del Norte, Noroeste y Oeste provincial, en Noviembre del año 2004 se anunció la constitución del Movimiento Campesino de Córdoba (MCC) como resultado de años de organización a nivel de espacios locales, integrando en un proyecto común la Asociación de pequeños productores del Noroeste de Córdoba (APENOC), Unión de Campesinos de Traslasierra (UCATRAS), la Organización de Campesinos unidos del Norte de Córdoba (OCUNC) y la Unión campesina del Norte (UCAN). La intensificación de reclamos y mayor toma de conciencia de la complejidad de la cuestión agraria en Argentina, los llevó a articular con otros movimientos campesinos del país y de América Latina. Así, de manera correlativa se construyó un espacio político de mayor alcance territorial en el cual participan otras organizaciones de carácter provincial y regional. Experiencias de trabajo fortalecieron a las organizaciones y permitió la integración, en el año 2006, de un espacio de articulación política:

el Movimiento Nacional Campesino Indígena (MNCI)⁷, integrado a su vez a la Coordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo (CLOC) y la Vía Campesina.

Entre las reivindicaciones planteadas desde entonces por el MNCI, destacamos la referida a la prosecución de la *Soberanía alimentaria*. En el documento que presentamos queda expuesta claramente la relación entre trabajo campesino y provisión de alimentos sanos – tanto a nivel país como local -, las divergencias con el modelo agrario dominante, marcando las características fundamentales del sistema campesino de producción y las estrategias de desarrollo propuestas en un horizonte político que las contiene. La *Soberanía alimentaria*:

Supone que el trabajo de nuestra tierra tiene como objetivo prioritario alimentar en forma sana y suficiente a todos los que vivimos en nuestro país. Pero además previendo las necesidades de las generaciones futuras, utilizando métodos y tipos de producción no extractivos que permitan la regeneración de los nutrientes de nuestra tierra. Defendemos nuestro derecho a una cultura de producción, que provee de alimentos sanos a nuestro pueblo, a través de un comercio justo. El modelo de agronegocio actual, tiende a considerar que la única forma de producir en el campo es desde el punto de vista del libre mercado, favoreciendo a las empresas multinacionales. Y ese es el criterio con el que se distribuyen y se explotan la tierra, el agua y las herramientas para la producción. Ese es el criterio con el que se llevan las riquezas de nuestro país al extranjero. Hoy la producción agropecuaria no está vista como una vía estratégica para solucionar el problema del hambre en Argentina. Y tampoco como una verdadera forma de vida dentro de los parámetros culturales que unen a toda Latinoamérica, la cultura campesina indígena”. Es por eso que cuando hablamos de sistemas campesinos de producción, que contemplan el autoconsumo de las familias y la comercialización de los excedentes y el equilibrio con la naturaleza, la lógica del “libre mercado” los tilda de improductivos. Esta es una oportunidad para redefinir las estrategias de desarrollo en función de la agricultura campesina indígena, el pequeño agricultor que vive en su predio, el trabajador rural. Esa estrategia debe contar como actores fundamentales a las organizaciones campesinas y los pueblos originarios, destinar recursos a créditos y subsidios que mejoren la infraestructura comunitaria, productiva y de servicios sociales en el campo profundo, detener los desalojos de familias campesinas e indígenas, planificar la redistribución de la tierra y el repoblamiento del campo, garantizar la producción de alimentos sanos para la población y centralizar en el Gobierno las exportaciones para regular los precios internos y redistribuir los ingresos. Es necesario caminar a la Soberanía Alimentaria de nuestro pueblo y eso NO ES compatible con monocultivos transgénicos ni con el libre mercado (MNCI, 2008).⁸

⁷ Con una experiencia de lucha que se profundiza en décadas, vinculadas al histórico Movimiento Agrario Misionero (MAM), el Movimiento Campesino de Santiago del Estero (MOCASE), la Red Puna (de Jujuy, extremo noroeste argentino) surge de la convergencia de un trabajo conjunto fuertemente articulado promediando los años 90', a los que se sumaron el Movimiento Campesino de Córdoba (MCC), la Unión de Trabajadores Rurales sin Tierra (UST) de Mendoza, el Encuentro Calchaquí, de la zona de los Valles de Salta, entre otras. Así, en Septiembre del 2010, se realizó el I Congreso del MNCI en el cuál, “más de mil campesinos, indígenas y trabajadores rurales” expresaron una proclama que recoge más de veinte años de trabajo, reafirmando a la Soberanía alimentaria como una de sus banderas de lucha más fuerte, un sentido opuesto al modelo imperante, y una direccionalidad política anti-capitalista.

⁸ Comunicado del MNCI del Buenos Aires, 26 de marzo de 2008.

Patrones en la ruta y renovada conflictividad agraria

El escenario conflictivo entre dos modelos propio de la cuestión agraria en Argentina se ha visto renovado, cristalizándose en la emergencia de una nueva disputa entre distintos actores sociales: los productores que sustentan y apoyan el modelo del agronegocio, el Estado nacional y sus versiones provinciales (que también lo sustentan) y el sector campesino.

El inicio de la trama se sitúa en marzo del 2008⁹, cuando el gobierno nacional dispuso, mediante un decreto presidencial (Resolución N° 125/08), un incremento en la alícuota impositiva destinada a la exportación de soja y girasol. Esta medida denominada de “retenciones móviles” se basó en el propósito de captar una parte importante de la renta producida fundamentalmente por la exportación de soja y sus derivados. Según anuncios y discursos oficiales, estos fondos permitirían generar infraestructura, financiar los planes sociales, además de mantener un elevado precio del Dólar, y subsidiar a diversos sectores de la población menos favorecidos económicamente. Paralelamente contribuiría a la disminución de la superficie implantada con monocultivo. Dicha medida se enmarcaba en una política que también respondía a la necesidad de intervenir en la economía a fin de regular los precios del mercado interno.

Frente a esta disposición por parte del Estado nacional, los productores beneficiados por el modelo sojero agrupados en la autodenominada “Mesa de Enlace” constituida por cuatro entidades (SRA, CRA, FAA y CONINAGRO), desplegaron una estrategia de lucha sectorial reforzando el modelo agroexportador. Su accionar consistió en un paro agrario, sin comercialización de la producción agropecuaria, con bloqueo de las principales rutas del país, alcanzando a provocar un desabastecimiento urbano. Dicho accionar contó con el apoyo de los medios masivos de comunicación oligopólicos, así como de partidos opositores al frete político gobernante a nivel nacional¹⁰. Esta lucha fue presentada por parte de la “Mesa de Enlace” como beneficiosa para el conjunto de los actores sociales agrarios ocultando, no solo la diversidad social del campo, sino también el hecho de ser quienes históricamente implementan y/o apoyan el modelo socio-económico que violenta la vida campesina.

Esto se expresa claramente en algunos de los comunicados presentados por el MNCI y el MCC en el marco del conflicto enunciado:

⁹ Para el seguimiento pormenorizado de la cronología del conflicto que tuvo un desenlace en Julio del mismo año, puede verse COMELLI, María et. al. (2010).

¹⁰ Situados en un amplio espectro político conformado desde posiciones conservadoras o burguesas, al Partido Comunista Revolucionario (PCR) de orientación maoísta, como el Movimientos Socialista de los Trabajadores (MST) de orientación trotskista, entro otros.

NO AL MODELO DE AGRONEGOCIOS ACTUAL. EXIGIMOS POLÍTICAS PARA LOS CAMPESINOS INDÍGENAS

Desde el MNCI, integrado por 15.000 familias de siete provincias, expresamos nuestro repudio al lockout agropecuario, el mismo expresa la ambición egoísta de los agronegocios que, no conformes con haber devastado y saqueado los bienes naturales para ganar millones de dólares, van por más.

Las llamadas “entidades del campo” (SRA, CRA, FAA y CONINAGRO) sólo pronuncian los dictados de los agronegocios. Su símbolo actual es la soja transgénica, que por su alta rentabilidad ha devastado bosques, desalojado comunidades campesinas e indígenas, contaminado suelo y aguas, y aumentado los precios de los alimentos en el mercado interno. Nuestras comunidades se ven diariamente amenazadas por matones y topadoras que responden a esta política del “campo”.

Coincidimos con la necesidad de frenar el avance de la soja en nuestro país, y entendemos que las retenciones e impuestos progresivos son medidas necesarias, sin embargo insuficientes...

Esta es una oportunidad para redefinir las estrategias de desarrollo en función de la agricultura campesina indígena, el pequeño agricultor que vive en su predio, el trabajador rural. Esa estrategia debe contar como actores fundamentales a las organizaciones campesinas y los pueblos originarios, destinar recursos a créditos y subsidios que mejoren la infraestructura comunitaria, productiva y de servicios sociales en el campo profundo, detener los desalojos de familias campesinas e indígenas, planificar la redistribución de la tierra y el repoblamiento del campo, garantizar la producción de alimentos sanos para la población y centralizar en el Gobierno las exportaciones para regular los precios internos y redistribuir los ingresos...¹¹

A propósito del paro agropecuario...

Las organizaciones ruralistas (FAA, CRA, CARTEZ, SRA) de Córdoba se paran desde una posición de representación del sector rural hasta con la intención de llegar a un juego maniqueo en la dualidad campo-ciudad. Ellos hablan de un campo de trabajo, de esfuerzo, de productividad, de alimento, que vendría a sustentar el consumismo urbano centrado en el usufructo de los servicios y del confort. Ahora bien, en ese análisis, que es precisamente el que ha generado la discusión en los medios de comunicación, se está negando la verdadera y profunda realidad de la situación actual: la del campo profundo y, si se quiere, de la ciudad marginada...

El principio de la negación

En ese juego la FAA se atribuye la representación de los pequeños productores. Entonces, si un productor de 300 hectáreas de soja es pequeño, ¿qué tipo de productor es aquel que tiene 30 cabras o un sembradío colectivo de ajos y cebolla? Es más, ese mismo eje de análisis nos lleva cometer errores conceptuales que también son el sustento discursivo de este paro. Los pequeños productores de la FAA no producen alimentos en beneficio del pueblo, producen forrajes para la especulación en el mercado externo. Nuestro campo negado en este paro no piensa en el comercio exterior, por eso está lejos de discutir retenciones. Si la patriada ruralista fuera tal no tendría problemas con las retenciones porque produciría para nuestro mercado interno...

Al margen de este y de todos los paros y acciones que realice la alianza sojera, que por una lado despótica contra el gobierno y por el otro le pide planes,

¹¹ Secretaría operativa - Movimiento Nacional Campesino Indígena. Buenos Aires, 26 de marzo de 2008.

programas y cargos, es necesario que se replantee una discusión más profunda sobre el campo y las ciudades.¹²

La posición de esta organización campesino indígena acerca de la producción de alimentos, amplía el debate sobre la cuestión agraria, sosteniendo que la lucha y resistencia frente a los grandes productores asociados al monocultivo y las transnacionales, debe ir de la mano de la organización colectiva y de propuestas efectivas.

Cierre

Precisamos las condiciones contextuales, dándole un alcance espacial a nivel provincial y nacional, diferenciando a su vez los diagnósticos y factores causales del proceso de diferenciación social en el sector agropecuario, en las áreas ambiental y socio económicamente diferentes: la estructura social agraria presente en la Pampa (histórica y predominantemente con presencia de vía clásicas de desarrollo del capitalismo en el agro con la presencia de empresas y *chacareros*/familiares capitalizados) y la extra pampeana (de carácter predominantemente campesino, asociado a las producciones agroindustriales demandantes de mano de obra estacional).

Verificamos que el proceso aludido de expansión de modelo de agricultura comercial agro-exportadora con predominancia de la producción del monocultivo de soja, se tradujo en una disminución en el número de unidades de producción de menor tamaño y un incremento respecto a las explotaciones de mayor escala de producción. Es un proceso de concentración productiva debido ya sea a la venta o cesión en alquiler de las explotaciones de menor superficie. Estas transformaciones se vinculan al modelo económico impuesto en el período referido, con ausencia de políticas sectoriales que exigirá entonces –para el caso pampeano- la reconversión (o desaparición) de explotaciones familiares que, en este contexto, ya no son “competitivas”. Para las poblaciones campesinas producirá una creciente y muy intensa presión sobre la tierra, consecuencia de un desplazamiento de productores ganaderos capitalizados hacia las tierras de menor o nula aptitud agrícola; situación que se traducirá en la expulsión de población campesinas.

El avance de la frontera agrícola y ganadera sobre territorios ubicados en la zona extra pampeana, tradicionalmente utilizados para explotación forestal y producción familiar de pequeña escala, se basó en el uso de semillas de soja transgénicas, adaptadas a suelos de menor productividad relativa.

¹² Norte y Noroeste de Córdoba, 20 de Marzo de 2008. MCC.

Las familias campesinas han podido desarrollar la producción y reproducirse como economías domésticas, resistiendo los avances del sistema capitalista, orientando fuertemente sus reivindicaciones en la prosecución de la soberanía alimentaria y el sostenimiento de la diversidad ambiental y social. Con el uso del principal factor de producción – la tierra- logran sobrevivir en estas condiciones, aunque debemos considerar que –conforme muestra la información censal- un altísimo porcentaje de explotaciones de menor escala fueron desplazadas del sistema y expulsadas del campo, con índices de migración en constante ascenso.

Los documentos presentados dan cuenta del posicionamiento del MNCI en relación no solo al conflicto referido, sino también a los principios que sustentan la organización social y el horizonte político de la lucha campesina por la Soberanía alimentaria en Argentina, que en la coyuntura se manifestó en el marco del conflicto entre las entidades que conforma la “Mesa de Enlace” y el *campo profundo*.

Aquella, representa claramente a sectores altos y medios de la burguesía agraria, principalmente a empresarios y corporaciones que se benefician de la alta concentración que existe de la tierra, bienes naturales y los mercados. Asimismo su conflicto con el gobierno nacional se inscribe también en una disputa inter-burguesa, por cuanto algunos sectores representativos del modelo de agronegocios no aceptan que el Estado (aún garante del modelo de desarrollo agro-industrial-extractivo-exportador) actúe regulando la economía; donde organizaciones patronales en alianza a corporaciones como las señala no aceptaron la variación en las alícuotas de las retenciones a las exportaciones, aún como moderadas maneras de intervenir en el mercado.

Como parte de las resistencias que surgen a través de las organizaciones campesinas y sus reivindicaciones, resulta importante destacar que luego de que los medios masivos denominaron “el conflicto del campo” desplegado entre los meses de marzo y mediados del año 2008, el gobierno nacional creó la Subsecretaría de Desarrollo rural y Agricultura Familiar, cuyo principal objetivo enunciado es “promover el desarrollo de los sectores campesinos y de pequeña producción agropecuaria”. En primera instancia se planteó implementar una política integral que agrupe todos los programas nacionales existentes vinculados al desarrollo rural (PSA, PROFEDER, PROINDER, etc.)¹³ con el propósito de unificar sus objetivos bajo una

¹³ Resolución (SAGPyA) 395/08. Del 29/10/2008. B.O.: 5/11/2008. Determinanse los objetivos de la Subsecretaría de Desarrollo Rural y Agricultura Familiar.

La Subsecretaría de Desarrollo Rural y Agricultura Familiar de la Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentos del Ministerio de Economía y Producción, asistirá en todo lo vinculado con la operatividad y funcionamiento de los programas que se detallan a continuación:

misma lógica de intervención institucional. Las líneas de las políticas de esta subsecretaría nacional se presentaron vinculadas con: regulaciones de tenencia y uso de la tierra; agua (consumo y producción); infraestructura; fortalecimiento del modelo de producción de la agricultura familiar; comercialización y financiamiento del sector.

Resulta importante marcar a éste como un momento de un nuevo alineamiento de las organizaciones campesinas con ciertas políticas a nivel nacional, sustanciadas en la posterior participación en la gestión de esta Subsecretaría a fin de evaluar su incidencia en el apoyo y/o fortalecimiento de las condiciones que hacen posible la continuidad de la vida campesina (cuestión que no ha sido objeto de análisis en este escrito). No obstante, apuntamos que la lógica cultural en la que se insertan las iniciativas emanadas se da en el marco civilizatorio capitalista del desarrollo rural que es el dominante en Argentina. El “conflicto con el campo” sin haber cuestionado la base económico social en que se sustenta, se interpreta en nuestro análisis como una disputa interclasista, entre distintos estratos de la burguesía agraria, y el sector industrial del país.

Hasta el momento – trascurridos años desde aquel marzo del 2008 - las políticas oficiales hacia el campesinado de manera dominante no superaron el carácter asistencialista, ni han considerado al campesinado como un sujeto económico, productivo, con una particular identidad cultural, sino como parte marginal y subsumida a un modelo agro-alimentario dentro de los parámetros dominantes¹⁴. Organizaciones campesinas e indígenas como las referidas, continuaron enfrentando la violencia del agronegocio, procurando desarrollar un modelo distinto, en una diversidad, que produce alimentos sanos para los pueblos, respetando la naturaleza y la vida. Siempre y enfáticamente en la irrupción de conflicto presentado, ampliaron el debate sobre la cuestión agraria, rescatando a la Soberanía Alimentaria como “*forma sana y suficiente a todos (...) además previendo las necesidades de las generaciones futuras, utilizando métodos y tipos de producción no extractivos*”, siendo necesario “*caminar a la Soberanía Alimentaria de nuestro pueblo y eso NO ES compatible con monocultivos transgénicos ni con el libre mercado*”; sosteniendo que la lucha y resistencia contra los grandes

- Programa Social Agropecuario (PSA) - Proyecto de Desarrollo Rural de la Patagonia (PRODERPA) - Programa de Desarrollo Rural de las provincias del Noroeste Argentino (PRODERNOA) - Proyecto de Desarrollo de Pequeños productores agropecuarios (PROINDER) - Programa Federal de reconversión productiva de la Pequeña y Mediana empresa (CAMBIO RURAL) - Régimen para la recuperación, fomento y desarrollo de la actividad caprina – Ley Nº 26.141.

¹⁴ Dando continuidad al modelo socio-productivo con incidencia directa en el espacio rural, en el marco conmemorativo del Bicentenario (en alusión a la celebración del inicio del período independentista), se presentó el Plan Estratégico Agroalimentario y Agroindustrial, Participativo y Federal 2010-2016 (PEA), con la propuesta de multiplicar el volumen exportable y “producir un salto paradigmático” y pasar del modelo tradicional como exportador de productos primarios con poco agregado de valor, hacia un “Modelo de Valor Agregado con Desarrollo” (PEA2).

productores, asociados al monocultivo y las transnacionales debe ir de la mano de organización y de propuestas como las señaladas.

Referencias

AZCUY AMEGHINO, Eduardo. Reformas económicas y conflicto social agrario: la Argentina menemista, 1991-1999. In: AZCUY AMEGHINO, Eduardo. **Trincheras en la historia**. Historiografía, marxismo y debates. Buenos Aires: Imago Mundi, 2004.

CABIDO, Marcelo; ZAK, Marcelo. Deforestación, agricultura y biodiversidad. Apuntes sobre el panorama global y la realidad de Córdoba. **Hoy la Universidad**. UNC. Córdoba. 2010.

COMELLI, María et. al. La Trama de un conflicto extendido. El conflicto agrario marzo – julio de 2008. In: GIARRACCA, Norma y TEUBAL, Miguel. **Del paro agrario a las elecciones de 2009: tramas, reflexiones y debates**. Buenos Aires: Antropofagia, 2010.

FORO MUNDIAL POR LA SOBERANÍA ALIMENTARIA. Declaración de Nyéléni. 2007.

GIARRACA, Norma y TEUBAL, Miguel. Del desarrollo agroindustrial a la expansión del agronegocio: el caso argentino. In: FERNÁNDEZ MANÇANO, Bernardo. (Coord.). **Campesinado y agronegocios en América Latina**. Asdi-CLACSO. Sao Paulo: Editora Expreção popular, 2008.

GRAS, Carla y HERNÁNDEZ, Valeria (Org.). **La Argentina rural**. De la agricultura familiar a los agronegocios. Buenos Aires: Biblos, 2009.

HOCSMAN, Luis Daniel (Org.). **Cambios tecnológicos, transformaciones productivas e impactos sociales agrarios en años de neoliberalismo**. Secretaría de Investigaciones. UNVM. Córdoba: Ferreyra Editor, 2007a.

_____. Capitalismo agrario, territorialidad campesina y papel del Estado. Análisis y reflexión sobre un caso argentino. **XIII Reunión del Grupo de Trabajo Desarrollo Rural**, CLACSO. La Antigua, Guatemala. Mayo 2007. 2007b.

_____. Tierra, capital y producción agroalimentaria: despojo y resistencias en Argentina (1982 - 2012). In MENDES PEREIRA, Joao; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; CONCHEIRO, Luciano y ALMEYRA, Guillermo (Organizadores). **Capitalismo, terra e poder na América Latina (1982-2012)**. Argentina, Brasil, Chile, Paraguay e Uruguay. Vol. 1. Buenos Aires: Universidad Autónoma Metropolitana / CLACSO / Ediciones Continente, 2014.

MOVIMIENTO CAMPESINO DE CÓRDOBA. Comunicado del Movimiento Campesino de Córdoba a propósito del paro agropecuario. **Boletín Onteaiken** N° 5, Octubre. 2008.

PEA2. “Argentina Líder Agroalimentario. Plan Estratégico Agroalimentario y Agroindustrial Participativo y Federal 2010-2020”. Ministerio de Agricultura, Ganadería y Pesca de la Nación. Disponible en: <http://64.76.123.202/site/areas/PEA2/24-Argentina%20Lider%20Agroalimentario/index.php>.

RUBIO, Blanca. **Explotados y excluidos**. Los campesinos latinoamericanos en la fase agro exportadora neoliberal. México: Plaza y Valdés, 2001.

REBORATTI, Carlos. Un mar de soja: la nueva agricultura en Argentina y sus consecuencias. **Revista de Geografía Norte Grande**, nº 45. Santiago. 2010.

SVAMPA, Maristella, ÁLVAREZ, Marian y Lorena BOTTARO. Los movimientos contra la minería metalífera a cielo abierto: escenarios y conflictos. Entre el efecto Esquel y el efecto La Alumbra. SVAMPA, Maristella y ANTONELLI, Mirta. **Minería transnacional, narrativas del desarrollo y resistencias sociales**. Buenos Aires: Biblos, 2009.

SVAMPA, Maristella. El Consenso de los Commodities y lenguajes de valoración en América Latina”. www.sinpermiso.info. 2013.

Recebido para publicação em 12 de julho de 2016.

Devolvido para a revisão em 08 de agosto de 2016.

Aceito para a publicação em 08 de setembro de 2016.

Soberania e Segurança Alimentar no Paraguai: a atuação do Estado e a luta dos movimentos sociais

Lorena Izá Pereira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP).

Pesquisadora do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA).

Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

e-mail: lorena.izap@gmail.com

Resumo

A questão da soberania e segurança alimentar no Paraguai é um paradoxo. O país é o sexto maior produtor de soja a nível mundial, com uma produção de 8.004.858 toneladas na safra de 2014/2015 e exportação de 4.856.121 toneladas, ou seja, mais de 50% do total de soja produzida no país é utilizada no exterior (CAPECO, 2016). Porém, ao mesmo tempo, apenas 352.900 hectares foram destinados à produção de alimentos para a população paraguaia, o correspondente a 6% da superfície total do país. Além da baixa produção de alimentos, o Paraguai sofre com um aumento contínuo da taxa de pobreza, com 1.534.000 habitantes vivendo na linha de pobreza em 2015. Diante deste cenário, emerge o papel do Estado paraguaio, que atua timidamente na promoção da segurança alimentar, uma vez que a maioria de suas políticas públicas não possui como alvo a garantia do acesso ao alimento e aquelas que são essenciais não saíram do plano institucional. Neste contexto, movimentos sociais possuem um papel de extrema importância.

Palavras-chave: Paraguai; soberania alimentar; segurança alimentar; Estado; CONAMURI.

Sovereignty and Food Security in Paraguay: the role of the State and the struggle of the social movements

Abstract

The issue of food security and sovereignty in Paraguay is a paradox. The country is the sixth largest soy producer in the world, with a production of 8,004,858 tons in the 2014/2015 harvest and export 4,856,121 tons, is more than 50% of the soy produced in the country is used outdoors (CAPECO, 2016). But at the same time, only 352,900 hectares were used for food production for the Paraguayan population, corresponding to 6% of the total area of the country. In addition to low food production, Paraguay suffers from a continuous increase in the poverty rate, with 1.534 million inhabitants living at the poverty line in 2015. In this scenario, emerges the role of the Paraguayan State, which acts timidly in promoting security food, since most of their policies do not have targets to guarantee access to food and those that are essential not left the institutional level. In this context, social movements have a very important role.

Keywords: Paraguay; food sovereignty; food security; State; CONAMURI.

Soberanía y seguridad alimentaria en el Paraguay: el papel del Estado y la lucha de los movimientos sociales

Resumen

El tema de la soberanía y seguridad alimentaria en el Paraguay es una paradoja. El país es el sexto mayor productor de soja en el mundo, con una producción de 8.004.858 toneladas en la cosecha de 2014/2015 y exportación 4.856.121 toneladas, es más del 50% de la soja producida en el país (CAPECO, 2016). Pero, al mismo tiempo, sólo se utilizaron 352.900 hectáreas para la producción de alimentos para la población paraguaya, que corresponde al 6% de la superficie total del país. Además de la baja producción de alimentos, Paraguay sufre de un aumento continuo de la tasa de pobreza, con 1.534 millones de habitantes que viven en el umbral de la pobreza en el año 2015. En este escenario, surge el papel del Estado paraguayo, que actúa con timidez en la promoción de la seguridad alimentos, ya que la mayoría de sus políticas no tienen objetivos de garantizar el acceso a los alimentos y aquellas que son esenciales no se dejó nivel institucional. En este contexto, los movimientos sociales tienen un papel muy importante.

Palabras clave: Paraguay; soberanía alimentaria; seguridad alimentaria; Estado; CONAMURI.

Introdução

Este artigo é resultado do projeto de pesquisa intitulado “*Soberania alimentar, segurança alimentar, terra e território no Paraguai*”, financiado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), por meio do Programa “União das Nações Sul-Americanas (UNASUL) e “*Red Soberanía y Seguridad Alimentaria y Nutricional*” (Red-SSAN-UNASUL), com o objetivo de fomentar o intercâmbio de experiências e pesquisas sobre a segurança e soberania alimentar e nutricional em escala sul-americana. Esta pesquisa foi realizada em seis países - Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Paraguai e Uruguai. Dentre as nações estudadas, cada uma com suas singularidades, o Paraguai é o país que se sobressai, pois possui marcantes paradoxos: é o sexto maior produtor mundial de soja e a economia que apresenta maior crescimento na América Latina, com elevação do PIB em 11% no ano de 2013 (THE NEW YORK TIMES, 04 mai. 2013). Concomitantemente, é extremamente dependente do mercado externo para produção de alimentos, pois apenas 352.900 hectares são destinados à produção de alimentos no país, ou seja, cerca de 6% de sua superfície territorial. Além disso, há um interesse crescente de outros países na apropriação de terras no Paraguai para a produção de alimentos, como o caso de Japão e Coreia do Sul.

Diante deste cenário emerge uma preocupação com a segurança alimentar da população paraguaia, uma preocupação muito maior por parte da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) do que do Estado paraguaio. Além da segurança alimentar, emerge a soberania alimentar como bandeira de luta dos movimentos sociais, que ocorre, sobretudo a partir de reivindicações destes movimentos. A partir destas afirmações, os objetivos do trabalho são: evidenciar brevemente o processo de histórico de construção do Estado paraguaio desde 1870 até a atualidade e como as políticas e leis impactaram o campo e os camponeses em cada período, apresentar o papel do Estado paraguaio enquanto promotor da segurança alimentar através de planos, programas e

políticas públicas e expor as lutas e experiências de soberania alimentar no país por parte da sua população camponesa.

Para alcançar tais objetivos o artigo está estruturado em cinco seções: *Procedimentos metodológicos*, na qual serão expostas as etapas do desenvolvimento da pesquisa; *Segurança alimentar versus soberania alimentar*, que será destinada a discussão da segurança e soberania alimentar desde a academia até os movimentos sociais; *Segurança e Soberania Alimentar no Paraguai*, em que evidenciaremos a situação da segurança e soberania alimentar no Paraguai frente ao modelo de desenvolvimento do agronegócio; *O Estado Paraguai e a Segurança Alimentar*, em que será abordada as políticas públicas instituídas pelo Estado Paraguai com o objetivo de promover a segurança alimentar, e; *A luta pela Soberania Alimentar no Paraguai: o caso da Coordinadora de Mujeres Rurales e Indígenas (CONAMURI)*, seção na qual iremos expor a luta dos movimentos sociais pela soberania alimentar, evidenciando o CONAMURI como o movimento protagonista nesta luta. Por fim, destacamos que este artigo é um esforço em busca de uma construção coletiva entre academia, movimentos sociais, Estado e organizações multilaterais que lutam pela garantia da segurança e soberania alimentar no Paraguai.

Procedimentos Metodológicos

Para este artigo utilizamos diversos procedimentos metodológicos. Inicialmente realizamos uma revisão bibliográfica a respeito da temática de Soberania e Segurança Alimentar e questão do acesso ao alimento no Paraguai. Posteriormente, efetuamos um levantamento de dados acerca de diversos elementos que nos permitem compreender e analisar a realidade paraguaia, tais como densidade populacional, produção agropecuária e taxas de pobreza. Em um terceiro momento recorreremos ao procedimento metodológico do trabalho de campo com o objetivo de articular a teoria com o empírico. Realizamos o trabalho de campo entre os dias 18 de novembro e 10 de dezembro de 2015, no município de Assunção.

Por fim, durante o trabalho de campo empregamos o procedimento de entrevistas, que consiste em “um processo de interação social, no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado” (COLOGNESE E MÉLO, 1998, p. 143). Entrevistamos representantes de dois órgãos do governo federal do Paraguai: *Ministerio da Agricultura y Ganaderia (MAG)* e *Servicio Nacional de Calidad y Sanidad Vegetal y de Semillas (SENAVE)*, o primeiro é a principal esfera em nível estatal que tem o dever de promover a segurança e soberania alimentar por meio de políticas públicas e o segundo corresponde à secretaria que controla toda a utilização de sementes geneticamente

modificadas e produtos fitossanitários, ou seja, agrotóxicos no país. Além dos representantes do Estado, entrevistamos líderes de movimentos sociais de luta pela soberania alimentar, com o objetivo de dar voz às duas esferas envolvidas no processo. Neste caso, entrevistamos líderes da *Coordinadora Nacional de Mujeres Rurales e Indígenas* (CONAMURI).

Segurança versus Soberania Alimentar

Diante de uma variedade de alterações a nível mundial, incluindo aceleração da globalização, elevação da população mundial, projetando para 2050 o total de nove bilhões de pessoas no mundo (FAO, 2009), mudança da matriz energética, crise ambiental, climática, financeira e alimentar, chamada de convergência de crises (WHITE, FRANCO, SÁNCHEZ; TANDON, 2012). Além destes elementos, vivenciamos um período ascensão do regime alimentar corporativo (MCMICHAEL, 2009), que é caracterizado pelo poder de monopólio exercido por grandes e influentes grupos transnacionais que atuam (e dominam) todo o processo produtivo, de processamento e comercialização de alimentos, inclusive setores como produção de sementes geneticamente modificada e agroquímica em geral.

Diante desta situação, emerge na pauta de governos e instituições multilaterais a preocupação com a segurança alimentar. A segurança alimentar e nutricional é um termo criado pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) e utilizado desde a década de 1960. A segurança alimentar busca garantir o acesso físico e econômico a alimentos saudáveis, com o objetivo de satisfazer as necessidades nutricionais da população.

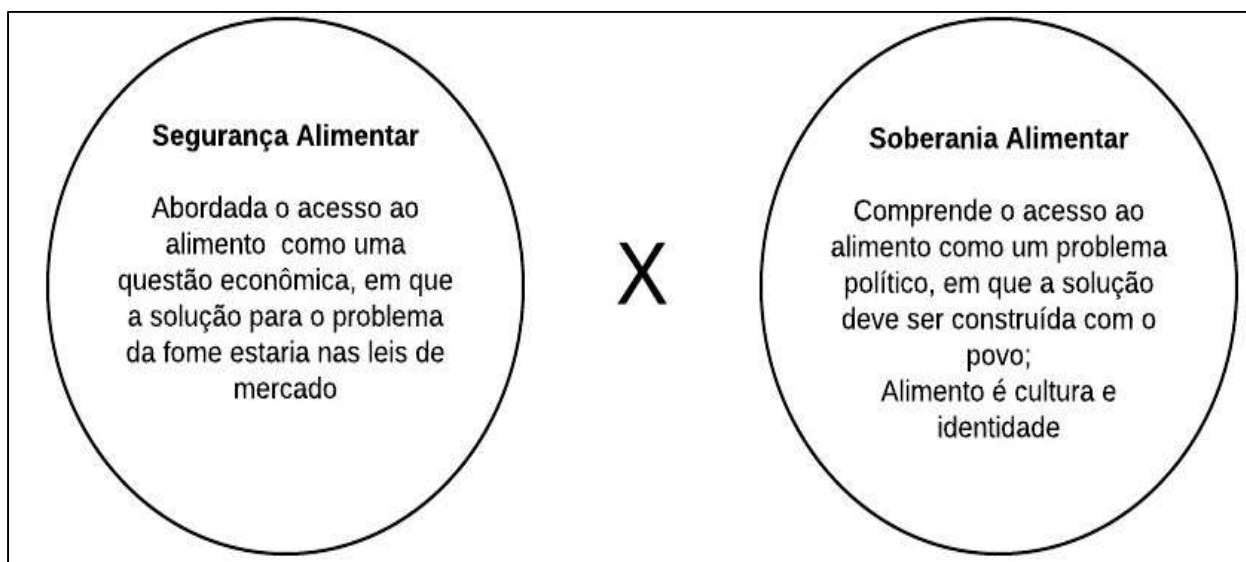
Existe seguridad alimentaria cuando todas las personas tienen, en todo momento, acceso físico y económico a suficientes alimentos, inocuos y nutritivos para satisfacer sus necesidades alimenticias y sus preferencias en cuanto a los alimentos, a fin de llevar una vida activa y sana". Esta definición le otorga una mayor fuerza a la índole multidimensional de la seguridad alimentaria e incluye la disponibilidad de alimentos, el acceso a los alimentos, la utilización biológica de los alimentos y la estabilidad (FAO, p. 30, 2005).

Como podemos observar, o conceito de segurança alimentar implica no acesso ao alimento em quantidades suficientes, porém não estabelece em nenhum momento uma diretriz a respeito do poder de decisão sobre qual alimento consumir. Destacamos também que o problema da fome no mundo não é a escassez de alimentos, que é utilizada como justificativa por Estados e empresas que fomentam a estrangeirização da terra, onde “*se adquire terras para a produção de alimentos, pois há a sua falta no mercado*” (MCMICHAEL, 2009). O problema da fome é o acesso ao alimento em consequência do seu valor. Neste

cenário, falar apenas de segurança alimentar implica em ser conivente com este modelo agroexportador e beneficiá-lo, uma vez que a segurança alimentar busca apenas a garantia de acesso físico e econômico ao alimento.

Na contramão deste conceito, movimentos sociais criaram o termo Soberania Alimentar, abordando o alimento como uma questão cultural e de identidade. Tal conceito foi formulado pela Via Campesina e publicado no documento intitulado “*The right to produce and access land: position of Via Campesina on Food Sovereignty*”. A soberania alimentar, de acordo com a Via Campesina (1996), “*corresponde ao direito de cada nação de manter e desenvolver na própria capacidade de produzir alimentos básicos, respeitando a diversidade cultural e produtiva*”. Ou seja, o poder de decisão do Estado em executar seus projetos em relação ao alimento, sem se inserir na fase da alimentação corporativa. Em 2007, foi publicada a *Declaração de Nyélény* durante o Foro Mundial pela Soberania Alimentar, no Mali, organizado pelo Via Campesina. Segundo esta nova declaração, a soberania alimentar se constitui como um “*direito dos povos a alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica, e seu direito de decidir seu próprio sistema alimentício e produtivo*”. O Organograma 01 evidencia as diferenças entre a segurança e a soberania alimentar.

Organograma 01: Diferenças entre a Segurança Alimentar e a Soberania Alimentar.



Org.: PEREIRA, L. I. (2016).

De acordo com o *Forum for Food Sovereignty (2007)*, a soberania alimentar, além de lutar pelo poder de decisão sobre o que e do que se alimentar, também tem como pilar a sustentabilidade e a preservação da natureza através da produção agroecológica e orgânica, baseado no resgate de práticas e técnicas de produção ancestrais, na policultura e

nas sementes crioulas. A soberania alimentar rejeita as monoculturas e as tecnologias de produção, como sementes transgênicas e produtos agroquímicos, sem a dependência em relação às grandes corporações transnacionais que controlam o atual regime alimentar corporativo.

A partir do exposto há a compreensão que a soberania alimentar caminha além do conceito de segurança alimentar, uma vez que não basta ter o acesso ao alimento e sim o poder de decisão sobre este. Wittman (2011) afirma que a soberania alimentar é uma alternativa fundamental para o conceito de segurança alimentar. Este é o projeto político defendido pela Via Campesina. Assim, nos últimos anos, estamos assistindo o desmantelamento dos sistemas tradicionais de produção e fornecedores de alimentos, em troca de produtos padrões alimentícios impostos por grandes corporações. Destacamos aqui que a imposição de um regime alimentar corporativo, não afeta apenas a soberania alimentar de um Estado, mas também a soberania territorial e econômica, além de intensificar o processo de estrangeirização da terra, provocar impactos ambientais e culturais. Mais do que isso, evidencia-se a existência de uma disputa em torno da alimentação em escala mundial.

Soberania e Segurança Alimentar no Paraguai

O Paraguai é um país mediterrâneo localizado na América do Sul, com uma superfície de 40.675.200 hectares. Segundo a *Encuesta Permanente de Hogares* (EPH) publicada em 2016 o Paraguai possui uma população total de 6.755.757 habitantes distribuídos entre os seus 17 departamentos. O departamento mais populoso é o Central, com 1.985.384 habitantes¹, onde está localizada a capital do país - Assunção, seguido por Alto Paraná (773.303 habitantes) na fronteira com o Brasil. O Paraguai é um país de paradoxos, uma vez que é o sexto maior produtor de soja em escala mundial, com 3.264.480 hectares de cultivo e uma produção de 8.004.858 toneladas em 2015 (CAPECO, 2016) e, simultaneamente apresenta o índice de Gini, que mensura a concentração fundiária, no valor de 0,93, considerado um dos maiores do mundo (FABRINI, 2012), possui apenas 6% de seu território destinado à produção de alimentos, cerca de 353.000 hectares (JORNAL HOY, 13 out. 2015) e 22,24% da população nacional, correspondente a 1.534.000 pessoas estão na linha da pobreza (EPH, 2016).

A realidade paraguaia é fruto de um processo histórico de concentração e estrangeirização da terra. De 1811 a 1870, o país viveu um período independente, mantendo o mínimo de relações com os países imperialistas. Os governos de Dr. Gaspar

¹ Central é o departamento paraguaio que concentra as cidades mais populosas do país, o que explica a elevada concentração populacional do departamento.

Rodríguez de Francia (1813-1840) e de Carlos Antonio López e seu filho Francisco Solano López (1840-1870) instauraram medidas que proporcionou a efetivação de uma reforma agrária, uma vez que as terras pertencentes à igreja católica e aos latifundiários foram expropriadas, declaradas como propriedades estatais e arrendadas a baixos preços para camponeses (VILLAGRA, 2012). Estas medidas do Estado paraguaio evidenciam que o país tentou sair da esfera do mercado, porém foi massacrado através da Guerra da Tríplice Aliança e obrigado a reingressar (HOBSBAWN, 1988). A Grande Guerra, como é chamada pelos paraguaios, deixou marcar profundas no território e na população do país. Em primeiro lugar, ocorreu um impacto demográfico, pois no início da guerra a população paraguaia era estimada em 800.000 habitantes e em 1872 a população total do país era de 231.196 habitantes (PASTORE, 1972). Outro impacto foi a doação da Constituição Argentina como lei principal para reger o Paraguai em 1870, declarando a propriedade privada como um direito inviolável. Em consequência, em 1883 e 1885 foram instauradas leis que permitiam a venda do território paraguaio aos estrangeiros, com a justificativa da necessidade de se gerar divisas para saldar a dívida da Guerra (PASTORE, 1972). Justamente neste momento que se inicia o processo de estrangeirização da terra no Paraguai.

No primeiro momento as terras do país foram adquiridas, principalmente, por empresários argentinos, ingleses e espanhóis, sobretudo as terras do Chaco Paraguai, localizado na porção Ocidental do país. Esta política de vender as terras do Chaco era mais do que uma política de colonização, mas tinha como o objetivo definir as fronteiras internacionais do Paraguai, o que ocorreu apenas em 1935, com a Guerra do Chaco (VÁZQUEZ, 2013). A partir da década de 1960 o processo de concentração fundiária e de aumento da desigualdade se acentua devido o início da ditadura de Alfredo Stroessner que durou 35 anos (1954-1989). Este período foi caracterizado pela violência, concentração da terra e abertura da relação com o Brasil (LAINO, 1979; VILLAGRA, 2009; ALBUQUERQUE, 2010). A região Sul do Brasil, por sua vez, estava em transição em direção à mecanização conservadora da agricultura, o que possibilitou a migração de brasileiros - camponeses e latifundiários - para o Paraguai, que apresentava diversas vantagens comparativas. Concordamos que é importante realizar a distinção entre o camponês e o latifundiário que migrou para o Paraguai, para evitar possíveis generalizações como são realizados pela mídia. Os camponeses foram desterritorializados de suas terras por um modelo de desenvolvimento excludente e viram no Paraguai uma oportunidade de sobrevivência na terra. Estes camponeses se tornaram conhecidos por *Brasiguaios*, sofreram os mesmos problemas dos camponeses paraguaios e grande parte foi desterritorializada e retornou ao Brasil (ALBUQUERQUE, 2010). Os latifundiários brasileiros se territorializaram no Paraguai com o auxílio do governo de ambos os países e até a atualidade compõem a elite ruralista

nacional, como é o exemplo de Tranquilo Favero, que migrou para o Paraguai na década de 1960 e hoje é o maior produtor de soja do Paraguai.

Este processo não foi livre de conflito, os camponeses paraguaios foram desterritorializados de suas terras para a reterritorialização de camponeses² e latifundiários brasileiros, o que gerou um desconforto em relação ao Brasil. Além da desterritorialização, o Estado paraguaio não disponibilizava nenhuma assistência a esta classe, o que afetava a produção de alimentos. Na década de 1970 a situação se agrava, pois se iniciou no país o cultivo de soja (BOFFIL, 2012). Em 1999 começa uma nova fase no processo de produção de soja com a introdução de sementes geneticamente modificadas, gerando não apenas um impacto social, mas também ambiental. Percebe-se que em nenhum momento da história do Paraguai aqui contada brevemente, houve uma política por parte do Estado para garantir a segurança alimentar da população, pelo contrário, foi promovido um modelo de desenvolvimento pautado na produção de *commodities* para a exportação, concentração fundiária e criminalização das lutas sociais. Desde a ditadura, em 1954 até 2008, o Paraguai foi governado pelo Partido Colorado, apenas em 2008, este cenário foi alterado com a eleição de Fernando Lugo (Partido Aliança Patriótica para a Mudança, de 2007 a 2010 e Frente Guasú 2010 até o presente). Lugo apresentou leis ousadas considerando a história paraguaia desde 1870, o que levou a sua destituição por meio de um golpe parlamentar em 2012, retornando ao poder novamente o Partido Colorado.

Apenas no governo de Lugo que foram instauradas políticas públicas com o objetivo de promover a segurança alimentar. Na realidade, Fernando Lugo propõe mais que a segurança alimentar, introduzindo ao debate a soberania alimentar na esfera do Estado³. O marco deste debate no governo Lugo foi a proposta de criação do *Plan Nacional de Soberanía y Seguridad Alimentaria y Nutricional del Paraguay* (PLANAL), que foi instituído a partir dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, da Organização das Nações Unidas (ONU), em que o objetivo número um é erradicar a pobreza extrema e a fome. Com a destituição de Lugo, o PLANAL foi cancelado, o que evidencia que as políticas de promoção de segurança e soberania alimentar são interesses de um determinado grupo político, neste caso, o não dominante. Há diversas políticas públicas do governo paraguaio, contudo as mesmas são pouco eficazes, como relatado pelos movimentos sociais durante o trabalho de campo. Frente a este cenário, a luta pela soberania alimentar através de movimentos sociais se torna de extrema importância, pois estes lutam não apenas pela segurança alimentar, mas contra um modelo excludente e que ameaça o meio ambiente.

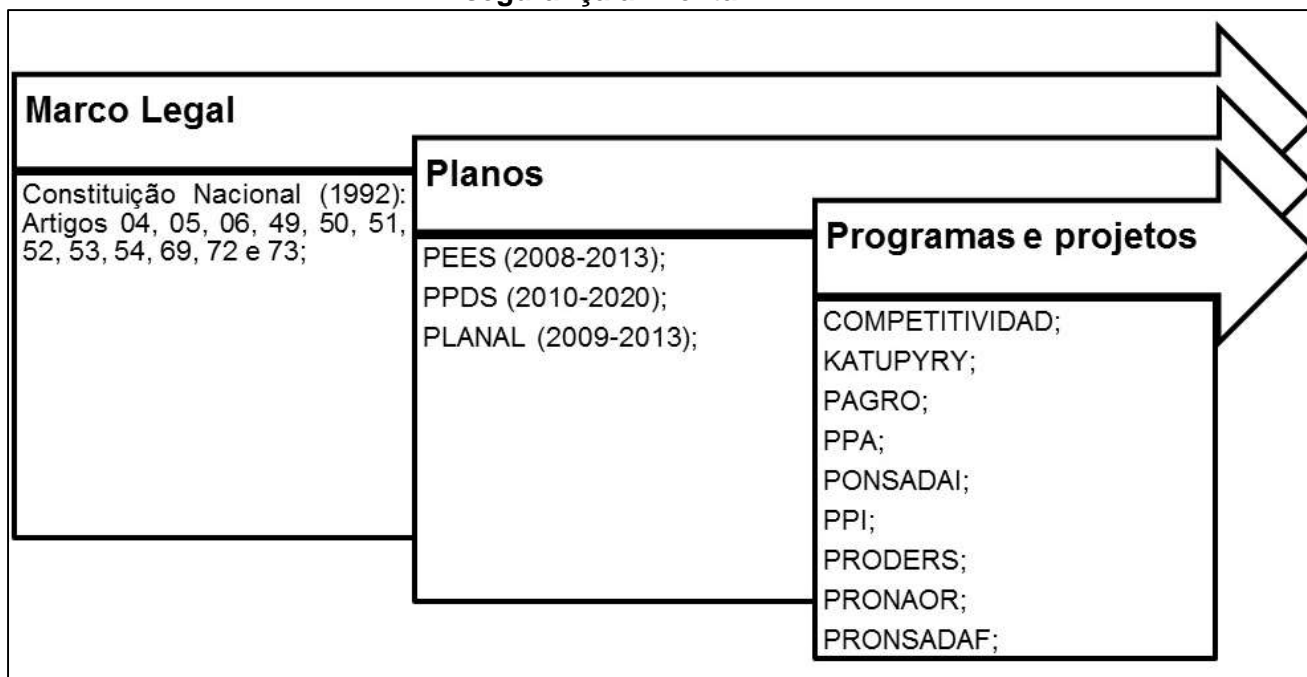
²Embora os brasiguaios sofram os mesmos impactos que os camponeses paraguaios, a massiva migração de brasileiros para o Paraguai gerou especulação imobiliária no país e os camponeses paraguaios sem alternativas e apoio do Estado vendiam as suas terras para os brasileiros, tanto camponeses como latifundiários.

³ Em geral, os governos sul-americanos caracterizados como pós-neoliberais, instituíram o debate da soberania alimentar em plano governamental.

O Estado Paraguuaio e a Segurança Alimentar

A ideologia do governo paraguaio é clara: a segurança alimentar será efetivada através do fortalecimento da agricultura familiar, que deve ocorrer via mercado, da integração do pequeno produtor, uma posição evidente do modelo de desenvolvimento promovido pelo agronegócio. A política de promoção de segurança alimentar no Paraguai é impulsionada através de níveis relacionados. Em primeiro lugar há um marco legal que garante institucionalmente o acesso ao alimento, posteriormente há planos a nível nacional e, por fim, programas nacionais ou departamentais que tem a segurança alimentar como trunfo. Esta relação está representada no Organograma 02. Destacamos que o debate da segurança alimentar no Paraguai é recente, logo, as políticas em torno do tema também são. A institucionalização de planos, programas e projetos com o foco de promover a segurança alimentar foi iniciada no ano de 2008, com a eleição de Fernando Lugo, um governo caracterizado como pós-neoliberal, Com a destituição de Lugo da presidência do país, os planos com o horizonte até 2013 não apresentaram proposta uma continuidade e especificamente o *Plan Nacional de Soberanía y Seguridad Alimentaria y Nutricional del Paraguay* (PLANAL) foi cancelado ainda em 2012, não sendo concluído. Enfatizamos que o PLANAL era o único plano que abordava claramente a soberania alimentar.

Organograma 02: Composição do papel do Estado paraguaio para a garantia da segurança alimentar.



Fonte: Governo do Paraguai (2015); Org.: PEREIRA, L. I. (2016).

O marco legal, neste caso é a Constituição Nacional de 1992, que nos artigos 04, 06, 49, 54, 69, 72 e 73 garante o direito ao acesso ao alimento. Contudo, se observa que em nenhum momento há algum artigo que explicita o direito ao acesso ao alimento, mas sim o direito à vida, que se traduz diretamente ao direito de ser alimentado.

Art. 4 Del derecho a vida: El derecho a la vida es inherente a la persona humana. Se garantiza su protección, en general, desde la concepción. Queda abolida la pena de muerte. Toda persona será protegida por el Estado en su integridad física y psíquica, así como en su honor y en su reputación. La ley reglamentará la libertad de las personas para disponer de su propio cuerpo, sólo con fines científicos o médicos.

Art. 6 De la Calidad de vida: La calidad de vida será promovida por el Estado mediante planes y políticas que reconozcan factores condicionantes, tales como la extrema pobreza y los impedimentos de la discapacidad o de la edad. El Estado también fomentará la investigación sobre los factores de población y sus vínculos con el desarrollo económico social, con la preservación del ambiente y con la calidad de vida de los habitantes.

Art. 49: De la protección de la familia: La familia es el fundamento de la sociedad. Se promoverá y se garantizará su protección integral. Esta incluye a la unión estable del hombre y de la mujer, a los hijos y a la comunidad que se constituya con cualquiera de sus progenitores y sus descendientes.

Art. 54: De la protección al niño: La familia, la sociedad y el Estado tienen la obligación de garantizar al niño su desarrollo armónico e integral, así como el ejercicio pleno de sus derechos protegiéndolo contra el abandono, la *desnutrición*, la violencia, el abuso, el tráfico y la explotación. Cualquier persona puede exigir a la autoridad competente el cumplimiento de tales garantías y la sanción de los infractores. Los derechos del niño, en caso de conflicto, tienen carácter prevaleciente.

Art. 69 Del sistema nacional de salud: Se promoverá un sistema nacional de salud que ejecute acciones sanitarias integradas, con políticas que posibiliten la concertación, la coordinación y la complementación de programas y recursos del sector público y privado.

Art. 72 Del Control de calidad: El Estado velará por el control de la calidad de los productos alimenticios, químicos, farmacéuticos y biológicos, en las etapas de producción, importación y comercialización. Asimismo facilitará el acceso de factores de escasos recursos a los medicamentos considerados esenciales.

Art. 73 Del derecho a la educación y de sus fines: Toda persona tiene derecho a la educación integral y permanente, que como sistema y proceso se realiza en el contexto de la cultura de la comunidad. Sus fines son el desarrollo pleno de la personalidad humana y la promoción de la libertad y la paz, la justicia social, la solidaridad, la cooperación y la integración de los pueblos; el respeto a los derechos humanos y los principios democráticos; la afirmación del compromiso con la Patria, de la identidad cultural y la formación intelectual, moral y cívica, así como la eliminación de los contenidos educativos de carácter discriminatorio. La erradicación del analfabetismo y la capacitación para el trabajo son objetivos permanentes del sistema educativo (PARAGUAY, 1992, p.16 - Grifo nosso).

A promoção da segurança alimentar não é algo que possa ocorrer separadamente de demais políticas, ou seja, o direito à alimentação é primordial à vida e está inserido nos

direitos humanos. Além destes artigos presentes na Constituição do Paraguai, em 2012 foi aprovada a “*Ley Marco de Soberanía, Seguridad Alimentaria y Nutricional y Derecho a la Alimentación*”, que consiste em um conjunto de normas a serem desenvolvidas com o auxílio da FAO e pela iniciativa *América Latina y Caribe sin Hambre*. Este marco legislativo reconhece o direito à alimentação desde uma esfera supranacional (FAO, 2012).

Para ello se trazaron objetivos y estrategias, como el de garantizar la disponibilidad permanente de alimentos inocuos y nutritivos; respetar y proteger los conocimientos y modos de vida tradicionales, fortaleciendo los modos de producción familiar y comunitario; fomentar a través de la producción agroalimentaria sustentable la implementación de políticas de protección e inclusión socioeconómica de la población más vulnerable y la habilitación de una canasta básica alimentaria, con garantía de calidad nutricional. También contempla la protección y recuperación de la agrobiodiversidad y el ambiente, así como la organización y el funcionamiento de bancos de semillas autóctonas y tradicionales con el objeto de promover la producción y conservación, con miras al autoabastecimiento (GORDILLO; JERÓNIMO, 2013, p. 45).

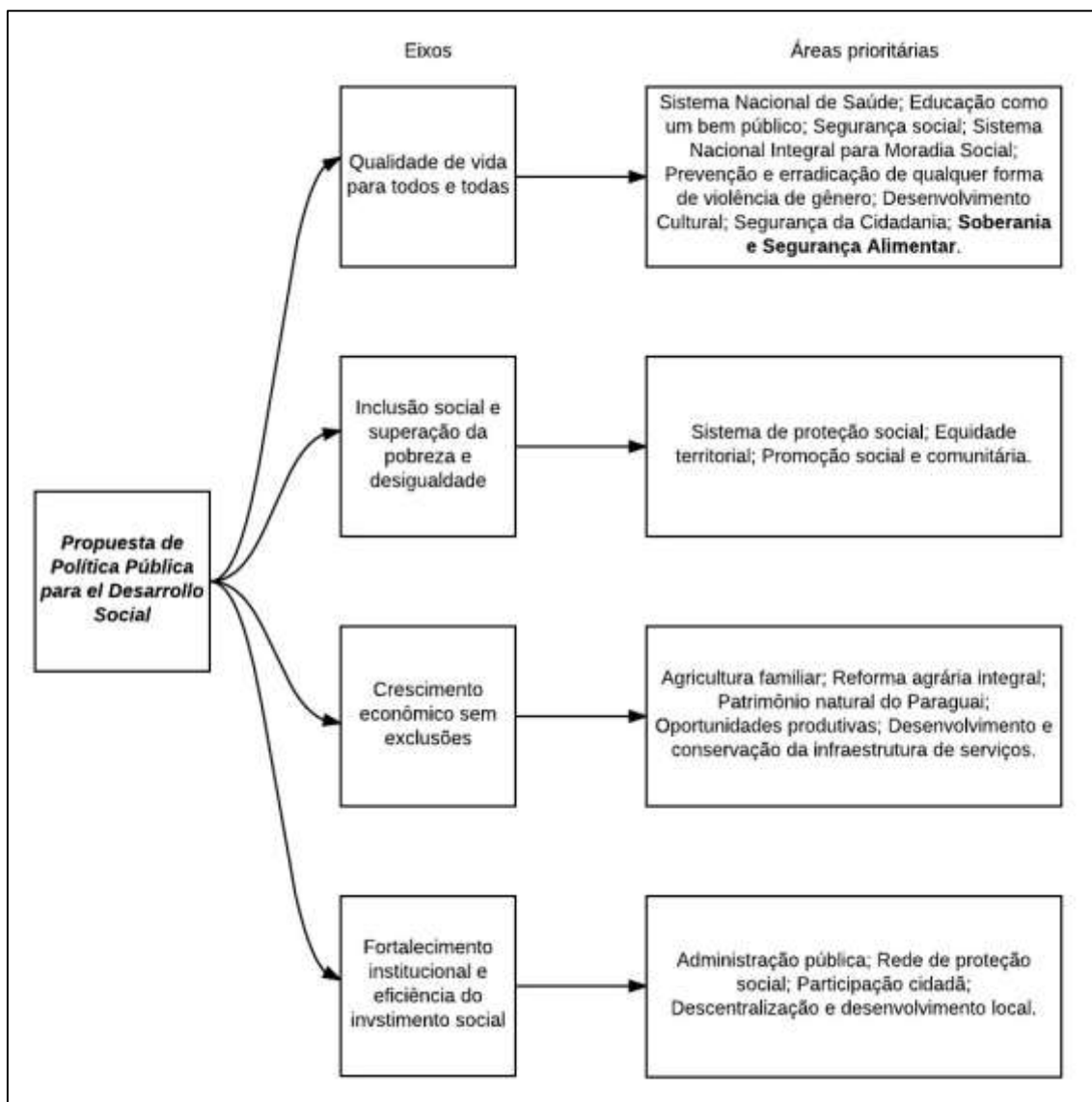
Após este marco legal há a elaboração de planos em escala nacional com o objetivo de promover a segurança alimentar. Há um total de quatro planos com tal finalidade sendo estes: *Plan Estratégico Económico Social* (PEES) (2008-2013), *Propuesta de Política Pública para el Desarrollo Social* (PPDS) (2010-2020), *Plan Nacional de Soberanía y Seguridad Alimentaria y Nutricional del Paraguay* (PLANAL) (2009-2013), considerado um marco para o país e *Plan Nacional de Desarrollo* (PND) (2015-2030). Apenas o PLANAL possui enfoque direto na segurança e soberania alimentar, os demais são de cunho de promoção social e redução das desigualdades e que em algum momento abordam a questão da segurança alimentar. O *Plan Estratégico Económico Social* (PEES) foi elaborado no ano de 2008 no governo de Fernando Lugo. Tal plano tem como objetivo garantir o desenvolvimento inclusivo do Paraguai e possui seis objetivos estratégicos e oito pilares os quais sustentam o PEES.

Os objetivos do PEES são: prosseguir o crescimento econômico do Paraguai, porém com maior geração de emprego; fortalecer as instituições do Estado para melhorar a eficácia das políticas públicas; aumentar e melhorar os investimentos sociais, especialmente em educação e saúde, focalizando a redução da pobreza; encorajar a diversificação na estrutura produtiva, preservando o meio ambiente; impulsionar a participação da sociedade civil e do setor privado na economia para fortalecer micro e pequenas empresas, especialmente pequenas propriedades agrícolas, aumentando a capacidade de competição entre produtores e coordenar ações do governo para apoiar o desenvolvimento regional descentralizado. A segurança alimentar não está delimitada em nenhum objetivo do PEES, porém está implícita no objetivo 03 “*Aumentar e melhorar os investimentos sociais,*

especialmente em educação e saúde, focalizando a redução da pobreza”, uma vez que para garantir a saúde e reduzir a pobreza é necessário o acesso ao alimento.

Outro plano no marco da discussão da segurança alimentar no Paraguai é a *Propuesta de Política Pública para el Desarrollo Social* (PPDS).com um horizonte de 2010 a 2020. O PPDS também foi elaborado no governo de Fernando Lugo e possui como objetivo geral iniciar um processo de socialização e consultas com a sociedade, buscando estabelecer um marco com todos os atores sociais do Paraguai, incorporando suas propostas, demandas e saberes. Segundo Stanley (2011), a *Propuesta de Política Pública para el Desarrollo Social* semeia desenvolvimento humano e social inclusivo, que orienta e articula todas as instituições que integram o Gabinete Social do governo do Paraguai. O PPDS possui quatro eixos transversais, cada qual com suas áreas prioritárias:

Organograma 03: PPDS - Eixos estruturais e áreas prioritárias



Fonte: PPDS (2010); Org.: PEREIRA, L. I. (2016).

Apesar de ser um objetivo transversal, a soberania e segurança alimentar aparece explicitamente como área prioritária apenas no eixo 01, porém, ao buscar o fortalecimento da agricultura familiar está implícito a segurança alimentar. No objetivo geral “Melhorar a qualidade de vida da população paraguaia mediante o desenvolvimento e fortalecimento dos Sistemas de Bens e Serviços Públicos” há um tópico exclusivo para a segurança e soberania alimentar. O PPDS entende que a soberania alimentar (e não segurança) é um problema de acesso ao alimento e que esta deve ser garantida pelo Estado através do fortalecimento da agricultura familiar, tal fortalecimento apenas será possível com a assistência técnica integrada, visão que busca promover o modelo de desenvolvimento do agronegócio. Segundo PPDS soberania alimentar é:

Se entiende por soberanía alimentaria a la facultad de cada Estado para definir sus propias pautas alimentarias de acuerdo a objetivos de desarrollo sostenible y seguridad alimentaria. “Existe seguridad alimentaria cuando todas las personas tienen en todo momento acceso físico y económico a suficientes alimentos inocuos y nutritivos para satisfacer sus necesidades alimenticias y sus preferencias en cuanto a los alimentos a fin de llevar una vida activa y sana” (PPDS, 2010, p. 48).

Por fim e não menos importante, há o *Plan Nacional de Soberanía y Seguridad Alimentaria y Nutricional del Paraguay* (PLANAL) elaborado em 2009 pela Secretaria Técnica de Planificação com o apoio da FAO. O PLANAL foi criado devido aos “Objetivos de Desenvolvimento do Milênio”, conforme citado anteriormente. De fato o PLANAL foi o único plano elaborado especificamente para a segurança e soberania alimentar. Segundo o governo do Paraguai, o PLANAL corresponde a uma resposta as condições de vulnerabilidade de aproximadamente 40% da população do país, aos elevados índices de desnutrição, má nutrição e enfermidades proporcionadas pela falta de alimentos adequados, à insegurança vivida no espaço rural paraguaio, onde a maioria das propriedades agrícolas familiares possui baixo retorno econômico. Segundo o discurso de Lugo em 15 de agosto de 2008, o PLANAL busca promover:

“La conquista de un proceso de desarrollo, una economía sustentable con equidad social, un Paraguay socialmente justo... donde nunca más exista tanta inequidad que genera saciedad y hambre al mismo tiempo; la seguridad alimentaria caracterizada no solo desde el reaseguro de un espacio y oportunidades de producción autogestionaria sino también en su dimensión **CULTURAL, SOBERANA E IDENTITARIA**” (LUGO, 2008 - grifo nosso).

O PLANAL possui sete objetivos que deverão, ou pelo menos deveriam ser alcançados até o ano de 2025, sendo: fortalecer a capacidade de autogestão de setores

vulneráveis na produção e aproveitamento sobre bases sustentáveis; garantir o acesso de setores vulneráveis a alimentos nutritivos; melhorar o uso e consumo de alimentos da população em geral; gerar trocas positivas no sistema cultural vinculado à soberania e segurança alimentar e nutricional; adequar e fortalecer o sistema educativo e de desenvolvimento de capital humano no âmbito da educação nutricional; fortalecer a institucionalidade do setor SSAN e melhorar a estabilidade do acesso ao alimento. O PLANAL abrange três programas já em teoria deveriam estar em vigência desde o momento de elaboração do PLANAL, entretanto, com o cancelamento do PLANAL, tais programas foram anulados (Quadro 01). Através destes programas observa-se o interesse à produção de alimentos saudáveis, com controle de agroquímicos e resgate de saberes e técnicas ancestrais. Destacamos que a maioria dos objetivos destes programas governamentais já são pautas de lutas de movimentos sociais, como o CONAMURI.

Quadro 01: Novos programas a serem executados pelo PLANAL.

Programa	Descrição	Meta	Cobertura	Responsável
<i>Programa Nacional de SSAN para la Agricultura Familiar</i>	Produção de alimentos com qualidade nutricional, com controle de agroquímicos e desenvolvimento de tecnologias de sistemas produtivos apropriados;	30.000 famílias incorporadas ao Programa por ano, a partir 2009;	Agricultores/as familiares, famílias urbanas em condição de vulnerabilidade e jovens da área rural;	MAG
<i>Programa Nacional de Seguridad Alimentaria y Desarrollo de la Agricultura y Economía Indígena</i>	Produção familiar e comunitária de alimentos, resgate de produtos tradicionais, tecnologias e saberes ancestrais;	5.000 novas famílias indígenas incorporadas ao Programa por ano a partir de 2009;	Indígenas do campo e da cidade;	MAG
<i>Programa Nacional de Fomento de la Producción Orgánica y Agroecológica</i>	Desenvolvimento de produtos, mercados e sistema de certificação de produtos orgânicos, com o apoio a competitividade;	Total de 30.000 unidades produtivas orgânicas certificadas em 2013.	Todo o territorio nacional;	MAG

Fonte: Governo do Paraguai; Org.: PEREIRA, L. I. (2016).

Além dos programas acima citados, novos programas foram propostos pelo PLANAL (Quadro 02), que também não saíram da esfera burocrática, pelo menos não até o momento de elaboração deste artigo. Especulamos que estes programas não foram colocados em prática devido ao modelo de desenvolvimento proposto pelo governo do Paraguai. Embora tenham sido planejados durante o governo Lugo, o presidente não tinha total autonomia implementá-los, uma vez que a maioria dos deputados e senadores

governam de acordo aos interesses da elite ruralista do país. Isso se torna evidente ao analisar o fato de que Lugo procurou realizar algumas medidas que beneficiasse camponeses e foi destituído através de um golpe.

Quadro 02: Programas em vigência do PLANAL.

Programa	Descrição	Meta	Cobertura	Responsável
<i>Programa Nacional de Protección, Promoción e Inclusión Social</i>	Transferência de recursos financeiros a famílias em condição de extrema pobreza, principalmente em comunidades interessadas em melhorar a soberania e segurança alimentar e nutricional;	536 comunidades indígenas	Comunidades indígenas	SAS
<i>Programa Nacional de Nutrición, Alimentación e Inocuidad</i>	Capacitação nutricional, vigilância de transtornos e enfermidades transmissíveis e não transmissíveis por alimentos,	N.I.	Universal	MSPBS
<i>Programa Nacional de Fortalecimiento de la Educación para la soberanía y seguridad alimentaria y nutricional</i>	Identificação de problemas de alimentação e nutrição no âmbito da população em idade escolar;	N.I.	Universal	MEC

Fonte: Governo do Paraguai; Org.: PEREIRA, L. I. (2015).

Segundo Stanley (2011), o PLANAL possui objetivos integrados ao PEES e PPDS, pois focaliza os fatores dentro destes dois planos que se encontram diretamente responsáveis pela segurança e soberania alimentar, ou seja, o PLANAL destaca os objetivos específicos e eixos estruturais que envolvam a segurança e soberania alimentar e desenvolve-os, ou pelo menos este deveria ser o objetivo. Assim, o PLANAL busca estabelecer um vínculo entre diversas instituições. O PLANAL e os seus respectivos programas, foram paralisados em 2012, com a saída de Lugo, pois não é interesse do governo do Partido Colorado.

No que tange às falhas dos planos acima mencionados, destacamos seis: ausência de uma visão mais holística sobre a insegurança alimentar; insuficiência das estratégias nacionais para a efetivação da segurança e soberania alimentar, desigualdade na distribuição de riquezas, ausência de uma promoção integrada entre sociedade e governo para a construção de uma política de segurança e de soberania alimentar; falta de transparência e falta de acessibilidade a informação, uma vez que os principais alvos de tais

programas e os que mais sofrem com a insegurança alimentar são comunidades rurais e indígenas isoladas.

Enfatizamos que tais planos foram elaborados durante o mandato de Fernando Lugo, que possuía uma postura em prol dos movimentos sociais e de reforma agrária, não foi por acaso que durante o seu governo foram estabelecidos três planos de desenvolvimento social, em que estava embutido em todos estes a segurança alimentar, inclusive ariscando realizar uma política de soberania alimentar, no caso específico do PLANAL. Fernando Lugo sofreu um golpe de Estado em 2012 e foi destituído do cargo de Presidente da República, tal golpe repercutiu na mídia como um retrocesso da democracia. Com a saída de Lugo, o PLANAL e os seus respectivos programas foram cancelados e o PEES não foi renovado, o que motivou a FAO a atuar ainda mais no país.

Além destes programas integrados ao PLANAL, há outros sete programas em vigência e desenvolvidos pelo Ministerio da Agricultura y Ganaderia (MAG) que não estão articulados a nenhum plano específico. Estes programas não enfocam diretamente a segurança ou soberania alimentar, mas em algum momento em seus objetivos aparecem à temática que nos interessa. O perfil destes programas é o mesmo que já ressaltamos aqui: garantir o acesso ao alimento através do fortalecimento da agricultura familiar e a integração do agricultor familiar ao mercado.

Atualmente o principal projeto do MAG é *Proyecto de Inclusión de la Agricultura Familiar em Cadenas de Valor - Proyecto Paraguay Inclusivo (PPI)*, que tem como objetivo contribuir para incrementar os ativos e qualidade de vida dos agricultores familiares campesino pobres e a população rural pobre em geral mediante a sua inserção de forma sustentável e através de organizações sociais representativas, em cadeias de valor, com visão de gênero e conservação do meio ambiente. O PPI tem abrangência departamental, onde as áreas prioritárias são: Concepción, San Pedro, Guairá, Caaguazú, Caazapá, Itapúa, Paraguari, Alto Paraná, Cordillera e Canindeyú. Durante a entrevista com a representante do MAG, esta nos destacou que este programa é de extrema importância para a garantia da segurança alimentar no Paraguai. Contudo, na entrevista com o CONAMURI e durante a *I Jornada de Agroecología - Agroecología: un proyecto de vida, lucha y resistencia*, diversos camponeses criticaram o programa afirmando que o mesmo não é acessível, que não há assistência por parte do MAG e que auxilia na promoção da agricultura empresarial.

Já o *Programa de Modernización de la Gestión Pública de Apoyos Agropecuarios (PAGRO)* busca contribuir com a melhora da produtividade e o aumento do ingresso dos pequenos e médios produtores agropecuários. O programa enfatiza fortalecer a agricultura familiar para promover a *segurança alimentar* e inserção nas cadeias de valor. Este programa é um dos poucos que citam diretamente a segurança alimentar, porém esta deve

ser realizada via mercado. O PAGRO é um programa departamental presente em Cordillera, Misiones, Paraguari, Caaguazú, Caazapá, Guairá, Central, Itapúa, San Pedro, Concepción e Presidente. Hayes.

O *Proyecto de Desarrollo Rural para el Fortalecimiento del Sistema de Gestión Territorial* (KATUPYRY) é um projeto piloto e interinstitucional, ou seja, executado pelo Ministerio da Agricultura y Ganaderia, pela Ministeria da Hacienda e pela Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA). Também possui o apoio do Instituto *Interamericano de Cooperación para la Agricultura* (IICA). O KATUPYRY que tem como objetivo alcançar o desenvolvimento definitivo para cada território através da aplicação do Sistema de Gestão Territorial Participativo e Inclusivo. Ressaltamos que durante todo o ano de 2015 o MAG ressaltou através de reportagens a relevância deste programa para o desenvolvimento territorial. Atualmente o KATUPYRY é desenvolvido nos departamentos de Caazapá e Itapúa.

Outro é programa é o *Laboratorio de Bioseguridad y Fortalecimiento del Laboratorio de Control de Alimentos* (SENACSA) que tem como objetivos principais fortalecer e readequar a capacidade de diagnóstico do laboratório da SENACSA, dotando o país de infraestrutura necessária para a manipulação de amostras de campo para diagnóstico de enfermidades em animais e da saúde pública. O SENACSA é desenvolvido apenas no departamento de Central, o mais populoso do Paraguai.

O *Programa de Fomento al Desarrollo de la Competitividad Agropecuaria*, conhecido como COMPETITIVIDAD, é um programa que se complementa com outras ações do MAG e da *Universidad Nacional de Asunción* (UNA). O objetivo geral do programa é a inserção competitiva do setor agropecuário nos diferentes mercados, de maneira econômica, social e ambiental sustentáveis. Como objetivos específicos, o COMPETITIVIDAD visa contribuir para o melhoramento das condições para o desenvolvimento de produtos agrários competitivos através do aumento da produção e das vendas e melhorar as capacidades institucionais para uma maior eficiência e eficácia das ações do MAG. O COMPETITIVIDAD considera o mercado como um fator primordial para o êxito e desempenho da produção agrária do país.

Por fim, há outros dois programas de abrangência nacional. O primeiro é o *Proyecto de Desarrollo Rural Sostenible* (PRODERS), que tem o objetivo de melhorar a qualidade de vida de pequenos produtores e comunidades indígenas, através de medidas de apoio que permita fortalecer sua organização comunitária, a autogestão e inserção no mercado e em cadeia de valor. Posteriormente há o *Programa de Fomento de la Producción de Alimentos por la Agricultura Familiar* (PPA), conhecido somente como *Programa de Producción de Alimentos*. O PPA contempla os princípios da inclusão social, da juventude rural e da

sustentabilidade Tem como objetivo a assistência técnica na organização da produção e da comercialização, promoção da educação rural e transferência de incentivos.

Deste modo, dos planos citados acima, apenas o PPDS está em execução, enquanto o PEES foi finalizado em 2013 sem perspectiva de continuidade e o PLANAL foi cancelado em 2012, logo após a destituição de Lugo. Com o cancelamento do PLANAL, os programas executados por este plano também foram excluídos, sendo: PONSADAI, PRONADAR e PRONSADAF. O cancelamento do PLANAL foi um retrocesso, pois dentre os planos, era o único que abordava a soberania alimentar e que possuía programas diretamente para comunidades camponesas e indígenas.

A luta pela Soberania Alimentar no Paraguai: o caso da Coordenadora de Mujeres Rurales e Indígenas (CONAMURI)

A soberania alimentar é pauta na luta de diversos movimentos sociais paraguaios. Dentre estes destacamos a *Coordinadora Nacional de Mujeres Rurales e Indígenas* (CONAMURI), pois apresenta uma luta singular quando comparado aos demais. De acordo com Perla Alvarez⁴, líder e dirigente do CONAMURI, o movimento foi criado em 1998 com dois objetivos: inserção das mulheres no cenário político e nas tomadas de decisões e luta pela soberania alimentar, a principal bandeira do movimento. O CONAMURI está territorializado em dez departamentos do Paraguai e desde então realiza manifestações, eventos (seminários, congressos e jornadas) e feiras agroecológicas em prol da soberania alimentar do povo paraguaio. O movimento utiliza o resgate de práticas produtivas ancestrais, preservação de sementes crioulas e a luta contra sementes transgênicas, produtos agroquímicos e as transnacionais que impõe o regime alimentar corporativo no país, sobretudo a Monsanto.

O CONAMURI é, sem dúvida, o principal movimento na luta pela soberania alimentar e contra o modelo de produção do agronegócio, possuindo diversas formas de luta. Dentre as ações do movimento destacamos: Jornada do dia mundial conta o uso de agrotóxicos e pesticidas, realizado no dia 02 de dezembro de 2015 na Escola de Agroecologia do CONAMURI; Feira de Fim de Ano *Jakaru Porã Haguã*⁵, realizada no dia 17 de dezembro de 2015 em Assunção; Feira Agroecologia *Kokuégui ne mesápe*, realizada mensalmente em Assunção, tal feira possui o slogan “Alimento Sano, Pueblo Soberano”. Além disso, o CONAMURI realiza manifestações em cidades que apresentam visibilidade, como Assunção e capitais dos departamentos, reivindicando a soberania alimentar do Paraguai e contra os agroquímicos. É interessante destacar que as atividades do

⁴ Perla Alvarez autorizou a entrevista e a divulgação do seu nome.

⁵ Maiores informações em: < <http://www.soberaniaalimentaria.org.py/>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

CONAMURI, tanto individuais, quanto conjuntas, são realizadas, majoritariamente, em praças públicas de Assunção. Quando questionada sobre a localização das ações, a dirigente do movimento afirmou que o objetivo das ações do movimento é agregar o maior número possível de indivíduos e mobilizar a sociedade civil para o debate sobre a soberania alimentar. Todas estas ações são de extrema importância e dá voz a bandeira de luta pela soberania alimentar.

No entanto, a principal ação destes dois movimentos compreende na criação do *Instituto Agroecológico Latino Americano Guaraní* (IALA GUARANÍ), criado em 2011 no Paraguai e, que em 2015 formou sua primeira turma de graduandos em Agroecologia durante a *I Jornada de Agroecología - Agroecología: un proyecto de vida, lucha y resistencia*, realizada no dia 03 de dezembro de 2015, na cidade de Assunção. De acordo com Perla Alvarez, o Instituto Agroecológico Latino Americano Guaraní está vinculado aos objetivos da CLOC e da Via Campesina da América do Sul. O IALA Guaraní é uma entidade científica, humanística e democrática, defendendo os princípios da soberania alimentar, proteção e multiplicação das sementes nativas, valorização da agricultura campesina e preservação do meio ambiente. Segundo a cartilha do IALA Guaraní, a iniciativa da criação de institutos de agroecologia está inserida em uma tentativa de articulação destes institutos. Durante a *I Jornada de Agroecología - Agroecología: un proyecto de vida, lucha y resistencia* (Fotografia 01), o IALA Guaraní formou sua primeira turma. Neste evento o instituto elaborou e divulgou a sua própria definição de agroecologia.

La agroecología es una ciencia que emerge como un proyecto estratégico, que rescata el modo de vida ancestral y contemporáneo, sustentables en reciprocidad con la naturaleza con sus características particulares, desarrollados de forma dinámica y racional a lo largo de la historia, implementando agroecosistema o modelos de producción que alteren en lo mínimo posible los ecosistemas naturales en contraposición al modelo productivo de muerte del agronegocio, teniendo en cuenta el flujo de energía, el ciclo de nutriente, la biodiversidad, rescate de las semillas nativas, la producción de alimentos, practicas cooperativas, el intercambio, el goce pleno de los frutos de nuestro trabajo y la vida misma del ser humano en un ámbito de igualdad y equidad de género en una búsqueda constante del equilibrio biológico, productivo y ecológico, dentro de la lógica del buen vivir. *Teniendo como base a las estructura organizativas populares, campesinas e indígenas, de la sociedad civil en general, promoviendo una alianza entre la ciudad y el campo bajo los valores de la minga, el trabajo colectivo, la solidaridad y la ayuda mutua perdidos actualmente, defendiendo el territorio y organizando a las comunidades, reconociendo y fortalecimiento su identidad cultural para la Soberanía Alimentaria en pos de la transformación social, política, económica, cultural e ideológica de la sociedad capitalista no sostenible* (IALA GUARANÍ, 2015, p. 01 - grifo nosso).

Com a definição de agroecologia elaborada pelo IALA Guaraní, torna-se evidente a proposta de um novo modelo de desenvolvimento para o campo paraguaio, que luta contra

o modelo do agronegócio em vigência no país. O IALA Guaraní procura atrair a população urbana para a luta pela soberania alimentar através da conscientização que o direito político ao alimento é uma luta de toda a sociedade e não exclusiva de movimentos sociais e camponeses. Durante a entrevista, Perla Alvarez afirmou que o CONAMURI e a *Organización de Lucha por la Tierra* (OLT) realizam seus eventos justamente em praças no centro de Assunção para atrair a população urbana que circula no local, com o intuito de possibilitar que a este público tenha acesso a alimento saudável e com baixos preços que, segundo a líder dirigente, é um atrativo para a sociedade civil se conscientizar da importância da soberania alimentar.

Fotografia 01: Feira agroecológica do assentamento 01 de Marzo realizada através de ação conjunta entre CONAMURI e OLT.



Fotografia: PEREIRA, L.I.; Data: 02 dez .2015.

Outra ação de luta pela soberania alimentar é o movimento *Ñamosêke Monsanto*, que engloba trinta organizações paraguaias do campo e da cidade, incluindo o CONAMURI. O *Ñamosêke Monsanto* consiste em uma campanha lançada em outubro de 2013 contra a transnacional Monsanto, que controla a produção e o mercado de sementes transgênicas e produtos agroquímicos em escala mundial. Segundo a Via Campesina (2014) a campanha foi idealizada no sentido de lutar contra o uso de sementes geneticamente modificadas e de agroquímicos. Em 2015 dentro do *Ñamosêke Monsanto* foi lançada a campanha “*Pueblos*

Libres de Transgénicos y Agrotóxicos”, com o objetivo de promover o modelo de produção agroecológico e conscientizar a população paraguaia sobre os efeitos do modo de produção do agronegócio. Esta campanha também conta com o apoio do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), do Brasil e *Movimiento Nacional Campesino e Indígena* (MNCI), da Argentina (AGENCIA DE INFORMACIÓN PARAGUAYA, 2015). Ressaltamos que a luta contra a utilização de agroquímicos no Paraguai não é em vão, o país é um dos maiores importadores deste tipo de insumo. Em junho de 2016 a importação de agroquímicos e fertilizantes pelo Paraguai totalizou em 120.612.626 quilogramas (SENAVE, 2016).

Ainda, uma outra ação dos movimentos sociais que lutam pela soberania alimentar no Paraguai é o projeto de lei “*que establece normas de etiquetado de productos destinados al consumo humano, que sean, contengan o deriven de organismos genéticamente modificados y garantiza el derecho a la información del consumidor*”. No dia 09 de dezembro de 2015 ocorreu no Senado do Governo do Paraguai uma audiência pública para esclarecimentos sobre o projeto de lei. Durante a audiência foram ouvidos depoimentos de médicos, agrônomos, economistas e sociólogos a respeito da atual utilização de transgênicos no Paraguai. Segundo o grupo de pesquisa BASE Investigaciones Sociales (2015), o projeto de lei conhecido popularmente como “*Ley de Etiquetado*”, foi oficialmente levado ao Senado no dia 17 de dezembro na última sessão anual da Câmara de Senadores do Paraguai. Sem dúvidas, esta lei é um avanço para o país e para o acesso à informação sobre os alimentos que os paraguaios consomem.

Por fim, outra campanha foi lançada em abril de 2016 com o título de “*Tierras Malhabidas*”. A campanha não tem como objetivo principal luta pela a soberania alimentar, mas sim pela recuperação das terras que estão em posse ilegal de latifundiários e empresas nacionais e estrangeiras. De tal modo, a campanha tem como trunfo a luta pela terra no país. Cabe destacar que não podemos separar a luta pelo território da luta pela soberania alimentar, logo, esta campanha é importante na luta pelo direito de decidir sobre o alimento. Uma das conscientizações da campanha é em relação de como a ausência da soberania territorial e econômica impacta na soberania alimentar. A Fotografia 02 mostra um alimento típico paraguaio, que consiste em um bolo salgado a base de milho chamado de “*sopa paraguaya*”, a campanha destaca que o povo paraguaio perdeu a soberania do seu território e do que produzir neste, que até a sopa que era paraguaia tornou-se “*sopa ex-paraguaya*”, pois o produto agrícola base para a sopa, neste caso o milho, é produzido por empresas transnacionais, com sementes transgênicas, utilização indiscriminada de agroquímicos e com técnicas produtivas impostas pelo modelo do agronegócio. Esta ação dos movimentos sociais evidencia a articulação entre as soberanias - econômica, territorial e alimentar.

Fotografia 02: Campanha Tierras Malhabidas.

Fonte: Divulgação Campanha Tierras Malhabidas. Data: 18 abr. 2016.

Todas estas ações se configuram como resistências frente ao modelo de crescimento econômico desenvolvido pelo agronegócio. A soberania alimentar que os movimentos sociais reivindicam corresponde a um modelo alternativo de desenvolvimento que procura resgatar saberes ancestrais paraguaios, resgatar e preservar sementes crioulas e produzir alimentos para o consumo nacional através de práticas agroecológicas, enfim, buscam um acesso mais do que econômico, mas sim um acesso político ao alimento.

Considerações finais

O Paraguai é o país com maior desigualdade social da América do Sul, com o total de 1.534.000 habitantes na faixa de pobreza em 2015, onde mais de 40% da população sofre problemas relacionados à fome. Contudo, é o sexto maior produtor de soja do mundo, uma produção que cresce a cada safra com o total apoio do Estado paraguaio. Ao mesmo tempo ocorre a nível global a emergência de uma preocupação com a segurança e soberania alimentar, de modo que há diversas iniciativas em variados âmbitos para o desenvolvimento desta.

O papel do Estado na promoção segurança alimentar é fraco, pois o mesmo atua através de planos e projetos que visam fortalecer a agricultura familiar via mercado, sem focar em políticas de segurança ou soberania alimentar. Observamos ainda que todos os planos e programas que tinham como objetivo a segurança e, inclusive buscando a

efetivação da soberania alimentar, foram elaborados durante o governo de Fernando Lugo, caracterizado por uma posição em prol das políticas sociais, porém com a saída de Lugo da presidência, o PLANAL foi cancelado e o PEES não foi renovado. Com a entrada de Federico Franco e posteriormente Horacio Cartes, nenhum novo plano que vise à segurança e soberania alimentar foi elaborado, sendo esta uma luta apenas dos movimentos sociais. Enquanto isso, tais presidentes aprovaram novos cultivos transgênicos - soja, milho e algodão - e liberaram agroquímicos antes proibidos no país.

Diante deste cenário, os movimentos sociais possuem um importante papel para a garantia da soberania alimentar. Destacamos mais uma vez que os movimentos lutam pela soberania alimentar, uma luta política, enquanto o Estado paraguaio busca uma segurança alimentar via mercado. As ações do movimento são as principais formas de garantir a soberania alimentar do país. O CONAMURI foi criado justamente com o objetivo de lutar pela soberania alimentar no Paraguai, nesse sentido, em 2011 criou o *Instituto Latinoamericano de Agroecología Guaraní*. Assim, o CONAMURI é o principal sujeito na luta em prol de um modelo de desenvolvimento alternativo. Destacamos que o CONAMURI declarou durante o trabalho de campo que no ano de 2016 iniciará sua atuação em ocupações de terras no Paraguai, pois este movimento entende que não tem como garantir a soberania alimentar sem uma reforma agrária, ou seja, a soberania alimentar como um território.

Referências

- ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Editora Annablume, 2010.
- BOFILL, Isabel Esparza I. **La soja em Paraguay**: concentración, extranjerización de la tierra y las consecuencias en el campesinado. Madrid, 2012. 94 f. Dissertação (Mestrado em Estudios Contemporáneos de América Latina. Facultad de Ciencias Políticas y Sociología, Universidad Complutense de Madrid, Madrid (Espanha).
- CAMPANHA TIERRAS MALHABIDAS. Disponível em: <<http://www.tierrasmalhabidas.com.py/>>. Acesso em: 30 jun. 2016.
- CAPECO. **Cámara Paraguaya de Exportadores y Comercializadores de Cereales y Oleaginosas**. Disponível em: <<http://www.tera.com.py/>>. Acesso em: 26 dez. 2015.
- COLOGNESE, S.A.; MÉLO, J.I.B. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 09, p. 143-159, 1998.
- DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA, ENCUESTAS Y CENSOS. **Encuesta Permanete de Hogares**. Assunção: DGEEC Publicaciones, 2013.
- FABRINI, João Edmilson. Campesinato e agronegócio na fronteira entre o Brasil e Paraguai. **Boletim DATALUTA** v. 23, p. 1-9, 2012.
- HOBASBAWN, Eric. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

INSTITUTO AGROECOLÓGICO LATINOAMERICANO GUARANÍ. **Agroecología: Diálogo de Saberes en el encuentro de Culturas - Experiencias de producción agroecológica.** Asunción: IALA GUARANÍ, 2014.

JORNAL HOY. Paraguay dedica 6% de su superficie cultivable a alimentos de consumo local. **Jornal Hoy**, Cuaderno de Economía, 13 out. 2015.

LAINO, Domingo. **Paraguai.** Fronteiras e penetração brasileira. São Paulo: Global Editora, 1979.

McMICHAEL, Philip. A food regime analysis of the 'world food crisis'. **Agriculture and Human Values**, n. 26, 2009, p. 281-295.

McMICHAEL, Philip. **Historicizing Food Sovereignty: a Food Regime Perspective.** Food Sovereignty: a critical dialogue, set. 2013.

MINISTERIO DA AGRICULTURA Y GANADERIA. **Proyecto KATUPYRY fortalece acciones para el desarrollo territorial.** Asunción: MAG. Publicado em: 17 ago. 2015.

MINISTERIO DA AGRICULTURA Y GANADERIA. **Programa de Fomento al Desarrollo de la Competitividad Agropecuaria (COMPETITIVIDAD).** Asunción: Gobierno de la República del Paraguay, 2015.

MINISTERIO DA AGRICULTURA Y GANADERIA. **Programa de Fomento de la Producción de Alimentos por la Agricultura Familiar (PPA).** Asunción: Gobierno de la República del Paraguay, 2015.

MINISTERIO DA AGRICULTURA Y GANADERIA. **Programa de Modernización de la Gestión Pública de Apoyos Agropecuarios (PAGRO).** Asunción: Gobierno de la República del Paraguay, 2015.

MINISTERIO DA AGRICULTURA Y GANADERIA. **Proyecto de Desarrollo Rural Sostenible (PRODEERS).** Asunción: Gobierno de la República del Paraguay, 2015.

MINISTERIO DA AGRICULTURA Y GANADERIA. **Proyecto de Desarrollo Rural para el Fortalecimiento del Sistema de Gestión Territorial (KATUPYRY).** Asunción: Gobierno de la República del Paraguay, 2015.

MINISTERIO DA AGRICULTURA Y GANADERIA. **Proyecto Paraguay Inclusivo (PPI).** Asunción: Gobierno de la República del Paraguay, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA (FAO). **El estado mundial de la Agricultura y la Alimentación en el mundo.** Roma: FAO, 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA (FAO). **Global agricultulre towards 2050.** Roma: FAO, 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA (FAO). **Derecho a la alimentación, seguridad y soberanía alimentaria.** Roma: FAO, 2013.

PARAGUAY. **Constitución de la República de Paraguay**, 1992. Disponível em: <https://www.oas.org/juridico/mla/sp/pry/sp_pry-int-text-const.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2015.

PARAGUAY. **Propuesta para un crecimiento económico con inclusión social en Paraguay - Plan Estratégico Económico y Social (PEES).** Asunción: Gobierno de la República del Paraguay, 2008.

PARAGUAY. **Plan Nacional de Seguridad y Soberanía Alimentaria y Nutricional del Paraguay (PLANAL)**, Asunción: Gobierno de la República del Paraguay, 2009.

PARAGUAY. **Propuesta de Política Pública para o Desarrollo Social (2010-2020)**. Asunción: Gobierno de la República del Paraguay, 2010.

PARAGUAY. **Organización Ñamoseke Monsanto prepara varias atividades para este año**. Agencia de Información Paraguaya. Data de publicação: 09 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.ip.gov.py/ip/?p=2144>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

PARAGUAY. **Marco Estratégico Agrario**: Directrices básicas 2014/2018. Ministerio de Agricultura y Ganadería (MAG), 2014. Disponível em: <http://www.mag.gov.py/sigest_actas/Marco%20Ampliado.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2015.

PASTORE, Carlos. **La lucha por la tierra en el Paraguay**. Asunción: Intercontinental Editora, 1972).

SERVICIO NACIONAL DE CALIDAD Y SANIDAD VEGETAL Y DE SEMILLAS. **Boletín Estadístico Mensual** - Junio de 2016. SENAVE. Disponível em: <<http://www.senave.gov.py/docs/boletin-estadistico/boletin-estadistico-junio-2016.jpg>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

STANLEY, Clara. **Seguridad y Soberanía Alimentaria**: Fallas y Propuestas de Políticas. Asunción: Centro de Análisis y Difusión de la Economía Paraguaya (CADEP), 2011.

THE NEW YORK TIMES. País que mais cresce nas Américas, Paraguai enfrenta desigualdade extrema. **The New York Times**, 04 mai. 2013.

VÁZQUEZ, Fabricio. **Geografía humana del Chaco Paraguayo**. Transformaciones territoriales y desarrollo regional. Asunción: ADEPO, 2013.

VIA CAMPESINA **The right to produce and access land**: position of Via Campesina on Food Sovereignty. World Food Summit, Roma, 1996.

VIA CAMPESINA. **Nyeléni 2007 - Forum for Food Sovereignty**. Sélingué (Mali): Via Campesina, 2007.

VILLAGRA, Luis Rojas. **Actores del agronegocio en Paraguay**. Asunción: BASE Investigaciones Sociales, 2009.

VILLAGRA, Luis Rojas. **Proceso histórico de la economía paraguaya**. Asunción: Secretaría Nacional de Cultura, 2012.

WHITE, Ben; FRANCO, Jennifer; SÁNCHEZ, Javier; TANDON, Nidhi. **Acaparamiento de tierras, nuevo espolio**. Madrid: Centro de Investigación para la Paz, 2012.

WITTMAN, Hannah. Food Sovereignty - a new rights framework for food and Nature? **Environment and Society**: advances in Research, v. 2, 2011, p. 87-105.

Recebido para publicação em 05 de julho de 2016.

Devolvido para a revisão em 13 de julho de 2016.

Aceito para a publicação em 07 de setembro de 2016.

Incidencia de los programas agrarios gubernamentales en la cadena de valor del cacao fino y de aroma en Ecuador¹

Oswaldo Viteri Salazar

Doctor en Ciencia y Tecnología Ambientales, Profesor Titular de la Escuela Politécnica Nacional, Facultad de Ciencias Administrativas, Departamento de Estudios Organizacionales y Desarrollo Humano
e-mail: hector.viteri@epn.edu.ec.

Resumen

La producción de cacao en el Ecuador tradicionalmente ha representado una fuente de ingresos para miles de familias, divisas para el país, fuente de empleo y suministro de alimentos por los cultivos asociados. En este sentido, el Gobierno central ha impulsado distintos programas agrarios para reactivar la producción agrícola (ej. Programa de Reactivación Agrícola de las provincias de Orellana y Sucumbios, Programa de reactivación del sector cacaotero, etc.), enfocados principalmente en el primer eslabón de la cadena de valor, el cual está representado por el productor. Sin embargo existen oportunidades para dar valor añadido a la producción e incorporar mejoras económicas a las familias, mediante procesos de “upgrading” tal como lo han hecho algunas organizaciones que han incursionado en sistemas de certificación orgánica. No obstante, a pesar de las oportunidades, también existen limitaciones que deben ser consideradas a la hora de aplicar las políticas públicas agrarias, como costos de certificación que en buena parte son asumidos por los productores, así como limitación de las organizaciones en términos de capital de operación debido a que se requieren cantidades importantes de dinero para acopiar y comercializar este producto.

Palabras clave: Producción de cacao; cadena de valor; certificación orgánica; políticas públicas.

Incidência dos programas agrários governamentais na cadeia de valor do cacau fino de aroma do Equador

Resumo

A produção de cacau no Equador tradicionalmente tem representado uma fonte de ingressos para milhares de famílias, de dinheiro para o país, fonte de emprego e de comida a través dos cultivos associados. Nesse sentido, o governo central impulsionou vários programas agrários para a reativação da produção agrícola (por exemplo, o Programa de reativação agrícola das províncias de Orellana e Sucumbios, o Programa de reativação do setor produtor de cacau), enfocados principalmente no primeiro elo da cadeia de valor, que está representado pelo produtor. Contudo, existem oportunidades para dar valor acrescentado à produção e propiciar melhoras econômicas para as famílias, a través de processos de

¹ Este artículo es un subproducto de la investigación denominada “Evaluación de la sostenibilidad de los cultivos de café y cacao en la Amazonía norte del Ecuador” desarrollada como mi tesis doctoral en la Universidad Autónoma de Barcelona de España (2013), estudios financiados por becas MAEC-AECID y Becas SENESCYT. Asimismo, ha sido reforzada con información generada en el proyecto PIS-19-24 (en vigencia hasta el año 2017), financiado por la Escuela Politécnica Nacional de Ecuador.

upgrading como os que foram utilizados por organizações que começaram a usar sistemas de certificação orgânica. No entanto, apesar das oportunidades, também existem limitações que devem ser consideradas na aplicação das políticas públicas agrárias, como os custos de certificação que geralmente são assumidos pelos produtores, mesmo como as limitações das organizações em relação ao capital operativo já que se requerem grandes quantidades para armazenar e comercializar esse produto.

Palavras-chave: Produção de cacau; cadeia de valor; certificação orgânica; política pública

Impact of government agricultural programs in the value chain of fine cocoa aroma in Ecuador

Abstract

Cocoa production in Ecuador has traditionally been represented as an income for thousands of families, a source of employment and a food supply for intercropping. In this regard, the central government has promoted various agricultural programs to boost production (e.g. the Program for Agricultural Reactivation of the provinces of Orellana, and Sucumbios: program renewal of the cocoa sector). These have mainly focused on the first link in the value chain: the producer. However, there are other opportunities to add value to production and generate economic improvements which benefit families through the processes of "upgrading", just as they have done with some organizations that started in organic certification systems. However, despite the opportunities, there are also limitations that must be considered when applying agricultural public policies such as the high certification costs (that are largely borne by producers) and the capital limitations of their organizations. Significant amounts of money are required to stockpile and market this product.

Keywords: Cocoa production; value chain; organic certification; public policies

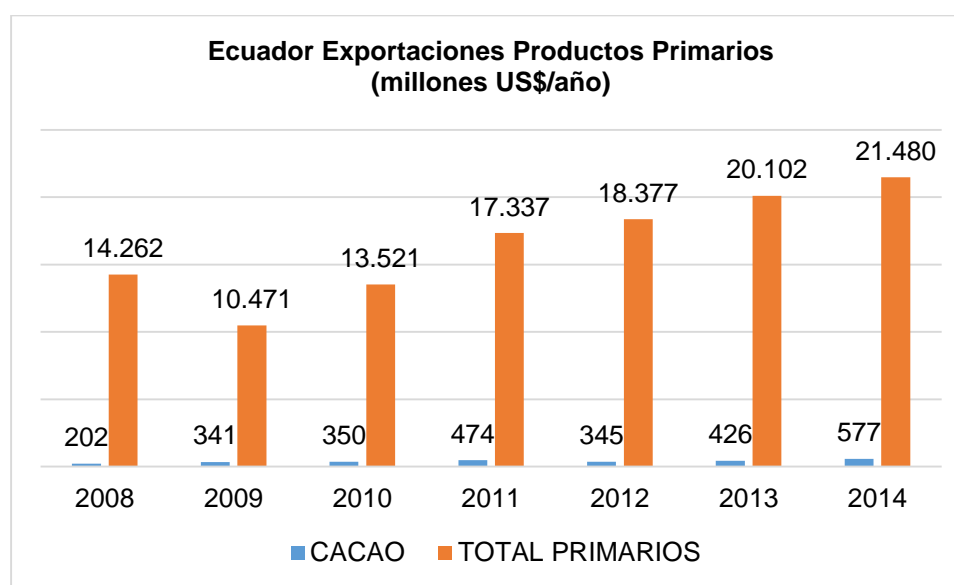
Introducción: Importancia del cacao en la economía nacional

A pesar de los intensos procesos de modernización, en América Latina la agricultura aún representa uno de los sectores de mayor relevancia para su economía, esto se viene dando a partir de los años 80, cuando se dio paso al inicio de la dinamización de la agricultura comercial, que generó un aumento considerable y sostenido del valor agregado en algunos los productos primarios (BERTRANOU Y SHULZE,1993). En el Ecuador, el cultivo de cacao ha tenido un rol importante en la economía nacional, siendo preponderante desde que se consolidó el modelo primario exportador a inicios de la república, hasta el fin del denominado auge cacaotero ocurrido en el primer cuarto del siglo XX (ACOSTA, 2006). No obstante, hasta la fecha aunque con menor importancia económica frente al total de las exportaciones del país, esta actividad ha venido siendo un generador de empleo, fuente de alimentos (por sus cultivos asociados como, maíz, plátano, yuca y otras frutas tropicales) que contribuyen a la soberanía alimentaria, y de dinamismo comercial a nivel rural (MAG,

2001)(ALTIERI y TOLEDO,2011). El cultivo de cacao al igual que otros como el café emplea a miles de pequeños productores, siendo de carácter minifundista con superficies inferiores a 3 hectáreas, tal como ocurre en otros países como Costa de Marfil, Ghana, entre otros (VALKILA, 2009; OFORI-BAH y ASAFU-ADJAYE, 2011).

Según cifras del Banco Central del Ecuador (BCE, 2015), el país ha tenido un crecimiento sostenido en las exportaciones de cacao en los últimos años, siendo que su participación en el total de exportaciones casi se duplico en el año 2014 con respecto al 2008 (ver gráfico 1). Este incremento podría deberse a varios factores, como: mayor superficie sembrada, acceso a crédito y mejor tecnificación de los cultivos, entre otros aspectos que han sido mencionados por los agricultores en una encuesta de coyuntura realizada por el mismo organismo gubernamental (BCE 2008).

Gráfico 1: Cifras de Exportaciones productos primarios.



Fuente (BCE, 2015)

El cacao en la Amazonía como sustento familiar

El cultivo del cacao en la Amazonía norte del Ecuador ha sido desarrollado de la mano del cultivo de café, teniendo sus inicios conforme la región se fue poblando por colonos provenientes de distintos lugares del país por efecto de los procesos de colonización (VITERI, 2007), las agudas sequías en el sur del país y el inicio de la explotación petrolera en la década de los setentas, fueron factores que también contribuyeron al movimiento

migratorio hacia la zona (GONDARD y MAZUREK, 2001). El proceso de colonización en la Amazonía tuvo apoyo de terratenientes de la sierra y costa de Ecuador, y de grupos económicos que se sentían afectados por la aplicación de las Reformas Agrarias de 1966, 1973 y 1979, y que por lo tanto instaron al gobierno para que beneficie con títulos de tierras a campesinos, haciéndolos pioneros de la colonización en la región Amazónica (MALDONADO, 1979). En esa zona, la actividad agrícola de tipo comercial (café, cacao y palma aceitera) tuvo su origen principalmente por efecto de la tercera Ley de Reforma Agraria y Colonización, ejecutada en el año 1979 (GONDARD y MAZUREK, 2001). En aquella época se consideraba a la Amazonía como “tierras baldías del oriente”, incentivándose la colonización de estos territorios por población del resto del país mayoritariamente no indígena, con fines productivos e incluso geopolíticos, al colocar población en zonas de frontera (LITTLE, 1992).

En la Amazonía norte del país se cultiva especialmente cacao nacional² (*Theobroma cacao*) siendo un rubro que aporta ingresos a la economía de las familias y del país, constituyendo entre los años 2002 y 2011 el 7,0% de las exportaciones no petroleras de Ecuador (BCE, 2012). Por décadas este cultivo ha sido fuente de empleo y de divisas para el país. Tradicionalmente la producción de cacao se había concentrado en la provincia de Manabí y actualmente está distribuido en todo el país. Según datos del Sistema de Información Agraria el cultivo de cacao ha pasado de 434.419 hectáreas en el año 2000 a 507.725 hectáreas en el año 2012 a nivel nacional (SINAGAP, 2016).

Según el III Censo Nacional Agropecuario realizado en el año 2000, en las provincias de Orellana y Sucumbíos existían 13.858 Unidades de Producción Agropecuaria (UPAs)³ o conocidas como fincas, de las cuales cerca del 97% poseían cultivos de café y en menor proporción de cacao (MAG, 2002). Para el año 2009, según un reporte del Instituto Nacional de Capacitación Campesina – INCCA, las UPAs dedicadas a la producción de café y cacao en la Amazonía norte del país sobrepasarían las 20.000 (INCCA, 2009). Asimismo, la superficie de cacao habría pasado de 7.751 hectáreas en el año 2000 a 32.297 en el año 2012, en tanto que la superficie de café habría pasado de 49.389 hectáreas a 13.995 en el mismo periodo (MAG, 2002; SINAGAP, 2016).

²En el Ecuador existe un cacao único en el mundo conocido con el nombre de “*Nacional*”, caracterizado porque durante la poscosecha tiene un período de fermentación muy corto y da lugar a un chocolate suave de buen sabor y aroma, por lo que es conocido mundialmente como “*Cacao Fino de Aroma*” (QUINGAISA Y RIVEROS, 2007)

³ UPA, “Es una extensión de tierra de 500m² o más, dedicada total o parcialmente a la producción agropecuaria, considerada como una unidad económica, que desarrolla su actividad bajo una dirección o gerencia única, independientemente de su forma de tenencia y de su ubicación geográfica...” (MAG, 2002)

El cacao nacional es considerado fino de aroma y utilizado en la fabricación de chocolates de alta calidad y en mezclas. En las últimas dos décadas este cultivo se ha visto amenazado por la introducción y expansión del clon mejorado de cacao, denominado CCN51⁴, que es más productivo y que crece bajo sistemas de monocultivo. Sin embargo la variedad mejorada no tiene la misma aceptación en el mercado internacional, y por lo tanto su precio es inferior a la variedad considerada nacional (BIO TRADE FACILITATION PROGRAMME – ECUADOR, 2005).

En el Ecuador los pequeños productores de cacao (menos de tres hectáreas de cultivo), fundamentan su economía en la producción de este cultivo, encontrando como el principal problema la comercialización y la influencia de los intermediarios, que ha decir de los productores les hacen reducir de manera significativa los ingresos derivados de su producción, frente a los potenciales en caso de comercializar de otra manera. Muchos organismos de apoyo (públicos y privados) que ejecutan proyectos en la Amazonía norte del país han centrado sus acciones en la reactivación de la producción, el fortalecimiento gremial y en menor proporción en aspectos de comercialización. Varias asociaciones de productores se han constituido, así como también se han construido centros de acopio para realizar un adecuado manejo poscosecha. Sin embargo, al momento son pocas las organizaciones que han incursionado en procesos de comercialización sostenidos, que a pesar de ello enfrentan diversos problemas (principalmente económicos) que les limitan su capacidad de gestión.

Durante la última década el Ministerio de Agricultura, Ganadería, Acuacultura y Pesca – MAGAP, es el organismo que ha realizado la mayor intervención en estas provincias, mediante la ejecución del Programa Emergente de Reactivación Agrícola de las Provincias de Orellana y Sucumbíos – PROERA, el mismo que tuvo lugar entre los años 2003 y 2010 beneficiando a cerca de 21.000 familias productoras de café y cacao, y de esta manera cubriendo a más del 80% de los agricultores de estas provincias (INCCA, 2010). Gran parte de los proyectos ejecutados en la zona se han enfocado en la parte productiva, dejando un tanto de lado la comercialización, siendo que estos dos campos son segmentos de la cadena de valor agroalimentaria⁵, aunque de eslabones distintos. De ahí que es importante enlazar estos aspectos donde se incluya la participación de los agricultores, dándoles un rol importante en la cadena (SAG-IICA, 2002). Para lograr este

⁴ Homero Castro, en 1965, desarrolló un clon de cacao de la doble hibridación de material genético, Trinitario y Forastero de origen amazónico, denominándolo CCN51 (Castro Colección Naranja 51), con características resistentes a enfermedades y de alto rendimiento (INTERNATIONAL PLANT NUTRITION INSTITUTE, 2011).

⁵La visión de Cadenas Agroalimentarias implica el proceso que sigue un producto agrícola, pecuario, forestal o pesquero a través de las actividades de extracción/producción, transformación e intercambio hasta llegar al consumidor (SAGARPA, 2008).

encadenamiento se requiere contar con un diseño de políticas sectoriales que propicien opciones de especialización e interacciones de la producción con el ambiente. Hasta el año 2003, pocas organizaciones indígenas o de colonos de la Amazonía ecuatoriana habían incursionado en los procesos asociativos de comercio, percibiéndose la necesidad de desarrollar esta actividad (ORTEGA, 2003). En tanto que para finales de la década del 2000 ya se visualiza actividades de comercio que incluyen la participación de productores, sin embargo es preciso articular la comercialización como parte de una reactivación sostenible de la producción (INIAP, 2010).

Una vez que se ha mostrado brevemente el origen de la actividad cacaotera en la Amazonía norte del país, su importancia económica, las políticas agrarias instrumentadas a través de programas agrarios, y principalmente la importancia social que conlleva el cultivo de cacao, el objetivo de este artículo se centra en mostrar una estimación de la producción de cacao en la zona, ejemplificar algunas iniciativas de asociatividad y sus dificultades, analizar algunas particularidades de la producción de cacao, citar los programas agrarios más importantes, y finalmente exponer la realidad social de la certificación orgánica, todo esto para terminar con unas conclusiones que puedan ser útiles para reenfocar las políticas públicas.

Datos, metodología y lugar de estudio

La información presentada en este artículo es parte de una investigación más amplia que se orienta a realizar una evaluación de la sostenibilidad de los cultivos de café y cacao en la Amazonía norte del Ecuador. No obstante, un segmento de ésta enfocada a la incidencia de algunas políticas públicas en la producción cacao es mostrada aquí, luego de haber sido ampliada de la versión seleccionada y presentada en el "Congreso 2016 de la Asociación de Estudios Latinoamericanos, New York, New York, del 27 al 30 de mayo de 2016". Los datos expuestos en este artículo provienen de información primaria, levantada a través de encuestas, entrevistas y procesamiento de información de base de datos de programas de gobierno que no han sido publicadas. Dicha información también ha sido complementada con datos de fuentes secundarias, así como una importante revisión bibliográfica de investigadores que han publicado información relacionada al tema.

El conjunto de datos ha permitido realizar una caracterización de la zona en términos de producción de cacao y su vínculo con las principales políticas desplegadas por

el gobierno. Asimismo, ha sido posible proyectar la producción de cacao en la zona con miras a determinar la importancia de este rubro.

La zona de estudio se concentró en la Amazonía norte, por tratarse de una zona con mayor producción de cacao fino y de aroma de la región amazónica, tal como se puede observar en la Figura 1.

Figura 1: Zonas de producción de cacao en Ecuador.



Fuente: Modificado de (PLAN ECUADOR; AMAZNOR, 2009).

Resultados y Discusión

Estimación del volumen de producción de cacao en las provincias de Orellana y Sucumbíos

Para estimar el volumen de producción de cacao nacional fino y de aroma en la zona, se recurrió a las dos más importantes fuentes de información teniendo precaución en no duplicar los datos. Por un lado se usó la información mostrada en el estudio realizado por Plan Ecuador (PLAN ECUADOR; AMAZNOR, 2009), quienes indicaron haber tomado datos a partir de los registros de las certificadoras orgánicas contratadas por Aroma Amazónico y Kallari (principales asociaciones en la zona). Por otro lado se procesó la base de datos del programa PROERA (INCCA, 2010), el mayor ejecutado en la zona durante la década pasada, de ahí que

la superficie implementada se considera ya en plena producción. El saco de cacao nacional de 100 libras⁶ seco, para el año 2015 se comercializó en 105 US\$, precio a nivel de finca, es decir pagado al productor.

Tabla 1. Estimación de la superficie de cacao nacional fino y de aroma en la Amazonía norte de Ecuador

Provincia	Hectáreas en Producción	Volumen (sacos 100 lb) / año	US\$
Orellana	13.541	60.933	6.397.965
Sucumbíos	16.112	72.502	7.612.710
Total Zona	29.653	133.435	14.010.675

Si bien el estudio muestra que para el año 2015 existirían algo más de 29.000 hectáreas de cacao en producción, esta cifra superaría a los datos mostrados por el Sistema Nacional de Información - SINAGAP que muestra una superficie de 21.318 hectáreas (entre cacao nacional y otros como CCN51) (SINAGAP, 2016), pero se acercaría a los datos presentados por el Instituto Nacional Autónomo de Investigaciones Agropecuarias que señala en 36.769 hectáreas de cacao nacional (INIAP, 2012). Asimismo, existen marcadas diferencias entre el volumen de producción, siendo que esta investigación establece en 133.435 sacos/año, y los datos oficiales muestran un volumen de producción de 214.698 sacos/año. Siguiendo este análisis, el SINAGAP (2016) establece un promedio de producción de algo más de 10 sacos/ha/año, aspecto que se contrapone a los datos obtenidos en este estudio, que señalan un promedio de producción de 4,5 sacos/ha/año, pero cifra que se acerca a la señalada por Ramírez (2012), que indica un promedio de 5,5 sacos/ha/año para la Amazonía norte, y de 7.5 sacos/ha/año señalada para todo el país (donde incluye la región costa donde los rendimientos son más altos por las condiciones climáticas y formas de cultivo) por la FAO (FAOSTAT, 2012).

Según la estimación del estudio, y considerando que en esta zona existen al menos 21.000 UPAs, cada agricultor tendría un promedio de 1,4 hectáreas de cultivo de cacao lo que le ubica como pequeño productor a escala mundial (VALKILA,2009; OFORI-BAH y ASAFU-ADJAYE, 2011), que podría generarle un ingreso promedio anual de US\$ 472,5 por concepto de la venta del cacao, sin considerar los demás productos (yuca, plátano, frutas

⁶ Un saco de 100 libras equivalen a 45,3 kilogramos.

tropicales) que si bien muchas veces no les brindan ingresos monetarios, contribuyen a lograr la seguridad alimentaria.

Estrategias de fortalecimiento de la cadena de valor del Cacao Nacional Fino y de Aroma

Entendiendo a la cadena de valor como un sistema que interrelaciona diferentes eslabones y dentro de estos una serie de actores, los cuales se vinculan entre sí y colaboran estratégicamente para conseguir un beneficio mutuo (aunque muchas veces desigual), agregando valor al producto final (IGLESIAS, 2002), la necesidad de visualizar oportunidades de asociación e integrarse a las cadenas de valor para los pequeños productores, es clave. Esta opción no sólo permitiría superar la limitación de volumen de producción que un pequeño productor de manera individual afrontaría, sino que también contribuye a enfrentarse de mejor manera a un mercado global y competitivo, por medio de una estructura de producción de mayor tamaño, que deberían estar acompañadas de un adecuado uso y mejoramiento de los recursos disponibles, mediante los denominados procesos de “upgrading” (DÍAZ, EAKIN, CASTELLANOS y JIMÉNEZ, 2009).

Así pues, el aprovechamiento de estrategias de asociacionismo puede contribuir a generar beneficios para los pequeños productores, además de mayores oportunidades que si comercian sus productos de manera aislada. No obstante, para consolidarse en este propósito, es necesario la participación y el involucramiento de los productores como socios activos de la organización, aspecto que debe ser acompañado por la intervención de instituciones públicas y/o privadas (VITERI y RAMOS, 2014) mediante la aplicación de políticas públicas adecuadas. Los objetivos del fortalecimiento de este eslabón de la cadena deben estar orientados a alcanzar volúmenes importantes que den lugar a una negociación favorable, un mejor posicionamiento en la cadena de valor y el aseguramiento de su permanencia en el mercado, teniendo como fin último la mejora de las condiciones de vida de los pequeños productores. Conocer los potenciales que tiene su entorno en cuanto a superficies y volúmenes de producción brinda una pauta para la toma de decisiones en función de consolidar sistemas organizativos de comercialización.

Bajo el contexto antes señalado, conviene citar el comportamiento de algunos casos representativos en la zona, en donde ha sido posible mantener entrevistas con actores clave de estos casos, siendo una de ellas la organización “Comité Empresarial Aroma Amazónico”, entidad de segundo grado que aglutinó a cerca de 15 asociaciones de productores, dedicada

a acopiar y comercializar cacao y café en las provincias de Sucumbíos y Orellana. Aroma Amazónico tuvo su mayor actividad a finales de la década del 2000, disminuyendo su actividad a inicios de la presente década hasta su paralización total en el año 2013. Según fuentes cercanas a la organización se trataría de un cese temporal de actividades, motivado por la necesidad de solucionar algunos problemas de tipo administrativo, reestructurar la organización, así como también buscar capital de operación siendo este último una gran limitante en los procesos organizativos de comercialización.

Contrariamente a lo que habría sucedido con “Aroma Amazónico” existe el caso de la Asociación de Productores Indígenas Kichwas “KALLARI”, que tuvo su origen en la provincia de Napo a finales de la década de 1990. Esta asociación, dedicada al igual que la anterior al acopio y la comercializar de café y cacao, ha ido creciendo paulatinamente hasta consolidarse y extenderse a la provincia de Orellana entre los años 2009 y 2012. Kallari, ha reducido algunos riesgos dando un paso adelante en la cadena de valor, mediante la transformación del cacao en tabletas de chocolate, pudiendo de esta manera darle valor agregado a la producción primaria de sus socios, mejorar sus ingresos por ventas, y lograr una presencia en distintos mercados. Siendo así que se puede encontrar sus productos en cadenas de supermercados nacionales como Supermaxi y TIA, y también en su propia cafetería⁷, ubicada en la ciudad de Quito en el sector de la Mariscal (sector de afluencia turística). Pero también el ámbito internacional ha sido incursionado por ésta asociación, logrando consolidar relaciones comerciales con empresas extranjeras como Felchlin Switzerland⁸. Por otro lado, Kallari también se ha apalancado mejorando su institucionalidad, mediante alianzas con ONGs como la Cooperación Técnica Alemana – GIZ que en algún momento tuvo un rol importante en la consolidación de esta organización. Si bien esta asociación se mantiene aún y ha sido ejemplo de asociatividad y búsqueda de mejoras en sus ingresos, no ha estado aislada de las limitaciones económicas que suelen ser un factor común que afecta a las organizaciones de carácter asociativo. En este sentido la disponibilidad de recursos económicos le ha restringido a poder gestionar cerca de 2000 sacos de cacao por año.

⁷Kallari elabora barras de chocolate y posee una cafetería en el sector de la Mariscal en Quito, más información en <http://www.kallari.com/es/coffee.html>

⁸ La empresa Felchlin se dedica a la elaboración de chocolates de alta calidad y ha realizado negocios con Kallari para proveerse de cacao orgánico, mayor información de la empresa en <http://www.felchlin.com/en>

Imagen 1: Barras de chocolate Kallari, disponible en supermercado nacional

Fuente: Autor

Implementación de políticas agrarias para el desarrollo de la cadena de valor del cacao

Como se ha podido ver el cacao conlleva una importancia económica y social en los agricultores de la Amazonía norte de Ecuador, por lo que el Estado principalmente a través del Ministerio de Agricultura, Ganadería, Acuacultura y Pesca – MAGAP, ha venido desarrollando múltiples políticas orientadas a apoyar al sector cacaotero en la zona. Muchas han sido instrumentadas en programas de reactivación o fomento de la producción de este cultivo, como los programas de reactivación de café y cacao ejecutados en las provincias de Sucumbíos y Orellana, durante los años 2003 al 2010 (INCCA, 2009). Asimismo, se han aplicado otro tipo de políticas como el Acuerdo Ministerial No. 070 emitido en el año 2005, en donde se declaró al cacao como Producto Símbolo del Ecuador, en razón de que constituye un producto de gran incidencia en la historia nacional y por sus implicaciones en el desarrollo social, económico, y político, a lo largo del tiempo, comprometiéndose de esta manera el MAGAP en brindar todo el apoyo para el fomento de la producción, comercialización y exportación de este producto, es decir abarcando varios eslabones de la cadena de valor del cacao (RO, 2005).

Al momento se ejecuta el proyecto de reactivación del cacao nacional fino o de aroma, con cobertura nacional, que pretende establecer cerca de 70.000 nuevas hectáreas de cacao a nivel nacional, en un periodo que va desde el año 2012 al 2020 (MAGAP, 2012b). Este y otros proyectos han sido aplicados desde un contexto general sin tener en consideración características climatológicas propias de cada región o el tejido organizativo de la zona, que obedece a lógicas y dinámicas diferentes en cada lugar.

Justamente uno de los eslabones importantes de la cadena de valor del cacao es la producción y quizá uno de los más frágiles, con su actor principal: el productor primario o agricultor, el cual ha incursionado en diversas formas de cultivo en búsqueda de mejorar sus ingresos, ya sea a cielo abierto como un monocultivo, con mayor inversión o en sistemas combinados con otras especies frutales y forestales. Siendo este último quizá el sistema que le permite no solo tener acceso a mercados diferenciados (ej. mercados que demandan otras formas de cultivo y una certificación orgánica), sino también a contar con un suministro seguro de alimentos para el sustento familiar (VALKILA, 2009). Pese a esta condición ningún programa impulsado por el gobierno ha permitido visualizar acciones claras y concretas, en torno a facilitar este tipo de producción y reducir los costos asociados a la obtención de certificaciones orgánicas, los cuales pueden representar un peso importante en la economía de los pequeños agricultores (GOBBI, 2000) que en muchos casos superan los US\$50/ha/año, en condiciones de asociatividad.

Realidad social de las certificaciones

A pesar de no ser un requisito obligatorio en la comercialización de cacao, las certificaciones representan una oportunidad de ingresar a los mercados diferenciados (FERGUSON, et al., 2009). Entre las principales razones para que los consumidores (final de la cadena de valor) prefieran productos con certificación orgánica están, por un lado la salud al ser considerado alimentos más sanos, y por otro lado el cuidado medioambiental. Sin embargo contrario a esta tendencia están los consumidores que desconfían de las denominadas “etiquetas”, viéndolos como productos más costosos y prefiriendo en este caso los convencionales (HOLST, 2011). Existiría también desconfianza por parte de algunos consumidores más críticos hacia los procesos de certificación, toda vez que se observan en los supermercados productos con certificaciones como las de comercio justo siendo provenientes de grandes marcas alimenticias (MONTAGUT y VIVAS, 2006), aspecto que daría lugar a una fuerte controversia.

Mientras tanto, por el lado de los productores (inicio de la cadena de valor) el insertarse en procesos de certificación orgánica, conllevaría beneficios alcanzados a mediano y largo plazo. No obstante, al mismo tiempo representa altos costos, sobre todo al inicio del proceso, según la perspectiva de los propios productores, pues por un lado, reciben una prima en el precio que puede oscilar entre el 10 y 20%, y les permite mantenerse en mercados internacionales, pero por otro lado, se incrementan los costos en mano de obra

(por el no uso de agroquímicos, ej. herbicidas) y también se reducen los rendimientos, además de soportar el periodo de transición (normalmente 3 años), en donde por la venta de los productos no reciben un precio diferenciado (BLACKMAN y NARANJO,2012). En este sentido, como se ha manifestado, los pequeños productores que dicho de paso representan más del 80% del total, al ingresar al mercado de los productos orgánicos, enfrentan esta etapa de transición, donde sus ingresos se ven mermados, por efecto de la disminución de los rendimientos y principalmente por los costos del proceso de certificación, que inevitablemente deben afrontar (GOBBI,2000).

Por lo antes señalado los gastos de auditoría y asesorías, como parte de una certificación orgánica, pueden ser factores excluyentes para los pequeños productores, toda vez que realizar modificaciones ambientales, que también son parte de las exigencias de certificación no representa el mayor costo. Pues así, el insertarse en la producción orgánica según van der Vossen, citado por Valkila (2009), ha tenido un impacto importante dentro de la economía de los pequeños agricultores, tornándose un tema complejo y sujeto de análisis, debido a la reducción de los rendimientos en comparación a lo que puede lograrse por métodos convencionales. Mientras las certificadoras se preocupan por verificar que un sistema de producción cumpla o se ajuste a los criterios de sostenibilidad, los pequeños productores enfrentan otros problemas que a su entender necesitan ser atendidos de manera prioritaria (como es el acceso a los servicios básicos), aspecto que muchas veces les resta interés por incursionar en este ámbito (ZAMBRANO, 2013).

Consideraciones finales

Es conveniente que previo a la formulación de un nuevo proyecto se rescate aspectos considerados clave en el éxito o fracaso de acciones emprendidas en proyectos pasados, aspecto que redundaría en el ahorro de recursos y optimización de estrategias, más aún, como en este caso si ya se implementó un programa enfocado en reactivar la producción agrícola, un siguiente habría sido más útil uno que se enfoque en apuntalar los otros eslabones de la cadena. Asimismo, es conveniente cuestionarse los modos de intervención para cada zona, pues cada una representa características biofísicas y tejidos sociales diferentes, que responden a lógicas propias de cada sector.

Los programas de gobierno, deben tener un componente que considere las necesidades prioritarias de los principales actores, por lo que es necesario paralelamente

atender sus necesidades más básicas que podrían anteponerse a las necesidades propias del cultivo.

Uno de los retos para los programas de gobierno y en sí para las políticas públicas orientadas a la reactivación de la producción agrícola, es fortalecer los encadenamientos y en el caso concreto del cacao, facilitar el proceso de certificaciones que supone una condición para ingresar en mercados diferenciados, en cuyo caso podría ser de mucha utilidad la creación de agencias nacionales de certificación que asuman este costo, aliviando de esta manera el peso económico que este proceso puede representar en los flujos económicos de los pequeños productores. Este proceso de incursión en las certificaciones orgánicas, además representa una oportunidad para generar más fuentes de trabajo en el sector agrícola ya que esta práctica demanda de mayor mano de obra.

La mayoría de las políticas gubernamentales agrarias han sido orientadas principalmente hacia el primer eslabón de la cadena de valor, es decir a la producción, siendo que es importante que toda la cadena productiva pueda desarrollarse acorde a las tendencias de los mercados internacionales y que a su vez aprovechen las fortalezas de los productores con sus formas ancestrales de cultivo, aspecto que además les permite contribuir a garantizar el suministro de alimentos. Es entonces, que se vuelve de vital importancia que el gobierno, no solo desarrolle actividades que promuevan la producción, sino también la transformación de los productos y la promoción para garantizar el acceso a mercados diferenciados, pues como se ha visto existe en la zona un volumen importante de cacao que podría ser gestionado a través de procesos asociativos de comercialización y con valor añadido, tal como ya lo hacen algunas pequeñas iniciativas que aún necesitan de apoyos sobre todo financieros para poder crecer.

Referencias

ACEPROCAFA. **Proyecto de ley de fomento y desarrollo del cacao nacional fino**. 2010. <http://aprocafa.blogspot.com/2010/09/proyecto-de-ley-de-fomento-y-desarrollo.html>.

ACOSTA, Alberto. **Breve Historia Económica del Ecuador**. Quito: Corporación Editorial Nacional, 2006.

ALTIERI, Miguely Toledo, Víctor. **“The agroecological revolution in Latin America: rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants.”** *Journal of Peasant Studies*, 2011: 587-612.

BCE. **Encuestas de Coyuntura Sector Agropecuario No.81.** Encuestas de Coyuntura Banco Central del Ecuador, 2008: 26-31.

BCE. **Exportaciones del Ecuador.** Quito: Banco Central del Ecuador, 2012.

BCE. **Información Estadística Mensual Boletín No.1965.** Quito: Banco Central del Ecuador, 2015.

BERTRANOU, A, y Shulze, E. **Guía para un programa del IIMI en América Latina.** Colombo: International Irrigation Management Institute, 1993.

BIO TRADE FACILITATION PROGRAMME - ECUADOR. **Diagnostico del Cacao Sabor Arriba.** Quito: BTFP, 2005.

BLACKMAN, Allen y Naranjo, María. **“Does eco-certification have environmental benefits? Organic coffee in Costa Rica.”** Ecological Economics, 2012: 58-66.

COFENAC. **Calidad Física y Organoléptica de los Cafés Robustas de Ecuador.** Quito: Consejo Cafetalero Nacional, 2005.

DÍAZ, Rafael; Hallie, Eakin; Castellanos, Edwin, y Jiménez, Gerardo. **Condiciones para la adaptación de los pequeños productores de café ante presiones económicas mediante procesos de “upgrading” en la cadena productiva.** Revista Iberoamericana de Economía Ecológica, 2009: 61-72.

FAOSTAT. **Production country by item.** Roma: Food and Agriculture Organization of The United Nations, 2012.

FERGUSON, et al. **La soberanía alimentaria.** Agroecología, 2009: 49-58.

GOBBI, José. **“Is biodiversity-friendly coffee financially viable?”** Ecological Economics, 2000: 267-281.

GONDARD, Pierre y Mazurek, Hubert. **30 Años de reforma Agraria y Colonización en el Ecuador (1964 -1994).** Estudios de Geografía Vol 10, 2001: 15-40.

HOLST, Anne. **“Organic food and the plural moralities of food provisioning.”** Journal of Rural Studies, 2011: 440-450.

IGLESIAS, Daniel. **Cadenas de valor como estrategia: Cadena de valor en el sector agroalimentario.** Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria. 2002. <http://www.eumed.net/ce/dhi-cadenas.pdf>/www.eumed.

INCCA. **Base de Datos Programa Emergente de las Provincias de Orellana y Sucumbíos - PROERA,** período 2003-2010. Quito: INCCA, 2010.

INCCA. **Continuación del Programa Emergente de Reactivación Agrícola de las provincias de Orellana y Sucumbíos - PROERA.** Quito: Incca, 2007.

INCCA. **Informe de Avance del programa Emergente de Reactivación Agrícola de las Provincias de Orellana y Sucumbíos.** Quito: Instituto Nacional de Capacitación Campesina, 2009.

INCCA. **Informe del curso Innovación Participativa Rural dirigido a técnicos SITPA-MAGAP, dictado por Corporación PBA,** Bogotá 13-20 diciembre - 2010. Quito: Instituto Nacional de Capacitación Campesina, 2010.

INIAP. **Análisis de la Cadena de Cacao y perspectivas de los mercados para la Amazonía norte.** Joya de Los Sachas: Instituto Nacional Autónomo de Investigaciones Agropecuarias, 2010.

INIAP. **Guía del Manejo Integrado del Cultivo de Cacao en la Amazonía.** La Joya de Los Sachas: Estación Experimental Central de la Amazonía, 2012.

INTERNATIONAL PLANT NUTRITION INSTITUTE. **Manejo de sitio específico de cacao.** Recuperado el 25 de Enero de 2011, de Manejo por sitio específico del cacao basado en SIG: [http://www.ipni.net/ppiweb/iaecu.nsf/\\$webindex/156C1D63B3DAA5EF0525710F005D46E2/\\$file/Manejo+de+sitio+espec%C3%ADfico+del+Cacao....pdf](http://www.ipni.net/ppiweb/iaecu.nsf/$webindex/156C1D63B3DAA5EF0525710F005D46E2/$file/Manejo+de+sitio+espec%C3%ADfico+del+Cacao....pdf)

LITTLE, Paul. **Ecología Política de Cuyabeno, el desarrollo no sostenible de la Amazonía.** Quito: Abya-Yala, 1992.

MAG. **III Censo Nacional Agropecuario.** 1 de Junio de 2001. <http://www.sica.gov.ec/censo> (último acceso: 20 de Febrero de 2010).

MAGAP. **Acuerdo Ministerial N° 148.** Creación del Programa Emergente de Reactivación Agrícola de las Provincias de Orellana y Sucumbíos. Quito, Pichincha: MAGAP, 7 de Julio de 2003.

MAGAP. **Alcance al Proyecto de Reactivación de la Caficultura Ecuatoriana.** Quito: Ministerio de Agricultura, Ganadería, Acuacultura y Pesca, 2012 a.

MAGAP. **Alcance al Proyecto de Reactivación del Cacao Nacional Fino o de Aroma.** Quito: Ministerio de Agricultura, Ganadería, Acuacultura y Pesca, 2012 b.

MALDONADO, Guillermo. **La reforma Agraria en el Ecuador, una lucha por la justicia.** Nueva Sociedad, 1979: 14-29.

MONTAGUT, Xavier, y Vivas Esther. **¿Adónde va el comercio justo?** Barcelona: Icaria, 2006.

OFORI-BAH, Adeline, y Asafu-Adjaye, John. **“Scope economies and technical efficiency of cocoa agroforestry systems in Ghana.”** Ecological Economics, 2011: 1508-1518.

ORTEGA, Jaime. **Análisis Sectorial del Café.** Quito: Dirección General de estudios - Banco Central del Ecuador, 2003.

PLAN ECUADOR; AMAZNOR. **Programa de Desarrollo Sostenible de la Frontera Amazónica del Norte, AMAZNOR.** Quito: Plan Ecuador, 2009.

- PROEQUADOR. **Perfil sectorial de cacao y elaborados para el inversionista**. Quito, 2013.
- QUINGAÍSA, E., y Riveros, H. **Estudio de Caso: Denominación de Origen "Cacao Arriba"**. Quito: FAO-IICA, 2007.
- RAMÍREZ, Pedro. **Breve caracterización de la cadena de cacao a nivel : Nacional y mundial en la Amazonía norte y Napo**. Quito: GIZ, 2012.
- RO. **Acuerdo Ministerial 070**. Registro Oficial, 2005: 1-40.
- SAG-IICA. **Análisis de la Cadena del Café en Honduras. Tegucigalpa: Orton IICA / CATIE, 2002.**
- SICA. PROYECTO SICA. **Historia e Importancia del Café en Ecuador**. 31 de Diciembre de 2002. http://www.sica.gov.ec/cadenas/cafe/docs/historia_cafe.html (último acceso: 1 de Abril de 2010).
- SINAGAP. **Serie histórica de cacao 2000 - 2013**. Quito: MAGAP, 2016.
- VALKILA, Joni. **"Fair Trade organic coffee production in Nicaragua — Sustainable development or a poverty trap?"** Ecological Economics, 2009: 3018-3025.
- VITERI, Galo. **Reforma Agraria en el Ecuador**. Quito: EUMED, Publicaciones Gratuitas, 2007.
- VITERI, Oswaldo, y Ramos, Jesús. **La institucionalidad de las Organizaciones Asociativas en la Amazonía del Ecuador: Riesgo y Problemas**. 2014. http://www.jesusramos.org/pdf/Viteri_Ramos-Martin_2014.pdf.
- ZAMBRANO, M. **Sobre el origen de las certificaciones, el desarrollo sostenible y los productores de pequeña escala de cacao en la Amazonía Ecuatoriana**. Quito: Programa de Estudios Socioambientales, 2013.

Recebido para publicação em 05 de julho de 2016.

Devolvido para a revisão em 05 de agosto de 2016.

Aceito para a publicação em 07 de setembro de 2016.

Soberanía alimentaria: reflexiones a partir de diferentes sistemas alimentarios de Santa Cruz, Bolivia¹

Georgina Catacora-Vargas

Doctoranda, Programa de Doctorado en Agroecología, Facultad de Ciencias Agrarias, Universidad de Antioquia, Colombia
Investigadora asociada, Centro Universitario AGRUCO, Facultad de Ciencias Agrícolas, Pecuarias y Forestales, Universidad Mayor de San Simón, Bolivia
e-mail: g.catacora@gmail.com; georginacatacora@agruco.org

Aymara Llanque Zonta

Doctoranda, Programa de Doctorado en Diálogo de Saberes, Agroecología y Nuevos Paradigmas de las Ciencias y el Desarrollo, Centro Universitario AGRUCO, Facultad de Ciencias Agrícolas, Pecuarias y Forestales, Universidad Mayor de San Simón, Bolivia
e-mail: aymara_aguamar@hotmail.com; aymarallanque@agruco.org

Johanna Jacobi

Investigadora posdoctoral, Centro para el Desarrollo y Medio Ambiente, Universidad de Berna, Suiza
e-mail: Johanna.jacobi@cde.unibe.ch

Freddy Delgado Burgoa

Director Ejecutivo, Centro Universitario AGRUCO, Facultad de Ciencias Agrícolas, Pecuarias y Forestales, Universidad Mayor de San Simón, Bolivia
e-mail: freddydelgado@agruco.org

Resumen

La soberanía alimentaria es una concepción integral y sistémica de implementación y análisis de las dinámicas productivo-alimentarias. Sus postulados se resumieron en diez parámetros con los que se analizaron cualitativamente tres sistemas alimentarios del Departamento de Santa Cruz en Bolivia: agroindustrial, indígena y agroecológico. El sistema agroindustrial reveló las menores contribuciones a la soberanía alimentaria, mientras que en el agroecológico, los aportes son más claros y avanzados. A pesar de estas diferencias, el sistema agroindustrial es el más dominante y expansivo, particularmente sobre el indígena. Los hallazgos levantan preguntas sobre los conflictos entre los sistemas alimentarios agroindustrial e indígena con la soberanía alimentaria en las condiciones actuales.

Palabras clave: Soberanía y seguridad; sistema alimentario; Bolivia.

Soberania alimentar: reflexões a partir de diferentes sistemas alimentares de Santa Cruz, Bolívia

Resumo

A soberania alimentar é uma abordagem integral e sistémica da implementação e análise das dinâmicas produtivo - alimentarias. Seus princípios foram resumidos em dez parâmetros para compreender qualitativamente três sistemas alimentares do Departamento de Santa

¹ Este artículo ha sido elaborado en el marco del proyecto transdisciplinar "Hacia la sustentabilidad alimentaria: reconstruyendo la co-existencia de diferentes sistemas alimentarios en América del Sur y África", financiado por el Programa R4D del Fondo Nacional Suizo para la Ciencia y la Cooperación Suiza de Desarrollo.

Cruz, na Bolívia: agroindustrial, indígena e agroecológico. O sistema agroindustrial revelou contribuições inferiores à soberania alimentar, enquanto o agroecológico, gerou contribuições mais claras e avançadas. Apesar destas diferenças, o sistema agroindustrial é o mais dominante e expansivo, particularmente sobre o sistema indígena. Os resultados levantam questões sobre a relação entre os sistemas agroindustrial e indígena com a soberania alimentar é de conflito nas condições atuais.

Palavras-chave: Soberania y segurança alimentar; sistema alimentar; Bolívia.

Food sovereignty: reflections from different food systems in Santa Cruz, Bolivia

Abstract

Food sovereignty is a comprehensive and systemic approach to implement and analyze the food and production dynamics. Its key aspects were summarized in ten parameters, which serve as guidance to reflect on three food systems existing in the Department of Santa Cruz in Bolivia: agroindustrial, indigenous and agroecological. The agroindustrial system displayed the lowest contribution to food sovereignty, contrary to the agroecological with the clearest and most advanced role. However, the agroindustrial system is the widely dominant and expansive, particularly influencing the indigenous food production and consumption. The findings raise questions on the conflicts between agroindustrial and indigenous food systems in relation to food sovereignty.

Keywords: Sovereignty and security; food system; Bolivia

Introducción

La propuesta conceptual de *soberanía alimentaria* de La Vía Campesina en 1996, fue gestada como una acción epistemológica contestataria a los procesos de interpretación y regulación internacional de los sistemas alimentarios, y durante una dinámica mundial caracterizada por el apogeo del neoliberalismo, la consolidación de la Revolución Verde y una aparente estabilidad política (MARTÍNEZ-TÓRREZ; ROSSET, 2010; PARKER 2008). Para entonces, a nivel agrícola y alimentario, las grandes hambrunas fueron paliadas por lo que las crisis alimentarias regionales ya no eran una urgencia internacional; el sistema agroindustrial de monocultivo estaba ampliamente consolidado; las primeras variedades de semillas genéticamente modificadas fueron autorizadas para su introducción ambiental en algunos países de Norte y Sud América; los excedentes agrícolas incrementaron considerablemente en países industrializados donde comenzaron a aplicarse subsidios a la producción; las normativas nacionales fueron reformuladas para, por un lado, favorecer la liberación de mercados y, por el otro, restringir la producción y uso libre de semillas; entre otros aspectos coyunturales (IAASTD ed., 2009; BRAVO, 2015; PARKER, 2008; RETORTILLO et al., 2014).

En este contexto, la Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y Agricultura (FAO) lanzó en la Cumbre Mundial de la Alimentación de 1996, una versión

actualizada de la definición de seguridad alimentaria, descrita como el acceso permanente físico y económico de todas las personas “a suficientes alimentos inocuos y nutritivos para satisfacer sus necesidades alimenticias y sus preferencias en cuanto a los alimentos a fin de llevar una vida activa y sana” (FAO, 2006, p. 1). Esta definición resulta de un proceso iniciado en 1974, cuando la seguridad alimentaria se restringía al suministro y estabilidad de precios (FAO, 2003a). Posteriormente en 1983 incluyó aspectos como el acceso físico y económico (FAO, 2003b). A pesar de la evolución del concepto, la versión de 1996 excluye elementos importantes como la procedencia y la forma de producir los alimentos, así como las externalidades relacionadas a los procesos de producción, transporte y consumo. Estas omisiones de manera tácita pero efectiva apartaron a la seguridad alimentaria de los proyectos nacionales de los países, favoreciendo las nuevas estructuras del comercio internacional de alimentos enfocados en la exportación e importación (PARKER, 2008).

La definición de seguridad alimentaria de la FAO de 1996 ha sido la más adoptada en las políticas y programas productivo-alimentarios nacionales y globales, junto con la prioridad normativa de desarrollo y modernización agrícola para alcanzarla (FAO, 2003a). En este proceso, el crecimiento económico y el incremento de la productividad también se han postulado como elementos centrales de las políticas agrícolas y alimentarias (HENRYSON, 2007; PATEL, 2009). La “modernización” de la agricultura – basada en extensos monocultivos y el uso intensivo de paquetes tecnológicos derivados de la Revolución Verde que incluyen variedades comerciales de alto rendimiento, fertilizantes y plaguicidas sintéticos, maquinaria pesada, entre otros – se posicionó como esencial para aumentar de la productividad (THOMPSON et al., 2007) y, presuntamente, para garantizar la seguridad alimentaria internacional (BANCO MUNDIAL, 1986).

La masiva adopción a nivel global de medidas políticas y tecnologías destinadas a mejorar la seguridad alimentaria contribuyeron a incrementar la disponibilidad *per cápita* de alimentos en un 25% durante las últimas cuatro décadas, mientras los precios se redujeron en un 40%. Empero, los problemas que la seguridad alimentaria apunta a resolver – el hambre y la desnutrición – aún se agravan. Se estima que alrededor de 900 millones de personas (de las cuales al menos la mitad son productoras y productores de pequeña escala) tienen acceso inestable a alimentos; paradójicamente, un aproximado de 1.9 billones de personas sufren de obesidad (FRISON, 2016; HENRYSON, 2007; MILLSTONE, 2010; THOMPSON et al., 2007). Estos datos contradictorios demuestran que son insuficientes los esfuerzos centrados en asegurar el acceso físico y económico a los alimentos mediante el crecimiento económico y el incremento de la productividad, por lo que son necesarios otros cambios de tipo estructural a nivel productivo

Este artículo, propone y se organiza alrededor de dos premisas. La primera es que el alcance de la soberanía alimentaria es esencial para el cambio estructural de la dinámica

productiva. La segunda, que los sistemas alimentarios afectan de manera diferente a lograr este objetivo. Con base a ello, el artículo primero describe el concepto de soberanía alimentaria según lo propuesto por La Vía Campesina, al ser la organización que acuñó el mismo. Posteriormente describe el abordaje aplicado en el análisis, se caracterizan los efectos en la soberanía alimentaria local de los sistemas alimentarios agroindustrial, indígena y agroecológico utilizando casos del Departamento de Santa Cruz, Bolivia, y finalmente se presenta un análisis general de los factores que determinan la permanencia de los diferentes sistemas en la dinámica alimentaria nacional.

Soberanía alimentaria desde la propuesta de La Vía Campesina

En paralelo al lanzamiento de la versión actualizada del concepto de seguridad alimentaria de la FAO, también en la Cumbre Mundial de la Alimentación de 1996, La Vía Campesina llevó al debate público la noción de soberanía alimentaria mencionando: “La alimentación es un derecho humano básico. Este derecho puede ser alcanzado únicamente en sistemas donde la soberanía alimentaria está garantizada. Soberanía alimentaria, es el derecho de cada nación de mantener y desarrollar su propia capacidad para producir sus alimentos básicos respetando la diversidad cultural y productiva. Nosotros tenemos el derecho de producir nuestro propio alimento en nuestro propio territorio. La soberanía alimentaria es la precondition para una genuina seguridad alimentaria” (La Vía Campesina 1996).

La inclusión de la soberanía alimentaria en el debate internacional implicó el cuestionamiento de las políticas y dinámicas de poder alrededor de la problemática alimentaria (PATEL, 2009). Explícitamente trajo a la discusión los aspectos de derecho y democracia – elementos básicos del estado moderno de gobernanza liberal (EVANS, 2012; PATEL, 2009), así como el rol de la agricultura campesina en el alcance de los mismos (van der Ploeg, 2013).

Siguiendo la perspectiva de derechos, en el 2002, el concepto de soberanía alimentaria fue reformulado como sigue: “Soberanía alimentaria es el derecho de los pueblos a definir sus propios alimentos y agricultura; a proteger y regular su producción doméstica y comercio con el fin de alcanzar los objetivos de desarrollo sostenible; a determinar hasta qué punto quieren ser auto-suficientes; a restringir el dumping of en sus mercados [...] (Peoples Food Sovereignty Network, 2002). En esta nueva versión, se incluyen dos importantes cambios. Una es el reemplazo de “nación” por “pueblos”, haciéndose más inclusiva a grupos locales y campesinos (KERSSEN, 2013), enfatizando su capacidad de ejercicio de derecho y autodeterminación. La otra son los elementos relacionados al comercio y desarrollo, que complementan los aspectos productivos de la

versión inicial del concepto, explicitando su rol integral.

Posteriormente, en el 2007 mediante la Declaración de Nyéléni se redefinió la soberanía alimentaria como “el derecho de los pueblos a alimentos nutritivos y culturalmente adecuados, producidos de forma socialmente justa y ecológicamente sensible. La soberanía alimentaria implica el derecho de los pueblos a participar en la toma de decisiones y definir sus propios sistemas alimentarios, agrícolas, ganaderos y pesqueros” (LA VÍA CAMPESINA, 2007, p.1). Esta nueva y actual versión contiene elementos sobre el respeto y la inclusión de las futuras generaciones; igualdad entre mujeres y varones, pueblos, grupos raciales y clases sociales; una reforma agraria profunda; y el acceso a territorios productivos libres de la privatización y la expulsión.

Es así, que la trayectoria de la descripción conceptual de la soberanía alimentaria recupera la dinámica y problemática alrededor de la alimentación como un proyecto de múltiples escalas desde la perspectiva del derecho, la transformación del modelo agroalimentario vigente, y la democratización del acceso a los recursos productivos y de los procesos de toma de decisiones (MARTÍNEZ-TÓRREZ, ROSSET, 2010; PARKER, 2008; SHATTUCK et al., 2015).

Desde su formulación, el concepto de soberanía alimentaria ha tenido gran impacto en el quehacer público y privado de los países, comenzando con la formulación de normas y políticas hasta la implementación de programas y proyectos. Algunos ejemplos son las constituciones y marcos normativos que explícitamente incluyen disposiciones en soberanía alimentaria, como en Bolivia, Ecuador, Mali, Nepal, Nicaragua, Senegal y Venezuela (SHATTUCK et al., 2015). En el contexto de Bolivia, la soberanía alimentaria se ha formulado como un principio y objetivo constitucional (Artículo 255/8; Artículo 309/4; y Artículo 405) (República de Bolivia, 2008).

La Vía Campesina propone siete ejes temáticos para el abordaje de la soberanía alimentaria: (i) mercados locales y comercio internacional, (ii) conocimiento local y tecnología, (iii) acceso y control sobre los recursos naturales, (iv) compartir territorios, (v) conflictos, ocupaciones y desastres naturales, (vi) condiciones sociales y migración forzada, (vii) modelos productivos (LA VÍA CAMPESINA, 2007). Estos ejes temáticos están relacionados con los grupos de actividades principales que identifica ERICKSEN (2008) desde la teoría del análisis de los sistemas alimentarios: la producción, el procesamiento, la distribución, la comercialización y el consumo. Esto confirma que desde la integralidad de los aspectos que postula La Vía Campesina, la soberanía alimentaria se funda en la racionalidad sistémica de las actividades productivo-alimentarias, incluyendo también a los actores, estructuras y factores de influencia, tal como postula RASTOIN (1996). Consecuentemente, la soberanía alimentaria requiere un análisis transdisciplinario y multiescala, más allá de la actividad agropecuaria y el producto alimenticio *per se*

(COLONNA et al., 2013).

Consistentes con los ejes temáticos, MARTÍNEZ-TÓRREZ y ROSSET (2010) con base a ROSSET (2003) proponen veinte parámetros generales de análisis y de diferenciación entre el modelo productivo agroindustrial y el propuesto por la soberanía alimentaria. Estos parámetros incluyen el comercio, el destino prioritario de la producción, el precio de los cultivos, el acceso a mercados, los subsidios, el hambre, la seguridad alimentaria, el crédito rural e inversión, la tecnología agrícola, la relación con los/as consumidores/as, el uso de organismos genéticamente modificados y la construcción de alternativas, entre otros. El análisis de los sistemas alimentarios presentado en este trabajo recupera y adapta un grupo de estos parámetros según lo que se describe en la siguiente sección y Cuadro 1.

Abordaje del análisis de la soberanía alimentaria en diferentes sistemas del Departamento de Santa Cruz, Bolivia

Desde la perspectiva productivo-alimentaria, el Departamento de Santa Cruz en Bolivia se caracteriza por concentrar diferentes actores relacionados a diversos sistemas alimentarios, como por ejemplo el agroindustrial, indígena y agroecológico (URIOSTE, 2011; PNUD-BOLIVIA, 2008). El sistema agroindustrial está enfocado principalmente a la exportación y procesamiento de gran escala, siendo el más predominante en San Cruz (COLBERT, 2008; ORMACHEA 2009). En el mosaico existente de sistemas, la inequidad está ampliamente presente, especialmente con respecto al acceso a los recursos productivos, la generación de ingresos económicos y los estados de nutrición (COLBERT, 2008; FAO/PMA, 2008; Pérez 2008).

En la reflexión comparativa aquí presentada sobre los efectos sobre la soberanía alimentaria, se han seleccionado y adaptado al contexto local diez parámetros de análisis según lo descrito anteriormente y con base a MARTÍNEZ-TÓRREZ y ROSSET (2010). Estos parámetros se proponen como un conjunto para una valoración rápida pero integral para visibilizar los efectos en la soberanía alimentaria de diferentes sistemas. Los parámetros considerados son: (i) enfoque comercial local de la producción, (ii) control en la determinación de precios, (iii) relación con consumidores, (iv) acceso y uso de semillas propias, (v) independencia de insumos externos, (vi) construcción de conocimiento, (vii) seguridad alimentaria familiar, (viii) manejo de la agrobiodiversidad, (ix) evitación de semillas genéticamente modificadas (GM), y (x) persistencia en el campo de la familia agricultora.

Cada uno de estos parámetros fue valorado cualitativamente según su proximidad a los atributos propuestos por la soberanía alimentaria (Cuadro 1). En el marco del proyecto “Hacia la sustentabilidad alimentaria: reconstruyendo la coexistencia de diferentes sistemas

alimentarios en América del Sur y África”, este ejercicio fue realizado según lo reportado en la literatura y los hallazgos de observaciones de campo en cinco comunidades del Departamento de Santa Cruz: San Pedro y Mora donde predomina el sistema agroindustrial, La Ripiera y Yateirenda donde se practica un sistema indígena contemporáneo de grupos guaraníes, y Samaipata que concentra una cantidad importante de producción agroecológica. Se prevé que las reflexiones aquí descritas contribuirán en procesos posteriores de análisis más amplios sobre sustentabilidad alimentaria en el marco del proyecto mencionado.

A fin de facilitar la visualización de los parámetros analizados según el Cuadro 1, cada uno fue valorado cualitativamente según su aporte a la soberanía alimentaria como sigue: “ninguno” (o nivel 0), “débil” (o nivel 1), “moderado” (o nivel a 2) o “fortalecido” (o nivel a 3). La Figura 1 detalla los resultados de esta valoración.

Con base a los parámetros de análisis del Cuadro 1, a continuación se describen los sistemas alimentarios agroindustrial, indígena y agroecológico según los hallazgos de campo y fuentes secundarias de información.

Cuadro 1: Descripción de parámetros de análisis desde la perspectiva de soberanía alimentaria y escala de valoración aplicada.

Parámetro	Descripción	Valoración	
		Ninguna 0; Débil 1; Moderado 2; Fortalecido 3	
Enfoque comercial local de la producción	Producción destinada a los mercados o consumo local, y no a mercados de exportación	0	El total de la producción es para la exportación
		1	Muy poco de la producción es para el mercados local
		2	Casi la mitad de la producción es para el mercado local
		3	La mayoría o toda la producción es para el mercado local
Control en la determinación de precios	Precios establecidos por los agricultores y agricultoras, y no únicamente por la oferta y la demanda del mercado	0	El precio se define exclusivamente según la dinámica de la oferta y demanda de mercados
		1	La influencia de los/as agricultores/as en la determinación del precio es mínima o eventual
		2	Los/as agricultores/as participan en cierta medida en la determinación de los precios de venta de su cosecha
		3	De manera general, los/as agricultores/as definen el precio de venta de su cosecha
Relación con consumidore	Relación directa y cercana con	0	No existe interacción con los consumidores finales
		1	La relación con los consumidores finales es mínima

s	consumidores, y establecimiento de redes de alternativas	2	Existen espacios de interacción directa con consumidores finales, pero no redes alternativas de comercialización
		3	La interacción con consumidores es constante mediante redes alternativas de comercialización
Acceso y uso de semillas propias	Producción y uso propio de semillas	0	No existe producción ni uso propio de semillas
		1	El uso de semillas propias es mínimo
		2	Cerca de la mitad de las semillas utilizadas son propias
		3	La mayoría o toda la semilla utilizada son propias
Independencia de insumos externos	Sistema productivo endógeno, que no requiere insumos externos del predio ni de la comunidad	0	El sistema depende exclusivamente de insumos externos
		1	La mayoría de los insumos utilizados son externos
		2	El manejo agrícola combina el uso de insumos externos e internos (del sistema productivo)
		3	Todos los insumos utilizados son de origen interno
Construcción de conocimiento	Potenciamiento del conocimiento e innovación familiar y local, además del control de las tecnologías utilizadas	0	El conocimiento y tecnología aplicados son completamente exógenos
		1	Un mínimo del conocimiento y tecnología aplicado es propio o local
		2	En el sistema se integra conocimiento y tecnología exógena con la propia o local
		3	Todo o casi todo el sistema de conocimientos y tecnologías aplicadas son propias o locales
Seguridad alimentaria familiar	Disponibilidad, acceso y consumo de alimentos en las cantidades necesarias acorde a las actividades realizadas	0	La disponibilidad, acceso y consumo familiar de alimentos es altamente deficitaria
		1	La disponibilidad, acceso y consumo familiar de alimentos es baja
		2	La disponibilidad, acceso y consumo familiar de alimentos es regular
		3	La disponibilidad, acceso y consumo familiar de alimentos es adecuada
Manejo de la agro-	Biodiversidad agrícola espacial y temporal,	0	El agroecosistema se basa en monocultivo permanente sin ningún tipo de rotación

biodiversidad	sin monocultivo	1	El agroecosistema se basa en monocultivo con rotaciones eventuales
		2	El agroecosistema incluye parches de monocultivo y otros agrobiodiversos
		3	El sistema es agrobiodiverso y no incluye monocultivo
Evitación de semillas GM	Uso de semillas nativas, adaptadas o mejoradas mediante métodos tradicionales, que no sean GM	0	Toda la producción se basa en semillas GM
		1	Gran parte de la producción se realiza con semillas GM
		2	Una porción muy reducida de la producción depende de semillas GM
		3	Toda la producción se realiza con semillas nativas, adaptadas o mejoradas no GM
Persistencia del/la productor/a	Permanencia la familia agricultora trabajando su predio y en su comunidad	0	El/la productor y su familia planean dejar la actividad agrícola actual y migrar de actividad y/o localidad
		1	El/la productor y su familia están desmotivados y buscan oportunidades para migrar de actividad y/o localidad
		2	El/la productor y su familia visualizan un futuro en la agricultura que practican pero este no es estable
		3	El/la productor y su familia están motivados para continuar la actividad agrícola que llevan a cabo en la actualidad

Fuente: Org. AUTORES con base a MARTÍNEZ-TÓRREZ, ROSSET (2010).

Soberanía alimentaria en el sistema agroindustrial

El sistema agroindustrial del Municipio de San Pedro, se practica en superficies de pequeña (menores a 50 hectáreas) a gran escala (mayores a 500 hectáreas) de monocultivos de soya, arroz y maíz principalmente. El enfoque es netamente comercial, particularmente de la oleaginosa. El *“100% de la producción va a la venta. No queda un grano para la olla. Sólo el chancho come [soya]”*, asevera un productor.

La integración vertical es el motor económico y comercial de este sistema, en el que pocos actores son los proveedores de insumos, crédito, infraestructura de almacenamiento (silos), procesamiento y mercado. Este tipo de integración genera círculos de dependencia entre los agricultores con menor estabilidad económica (CATACORA-VARGAS, 2007). Por ejemplo, la empresa aceitera FINO, entre otras, provee crédito a productores de soya de pequeña y mediana escala para acceder al paquete tecnológico

relacionado con las variedades comerciales disponibles en el mercado. A partir de esta transacción se establece el compromiso de venta – desde los productores hacia la empresa aceitera – del total de la cosecha, cual está sujeta a penalidad por diferentes características técnicas (como humedad, pureza, daño físico y otros) (CATACORA-VARGAS, 2007; SUÁREZ et al., 2010). En este contexto, la oportunidad de negociación de los productores es mínima. Mediante estos mecanismos, FINO controla el 22% de la producción de soya y de la exportación de productos derivados. Otros actores como Gravelal Bolivia y ADM-SAO controlan el 31% y 13%, respectivamente (MCKEY, COLQUE, 2016).

Esta dinámica de control de la comercialización y generación de deuda a través de créditos es inherente a la agricultura de enfoque mercantil. En el contexto boliviano se registra desde el período pos Reforma Agraria, cuando exportadores emergentes de productos específicos “habilitaban comercialmente” a intermediarios, como transportistas, quienes mediante préstamos contra cosecha ofrecían el servicio de venta de la producción de campesinos rurales alejados de los mercados. Esta manera de operar históricamente ha permitido obtener importantes ventajas de precio a los actores de la cadena, excepto al agricultor (PAZ BALLIVIÁN, 2009).

Dado que la producción del sistema agroindustrial se origina en y destina a economías de escala, la relación con los consumidores es mínima. En esta dinámica, los mismos productores y sus familias se convierten en consumidores distantes. “*Compramos todo de lejos, Cochabamba, Valle Grande, u otros lugares, no sabemos cómo se produce, qué contiene...*” expresa una productora.

El acceso a la semilla se da por dos vías: una legal y otra mediante el “mercado negro”. La legal está conformada por proveedores de semilla certificada por el Instituto Nacional de Innovación Agropecuaria y Forestal (INIAF), los cuales están relacionados con empresas semilleras multinacionales. Por ejemplo, AGRIPAC es proveedora de las semillas y paquete tecnológico de Syngenta, INTERAGRO de BASF, y AGROCENTRO de Monsanto. Por esta vía, los productores están obligados a comprar semilla en cada campaña productiva junto con el paquete tecnológico relacionado, ambos provistos por las mismas empresas. En el caso de soya en San Pedro, esto representa una inversión de USD 700 – 800 por tonelada de semilla. En algunos casos, los grandes productores realizan importaciones (por ejemplo desde Argentina) a un costo de USD 1,000 por tonelada de soya. Por su parte, la vía del “mercado negro” consiste en la compra de semilla reproducida por los propios productores, cuyo costo oscila entre de USD 270 – 450 por tonelada, según lo reportado por las personas entrevistadas. Por tanto, la semilla del “mercado negro” es 36 – 66% más barata que la certificada. La reproducción propia de semilla es factible hasta tres campañas, es decir, entre 1.5 – 3 años si la soya se siembra dos o una vez al años, respectivamente.

Contrario al acceso y uso de semilla, en el que los productores lograron innovar estrategias de autoabastecimiento parcial, la dependencia es elevada en insumos y paquetes tecnológicos (agroquímicos y maquinaria pesada). Para quien tiene maquinaria, *“aproximadamente el 50% de la inversión en la soya son agroquímicos”*, menciona una productora. Esta dependencia en insumos hace que la generación local del conocimiento sea muy limitada. De cierta forma, una excepción es la reproducción propia de semillas. Empero, esta práctica no es inherente al sistema agroindustrial, sino de la cultura campesina de las poblaciones rurales de San Pedro, la mayoría compuesta por inmigrantes desde las tierras altas de Bolivia.

En el sistema agroindustrial, el efecto de la producción en la seguridad alimentaria es variado. En el caso de la soya, todas las personas entrevistadas coinciden en que esta es netamente para la venta, especialmente considerando que se produce a partir de variedades GM. Respecto a ello, es común escuchar mencionar *“dicen que [el grano GM] hace daño”, “tiene mucho químico”*. Una de las participantes en la investigación menciona: *“A mis nietos no les daría ni llorando [soya transgénica], les hace daño”*. Otra indica *“antes cuando era convencional sí consumíamos [soya]”*. Por lo que en el caso específico de la soya, su producción tiene un efecto negativo en la seguridad alimentaria con relación a la provisión directa de alimentos a partir de la cosecha; empero, provee ingresos económicos en parte destinado a la compra de alimentos.

A diferencia de la soya, los cultivos de arroz y maíz sí aportan a la alimentación familiar, proveyendo gran parte de los carbohidratos consumidos anualmente (CATACORA-VARGAS, 2016). Sin embargo, los bajos precios de venta en el mercado (hasta USD 85 por tonelada de maíz) desmotivan su cultivo y, por tanto, la contribución del sistema agroindustrial al autoconsumo. *“El maíz da bien, pero no vale nada...”*, confirma un productor de San Pedro. Respecto al arroz, otro entrevistado menciona *“[con los precios actuales, lo que genera] la producción de arroz sólo alcanza para pagar el transporte y la maquinaria. No alcanza para pagar los insumos ni la preparación de la tierra”*. El panorama general es la dependencia en la compra de alimentos, lo que implica: (i) un incremento de la vulnerabilidad especialmente entre las familias con menores ingresos, y (ii) la pérdida de control sobre la calidad y variedad de los alimentos consumidos (CASTAÑÓN BALLIVIÁN, 2014).

El debilitamiento de la capacidad de auto-provisión de alimentos en la producción agroindustrial de San Pedro, está también relacionado con los bajos niveles de agrobiodiversidad (generalmente uno o dos cultivos por sistema agroecosistema), dominada por el cultivo de soya y a veces combinado con la producción del monocultivo arroz (CATACORA-VARGAS, 2016). Un productor menciona *“Después de la soya sembramos soya. Se siembra soya todo el año”*.

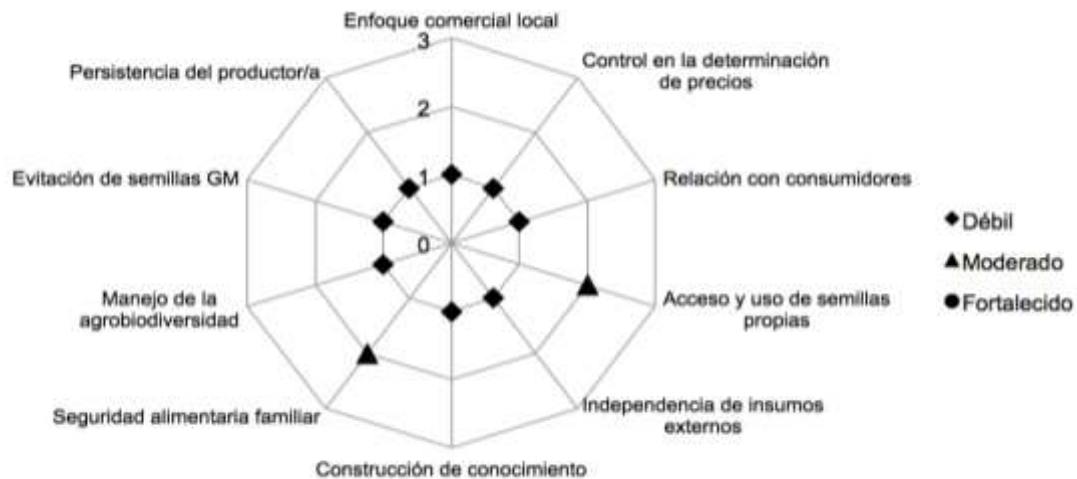
Otra característica del sistema agroindustrial relacionada con la limitada agrobiodiversidad es la predominancia de variedades GM tolerantes al herbicida glifosato. Desde el 2010, más del 90% de la producción actual de soya se realiza con variedades GM (AEMP, 2012; CATAFORA-VARGAS et al., 2012). De manera no oficial, se han reportado introducciones ilegales de maíz, algodón y caña de azúcar GM (TODO DEL CAMPO, 2013).

A todos los factores arriba descritos se añade la concentración de la tierra, primordialmente entre extranjeros. Por ejemplo, en el 2010 sólo el 2% de los productores de soya manejaban el 52% de la superficie dedicada a este cultivo en áreas de producción mayores a las 500 hectáreas. Paralelamente, ese mismo año más del 70% de productores de pequeña escala tuvieron acceso al 28% de las tierras dedicadas a esta oleaginosa (CATAFORA-VARGAS et al., 2012). En el 2010, productores de soya de nacionalidad boliviana representaron el 38% del total, siendo la comunidad menonita la más numeraria entre los extranjeros; empero, la comunidad brasileña la predominante respecto al uso de la tierra (URIOSTE, 2011).

El efecto general de este conjunto de factores es la débil permanencia dentro del sistema agroindustrial del productor de pequeña escala, permanencia que disminuye con el paso de los años. *“Los precios actuales causan problemas para el productor con préstamos. [Sólo] van a sobrevivir quienes tienen chaco propio y maquinaria pagada [...], quien no tiene deudas”* indica un productor. Mientras otro se lamenta señalando que *“la realidad del productor es triste. Algunos no van a producir aunque tengan tierra porque la agricultura no es rentable”*. Estas apreciaciones son consistentes con los procesos de diferenciación y exclusión social-productiva de las familias que no poseen ni acceden a recursos como la tierra ni a capital para la producción agroindustrial (CASTAÑÓN BALLIVIÁN, 2014; MCKAY, COLQUE, 2016; SUÁREZ et al., 2010). En el ejemplo de la soya, la inversión requerida oscila entre USD 450 – 650 por hectárea por temporada agrícola, sólo para cubrir los costos de producción.

En resumen, el efecto en la soberanía alimentaria del sistema alimentario agroindustrial analizado, es de debilitamiento. La Figura 1 presenta de manera gráfica lo descrito en los anteriores párrafos (relacionar con Cuadro 1).

Figura 1: Valoración cualitativa del efecto sobre la soberanía alimentaria local del sistema agroindustrial de San Pedro y Mora, Santa Cruz



Fuente: Org. AUTORES.

Soberanía alimentaria en el sistema indígena guaraní

El sistema indígena guaraní en las comunidades de La Ripiera y Yateirenda, de la TIOC² Takovo Mora en el Municipio de Cabezas, exhibe efectos heterogéneos sobre la soberanía alimentaria según los parámetros analizados.

En este tipo de sistema, oficialmente la dinámica de acceso a la tierra es comunitario. Esto implica que cada miembro varón (o comunario³) tiene derecho de uso de la tierra que trabaja, pero no puede poseerla ya que se trata de un bien común.

En el actual sistema indígena guaraní el enfoque de la producción varía desde el autoconsumo hasta a un enfoque comercial. Los excedentes y también la cosecha comercial se venden a precios determinados por el mercado, en procesos donde no existe relación directa con consumidoras y consumidores.

El acceso y uso de semilla es mixto. De manera general, las variedades de maíz y frijol se compran en cada campaña productiva en los mercados de abarrotes o agropecuarias. Los dos últimos años se dio el caso de dotación de semillas de maíz por la gobernación, los municipios o proyectos productivos financiados por las empresas de hidrocarburos. Comúnmente en el resto de la producción de hortalizas, tubérculos y frutales, se utilizan semillas propias, las “rescatadas” de las hortalizas y frutas compradas para el consumo familiar, las obtenidas mediante regalo de comunarios y familiares, y otras del bosque.

Habitualmente el sistema productivo sigue un manejo denominado “tradicional”, lo que implica labores culturales de preparación de tierra, desmalezado manual y aplicación de

² Territorio Indígena Originario Campesino

³ Denominado “comunario” o “comunaria” por ser parte del sistema de acceso “común” a la tierra.

agroquímicos. La ocurrencia del uso de plaguicidas varía desde esporádica a frecuentemente. Ello depende de la extensión de la superficie de producción, su relación con los mercados y el nivel de interacción con los actores públicos (como municipios) y privados, especialmente los proveedores de agroquímicos como las agropecuarias.

Con base a lo anterior y respecto a la construcción del conocimiento, se percibe un proceso de cambio y adaptación de la matriz de saberes y destrezas hacia el sistema agroindustrial. Es decir, la incorporación paulatina del manejo del agroecosistema basado en semillas exógenas e insumos sintéticos. Entre las causas más importantes están la decreciente relevancia de la agricultura en los medios de vida guaraní, la dificultad del ejercicio de la agricultura, la expansión del sistema agroindustrial con su respectivo paquete tecnológico, la migración, la débil institucionalidad para hacer frente a los problemas estructurales y el cambio climático. “*Sembramos poco. No hay agua. El ganado entra al chaco y se come el cultivo...*” explica un comunario de La Ripiera. Una autoridad indígena de Yateirenda menciona “*Ya no existen las cosas naturales. Ya es todo para la venta, la comida es tod[a] comprad[a]. A veces nos dan semillas que no funcionan, que no germinan. Es muy preocupante*”. Estas palabras apuntan a la pérdida de las variedades locales y los conocimientos asociados. El conocimiento ancestral vigente más común se relaciona con el uso de algunas plantas medicinales y la identificación de especies madereras del bosque (caso de La Ripiera).

Respecto a la migración, la emigración de los indígenas a centros urbanos y la inmigración de terceros (como extranjeros) modifican el tejido social que practica y re-crea el conocimiento local, incluyendo el ancestral vigente. Por ejemplo, los menonitas quienes representan el 40% de la población en el Municipio de Cabezas según su Plan de Desarrollo Municipal 2010-2015 (GOBIERNO AUTÓNOMO MUNICIPAL DE CABEZAS, 2015)

Con relación al efecto del cambio climático sobre conocimientos tradicionales de las comunidades guaraníes, el siguiente testimonio da pautas de ello: “*hace años, las lluvias siempre empezaron en octubre, y sembrábamos en noviembre. Así teníamos maíz en febrero para chicha⁴ en nuestro carnaval. Pero ahora, las lluvias a veces empiezan a fines de diciembre, y sembramos a fines de febrero, [entonces] [...] tenemos el maíz en mayo o junio*” (THE GUARDIAN, 2015).

De manera progresiva, la agricultura ha ido perdiendo dedicación exclusiva del tiempo del comunario, y actualmente es complementada por otras actividades económicas asalariadas como la construcción y los servicios de transporte. Éstas se integran en la estrategia de generación de ingresos económicos complementarios y destinados a cubrir parcialmente las necesidades familiares. La disminución de la actividad agrícola junto a la

⁴ Bebida tradicional de los pueblos indígenas elaborada con base a la fermentación del maíz molido.

vulnerabilidad de la producción ante las condiciones climáticas (principalmente sequía) y el libre tránsito del ganado (ganado vacuno, porcino y caprino), son los factores principales de la pérdida de cultivos y el debilitamiento de la seguridad alimentaria. “*No hemos cosechada nada. La sandía, el maíz, el frijol... todo se lo ha comido el ganado*”, indica una comunaria de La Ripiera.

El conjunto de condiciones y factores descritos, dan lugar a que el pueblo guaraní desarrolle una alta dependencia en la compra de alimentos en las tiendas locales, estando la más cercana a aproximadamente 10 kilómetros en el caso de La Ripiera. Un sondeo en cuatro tiendas de abarrotes en Yateirenda durante el 2015 indica que los productos más vendidos son pollo, fideo, arroz, pan, alcohol, gaseosas, golosinas, sal, azúcar y condimentos.

Comparativamente, la agrobiodiversidad en los sistemas indígenas es bastante mayor que en el sistema agroindustrial. Las familias guaraníes que habilitan un chaco⁵ y/o tienen un huerto familiar, generalmente cultivan maíz (principal grano en la alimentación de La Ripiera), además de tubérculos (especialmente yuca y camote), hortalizas (como frijol, ají y calabaza) y frutas (sandía, banano, papaya y cítricos). El uso de variedades GM es aparentemente inexistente. Por otro lado, la mayoría de las familias cría animales (comúnmente ganado de carne, cerdos, cabras, gallinas, pollos y patos). La mayor parte de esta agrobiodiversidad está destinada al autoconsumo, además que el ganado vacuno, porcino y caprino se constituyen en un ahorro económico. En el caso de La Ripiera, el manejo de la biodiversidad incluye la caza de animales del bosque, en el que resalta el tatú o armadillo por su inclusión en la dieta familiar.

Un aspecto adicional al manejo de la agrobiodiversidad es el cultivo de variedades híbridas comerciales de maíz en pequeñas superficies de monocultivo. Esto es consistente con lo reportado por CHUMACERO (2012, p. 25), quien indica que “*las comunidades se insertan a la producción de monocultivo, generando homogenización del paisaje y una pérdida, no cuantificada de la biodiversidad*”. A su vez, esto se relaciona con la reducción de la producción y consumo de maíces locales. “*Aquí ya no se ve maíz morado, amarillo y blanco. [Por eso] ya no se hace chicha muy seguido. Hay que comprar maíz de Lagunillas para hacer la chicha*” menciona una comunaria de Yateirenda. La escases de las variedades locales de maíz también es percibida en los poblados. “*Nosotras no podemos hacer los horneados⁶ [...] [el maíz de aquí] es muy seco, compramos maíz de adentro. Traen del Incawasi el maíz criollo*”.

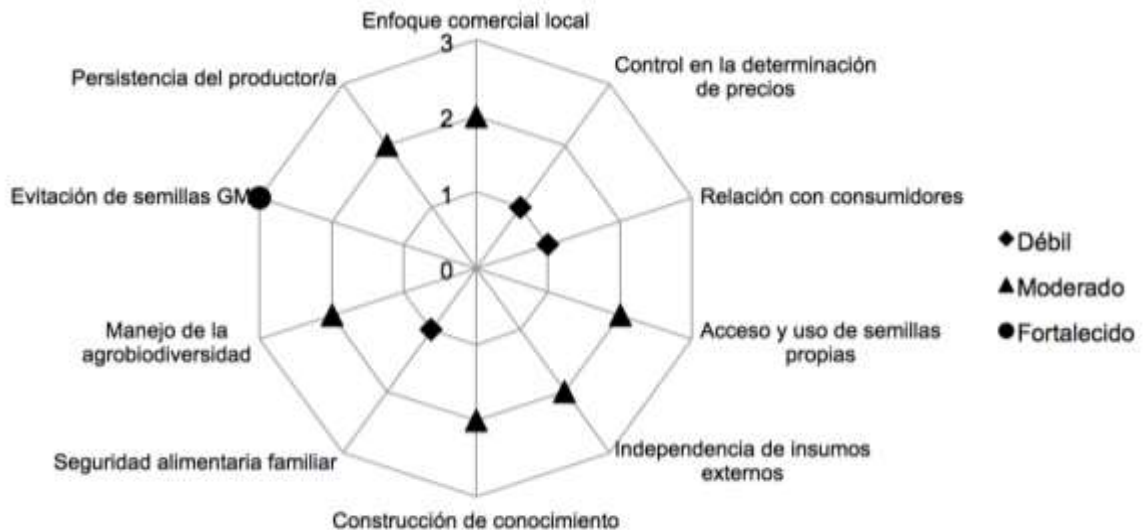
En síntesis, el sistema alimentario guaraní de La Ripiera y Yateirenda está debilitado

⁵ Porción de tierra del territorio comunitario, destinado temporalmente al uso privado con fines productivos agropecuarios.

⁶ Panes tradicionales de la región hechos con base a maíz.

respecto a la soberanía alimentaria, aunque sus efectos son más positivos en comparación al sistema agroindustrial. La Figura 2 resume de manera gráfica los hallazgos descritos respecto, según los parámetros de análisis presentados en el Cuadro 1.

Figura 2: Valoración cualitativa del efecto sobre la soberanía alimentaria local del sistema indígena guaraní en La Ripiera y Yateirenda, Santa Cruz



Fuente: Org. AUTORES.

El sistema indígena presenta importantes desafíos ante la expansión del sistema agroindustrial, eventos climáticos y vulnerabilidad económica. Respecto al primer aspecto, las observaciones de campo apuntan a la tendencia de asimilación del sistema indígena guaraní por el agroindustrial en el contexto del agro-negocio de Santa Cruz. Uno de los factores de este proceso es el tipo de asistencia técnica que reciben desde las entidades públicas. Como se mencionó anteriormente, entrevistas a familias de Yateirenda indican al avance progresivo de la producción agroindustrial en sus territorios como resultado del fomento de la gobernación, los municipios locales y los proyectos de compensación de las empresas hidrocarburíferas. *“Yo planto maíz en mi chaco, y lo vendo en Santa Cruz. El municipio nos trajo la semilla desde hace dos años”* señala una persona entrevistada. Otros testimonios de Yateirenda indican: *“El municipio nos dio durante dos años semillas de maíz y veneno para los bichos. También nos ayudan con nuestro ganado”*; *“los proyectos de compensación nos ayudaron con cítricos... acerola, pero ahora es más para la compra de semillas y las maquinarias”*.

A lo anterior se añade como un factor que pone en riesgo la permanencia del sistema y las familias indígenas el racismo que afrontan comunarias y comunarios en las poblaciones aledañas. Una comunaria de La Ripiera menciona con relación a un poblado cercano: *“No nos quieren en Mora por vivir en la comunidad”*, mientras que una residente

andina de Mora comenta *“Los guaraníes son flojos, no quieren trabajar. Tienen [muchos] beneficios...[nosotros] no tenemos ningún apoyo y trabajamos la tierra”*. En la interacción con familias de La Ripiera se percibió que las generaciones más jóvenes evitan hablar la lengua nativa – el guaraní – para reducir la posible diferenciación y discriminación que sienten son objeto.

En este contexto, uno de los vínculos más fuertes que contribuye en cierta medida a la preservación del sistema y la permanencia de las familias en sus territorios, es el acceso a la tierra. Ello a pesar que algunos tienen una identidad dual, siendo comunarios y con acceso a tierra compartida en el sistema indígena, y al mismo tiempo miembros de un sindicato por poseer tierra privada fuera de la comunidad. En otros casos, también se identificó el alquiler de tierras indígenas. *“[Los] comunarios alquilan sus tierras a vecinos, y ellos mismos la trabajan”* menciona una entrevistada en Yateirenda.

Soberanía alimentaria en el sistema agroecológico

El sistema agroecológico se analizó en el Municipio de Samaipata. La información secundaria sobre el sistema agroecológico en la zona de estudio y respecto a los parámetros de análisis de soberanía alimentaria, es prácticamente inexistente. Ello se debe a la limitada investigación sobre el tema en Santa Cruz, la escasa inversión pública en la producción agroecológica y el proceso en etapa inicial de conformación de las redes formales de producción y venta de alimentos agroecológicos. Por estos motivos, la presente sección se restringe a la descripción de las observaciones y percepciones preliminares de campo.

Desde la perspectiva de la soberanía alimentaria, el sistema agroecológico en Samaipata presenta la mayor fortaleza al compararlo con los otros sistemas. Las experiencias visitadas tienen un enfoque puramente local, aunque el mercado principal es la capital de departamento, Santa Cruz de la Sierra.

Respecto a los precios, su dinámica de determinación es variable. Quienes cuentan con una identidad agroecológica reconocida y estrategias de venta diferenciadas o directas, establecen sus propios precios de venta. Las agricultoras y los agricultores sin estas ventajas (identidad reconocida y acceso a mercados directos) venden sus productos en los mercados más próximos de manera no diferenciada, a precios determinados por la oferta y la demanda. En ambos casos, las relaciones con los consumidores son bastante directas, porque una de las estrategias principales de venta es la entrega a domicilio y la venta en el mismo predio de producción.

El acceso y uso de semillas es heterogéneo. Algunos casos dependen de la compra de semillas provenientes de mercados nacionales y extranjeros, mientras que otros

producen y re-utilizan sus propias semillas. El deficitario acceso y disponibilidad de semillas ecológicas apunta a una debilidad muy importante del sistema alimentario agroecológico y de la implementación de la normativa y política nacional. Por ejemplo, de la Ley No. 300 de la Madre Tierra y Desarrollo Integral para Vivir Bien (Estado Plurinacional de Bolivia, 2012) que dispone el fomento de la producción ecológica; empero aun no se cuenta con un programa nacional de producción de semillas para tal efecto.

Los sistemas productivos agroecológicos muestran independencia de insumos externos y semillas GM. Este aspecto junto con los elevados niveles de agrobiodiversidad están muy ligados a la construcción de conocimiento e innovación local. Ello se expresa en la producción de semillas propias (en diferentes niveles de avances en los agroecosistemas visitados), y en las prácticas de reciclaje de nutrientes y de regulación de poblaciones, como asociaciones, rotaciones y elaboración de abonos biológicos. Todas estas características son centrales en la sustentabilidad y resiliencia socio-ecológica de la agroecología (ALTIERI, 1999; NICHOLLS et al., 2013). El manejo de la agrobiodiversidad encontrado en los sistemas agroecológicos tiende a la agroforestería, la cual también favorece a la generación de conocimiento y conservación de variedades locales (JACOBI et al., 2016).

Los niveles de agrobiodiversidad son claramente elevados, en general de diez hasta más de treinta especies en un mismo sistema productivo (CATACORA-VARGAS, 2016). Esto está relacionado con un nivel adecuado de seguridad alimentaria. “*Cuando hay parcela nunca falta comida. Si no da [un cultivo], produce otro*”, comenta la esposa de un agricultor.

Las características mencionadas anteriormente, contribuyen al notorio involucramiento de la familia y nuevas generaciones en la mayoría de los sistemas agroecológicos visitados. Esto junto con la rehabilitación de los recursos productivos (especialmente suelo) son factores relevantes que favorecen a asegurar la permanencia en el sistema agroecológico. “*Mi mayor riqueza es el suelo vivo*”, “*Cuando se trabaja con la naturaleza los resultados son increíbles*” indica un agricultor.

Con base a lo descrito y en comparación con los sistemas agroindustrial e indígena, el sistema agroecológico en Samaipata presenta los mayores aportes a la soberanía alimentaria local (resumidos gráficamente en la Figura 3).

Figura 3: Valoración cualitativa del efecto sobre la soberanía alimentaria local del sistema agroecológico en Samaipata, Santa Cruz



Fuente: Org. AUTORES.

Reflexiones generales

En el complejo productivo de Santa Cruz se desarrollan diferentes sistemas alimentarios, cada uno con efectos diferenciados sobre la soberanía alimentaria local. En conjunto, se percibe una asimetría en la influencia e interacción entre los sistemas, los cuales ameritan una aproximación con el fin de comprender la persistencia y expansión del sistema agroindustrial a pesar de tener mayor efecto negativo en el alcance de la soberanía alimentaria local.

El sistema alimentario agroindustrial presiona a los otros sistemas mediante la expansión del paquete tecnológico aplicado: monocultivo con aplicación intensa de insumos sintéticos. Consecuentemente, también afecta en la dinámica alimentaria basada en la compra en lugar que el auto-consumo, tratándose de una compra en función de la capacidad adquisitiva y no en las necesidades y preferencias de las familias.

A partir de estas presiones se infiere una relación y límites permeables entre un sistema y otro por diferentes razones. Una de ellas es que los actores participan en más de un sistema alimentario. Los roles asumidos en el sistema agroindustrial – desde la producción hasta el consumo – empujan a valorar positivamente la agroindustria por la simplicidad que implica su manejo agrícola y la disminución de costos en el corto plazo. A esto se añade la estructura político-institucional de soporte de la agroindustria. Por ello, un mismo actor involucrado en el sistema alimentario agroindustrial y en el sistema indígena difícilmente priorizará el segundo, a pesar de que tenga mayor aporte en la soberanía alimentaria. Al contrario, el sistema agroecológico local tiene escaso soporte institucional y

generalmente requiere de inversiones en los períodos de transición, cuando se rehabilita la fertilidad de los suelos y se reponen las funciones ecosistémicas que garantizan la estabilidad y productividad del agroecosistema. Esta perspectiva va en contra de la visión de simplificación y rédito en el corto plazo de la producción agroindustrial, limitando la oportunidad de expandir los sistemas alimentarios agroecológicos.

Otro factor de gran influencia en la asimetría de los sistemas alimentarios y la presión mediante la intromisión del sistema agroindustrial en otros, es la narrativa y consecuentemente las políticas que la apoyan. Como punto inicial de este breve análisis se debe reconocer que en el actual contexto de Bolivia la soberanía alimentaria es incluida en el discurso tanto estatal como del sector privado, con el fin de – entre otros - legitimar el modelo de producción agroindustrial orientado hacia la exportación (KERSSEN, 2013). Con base a ello, en los tres sistemas alimentarios existe una agenda visible y otra encubierta a través de la cual los actores sostienen argumentos de lucha contra la pobreza e inseguridad alimentaria, protección de bienes comunes, sostenibilidad y otros para justificar sus acciones. Empero, en gran medida la implementación de las mismas están lejos de generar soberanía alimentaria. Por ejemplo, en el sistema agroindustrial, el pacto entre empresas privadas, el Estado y las organizaciones de pequeños productores para fortalecer la producción de soya, maíz, trigo, azúcar, arroz, está lejos de aportar a la soberanía alimentaria ya que su enfoque es la exportación y otros mercados de escala. De hecho, la normativa nacional favorece a un grupo limitado de cultivos considerados como estratégicos (Estado Plurinacional de Bolivia, 2011). El argumento utilizado es que la soberanía alimentaria significa el control nacional sobre la producción. La consecuencia directa es el incremento de las importaciones de insumos agroquímicos y de alimentos de primera necesidad.

En el caso del sistema alimentario indígena guaraní, el pacto entre la Asamblea del Pueblo Guaraní Takovo Mora, el Municipio de Cabezas y el gobierno central para la administración de recursos provenientes del Nuevo Fondo Indígena para proyectos de desarrollo productivo se basan en el argumento de que las regalías del petróleo deben de fortalecer las iniciativas productivas de las comunidades. La consecuencia directa es el incremento de proyectos enfocados hacia las economías de escala de producción agroindustrial (como de maíz), que reducen las posibilidades de conservación de especies nativas y sistemas alimentarios tradicionales y auto-gestionarios.

Este rápido análisis de las acciones colectivas y las acciones estratégicas permite identificar un mecanismo operacional denominado como “instituciones comerciables”, desarrollado por Bikketi et al. (2016), quienes argumentan que no existe una relación directa entre los argumentos institucionales expuestos y las acciones finales. Esto permite comprender que en los sistemas alimentarios analizados los argumentos conceptuales de

soberanía alimentaria se funcionalizan a los intereses privados desde la voz de los actores con mayor influencia económica.

Conclusiones

La soberanía alimentaria desde lo propuesto por La Vía Campesina, se posiciona como un derecho esencial de los pueblos. Por un lado, el derecho a la producción y consumo de alimentos nutritivos, ecológica y socio-culturalmente adecuados. Por el otro, el derecho a la participación y definición propia de las políticas alimentarias. Desde estas dos dimensiones, la soberanía alimentaria se consolida como una concepción integral y sistémica de implementación y análisis de las dinámicas productivo-alimentarias.

Con base al análisis de diez parámetros seleccionados y adaptados al contexto local, fue posible describir la influencia sobre la soberanía alimentaria de tres sistemas en el Departamento de Santa Cruz: el agroindustrial, indígena y agroecológico. Según lo analizado se puede concluir lo siguiente:

Primero y de manera general, el sistema agroindustrial en el Municipio de San Pedro tiene impacto de debilitamiento de la soberanía alimentaria local. A pesar de ello está ampliamente difundido, adoptado y se sobrepone paulatinamente sobre otros sistemas. Esta dinámica de persistencia y expansión del sistema agroindustrial es resultado de la visión de beneficios en el corto plazo sobre la que se funda, y la narrativa y estructura institucional que la soportan. Esto cuestiona la posibilidad de una co-existencia del sistema agroindustrial con otros, dado que su naturaleza expansiva genera conflicto de permanencia con los otros sistemas alimentarios, y entre la agroindustria y el alcance de la soberanía alimentaria.

Segundo, el sistema alimentario indígena guaraní de las comunidades de La Ripiera y Yateirenda en el Municipio de Cabezas tiene un aporte intermedio en el alcance de la soberanía alimentaria. Una de las principales razones es que este sistema se va transformado en un sistema “híbrido” por la influencia del sistema agroindustrial en términos de visión y manejo agrícola. Ello incide en la reducida preservación algunas prácticas tradicionales de producción y auto-consumo de alimentos.

Tercero, el sistema agroecológico es el que muestra mayores fortalezas y contribución (real y potencial) a la soberanía alimentaria. Empero, al ser un sistema con reducido soporte institucional y económico, se encuentra en desventaja particularmente con relación al sistema agroindustrial. Sin embargo, esta desventaja es de carácter contextual, y no respecto al efectivo aporte de los sistemas alimentarios agroecológicos a la soberanía alimentaria.

Referencias

AEMP (Autoridad de Fiscalización y Control Social de Empresas). **Estudio del Productor Primario de Soya**. Disponible en: <www.autoridadempresas.gob.bo> Acceso en: 23 may. 2016.

ALTIERI, M.A. **Agroecología**. Bases científicas para una agricultura sustentable. Montevideo: Nordan-Comunidad, 1999.

BANCO MUNDIAL. Poverty and Hunger. Issues and Options for Food Security in Developing Countries. **A World Bank Policy Study**. Washington DC: BM, 1986.

BIKKETI, E; SPERANZA, C.; BIERI, S.; HALLER, T.; WEISMANN, U. Gendered division of labour and feminisation of responsibilities in Kenya; implications for development interventions. **Journal Gender, Place and Culture** v.23, n. 10, Volume 23p.1431-1449, 2016.

BRAVO, E. **Normativa en Semillas en América Latina al Servicio del Control Corporativo**. Quito: Red por una América Latina Libre de Transgénicos, 2015.

CASTAÑÓN BALLIVIÁN, E. Cuando la soya se impone: transformaciones en las comunidades campesinas y sus implicaciones alimentarias. **Cuestión Agraria**. Seguridad y soberanía alimentaria entre campesinos e indígenas, v. 1, n. 1, p. 27-53, 2014.

CATACORA-VARGAS, G. Soya en Bolivia: Producción de oleaginosas y dependencia En RULLI, J. (Coord.) **Repúblicas unidas de la soja**. Realidades sobre la producción de soja en América del Sur. Asunción: GRR/BASE-IS, 2007. p. 235-251.

CATACORA-VARGAS, G. **Agrobiodiversidad en sistemas alimentarios agroindustrial, indígena y agroecológico en tres municipios de Santa Cruz, Bolivia**. Tesis de Maestría. Cochabamba: AGRUCO/ UMSS, 2016.

CATACORA-VARGAS, G.; GALEANO, P.; AGAPITO-TENFEN, S.; ARANDA, D.; PALAU, T.; NODARI-ONOFRE, R. **Producción de soya en el Cono Sur de las Américas**: Actualización sobre el uso de tierras y pesticidas. Cochabamba: GenØk / UFSC / REDES-AT / BASE-IS, 2012.

CHUMACERO R., JP. **¿Comer de nuestra tierra?** Informe 2012. La Paz: Fundación Tierra, 2013.

COLBERT P., W.E. **La seguridad alimentaria en Santa Cruz**. Análisis de la situación actual. Santa Cruz: FAO, 2008.

COLONNA, P.; STEPHANE, F.; TOUZARD, J.-M. Food systems En ESNOUF, C.; RUSSEL, M.; BRICAS, N. (Eds). **Food Systems Sustainability**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 66-99.

ERICKSEN, P.J. Conceptualizing food systems for global environmental change research. **Global Environmental Change**, v. 18, n. 1, p. 234-245. 2008.

ESTADO PLURINACIONAL DE BOLIVIA. **Ley N. 144 de Revolución Productiva Comunitaria Agropecuaria**. 2011.

ESTADO PLURINACIONAL DE BOLIVIA. **Ley N. 300 de la Madre Tierra y Desarrollo Integral para Vivir Bien**. 2012.

EVANS, J.P. **Environmental Governance**. London y Nueva Yorr: Roulledge, 2012.

FAO (Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y Agricultura). **Seguridad Alimentaria. Informe de Políticas.** N. 2. 2003a. Disponible en: <http://ftp.fao.org/es/ESA/policybriefs/pb_02_es.pdf> Acceso en: 22 out. 2013.

FAO (Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y Agricultura). **Trade reforms and food security.** Conceptualizing linkages. Rome: FAO, 2003b.

FAO (Organización para la Alimentación y Agricultura). **Seguridad Alimentaria.** Informe de Políticas N. 2. Roma:FAO, 2006.

FAO / PMA (Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y Agricultura / Programa Mundial de Alimentos). **Informe Especial.** Misión FAO/PMA de Evaluación de Cultivos y Suministro de Alimentos en Bolivia. FAO, 2008.

FRISON, E. (Coord.) **From Uniformity to Diversity.** A paradigm shift from industrial agriculture to diversified agroecological systems. iPES Food, 2016.

GOBIERNO AUTÓNOMO MUNICIPAL DE CABEZAS. **Plan de Desarrollo Municipal.** Cabezas: Gobierno Autónomo Municipal, 2010 - 2015.

HENRYSON, J. **Report Food, Climate and Development.** Stockholm: Swidish Society of Nature Conservation, 2007.

IAASTD (International Assessment of Agricultural Knowledge Science and Technology for Development) (Ed). **Agriculture at Crossroad. Global Report.** Washington D.C.: Island Press, 2009.

JACOBI, J.; GAMBON, H.; MATHEZ-STIEFEL, S.L. ¿Locales, externos o integrados? El rol de los diferentes tipos de conocimientos en la agroforestería boliviana. **LEISA** v. 31, n.1, p. 17-19, 2016.

KERSSEN, T. Food Sovereignty and the Quinoa Boom in Bolivia. Artículo de discusión en la **Conferencia Internacional “Food Sovereignty: A Critical Dialogue”.** Universidad de Yale, New Heaven. Septiembre 14-15, 2013.

LA VÍA CAMPESINA. **The right to produce and access to land. Voice of the Turtle.** 1996. Disponible en: <<http://www.voiceoftheturtle.org/library/1996%20Declaration%20of%20Food%20Sovereignty.pdf>> Acceso en: 18 ago. 2016.

LA VÍA CAMPESINA. **Nyeléni 2007 – Forum for Food Sovereignty. Synthesis Report.** 2007. Disponible en: < <https://nyeleni.org/spip.php?article334>>. Acceso en: 10 jun. 2016.

MCKAY, B.; COLQUE, G. Bolivia's soy complex: the development of 'productive exclusion'. **The Journal of Peasant Studies**, n. 43, v. 2, p. 583–610, 2016.

MARTÍNEZ-TÓRREZ, E.; ROSSET, P. La Vía Campesina: the birth and evolution of a transnational social movement. **The Journal of Peasant Studies**, v. 37, n.1, p.149-175, 2010.

MILLSTONE, E. Chronic Hunger: A Problem of Scarcity or Inequity? En Mehta L. (Ed). **The Limits to Scarcity.** Contesting the Politics of Allocation. London / Wasington D.C.: Earthscan, 2007. p. 149-164.

NICHOLLS, C.; RÍOS, L.; ALTIERI, M.A. **Agroecología y resiliencia socioecológica:** adaptándose al cambio climático. Medellín: REDAGRES, CYTED, SOCLA, 2013.

ORMACHEA, E. **Soberanía y seguridad alimentaria en Bolivia: Políticas de Estado y situación.** La Paz: CEDLA, 2009.

PATEL, R. What does food sovereignty look like? **The Journal of Peasant Studies**, v. 16, n. 3, p. 663–706. 2009.

PARKER, D. Chávez y la búsqueda de una seguridad y soberanía alimentarias. **Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales**, v. 14, n. 3, p. 121-143. 2008.

Peoples Food Sovereignty Network. **Statement on peoples' food sovereignty.** 2002
 Disponible en: http://www.peoplesfoodsovereignty.org/statements/new%20statement/statement_01.htm
 Acceso en: 18 ago. 2016.

PAZ BALLIVIÁN, D. **Estructura agraria boliviana.** La Paz: UMSA / Plural Editores, 2009.

PÉREZ, M. **Efectos de la liberación comercial en la seguridad alimentaria de los pequeños productores de Bolivia.** La Paz: CIOEC-Bolivia / AIS / Secretariado Rural Perú-Bolivia / AIPE, 2008.

PNUD-Bolivia (Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo - Bolivia). **Informe temático sobre el desarrollo humano.** La otra frontera. Usos alternativos de recursos naturales en Bolivia. La Paz: PNUD-Bolivia, 2008.

RASTOIN, J. L. Dynamique du système alimentaire Français. **Agroalimentaria**, v. 3, 1996.

REPÚBLICA DE BOLIVIA. **Nueva Constitución Política del Estado.** Honorable Congreso Nacional, 2008.

RETORTILLO, M.M; PINILLA, V.; VELAZCO, J.; WILLEBALD, H. **El crecimiento de la producción agraria latinoamericana: un análisis comparativo de sus causas en la segunda mitad del siglo XX. XIV Congreso Internacional de Historia Agraria.** Badajoz, 2013.

ROSSET, P.M. Food sovereignty: global rally cry of farmer movements. **Food First Backgrounder**, v. 9, n. 4, p. 1-4. 2003

URIOSTE, M. **Concentración y extranjerización de la tierra en Bolivia.** La Paz: Fundación Tierra, 2011.

SHATTUCK, A.; SCHIAVONI, M; VANGELDER, Z. Translating the Politics of Food Sovereignty: Digging into Contradictions, Uncovering New Dimensions. **Globalizations**, v. 12, n. 4, p. 421-433.

SUÁREZ, R.V.; CAMBURN, M.; CRESPO, S. **El pequeño productor en el cluster de la soya. El caso de Santa Cruz.** Santa Cruz: PROBIOMA, 2010.

THE GUARDIAN. **Guarani people turn to the law to fight latest battle with Bolivian authorities.** Disponible en: <http://www.theguardian.com/global-development/2015/oct/06/guarani-people-turn-to-the-law-fight-latest-battle-bolivia-authorities>
 Acceso en: 13 jun. 2016.

THOMPSON, J.; MILLSTONE, E.; SCOONES, I.; ELY, A.; MARSHALL, F.; SHAH, E.; STAGL, S. **Agri-Food System Dynamics: Pathways to sustainability in an era of uncertainty.** STEPS Working Paper 4. Brighton: STEPS Centre, 2007.

TODO DEL CAMPO. **Los transgénicos avanzan en Bolivia**. Disponible en: <http://www.todoelcampo.com.uy/los_transgenicos_avanzan_en_bolivia-15?nid=7916#.UntuyJh4Fjk> Acceso en: 25 jun. 2016.

VAN DER PLOEG, J.D. Peasant-driven agricultural growth and food sovereignty. Artículo de discusión en la **Conferencia Internacional “Food Sovereignty: A Critical Dialogue**. Universidad de Yale, New Heaven. Septiembre 14-15, 2013.

Recebido para publicação em 14 de julho de 2016.

Devolvido para a revisão em 08 de agosto de 2016.

Aceito para a publicação em 01 de outubro de 2016.

Impacto econômico e soberania alimentar e nutricional: um estudo de caso na comunidade negra rural Palenqueira San Juan de Palos Prieto, região do Caribe Colombiano

Lucas Bento da Silva

Mestre em Geografia - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe - IPPRI, UNESP – São Paulo/SP.
e-mail: quilombonoticias@gmail.com

Resumo

Este artigo é um esforço de práxis, que tem como objetivo compreender as técnicas e o manejo da produção de alimentos e o impacto econômico da palma africana na comunidade negra rural Palenqueira San Juan de Palos Prieto, região do Caribe colombiano. Também investigamos a autonomia feminina e a autonomia do grupo étnico relacionado no território geográfico estudado. A noção de soberania alimentar e nutricional que está anexada em reconhecimentos da garantia ao direito à alimentação das comunidades tradicionais e outras categorias sociais. Além disso, há a problemática racial advinda dos fatos históricos e atuais que relegou aos negros (a) lugares sociais marginalizados na América Latina. Portanto, propomos desenvolver uma reflexão crítica do processo de produção e da espoliação das terras dessa comunidade, a partir da concepção geográfica, que não restringe o entendimento de território apenas ao espaço físico, incluindo outros elementos como os históricos, sociais, políticos e culturais.

Palavras-chave: Comunidade negra rural; soberania alimentar e nutricional; Palenque, impacto econômico.

Economic impact and food and nutritional sovereignty: the case study in the rural black community Palenqueira San Juan de Palos Prieto, Colombian Caribbean region

Abstract

This article is an effort to practice, which aims to understand the techniques and the management of food production and the economic impact of African palm in rural black community Palenqueira San Juan de Palos Prieto, the Colombian Caribbean region. We also investigated the women's autonomy and the autonomy of the ethnic group listed on the geographical territory studied. The notion of food and nutrition sovereignty that is attached to the guarantee recognition to the right to food of traditional communities and other social categories. In addition, there are racial problems arising from historical and current facts relegated blacks (a) marginalized social places in Latin America. Therefore, we propose to develop a critical reflection of the production process and the dispossession of the lands of the community, from the geographical view, which does not restrict the territory of understanding only the physical space, including other elements such as the historical, social, political and cultural.

Keywords: Rural black community; nutrition and food sovereignty; Palenque, economic impact.

Impacto económico y la soberanía alimentaria y nutricional: un estudio de caso en la comunidad rural negro Palenqueira San Juan de Palos Prieto, región del Caribe colombiano

Revista NERA	Presidente Prudente	Ano 19, nº. 32 – Dossiê	pp. 195-213	2016
--------------	---------------------	-------------------------	-------------	------

Resumen

Este artículo es un esfuerzo para practicar, que tiene como objetivo comprender las técnicas y la gestión de la producción de alimentos y el impacto económico de la palma africana en la zona rural de la comunidad negro Palenqueira San Juan de Palos Prieto, la región del Caribe colombiano. También se investigó la autonomía de las mujeres y la autonomía de la etnia que aparece en el territorio geográfico estudiado. La noción de la soberanía alimentaria y la nutrición que se une al reconocimiento garantiza al derecho a la alimentación de las comunidades tradicionales y otras categorías sociales. Además, hay problemas raciales derivados de hechos históricos y actuales de los negros relegados (a) marginados lugares sociales en América Latina. Por lo tanto, nos proponemos desarrollar una reflexión crítica del proceso de producción y el despojo de las tierras de la comunidad, desde el punto de vista geográfico, que no limita el territorio de la comprensión sólo el espacio físico, que incluye otros elementos como el contexto histórico, social, político y cultural.

Palabras-clave: Comunidad negro en el campo; la nutrición y la soberanía alimentaria; Palenque, el impacto económico.

Introdução

A construção deste artigo faz parte de um projeto maior, que iniciou no ano de 2015, através do meu Estágio Vivência na Colômbia, que teve como objetivo, estudar as formas e técnicas de manejos entre os quilombos e palenques, Brasil e Colômbia. Bem como estudar o debate sobre soberania alimentar e nutricional na Colômbia e compará-la com o Brasil. Tal projeto foi construído e realizado com as parcerias do Núcleo de Segurança Alimentar e Nutricional, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus, Botucatu – SP; Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe - IPPRI, UNESP – São Paulo – SP e da Facultad de Ciencias Sociales y Humanas, Universidad Externado de Colômbia, Bogotá.

Segurança alimentar e nutricional é a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social econômica e ambientalmente sustentáveis (LEAO e MALUF, 2012).

Desse modo, a partir do estágio, destacamos nesse artigo em teorizar o manejo da produção de alimentos e o impacto da palma africana nas commodities agrícolas da segurança alimentar das famílias palenqueiras de San Juan de Palos Prieto, localizada na região do Caribe colombiano. O “Palenque foi o primeiro território negro livre das Américas, em 1691” (OLIVEIRA, 2014, p. 80). As pesquisas no território de San Juan de Palos Prieto foram feitas a partir das formas e técnicas de sua obtenção temporal e na materialização das políticas públicas que fortalecem a produção de alimentos sem produtos químicos, como a política de proposta de soberania alimentar e nutricional, também investigamos a

autonomia feminina e a autonomia do grupo étnico relacionado no território geográfico estudado. A noção de soberania alimentar e nutricional está anexada em reconhecimentos da garantia ao direito à alimentação das comunidades tradicionais e outras categorias sociais.

As formas e técnicas da agricultura tradicional nas Américas são dinâmicas e se apresentam materializadas no espaço, em diversos territórios étnicos, camponeses e outros, como no Palenque San Juan de Palos Prieto. Historicamente, as práticas nas formas de produções de tais agriculturas estão conectadas e associadas espacialmente na maioria das situações, determinadas pelas técnicas ancestrais. A comunidade negra rural San Juan de Palos Prieto, localiza-se no departamento de Magdalena, a capital deste departamento é Santa Marta, Caribe colombiano.

As características das produções de alimentos tradicionais em San Juan de Palos Prieto são: técnicas rudimentares, em alguns casos; produção destinada quase exclusivamente para consumo; se por vezes vendem é em quantidades reduzidas; com tarefas a serem feitas pelos vários grupos de trabalhos e com sistema de agrobiodiversidade. “O termo agrobiodiversidade é formado por agro, do latim, campo, cultura, bio, do grego, vida, diversidade. Significa, portanto, diversidade da vida no campo, das culturas”. (MACHADO, 2012, p. 48).

Então, à agricultura tradicional é um sistema de desempenho na terra que procedeu no acumulado do desenvolvimento local durante décadas de experiência empírica e experimentações camponesas tradicionais, como destacaremos no Palenque San Juan de Palos Prieto. Essas produções tradicionais no século XXI estão rodeadas pelas fronteiras do agronegócio, que se configura como um meio técnicas-científico-informacional, que segundo Milton Santos “é, o momento histórico no qual a construção ou reconstrução do espaço se dará com um crescente conteúdo de ciência e de técnicas” (SANTOS, 2006, p. 132).

Outra agricultura que é mais recente que surgiu como movimento de reação ao modelo político do agronegócio é a agroecologia, esta agricultura procura organizar o processo de produção de plantas e animais que totaliza no território, a partir das relações estabelecidas entre os conjuntos dos saberes tradicionais, que configura no mundo rural das Américas de formas ancestrais e culturais, que deve ser concebida em uma intencionalidade integral no qual as variáveis étnicas e sociais ocupam um papel relevante no processo prático da agroecologia.

A agricultura na comunidade San Juan de Palos Prieto está configurada em faces pelos conhecimentos que há sido acumulado por tempo em geração em geração, este conhecimento gerado no espaço, empiricamente e por experiência construída em décadas, pelas práticas entre as comunidades tradicionais. Portanto, há muitas diferenciações nessas

agriculturas com a nova agricultura moderna, que é uma agricultura científicada em que a produção de alimentos se transforma em uma variante da agroindústria.

Do ponto de vista técnico, na agroindústria são organizados processos visando à transformação e à conservação dos produtos agrícolas para sua posterior utilização e consumo. Para isso, são utilizados insumos e processos que visam alterar as condições físico-químicas dos produtos agrícolas, a fim de aumentar suas possibilidades de uso e conservação” (CHRISTOFFOLI, 2012, p. 74-75).

É importante salientar, que a agricultura tradicional não é estática, os sistemas atuais da agricultura são reflexões de anos de evolução de formas e técnicas de várias épocas, território e cultura, exemplo de alimentos tradicionais é a batata, que começou a ser cultivada pelas civilizações andinas e seu cultivo e técnica foram aperfeiçoados pelos Incas; e o tomate, que é originário das Américas Central e do Sul, que foi por muito tempo alimento da civilização Inca.

As comunidades tradicionais vêm reafirmando seu território político segundo a sua identidade étnica por meio da organização social de ações articuladas com base em sua constituição nas Américas. Por exemplo; os grupos étnicos hoje organizados no Brasil podem ser citados são: os Faxinalenses, Os Quilombolas, os Ciganos, os Pescadores Tradicionais e Artesanais, os Ribeirinhos, os Caiçaras, as Quebradeiras de coco, os Cipozeiros, Seringueiros, Geraizeiros, indígenas, entre outros. Segundo Barth (1998, p. 194); “na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional”.

Isto posto, não é determinante que a agricultura seja a forma principal de geração de renda das famílias de San Juan de Palos Prieto, mesmo assim, esta é uma atividade principal ou transversal às outras atividades presentes e executadas pelo grupo no território. Estes grupos, a partir de uma lógica tradicional ou agroecológica, elaboram técnicas, manejo dos solos, das águas e das sementes, flora e fauna que marcam seu espaço, seu território, meio físico e biológico traçando um movimento de constante mudança e adaptação (CARVALHO, 2010). Por isso, o conjunto de questões colocadas no desenvolvimento deste artigo, sobre a relação entre segurança alimentar e nutricional e conflito territorial em San Juan de Palos Prieto evidenciou, assim, a dimensão da soberania, articulando território, cultura, etnias e relação de poder.

Deste modo, o artigo está estruturado em três partes, primeira parte; teorizamos sobre as produções de commodities agrícolas e técnicas e formas de produções. Os impactos econômicos na soberania alimentar e nutricional no Palenque San Juan de Palos Prieto, os conflitos pela continuidade da soberania alimentar e nutricional. A segunda parte contextualiza as metodologias utilizadas na pesquisa de campo e na última e terceira parte

do artigo à conclusão da pesquisa. Contudo, durante o desenvolvimento da pesquisa, o trabalho de campo, as leituras e análises das informações me despertaram cada vez mais para a temática da soberania alimentar, expondo, ao meu ver, as limitações da segurança alimentar, sobretudo se levarmos em conta a questão do território, este sim, um tema tradicionalmente associado na literatura o diálogo acerca da soberania.

Diante dessas questões, conforme examinares no subitem seguinte, a pesquisa buscou-se realizar uma reflexão crítica sobre as relações estabelecidas entre os que estão ilegalmente se apropriando da terra e impactando economicamente o território de San Juan de Palos Prieto, para fins de grupos econômicos, com objetivos de extrair os recursos naturais e energéticos ou para totalização do agronegócio, por exemplo; da soja, palma africana e eucalipto. Deste jeito, se faz necessário construir experiências que façam contraposição concreta ao modelo capitalista de monoculturas e exploração dos solos.

Procedimentos metodológicos da pesquisa

A pesquisa buscou a compreensão das dinâmicas das produções de alimentos e os conflitos gerados da monocultura da palma no Palenque San Juan de Palos Prieto, a partir da metodologia utilizada, por exemplo, o método fenomenológico-hermenêutico¹ como o analítico-dialético², que foram importantes na organização das perguntas do questionário e na organização do pensamento utilizado na construção deste trabalho, no sentido da sistematização da intencionalidade dos fatos e das dinâmicas das produções, tendo como base:

As coletas de dados do Programa Red de Seguridad Social- ReSA; no Ministro de Agricultura y Desarrollo Rural, Bogotá; no Processo de Comunidades Negras – PCN, Colômbia; no Fundo Monetário Internacional – FMI; na Organização das Nações unidas – ONU e na Agency for International Developmente – USAID.

As atividades práticas como as revisões bibliográficas; o trabalho de campo na área de estudo; levantamentos dos dados juntos aos órgãos que desenvolvem atividades nas comunidades negras rurais; entrevistas, fotografia, construção de mapa e etc.

Impacto econômico, soberania alimentar e nutricional: conflito pela continuidade da agroecologia no Palenque San Juan de Palos Prieto

¹ O método fenomenológico-hermenêutico contém a redução fenomenológico e a intencionalidade, indo além do subjetivismo através da consciência (SPOSITO, 2004, p. 38 a 39).

² O método dialético é aquele que “procede pela refutação das opiniões de senso comum, levando-se à contradição, para chegar então à verdade, fruto da razão”. (SPOSITO, 2004, p. 39).

A complexidade da formação social, econômica e política das comunidades negras rurais palenqueira da Colômbia que foram submetidos à colonização europeia, nos séculos anteriores ao XIX se configuram espacialmente a partir de formas históricas de resistência para mantê-lo num processo conjunto de especificidades, onde as identidades étnicas se fortalecem com as realizações agrícolas, materiais e imateriais. No entanto, nos dias atuais as configurações destes territórios são de conflitos e espoliações dos recursos naturais e territoriais.

O tema do alimento no Palenque San Juan de Palos Prieto é muito presente, seja sob o discurso da segurança alimentar e nutricional; seja através dos manejos na terra e interlocução sobre as receitas tradicionais, principalmente ligadas às commodities agrícolas da segurança alimentar das famílias palenqueiras, ou seja, através da produção de alimento bastante presente na paisagem do território. Mas, essas formas ancestrais de manejo e produção agroecológico estão sendo impactadas economicamente - na forma de produzir e preservar o meio ambiente. O território de San Juan de Palos Prieto, conforme Jesica Wendy Beltán Chasqui:

Até alguns anos atrás era considerado um território de paz, esquecido historicamente desde tempos coloniais e desligado geográfica e economicamente das dinâmicas territoriais do Estado colombiano, o que permitiu a formação das comunidades negras, marcadas por cultura ancestral africana e por manter práticas tradicionais no campo sujeitas à lógicas e saberes que se distanciam parcial ou totalmente das descrições do meio rural ligado à agricultura capitalista, de indústrias pequenas e medianas (CHASQUI, 2015, p. 15).

Portanto, as lógicas e saberes tradicionais de commodities agrícolas produzidos pelas famílias de San Juan de Palos Prieto, tiveram mudanças concretas, pertinente à agricultura capitalista. A manutenção da produção tradicional, nunca foi tarefa simples há continuidade de um modelo agroecológico e participativo entre os palenqueiros, devido os interesses econômicos pelos recursos naturais e energéticos, como ouro e água. As pessoas palenqueiras não reivindicam apenas a maturação do seu território, mas também a manutenção das suas terras e forma de manejo, pois está diretamente relacionado com a sustentabilidade proveniente do campo.

A relação com a terra também se constrói através do trabalho. O dia-a-dia, o cotidiano na “roça” não é visto como uma forma de trabalho: é uma espécie de obrigação com a terra, pois ocupar a terra só tem sentido a partir de seu uso, a partir do momento em que a terra é capaz de fornecer alimentos para a família (CANTO, 2008, p. 338).

A relação com a terra é ancestral e materializa no modo de produção tradicional de alimentos, na forma de produzir, que está longe de ser dito como só agricultura de subsistência que vem sendo definido, via de regra, por um viés ideológico dos

representantes conservadores dos governos e grupos econômicos capitalistas que representam as multinacionais e as nacionais, como a Industrial Agraria La Palma – INDUPALMA, que anula e impede de se observar que muitas destas comunidades produzem uma agricultura pensando na segurança alimentar das famílias e na preservação interativa dos recursos naturais dos seus territórios. A INDUPALMA é a maior produtora de azeite de palma africana da Colômbia.

A defluência do impacto econômico da palma africana no Palenque San Juan de Palos Prieto, muitas das suas técnicas alimentares sofreram desconfigurações. Praticamente, as técnicas alimentares, como todas as técnicas ancestrais ou tradicionais, são diversificadas. No entanto, a decorrência do impacto vivenciado pelas famílias, várias das suas práticas agroecológicas tiveram alterações, como veremos neste trabalho. É fato, que as práticas ancestrais de produção agroecológica, como todas as práticas étnicas e culturais, são diversas. Contudo, quem perde são as famílias que vivem no território e depende dos recursos naturais para sobreviver.

A agroecologia pode ser considerada uma construção recente; portanto, sua definição ainda não está consolidada. Constitui, em resumo, um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais (dos povos originários e camponeses) “que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram descolonizadas e desculturizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura” (LEFF, 2002, p. 42).

Deste modo, desconfigurações das práticas agroecológicas da segurança alimentar das famílias palenqueiras de San Juan de Palos Prieto, foram desculturizadas pela capitalização e tecnificação da palma. A região da comunidade negra rural Palenqueira San Juan de Palos Prieto é uma região que configura uma escala ampla de platano³, e com mais intencionalidade, a palma africana, devido ao departamento de Magdalena estar localizado em quatro bacias hidrográficas, sendo seus afluentes, por exemplo, os rios que nascem na Sierra Nevada. Há também os impactos socioambientais, correspondente ao agronegócio da palma nas comunidades negras rurais, camponesas e indígenas da região. O Mapa 1, demonstra a localização do território San Juan de Palos Prieto e o Rio Magdalena na Colômbia.

Mapa 1: Localização espacial do Palenque San Juan de Pallos Prieto.

³ Platano = Banana.



Fonte: Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural.

O total de família que vivem em San Juan de Palos Prieto é de 3 mil, a maioria dos homens e mulheres vão trabalhar, estudar e alguns migram para Cartagena, Santa Marta, Bogotá ou Cali, pertinente da falta de estrutura básica, políticas concreta de saúde, educação, agricultura, cultura e com escala elevada o conflito por um modelo agrícola sem agrotóxicos e sem insegurança alimentar.

Os efeitos das transformações da palma na comunidade San Juan de Palos Prieto foram danosos em diversas escalas. A monocultura da palma provocaram profundos impactos socioambientais nas relações ambientais como poluição, redução da agrobiodiversidade, contaminação dos bens comuns – água, ar, solo, desequilíbrios ecológicos e desterritorialização das famílias do território. No próximo paragrafo teoriza as estratégias que as famílias, educadores (a) e a instituição de educação básica e técnica estão construindo para não aumentar a questão da insegurança alimentar no território. Assim sendo, na comunidade San Juan de Palos Prieto, uma área de 70 ha do território está sendo utilizado para o projeto (Família e Agricultura), tal projeto é desenvolvido pela Instituição Educacional de San Juan de Palos Prieto, que tem todas as séries, segundo o Manfred Ojeda, professor de geografia da Instituição Educacional⁴, “o projeto tem como finalidade desenvolver os cultivos agrícolas em dialogo com os educandos e educandas, a partir da socialização dos saberes ancestrais das famílias”. Assim, é nesta área específica que as famílias estão produzindo em escala maior e sem agrotóxicos, a produção da agrobiodiversidade materializada na comunidade, além do plátano⁵ e yuca⁶ é a Guayabos⁷ e a papaya⁸.

⁴ Entrevista oral realizada no dia 25/08/2015 na comunidade negra rural Palenqueira San Juan de Palos Prieto. O entrevistado autorizou a divulgação do seu nome e da entrevista.

⁵ Plátano = banana.

⁶ Yuca = mandioca.

Tais produções são significativas e ajudam na estabilidade a fim de evitar a exacerbação das condições de insegurança alimentar entre as famílias. Outro commodity agrícola importante para as famílias palenqueiras é o Sapoti que é rico em calorias, facilita a digestão, é composto de açúcares simples como a frutose e sacarose que, quando absorvido repõe energia e revitaliza o corpo instantaneamente. **Sapoti** é conhecido também por ser uma fonte vital de vitaminas, minerais, taninos e antioxidantes benéficos, as crianças alimentam bastante dessa fruta. Foto 1 e 2.

Foto 1 e 2: Sapoti, também é uma fruta típica do território



Foto: BENTO, Lucas. 2015.



Foto: BENTO, Lucas. 2015.

O uso do Sapoti na segurança alimentar das crianças é muito importante e auxilia na digestão e na reposição de energia, desse jeito, as formas e técnicas na produção de alimentos no território étnico San Juan de Palos Prieto são tradicionalmente diversas e envolve um número grande de trabalhadores palenqueiros, por exemplo, no processamento da mandioca que é a base da dieta alimentar junto com o arroz e feijão; também é consumida cozida e fria, a mandioca produzida em San Juan de Palos Prieto é processado de diversas formas, sendo uns dos ingredientes importantes da culinária das famílias e na segurança alimentar. Segundo relatos de alguns palenqueiros, a forma do processamento da mandioca é uma tarefa muito antiga e não falta farinha para às famílias.

A estabilidade da farinha de mandioca é importante não apenas na dieta alimentar das famílias, mas também na dieta especial das mulheres nos primeiros dias após o parto, a fim de evitar as condições de insegurança alimentar. Na primeira semana as mães se

⁷ Guayabos = goiaba.

⁸Papaya = mamão.

alimentam quase exclusivamente de sopa de galinha com farinha de mandioca, que é um costume tradicional dos palenqueiros de San Juan de Palos Prieto. Tradicionalmente, mulher, filhos e marido se envolvem no processamento, filhos e marido se revezam na técnica de girar a roda, descascar, cortar, enquanto a mulher rala, bate e cozinha, trabalho desenvolvido com muita alegria por todos e todas envolvidas no processamento.

As famílias da comunidade desenvolvem as commodities agrícolas, agroecológicas e a agrobiodiversidade em alternância, no tempo certo eles cultivam melão, arroz, feijão, maiz⁹ e frisalys¹⁰, segundo Medenis Julio¹¹, “todos os processos de cultivos que temos aqui no território é fruto das tradições e saberes dos antepassados que passaram para nós”, a mandioca plantado é comercializada e os excedentes vendidos nas feiras localizadas em outras comunidades, departamentos distritais ou em mines mercados, e também serve para o consumo da comunidade, para fazer farinha, sopa e doces, é um dos alimentos principais para as famílias.

No preparo do prato a mandioca é descascada, cortada, batida e cozinhada com leite, açúcar, canela e sal. Um alimento rico em quantidade de vitaminas A, B1, B2 e C, que cooperam para não insegurança alimentar grave dos grupos familiares residentes do Palenqueira San Juan de Palos Prieto. Outra técnica utilizada é nas colheitas de arroz e feijão, onde as famílias cortam um por um os cachos de arroz com o canivete, ou cortam o caule da planta com facão. Estas técnicas são ancestrais e exigem atenção, calma e inteligência das famílias palenqueiras no desenvolvimento das atividades coletivas.

Outro aspecto do processo da produção da agrobiodiversidade configurado no território de San Juan de Palos Prieto são as frutas exóticas e frescas, como já foi colocado, exemplo, o mamão, onde as famílias se organizam em grupos de trabalhos – GTs, divididos em centros experimentais espacializados na comunidade, Fotos 3 e 4. O mamão que eles cultivam no território é o formosa que é tipo exportação que serve também para fazer bolos, doces e consumo, as sementes as pessoas usam para fazer um laxante para tratar da Leucemia. A produção dos alimentos e frutas no território é cultivada por 80% das mulheres palenqueiras, as mulheres desenvolvem um projeto desde 2012, cujo objetivo é a aquisição de sementes nativas para diversificar a produção agrícola e fortalecer o processo produtivo na elaboração dos doces típicos produzidos pelas mulheres.

Foto 3: Centros experimentais de mamão

⁹ maiz = milho

¹⁰ Frisalys = juá

¹¹ Coordenadora da comunidade negra rural Palenqueira San Juan de Palos Prieto, entrevista oral realizada no dia 25/08/2015. A entrevistada autorizou a divulgação do seu nome e da entrevista.



Foto: BENTO, Lucas. 2015.

Foto 4: Centros experimentais de mamão

Foto: BENTO, Lucas. 2015.

Na comunidade existem outros centros experimentais menores no fundo de cada residência, que funcionam para consumo interno e para escambo entre os moradores do palenque, essas produções nos centros experimentais são desenvolvidas entre as famílias de cada residência, os trabalhos práticos no centro experimental residencial são importantes para as crianças e adolescentes, onde eles vão aprenderem com os mais velhos os manejos e as técnicas ancestrais diversificadas de produção agrícola, no sentido de fortalecer a identidade étnica das famílias palenqueiras. Os alimentos produzidos nos centros experimentais no território como já frisado são; arroz, feijão, abacaxi e outros tipos de legumes como demonstra as Fotos 5 e 6.

Foto 5: Centro experimental residencial



Foto: BENTO, Lucas. 2015.

Foto 6: Centro experimental residencial.

Foto: BENTO, Lucas. 2015

Mas essas produções agroecológica estão sendo impactadas economicamente de formas diversas. O conflito pela continuidade da agroecologia no Palenque San Juan de Palos Prieto é concreto na constituição do território, por exemplo; a materialização e espacialização da territorialização da palma africana no território, Foto 7, que vem ocorrendo com grande intensidade desde década de 1990. Segundo Mondragón (2009), o azeite de dendê, azeite de dendê ou óleo de palma chegou à Colômbia nas mãos de grandes proprietários que se aproveitaram da terra acumulada em regiões como o Magdalena Médio, depois do grande deslocamento de camponeses, palenqueiros e indígenas, causado pela violência de 1946 a 1958.

Foto 7: Plantação de Palmas africanas nas terras espoliadas da comunidade negra rural San Juan de Palos Prieto, 200 ha de plantação.



Foto: BENTO, Lucas. 2015.

Examinando a imagem acima da expansão da palma no território de San Juan de Palos Prieto, analisamos que o conflito pelo direito da soberania alimentar vai além de vencer as discussões políticas e acadêmicas, mas um conflito pela democracia, dos direitos alimentares, do direito de preservar o meio ambiente conforme suas tradições ancestrais com o ambiente pensando nas gerações futuras. É bom frisar que indígenas, camponeses e palenqueiros estão lutando há décadas para manter seu território, dignidade, saúde, cultura, água e a biodiversidade que está sendo destruída e degradada pelo modelo capitalista de produção de alimentos. Há necessidades de muitos debates na Colômbia, mas também ações e conflitos para acontecer à soberania alimentar. E o tema soberania alimentar e nutricional não tem muita relevância nas falas dos governos atuais da Colômbia, de acordo com Luz Dary¹²:

São mais discutidos entres as comunidades e nos eventos políticos do Processo de Comunidades Negras – PCN – Colômbia, em uma reunião com alguns militantes do PCN o governo disse que poderia ajudar as comunidades aumentar suas escalas de produções, mas se as comunidades utilizassem em suas produções produtos tóxicos para aumentar a escala de produção.

Na colocação da Luz, percebemos que o governo colombiano não está preocupado com a soberania alimentar destas comunidades negras rurais e sim em fomentar uma política de produção capitalista de exportação. Assim, as empresas de dendê, como a INDUPALMA, da família Gutt, impuseram a superexploração dos trabalhadores e espoliações das terras de forma violenta. Na atualidade as empresas internacionais e

¹² Vice-coordenadora da comunidade negra rural Palenqueira La Cloria, entrevista oral realizada no dia 09/09/2015. A entrevistada autorizou a divulgação do seu nome e da entrevista.

nacionais preferem agora cultivar em terras ancestrais, ou melhor, degradar as terras, o que, além do mais, para Nahum e Murray (2014), este sistema lhes permite evadir impostos territoriais e estabelecer supostas “alianças estratégicas” ou “associações produtivas” com os camponeses, palenqueiros e indígenas que entregam a terra, de modo que, além de dar-lhes suas terras, lhes deem sua mão de obra sem contrato de trabalho, como supostos “sócios”. Desde então, “questionamentos são levantados no tocante à suas consequências políticas, econômicas, sociais e ambientais” (FEARNSIDE, 1997, p. 11). É importante pontuar, mulheres, negros e comunidades tradicionais, sujeitos marginalizados historicamente pelos colonizadores, são os mais impactados em termos de insegurança alimentar.

Ao tornar-se sócio o trabalhador palenqueiro, o empresário e latifundiário economiza em diárias e elimina as horas extras e as prestações sociais. Em outros casos, os latifundiários propõem sociedades aos palenqueiros, induzindo-os a se associarem aos projetos de monocultivo, mediante um sistema de endividamento. Na realidade, de acordo com Nahum e Murray (2014), trata-se de contar com uma oferta permanente de matéria-prima sem ter nenhuma vinculação trabalhista entre os latifundiários que controlam os processos de elaboração e comercialização - e os camponeses, indígenas e palenqueiros empobrecidos. A legislação a favor do dendê e outras plantações são abundantes. E estão isentas de imposto de renda de acordo com a Lei 939 de 2004 e o Decreto 1970 de 2005. O Plano Colômbia e o Banco Mundial estabeleceram programas de fomento ao dendê. Projetos de lei atualmente em curso preveem subsídios e investimentos estatais.

Este tipo de negócio só acelera os impactos socioambientais e a insegurança alimentar das famílias Palenqueiras de San Juan de Palos Prieto, tal negócio para os empresários é ideal, porque não tem obrigações trabalhistas são “sócios”; se os trabalhadores camponeses, palenqueiros e indígenas receberam terras ou se entregaram suas terras, tampouco terá o empresário que pagar imposto territorial e para completar, como o preço internacional do óleo tem uma tendência à baixa, os “sócios” arca com as perdas, incluindo a grave deterioração do solo (NAHUM E MURRAY, 2014). Sendo assim, a empresa que está investindo na monocultura da palma no território e na região do Palenque San Juan de Palos Prieto é a INDUPALMA e o interesse econômico dessa empresa com este tipo de monocultura é para fornecimento de dendê para exportação. É importante teorizar que na maioria das vezes as terras destes grupos étnicos são espoliadas.

O impacto econômico e socioambiental promovido pela INDUPALMA no território de San Juan de Palos Prieto é reversivo, porque levaria décadas para reestruturar o território. As famílias não pode ampliar a produção agroecológica no território, conseqüentemente a segurança alimentar dos palenqueiros está ameaçado. A questão primordial para as pessoas de San Juan de Palos Prieto é o acesso ao território e aos

recursos naturais, necessários à sua sobrevivência. Mas manter o acesso ao território significa continuar resistindo à expansão sistemática da palma africana, da especulação imobiliária, da disputa territorial, do impedimento do uso d'água e outras questões.

As mudanças ocorridas no território de San Juan de Palos Prieto se integram numa sequência histórica complexa que abarca a expulsão sistemática das famílias do território, a expansão da palma e o crescimento da produção no século XXI. Consequentemente, tais períodos a partir de 1960 se configuram como um meio técnico-científico, que segundo Milton Santos; “é, o momento histórico no qual a construção ou reconstrução do espaço se dará com um crescente conteúdo de ciência e de técnicas” (Santos, 1996, 132). Que ocasionaram na atualidade outros problemas para os palenqueiros, além da degradação do solo pela palma e o processo de insegurança alimentar moderada, outra questão emblemática é o impedimento do uso d'água pelos empresários.

O impedimento do uso d'água é feito pela barragem e pela transposição de um dos braços do rio Magdalena, a barragem foi construída pelos fazendeiros e empresários das palmas, com objetivo de controlar o uso d'água da transposição, impedindo as famílias de San Juan de Palos Prieto de produzir para sobrevivência alimentos sem venenos e para uma vida mais saudável e nutritiva. A continuidade da agroecologia e da política de segurança alimentar no Palenque San Juan de Palos Prieto não é uma tarefa fácil, devido ao impacto e expansão da palma muito bem articulada entre setores do Estado e o setor privado. As fotos a seguir são referentes à barragem e um dos canais da transposição.

Foto 8: Barragem construída pelos fazendeiros das palmas, com objetivo do controle da água da transposição.



Foto: BENTO, Lucas. 2015.

Foto 9: Canal de transposição de um dos braços do rio Magdalena



Foto: BENTO, Lucas. 2015.

Esta água do canal é proveniente da transposição e só pode ser usada no território para irrigação da Palma. As pessoas da comunidade não podem utilizar desta água do rio. Segundo alguns moradores da comunidade palenqueira, o projeto de transposição era voltado para as comunidades negras, camponesas e indígenas da região, com objetivo de incentivar as agriculturas dessas comunidades. Diante dessa situação, a destruição da vegetação nativa que reduziu a biodiversidade do território à medida que cada plantação de palma cumpre seu ciclo produtivo com métodos químicos o que fariam em prejuízo da seguridade e da soberania alimentar e nutricional das famílias palenqueiras, porque deixaram de produzir alimentos em escola maior, de modo consequente aumentando a insegurança alimentar moderada.

Desta forma, na Colômbia, não existem incentivos agrícolas como no Brasil, na Colômbia o Ministro de Agricultura y Desarrollo Rural não deixa claro quais são suas propostas políticas concretas de ações de políticas agrícolas, abastecimento e segurança alimentar para as comunidades do Caribe e Pacífico. Por exemplo, o Observatório de Segurança Alimentar e Nutricional (OSAN), que tem como objetivo sistematizar as informações dos análises de campo para proporcionar um debate e indicar quais são as políticas públicas para as comunidades negras rurais, mas as agências internacionais de desenvolvimento, como a Agency for International Development (USAID), que tem como finalidade investir em tecnologia de ponta científica e tecnológica de pesquisa agrícola; no desenvolvimento de agricultura sustentável e etc., a USAID, atua em vários países do espaço mundial.

Considerações finais

A pesquisa se desenvolveu a partir do estágio vivência na Colômbia, que teve como objetivo geral estudar a relação entre conflitualidade territorial e soberania alimentar, com base em um estudo de caso no Palenque San Juan de Palos Prieto, que sofreu um processo de desterritorialização, e está sendo impensado na medida em que se territorializam as empresas e seu monocultivo, sendo o de palma. A territorialização da palma acabou por impor a lógica de dominação territorial associada à agroindústria, utilizando as terras e seus bens nesta lógica de desenvolvimento desigual e excludente das famílias palenqueira do território.

As Territorialidades diferenciadas sobre um mesmo território geram conflitos territoriais, gerado pelo sistema ordenado e dominador do Estado colombiano e pelas particularidades do sistema capitalista de dominação. A relação entre segurança alimentar e nutricional e conflito territorial, nos possibilitou analisar a situação alimentar no Palenque San Juan de Palos Prieto, a partir do levantamento e análise do contexto do mesmo, envolvendo a disponibilidade, o acesso, a estabilidade e o uso do recurso natural, como colocado nos parágrafos do artigo.

Geograficamente, o tema da soberania e segurança alimentar na América Latina e Caribe, na Colômbia que representam um dos principais países produtores e exportadores de alimentos do espaço mundial, que possuem uma enorme riqueza natural - e a agricultura familiar e ancestral é fundamental para a segurança alimentar da população, se tivessem políticas públicas sérias pelas quantidades produzidas de alimentos nesse país daria para satisfazer as necessidades de todas as famílias, mas a falta de políticas sérias e investimentos para que estas comunidades negras rurais possam desenvolver suas produções tradicionais de forma ampla e socializadas entre todos e todas, são lentas, devido o Estado colombiano incentivar com mais verbas os agronegócios, como cana, soja. Eucalipto e palma africana etc.

No caso de estudo, a presença do Estado atua como determinantes na situação de soberania alimentar da comunidade, seja através das restrições, seja através dos incentivos e concessões à territorialização da iniciativa privada, ou ainda pela morosidade no processo de regularização do território palenqueiro, que afetam o acesso e a qualidade ao alimento, repercutindo nas práticas alimentares nas dimensões material e imaterial (PASINI, 2014). Ainda assim, podemos identificar um caminho no sentido de afirmar uma soberania através da persistência das práticas produtivas alimentares, da persistência de referências tradicionais na cultura alimentar, do tensionamento territorial e da retomada de área ocupada pela empresa produtora de palma, para fins de produção de alimento. Claramente, este processo é permeado por contradições e conflitos, tendo em vista que a realidade da

comunidade e de seus moradores é constitutiva da sociedade como totalidade histórico-geográfica, expressando particularidades e recorrências desse todo (PASINI, 2014).

Entendemos que nossas reflexões acerca do alimento em San Juan de Palos Prieto, reafirmam a necessidade de repensarmos a soberania territorial e alimentar diante de um quadro crescente de desterritorialização dos povos, seus territórios, bens naturais e suas práticas alimentares (PASINI, 2014). Sendo assim, ainda percebendo os diversos caminhos abertos pela pesquisa realizada na Colômbia e a necessidade de análises mais detalhadas em futuras pesquisas, esperamos que possa somar e contribuir com elementos e conteúdos interdisciplinares para um entendimento concreto das “atuais” categorias étnicas, sociais e da insegurança alimentar das conflitualidades no campo na Colômbia, onde as comunidades negras rurais lutaram e lutam para ter uma parcela do que permaneceu da grilagem sistemática dos seus territórios e recursos naturais.

Referências

CANTO, A. C. do. **Quilombos e a materialização de direitos através das políticas públicas**: um estudo sobre o recanto dos evangélicos. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Faculdade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2008.

CARVALHO, H. M. de. De produtor rural familiar a camponês: a catarse necessária. 2010. **Boletim DATALUTA**. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes/3artigodomes_2009.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CHRISTOFFOLI, P. I. Agroindústria. CALDART, R. S. et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 72-79. Disponível em: <<file:///C:/Users/Lucas/Downloads/dicionario%20de%20Educacao%20do%20Campo.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

CHASQUI, J. W. B. **Etnocartografia na costa pacífica da Colômbia, re-mapeando a ruralidade no município de Lopez de Micay - Cauca**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração em Análise Ambiental e Dinâmica Espacial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). 2015.

FEARNSIDE, P. M. **Silvicultura de plantação no Brasil**: projetos até 2050. Manaus: INPA, 1997.

LEÃO, M.; MALUF, R. S. **A construção social de um sistema público de segurança alimentar e nutricional**: A experiência brasileira. Brasília: ABRANDH, 2012.

LEFF, E.. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, jan./mar. 2002. Disponível em: <http://www.pvnocampo.com.br/agroecologia/agroecologia_e_saber_ambiental.pdf>. Acesso em: 08 set. 2015.

MACHADO, L. C. P. Agrobiodiversidade. In: CALDART, R. S. et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 46-51. Disponível em: <file:///C:/Users/Lucas/Downloads/dicionario%20de%20Educacao%20do%20Campo.pdf >. Acesso em: 20 nov. 2015.

MONDRAGÓN, H. Triste história e triste futuro do negócio do dendê. **Biodiversidade, sustento e culturas**. Jul. 2009.

NAHUM, J. S.; MURRAY, J. D. **Impactos socioespaciais da dendeicultura no Brasil e na Colômbia, 2014**. Disponível em: <http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1403641350_ARQUIVO_ImpactossocioespaciaisdendeiculturanoBrasilenaColombia.pdf >. Acesso em: 20 nov. 2015.

OLIVEIRA, M. Z. **El árbol brujo de La libertad, África em Colômbia: Orígenes transculturación- presencia**. Bogotá, Desde abajo, 2014.

PASINI, I. L. P. **Conflito territorial e soberania alimentar: um estudo de caso na comunidade Quilombola Angelim I, no Sapê do Norte – ES**. Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa - MG, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de Mestre. 2014.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

SILVA, L. B. da. **A construção da identidade e do território no Quilombo Cafundó**. 2011. Monografia apresentada para aprovação do Curso em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente – SP, 2011.

Recebido para publicação em 04 de julho de 2016.

Devolvido para a revisão em 13 de julho de 2016.

Aceito para a publicação em 26 de setembro de 2016.

Sin maíz no hay país. Luchas indígenas y campesinas por la soberanía alimentaria y un proyecto de nación en México

Carlos Rodríguez Wallenius

Profesor-investigador del Departamento de Producción Económica y del Posgrado en Desarrollo Rural de la Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco.
e-mail: carlosrow@gmail.com

Luciano Concheiro Bórquez

Profesor-investigador del Departamento de Producción Económica y del Posgrado en Desarrollo Rural de la Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco.
e-mail: concheir@gmail.com

Resumen

La lucha por la soberanía alimentaria en México ha implicado la defensa de un proyecto campesino e indígena centrado en la cultura del maíz, que está vinculado a la "milpa" y a la propiedad social de la tierra. Este sistema productivo en el que viven una cuarta parte de los mexicanos ha enfrentado, por diferentes vías, embates de las políticas neoliberales de los gobiernos federal y estatales. Las respuestas de los actores rurales se han expresado en movimientos como el zapatista, El Barzón, el "Campo no Aguanta más" y, recientemente, la campaña "Sin maíz no hay país" así como la lucha en contra de la siembra de maíz transgénico. Estas acciones colectivas expresan una perspectiva de soberanía alimentaria construida desde abajo, basada en la economía campesina, teniendo como sustento la triada maíz-milpa-propiedad social de la tierra para el desarrollo de una agricultura sustentable, en donde se reconozca el carácter multifuncional de la agricultura campesina.

Palabras Clave: Soberanía alimentaria; campesinos; proyecto de nación.

Sem milho não há país. Lutas indígenas e camponesas pela soberania alimentar e um projeto de nação no México

Resumo

A luta pela soberania alimentar no México envolveu a defesa de um projeto camponês indígena centrado na cultura do milho, que está ligado à *milpa* e da propriedade social da terra. Este sistema produtivo no qual um quarto dos mexicanos vive tem enfrentado, de diferentes maneiras, ataques das políticas neoliberais dos governos federal e estaduais. As respostas dos atores rurais foram expressas em movimentos como o zapatista, El Barzón, o "Campo não aguenta mais" e, recentemente, a campanha "Sem milho não há país" assim como a luta contra a plantação de milho transgênico. Estas ações coletivas expressam um ponto de vista da soberania alimentar construído de baixo para cima, baseado na economia rural, com sustentação na tríade milho-*milpa*-propriedade social da terra para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável, onde se reconhece a natureza multifuncional da agricultura camponesa.

Palavras-chave: Soberania alimentar; camponeses; projeto de nação.

Without maize there is no country. Indigenous and peasant struggles for food sovereignty and a national project in Mexico

Abstract

Revista NERA	Presidente Prudente	Ano 19, nº. 32 – Dossiê	pp. 214-235	2016
--------------	---------------------	-------------------------	-------------	------

The struggle for food sovereignty in Mexico has involved the defense of peasant and indigenous project focused on the culture of corn, which is linked to cornfields and social ownership of land. This productive system in which a quarter of Mexicans live has faced, in different ways, ravages of neoliberal policies of the federal and state governments. Reactions of rural actors have been expressed in movements like the Zapatistas, El Barzón, the "Field not take it anymore" and recently the campaign "Without corn there is no country" and the fight against the planting of GM maize. These collective actions express a perspective of food sovereignty built from below, based on the rural economy, with the support triad Corn-*Milpa*-social property of the land for development of sustainable agriculture, where the multifunctional character of recognizing the peasant agriculture.

Keywords: Food sovereignty; peasants; national project.

Introducción: Los hombres y mujeres de maíz en tiempos neoliberales

El territorio que hoy es México es el centro de origen del maíz¹ y donde prevalece la mayor diversidad de variedades existentes². Este cereal fue fundamental para el desarrollo de las civilizaciones mesoamericanas, base de su reproducción material y eje central de su cosmovisión (LÓPEZ-AUSTÍN Y LÓPEZ, 1996, p. 67-75).

En el periodo de la colonia española, las comunidades indígenas y campesinas tuvieron que reconstruir sus sistemas productivos y agrícolas, adaptando nuevas plantas, productos y técnicas, pero manteniendo al maíz como elemento principal de la reproducción material y simbólica de la población rural y en cierta medida del conjunto del país.

El largo periodo de setenta siglos representa un *continuum* en términos de la relación maíz-poblaciones indígenas y campesinas que fortaleció el sistema productivo originario conocido como milpa³ la cual combina la producción de varias clases de maíz con otros productos, principalmente el frijol y la calabaza, así como plantas y animales silvestres⁴.

En la actualidad, el maíz sigue siendo fundamental pues es, por mucho, el cultivo más significativo ya que en el 2006 participó con 12% del PIB agropecuario, con una población ocupada de tres millones de productores, y de él depende una población aproximada de doce millones y medio de personas, que equivale a 55.2% de la población rural y 12.7% de la población total (CNPAMM y ANEC: 2006). Además es la base de

¹ El maíz se formó a partir del Teocintle, su pariente lejano, la domesticación del maíz fue realizada hace unos 7,000 años.

² Alrededor de 300 variedades de maíz se desarrollaron en múltiples condiciones agroecológicas y para distintos fines.

³ La milpa es un sistema que se basa en la roza-tumba-quema, con la siembra de maíz asociada a otros cultivos dentro de un ciclo al año y que dependen de la precipitación pluvial. Un predio desmontado puede utilizarse por dos o tres ciclos consecutivos y después tiene un largo período de barbecho del suelo.

⁴ Las culturas prehispánicas también desarrollaron otros sistemas productivos como el de la chinampa, basada en el uso de intensivo del suelo, con abundante agua (lagos, lagunas y humedales) que le permite escapar de la aleatoriedad del temporal. También continúa el *tlacolol*, que es un sistema de milpa adaptado a las condiciones de montaña.

alimentación de la población en general, ya que el 67% de los mexicanos recibe del maíz la mayor proporción de los requerimientos de calorías y una porción significativa de otros nutrimentos. De esta manera, de este cereal se hacen las tortillas, tamales, atole y decenas de productos alimenticios de consumo frecuente en los hogares (MARIELLE, 2007).

En la medida que es base del sistema productivo predominante entre los campesinos e indígenas y su principal alimento, el maíz está estrechamente vinculado a la tierra. La relación de los agricultores con la tierra y el maíz es parte de una larga forma de organización agraria cuyos orígenes están en el *calpulli* y *altepetl* prehispánico y que tienen continuidad con el reconocimiento de los títulos primordiales en la Colonia y el manejo agrario dentro de la República de Indios. Después de las vicisitudes que vivieron las comunidades en torno al despojo de las tierras comunales impulsada por los gobiernos liberales a finales del siglo XIX, las poblaciones indígenas y campesinas lograron un importante reparto agrario durante siglo XX, producto de la lucha popular en la Revolución Mexicana de 1910 a 1919, cuando la mayor parte de propiedad de la tierra se volvió de carácter social, por medio de ejidos y comunidades agrarias, ocupando en la actualidad poco más de la mitad del país, esto es, 103 millones de hectáreas en las que viven 5 millones de sujetos agrarios (ROBLES, 2008).

De esta manera, se construyó la triada en que los indígenas y campesinos basaron su soberanía alimentaria y la seguridad alimentaria y la base de la acumulación del capital: el maíz, la milpa y la propiedad social de la tierra. Durante varias décadas, la lucha campesina fue para apuntalar este sistema, con conflictos en torno a la demanda de tierra y por mayores apoyos gubernamentales mediante créditos, fertilizantes e infraestructura productiva durante el periodo llamado desarrollo estabilizador entre 1950-1980 (DIEGO, 1997), en el que la agricultura permitió el llamado “milagro mexicano” expresado en el despliegue industrial y el crecimiento de las ciudades.

Estamos hablando de una soberanía alimentaria centrada en la relación maíz-milpa-propiedad social de la tierra, la cual se acerca a la propuesta definida en el Foro Mundial sobre Soberanía Alimentaria del 2001, en el que fue considerada como:

El derecho de los pueblos a definir sus propias políticas y estrategias sustentables de producción, distribución y consumo de alimentos que garanticen el derecho a la alimentación para toda la población, con base en la pequeña y mediana producción, respetando sus propias culturas y la diversidad de los modos campesinos, pesqueros e indígenas de producción agropecuaria, de comercialización y de gestión de los espacios rurales (FORO MUNDIAL SOBRE SOBERANÍA ALIMENTARIA, 2001)

Es decir, más que el enfoque que sugiere la FAO en el que se hace énfasis en la capacidad de los Estados nación para proteger el abasto alimentario de la población

(PENSADO, 2006, p. 18). El proceso de construcción campesino e indígena de soberanía alimentaria ha hecho énfasis en el derecho de las comunidades a implementar estrategias basadas en sus propias formas productivas, organizativas y culturales para asegurar su alimentación.

Esta diferencia en la concepción de la forma de impulsar la soberanía alimentaria, ya había sido planteada por el antropólogo Guillermo Bonfil Batalla hace 25 años, vale la pena recuperar su perspectiva:

Para romper el círculo vicioso de la dependencia es preciso alcanzar la autosuficiencia alimentaria. Y para ello sólo hay dos posibilidades. Una es reproducir, en escala nacional, la situación que predomina en las relaciones económicas internacionales: dejar en manos de las empresas transnacionales y sus aliados internos la producción de alimentos básicos. Esto implica que el Estado debe concederles grandes subsidios para asegurarles altas tasas de ganancia (...) La otra es apoyar las iniciativas populares; la lucha por la tierra y por la autonomía en la producción; las demandas campesinas por mejores precios a sus productos y por conservar una mayor proporción de su cosecha, como medio de asegurar su subsistencia y desarrollo (BARTRA, 2007).

Este dilema se radicalizó a inicios de la década de 1980, momento en el que las posibilidades de lograr la soberanía alimentaria desde el proyecto indígena y campesino recibieron un fuerte golpe, pues es cuando el gobierno mexicano inició un viraje en sus políticas económicas hacia las de carácter neoliberal. Estas políticas implicaron una serie de medidas que trastocaron el estrecho vínculo de la triada maíz-milpa-propiedad social de la tierra, poniendo en jaque al sistema agrícola y a la propia soberanía alimentaria de las comunidades rurales, así como la seguridad alimentaria para el conjunto de la población.

Los cambios desde arriba: tres fases neoliberales en el campo mexicano

Hay una gran cantidad de trabajos que abordan los impactos de la aplicación de las políticas neoliberales en el campo mexicano (CALVA, 1999; ROMERO, 2001; TARRÍO y CONCEIRO, 1998), por ello no vamos a reeditar esta discusión, sólo queremos señalar que el conjunto de políticas y acciones neoliberales llevadas al cabo por los gobiernos desde 1982 representan un marco estructurante de las tendencias dominantes sobre el campo mexicano y que, por sus efectos en la soberanía alimentaria basada en la triada milpa- maíz – propiedad social de la tierra, podemos ubicar tres fases en la incidencia de las políticas neoliberales:

- 1) Ajuste estructural y reorganización productiva.
- 2) Inserción a la hegemonía norteamericana y crisis financiera.

3) Globalización de la economía y crisis agrícola mundial.

Estas fases nos permiten entender la coyuntura actual en términos de los efectos de la crisis alimentaria desatada a partir del 2007 y, ante ella, la importancia de la propuesta indígena campesina para superarla.

La primera fase tiene que ver con la implementación inicial de las políticas neoliberales, con una serie de acciones que permitieron el cambio estructural de la economía mexicana y de las políticas gubernamentales desde 1982 y que tienen como referencia las políticas que surgen del llamado Consenso de Washington (CALVA, 1998), mediante la creación de condiciones para la inversión del capital privado y el libre mercado, basado en la estabilidad de las condiciones macroeconómicas, seguridad jurídica para el capital, la apertura de nuestro mercado y la reducción del papel del Estado en la economía (PETRELLA, 1997).

Las políticas económicas modificaron los mecanismos de funcionamiento de la base productiva de campesinos e indígenas, afectados por el retiro de los apoyos productivos y de comercialización, pero también por los cambios en el marco jurídico como por las modificaciones al Artículo 27 de la constitución federal y a la *Ley Agraria*, que eliminaron el reparto agrario y posibilitaron la venta de las tierras ejidales y comunales de propiedad social.

Entre las afectaciones en esta primera fase a la producción campesina del maíz, fue que los precios en el mercado interno se desplomaron al abrir nuestro país sus fronteras indiscriminadamente al cereal estadounidense, al mismo tiempo que se eliminaron los subsidios, los créditos y apoyos debido al adelgazamiento del aparato estatal. Esta doble acción, apertura indiscriminada⁵ y desaparición del sistema de apoyos a la producción campesina y agropecuaria⁶ provocó la desarticulación de la producción maicera campesina (DIEGO Y CALDERÓN, 1998:223–240).

La siguiente fase esta relacionada con el inicio de operaciones en enero de 1994 del Tratado de Libre Comercio de América del Norte (TLCAN) entre México, Canadá y Estados Unidos, así como la consiguiente crisis financiera que estalló finales de 1994 y cuyos efectos se dejaron sentir hasta el año 2000.

Con la entrada en vigor del TLCAN, la liberalización comercial abarcó todo el sector agropecuario mexicano, en donde el gobierno accedió a eliminar la mayoría de los aranceles y gravámenes de muchos productos agropecuarios, y se fijó un periodo de 15 años para

⁵ El proceso de apertura comercial en esta fase (1982 a 1993) fue abrupto, baste mencionar que la balanza comercial de productos agroalimentarios pasó de un saldo negativo de \$579 millones de dólares en 1982 a \$1,388.8 millones de dólares en 1990.

⁶ La reducción de la participación del Estado en el desarrollo del sector agropecuario se expresó en la privatización o desaparición de gran parte de la infraestructura estatal de insumos (fertilizantes a precios subsidiados), financiamiento, almacenamiento de alimentos, comercialización y distribución de productos agropecuarios. Adicionalmente se quitaron los subsidios al agua de uso agrícola

eliminar la totalidad de las barreras arancelarias (entre ellos el maíz blanco y el frijol) lo que implicó que en 2008 todas las importaciones agropecuarias de Estados Unidos y Canadá a nuestro país entran sin pagar ningún arancel.

Por su parte, el gobierno de Estados Unidos brindó protección a sus agricultores hortícolas y frutícolas, estableciendo licencias de importación temporal y tarifas cuota para una gran cantidad de productos en épocas consideradas clave para la venta de sus cosechas. Canadá hizo lo mismo al excluir sus sectores avícola y de lácteos para protegerlos de posibles riesgos de la apertura comercial (ZERMEÑO, 1996: 63).

Aunado al proteccionismo de las contrapartes y la apertura indiscriminada de nuestro mercado, está el tema de las profundas asimetrías con Estados Unidos (EU) y Canadá, tanto en recursos naturales, productividad⁷, capital, infraestructura y subsidios que cada uno de esos países brinda a sus productores. En el caso del maíz, los subsidios que otorga el gobierno de Estados Unidos constituyen la tercera parte de los subsidios agrícolas, lo que le permitió a los norteamericanos deprimir los precios internacionales del grano y venderlo en el exterior por debajo de sus costos de producción. Esto explica que el maíz constituya el 40% de las exportaciones de granos de EU a México, lo que representa el 30% de la demanda nacional (FANGHANEL, 2005, p 87-88).

En este contexto, la crisis financiera desatada a finales de 1994, provocada por el endeudamiento gubernamental a corto plazo, provocó que el capital especulativo literalmente desfondara las finanzas nacionales al llevarse sus inversiones a diferentes bolsas de valores del mundo. La devaluación del peso frente al dólar, el incremento de las tasas de interés y la inflación generalizada⁸ provocó la quiebra económica de miles de ciudadanos, medianos empresarios y productores agrícolas, que después repercutió en la quiebra del sistema bancario, recién privatizado, que el gobierno tuvo que rescatar a costa del erario público. El efecto de esta crisis en los campesinos fue que se redujo el mercado interno, se acabaron los pocos financiamientos de la banca privada (única alternativa ante la desaparición de la banca de desarrollo del Estado) y la inflación disparó la pobreza rural y la emigración.

Así, los impactos conjuntos de la entrada en vigor del TLCAN y la crisis financiera en esta segunda fase fueron un mayor déficit de la balanza comercial agropecuaria, por el incremento de las importaciones de los cultivos básicos (principalmente de granos y oleaginosas), a pesar que existió un crecimiento de las exportaciones hortofrutícolas que se constituyeron en el principal rubro de exportación (MORETT y COSIO, 2006).

⁷ La diferencia en la productividad en el cultivo de maíz con Estados Unidos y Canadá es del 70%.

⁸ La devaluación disparó la inflación en el país. En noviembre de 1994 fue de un 7% anual, pasó a 110% en marzo de 1995, como consecuencia de la política monetaria restrictiva y el incremento de las tasa de interés bancarias.

Con ello, se ha incrementado la dependencia alimentaria y la pérdida de soberanía en este rubro pues desde la entrada en vigor del Tratado el consumo nacional de cultivos básicos es crecientemente cubierto con las importaciones provenientes fundamentalmente de los Estados Unidos, lo que provocó que el índice de dependencia en los diez cultivos básicos pasará del 27% en 1994 al 38% en el 2005 (ROBLES, 2008).

Otro impacto se refiere a la reducción de los precios agrícolas pues en el periodo 1985 - 2000, ya que disminuyeron los precios internos de los cereales, debido a las crecientes importaciones a precios subsidiados, como en el caso del trigo con un 46% o con la soya con un 72% (FLORES, 2003, p. 116). Sin embargo, la reducción de los precios internos no se tradujo en la disminución en el precio de la canasta básica alimentaria, al contrario entre 1994 y 2002 ésta se incrementó en 257% (GÓMEZ Y SCHWENTESIUS, 2003, p. 54). Además, los productores agropecuarios del país recibieron solamente un incremento del 185% por sus productos, en tanto que los salarios mínimos aumentaron en solo 184%. Esto significa un deterioro significativo de la rentabilidad de la producción agrícola y del poder adquisitivo del salario (GÓMEZ Y SCHWENTESIUS, 2004, p. 83).

De esta manera, se ha vivido un estancamiento económico en el campo con la caída del sector agropecuario en el PIB total, que desde que el TLCAN pasó del 5.7% al 3.4 % en 2006. Además, la apertura comercial ha impactado también de manera muy significativa al empleo agropecuario, pues en tanto que la participación de la población ocupada en actividades agropecuarias sobre la población ocupada total en 1995 era del 23.8 por ciento, para 2006 este porcentaje ha descendido al 14.4 por ciento. Ello se refleja con un creciente aumento de la pobreza, sobre todo de pobladores rurales (CNPAMM y ANEC, 2006: 42). Estas condiciones provocaron un incremento de la migración hacia EU. Tan sólo de 2000 a la fecha, se calcula que salieron 1,500 trabajadores diariamente, la mayoría de poblaciones rurales.

Crece la pobreza y la exclusión social en el campo, al tiempo que crecen los programas asistencialistas y clientelares de combate a la pobreza. En efecto, el gobierno federal comenzó a implementar una serie de programas de apoyo diseñados bajo una lógica fundamentalmente asistencialista (YÚNEZ Y BARCEINAS, 2004, p. 115-116). Uno, Procampo, que transfiere recursos directamente al productor de cultivos básicos y otro, Pronasol, destinado a paliar la pobreza. Este programa se convertiría en el eje de la política social de los gobiernos federales con *Progresá* (Ernesto Zedillo) *Oportunidades* (Vicente Fox), *Vivir mejor* (Felipe Calderón) y *Prospera* (Enrique Peña).

La tercera fase de los impactos neoliberales en el campo mexicano es resultado de la estrecha inserción al mercado mundial y, en particular, de dependencia con la producción agrícola estadounidense, consecuencia de 25 años de políticas neoliberales y del abandono del campo mexicano.

Una característica de esta fase es que los efectos del periodo, que inicia desde 2006, no dependen básicamente de las condiciones internas de nuestro país, sino de los problemas del mercado globalizado de alimentos. El eje de esta fase se encuentra en la crisis alimentaria de carácter mundial, que tiene como expresión un alza importante en los precios de los alimentos, en particular de los bienes de consumo popular, al mismo tiempo que se producen una crisis financiera y energética y un proceso especulativo con los alimentos.

Entre los factores que encadenaron la crisis alimentaria, están las condiciones de oferta y demanda en el mercado, como la disminución de la producción en algunos países debido a fenómenos meteorológicos adversos⁹, un mayor consumo de cereales (ya sea para consumo humano o pecuario) en países como China, India o Rusia.

Un elemento importante es el incremento de la demanda en ciertos alimentos (cereales y caña de azúcar) para la producción de agrocombustibles¹⁰, en este sentido, el Banco Mundial sostiene que el 65% de los incrementos de precios de los alimentos se debe a la demanda por elaborar biocombustibles (MASSIEU, 2009, p. 70-76). De forma adicional, está el proceso paulatino de sustitución de superficies agrícolas destinadas a la siembra de alimentos, por superficies en donde se realizan plantaciones de colza, palma africana y jatrofa, y que son dispuestas para la producción de biodiesel, proceso que también va limitando las posibilidades de producción de cereales.

Otro factor relevante es el incremento de los precios de insumos (como fertilizantes y plaguicidas) y energéticos debido al aumento del precio del petróleo. Por último, parte de la crisis alimentaria está vinculada a una especulación financiera, ya que debido a la crisis del sector de la industria de la construcción y, en general del sector inmobiliario, ha traído un desplazamiento a nivel mundial de los capitales especulativos hacia los alimentos. Esta operación ocurre en la bolsa agropecuaria de Chicago, en los llamados "mercados a futuro".

La crisis alimentaria y aumento de sus precios se ha sentido con más fuerza en nuestro país por la dependencia que se fue generando en las anteriores fases de aplicación de las políticas neoliberales. En efecto, Estados Unidos se convirtió en nuestro principal proveedor (y en algunos productos el único): el 80% del mercado agropecuario de México se realiza con EU y nuestro país trae de su vecino del norte el 60% de sus alimentos. Algunos datos de esta dependencia son: el 43% del sorgo que consume, el 97% de la soya, el 50% del trigo y el 25% del maíz; el 55% del arroz (YÚNEZ Y BARCEINAS, 2004). Así el incremento en los precios en Estados Unidos, inmediatamente se trasladan a nuestro país.

⁹ En el caso del maíz, la producción de EU en 2007 disminuyó en un 10.2%

¹⁰ Producción de etanol a partir de maíz en EU subió en un 39% de 2006 a 2007 y 54% de 2007 a 2008. Esto se debe, en parte, por la autorización de un mayor porcentaje de mezcal etanol con gasolina (4% en 2006, 4.7% en 2007 y 5.4% en 2008)

Pero los efectos concretos de esta crisis para la población mexicana se produjeron a partir del 2007 con el llamado “tortillazo” cuando el precio de las tortillas, alimento básico de la población se disparó entre un 50% a 100% debido a la especulación y el alza en las cotizaciones internacionales del cereal.

Esta escalada de precios se produjo a pesar de que México tuvo una cosecha histórica de maíz blanco (principal insumo de la tortilla) con una producción de 23 millones de toneladas en el 2007, lo que nos hacía, en cierta manera, un país productor autosuficiente. De esta producción, el 42% se originó en tierras campesinas de temporal, que tienen menores rendimientos, con pocos o nulos apoyos. La otra parte de la producción se realizó sobre todo los campos del noroeste del país, con agricultura moderna (riego, uso de agroquímicos) que tiene altos rendimientos y que acaparan los subsidios gubernamentales; lo que hace que parte del maíz esté dentro de la lógica de los agronegocios empresariales. Por ello, cuando hay escasez y precios altos en el mercado mundial, el maíz blanco se da al ganado en sustitución del amarillo¹¹ y se oculta con fines especulativos. Adicionalmente, las importaciones de maíz han quedado bajo el control de empresas privadas (mexicanas y transnacionales)¹² donde parte de su negocio se basa en el acaparamiento y la especulación de granos básicos.

De esta manera, teniendo cosechas importantes de maíz para cubrir el consumo humano, se importa maíz caro para completar lo que se requiere para la producción de tortillas. En efecto, la balanza comercial de maíz de México es deficitaria en prácticamente su totalidad, los datos recientes señalan que durante el año 2014 las importaciones de maíz al país totalizaron 10.3 millones de toneladas, 45.7 por ciento más que durante el año 2013. Por otro lado, las exportaciones mexicanas de maíz totalizaron 0.39 millones de toneladas en 2014 (FIRA, 2016, p. 31).

El viraje de la política agropecuaria neoliberal tuvo sus efectos sobre todo a finales del siglo pasado y principios de éste: la producción de granos como el arroz, trigo y cebada tuvo un dramático descenso, mientras que en el caso del grano básico para la alimentación en México, el maíz, generó un estancamiento en su producción¹³. El abasto nacional sustentado en la autosuficiencia comenzó a desdibujarse como estrategia alimentaria. La definición de “seguridad alimentaria” se articuló a la nueva política, reduciéndose el papel central de la agricultura campesina como proveedora de alimentos. Los grandes productores han sido quienes, a partir de una política gubernamental de subsidios, programas hídricos,

¹¹ Se importan de Estados Unidos un promedio de 8 millones de toneladas anuales de maíz amarillo que es para uso industrial o forrajero.

¹² Maseca, Minsa, Cargill, Monsanto, Dreyfus-Novartis, Corn Products Internacional y Arancia.

¹³ El caso del maíz es muy particular, pues si bien en los años posteriores a la firma del Tratado de Libre Comercio de América del Norte (TLCAN), la producción se redujo, en los últimos 15 años el cultivo se caracteriza por el estancamiento en la producción. Así lo demuestran datos de la Financiera Rural de mayo de 2014, en los que se muestra que en 2001 el volumen de producción superó apenas las 20 millones de toneladas, para pasar en 2013 a poco más de 23 millones (SHCP, 2014).

mecanización y uso de agroquímicos, se colocaron como productores centrales de la producción de maíz (APPENDINI, 2014). A su vez, las importaciones de alimentos se posicionaron como pieza clave del abasto nacional¹⁴.

En paralelo, la política agroalimentaria se vinculó a la llamada política social, ya que el “problema alimentario” ha sido tratado asociado a la pobreza, de tal manera que en la búsqueda por garantizar el acceso a los alimentos, este objetivo se montó sobre la política social de “combate a la pobreza”, es decir, el abasto alimentario se desarticuló de los programas productivos para integrarse a los de acceso a los alimentos y por lo tanto a las importaciones. Este giro en la política gubernamental se ha reflejado en una política asistencialista y a programas clientelares. El programa Oportunidades por ejemplo, canalizó en el periodo de 1997 a 2007, el 37 por ciento de su presupuesto al rubro alimentario (RANGEL, 2009, p.16).

Respuestas desde abajo: campesinas e indígenas frente a la crisis del campo

Las tres fases en los 25 años de aplicación de las políticas neoliberales han resultado una verdadera ofensiva contra el sistema campesino de soberanía alimentaria, que han erosionado las bases de su funcionamiento de la triada maíz-milpa-propiedad social de la tierra. Así, el maíz es tratado como una mercancía que puede ser libremente importada, exportada o escondida, atendida al juego del acaparamiento y la especulación del mercado. Las presiones para la modernización de la producción de maíz implican el uso intensivo de fertilizantes y agroquímicos para lograr una mayor productividad, con nuevas intenciones de introducir semillas transgénicas, lo cual destruye la lógica de la diversidad e integración de la milpa. Las tentaciones para la privatización de ejidos y comunidades, con las cotidianas pretensiones para campesinos e indígenas para que vendan sus tierras tratan de romper la propiedad social. La fase que se abre con la crisis alimentaria, ha acrecentado estas contradicciones.

A pesar de ello, los indígenas y campesinos no han permanecido pasivos ante estas situaciones, al contrario han impulsado diversas respuestas para defender su forma de vida y producción¹⁵. Nosotros abordaremos en este trabajo las acciones colectivas que han impulsado organizaciones de campesinos e indígenas en términos de cuestionar el modelo económico neoliberal en el campo, pero que además proponen alternativas para su transformación.

¹⁴ Según datos del Departamento de Agricultura de Estados Unidos (USDA), desde el ciclo 2010-2011, nuestro país ha incrementado las importaciones de maíz 29.7 por ciento, al pasar de 8.25 millones a 10.7 millones de toneladas.

¹⁵ Existen diferentes estudios sobre las respuestas campesinas como la migración, la negativa a la venta de tierras ejidales o el rechazo contra los maíces transgénicos.

Primer round: Zapatistas y el Barzón

Cuando el Ejército Zapatista de Liberación Nacional se levantó en armas el primero de enero de 1994, mostró la realidad que pretendía ocultar el gobierno de Salinas de Gortari: indígenas pobres y excluidos del sistema neoliberal, los cuales exigían ser reconocidos a través de los 10 puntos expresados en la “Declaración de la Selva Lacandona”. El levantamiento armado y declaración misma constituyeron una clara denuncia a los dos de los pilares de la modernización neoliberal en el campo: la reforma al Artículo 27 Constitucional y el carácter excluyente del TLCAN. A este Tratado lo denunciaban el mismo día de su entrada en vigor (DÍAZ POLANCO, 1997, p. 167).

Semanas después, el zapatismo se convirtió en el centro aglutinador de la resistencia popular frente al régimen. En la Convención Nacional Democrática en agosto de 1994 en la que participaron cerca de 6 mil delegados de todo el país, se condenaron las políticas económicas neoliberal y al TLCAN.

Después, en 1995 en los diálogos de paz entre el EZLN y el gobierno federal se mantuvieron la demandas iniciales del movimiento indígena, aunque la parte gubernamental bloqueó cualquier intento de incorporar en los acuerdos de la Mesa I sobre “Cultura y derechos indígenas” referencias a la política económica y a los tratados internacionales de comercio (Ce Acatl, 1995).

De esta manera, el movimiento zapatista se constituyó en la primera expresión de descontento frente a los graves problemas del campo mexicano. La siguiente expresión social de rechazo provino de un sector del que no se esperaba una respuesta tan fuerte y menos aún, tan organizada. En efecto, los impactos de la apertura comercial y la crisis financiera de 1994 se acentuaron en el sector los pequeños y medianos agricultores, que estaban vinculados al mercado, ello generó un importante movimiento social en la segunda mitad de la década de 1990, de pequeños y medianos productores del campo organizados en El Barzón¹⁶. Esta organización de expresión nacional aglutinó el descontento y desacuerdo de productores agropecuarios del sector privado con el modelo neoliberal.

El origen de este movimiento social se da en 1993 en el occidental estado de Jalisco y poco a poco fue creciendo con manifestaciones públicas de agricultores que tenían como demanda central el problema de cartera vencida con la banca privada (DE GRAMMONT, 2001:106). Pero es con la crisis financiera de finales de 1994 que el movimiento de agricultores y campesinos con deudas tomó fuerza en todo el país, con la

¹⁶ Por su referencia al corrido revolucionario “El Barzón” que cuenta la vida de o peones acasillados, siempre endeudados con los hacendados.

exigencia de suspender las acciones legales que la banca privada promovía en contra del patrimonio familiar de los agricultores.

La formación y crecimiento de El Barzón expresó el rompimiento del sector los pequeños y medianos productores del campo con el régimen priísta, asimismo evidenció que este tipo de agricultores ya no cabían en el modelo de desarrollo neoliberal.

El Barzón pasó en 1996 de la demanda de solución de la cartera vencida a la lucha por un nuevo modelo económico, expresado en el “Acuerdo Nacional para la Reactivación Económica, el Rescate de la Planta Productiva y el Empleo” en el cual se reconoce, entre otros puntos, la importancia de la economía campesina como elemento primordial del desarrollo en el campo, así como la necesidad de renegociar el TLCAN (DE GRAMMONT, 2001, p. 197)

Aunque su intento de crear un acuerdo político con las fuerzas opuestas al modelo económico fracasó, El Barzón mantuvo su presencia organizativa y política, participando en la lucha electoral desde 1997.

Segundo Round: El MECNAM y el Acuerdo Nacional para el Campo

En 2002 se gesta un importante proceso de movilizaciones y convergencia política que une a distintas organizaciones campesinas e indígenas de diferentes orígenes y orientaciones políticas, agrupados en torno al Movimiento “El campo no aguanta más” (MECNAM), las cuales protagonizaron una de las movilizaciones más grandes de los últimos años (el 31 de enero del 2003) en rechazo al TLCAN y exigiendo la renegociación del capítulo agropecuario.

Después de varios meses de movilizaciones, el MECNAM obliga al gobierno a sentarse a negociar una agenda de política pública propuesta por el propio movimiento. A partir de este ejercicio inédito en la vida pública del país, las instituciones gubernamentales se vieron obligadas a elaborar conjuntamente con los campesinos un Acuerdo Nacional para el Campo (ANC) signado por el Ejecutivo Federal y diversas organizaciones el 28 de abril de 2003.

El ANC establece una serie de compromisos por parte del Ejecutivo Federal en relación al TLCAN, en particular se compromete a hacer una evaluación integral de los impactos e instrumentación del TLCAN sobre el sector primario, a aplicar todos los mecanismos legales de defensa del sector agropecuario para combatir las prácticas desleales, así como de iniciar de inmediato consultas oficiales con EU y Canadá para revisar lo establecido en el TLCAN para maíz blanco y frijol e implementar mecanismos que resguarden los intereses de los productores nacionales, suspendiendo la asignación de

cupos de importación de maíz blanco, así como iniciar una investigación contra prácticas desleales en el caso del frijol (MECNAM, 2003:173-175).

Estos elementos constituyen los principios que las organizaciones campesinas proponen para que el gobierno federal revise el capítulo agropecuario del TLCAN. El ANC básicamente pone en cuestión aspectos básicos del modelo económico actual, de la globalización impuesta, y particularmente del TLCAN y demás convenios alrededor de éste (DIEGO, 2004:62). Representa también un intento por reconstituir el pacto social entre el Estado y la sociedad rural que el proceso de modernización neoliberal había venido desmontando en las últimas décadas.

Sin embargo, el gobierno federal no cumplió la mayoría de las propuestas convenidas con el ANC, ya que, en parte, se aprovechó del pragmatismo y sectarismo de algunas de las organizaciones campesinas, de manera que las prácticas clientelares que acabaron por imponerse.

Un elemento de este periodo que vale la pena remarcar, es que se instala en la agenda del movimiento campesino el rechazo a la introducción y siembra de semillas de maíz transgénico, pues Estados Unidos, nuestro principal proveedor, parte importante de su producción es a partir de semillas genéticamente modificadas, en México que es centro de origen del Maíz, la contaminación de las variedades criollas debido a esas semillas transgénicas implica una amenaza para la seguridad alimentaria, pues es el alimento básico de la población (MASSIEU, 2009).

Tercer round: Sin maíz no hay país

Desde inicios del 2007 la situación en el país se tornaba difícil por el incremento en el precio de las tortillas y del maíz, con los ánimos caldeados ante las organizaciones campesinas por el incumplimiento del ANC y con preocupaciones ante la inminente desgravación del maíz blanco y frijol estadounidense.

En este contexto, varias organizaciones campesinas¹⁷ retoman el incipiente proceso de convergencia generado en el MECNAM e impulsan una serie de acciones y movilizaciones para protestar por el incremento de los productos de la canasta básica y por un programa emergente para la producción sostenida de maíz y la renegociación del TLCAN.

Así, se convoca a una manifestación y mitin unitario que culmina con la *Declaración del Zócalo*, donde las organizaciones campesinas junto con la Unión Nacional de Trabajadores (UNT), el Frente Sindical Mexicano (FSM), la Coalición Ciudadana Nacional

¹⁷ Consejo Agrario Permanente (CAP), el Comité Nacional de Organismos Rurales Pesqueros (Conaorp) y las organizaciones aglutinadas en el Consejo Nacional de Organizaciones Campesinas (Conoc).

(CCN) y el Frente Amplio Progresista (FAP), las organizaciones campesinas demandaron, entre otras cosas, la construcción de *un nuevo pacto social* que tenga como primera condición hacer del campo la prioridad, “revirtiendo su destrucción, apoyando a los pequeños y medianos productores y recuperando la rectoría del Estado, para así fortalecer la soberanía alimentaria”. Demandaron también la actualización del ANC y la renegociación del capítulo agropecuario del TLCAN, “excluyendo del mismo los productos alimenticios básicos, estableciendo un programa emergente de fomento a su producción, garantizando la protección al ambiente y a la biodiversidad” (Declaración del Zócalo, 2007, p. 1)

En abril del 2007, el marco del cuarto aniversario de la firma del ANC, la CONORP, el CAP, la CNC y otras organizaciones agrarias, acordaron actuar unitariamente en diversas acciones de protesta en lo que denominaron *Jornada nacional de lucha por el campo*.

Por su parte, en junio de 2007 diversas organizaciones campesinas nacionales y regionales¹⁸, en conjunto con algunas organizaciones de la sociedad civil e instituciones académicas, convocaron a una “Campaña Nacional en Defensa de la Soberanía Alimentaria y la Reactivación del Campo Mexicano” bajo el lema “Sin maíz no hay país...¡Pon a México en tu boca!”.

Esta alianza de organizaciones propone diez medidas urgentes para la protección del maíz mexicano, por la soberanía alimentaria y la reactivación del campo mexicano: 1) sacar al maíz y al frijol del TLCAN, instalando un mecanismo de administración de sus importaciones y exportaciones, 2) prohibir la siembra de maíz transgénico, 3) aprobar el Derecho Constitucional a la Alimentación, 4) luchar contra los monopolios del sector agroalimentario, 5) inscribir al maíz mexicano y sus expresiones culturales en la Lista de Patrimonio Oral e Intangible de la Humanidad, 6) control de precios de la canasta alimentaria básica, garantizar el abasto y crear una reserva estratégica de alimentos, 7) reconocer los derechos de los pueblos originarios y proteger los territorios campesinos y sus recursos naturales, 8) acceso a los productores de café a mercados internacionales de mayores precios, 9) impulsar la conservación de bosques y selvas a través de la organización y gestión comunitarias y 10) garantizar el principio de equidad de género en las políticas rurales, así como el reconocimiento pleno de los derechos humanos, ciudadanos y laborales de los jornaleros agrícolas y los trabajadores migrantes. (CAMPAÑA NACIONAL EN DEFENSA DE LA SOBERANÍA ALIMENTARIA Y LA REACTIVACIÓN DEL CAMPO MEXICANO, 2007)

En noviembre del 2007, las principales centrales campesinas negociaron con la Cámara de Diputados un incremento sustancial en el presupuesto rural para el 2008.

¹⁸ Destacan las agrupadas en torno al Consejo Nacional de Organizaciones Campesinas, tales como AMUCCS, ANEC, CNOC, CEPCO, FDCCH, RED MOCAF y UNOFOC. También participan la CNPA, El Barzón-ANPAP y AMAP.

Después, algunas de esas organizaciones que participan en el Consejo Mexicano para el Desarrollo Rural Sustentable y la Comisión de Programas Sectoriales y Presupuesto, propusieron Reglas de Operación de los nuevos programas para el campo mexicano.

Sin embargo, la definición de las Reglas de Operación y las cuotas que asignan a las organizaciones tanto la Secretaría de Agricultura, Ganadería y Pesca (Sagarpa), la Secretaría del Medio Ambiente y Recursos Naturales (Semarnat), así como la Secretaría de la Reforma Agraria (SRA), desataron las fricciones entre el gobierno federal y los representantes campesinos, pues dichas reglas definían cómo se repartirían los recursos presupuestales, lo que hizo evidente la formación de cuatro grandes bloques de organizaciones que lucharon por quedarse con la mejor tajada posible:

a) Una primera fuerza es la Confederación Nacional Campesina (CNC), estrechamente vinculada al Partido Revolucionario Institucional (PRI), el otrora Partido del Régimen, que logró una relativa transformación en un organismo neo-corporativo, en tanto reagrupó su estructura territorial alrededor de ciertos sistemas producto y con ello logró una mejor inserción tanto productiva como comercial.

b) Un segundo bloque está conformado por la Central Campesina Cardenista (CCC); la Central Independiente de Obreros Agrícolas y Campesinos (CIOAC); con una parte de la Unión Nacional de Organizaciones Regionales Campesinas Autónomas (UNORCA), las cuales tienen un discurso independiente y radical, pero mantienen relaciones clientelares con su base.

c) Por su parte, el Consejo Nacional de Organizaciones Campesinas CONOC, que aglutina básicamente redes económicas especializadas, la Coordinadora Nacional Plan de Ayala (CNTA) y el Barzón; platearon participar en movilizaciones alrededor la defensa del maíz y al frijol amenazados por el TLCAN, decidieron desarrollar la Campaña Nacional, “Sin maíz no hay país, sin frijol tampoco”.

d) Otras organizaciones están integradas en el Consejo Nacional de Organismos Rurales y Pesqueros (CONORP), que son centrales de viejo cuño, ligadas al Partido de la Revolución Democrática (PRD), junto con una fracción de la UNORCA, la Unión Nacional de Trabajadores Agrícolas (UNTA), la Central Campesina Independiente (CCI) y la Unión Campesina Democrática (UCD).

Lo que de fondo estuvo en la disputa de estos bloques de organizaciones fue el tipo de relación que querían tener con el Estado, si era una relación corporativa democrática, neocorporativa de perfil economicista o de clientelismo tradicional donde los organismos actúan de intermediarios entre sus bases campesinas y el gobierno, de manera de mantener su control político.

Sin embargo, las Reglas de Operación finalmente fueron definidas unilateralmente por Sagarpa y Semarnat, ello motivó el enojo de las centrales campesinas, que junto con la inminente entrada de maíz y frijol libre de gravámenes el 1 de enero del 2008, hicieron que se renovara la unidad entre las organizaciones y se impulsara una movilización nacional el 31 de enero del 2008, con un documento unitario denominado el Manifiesto Campesino, donde resaltan las siguientes demandas:

i) Se exige la inmediata renegociación del capítulo agropecuario del TLCAN para recuperar la soberanía agroalimentaria cedida en dicho Tratado, asegurar el derecho de México a la protección de sus productos básicos y estratégicos para la seguridad y soberanía agroalimentaria,

ii) Restablecer la protección jurídica de la propiedad social y aprobar las bases normativas de la soberanía agroalimentaria, la defensa del territorio, la propiedad social y los recursos naturales de los campesinos e indígenas, mediante cambios legislativos que reviertan las reformas al artículo 27 constitucional y la ley agraria; restituyan el derecho a la tierra como un derecho al trabajo; restablezcan a la parcela ejidal como patrimonio familiar.

iii) Establecer un mecanismo de administración del comercio exterior del maíz y frijol, así como sus derivados y subproductos y la creación de una reserva estratégica alimentaria nación con los campesinos organizados.

iv) Que el gobierno federal y estatal ratifiquen el Acuerdo Nacional para el Campo.

v) Reorientar, con la participación de las organizaciones campesinas, de las políticas públicas agropecuarias, forestales, pesqueras y de desarrollo rural, de mediano y largo plazos y del presupuesto federal para el campo.

vi) Se exige la prohibición a la siembra de maíz transgénico y el establecimiento de un programa multianual de fomento productivo y de mejoramiento tecnológico para la producción de maíces criollos, híbridos y orgánicos para proteger la riqueza genética, la economía campesina y satisfacer la demanda nacional.

Esta vez las protestas campesinas no tuvieron eco en el gobierno federal, ni siquiera el hecho de revivir el moribundo Acuerdo Nacional para el Campo firmado en el 2003. Ante ello, la estrategia de las centrales campesinas fue sumar alianzas con otros sectores, de manera de construir una fuerza social con mayor capacidad para enfrentar al gobierno, pero sobre todo para crear una fuerza contrahegemónica desde y con la sociedad. En ese sentido se integró el Pacto Campesino, Sindical y Ciudadano del 20 de febrero de 2008, por medio del cual se exige un verdadero espacio de diálogo y negociación, sobre la base de un programa emergente para enfrentar la crisis alimentaria y voluntad real para la revisión del capítulo agropecuario del TLCAN.

En 2008 y 2009 La Campaña “Sin maíz no hay país”, se difundió por diversas entidades de México; para 2009 tomó relevancia la lucha contra los transgénicos y en los primeros años de la presente década esta lucha se trasladó a la búsqueda de incorporación a las leyes el derecho a la alimentación que revitalizó la discusión sobre la soberanía alimentaria (COBO, 2014).

Podría decirse que el gran logro de orden simbólico y de movilización nacional y hasta internacional fue la instauración del “Día Nacional del Maíz” cada año el 29 de septiembre.

La lucha contra el maíz transgénico derivó en septiembre de 2013 en una “Demanda de Acción Colectiva” en defensa del maíz nativo en México interpuesta ante los tribunales un grupo de 53 personas entre las cuales se encuentran expertos en el tema, personalidades y representantes de veinte organizaciones de productores, indígenas, apicultores, de derechos humanos, ambientalistas y consumidores que a la vez solicitaron una “Medida precautoria” mientras se desarrolla el juicio, por la cual se encuentran suspendidos hasta la fecha (junio de 2016) los permisos para siembra de maíces transgénicos por mandato judicial desde septiembre de 2013. Esta alianza se ha fortalecido con organizaciones de apicultores integradas en el Colectivo *MA OGM* (*Ma* es No en idioma maya) (SAN VICENTE, 2016) y con diversas organizaciones a nivel nacional e internacional y se ha logrado derrotar, por el momento, a las grandes compañías transnacionales, como Monsanto, Pioneer Dupont, Syngenta y Dow AgroSciences, que buscan dominar el mercado de las semillas y se ha logrado reivindicar el derecho a un ambiente sano, el derecho a una alimentación nutritiva, suficiente y de calidad, así como los derechos culturales de los pueblos originarios y campesinos de México.

Conclusiones

En el último cuarto de siglo el campo mexicano ha sido escenario de una batalla encarnizada entre dos proyectos de Nación contrapuestos. Por un lado, un proyecto neoliberal impulsado por el capital transnacional y asumido por la clase política gubernamental y los empresarios nacionales, que han tratado de imponer un modelo de dependencia alimentaria, la monopolización del mercado de alimentos por grandes empresas y corporaciones, así como la descampesinización del sector rural.

Para lograr ello, los gobiernos federales priistas primero, y los panistas de la alternancia después, llevaron al cabo una serie de cambios en la estructura gubernamental, hicieron uso de sus relaciones clientelares y corporativas con las organizaciones de productores, utilizaron los presupuestos públicos, modificaron la constitución y la leyes e impulsaron un desventajoso tratado de comercio con el país más poderoso del planeta.

Frente a ello, miles de comunidades indígenas y campesinas luchan por mantener un modelo agrícola heredero de una milenaria tradición cultural, basada en la íntima relación del maíz, la milpa y la propiedad social de la tierra, una triada que les había permitido, en ciertas etapas de la historia nacional, construir una soberanía alimentaria para sí mismos y el país entero y constituirse en una base material, social y cultural de la soberanía nacional.

Las respuestas campesinas frente al modelo neoliberal no se hicieron esperar: insurrección indígena, manifestaciones de pequeños y medianos agricultores endeudados y empobrecidos, movilizaciones masivas de organizaciones campesinas y productivas, negociaciones con el gobierno federal o el poder legislativo, entre otros.

En este sentido, se ha demostrado que ambos proyectos son excluyentes el uno del otro. Entonces ¿Cuál es el proyecto indígena y campesino posible en estas condiciones?

La complejidad del proceso actual nos indica que no hay respuestas fáciles. La migración masiva del campo, la deforestación y destrucción ambiental, la introducción de transgénicos para la producción agrícola, los requerimientos de alimentos para producir agrocombustibles, la democratización de las organizaciones son otros elementos a considerar en la agenda indígena y campesina.

En todo caso podemos tomar como referencia los diferentes pronunciamientos, declaraciones, campañas y documentos analizados en este trabajo y que fueron elaborados por las organizaciones campesinas en sus procesos de movilización y que son producto de discusiones, negociaciones y consensos entre ellas.

Al respecto resaltan algunas coincidencias en términos de la construcción de la soberanía alimentaria, pues se considera que ésta debe hacerse desde los campesinos e indígenas, que implica el impulso de la economía campesina basada en la relación maíz-la milpa y la propiedad social de la tierra, con el desarrollo de una agricultura sustentable y el impulso de la gestión y manejo de la infraestructura rural suficiente y el reconocimiento del carácter multifuncional de la agricultura campesina.

Una posibilidad que se abre para impulsar esta propuesta es la convergencia amplia de los diferentes sectores y organizaciones sociales en una especie de frente popular, como el que se está gestando con el Pacto Campesino, Sindical y Ciudadano. La vinculación, en programas conjuntos, entre la soberanía alimentaria y la soberanía energética (demanda enarbolada por sindicalistas y ciudadanos) permiten distinguir un proyecto alternativo de nación sobre la base de una economía que reconozca el carácter moral, esto es, campesino de la producción alimentaria. La conjunción de estos sectores sociales en torno a un programa unitario permitiría una suficiente fuerza política y social para impulsar cambios en el país.

Estos cambios, en términos de dar sustento a la soberanía alimentaria, tendrían que partir de una renegociación del TLCAN y la protección del maíz y frijol de los convenios comerciales que tiene el país.

Asimismo, es importante reincorporar las restricciones arancelarias a las importaciones de los productos de las cadenas agroalimentarias consideradas básicas y estratégicas para soberanía alimentaria, como la caña de azúcar, arroz, trigo, sorgo, café, huevo, leche, carne de bovinos, porcinos, aves y pescado.

También es tarea el crear las políticas públicas con recursos suficientes para apoyar programas de fomento integral de la producción campesina e indígena, y que las comunidades puedan ejercer su capacidad de autonomía y autodeterminación.

Otro tema es la prohibición definitiva de transgénicos para la producción de alimentos, así como evitar que se destinen cereales y caña de azúcar para la producción de agrocombustibles.

Todas estas representan acciones que el propio movimiento campesino se ha planteado para el corto plazo. Sin embargo, para las transformaciones de fondo se tendría que cambiar el modelo neoliberal, para poder impulsar el paradigma productivo indígena y campesino. Así, el proceso contradictorio entre el modelo indígena-campesino y el modelo neoliberal, todavía tiene en puerta varias luchas y disputas donde se definirá el futuro del campo mexicano, pero como señala el documento de la Campaña Nacional en Defensa de la Soberanía Alimentaria y la Reactivación del Campo Mexicano “O hay México con campesinos y pueblos indios, o no hay México. Porque sin maíz no hay país.”

Referencias

APPENDINI, K. Reconstructing the Maize Market in Rural Mexico. In **Journal of Agrarian Change**, Massachusetts: Wiley, v. 14, n. 1, 2014.

BARTRA, A. De milpas y otras quimera. **La Jornada**, 17 de febrero de 2007

CALVA, J. L., La economía nacional y la agricultura de México a tres años de operación del TLCAN”. In: Rita SCHWENTESIUS, R., GÓMEZ M., Gary W. WILLIAMS, G. (coords.), **TLC y agricultura ¿Funciona el experimento?**, México, Universidad Autónoma de Chapingo/ Juan Pablos. 1998

CALVA, J. L. **El modelo neoliberal mexicano. Costos, vulnerabilidad, alternativas.** México, Juan Pablo Editor. 1999

CAMPAÑA NACIONAL EN DEFENSA DE LA SOBERANÍA ALIMENTARIA Y LA REACTIVACIÓN DEL CAMPO MEXICANO “Sin Maíz No Hay País ¡Pon a México en tu boca!” Ciudad de México a 25 de Junio del 2007.

CE-ACATL **Diálogo de Sacam Ch'en. Mesa de Trabajo 1: "Derechos y Cultura Indígena". Resultados de la segunda fase.** México **Ce-Acatl Revista de la Cultura del Anahuac**, núms. 74 y 75, 1995

COBO, M. R. **La Campaña Nacional Sin Maíz no hay País: alcances y desafíos de una red de redes en movimiento**. 2014. Tese (Doctorado en Desarrollo Rural) - Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Xochimilco.

CONFEDERACIÓN NACIONAL DE PRODUCTORES AGRÍCOLAS DE MAÍZ DE MÉXICO (CNPAMM) ASOCIACIÓN NACIONAL DE EMPRESAS COMERCIALIZADORAS DEL CAMPO MAÍZ: (ANEC). Maíz: soberanía y seguridad alimentarias, **Rumbo Rural**, Año 2, Núm. 4, mayo-agosto, Centro de Estudios para el Desarrollo Rural Sustentable y la Soberanía Alimentaria. 2006.

DE GRAMMONT, H. **El Barzón: Clase media, ciudadanía y democracia**. México. Plaza y Valdés e Instituto de Investigaciones Sociales. 2001

DÍAZ POLANCO, H. **La rebelión zapatista y la autonomía**. México, Siglo XXI. 1997

DIEGO, R. Programas y proyectos de desarrollo: principios, bases y perspectivas para el México rural. Diciembre de 1997, **Revista Argumentos**, no. 28. 1997

DIEGO, R. ¡El campo no aguanta más! una apuesta hacia la construcción de una política pública incluyente para el México rural en **Revista El Cotidiano** no 124 Año 19 Marzo Abril del 2004. México UAM Azcapotzalco, 2004.

DIEGO, R y CALDERÓN R. El maíz y las políticas agrícolas en México: Centéotl *versus* el libre mercado. In TARRÍO, M y CONCHEIRO L. (coord.). **La sociedad frente al mercado**. México, La Jornada y UAM. 1998.

FANGHANEL, H. La liberación del maíz y el frijol en el 2008 en el marco del TLCAN. In: **Revista Rumbo Rural**, Año 1, No. 2, Septiembre-Diciembre de 2005. México, Centro de Estudios para el Desarrollo Rural y la Soberanía Alimentaria. 2005.

FIRA (FIDEICOMISOS INSTITUIDOS EN RELACIÓN CON LA AGRICULTURA), **Panorama Agroalimentario. Maíz 2015**, México, FIRA. 2016.

FLORES, J. J. **Integración económica al TLCAN y participación estatal en el sistema de innovación tecnológica en granos y oleaginosas en México**. México UNAM/Plaza y Valdéz, 2003.

GÓMEZ, M. y SCHWENTESIUS R. ¿Renegociar el capítulo Agropecuario del TLCAN? Argumentos y Contraargumentos”, en SCHWENTESIUS R., GÓMEZ M., CALVA J. L. (coords.), **¿El campo no aguanta más?** México, Universidad Autónoma Chapingo. 2004

GÓMEZ, M. y SCHWENTESIUS R. Impacto del TLCAN en el sector agroalimentario mexicano. Evaluación a 10 años. In: ARROYO A. (coord.) **Lecciones del TLCAN: El alto costo del “libre” comercio**. México, Alianza Social Continental/Red Mexicana de Acción Frente al Libre Comercio, 2003.

LÓPEZ-AUSTÍN. A. y LÓPEZ L. **El pasado indígena**. México, Fondo de Cultura Económica y Colegio de México. 1996

MARIELLE, C. El maíz como base para una soberanía alimentaria perdurable. In: ESTEVA, G. MARIELLE, C. (Coord.) **Sin Maíz no hay país**. México, Consejo Nacional para la Cultura y las Artes. 2007.

MASSIEU, Y. Cultivos y alimentos transgénicos en México. El debate, los actores y las fuerzas sociopolíticas. In: **Argumentos**, Núm. 59, Nueva Época, Año 22, enero-abril. UAM. 2009

MECNAM, Propuesta del Movimiento “El campo no aguanta más”, para el Acuerdo Nacional para el Campo. In: **Cuadernos Agrarios**, Número Especial, 2003

MORETT, J. y COSÍO C. El impacto de las reformas al Artículo 27 constitucional en el campo. In: ROBLES H. (comp) **Escenarios y Actores en el medio rural**. México, Centro de Estudios para el Desarrollo Rural Sustentable y la Soberanía Alimentaria, 2006

PENSADO, M. La importancia de definir la soberanía y seguridad alimentaria para el siglo XXI. In: Robles H (comp) **Escenarios y Actores en el medio rural**. México, Cedrssa. 2006

PETRELLA, R. “Mundialización e internacionalización. La dinámica del orden mundial emergente”. In: **Revista Vientos del sur**, no. 10, México, 1997.

RANGEL F. **Caracterización de la Política alimentaria: sus alcances y limitaciones**, México, Centro de Estudios para el Desarrollo Rural Sustentable y la Soberanía Alimentaria. 2009.

ROBLES, H. **Saldos de las reformas de 1992 al Artículo 27 Constitucional**. México: Centro de Estudios para el Desarrollo Rural Sustentable y la Soberanía Alimentaria. 2008

ROMERO A. **El neoliberalismo en el sector agropecuario en México**. México, Facultad de Economía-UNAM. 2001.

SAN VICENTE, A. **Una disputa civilizatoria: la lucha en México contra el maíz transgénico. El caso de la “Demanda Colectiva”**. México, Unión de Científicos Comprometidos con la Sociedad. 2016.

SHCP (SECRETARÍA DE HACIENDA Y CRÉDITO PÚBLICO), **Panorama del maíz**, México, 2014.

TARRÍO, M. y CONCHEIRO L. **La sociedad frente al mercado**. México, La Jornada y UAM. 1998

YÚNEZ, A. y BARCEINAS, F. El TLCAN y la agricultura mexicana. In: CASARES E. y SOBARZO H. (comps.) **Diez años del TLCAN en México. Una perspectiva analítica**. México, Fondo de Cultura Económica. 2004

ZERMEÑO, F. La agricultura ante la apertura comercial y el TLC. In: BARRÓN, A. y José Manuel HERNÁNDEZ J. M. (coords.), **La agricultura mexicana y la apertura comercial**, México, Facultad de Economía UNAM/UAM A. 1996

Documentos

“Declaración Final del Foro Mundial sobre Soberanía Alimentaria” La Habana, Cuba, 7 de septiembre del 2001.

Organización de Deudores de la Banca de El Barzón “Acuerdo Nacional para la Reactivación Económica, el Rescate de la Planta Productiva y el Empleo” Ciudad de México, 22 de Marzo del 2006.

“Declaración del Zócalo. Compromiso de Unidad”. Ciudad de México, 31 de enero del 2007.

“Manifiesto Campesino” Ciudad de México, 31 de enero del 2008.

“Pacto Político por la Soberanía Alimentaria y Energética, los Derechos de los Trabajadores” Ciudad de México 20 de febrero del 2008.

Recebido para publicação em 06 de julho de 2016.

Devolvido para a revisão em 08 de agosto de 2016.

Aceito para a publicação em 15 de setembro de 2016.

De una crisis alimentaria hacia una crisis productiva (2008-2015): el caso del maíz en el municipio Tonatico, Estado de México

Malin Jönsson

Becaria del Programa de Becas Posdoctorales en la UNAM,
Instituto de Investigaciones Sociales, Universidad Nacional Autónoma de México
e-mail: malin151@hotmail.com

Resumen

En el presente artículo se analizarán las implicaciones del régimen alimentario corporativo en la producción de maíz en un municipio rural en el centro de México, en Tonatico, Estado de México. Bajo este régimen se ha constituido y profundizado el dominio de las agroindustrias transnacionales en el sistema mundial de alimentos. Dentro de este contexto, añadiendo la crisis alimentaria (2008-2014), a base del estudio de caso se mostrará cómo el dominio de las transnacionales se fundamenta en la sobreexplotación por medio del despojo de los campesinos porque se les paga un precio muy bajo, a veces debajo del costo de producción. En los años noventa se estableció un precio subvaluado de los granos básicos en el mercado mundial de alimentos y por la implementación del modelo neoliberal los campesinos mexicanos compiten con los granjeros estadounidenses. En 2003 el precio internacional de los alimentos, junto con el petróleo, empezó a subir; entre 2008 y 2014 entramos en una crisis alimentaria a nivel mundial. Cuando cayó el precio en el mercado internacional al final de 2014, resultó para los campesinos de maíz en Tonatico un precio caído al mismo nivel que antes de la crisis, pero con un costo de los insumos agrícolas aún en alza.

Palabras claves: Dominio de las agroindustrias transnacionales; comercio mundial de alimentos; producción agrícola; modelo neoliberal; régimen alimentario corporativo.

De uma crise alimentar a uma crise produtiva (2008-2015): o caso do milho no município de Tonatico Estado do México

Resumo

Neste presente artigo analisam-se as implicações do regime alimentar corporativo na produção do milho, em um município rural da região central do México; tal é o caso de Tonatico, estado do México que por debaixo deste regime tem constituído e aprofundado o domínio das agroindústrias transnacionais no sistema mundial de alimentos. Dentro deste contexto, somada a esta crise alimentar revista para o período 2008 a 2014 e tomado como caso de estudo, se discutirá o domínio das empresas transnacionais e sua base na superexploração, por meio do despojo dos pequenos agricultores, ao pagar-lhes um preço muito abaixo do custo da produção. Nos anos noventa estabeleceu-se um preço subvalorizado dos grãos básicos no mercado mundial de alimentos, que foi resultado da aplicação do modelo neoliberal aos campesinos mexicanos que tiveram que competir com os granjeiros estadunidenses. Em 2003 o preço internacional dos alimentos, junto com o petróleo, começou a subir e entre 2008 a 2014 foi quando se entrou em uma crise alimentar a nível mundial e, mais especificamente quando foi de caída o preço no mercado internacional no final de 2014; o que resultou para os campesinos produtores de milho em Tonatico, em uma caída do preço pagado ao produtor ao mesmo nível que antes da crise ainda que o custo dos insumos agrícolas siga subindo.

Palavras-chave: Domínio das agroindústrias transnacionais; comércio mundial de alimentos; produção agrícola; modelo neoliberal; regime alimentar corporativo.

From food crisis towards production crisis (2008-2015): the case of maize in the municipality Tonicato, State of Mexico

Abstract

This article analyzes the implication of corporative food regime on maize production in a rural municipality located in central Mexico; Tonicato, Estado de México. Transnational agribusiness' dominion have been constituted under such corporative food regime and have gained control on the world food system. In addition the food crisis (2008-2014) plays an important role. Within this context, it will be demonstrated how corporations base their dominion on overexploitation and dispossession of *campesinos* since they are poorly paid, sometimes even below the production cost. In the nineties, an undervalued staple grain price was established in the world market and Mexican *campesinos* had to compete with farmers in the United States after implementation of the neoliberal model. In 2003 the international food price, together with the oil price, began to increase. Between 2008 and 2014 the situation turned into a food crisis at a global level. When international food prices fell by the end of 2014, the maize price in Tonicato decreased to the same level it was before the crisis although the costs of agricultural inputs were still rising.

Key words: Transnational agribusiness' dominion; world food trade; agricultural production; neoliberal model; corporate food regime

Introducción

Dentro del régimen alimentario corporativo y el modelo neoliberal se han creado las condiciones idóneas para las corporaciones transnacionales en la economía global, lo que para el sistema alimentario implica una profundización del dominio de las agroindustrias transnacionales y al mismo tiempo una explotación incrementada de los campesinos, excluidos del modelo en el sentido de que los apoyos estatales ya se dirigen hacia el monocultivo intensivo de gran escala, lo cual muestra que son vistos como algo del pasado que debe integrarse en el modelo agroindustrial; si no tienen acceso a suficiente capital para invertir, su opción sería volverse jornaleros trabajando en la pesca de las hortalizas, entre otras actividades asalariadas. De este modo se ignora que 80% de todos los alimentos producidos en el campo viene de los campesinos (FAO, 2015), además de su valor social, medioambiental y cultural. Consecuentemente se vuelve vital mostrar cómo los procesos a nivel global y nacional generan las condiciones locales de los campesinos. En el presente artículo se mostrará la relación inseparable entre lo que viven los campesinos de maíz en un municipio rural en el centro-sur de México, Tonicato, con los procesos globales, a través de ubicar este municipio, a base de los resultados de un trabajo de campo, en el contexto del dominio de las transnacionales y el mercado mundial de alimentos.

Por lo tanto, al mismo tiempo que existe un dominio de las agroindustrias transnacionales en el sistema alimentario a nivel mundial, los campesinos de pequeña y

mediana escala tienen cada vez más dificultades para sobrevivir de su producción, ya que desde hace varios años se han visto obligados a complementar el cultivo con otros ingresos, aunque el precio pagado al productor durante la crisis alimentaria (2008-2014) era supuestamente alto, y actualmente las condiciones se han agravado con los recientes cambios drásticos de los precios en el mercado internacional, pues los costos se han incrementado en el contexto de la crisis alimentaria y siguen al alza, a la par que el precio pagado al productor (junto con el petróleo) ha caído en la cosecha de finales de 2014 y principios de 2015. De este modo, aquí se muestran a través de un estudio de caso ciertas señales de que estamos entrando en una crisis productiva.

Lo anterior queda manifiesto en los resultados de dos trabajos de campo llevados a cabo en 2010 y 2015 en el municipio rural de Tonatico, Estado de México; con base en éstos, el presente artículo investigará las implicaciones del dominio de las transnacionales en el sistema alimentario para la producción campesina y los efectos negativos que tal dominio produce en ella; para demostrarlo, se estudiará la relación entre los precios pagados al productor y el costo de los insumos agrícolas. A partir de ahí se argumentará que los campesinos de pequeña y mediana escala, siguen pagando el costo de los insumos caros al mismo tiempo que el precio pagado al productor ha bajado.

Estados Unidos (EE.UU.), en busca de un mercado para su sobreproducción de granos básicos, producidos a gran escala con tecnología desarrollada y altas subvenciones, logró en el año 1994 imponer el primer Tratado de Libre Comercio entre países económicamente asimétricos a escala mundial con México y Canadá. Las grandes subvenciones estadounidenses destinadas a la producción agrícola nacional a gran escala se han utilizado como estrategia para mantener y asegurar el dominio del mercado alimentario mundial y así controlar los precios de los productos (RUBIO, 2014).

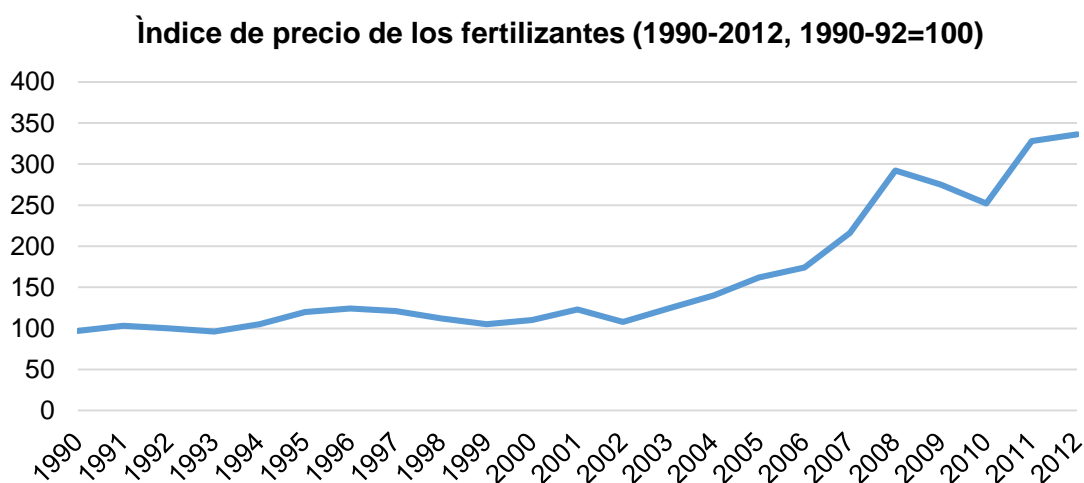
En consecuencia, en primer lugar, desde la perspectiva de México, tras 20 años del Tratado de Libre Comercio de América del Norte (TLCAN) y las otras políticas neoliberales, las condiciones para la producción agrícola de los campesinos han cambiado drásticamente, ya que se está importando una cantidad importante de alimentos baratos e insumos agrícolas caros del norte. Más del 80% del comercio mexicano agrícola es con EE.UU. En el año agrícola 2013/14 México importó 32% del maíz y 78% del trigo de lo que se consumía¹. Mientras que en EE.UU. aumentan los apoyos a la producción agrícola (WISE, 2008, p. 168), en México se han disminuido o eliminado los subsidios dirigidos hacia la producción campesina de alimentos básicos, lo que trae como consecuencia la profundización del intercambio desigual entre ambos países. Por ejemplo, entre 1997 y 2005, EE.UU. vendió su maíz a un precio “*dumping*” de un promedio de 19% debajo del costo de producción (WISE,

¹ Elaboración propia a partir de cifras de importación y consumo de la Secretaría de Agricultura, Ganadería, Desarrollo Rural, Pesca y Alimentación (SAGARPA): www.siap.gob.mx.

2009, p. 4). Esto es relevante por su dominio (aunque ha decrecido) en el mercado, puesto que en 2012 (FAO) exportaba 26% de todo este grano en el mercado mundial, de modo que el precio del maíz estadounidense es determinante para el precio internacional.

En segundo lugar, dentro de esta dependencia alimentaria mexicana también está la importación de insumos agrícolas para producir alimentos, posible por la desregularización del mercado nacional de estos productos agrícolas, y facilitada por el TLCAN. Por ejemplo, a la vez que se ha desmantelado la paraestatal Productora Nacional de Semillas (PRONASE) durante los años noventa, la importación de semillas para sembrar maíz se ha incrementado un 280% de 4.9 miles de toneladas en 1990 a 13.7 miles de toneladas en 2014 (COMTRADE). Además, en paralelo con la privatización de Fertilizantes Mexicanos (FERTIMEX, 1994), el valor de las importaciones de fertilizantes ha aumentado 72 veces de 1990 a 2014, de 20 millones de dólares a 1 442 millones (COMTRADE). Se calcula que en más de la mitad de las tierras que se siembran en México se utilizan fertilizantes y agroquímicos (SAGARPA, 2012).

Esto se vuelve un problema cuando los precios de los fertilizantes aumentan drásticamente, como ha sucedido en los últimos años, lo que incrementa los costos para los campesinos. En el diagrama inferior se puede ver que el precio real de los fertilizantes se ha más que triplicado desde los años noventa, y durante los años del auge en la crisis alimentaria (2008-2012) se incrementó un 15%. Entonces, en el mercado desregularizado, no solamente el precio de los granos básicos está controlado por el precio internacional, sino también el de los insumos agrícolas.



Fuente: US Department of Agriculture (www.usda.gov). Elaboración propia, consultado 3 de marzo 2015.

Resulta de lo anterior que los campesinos mexicanos tuvieron que competir contra el maíz importado a precio debajo del costo de producción (hasta 2003 cuando el precio

empezó subir) y produciendo a la vez con insumos agrícolas también importados con un costo incrementado.

El régimen alimentario corporativo y la producción del maíz tonatiquense

Aquí se contextualizará la producción del maíz tonatiquense tomando en cuenta el régimen alimentario corporativo y el dominio de las corporaciones transnacionales en el sistema alimentario a nivel mundial, para demostrar las raíces de los cambios en las condiciones de la producción campesina del maíz. Además se identificarán brevemente los orígenes de la crisis alimentaria, relevante por la desregularización del mercado de alimentos mexicanos, ya que actualmente los precios pagados al productor son afectados por los precios en el mercado internacional.

H. Friedmann y P. McMichael (1989) fueron los primeros en aplicar el concepto analítico histórico del régimen alimentario. Posteriormente, Friedmann (2009, p. 1, traducción propia) define el régimen como “un conjunto específico de relaciones (frecuentemente implícitas), normas, instituciones y reglas, en torno a las cuales convergen las expectativas de todos los actores”. Para entender con mayor profundidad la parte alimentaria del concepto, McMichael lo explica así:

El régimen alimentario siempre ha sido un concepto histórico. Como tal, ha demarcado modificaciones periódicas regulares en la producción y la circulación mundiales de alimentos, asociadas con varias formas de hegemonía en la economía mundial: la británica, la americana y la corporativa/neoliberal (MCMICHAEL, 2009, p. 281, traducción propia).

Así es que: “Cada régimen tiene condiciones particulares para la comida barata y cada conjunto relativamente estable de relaciones se expresa en un mundo en que la producción, la circulación y el consumo de alimentos están gobernados por los precios” (MCMICHAEL, 2015, p. 27). De este modo se puede entender cómo el alza del precio de los granos básicos en el mercado internacional desde 2003 fue una señal de la caída del modelo neoliberal.

Sin embargo, Friedmann (1993: 3, traducción propia) argumenta que todavía no estamos en un régimen alimentario nuevo, sino que más bien seguimos en la crisis del anterior. “La «crisis alimentaria» en los primeros años setenta, combinada con crisis monetaria y de petróleo, iniciaba un periodo de inestabilidad”. Ella resalta que esta crisis todavía no ha derivado en un régimen alimentario nuevo, sino que es una crisis constante. Una señal fundamental de esto, de acuerdo con Friedmann (2009: 4-5, traducción propia), es que “desde la liberalización del dólar respecto del oro en el año 1971, ninguna otra moneda lo ha reemplazado y por eso es imposible llamarlo un sistema estable”. Friedmann

(2009: 1, traducción propia) dice: “Podemos preguntarnos si hay o no una constelación suficientemente estable de relaciones agro-alimentarias para que Estados, individuos, corporaciones, movimientos sociales y otros actores puedan predecir el resultado de sus acciones”. Al contrario, McMichael (2004: 4, traducción propia) resalta que ya estamos en un nuevo régimen alimentario y lo llama *régimen corporativo* (por el papel de la corporaciones) o *neoliberal*, “centrado en la eliminación política de las barreras del capital en las relaciones sociales y naturales”. Ahora –continúa– los Estados no tienen derechos para crear estrategias nacionales de autosuficiencia alimentaria porque hay que basar el sistema alimentario en el comercio internacional de alimentos. En el presente artículo seguimos la argumentación de McMichael porque, como vamos a ver, existe un crecimiento económico relativamente estable que beneficia a una parte (minoría) de la población mundial.

Dentro del régimen alimentario corporativo, se parte del supuesto de que la seguridad alimentaria se crea a través de incrementar el comercio, con el argumento de que éste genera el crecimiento económico necesario para que todos tengan acceso a los alimentos mediante su compra. Para eliminar los “obstáculos” del comercio se inició la implementación de las políticas neoliberales desde los años ochenta, las cuales para el sector alimentario implican liberalización del comercio, desregularización del mercado, privatización de paraestatales, reducción o eliminación de subsidios para la producción campesina, etcétera. Es así que en el presente régimen alimentario

las reglas se basan en la normalización de las condiciones del mercado, como si todos los Estados fueran iguales, sostenidas por un mecanismo integrado de asentamiento de diferencias que permite disciplinar mutuamente las políticas estatales de acuerdo a las reglas de ‘libre comercio’ (MCMICHAEL, 2015, p. 84).

Debido a la crisis de la deuda en los años ochenta (cuando las tasas de interés subieron drásticamente), los países subdesarrollados se vieron obligados a implementar los paquetes de ajuste estructural (de acuerdo con el modelo neoliberal) por las instituciones internacionales, como el Banco Mundial y el Fondo Monetario Internacional (FMI), para poder renegociar los préstamos. Además, fundamental para el régimen alimentario corporativo ha sido la Organización Mundial de Comercio (OMC), donde desde su creación en el año 1995² se ha desarrollado un marco legal mundial que protege el “libre” comercio y los derechos de la propiedad intelectual, entre otros aspectos, y si los estados no siguen sus reglas, se les puede aplicar sanciones económicas. En relación con la propiedad intelectual, esto implica otorgar derechos a las agroindustrias transnacionales, las cuales afirman que han “inventado” las semillas y que merecen controlar su producción, venta y distribución.

² Con sus raíces en el Acuerdo General sobre Aranceles Aduaneros y Comercio (GATT, por sus siglas en inglés), México ha sido miembro desde 1986.

De tal forma estas agroindustrias transnacionales han podido crecer rápidamente, particularmente durante la crisis alimentaria; un ejemplo paradigmático en el contexto de la producción agrícola es Monsanto (EE.UU), una de las agroindustrias beneficiadas por el régimen alimentario neoliberal y la empresa más grande en el mercado de las semillas, “propietaria de 90% de las semillas patentadas en el mundo” (SPIELDOC, 2010). Monsanto es una agroindustria transnacional que ha crecido ampliamente, en particular en tiempos de crisis alimentarias: entre el año 2007 y 2014 la empresa incrementó sus ventas un 174% de acuerdo con sus propios reportes anuales³. En el año 2011 Monsanto (26%), junto con DuPont Pioneer (EE.UU) y Syngenta (Suiza), controló 53.4% del mercado mundial de semillas, gracias al marco legal de la OMC y la implementación de políticas neoliberales, es decir, más de la mitad del mercado internacional de semillas está en las manos de tres agroindustrias transnacionales (ETC-GROUP, 2013). Antes de la crisis alimentaria esta misma cifra fue 47% (ETC-GROUP, 2008). Asimismo, las cuatro agroindustrias transnacionales más grandes controlan 57% del mercado mundial de agroquímicos: Syngenta, Bayer, Basf y Monsanto (ETC-GROUP, 2013).

Al mismo tiempo, en otro nivel del sistema alimentario, las transnacionales dominan cada vez más la distribución de los alimentos: en el caso de México, a partir de la privatización de la paraestatal CONASUPO, una agroindustria transnacional como Cargill se ha convertido en un actor importante en la distribución nacional del maíz (el grano más importante para la población mexicana). En conjunto las empresas referidas anteriormente, en lugar de competir en un mercado llamado “libre”, crean acuerdos para beneficiarse entre sí y acceder a mercados y productos a los que no tienen acceso cuando trabajan solas. Un ejemplo es Cargill y Monsanto, que formaron una asociación en 1999 de 500 millones de dólares, llamada Renesson. Esto significa que Cargill, de manera indirecta, tiene acceso a las semillas transgénicas desarrolladas por (y propiedad de) Monsanto, y otros insumos agrícolas, y así constituye uno de los nuevos conglomerados que existen en el sistema alimentario actualmente (HOWARD, 2009, p. 9-10).

También se han identificado conexiones íntimas entre grandes agroindustrias a nivel mundial y empresas que parecerían mexicanas, pero de las que una parte importante ha sido vendida a transnacionales, como Archer Daniels Midland (ADM), una agroindustria con orígenes en EU. “ADM es una de las empresas más grandes de EU en producción y comercio de alimentos, tiene intereses en etanol, biodiesel, ingredientes alimentarios y forraje y mercado de granos” (SPIELDOC, 2010). Según su página web⁴ durante el año 1996 la empresa tenía ventas netas por 695 millones de dólares, el año 2002 el número se

³ De ventas netas de 856.3 millones en 2007 a 1 486 millones de dólares en 2014. www.monsanto.com, consultado el 2 de febrero de 2014.

⁴ www.adm.com. Consultado 16 de febrero 2011.

había multiplicado 33 veces y tenía ventas netas de 23 000 millones, una cifra que casi se triplicó el año 2010: 62 000 millones de dólares. Esta empresa es dueña de 27% de GRUMA, la empresa más grande en la industria de la tortilla en México (MCMICHAEL, 2009, p. 9). De este modo el sistema alimentario resulta aún más centralizado y concentrado de lo que parece a primera vista. ADM y Cargill controlan $\frac{3}{4}$ del comercio internacional de granos (HOLT-GIMENÉZ y PATEL, 2010, p. 13). Junto con DuPont Pioneer, ADM y Cargill son agroindustrias transnacionales que también especulan con alimentos en el mercado financiero internacional, según *U.S. Commodity Futures Trading Commission*.

Al mismo tiempo los campesinos en los países subdesarrollados están desprotegidos y expuestos al bajo precio del mercado internacional y el alza de los costos de los insumos agrícolas, con poco o nulo apoyo estatal. A nivel mundial los empleos rurales, en comparación con los empleos totales, han disminuido de 35% en 2005 a 30% en 2010, así es que entre 2005 y 2014 disminuyó la población rural de 51% a 45.5%, de acuerdo con datos del Banco Mundial. En Asia (India, Sri Lanka, China, entre otros) hay una tasa alarmante de suicidios de campesinos endeudados, sin posibilidades de pagar sus préstamos por los costos altos de producción y, contradictoriamente, los precios bajos de sus productos (PATEL, 2008, p. 29). En América Latina:

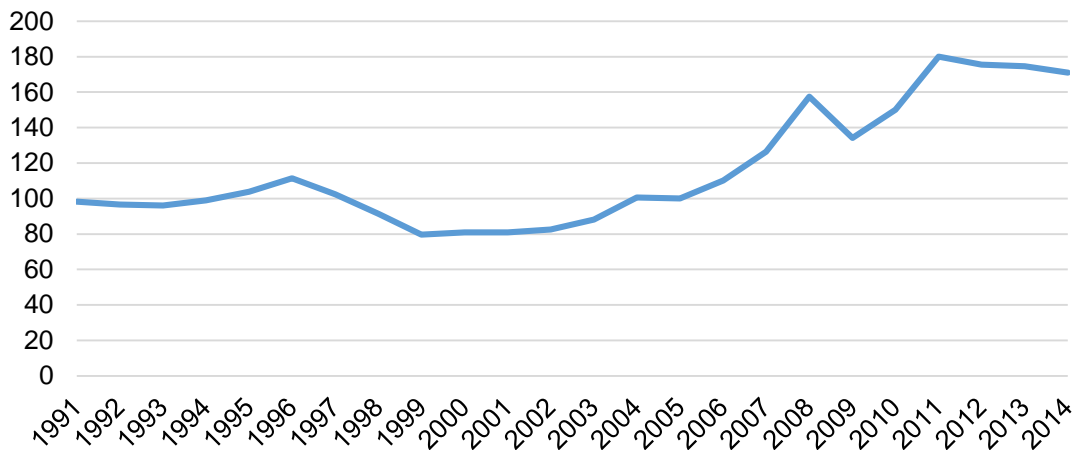
La exclusión que caracteriza al Modelo Neoliberal y a la fase de desarrollo agroexportadora ha generado una profundización de la pobreza, la migración, la desnutrición, la concentración del ingreso y el ascenso del cultivo de estupefacientes como única posibilidad de sobrevivencia para amplio núcleos rurales (RUBIO, 2012, p. 204).

El caso de México nos muestra la problemática:

Resultados de 18 años del TLCAN y 20 años de las modificaciones al Art. 27 constitucional: 72% del campo en la quiebra y desmembradas las comunidades agrícolas. El número de agricultores que trabajando arduamente en el campo no pueden comprar la canasta básica llega a 29'280,765 personas, y quienes medianamente pueden consumir una canasta con los ingresos actuales llegan a ser muy pocos, casi 3'954,235 personas (LOZANO *et al.*, 2012, p. 02).

De manera que hasta el año 2003 los precios de los alimentos seguían bajos, pero a partir de ese año se inició una alza gradual a nivel mundial, y en 2008 entramos en una crisis alimentaria: en un año, de junio de 2007 al mismo mes de 2008, el precio real de los alimentos subió 43%, según el FMI, es decir que el precio de los alimentos se incrementó drásticamente y hasta el año 2014 no bajó, como podemos ver en el diagrama inferior, que muestra el índice del precio de los alimentos.

Índice del precio de los alimentos (1991-2014, 2005=100)



Fuente: FMI (www.imf.org). Elaboración propia, consultado 6 de junio 2015.

Es cierto que en el régimen alimentario corporativo se logró aumentar la producción de alimentos a nivel mundial, pero se creó una contradicción: en la primera fase de la crisis alimentaria (2008) hubo “los niveles de hambre más altos de la historia al mismo tiempo que vimos una cantidad de cosechas y ganancia récord para las corporaciones agroalimentarias más grandes” (HOLT y PATEL, 2010, p. 5). Ello implica que el problema real es la redistribución de los alimentos, no la producción. A pesar de los argumentos para defender el régimen alimentario, la crisis alimentaria demuestra que la liberalización del comercio y las políticas de ajuste, junto con la especulación en el mercado de los llamados “commodities” (mercancías, en nuestro caso más específicamente granos básicos, con los cuales se puede especular en el mercado financiero internacional), trajeron como resultado el aumento de los precios de los alimentos básicos para los consumidores, insumos caros para los productores y ganancias para las empresas a través de su dominio en el sistema alimentario (RUBIO, 2014).⁵

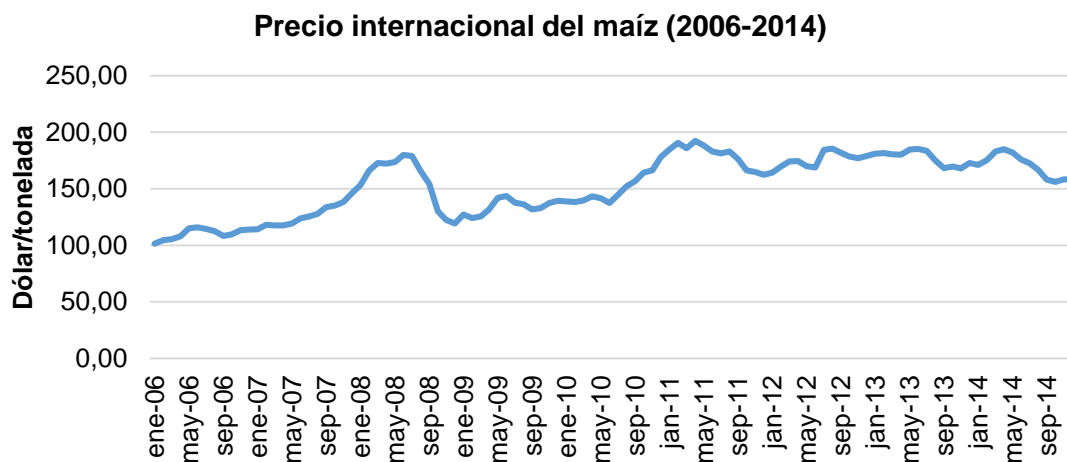
Es necesario subrayar que, como parte del proceso, desde 2003 hubo un incremento drástico en el precio del petróleo,⁶ junto con el de las materias primas, lo cual generó un proceso de acaparamiento de tierras por parte de las corporaciones transnacionales. Esto implica compras de tierras en el sur global para implementar el cultivo alimentos, pero también el de agrocombustibles (MCMICHAEL, 2013), un monocultivo

⁵ Varios autores destacan los agrocombustibles como primordiales en el alza de los alimentos (LAGI *et al* 2011). Relevante es que “para 2008 una cuarta parte del maíz producido en EEUU. fue destinado a la producción de etanol” (HOLT y PATEL, 2010, p. 77). México no cultiva maíz para hacer combustibles.

⁶ Entre enero de 2003 y abril de 2011, cuando estuvo en auge, el precio del petróleo en el mercado internacional creció 200% (FMI).

intensivo altamente dependiente de fertilizantes y otros agroquímicos, que profundiza el régimen alimentario corporativo.⁷

Entonces, para llegar a este momento, fue necesario implementar prácticamente todas las políticas neoliberales, a nivel internacional, en general, y en México, en particular, porque mediante ellas se integró el sector agrícola en el mercado internacional, donde el precio mundial controla (por lo menos en teoría) los precios en los mercados locales. Por medio de la privatización de los alimentos en toda su cadena, de la producción hasta la distribución y la liberalización de su comercio, se está transfiriendo el poder de la producción de los alimentos desde el Estado y los productores hacia el mercado y las agroindustrias transnacionales. La desregularización del mercado de alimentos, particularmente su apertura al mercado financiero para cualquier empresa que forma parte de la bolsa, fue el último paso dentro del régimen alimentario neoliberal que dejó abierta la especulación con los granos básicos: maíz, soya y trigo (además de otros alimentos, como el azúcar, el café y el cacao). En el caso del maíz, el diagrama inferior muestra cómo el precio subió drásticamente desde el comienzo de la crisis alimentaria (tuvo una caída en 2009, pero después siguió alto hasta finales de 2014).



Fuente: FMI (www.imf.org). Elaboración propia, consultado 6 de junio 2015.

Durante la crisis alimentaria en México, “el gobierno tomó la decisión de dar un fuerte apoyo al abasto de maíz y, sobre todo, para estimular el flujo comercial, beneficiando a los grandes productores y comercializadores, a fin de garantizar el consumo urbano” (APPENDINI y QUIJADA, 2013, p. 137). Después de la crisis de la tortilla en 2007-8, cuando su precio subió entre 40-67%, se implementó un programa para apoyar la producción de

⁷ El acaparamiento de tierras se ha extendido en varias partes del mundo; pero, en México aún no todavía sigue intacta la propiedad social, el ejido, lo cual implica que la mayor parte de los productores agrícolas son campesinos de escala pequeña, en parte debido a la falta de terrenos amplios con tierras fértiles.

pequeña y mediana escala: el Proyecto Estratégico de Apoyo a la Cadena Productiva de los Productores de Maíz y Frijol (PROMAF). Su presupuesto más alto fue en 2007, pero desde entonces ha disminuido (APPENDINI, 2014, p. 18, traducción propia). Sin embargo, las medidas del gobierno mexicano como respuesta a la crisis alimentaria “han sido más bien respuestas coyunturales, carentes de una revisión a fondo de la política de seguridad alimentaria en el país” (APPENDINI y QUIJADA, 2013, p. 132).

Tonatico (el estudio de caso de la presente investigación) es un municipio rural ubicado en el sur del Estado de México, en el centro del país, que colinda al sur con el estado de Guerrero. El clima del municipio es subtropical de altura y con temporada de lluvia de mediados de junio hasta mediados de septiembre con lluvias abundantes de alrededor de 800 mm/año. La actividad principal del municipio todavía es la producción agrícola, y el cultivo es principalmente de temporal de la tierra cultivable, 2441 ha son de cultivo de temporal y sólo 757 de riego, lo cual significa que 76% de las tierras son de temporal. De la superficie sembrada 67% son de maíz, es decir 2135 hectáreas, también se cultiva hortalizas, como el jitomate (52 ha) y la cebolla (349 ha) (SAGARPA, 2014).

El análisis del estudio de caso se basa principalmente en 33 entrevistas semiestructuradas (incluidos el presidente del municipio, el regidor de agricultura, el comisario del ejido Tonicato, un ejidatario jubilado, el director del centro de salud, el historiador del pueblo, 9 señoras y 18 campesinos), información de las “tienditas”, las panaderías, las tortillerías (sobre la procedencia de los granos básicos) y la observación participante durante el trabajo de campo en 2010 para la investigación de la tesis doctoral. En junio de 2015 se regresó al municipio para actualizar los datos, sobre todo los de la producción del maíz, ya como parte de una estancia postdoctoral, y se realizaron en total 29 entrevistas semiestructuradas: a 22 campesinos, 2 señoras casadas con campesinos y 5 informantes claves. Las entrevistas sobre la producción agrícola son de campesinos de todo Tonicato. Ya que en el municipio lo normal es tener la parcela un poco lejos de la casa, pues la mayor parte de los ejidos están ubicados en el Llano de Solidaridad, fue difícil delimitar el estudio de la producción agrícola a un solo ejido o comunidad. Por esta razón, la investigación se centra en este lugar y su alrededor.

Los informantes campesinos son ejidatarios; algunos, además de sus tierras propias, rentan las de gente que por alguna razón (por ejemplo, migración, falta de rendimiento o rentabilidad) no las cultivan. Con el cambio constitucional del artículo 27 en 1992, como parte del modelo neoliberal, lo cual implicaba una privatización legal de las tierras ejidales, que desde hace la revolución mexicana ha sido propiedad social, se han entregado títulos de propiedad y en los últimos años cada vez hay más gente que oficialmente vende su tierra por falta de rentabilidad en el cultivo. Se puede vender tierra por entre \$100 000 y 200 000 pesos/ha, dependiendo de dónde y cómo se encuentre. Este cambio constitucional

ha permitido la entrada del capital en la tierra que antes no era propiedad privada, sino derecho de usufructo de tierras colectivas, es decir, los ejidos. Sin embargo, antes también se vendía la tierra, pero sin reconocimiento oficial, ya que legalmente no se podía.

En Tonatico hay varios aspectos y procesos interrelacionados con lo que sucede a nivel nacional e internacional. El municipio es particularmente interesante porque los campesinos tonatiquenses utilizan una cantidad de semillas mejoradas que no corresponde a la escala de su producción, pequeña y mediana, en comparación con el nivel nacional. Una razón importante por la que específicamente en este municipio se utilizan tantos insumos agrícolas es que en la década de los noventa, durante tres años, hubo cultivo agroindustrial, implementación de un sistema de riego, tumba de árboles y aplicación de agroquímicos con avionetas en el Llano de la Solidaridad, donde está la mayor parte de las tierras del municipio. Detrás de estos cambios drásticos a nivel local (pero también a nivel nacional con la firma del TLCAN y otras políticas neoliberales), estaba el ex presidente Salinas de Gortari, quien notó que, a pesar de las inversiones altas, no se pudo generar una producción agrícola rentable económicamente, razón por la cual abandonó la producción agroindustrial en el municipio, pero dejó un Llano donde ya no se podía sembrar sin agroquímicos, fertilizantes y semillas mejoradas.

De acuerdo con los entrevistados, en los años noventa iniciaron los problemas graves de que el cultivo no producía sin fertilizantes y que había un incremento drástico en las plagas que terminaban con las cosechas. Así, los campesinos tonatiquenses empezaron a utilizar el paquete tecnológico que ofrecían las empresas agroindustriales para poder continuar su producción agrícola. Según el Censo Agrícola del 2007 (INEGI), en Tonatico 47% utilizaba semillas mejoradas, mientras que solamente 14% las utilizaba a nivel nacional, e igualmente con los fertilizantes y agroquímicos había un porcentaje mucho más alto que a nivel nacional.

Tonatico es un ejemplo de un municipio rural donde había un cultivo tradicional basado en la milpa y la simbiosis entre las plantas y la tierra, pero que ha sufrido cambios que lo han transformado totalmente dentro del contexto del régimen alimentario neoliberal. Con la “revolución verde” implementada a nivel nacional durante los años sesenta-setenta, se inició la introducción poco a poco el uso de semillas “mejoradas”, agroquímicos y fertilizantes (muchas semillas mejoradas rinden poco sin fertilizantes). La semilla mejorada empezó a entrar en estratos privilegiados de la población campesina a finales de los años ochenta, justo cuando México se integra a la OMC y se da la implementación de las políticas neoliberales a nivel nacional: paralelamente a la eliminación del control estatal de las semillas mejoradas a través del PRONASE, desde los años noventa hasta el 2002, con la implementación de la protección de los derechos de la propiedad privada con la OMC, el uso de las semillas mejoradas aumentó en el municipio de Tonatico. Las semillas mejoradas hay

que comprarlas nuevas cada año porque no sirven para guardarlas y sembrarlas más de un año, a diferencia de las criollas o nativas. Por consiguiente, las agroindustrias transnacionales han penetrado el núcleo fundamental de la producción agrícola en Tonicato con la venta de semillas y agroquímicos, con lo cual acumulan más capital.

El dominio de las agroindustrias transnacionales y el maíz en Tonicato

“Los empresarios ganan y el campesino pierde.”
(Regidor de desarrollo agropecuario y forestal, Tonicato, 2015)

Este apartado analiza la situación del maíz en Tonicato a base del trabajo de campo considerando dos aspectos. Primero, la relación del mercado local con las políticas públicas a nivel nacional, pertinente para complementar y contribuir a una visión holística sobre la difusión y profundización del modelo neoliberal en el campo mexicano; en estas políticas se puede entender que el Estado ha estado beneficiando y contribuyendo activamente (no sólo a través de disminuir su función económica) al dominio de las agroindustrias transnacionales en el sistema alimentario en México con la distribución de apoyos; de este modo se puede identificar el dominio de las agroindustrias en el municipio a través de la imposición del paquete tecnológico, que proviene de ellas, además de las dificultades para los campesinos de acceder al mercado local por la competencia de la producción agroindustrial de Sinaloa. Segundo, las condiciones para la producción de este grano básico fundamental para el consumo, la cultura y la historia. Ambos aspectos son analizados dentro del dominio de las agroindustrias transnacionales.

El mercado del maíz

Dentro del régimen alimentario corporativo el mercado es lo central, lo que debe controlar la economía, ya que el objetivo (de acuerdo con la teoría neoliberal) es crear un mercado basado en las llamadas “ventajas comparativas”, sin obstáculos puestos por el Estado, como aranceles y subsidios. Sin embargo, la realidad es otra: según hemos visto, en una parte del mundo siguen con una producción agrícola intensiva a gran escala altamente subsidiada. En México también se ha podido identificar una contradicción similar: la reducción o eliminación de apoyos estatales ha sido una realidad para la gran mayoría de los campesinos de maíz en el sur y el centro, pero a la par el mismo Estado está subsidiando la producción agroindustrial y la comercialización de alimentos provenientes del norte del país, de manera que la producción total del maíz blanco no ha disminuido durante el modelo neoliberal.

Entonces, la reestructuración del mercado interno del maíz se ha generado también de un amplio apoyo a la producción intensiva, altamente dependiente de insumos agrícolas a gran escala en estados como Sinaloa, y además a las empresas comercializadoras de alimentos. De acuerdo con Appendini:

Más que una retirada del Estado, típicamente asociada con la economía de mercado, desde los años noventa los gobiernos han tenido un papel activo en la construcción del “mercado libre” de maíz y en consolidar la actividad de corporaciones de agronegocio en la cadena maíz-tortilla (APPENDINI, 2014, p. 2, traducción propia).

Los gobiernos han considerado a los productores en el norte “más competitivos” y con posibilidades de incrementar su producción de maíz blanco suficientemente para abastecer la demanda interna, y así ha cambiado el mapa productivo del país. Antes de los años noventa, Sinaloa casi no producía maíz, pero ya abastece 16% de la oferta nacional total, con un rendimiento de 9.67 toneladas/ha, 3 veces más alto que el promedio nacional (Sagarpa 2014). Como resultado, además de en la producción, se puede identificar el dominio de las transnacionales en el nivel de la comercialización y la distribución: “el capital corporativo se ha posicionado sobre las cadenas maíz-tortilla. En el caso de México, se ha excluido al pequeño productor a favor de la agricultura empresarial. Sinaloa garantiza el abasto nacional comercial” (APPENDINI, 2012, p. 84).

Aun cuando los precios en el mercado internacional se incrementaron, en particular desde 2006, el Estado mexicano ha continuado el apoyo a los granjeros a gran escala y las corporaciones transnacionales comercializadoras de granos a través de la Agencia de Servicios a la Comercialización y Desarrollo de Mercados Agropecuarios (Aserca), como Cargill, Grupo Gruma y Minsa (APPENDINI, 2014, p. 14, traducción propia). La concentración de la producción del maíz en el norte crea una vulnerabilidad en el abastecimiento interno de maíz, algo que se hizo notar primero en 2011 cuando vino una helada en Sinaloa y después en 2011-12 cuando hubo la peor sequía de los últimos 70 años; se perdió 54% de su cosecha (Ibíd.: p.18). Así es que se tuvo que importar maíz blanco transgénico de África del Sur para poder cubrir la demanda interna (el maíz que se importa de EU es amarillo y se utiliza sobre todo como forraje). “La agricultura del maíz se ha polarizado en una agricultura campesina y en una agricultura empresarial que abastece la demanda de la tortilla principalmente para el consumo urbano pero también –y cada vez más– en las áreas rurales” (APPENDINI y QUIJADA, 2013, p. 125).

Este cambio pudo confirmarse e identificarse en Tonatico: además de las entrevistas con los campesinos, en las tortillerías señalan que prefieren comprar maíz de Sinaloa porque es “más limpio y barato”, lo cual se explica porque viene de una producción agroindustrial con alta tecnología, llevada a cabo con maquinarias para los diferentes pasos

del proceso productivo, y el grano resulta más uniforme. Los vendedores del lugar subrayan que el maíz sí es mexicano y más viable de comprar porque viene de una fuente más segura, una producción homogenizada agroindustrial, pero sin problematizar que no están apoyando la producción local.

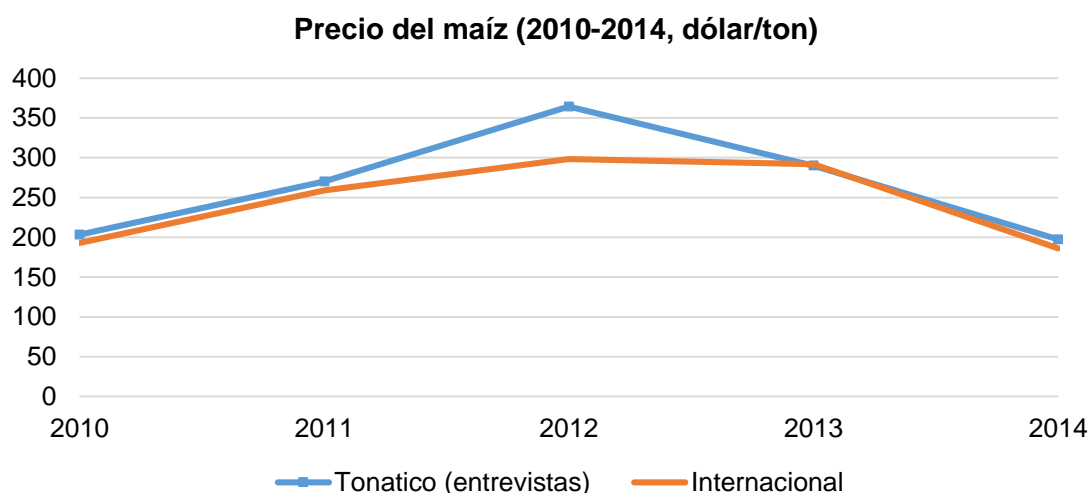
Por otro lado, con los bajos precios pagados al productor, las tortillerías se encuentran en ventaja porque, según los campesinos entrevistados, éstas no han bajado el precio de la tortilla, de modo que pagan menos por el maíz que durante la crisis alimentaria, al mismo tiempo que siguen cobrando lo mismo a sus clientes. Un campesino nos cuenta: “Se subió el precio de la tortilla cuando subió el del maíz, pero no se bajó ahora cuando el maíz se bajó; están [las tortillerías] en su mejor época” (Celso, campesino de maíz, Tonicato, 2015). Esto implica que cuando suben y después bajan los precios de los alimentos los ganadores son los intermediarios al no haber regulación de los precios por parte del Estado, y, en consecuencia, los que pagan el costo y resultan más afectados son los consumidores económicamente más pobres.

La producción del maíz

En el régimen alimentario corporativo, mientras que las corporaciones transnacionales incrementan su poder en el sistema alimentario, los campesinos son los perjudicados cuando hay fluctuaciones drásticas en el precio de los alimentos. Esto, en el presente artículo, partiendo de las entrevistas realizadas (a propietarios que representan el 11% de las hectáreas sembradas de maíz en el municipio en el año 2014) y observación participante, se demuestra con el precio pagado al productor: subió durante la crisis alimentaria (con auge en 2012), junto con el costo de los insumos agrícolas (semillas, agroquímicos y fertilizantes) y las tortillas, pero después cayó durante la cosecha de 2014 (diciembre) a niveles previos a los de la crisis alimentaria. Por lo tanto, como ya se mencionó en este apartado, se analizan los datos recolectados en Tonicato en junio de 2015 poniéndolos en contraste con los del trabajo de campo llevado a cabo en la cosecha del 2010. Entonces, durante el trabajo de campo (2015) se realizaron en total 28 entrevistas semiestructuradas: 22 de campesinos, de los cuales 13 son de pequeña escala (1-5 ha), 8 de mediana (2-50) y uno de gran escala (>50), además de 2 señoras casadas con campesinos y cinco informantes claves. Los campesinos juntos representan 11% de toda el área de maíz cultivado en el municipio.

En cuanto a los precios, el diagrama inferior muestra cómo el precio pagado al productor (de acuerdo con los entrevistados) ha seguido al precio internacional los últimos

cuatro años,⁸ debido a la desregularización del mercado del maíz, una política de ajuste estructural característica del régimen alimentario corporativo y del modelo neoliberal, por consecuencia de la cual el precio en Tonatico ya sigue al internacional, algo que confirma el dueño de la tienda más grande en el municipio que vende insumos agrícolas: “El precio que tenemos ahora es el precio controlado por la bolsa de Chicago” (Luis, Tonatico, vendedor de insumos y campesino, 2015). Como podemos ver en el diagrama inferior, el precio pagado al productor subió durante los auges de la crisis en 2011-12, pero después, al final del 2014, cayó junto con él.



Fuente: El precio internacional: Fondo Monetario Internacional (www.imf.org). Elaboración propia.

Aquí se puede identificar cómo el dominio de las corporaciones transnacionales en el sistema alimentario internacional afecta directamente a los campesinos en Tonatico en el sentido de que el precio que se paga por sus productos depende directamente del precio en el mercado internacional. Precios, como ya vimos anteriormente, son subvaluados por la producción de granos básicos altamente subvencionada en EU y así no pueden cubrir los costos de producción agrícola de campesinos que no tienen acceso a apoyos estatales de fomento productivo.

La mayor parte de los entrevistados no son productores a gran escala; vende su maíz en los mercados locales, sobre todo en otros municipios cercanos, como Ixtapan de la Sal y Toluca. Los que si producen a escala más grande dicen que si se cosecha una cantidad grande, puede comprarla DICONSA⁹. Entre enero y junio 2015 DICONSA pagó 3 235 pesos/tonelada de maíz por lo mientras el precio internacional promedio del mismo

⁸ El precio internacional está tomado de diciembre de cada año porque es cuando hay cosecha en el municipio; además se lo ha convertido a dólar al tipo de cambio que hubo durante la misma fecha.

⁹ Esta paraestatal (de acuerdo con su página web oficial) utiliza el maíz para el programa Abasto Social dentro de la “La cruzada en contra del hambre”, implementada desde 2013, un programa asistencialista con el objetivo de “eliminar el hambre”.

periodo fue 2 422 pesos.¹⁰ En Tonatico, a diferencia de muchos otros lugares del país, los precios encarecidos durante la crisis alimentaria tuvieron efecto en los precios pagados al productor; sin embargo, como vamos a ver más adelante, los insumos incrementaron aún más. El dueño de la tienda de insumos nos cuenta: “Los insumos cada año suben, más los transnacionales por el tipo de cambio del dólar, ya anda casi a 16 pesos, y todo lo manejamos en dólares” (Luis, Tonatico, vendedor de insumos y campesino, 2015). Un campesino mayor lo explica con sus palabras: “Los precios de las empresas son los que van por arriba” (Francisco, campesino de maíz, Tonatico, 2015). Esto también se nota en las cifras de los gastos que proporcionaron los entrevistados.

Para la cosecha de 2010, los campesinos entrevistados hacían referencia a que tuvieron que invertir entre 14 000 y 19 000 pesos, con un promedio de 16 000 por hectárea en el cultivo del maíz, cuando por el grano vendido se les pagaba un promedio de 3 500 pesos por tonelada. Esto implica que, para recuperar el costo de la cosecha (excluyendo la mano de obra) tendrían que tener un rendimiento de 4.6 ton/ha (por demasiado agua el rendimiento promedio en el municipio en 2010 fue sólo de 2.36 ton/ha).

Las entrevistas de 2015 nos muestran una situación diferente y un cambio drástico en sus condiciones: un bulto de fertilizantes este año les costó entre 200 y 450 pesos y para una cosecha se necesitan alrededor de 20 bultos, así que el costo total de inversión (añadiendo la semilla, la renta de máquinas y mano de obra, además de otros agroquímicos) fluctúa entre 15 700 y 30 000 pesos por hectárea, con un promedio de 21 300 pesos (incluyendo los de autoconsumo). De este modo la inversión se ha incrementado 33% en solamente 5 años. Aunque el precio pagado al productor había incrementado durante la crisis alimentaria, ya para la cosecha de diciembre de 2014 estaba de nuevo casi en el mismo nivel que en 2010: 3 750 pesos/tonelada, es decir, solamente 7% más alto, de acuerdo con los entrevistados. El cuadro inferior lo demuestra.

Inversión y precio pagado al productor en Tonatico

	Inversión, pesos/ha	Precio pagado al productor, pesos/ton	Para recuperar la inversión se requiere, ton/ha
2010	16 000	3 500 (SAGARPA)	4.6
2014	21 300	3 750	5.7
Incremento	33%	7%	20%

Los entrevistados que venden su maíz dicen que cuando la cosecha no rinde más de 7 toneladas, no se compensan los gastos. En 2014 el rendimiento promedio en Tonatico fue de 6.95 ton/ha, más del doble en comparación con el promedio nacional del mismo año, de 3.3 toneladas (SAGARPA), pero todavía insuficiente para equilibrar los gastos y sin

¹⁰ www.diconsa.gob.mx, consultado el 1 de noviembre de 2015.

considerar la mano de obra invertida por el campesino o la campesina y su familia, lo que implica una extracción del valor producido por su trabajo más alta que antes de la crisis.

Dentro del régimen alimentario corporativo y el dominio de las transnacionales (1982-2003), los precios de los alimentos en el mercado internacional bajaron, junto con el precio pagado al productor, y así disminuyó lo que se pagaba a los campesinos, con el argumento de que su producción no era competitiva en el mercado internacional y que, por tanto, resulta inviable. Cuando llegó la crisis alimentaria a nivel mundial, los precios pagados al productor en Tonatico empezaron a subir a la par que el costo de los insumos agrícolas subió aún más, pero cuando cayeron drásticamente al final de 2014, el de los insumos no cayó, sino que más bien siguió en alza. Como subraya un entrevistado: “Lo que nos falta es que bajaran los fertilizantes” (Arturo, campesino de maíz, Tonatico, 2015). Entonces, los costos de los insumos agrícolas, provenientes de las agroindustrias transnacionales, continúan en incremento, aunque el precio pagado al productor haya caído, situación que los entrevistados atribuyen a la devaluación del peso frente al dólar.

Esto implica que el ingreso de los campesinos disminuye y se vuelve más difícil seguir viviendo de la siembra; un campesino nos cuenta sobre la cosecha de 2014: “Son los precios internacionales; no pagan los costos, así que no voy a sembrar maíz” (Carlos, campesino de maíz, Tonatico, 2015). Otro entrevistado nos cuenta: “El precio es el problema, no la producción; podemos producir de cantidad y calidad, pero no sacamos el gasto, por la falta de precio fui por abajo [en hectáreas] [...] Bajó el precio del maíz y los insumos siguen por arriba. Muchos están dejando de sembrar” (Celso, campesino de maíz, Tonatico, 2015). Aquí podemos ver una tendencia a ya no sembrar maíz porque la situación se ha vuelto muy complicada. Estos aspectos nos llevan a argumentar que lo identificado en la producción del maíz en el presente municipio puede ser el comienzo de una crisis productiva.

Algunos de los campesinos entrevistados reciben el apoyo estatal de ProAgro (antes llamado PROCAMPO), un monto de 600 a 1 000 pesos por hectárea y cosecha, que solamente cubre una parte mínima de la inversión si se toma en cuenta la inversión promedio de 21 300 pesos/ha. No obstante, varios de los entrevistados reciben un apoyo económico de Prospera (antes Oportunidades), un programa asistencialista, señal de que el Estado no considera a los campesinos productores, sino “pobres” a los que no es viable dar apoyos productivos, en completo acuerdo con el modelo neoliberal de excluirlos de éstos porque carecen de una producción rentable en el mercado internacional (Rubio, 2012). Los campesinos entrevistados resienten la falta de apoyos productivos: “No deben de darnos nada, mejor controlar el precio, eso sería un apoyo real” (Luis, campesino de maíz, Tonatico, 2015).

De acuerdo con los campesinos entrevistados, el poco apoyo para fomentar la producción también subvenciona a las agroindustrias transnacionales porque se utiliza en comprar sus semillas, por ejemplo, la semilla Asgrow de Monsanto; para la siembra de 2015 el Estado contribuyó con alrededor de la mitad del precio de éstas. De tal modo el Estado está subvencionando el dominio de las agroindustrias transnacionales en el sistema alimentario mexicano en el municipio de Tonatico y así coadyuva a la creación de un mercado donde los únicos actores viables son las transnacionales, puesto que se vuelve más complicado competir contra corporaciones que invierten más capital.

A pesar de la situación cada vez más complicada, algunos han encontrado maneras de poder seguir sembrando maíz. Una forma de resistencia con la que se lo logra es mantener animales, pues según los entrevistados así hay una posibilidad más elevada de compensar los gastos, por ejemplo: “No sacamos el costo [con la venta del maíz], tenemos unos borregos, vacas, se venden para hacer el dinero y volver a sembrar” (Lupe, campesino, Tonatico, 2015).

Otro aspecto necesario para continuar la producción del maíz en el municipio es la migración; una parte importante de ella tiene como destino Estados Unidos. De acuerdo con las entrevistas, la mayoría de los migrantes de Tonatico va a la ciudad de Waukegan en Illinois. En el año 2005, se calculó que por lo menos 5 000 tonatiquenses vivían en Estados Unidos (Sandoval y Guerra, 2010: 53), aproximadamente una tercera parte de la población. Según Martínez Pérez (2004), un total de 80% de los habitantes recibe recursos del extranjero. A pesar de la importancia de la familia en la sociedad tonatiquense, en muchos casos está separada, con sus integrantes en distintos lados de la frontera. La mayor parte de la población tiene por lo menos un miembro de la familia que ha migrado a Estados Unidos, a veces hasta la mitad o más, ya que las oportunidades de trabajo son pocas y la tierra no rinde lo suficiente para la supervivencia, además de necesitar más inversiones que antes, según las informantes: “Mis hijos han migrado; solamente tengo una hija aquí; ya están todos allí y casados, pero por estos tiempos no tienen trabajo, casi no tienen trabajo; aquí casi no les gusta. Tengo 13 años que no veo mi hija, es que sufren mucho por el camino como no tienen papeles” (María, señora casada con campesino, Tonatico, 2010).

Conclusión

Dentro del contexto del régimen alimentario corporativo y el dominio de las corporaciones transnacionales, cuando el precio del maíz se incrementó en el mercado internacional durante el auge de la crisis alimentaria, las ganadoras fueron las transnacionales especuladoras (entre ellas, Goldman Sachs, una de las más importantes), pero también las agroindustrias transnacionales Monsanto, ADM y DowPioneer. Cuando el

precio cayó en 2014, siguieron beneficiadas las corporaciones transnacionales (otro ejemplo es Cargill) porque pudieron comprar materias primas baratas para alimentos procesados o para la venta directa. México tiene una dependencia alimentaria en profundización continua basada en dos aspectos: la importación de granos básicos baratos que generan una competencia desleal para los campesinos e insumos agrícolas cada vez más caros, ambos controlados por las agroindustrias transnacionales. El modelo neoliberal con fundamento en una economía de mercado ha generado una concentración del capital en el sistema alimentario por la que un número cada vez menor y decreciente de corporaciones transnacionales controla una parte cada vez mayor y creciente de los insumos agrícolas (y, por medio de éstos, la producción agrícola), la distribución y comercialización de los alimentos, y en toda esta situación identificamos el establecimiento del dominio de las transnacionales.

Desde la perspectiva de los gobiernos mexicanos, dentro del modelo neoliberal, los campesinos no han sido considerados productores, sino “pobres”; esto se puede ver en el tipo de apoyos que les proporcionan, de tipo asistencialista, como Prospera. En cambio, los apoyos de fomento a la producción se destinan al norte y la producción agroindustrial, algo que ha contribuido a la reorganización del mercado interno, ya que ahora el norte en lugar del sur abastece al país con maíz.

A nivel local, en el municipio rural de Tonicato, a través del estudio de los campesinos de maíz, al final de la crisis alimentaria el precio pagado al productor ha disminuido a niveles previos a ella, pero los insumos siguen en alza. En consecuencia, la ganancia también se queda en las manos de las transnacionales. Así, dentro del contexto del dominio de las agroindustrias transnacionales, se han identificado señales que indican el inicio de una crisis productiva (sobre todo por los ingresos disminuidos) y el abandono del cultivo campesino del maíz por el costo tan alto de su producción y el precio tan bajo de su venta. Aunque el precio pagado al productor cayó junto con el del petróleo en diciembre de 2014, los costos, sobre todo los precios de los agroquímicos y los fertilizantes, siguen en alza y actualmente es más caro producir y se paga menos por el producto.

De este modo se extrae una porción mayor del valor producido por el trabajo del campesino porque muchas veces ya no se puede reponer la inversión ni mucho menos recibir un pago suficiente para reponer el valor de su fuerza de trabajo porque su subordinación al mercado mundial es total, ya que la venta del maíz depende del precio internacional. Por lo tanto, lo que hemos visto en este artículo, el dominio de agroindustriales está basado en lo que Rubio (2014: 146) llama la subordinación de los campesinos a través de la explotación por despojo del valor porque en los casos cuando el maíz rinde menos de 7 ton/ha porque ya el precio pagado al productor no cubre el costo de producción. Se concluye de todo esto que en Tonicato, dentro del régimen alimentario corporativo, después

del auge de la crisis alimentaria, los únicos beneficiados son las agroindustrias transnacionales que venden los insumos agrícolas importados y los perjudicados son los campesinos.

Referencias

APPENDINI, K. La integración regional de la cadena maíz-tortilla, en K. APPENDINI Y G. RODRÍGUEZ (coords.). **La paradoja de la calidad. Alimentos mexicanos en América del Norte**. Ciudad de México: El Colegio de México, 2012. pp. 79-110.

APPENDINI, K., y M. G. QUIJADA. La crisis alimentaria y su impacto en México: el maíz, en RUBIO, B. (coord.). **La crisis alimentaria mundial. Impacto sobre el campo mexicano**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales-Porrúa, 2013. Pp. 119-150.

APPENDINI, K. Reconstructing the Maize Market in Rural Mexico. **Journal of Agrarian Change**, 2014, vol. 14, núm. 1, pp. 1-25.

BARTRA, A. Hambre, dimensión alimentaria de la gran crisis. **Mundo Siglo XXI**, núm. 26. 2011. pp. 11-24.

BOURGES, H. El maíz: su importancia en la alimentación de la población mexicana, en E.R. ÁLVAREZ-BUYLLA y A. PIÑEYRO NELSON (coords.). **El maíz en peligro ante los transgénicos. Un análisis integral sobre el caso de México**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2014. pp. 231-248.

HOLT-GIMÉNEZ, E., y R. PATEL. **Rebeliones alimentarias. Crisis y hambre de justicia**. España: Editorial El Viejo Topo, 2010.

EAKIN, H., K. APPENDINO, S. SWEENEY y H. PERALES. Correlates of Maize Land and Livelihood. Change Among Maize Farming Households in México. **World Development**. 2015. vol 70, pp. 78-91.

ETC-GROUP (Action Group on Erosion, Technology and Concentration). ¿De quién es la naturaleza? 2008. Disponible en: <http://www.observatoriodoagronegocio.com.br/page41/files/De%20quien%20esETC.pdf>

ETC-GROUP. El carro delante del caballo. Semillas, suelos y campesinos. ¿Quién controla la economía verde? 2013. Disponible en: <http://www.etcgroup.org/es/content/%C2%BFqui%C3%A9n-controlar%C3%A1-la-econom%C3%ADa-verde>

FRIEDMANN, H. y P. MCMICHAEL. Agriculture and the state system. The rise and decline of national agricultures from 1870 to the present. **Sociología Ruralis**. Vol. XXIX-2. 1989. pp. 93-117.

FREDMANN, H. The political economy of food: A global crisis. **New Left Review**. 197 1993. pp. 29-57.

FRIEDMANN, H. Discussion moving food regimes forward – reflections on symposium essays. **Agriculture and Human Value** 26, 2009. pp. 335-344.

LAGI, M., Y. BAR-YAM, K.Z. BETRAND y Y. BAR-YAM. The Food Crisis: A quantitative model of food prices including speculators and ethanol conversion. **New England Complex Systems Institute**. 2011.

- MARTÍNEZ PÉREZ, L. Tonatico, los migrantes impulsan desarrollo. **El Universal**, Ciudad de México, 28 de julio 2004.
- MCMICHAEL, P. A food regime analyze of the “world food crisis”. **Agriculture and Human Values**, 26. 2009. pp. 281-295.
- MCMICHAEL, P. The land grab and corporate food regime restructuring. **The journal of peasant studies**. 39:3-4, 2013. pp. 681-701.
- MCMICHAEL, P. **Regímenes alimentarios y cuestiones agrarias**. México: Universidad Autónoma de Zacatecas-ICAS-Universidad del País Vasco, Hegoa-Porrúa. 2015.
- PATEL, R. **Obesos y famélicos. Globalización, hambre y negocios en el nuevo sistema alimentario mundial**. Argentina: Marea Editorial, 2008.
- RUBIO, B. La nueva fase de la crisis alimentaria. México: **Mundo Siglo XXI**. 2011, núm. 24, vol. VI, pp. 21-32.
- RUBIO, B. **Explotados y excluidos. Los campesinos latinoamericanos en la fase agroexportadora neoliberal**. 4ª edición, México: Plaza y Valdés, 2012.
- RUBIO, B. (coord.). **La crisis alimentaria mundial. Impacto sobre el campo mexicano**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales-Porrúa. 2013.
- RUBIO, B. **El dominio del hambre. Crisis de hegemonía y alimentos**. Ciudad de México: Universidad Autónoma Chapingo, Colegio de Postgraduados, Universidad de Zacatecas, Juan Pablos Editor. 2014.
- SANDOVAL FORERO, E. A., y E. GUERRA GARCÍA. **Migrantes e indígenas: Acceso a información en comunidades virtuales interculturales**. Ciudad de México: Universidad Autónoma Indígena de México-Universidad Autónoma del Estado de México. 2010.
- TURRENT FERNÁNDEZ, A., T. A. WISE y E. GARVEY. Achieving Mexico’s Maize Potential. **Global Development and Environment Institute (DGEI)**, 2012. Working paper No. 12-03.
- VARGAS, M., y O. CHANTRY. Navegando por los meandros de la especulación alimentaria, *Soberanía Alimentaria, Diversidad y Culturas*, Bilbao: **Mundubat**, 2011. 31 pp.
- WISE, T.A. Estado de emergencia para el maíz mexicano. Proteger la agrobiodiversidad apuntalando la economía campesina, en J. LUIS SEEFOÓ LUJAN (coord.). **Desde los colores del maíz. Una agenda para el campo mexicano**. México: El Colegio de Michoacán, 2008. pp. 167-198.
- WISE, T.A. Agricultural Dumping Under NAFTA: Estimating the Costs of U.S. Agricultural Policies to Mexican Producers. GDEI, **Tufts University**, 2009. Reporte 7.

Recebido para publicação em 02 de janeiro de 2016.

Devolvido para a revisão em 04 de junho de 2016.

Aceito para a publicação em 13 de junho de 2016.

“No podemos hablar de paz si tenemos hambre” Despojo campesino y soberanía alimentaria en Colombia

Flor Edilma Osorio Pérez

Profesora titular, Departamento de Desarrollo Rural y Regional, Facultad de Estudios Ambientales y Rurales, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, Colombia
e-mail: fosorio@javeriana.edu.co

Resumen

Un largo camino de obstáculos y amenazas para la soberanía alimentaria en el ámbito microlocal es puesto en diálogo con otras escalas de análisis, a partir de la experiencia de la comunidad rural de Palo de Hicotea, municipio de San Jacinto, en la región de Montes de María, Colombia. La pregunta cotidiana ¿qué comeremos hoy? cobra en realidades de dominación y despojo como las vividas por esta comunidad en las últimas seis décadas, una profunda incertidumbre, que pone de relieve el sentido profundo que tiene la soberanía alimentaria como apuesta para construir procesos de autonomía campesina.

Palabras claves: Soberanía alimentaria; dominación; despojo; desplazamiento forzado; campesinado; Colombia.

“Não podemos falar de paz se temos fome” Despojo camponês e soberania alimentar na Colômbia

Resumo

Um longo caminho de obstáculos e ameaças para a soberania alimentar no âmbito micro local é posto em diálogo com outras escalas de análise, partindo da experiência da comunidade rural de Palo de Hicotea, município de San Jacinto, na região de Montes de María, Colômbia. A pergunta cotidiana: o que comeremos hoje? evidencia a realidade de dominação e despojo vivida por esta comunidade nas últimas seis décadas, causando uma profunda incerteza, que ressalta o sentido profundo que tem a soberania alimentar como proposta para construir processos de autonomia camponesa.

Palavras chaves: Soberania alimentar; dominação; desapropriação; deslocamento forçado; campesinato; Colômbia.

“We can not talk about peace if we are hungry” Peasant dispossession and food sovereignty in Colombia

Abstract

A long way of obstacles and threats to food sovereignty in the micro-local level is placed in dialogue with other levels of analysis, from the experience of the rural community of Palo Hicotea, municipality of San Jacinto, in the region of Montes de Maria, Colombia. The daily question: what will we eat today? Gets in realities of domination and dispossession as those

experienced by this community in the past six decades, a deep uncertainty, which highlights the profound meaning of food sovereignty as a purpose to build processes peasant autonomy.

Keywords: Food sovereignty; domination; dispossession; forced displacement; peasants; Colombia.

Introducción

¿Qué comeremos hoy? Esa sencilla pregunta que a diario nos hacemos, implica para algunos solo decidir qué de lo que hay disponible en su refrigerador y despensa quieren consumir, o en otros casos, a qué restaurante se llama para pedir un domicilio o reservar una mesa. Sin embargo, para muchos otros es una pregunta angustiada que se hace usualmente el ama de casa que, en medio de una despensa vacía, sin dinero para surtirla y la imposibilidad de cultivar alimentos, se enfrenta al desafío de multiplicar lo poco que tiene a la mano para alimentar a toda la familia. Esa diaria incertidumbre que se repite por lo menos tres veces al día, exige una continua evaluación de los recursos disponibles para responder a una necesidad vital de alimentarse, un derecho fundamental. De allí la importancia del alimento a nivel microsocial y lo estratégico que resulta a nivel geopolítico controlar el sistema agroalimentario a nivel nacional y mundial, un campo histórico que pone en diálogo y en conflicto el Estado, la sociedad y el mercado; desde la década del 70, grupos empresariales, movimientos sociales y organismos multilaterales han mantenido claros antagonismos frente al lugar y papel que debe tener la alimentación en la sociedad y en la economía (RODRÍGUEZ, 2010).

De allí la distancia entre dos conceptos claves: seguridad alimentaria y soberanía alimentaria. La primera, según la FAO, es posible cuando “todas las personas tienen en todo momento acceso físico y económico a alimentos inocuos y nutritivos para satisfacer sus necesidades alimenticias” (TOMAS, 2011). La segunda es planteada desde Vía Campesina como:

el derecho de cada nación para mantener y desarrollar su propia capacidad para producir los alimentos básicos de los pueblos, respetando la diversidad productiva y cultural. Tenemos el derecho a producir nuestros propios alimentos en nuestro propio territorio de manera autónoma. La soberanía alimentaria es una precondition para la seguridad alimentaria genuina (1996, p.1).

La seguridad alimentaria surge desde las instituciones gubernamentales y remite fundamentalmente a satisfacer la necesidad alimentaria, sin que sea relevante cómo se resuelva el problema -lo cual abre el camino para fortalecer el monopolio de la industrialización de los alimentos- y puede quedarse desde el neoliberalismo económico en una relación de

mercado entendida como “solvencia alimentaria” (RODRÍGUEZ, 2010, p.51). La noción de soberanía alimentaria surge desde la sociedad misma, en particular desde las organizaciones campesinas para quienes es fundamental ubicar el proceso productivo en el marco de las relaciones de poder que las determina. Por ello, es fundamental señalar quiénes producen los alimentos, qué alimentos se producen y cómo se producen, posicionando el papel del campesinado en ese proceso productivo y situando la cuestión alimentaria en una mirada de largo plazo, que implica la sostenibilidad de dicho proceso. “El foco está en el proceso y la sustentabilidad deviene sociocultural y representa otro modelo de gestión capital-sociedad-naturaleza” (TOMAS, 2011, p.137), y toma distancia de la estandarización del modelo industrial que impone la homogenización de los pueblos.

La producción de alimentos en el mundo refleja y reproduce una cadena de inequidades en el marco de procesos profundamente excluyentes y concentradores de capital. Mil quinientos millones de productores abastecen de alimento a siete mil millones de consumidores de alimentos, intermediados por no más de quinientas empresas que toman el 70% de las decisiones sobre qué, cuánto, dónde y cómo producir alimentos. Cargill, Bunge y ADN controlan casi el 90% del mercado mundial de cereales. Dupont, Monsanto, Syngenta y Limagrain controlan cerca del 50% del mercado de semillas en el mundo (Clay, citado por BAILEY, 2013). Incrementos del 56% en la importación de alimentos como el ocurrido entre 2007 y 2008, llevan a que cerca de cien millones de personas, - 30 millones en África -, hayan sido empujadas a la pobreza en el mundo (BAILEY, 2013).

El campesinado ha tenido en la producción de alimentos un lugar estratégico que va de la mano con el lugar social y político que ha ocupado en el marco de las sociedades nacionales, posiciones que se han ido perdiendo con ritmos distintos en cada país. Sin embargo, se está produciendo un giro que articula por una parte, el reclamo del campesinado para reclamar ese territorio y por la otra, la necesidad y valoración de los consumidores para acceder a una comida sana, nutritiva y ojala económica. De esta manera, se abre una alianza potencial que incluye de manera importante la producción agropecuaria libre de agroquímicos. Mirado así, el aporte campesino para garantizar el alimento como derecho fundamental de cualquier sociedad, no es de poca monta.

Producir de manera sana para el mercado, no es tarea fácil. La exigencia en mano de obra, el manejo de plagas y otras amenazas sin productos químicos es lento y no siempre tan eficiente, los rendimientos no son muy altos y las inclemencias del tiempo cada vez mayores, dejan a los productores campesinos lidiando solos con un alto margen de incertidumbre, para las cuales no hay seguros ni protección alguna. Pero además, confrontados siempre con una

producción más abundante y constante que es señalada por ello como más eficiente y compitiendo en el mercado con precios nada sostenibles. Como dice don Pablo “producir sano, es una aventura con muchos riesgos”. Pero la cosa no para allí. Una vez la cosecha está lista, las dinámicas del mercados, de los intermediarios y de los precios, remiten a nuevos y difíciles dilemas. “Toca a vender a como paguen, porque ¿cómo se devuelve uno para la casa con los bultos de comida? Ahí si toca, del ahoga’o el sombrero, como dicen” afirma él mismo con un gesto de resignación.

Para el caso colombiano, lo que nos cuenta don Pablo es solo la parte menor de los males cotidianos. Dar cuenta de ese largo camino de obstáculos y amenazas para la soberanía alimentaria en el ámbito microlocal y ponerlo en diálogo con otras escalas de análisis, es el propósito de este texto. Para ello, nos centramos en la experiencia de una comunidad rural, Palo de Hicotea, hoy Palo Altico¹, perteneciente al municipio de San Jacinto, ubicado en la región conocida como Montes de María², en el norte de Colombia. Esta historia, desafortunadamente, no son la excepción ni en la región y ni en el país.

La región de Montes de María es reconocida por su gran capacidad productiva, por los contrastes que marca la economía campesina con un latifundismo vigente agroindustrial y ganadero con elevados índices de concentración de la tierra, por la capacidad organizativa de sus pobladores y también por los graves y profundos impactos que la guerra les ha infligido.

Además de esta introducción, el texto tiene dos secciones adicionales. Una, documenta con voces de sus pobladores y otras fuentes, el itinerario de despojo al que ha sido sometida la comunidad de Palo de Hicotea, hoy Palo Altico, por diferentes actores, intereses y situaciones en las últimas seis décadas; allí mismo se da cuenta de algunas estrategias de resistencia que los pobladores han ido generando para recuperar su seguridad y caminar hacia la soberanía alimentaria, como paso necesario para reemprender caminos de autonomía territorial. La parte final, recoge algunas reflexiones transversales.

Palo de Hicotea: itinerarios de un largo camino de despojo y resistencia

Los pobladores de Palo Altico guardan en sus memorias, por lo menos tres hechos de despojo, muchos para los últimos sesenta años. El primero es producido por una represa que los obligó a salir de su poblado, Palo de Hicotea, y que produjo alguna dispersión de quienes

¹ Para ello retomo varios testimonios de trabajo de grado desarrollado por Laura Pabón, egresada de la carrera de Ecología de la Universidad Javeriana, proceso que acompañé como directora.

² La región incluye quince municipios, ocho en el departamento de Sucre y siete en el departamento de Bolívar. En este último se sitúa San Jacinto.

antes eran vecinos. Así surge Palo Altico, un nuevo asentamiento en donde se reúnen varias de las familias para continuar sus vidas. El segundo despojo es producido por la guerra, en particular, por la arremetida paramilitar que les llevó al desplazamiento forzado, y que produjo una diáspora interna que para algunos se volvió definitiva y para otros ha estado marcada por ensayos de retorno y nuevos recomenzares en proximidades de sus vecindarios previos. El tercer despojo es más soterrado y proviene de los grandes monocultivos de palma que se han ampliado en medio de la guerra, -para muchos gracias a la guerra misma-, dadas las presiones diversas para vender y modificar el uso de las tierras. Los despojos continuos y superpuestos han desgarrados sus procesos organizativos, productivos, sus vecindarios y sus prácticas.

La represa

Palo de Hicotea es una vereda de San Jacinto, municipio fundado en 1776 en el norte del país, situado en el piedemonte de la región de Montes de María que conecta con el canal del Dique, en el Caribe colombiano. Sus orígenes son afrodescendientes, es decir remite a memorias lejanas, si bien escasas, que ya imponían historias de despojo y dominación.

Aquí donde nos ve, nosotros somos descendientes palenqueros; ellos fueron los esclavos que venían de África y se pudieron escapar de Cartagena, caminaron hasta donde actualmente es Palenque y después algunos llegaron a colonizar estos lados (...). Cuentan que los cimarrones tuvieron que caminar de espaldas mientras escapaban, para que cuando los persiguieran los pasos quedaran al revés y confundieran a los que los estaban buscando (Joven de 21 años, citado por PABÓN, 2015, p.36).

Mientras el país se desangraba con la violencia bipartidista de mediados del siglo XX y luego buscaba estabilizarse, en Palo de Hicotea la vida transcurría sin mayores novedades o, por lo menos, las memorias de sus pobladores no las registran.

Los hombres tenían sus montes y hacían sus rosas ahí, sembraban lo que era patilla, melón, maíz, yuca y arroz. Y de eso vivía uno, no pasábamos hambre. De ese lado si estábamos bien porque si usted, por decir algo, no cosechaba el arroz este año porque no podía, los vecinos le daban; a usted la comida no le hacía falta, porque los vecinos le daban a usted lo que era el arroz y el bastimento. No era como ahora que la gente todo lo tiene que comprar. Antes uno no compraba, eso era regalado. En la familia mía, mi padrastro trabajaba en lo que le daban los amigos de él; como él no tenía monte, le daban el monte para que trabajara, la cosecha era de él y el monte era del dueño, del que le daba el pedazo pa' que trabajara. Ellos lo dejaban trabajar para que tuviera su cosecha también y no tenía que pagar nada (Mujer, 56 años, citada por PABÓN, 2015, p.37).

Estas lógicas de trabajo y reciprocidad fueron modificadas de manera importante hacia la década del sesenta. En el marco de las apuestas estatales por modernizar el campo de la mando de grandes cultivadores el gobierno decidió construir una represa en Palo de Hicotea, que los obligó a abandonar el lugar. “Este fue el primer proyecto de distrito de riego que se hizo en la zona; nosotros fuimos el experimento, los conejillos de indias” (Agricultor, 66 años, citado por PABÓN, 2015, p.43).

Estando ahí (en Palo Alto Hicotea), fue que se presentó el Incora³, que teníamos que venderles porque iban hacer el tapo del arroyo. Iban hacer un programa de riego pa sembrar arroz. Entonces la gente como ya se dio cuenta que era desapropiación, que había que vender, todo el mundo vendió y fue que hicieron la represa. Entonces el pueblo donde yo vivía, quedaba entre la represa; no fue que se inundó, no, por lo que el pueblo lo teníamos en un filo, en un filo ancho, ahí teníamos el pueblo. Entonces el agua salía de las quebralinas por cada orilla y esas quebradas se llenaron y por allá arriba se encontraron, así que el pueblo tenía que desaparecer (Agricultor, 74 años. Pabón, 2015: 44).

El arroyo fue tapado. Pese a que algunos creían que podían seguir en los sitios altos y dudaban que la represa se llenara, les tocó abandonar lo que hasta ese momento había sido su territorio. “Las fincas de plátano se ahogaron, porque eso era pura finca de plátano, eso todo se ahogó; las viviendas se inundaban de agua, entonces tuvimos que salir” (Agricultor, 66 años, citado por PABÓN, 2015, p. 44).

Lo que sucedió en Palo de Hicotea es similar a la experiencia de otros embalses que han sido construidos a costa del desplazamiento forzado de campesinos y gente del campo para beneficiar a grandes productores, generando despojo no solo del suelo, sino del agua y de las actividades que realizaban, así como de sus redes de reciprocidad, producción⁴.

Ese proyecto nos perjudicó ¡Qué nos iba a beneficiar eso, si eso no era para nosotros! Porque los parceleros eran de para allá abajo y los grandes industriales que tenían su poco de plata, entonces por lo menos arrendaban 100 o 50 hectáreas de arroz y ellos eran los que disfrutaban de su cosecha. A uno eso no le sirvió de nada (Agricultor, 66 años. Pabón, 2015:49).

Junto con las pérdidas materiales, queda un profundo dolor. “Cuando nos sacaron de allá no solo no quitaron la tierra, nos quitaron la tranquilidad, la felicidad” (Agricultor, 75 años, citado por PABÓN, 2015, p.44).

³ Instituto Colombiano de Reforma Agraria.

⁴ Es el caso de La Salvajina en el Cauca que benefició a los productores de azúcar y provocó el despojo de la comunidad afrodescendiente que hoy reside en La Toma y que al igual que la experiencia que nos ocupa, ha sufrido mucho despojos, el más reciente por empresarios mineros legales e ilegales. Cf. ARARAT y otros, 2014. Otro ejemplo es la represa Urrá, que afectó a campesinos pero especialmente a indígenas en el norte del país. Cf. RODRÍGUEZ Y ORDUZ, 2012.

Cuando nos echaron aquí esto era un peladero, entonces todo el mundo cogió su suelecito y construyó su casita; entonces fue que vinieron de Bogotá para parcelar la gente (...) A los más viejos que les dieron parcelas, se las dieron pero pa'abajo, pa'llá, y otros no aceptaron eso porque que eso era el comunismo⁵ que le ponían la marquilla a uno, entonces que ya uno tenía que hacer lo que ellos decían, y muchos por el miedo del hierro, no cogieron eso, y es que la gente misma de aquí decía 'no, no se meta en eso que eso es el comunismo' (Agricultor, 75 años, Pabón, 2015:46-48).

No hay una memoria consensuada sobre si, efectivamente, los pobladores fueron o no compensado con parcelas y viviendas en otras zonas.

Cuando ya llegamos aquí a Palo Altico algunas personas los sometieron al sorteo; entonces hicieron un sorteo con unas balotas y dentro de ese sorteo salieron como cinco o seis personas, pero las parcelas no eran aquí, no se las dieron alrededor de Palo Altico, se las dieron por allá, yo creo que por el Recreo y llegando a María la Baja, por el Viso, pero no fue aquí alrededor de Palo Altico (Agricultor, 63 años, citado por PABÓN, 2015, p.49)

En medio de la desinformación, los temores y las muchas versiones que circularon y confundieron a los habitantes, fue transcurriendo el tiempo y se fueron acomodando a su nueva realidad. En palabras de uno de ellos, “figuró adaptarnos” y empezaron a buscar maneras de usar la represa desde sus propias posibilidades.

Con la represa entonces a uno como le quedaba cerca, uno se iba a pescar y es que hubo gente que se pasaron a la pesca, porque yo creo que fue por lo que igual tierras como en el pueblo viejo ya no habían y bueno si! Habían (sic) unos que pescaban uno que otro pescadito y trabajaban en el pedacito de tierra que se conseguían, entonces como que uno se acomodaba. Eso la gente hizo lo que pudo, pero se vivía bien, no como ahora (Mujer, 42 años, citada por PABÓN, 2015, p.61).

La pesca y el transporte fluvial fueron opciones que se adicionaron a la agricultura. La gente “se iban en los Jhonson⁶ y ya después en las tardes era que regresaban (...) cuando era la cosecha, entonces los Jhonson también transportaban los alimentos (Mujer, 73 años, citada por PABÓN, 2015, p, 62).

La guerra

Pese a ser un cambio importante en sus vidas, había posibilidades de seguir viviendo. Pronto llegó la palma de aceite como cultivo prometedor. Pero también llegó la guerrilla -en concreto las Farc- que empezó a circular por sus tierras. “Resultaban por las noche por ahí

⁵ Esta referencia al comunismo parece estar relacionada con la desconfianza que se promovió desde sectores muy conservadores sobre el papel del Incora, basado en el temor de que se expropiara la tierra a los hacendados y se redistribuyera a los campesinos.

⁶ Marca del motor de una embarcación pequeña.

metidos por los potrereros; ellos iban a dormir allá, en las tierras de uno y uno tenía que recibirlos ahí, porque o si no ellos se ponían bravos” (Agricultor, 76 años, citado por PABÓN, 2015, p.69). Y detrás los paramilitares disputándose el control del territorio.

Después, fue que se mudaron lo paracos, aquí mismo en el pueblo, era puro paraco de día y de noche; entonces cuando era de noche teníamos que apagar el foco de afuera y na´mas estar con uno aquí adentro, porque no querían ver el foco alumbrando. Eso estaba lleno de paracos cuidando (Agricultor, 76 años, citado por PABÓN, 2015, p.72).

Dicho control suponía también el control cotidiano en las vidas, cuerpos y actividades de los pobladores.

Esa gente ponía las hamacas en la terraza y eso ¡hombre! Entonces ya después le pusieron hora a uno, que uno tenía que llegar aquí antes de las cinco de la tarde y cosas así, eso sí fue mucha incomodidad, y si por lo menos uno no llegaba a la hora que ellos decían, uno ya no podía llegar, porque por lo menos lo podían a uno matar (Pescador, 48 años, citado por PABÓN, 2015, p.73).

La llegada paramilitar tiene sus orígenes hacia mediados de la década del setenta, cuando políticos y latifundistas sacaron corriendo a sus arrendatarios con hombres armados, por temor a que la anunciada reforma agraria de Lleras Restrepo se cumpliera; entonces “al son del acordeón y con el canto de ‘la tierra es pa’l que la trabaja’, volvieron a las fincas donde habían vivido por generaciones y las ocuparon exigiendo pacíficamente que se las titularan” (VERDAD ABIERTA, 2011, p. 2) invadiendo más de 400 haciendas. Ello da cuenta del talante organizado y luchador de los campesinos montemarianos que lograron que les titularan 546 fincas en parcelaciones colectivas y empresas comunitarias, equivalentes a 120 mil hectáreas, según el líder Jesús Pérez. Nuevas experiencias de grupos armados locales y de ejercicios de resistencia de los pobladores para defenderse siguieron sucediendo y se fueron encontrando con la presencia guerrillera y la configuración de los grupos paramilitares que encontraron una nueva justificación para potenciarse, en sintonía con lo que sucedía a nivel nacional. Había unas viejas cuentas por saldar, que impulsó y facilitó las alianzas y complicidades de las estructuras de poder regional para que se produjeran más de medio centenar de masacres, casi cuatro mil asesinatos políticos y doscientos mil desplazados; mientras el campo quedaba abandonado y se producían despojos de tierra por ventas forzadas, los tugurios y la miseria crecían en las ciudades, en medio de la indiferencia y de la impunidad (Ibid, 2011).

El paramilitarismo y la guerrilla prendieron con fuerza y causaron tanta miseria humana porque se alimentó de venganzas heredadas y odios profundos cosechados en una larga disputa por la tierra que nunca se resolvió. Pero

también porque demasiados políticos y empresarios locales, por miedo, por miopía o por avivatos, se plegaron a los métodos bárbaros, importados por el narcotráfico cuando compró grandes fincas e instauró el sangriento negocio en la región. La Justicia quedó trunca pues el asesinato de varios de sus más diligentes funcionarios y la expulsión de otros aseguró la impunidad. El Gobierno Nacional no condujo a su fuerza pública por un camino inteligente de protección de la población civil, sino que la dejó a su suerte, con sus viejas ideas anticomunistas y la nueva corrupción del dinero fácil. Además, con la creación de las Convivir dio vía a libre a cientos de matones en semilla; fue echarle gasolina a un incendio que apenas empezaba a prender (VERDAD ABIERTA, 2011:2).

Lo poco que se había podido construir luego del desplazamiento producido por la represa se perdió en medio del horror y el dolor. “De todos a los que le dieron parcela, ni uno, tiene la parcela; todos ya están muertos. Pero vendieron antes de morir, a todos les tocó vender, por esa violencia pa ‘allá matando gente” (Agricultor, 76 años, citado por PABÓN, 2015, p.69).

La palma

En medio de la guerra, pero aparentemente por caminos distintos, se impusieron presiones para vender la tierra y sembrar palma. “Mucha gente que cometió la brutalidad de vender lo que tenía, para sembrar palma, se quedaron con su pedacito donde está la casa y donde tenían su plátano, sus cultivos, eso lo vendieron” (Mujer, 42 años, citada por PABÓN, 2015, p.76).

Esa gente hizo como una estrategia, una estrategia que usaron para que la gente sembrara la palma: a la gente le decían que iban a obtener unos beneficios cuando la palma ya empezara a producir y para mí que fueron como engañados, porque cuando eso empezó a producir, los cheques les llegaban en blanco (Mujer, 44 años, Pabón, 2015:76).

Con los desechos y químicos del cultivo de palma la pesca en la represa empezó a reducirse. “Antes había aquí un pescado que le decían Moncholo, ese moncholo por aquí eso era abundante (...) fue uno de los que más se murió y debe ser por la química” (Agricultor, 66 años, citado por PABÓN, 2015, p.80). También para el uso doméstico el agua de la represa se volvió un riesgo.

Esa agua hasta para bañarse esta mala, aquí viene revuelta y como con un verdín, entonces aquí para bañarse y lavar toca ponerle un trapito en pluma, porque o si no sale como con unas moticas que eso da rasquiña, o por lo menos a mí me da rasquiña (Mujer, 73 años, citado por PABÓN, 2015, p.81).

La llegada de grandes productores, impuso unas estructuras de poder local sin mayor control gubernamental que ha llevado a la apropiación indebida de recursos de uso común como el agua.

El cultivo de la palma, incluso en términos de agua tiene mucha relación. Aquí habían partes como por lo menos el pozo de Leticia que, aunque estaba en predios que tenían sus dueños, para la comunidad era más fácil acceder al servicio. Pero ahora de inmediato que pasaron a las manos de los palmicultores ya no es lo mismo porque uno ya no transita por ahí con la misma libertad como lo hacía antes, porque ahora esa palma que está ahí tiene seguridad privada, tienen un vigilante que cuidan ahí” (Líder comunitaria, 34 años, citada por PABÓN, 2015, p. 86).

Algo similar sucedió con los playones de la ciénaga que de recursos comunitarios pasaron a ser apropiados por los palmicultores.

Los playones, que son lugares donde el agua baja, se podían usar para cultivos transitorios y además como eran terrenos libres, eran caminos de la gente, caminos que les permitían llegar a la gente a la represa. Ahora esos terrenos aparecen como propiedad privada, cuando son en realidad baldíos reservados; a nosotros nos pasó un día que íbamos a la represa y queríamos ir a una zona para tomar una embarcación y no pudimos porque es propiedad privada, está encerrada y ahí al lado está el agua. O sea que es una zona en donde no debería haber, ni propiedad, ni cultivos permanentes y digamos en las islas que se hacen cuando el agua baja, y digamos en los recorridos que pudimos hacer este año nos dimos cuenta que esas islas también están llenas de palma y antes eran tierra donde la gente sembraba sus cultivos de pancoger (Representante de la CDS, citado por PABÓN, 2015, p. 90).

El acceso y los precios de la tierra se han modificado sustancialmente. “Anteriormente le daban su pedazo de tierra para que uno sembrara su yuca su maíz y el que arrendaba pedía poquita plata” (Agricultor, 62 años, citado por PABÓN, 2015, p. 84). La guerra genera un abaratamiento temporal de la tierra que beneficia la compra y acumulación de esta con facilidad, incluso señalando que al comprar en tales condiciones de inseguridad se está haciendo un favor. Sin embargo, meses más tarde, con algunos cambios en el orden público y algunas inversiones de infraestructura por parte del Estado, los mismos predios multiplican sus precios. Un negocio redondo.

Eso vendían barato la gente en esa época, no como ahora que un pedacito de tierra cuesta un montón de millones de pesos. Ahora cualquiera que tenga, así sea unas 15 hectáreas de tierra, ha hecho una cantidad de millones de pesos, cada hectárea de tierra está en 25 millones mínimo. De esas que no están tan bien organizadas, en cambio antes para esa época uno compraba una hectárea como por 500 o 600 mil pesos (Agricultor, 48 años, citado por PABÓN, 2015, p. 84).

Las promesas de generación de empleo por la palmicultura tampoco resultaron.

Cuando llegó la palma, eso acabó con todo, porque decían que iba a traer fuente de trabajo. Eso no es verdad, porque una hectárea de palma o 20 o 30 hectáreas de palma, 2 o 3 hombres la mantienen; el mantenimiento todo el tiempo se la hacen esos tres hombres. Entonces buscan harta gente, pero solamente si tienes que platear o si no entonces con dos o tres hombres cortan todo ese corozo y eso lo pagan muy barato. Por eso, eso es lo que menos beneficio ha dado por acá (Agricultor, 66 años, citado por PABÓN, 2015, p.85).

Los efectos de todos estos cambios se reflejaron con rapidez en el acceso a los alimentos.

Por aquí anteriormente la comida era estable y ahora no, porque como habemos (sic) poquiticos que sembramos y habemos muchos que comemos, entonces ahora no alcanzamos los que sembramos a producir pa'los que no siembran. Lo que uno siembra ahora se lo están es cogiendo los que no siembran. O sea uno deja una mata de yuca allá (parcela) y cuando va por ella, ya no la consigue, entonces lo que toca es comprar. Y eso ahora está más caro cuando antes eso lo daban era dado, cuando era cosecha eso lo regalaban y ahora comprando le dan a uno es un poquitico, nosotros hemos tenido bastante problemas con el alimento (Agricultor, 62 años, citado por PABÓN, 2015, p.81).

Si bien los grupos armados provocaron terror, desplazamiento y despojo, el establecimiento de la palma como cultivo permanente ha sembrado un hambre soterrada, de largo plazo, en medio de aparente abundancia.

La palma está es dejando hambre, porque por lo menos con el arroz eso le daba vida a uno, porque cuando cortaban el arroz uno iba allá y traía su arroz, antes uno no se varaba porque había arroz pa'comer, en cambio con esa palma no, porque uno qué va comer corozo, eso a uno no le sirve de na'a (Agricultor, 62 años, citado por PABON, 2015, p.81).

Un daño profundo situado en la soberanía alimentaria, se hace evidente en el acceso a los alimentos.

Aquí no se compraba yuca antes, una mano de plátano valía 500 pesos los plátanos más grandes, la comida se intercambiaba, entonces si tú tienes pescados te doy yuca, mas no se compraba porque todo el mundo tenía. Y ahora hasta teniendo la plata no se encuentra y entonces eso es a raíz de que la tierra la mayoría está ocupada en palma, entonces para mí no ha sido tanto el beneficio (Líder comunitaria, 34 años, citada por PABON, 2015, p. 82).

La disponibilidad de alimentos es cada vez menor en medio de una economía doméstica que depende de recursos monetarios escasos y no cultiva alimentos ni para su propio consumo.

El tiempo ha cambiado para mal, uno aquí pasa mucho trabajo ¡Uno come, no voy a decir que no! pero uno ya casi no se hace una sopita porque uno ya no tiene pa'comprar el hueso, y a veces que sí!, pero eso es muy de vez en

cuando. Ahora nada más aquí la comidita es una en el día y una en la tarde; como hay veces que uno se asegura su semana y que en el día casi no pasa hambre. Hay semanas que la gente no come carne y la quiere comer, pero no tiene. A veces yo me pregunto ¿de qué vivimos? Cuando mi esposo va a pescar, pasa toda la noche por allá y hace poco que fue, cogieron una changa, una sola changa, una sola de las cachamas de esas plateadas, entonces se quedaron toda la mañana a ver si cogían algo más y cogieron dos más. Y la gente dirá eso es embuste, pero no, esa es la realidad (...) Uno se come ese poco de arroz con su poquito de pescado, y uno dice estoy llena ¡pero uno no se siente bien! Uno se pone a pensar que uno no come todos los nutrientes que necesita un cuerpo, porque a veces uno come pescado pero el resto de los días es todos los días arroz con manteca. Por lo menos, el día que a la hija mía le pagan, a ella le pagan 190 mil pesos mensuales⁷ y de eso ella saca siempre 100 o 50 lo que pueda abonar para su universidad y con lo otro, cuando se puede comprar la librita de carne o pollo se compra, pero ya desde que se acaba la carne, la comemos otra vez cuando volvemos a tener cualquier pesito (Mujer, 42 años, citada por PABÓN, 2015, p. 83).

Síntomas recientes de nuevas crisis alimentarias

En el último año han sido evidentes otros impactos del cambio climático en la vida de la región. Un desplazamiento forzado inédito en la zona e incluso en el país, se suscitó debido a la fuerte sequía del segundo semestre de 2015 y primeros meses de 2016. La Defensoría del Pueblo registró el primer caso de desplazamiento masivo de 92 familias, 313 personas, de 19 comunidades que abandonaron sus veredas y llegaron al casco urbano del municipio de El Carmen de Bolívar. Los campesinos y sus familias expresaron “carencia de agua, daño en sus cultivos, falta de apoyo del Estado y revictimización, pues en su mayoría fueron desplazados previamente por el conflicto armado” (CARACOL RADIO, 2016). Bolívar uno de los departamentos afectados por la sequía en varios de sus municipios, entre ellos San Jacinto, reporta pérdidas en 3 mil hectáreas de cultivos, 10 mil animales arrasados, 24 mil 900 hectáreas afectadas y 10 municipios declarados en situación de calamidad, señala el mismo informe de la Defensoría.

De otra parte, un fuerte daño en la cosecha de aguacate⁸, producto importante en la región, ha traído numerosas pérdidas para los campesinos. El Centro de Estudios Económicos Regionales del Banco de la República, indicaba en un estudio que, en 2010, en Montes de María la producción de aguacate alcanzó 38.252 toneladas. Dionisio Alarcón líder campesino señala que hubo unas 4.000 hectáreas sembradas, en la buena época, pero ahora calcula solo quedan “si acaso, unas 20”. En la región “la vaca lechera era el palo de aguacate. Uno solo, por cosecha, podía dejarme más de un millón de pesos” señala Omar Fernández, otro productor

⁷ Equivalente a cerca de 63 dólares, con un cambio de un dólar por \$col 3.000.

⁸ Llamado también palta, cuyo nombre científico es *Persea americana*.

(ARCIERI, 2016:1). El responsable es el hongo conocido como fitoctora, del cual el Instituto Colombiano Agropecuario, ICA, tomó muestras y pese a prometer que en cuatro meses precisaría y propondría un plan de contingencia, no ha cumplido; a este problema fitosanitario se agrega la prolongada sequía provocada por el fenómeno de El Niño (Ibid, 2016).

El cuadro trágico se completa con la mortandad de peces producido a finales de marzo de 2016 en la ciénaga de María La Baja, al parecer por envenenamiento con desechos químicos usados por cultivos agroindustriales próximos a esta, afectando el consumo de pescado directo que hacen de allí algunos pobladores, así como la actividad productiva y comercial de la región (EL UNIVERSAL, 2016).

Dinámicas de organización y resistencia en Montes de María

Si bien el propósito central de este texto es el de documentar y reflexionar sobre los procesos de despojo y dominación y su relación con la soberanía alimentaria, es fundamental señalar algunos ejes organizativos y de resistencia gestados en la región de Montes de María, donde se ubica el actual Palo Alto.

La región es cuna de la Asociación de Usuarios Campesinos (ANUC), un primer eje organizativo de importancia indudable. Este es un proceso de orden nacional impulsado por el gobierno de Lleras Restrepo (1966-1970) y que logró dinámicas importantes de recuperación de tierras, una práctica bastante estigmatizada que se sigue denominando como invasión u ocupación de tierras. Es, precisamente, esta fortaleza la que suscitó el surgimiento de grupos locales armados para agredir a los campesinos, como se relató en una sección anterior. Y son estos procesos los que han dejado lecciones políticas claves que han formado desde la praxis, ejercicios de resistencia⁹. Los espacios de encuentro y capacitación que se dieron en la ANUC posibilitaron “al campesinado la construcción de una identidad política y social de tipo práctico, como usuarios de los servicios estatales. Los campesinos acogieron la definición de sí mismos como consumidores colectivos de las funciones públicas rurales, elaboradas por el gobierno” (MÚNERA, 1998, p.284).

La lucha por la tierra se constituyó en un frente cohesionado en todo el país, en medio del endurecimiento de los desalojos de colonos y campesinos por parte de los terratenientes apoyados por el poder local y de la lentitud institucional para responder a las demandas masivas.

⁹ Ver, por ejemplo, La Tierra en Disputa. Memorias de desalojo y resistencias campesinas en la Costa Caribe, 1960-2010. Grupo de Memoria Histórica. Ediciones Semana. Bogotá.

Hoy en día, la ANUC sigue existiendo como organización aunque diezmada y dividida tanto por factores externos como internos. Un estudio reciente que busca reconocer el daño causado y las estrategias de reparación colectiva de la ANUC señala que esta “hizo parte de una estrategia más global de consolidación del Estado-nación contemporáneo como forma general de gobierno” (GARCÍA et al, 2015, p. 6) que se rompió en 1972 con el denominado Pacto de Chicoral en el gobierno Pastrana (1972-1976); con ello se configuró “un paradigma sobre el campo que prioriza los intereses de los partidos políticos y de los inversionistas del campo sobre los intereses de los campesinos que lo habitan” (Ibid, 2015: 13).

La violencia impuesta contra dirigentes y asociados constituyó un daño social y político de enormes implicaciones, considerado emblemático en términos de reparación colectiva, que se concreta en tres ámbitos. Por una parte, la descampesinización del Estado, que equivale a la exclusión de la participación efectiva de los campesinos en el diseño y ejecución de la política pública sobre el campo colombiano y al desmonte gradual de las instituciones que prestan sus servicios al campesinado promoviendo, incluso, su desaparición en tanto actor colectivo de la sociedad. En segundo lugar, la descampesinización de la sociedad, pues al desarticular la ANUC se afecta al conjunto del movimiento social campesino, se le estigmatiza, se restringe su libertad de asociación y se priva a la sociedad de la voz y participación del campesinado como colectivo. Finalmente, se propició la ruptura de alianzas de los campesinos con los movimientos étnicos y el rezago del movimiento campesino frente al movimiento étnico negro e indígena (Ibid, 2015).

Un segundo eje organizativo más reciente ha sido construido desde el desplazamiento forzado a través de las Organizaciones de población desplazada, OPDS, las cuales han configurado una red importante de acción y movilización con dinámicas a nivel local y regional¹⁰. Algunas de las propuestas que se han venido desarrollando tienen que ver, precisamente, con procesos de formación e investigación sobre la producción de alimentos. Así, por ejemplo, las 15 organizaciones articuladas realizaron una investigación sobre las transformaciones de su economía campesina en los últimos 20 años.

Queremos que esta investigación nos permita ver los cambios que se han dado en nuestra vida campesina, especialmente en nuestra economía, en nuestra alimentación. Pero también, queremos que esta investigación nos ayude a ver cómo hemos resistido, preguntarnos por qué en medio de todo lo que hemos tenido que vivir, los campesinos seguimos sembrando nuestra yuca, nuestro ñame, preguntarnos por qué queremos seguir viviendo y defendiendo este territorio (Wilmer Vanegas, representante de OPDS e integrante de equipo de co-investigadores, citado por CDS, 2011).

¹⁰ Como la Corporación Desarrollo Solidario (CDS).

Desde las OPDS se ha dado también la discusión sobre la posibilidad de configurarse como zona de reserva campesina –ZRC- para proteger sus territorios y la posibilidad que sea multiétnica. Conscientes de su debilidad por los sucesivos golpes que han recibido durante las dos últimas décadas ven en las ZRC una oportunidad histórica para reforzar sus organizaciones y sus alianzas con diversos actores de la sociedad civil interesados en la protección de la sociedad campesina. La Proclama final de un encuentro para discutir este tema exigía

una zona de reserva campesina incluyente, participativa y coherente con los derechos del campesinado” a partir de la justa y equitativa distribución de la tierra para garantizar el acceso a la tierra y el respeto de ese derecho. Uno de los puntos señala que “promueva la seguridad y la soberanía alimentaria a partir de la recuperación y fortalecimiento de las actividades pecuarias, de los cultivos ancestrales propios de la región (ñame, plátano, yuca, arroz, maíz, tabaco, hortalizas), y de la garantía de condiciones para que la economía campesina basada en estas prácticas tradicionales sea una opción real para la vida digna de campesinos y campesinas (ETNOTERRITORIOS, 2011).

Un tercer eje tiene que ver con los procesos promovidos por el Laboratorio de Desarrollo y Paz de Montes de María; uno de los más pertinentes para el tema que nos ocupa, tiene que ver con la propuesta de la finca montemariana, iniciativa que busca posicionar la recuperación de un modelo de finca campesina en la región basada en prácticas agrícolas ancestrales indígenas y campesinas buscando alternativas sostenibles de producción, condiciones de arraigo familiar, capacidades de seguridad alimentaria y nutricional, así como en el manejo adecuado de excedentes. Este proceso está en curso. Un estudio reciente de algunas fincas en la región indica que la denominación “montemariana constituye una identidad territorial alrededor de un modelo productivo” (MELO, 2016, p. 105) y que la articulación entre conocimiento técnico experto y conocimiento tradicional local constituye una muy buena posibilidad para fortalecer la participación y la toma de decisiones de las comunidades sobre el tipo de desarrollo que consideran más conveniente (Ibid, 2016); este tipo de iniciativas exige considerar los profundos impactos de la guerra en la organización y cotidianidad de las familias, más allá de la realización de sus actividades productivas.

Un cuarto eje está situado en las dinámicas de comunicación y memoria con liderazgo de las y los jóvenes, uno de cuyo ejemplo lo ha dado el Colectivo de Comunicaciones de Montes de María Línea 21. Este proceso ha movilizad socioculturalmente a la región, creando redes y puentes entre comunidades, en torno a la reconstrucción de la memoria no solo de dolor y de pérdidas derivadas de la guerra, sino también de pedagogía y movilización frente a sus historias e identidades como pueblos. A partir de narrativas audiovisuales construidas por

los mismos pobladores que circulan por medios locales y regionales y en donde la voz de las nuevas generaciones es protagonista, en diálogo con adultos y mayores, se propician nuevas formas de encuentro¹¹. La comunicación es una disculpa para “facilitar sueños y erosionar el miedo. Por ello su fin último no es la producción mediática sino la transformación de los imaginarios, reparar el daño causado por la violencia al tejido social local -la violencia social y también la causada por el conflicto armado” (RODRIGUEZ, 2013, p. 1). El colectivo se creó en 1994 y en su proceso fue descubriendo maneras de ayudar a enfrentar el miedo colectivo a la guerra, proyectando películas en las noches en las plazas centrales de algunos pueblos, incluso el mismo día en que habían explotado varias bombas en uno de los pueblos.

Nunca me hubiera imaginado que en medio del terror de la guerra, se pueda encontrar alternativas para tendernos la mano. Esa noche supe que tenemos las competencias necesarias para construir la paz, que no somos totalmente impotentes frente a la guerra, que podemos transformar los espacios públicos de lugares de miedo y aislamiento a escenarios donde compartir experiencias de vida (Testimonio de Wilgen Peñalosa citado en RODRIGUEZ, 2013, p. 106).

Carnavales, escuela sin muros y muchas temáticas pertinentes divulgadas y trabajadas con la gente de manera pedagógica son aportes invaluable de esta experiencia que recibió el Premio Nacional de Paz en 2003. Uno de los proyectos recientes es el Museo itinerante de la memoria, El mochuelo -pájaro cantor símbolo de esta región- “una plataforma comunicativa que busca promover, visibilizar y dinamizar la reclamación de las víctimas a la tierra, a la palabra, a la memoria, a la acción colectiva y a la reparación simbólica” (MONTEMARIAAUDIOVISUAL, s.f).

Territorio, soberanía alimentaria y construcción de paz

Son muchas caras y disfraces que tiene el despojo y la dominación, que incluyen ejercicios de violencia física y psicológica, pero también por mecanismos y promesas mucho menos visibles. Siguiendo a Bloch, que guerra y desarrollo¹², no son “contraposiciones en la época del capitalismo monolítico, ambas proceden del mismo mundo, y la guerra moderna procede de la paz capitalista y se reviste de sus mismos rasgos espantosos” (2006: 345). El despojo y la dominación sufridos en Palo de Hicotea y en general en Montes de María, se han producido no solo por medios abiertamente violentos, sino también por sutiles estrategias de

¹¹ Ver por ejemplo la publicación Memorias y relatos con sentidos 2008-2011 que creo un colectivo de narradores y narradoras en diez municipios de la región Cf. <http://www.caracolaconsultores.com/MIM/sites/default/files/LIBRO%20MEMORIAS%20Y%20RELATOS%202008%202011.pdf#overlay-context=>

¹² Bloch se refiere a guerra y paz.

seducción (Osorio, 2016) en donde el monocultivo de la palma se presenta como una alternativa moderna, eficiente y además altamente sostenible frente a la crisis de los combustibles fósiles. De esta manera se ha dado un proceso que mezcla en simultánea el desarraigo fruto de la desterritorialización, el despojo debido a la pérdida patrimonial y la inhabilitación laboral (GARAY et al, 2009).

El monocultivo de palma en Montes de María se ha constituido en un paisaje de despojo cotidiano que ha reconfigurado el territorio, incluyendo “la actualización de los espacios del miedo y la actualización de nuevos regímenes de inmovilidad” (OJEDA et.al., 2015, p.117). La dupla perversa de la guerra y la palma ha sido un acelerador del proceso de entrada del gran capital al campo con ventajas comparativas que facilitan procesos de acumulación partir del despojo y arrinconamiento de campesinos, afrodescendientes e indígenas, al punto que no se ha tratado solamente de que sea funcional a este proceso, sino que todo parece señalar que se fue configurando como una estrategia para lograr tal propósito. “El terror es en sí mismo el eje del modelo económico, al mantener la situación de anarquía necesaria para articular las clavijas del capitalismo salvaje” (SERJE, 2013, p. 112).

Despojo y dominación inciden de manera directa e inmediata en la soberanía alimentaria, concepto fuertemente anclado a la vida cotidiana, pues nada es más cotidiano que la comida. Los recursos necesarios para hacer viable esa soberanía como el agua y la tierra, se rompen abruptamente y se fractura de manera radical la posibilidad de autoabastecimiento de las familias, dejándolas expuestas a un largo periplo de miseria, de dependencia alimentaria y de exposición a nuevas servidumbres; con ello se facilita además un ejército de mano de obra disponible a muy bajo costo que resulta muy útil en la ciudad y en el campo. Las perspectivas de construir una autonomía campesina relativa, que pasa por la dimensión alimentaria con miras a hacer sostenible la reproducción de la vida campesina, quedan así trucas y con inciertas posibilidades de poderse retomar. La vivencia directa de la inviabilidad de la opción campesina resulta de mucha utilidad para despejar el camino de potenciales obstáculos.

Las implicaciones de estos procesos de despojo y dominación para la gente del campo son desastrosas; sin embargo, en una escala nacional la perspectiva que toma el problema mirado desde una reducción en la producción de alimentos, se resuelve con facilidad acudiendo a las importaciones a bajo costo –gracias, entre otras cosas, a los subsidios que los agricultores tienen en otros países.

Así, se facilita la reacomodación del campesinado en la soberanía alimentaria nacional, arrinconándolo, es decir prescindiendo de él, aparentemente, sin afectar el conjunto de la sociedad. Junto con los reclamos de los muchos campesinos sin tierra, la intención soterrada de

tierra sin campesinos, se ha ido imponiendo. Colombia, que contaba a finales de la década del 80 con una producción suficiente para abastecer la casi totalidad de su demanda de bienes agrícolas básicos, importa cerca del 50% de esa demanda en la segunda década del siglo XXI; “durante la última década se pasó de importar 405 millones de dólares en 1990 a 4.750 millones en 2014, mientras que las exportaciones, incluyendo café, se sostienen en el mismo nivel” (FAJARDO, 2014, p.43). Todo ello constituye un claro avance al precipicio de la vulnerabilidad alimentaria. Pero además,

la concentración de la propiedad territorial, al tiempo que ha encarecido los costos de producción, ha ampliado la pobreza rural y generado la expansión de la frontera agraria con graves costos ambientales: entre 1984 y 2011, la superficie registrada de la frontera agraria pasó de 35.8 a 40.2 millones de hectáreas, área que fue apropiada en cerca del 24% por las fincas superiores a las 1000 hectáreas, las cuales capturaron más de un millón de hectáreas de la nueva frontera, cifras que solamente representan los predios registrados (FAJARDO, 2014, p.40).

Por lo pronto, la discusión sobre el campesinado y el desarrollo rural, así como los puntos relacionados con la participación, las víctimas y la paz territorial como estrategia, han tenido un lugar importante en los acuerdos entre el gobierno y la guerrilla de las FARC; ello supone una ganancia -por ahora en el discurso- frente al reconocimiento de las comunidades rurales y regionales. Sin embargo, varias decisiones avanzadas como la ley de las Zonas de Desarrollo Empresarial, Zidres, los tratados de libre comercio, TLC, y las múltiples concesiones mineras constituyen una clara evidencia de rutas paralelas incluso antagónicas entre unos acuerdos en construcción y unas decisiones en marcha, incongruencias que generan desconfianzas razonadas, especialmente cuando hay un histórico incumplimiento de los gobiernos y el estado, frente a diversos acuerdos y concertaciones hechos con los pobladores.

En estos tiempos de apuestas por la paz, en medio de múltiples incertidumbres, en donde surge el temor de todo cambie para que todo siga igual, es necesario mirar ambos lados de la mesa. Es cierto que la guerrilla de las Farc tiene una deuda importante, debe comprometerse y debe cumplir. Pero al igual que se le mira con desconfianza de que incumpla, esa misma desconfianza de incumplimiento se tiene con el estado. Frente al olvido, la agresión, las alianzas con actores poderosos también “hay que perdonar al Estado”, como lo manifestó un campesino¹³. Quizá es necesario no solo que el Estado pida ese perdón, sino que se comprometa, -ubicado en la justicia transicional- a los criterios de verdad, justicia, reparación y promesa de no repetición. Ello tiene sentido, por ejemplo, para el sesgo anticampesino que ha

¹³ Cf. Documental “Diálogos en los territorios. Montes de María conversa la paz”. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=EIVz8VENGV8>

mantenido en sus políticas, en los estímulos, confianza y alianza ciega con los actores empresariales a quienes se les atribuye y reconoce su eficiencia económica, merito negado a la economía campesina; pero también para toda la agresión que, justificada en la guerra y en sospecha moral por potenciales alianzas entre el campesinado y la insurgencia, se ha ejercido de manera reiterada por parte de las fuerzas armadas estatales y de la delegación que soterradamente ha hecho con grupos paramilitares para ganar la guerra.

Por fortuna, hay resquicios de esperanza. Comunidades como las de Montes de María, dan lecciones al país, con diversas y creativas experiencias políticas de resistencia en medio de condiciones profundamente desventajosas. El retorno en condiciones precarias, por ejemplo, es una forma de resistencia y de persistencia por la vida campesina como opción, pese a los inciertos y lentos caminos de recomenzar que exigen mucha más paciencia y obstinación. Y para el ello, los vínculos territoriales pueden ser al tiempo, motor, fin y medio. “Uno sigue en eso por el amor que uno siente por su tierra y por su gente. Siempre nos ha tocado luchar por todo. Ahora nos toca empezar de nuevo (...) Los que se fueron nos mostraron el camino y ahora uno se mira y dice: bueno, sí se puede, ¡pa'lante es pa'ya!” (COLECTIVO DE COMUNICACIONES DE MONTES DE MARIA, 2012, p. 67)

Referencias

ARARAT, L. y otros. **La Toma. Historias de territorio, en la cuenca del Alto Cauca, resistencia y autonomía.** Consejo Comunitario Afrodescendiente del corregimiento de La Toma y Observatorio de Territorios Étnicos, OTEC. Popayán, 2013.

ARCIERI, V. “La catástrofe del aguacate carmero: otra víctima de la violencia ay la sequía”. Domingo 21 de febrero de 2016. Disponible en <http://www.elheraldo.co/region/la-catastrofe-del-aguacate-carmero-otra-victima-de-la-violencia-y-la-sequia-244637>

BAILEY, R. 2013. “Justicia alimentaria en un mundo con recursos limitados”. En: **Reflexiones sobre la ruralidad y el territorio en Colombia. Problemáticas y retos actuales.** Oxfam, Bogotá: 2013.

BLOCH, E. **El principio esperanza.** España: Editorial Trotta, 2006.

CARACOL RADIO. Masivo desplazamiento de campesinos de los Montes de María afectados por la sequía. Febrero 23 de 2016. Disponible en http://caracol.coem.co/emisora/2016/02/23/cartagena/1456191123_168959.html

COLECTIVO DE COMUNICACIONES DE MONTES DE MARIA. **Memorias y relatos consentidos 2008-2011.** Servidigital, Barranquilla: 2012.

CORPORACIÓN DESARROLLO SOLIDARIO, CDS. 2011. “El espacio OPDS Montes de María lidera investigación participativa sobre su economía campesina”. Disponible en <http://montesdemariamitierramididad.blogspot.com.co/2011/12/el-espacio-opds-montes-de-maria-lidera.html>

EL UNIVERSAL. “Continúa alerta por mortandad de peces en Ciénaga de Marialabaja”. 29 de Marzo de 2016. Disponible en <http://www.eluniversal.com.co/cartagena/continua-alerta-por-mortandad-de-peces-en-cienaga-de-marialabaja-222582>

ETNOTERRITORIOS. “Foro sobre Zonas De Reserva Campesina en Montes de María”. Mayo 7 de 2012. Disponible en <http://www.etnoterritorios.org/Caribe.shtml?apc=g-xx-1-&x=5>

FAJARDO, D. “Estudio sobre los orígenes del conflicto social armado, razones de su persistencia y sus efectos más profundos en la sociedad colombiana”. Comisión Histórica del conflicto y sus víctimas. 2014. Disponible en <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/descargas/comisionPaz2015/FajardoDario.pdf>

GARAY L. et al. Cuantificación y valoración de las tierras y los bienes abandonados o despojados a la población desplazada en Colombia. Bases para el desarrollo de procesos de reparación. Décimo primer informe. Comisión de Seguimiento a la política pública sobre el desplazamiento forzado. 2009. Disponible en http://www.codhes.org/index.php?option=com_seg&templateStyle=9

GARCIA, J.F. y otros. “Informe final de diagnóstico del daño de la Asociación Nacional de Usuarios Campesinos, ANUC”. Documento digital, Bogotá. 2015.

MELO, W. “Caracterización multifuncional del modelo agroforestal “Finca Montemariana” en la región de Montes de María, Bolívar”. Tesis de grado. Maestría en Medio Ambiente y Desarrollo. Universidad Nacional de Colombia. Bogotá, 2016

MONTEMARIAAUDIOVISUAL. El Museo Itinerante de la Memoria, un proyecto de alto vuelo. Disponible en <https://montemariaaudiovisual.wordpress.com/2012/02/12/el-museo-itinerante-de-la-memoria-de-los-montes-de-maria-un-proyecto-de-alto-vuelo/>

MÚNERA, L. **Rupturas y continuidades. Poder y movimiento popular en Colombia. 1968-1988**, Bogotá: IEPRI-CEREC, 1998.

OJEDA, D. y otros. “Paisajes de despojo cotidiano: acaparamiento de tierra y agua en Montes de María” **Revista de Estudios Sociales**, No.54, octubre-diciembre, 2015, p. 107-119.

OSORIO F.E y M. HERRERA. “Prácticas de seducción y violencia hacia la quimera del progreso: la combinación de las formas de lucha del capital”. En **Autonomías territoriales: experiencias y desafíos**. Editorial Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá. 2012.

OSORIO F.E. “Tramas entre paramilitarismo y palmicultura en Colombia”. En **Revista Memoria y Sociedad**, Vol. 19, Núm. 39, 2016, p.11-28.

PABÓN, L. “Desde que nos quitaron el río, la vida y el agua ya no serían las mismas: cambios, conflictos y efectos socio – ambientales en torno al acceso y uso del agua en el territorio de Paloalteros, María la Baja, Bolívar (1960 – 2015)”. Tesis de grado. Carrera de Ecología. Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá. 2015.

RODRÍGUEZ C. y N. ORDUZ. **Adiós río. La disputa por la tierra, el agua y los derechos indígenas en torno a la represa de Urrá**. Bogotá: Centro de Estudios de Derecho, Justicia y

Sociedad, Dejusticia, Bogotá 2012. Disponible en:
http://www.dejusticia.org/files/r2_actividades_recursos/fi_name_recurso.290.pdf

RODRIGUEZ, C. 2013. “Comunicación ciudadana en Montes de María,-Colombia-“, **Revista Luciérnaga**, Año 5, Edición 9, p. 99- 115

RODRÍGUEZ, F. 2010. “Regímenes, sistema y crisis agroalimentaria” **El Otro Derecho** No. 42, p. 45-74.

SERJE, M. “El mito de la ausencia del Estado: la incorporación económica de las “zonas de frontera” en Colombia” **Cahiers des Amériques latines**, No. 71, 2013, p 95-117.

TOMAS, C. “Conceptualización, diagnóstico, relevamiento y propuestas. Hacia un enfoque integrador en materia de seguridad y soberanía alimentaria”. En: **Desarrollo rural, soberanía y seguridad alimentaria**. Cristina Díaz y Eduardo Spiaggi, compiladores. Observatorio del Sur, Catedra Fodepal. Universidad nacional del Rosario, Editora. Argentina. 2011.

VERDAD ABIERTA. ¿Cómo se fraguó la tragedia en Montes de María?. 2011. Disponible en:
<http://www.verdadabierta.com/la-historia/la-historia-de-las-auc/2676-icomo-se-fraguo-la-tragedia-de-los-montes-de-maria>

VÍA CAMPESINA. Soberanía Alimentaria, un futuro sin hambre. Declaración de 1996. Roma Italia. Disponible en: <http://www.nyeleni.org/spip.php?article38>.

Recebido para publicação em 05 de julho de 2016.

Devolvido para a revisão em 08 de agosto de 2016.

Aceito para a publicação em 08 de novembro de 2016.

Hablemos con la boca llena. La soberanía alimentaria desde la comunicación comunitaria.

Silvia Magdsick

Licenciada en Trabajo Social. Secretaría de Agricultura Familiar - Delegación Santa.
Ministerio de Agroindustria de la Nación
e-mail: smagdsick@magyp.gob.ar

Gabriel Piedrabuena

Comunicador Comunitario Radio Comunitaria FM Voces de la Costa. ONG Acción
Educativa
e-mail: gabbyo18@hotmail.com

Gabriela Cardoso

Licenciada en Trabajo Social Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria (INTA) -
Agencia de Extensión Rural Monte Vera.
e-mail: cardoso.gabriela@inta.gob.ar

Resumen

El presente trabajo es la recuperación de un proceso de abordaje territorial que articula los ejes soberanía alimentaria y comunicación comunitaria. Se llevó a cabo a partir de un grupo de trabajo interinstitucional conformado por organizaciones públicas y privadas. El objetivo ha sido la sensibilización al público general pero, sobre todo a consumidores y consumidoras, sobre las problemáticas vinculadas a los alimentos que llegan a los grandes centros urbanos: quienes producen, como lo hacen, que dificultades y tensiones existen en el proceso. El documento hace mención a la metodología implementada para llevar a cabo la propuesta. Las formas de abordaje, actores involucrados, los productos generados, las percepciones de los y las participantes, el conocimiento que existe de la temática.

Palabras-clave: Soberanía alimentaria; comunicación comunitaria; abordaje territorial; redes sociales; trabajo interinstitucional.

Falar com a boca cheia. A soberania alimentar desde a comunicação comunitária.

Resumo

O presente trabalho é a recuperação de um processo de abordagem no território que articula os eixos de soberania alimentar e de comunicação da comunidade. Ele foi conduzido a partir de um grupo de trabalho interinstitucional formado por organizações públicas e privadas. O objetivo foi à conscientização do público em geral, mais ainda os consumidores, sobre as questões relacionadas com alimentos que chegam a centros urbanos: os que produzem como eles fazem quais as dificuldades e tensões no processo. O documento faz menção da metodologia usada no projeto. As formas de abordagem, atores envolvidos, os produtos gerados, percepções dos participantes, e os conhecimentos que existem no assunto.

Palavras-chave: Soberania alimentar; comunicação comunitária; abordagem territorial; redes sociais; trabalho interinstitucional.

Talk with your mouth full.

Community communication for food sovereignty.

Abstract

The present work is the recuperation of an experience that approaches the territory from the axes: food sovereignty and community communication. The group that makes it possible is interdisciplinary, conformed by people from public and private organizations. The objective of the process has been the contact with general public, and consumers in particular, about the problems that exist with food that came to the urban centers: who produces, how produce, what are the difficulties and tensions in the process food produce. The document talks about the methodology used in the project. The forms to approach the reality, the people involved, the results, what people (consumers) think about food and, the knowledge on the subject.

Keywords: Food sovereignty; community communication; territorial approach; social networks; agency working.

Introducción

El presente texto se constituye en una síntesis y una adaptación del proceso de sistematización llevado a cabo junto a los actores sociales que formaron parte de la experiencia que se recupera a continuación. Ésta, aborda los ejes soberanía alimentaria y comunicación comunitaria.

El proceso surge a finales del año 2012, cuando un grupo de referentes de los medios de comunicación comunitarios: FM Voces de la Costa, FM Frecuencia Integrada, FM Chalet y, de la agencia de extensión rural de INTA Monte Vera, comienzan a reunirse para establecer un trabajo conjunto sobre la temática Soberanía Alimentaria. Más tarde, el Área de Comunicación Comunitaria (ACC) de la Universidad Nacional de Entre Ríos y, la Secretaría de Agricultura Familiar de la Nación (SAF) delegación Santa Fe, se incorporan como integrantes del proyecto. Se buscó generar instancias de debate y reflexión. Influir en la agenda temática y en la sensibilización acerca de las prácticas concretas de producción, circulación, intercambio y consumo de los alimentos en el ámbito local y regional.

La propuesta mencionada, se materializa en el proyecto *“Desarrollo Territorial: la soberanía alimentaria desde la comunicación comunitaria”*. Forma parte del Programa Federal de Apoyo al Desarrollo Rural Sustentable (PROFEDER), del cual obtiene financiamiento. PROFEDER pertenece a la cartera de proyectos del Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria (INTA)¹. Fue aprobado en setiembre de 2013 como pre-proyecto, obteniendo confirmación definitiva un año más tarde; durante el último trimestre de 2014. La recuperación de la experiencia se realiza sobre un recorte temporal en el proceso, entre noviembre de 2012 y diciembre de 2015. Sin embargo interesa mencionar que es un proceso que continúa en la actualidad.

¹ INTA es un organismo estatal descentralizado con autarquía operativa y financiera, dependiente del Ministerio de Agroindustria de la Nación Argentina.

Metodología

Para llevar adelante la sistematización de la experiencia, se implementaron ciertos pasos vinculados al proceso metodológico de recuperación de relatos, datos e información.

Este trabajo se generó con el acompañamiento técnico y financiero del Proyecto Específico (en adelante PE) Fortalecimiento de Tramas Sociales y Gobernanza Territorial. El mismo es un desprendimiento del Proyecto Integrador “Gestión de la Innovación Territorial”, enmarcado en el Programa Nacional de INTA para el Desarrollo y la Sustentabilidad de los Territorios. La propuesta del PE incluye las tramas socio -institucionales y la gobernanza territorial, ámbitos en los que se implementa la gestión de la innovación institucional y organizacional para los procesos de desarrollo.

La primera instancia del proceso, tuvo que ver con la vinculación entre los equipos de sistematización del país – entre los cuales está el equipo de sistematización del departamento La Capital, Santa Fe- y, coordinadores/as del PE. Esta instancia permitió adquirir conocimientos, comenzar a plantear dudas e inquietudes y generar una aproximación en torno de la implicancia del proceso. Paralelamente se construyó una herramienta que permitió, de forma virtual, el intercambio de información y la comunicación. Mediante estos espacios se compartieron propuestas y material bibliográfico de guía y consulta.

Se generaron las primeras reuniones del equipo sistematizador del territorio del departamento La Capital. En ese espacio se evaluó necesaria una instancia de estudio y reflexión, que dio paso a la planificación del proceso.

La ejecución del plan implicó la planificación e implementación de cuatro talleres con el grupo de trabajo. La dinámica a través de la cual se llevaron a cabo los mismos, contemplaron momentos de producción individual y grupal. Se utilizó como referencia el material propuesto por los/as coordinadores/as del PE. Estas instancias fueron enriquecedoras y vehiculizaron la memoria sobre el proceso e instancias de reflexión grupal que, no solo sirven a los efectos de recuperación de la experiencia, sino que han permitido redireccionar el proceso en curso.

Más tarde se concretaron entrevistas individuales a los actores directos que han sido protagonistas pero que, en la actualidad, no forman parte del proceso. Hubo también entrevistas individuales con los actores indirectos, coordinadores/as y responsables de las instituciones que participan.

Se recuperaron y analizaron registros fotográficos, informes, actas, convenios, notas que se cruzaron entre las organizaciones a lo largo del proceso.

La información obtenida en las instancias anteriores, fue analizada en talleres y reuniones del equipo de sistematización. En estos espacios se definieron ejes temáticos que se pusieron en diálogo con el material bibliográfico seleccionado.

El último momento del proceso fue la elaboración del documento de sistematización.

El objetivo propuesto

Recuperar y analizar la experiencia del proyecto “Desarrollo territorial: la soberanía alimentaria desde la comunicación comunitaria” entre noviembre de 2012 y diciembre de 2015.

La pregunta eje que guió la recuperación de la experiencia, se definió de la siguiente manera: “*¿Cómo ha sido el proceso de articulación intra e interinstitucional de los actores sociales intervinientes y, entre este colectivo y las comunidades participantes, para el abordaje de la Soberanía Alimentaria?*”.

Las preguntas de sistematización fueron:

¿Qué motivó la articulación?

¿Cuáles han sido las limitantes y los facilitadores en el proceso de articulación?

¿Qué tensiones existen en la articulación?

¿Qué estrategias se implementaron para el abordaje de la soberanía alimentaria?

¿Cómo se ha dado la articulación con la comunidad?

Caracterización del territorio.

El trabajo recuperado se enmarca en el territorio del departamento La Capital, de la provincia de Santa Fe. Forma parte de la región del Litoral Argentino, comprende las costas y zonas adyacentes al río Paraná. Al oeste, el departamento encuentra su límite en la costa del río Salado.

El territorio posee un aglomerado urbano constituido por el Gran Santa Fe, con aproximadamente 500 mil habitantes. Los centros urbanos con mayor población son Santa Fe y Santo Tomé, seguidos por las ciudades de Recreo y San José del Rincón.

En el extremo este del departamento, sobre la ruta provincial nº1, se desarrolla la zona productiva y turística denominada La Costa. Esta incluye a las localidades y urbanizaciones Arroyo Leyes, San José del Rincón, Colastiné, La Guardia.

Sistema productivo: En cuanto a las producciones de la zona se destaca la fruti – horticultura a partir del cinturón hortícola, que comprende las localidades de Santa Fe, Monte Vera, Arroyo Aguiar y Recreo.

En la zona de La Costa, la pesca artesanal y la frutihorticultura -esta última fundamentalmente a partir del cultivo de frutilla-, adquieren protagonismo.

Otras actividades con un fuerte arraigo cultural en el departamento, visibilizadas a partir de la herramienta Registro Nacional de la Agricultura Familiar (RENAF)²son la pesca artesanal y la ganadería de islas. La apicultura es una práctica complementaria que se visualiza en todo el departamento. Los actores que desarrollan las actividades mencionadas, pertenecen fundamentalmente al sector de la agricultura familiar.

Desde hace algunos años, aunque como práctica subsidiaria, emergen en la región los circuitos cortos³, como una estrategia de comercialización que permite la optimización en la apropiación de la renta por parte de agricultoras y agricultores familiares y, emprendedores y emprendedoras. Al mismo tiempo mejora los precios y la calidad a los consumidores finales de los productos.

Aproximación diagnóstica que da origen a la experiencia

El nuevo sistema alimentario global genera un deterioro en la seguridad y soberanía alimentaria del conjunto de la población por un lado y, una pérdida del saber y las prácticas relacionadas con lo culinario, por otro. Existe falta de información y desconocimiento generalizado acerca de lo que se come, quienes lo producen, como lo producen, de donde proviene.

El proceso de globalización que se materializa y adquiere preponderancia en los años 80, influye en el sistema alimentario profundizando el protagonismo de las empresas multinacionales y en detrimento del sector productor de los mismos. Estas empresas impulsaron la homogeneización de la producción y la integración vertical.

En tal sentido, es interesante el aporte de Fontanet y García. Los autores explican la concentración económica del mercado de alimentos en Argentina. Indican que el sector

² RENAF nace en 2007 (Resolución 255/07). El objetivo de este instrumento es contar con información completa, fehaciente, confiable y actualizada de todos los potenciales destinatarios de las acciones y servicios que el Estado disponga para el sector de la Agricultura Familiar en todo el país.

³Comparación de precios: verduras frescas comercializadas en ferias cuestan entre un 20 y 77 por ciento menos que en supermercados. Al romper con el eslabón de concentración, las erogaciones van directamente a productores. Dirección de Ferias Francas de la SAF y Proyecto Mercados y Estrategias Comerciales del INTA.

supermercadista se ha convertido en un actor capaz de direccionar las pautas de consumo de la población. Mencionan la presencia de cerca de 8700 bocas de expendio. Para el año 2011 las seis mayores cadenas de supermercados reunían el 15% de las bocas totales, sin embargo comercializaban el 58% del total de alimentos y bebidas. Concluyen en que la situación enunciada hace que los supermercados definan los precios a consumidores finales y las condiciones de pago para sus pequeños y medianos proveedores (FONTANET; GARCIA, 2015).

Ciertas perspectivas plantean que la alta concentración del mercado y la falta de políticas regulatorias del Estado para intervenir en la economía, tienen incidencia en la nutrición de la población y en el sistema de precios de los productos. Todo lo anterior repercute fundamentalmente en los actores que se encuentran en los extremos de la cadena: productores y consumidores (GONZALEZ; MORICZ; DUMRAUF, 2013).

Varias son las problemáticas que atraviesa el sector de la agricultura familiar en la región, el país y a nivel global. Esta situación se encuentra íntimamente vinculada con la soberanía alimentaria, sobre todo si se considera que entre el 50 y el 70% de los alimentos que se consumen mundialmente provienen de la agricultura familiar.

En el departamento La Capital existe un importante avance de urbanizaciones sobre las zonas productivas. Esto se torna manifiesto en todo el territorio, pero adquiere mayor relevancia en las localidades de Santa Fe, San José del Rincón y Arroyo Leyes. Trae aparejado una fuerte tensión entre los actores de los cinturones productivos y el negocio inmobiliario.

La puja por el uso del espacio se torna irremediable, si se consideran las diferencias de intereses, motivaciones y aspiraciones sobre el territorio. La falta de una adecuada planificación territorial agudiza el conflicto y es una constante en el departamento.

La situación de la amplia mayoría de las familias agricultoras en relación a la tenencia de la tierra es precaria. Un ínfimo porcentaje es dueña de la tierra en la que produce. Esto impide la planificación a largo plazo y pone de manifiesto la fragilidad de la actividad y el sector. No existen políticas públicas vinculadas a resolver o mejorar la situación de tenencia de tierras en el sector de la agricultura familiar. La acción registrada en la provincia de Santa Fe vinculada con la temática data del 2013 cuando, a partir del decreto 2.871, se reglamentó la ley nº 13.334 que declara por el término de cinco años la emergencia en materia de propiedad y posesión de las tierras ocupadas por los pequeños productores y otros sujetos rurales. Sin embargo esta medida no deja de ser un paliativo al problema.

La larga intermediación es una característica en la comercialización de los alimentos en la región. Esto no solo impacta en precios, también deteriora la calidad. En el

último tiempo se han generado espacios de comercialización directa entre agricultores y consumidores, pero es aún una práctica subsidiaria.

Un importante porcentaje de insumos que se utilizan en la agricultura del departamento, se encuentran con precios referenciados en moneda extranjera. De acuerdo al relato de los agricultores significan un porcentaje importante en la estructura de costos de producción. Como respuesta a lo anterior y en el marco de acciones tendientes a abordar la soberanía alimentaria, desde hace algunos años, existe un grupo de agricultores urbanos y periurbanos multiplicando y produciendo semillas criollas y nativas⁴. En el mismo sentido, la producción agroecológica aparece como una posibilidad de mejora en variados aspectos. No solo atendiendo al tema costos sino también, como un sistema productivo que se integra a espacios periurbanos, contribuyendo a la mejora en la calidad de vida del conjunto de la población.

La invisibilización del rol y la participación de las mujeres en la producción de alimentos, no es ajena a la realidad del departamento. Esta situación se materializa tanto en instrumentos estandarizados de políticas públicas (censos, relevamientos de productores, subsidios, etc.), como en instancias de capacitación destinadas al sector. En las visitas a los predios productivos, queda de manifiesto que las mujeres tienen una participación tan o más relevante que la de los varones, en la producción de alimentos.

Por otro lado, se hace explícita la falta de acceso de amplios sectores de las zonas vulneradas (socioeconómicamente hablando) a alimentos. Es un dato que surge del contacto con las familias huerteras, referentes institucionales y de organizaciones sociales y, representantes de comunas y municipios con quienes se articula el trabajo de extensión en zonas urbanas y periurbanas. Es un relato que surge del contacto con la comunidad, con los oyentes de los medios comunitarios. Sin embargo, no solo el tema del acceso es un conflicto, si de alimentos se trata. Ni tampoco tiene que ver exclusivamente con los sectores sociales vulnerados. La soberanía alimentaria implica dimensionar la calidad de los mismos, el acceso a los recursos naturales y genéticos necesarios para producirlos, implica la decisión sobre lo que producir pero, no como un tema exclusivo de sectores productivos, sino como un debate necesario a nivel social. La soberanía alimentaria, para el grupo involucrado en el proyecto, implica reflexionar acerca del desarrollo: establecer de forma colectiva los procesos y las prácticas que contribuyen al buen vivir. La frase que el grupo generó para, en resumidas cuentas, hablar de soberanía alimentaria es “*por el derecho a elegir que comer y como producir*”. Este se constituyó en el slogan del proyecto.

La propuesta se centra en visibilizar y poner en valor a los protagonistas de la agricultura familiar y del trabajo auto-gestionado: su perspectiva, su situación de vida y

⁴ El colectivo se denomina Casa de Semillas del Litoral. Para más información del grupo consultar: <https://www.facebook.com/casadesemillas/>

trabajo, sus preocupaciones y problemáticas. Se hace necesario dar cuenta de cómo lo anterior, impacta en el acceso y la calidad de los alimentos que se consumen a diario en los centros urbanos, ya que existe un desconocimiento generalizado acerca de las problemáticas que atraviesan a la trama socio económica y productiva de la región. Favorecer la visibilización del nexo e instar por la sensibilización acerca de su importancia, es lo que funda y da origen a la experiencia.

La iniciativa de dar comienzo a este trabajo surge en los intercambios entre INTA Monte Vera y las radios comunitarias. En ese marco, la ley de Servicios de Comunicación Audiovisual⁵ (mediante la concesión de derechos y obligaciones a los actores de la comunicación comunitaria), brindó la oportunidad y la motivación necesarias para llevar a cabo la propuesta. La ley reconocía a las radios comunitarias como sujetos de radiodifusión y establecía la reserva del 33% del espectro en tv y radio a su favor.

Se planteó entonces, la posibilidad de interpelar y promover la construcción de nuevos sentidos sobre los procesos de producción, circulación, intercambio y consumo de alimentos. Es así que la comunicación comunitaria en el territorio contribuyó a la “desnaturalización” de ciertos preconceptos, acercando diferentes voces, reflexionando e intercambiando saberes. Lo anterior como un camino para alcanzar un desarrollo con inclusión social, integración nacional y sustentabilidad.

Desde la Facultad de Periodismo y Comunicación Social de la Universidad Nacional de La Plata (UNLP), proponen pensar la comunicación desde la generación de mensajes propios, a partir del conocimiento del otro. Esta propuesta es entendida como una forma de comunicación que fortalece los proyectos de desarrollo: “...la producción de mensajes, fortalece nuestra identidad, porque nos invita a la reflexión permanente sobre quiénes somos y que tenemos para decir sobre nuestra realidad y nuestras propuestas de cambio”. (UNLP. 2002, p.16).

La experiencia que se recupera, insta por potenciar las herramientas y estrategias de este tipo de comunicación, para dialogar junto a la comunidad del departamento La Capital -y especialmente a consumidores y consumidoras-, sobre la situación actual del alimento (Imagen 1).

⁵ La ley 26.522 fue generada por el movimiento Coalición por una Radiodifusión Democrática, que representa a 300 organizaciones sociales de argentina. La gestión de gobierno que asume en 2015 -mediante decreto de necesidad y urgencia (DNU)-, deja sin efecto la ley y genera el Ente Nacional de Comunicaciones (ENACOM).

Imagen 1: Logotipo de identificación del proyecto.**El proceso: Los primeros pasos**

El nexo entre los medios de comunicación comunitarios Voces de la Costa, Frecuencia Integrada, FM Chalet y la Agencia de Extensión Rural INTA Monte Vera, tiene larga data en el territorio. Previo a esta experiencia, se constituía en acciones aisladas, sin planificación ni criterios explicitados, respondiendo a necesidades que se presentaron en torno a temas coyunturales: emergencias climáticas, entrega de insumos, difusión de jornadas de capacitación, por citar algunos ejemplos.

Lo que hace posible profundizar la articulación interinstitucional, radica en la mirada con la cual los actores involucrados en la propuesta, intervienen en el territorio: la perspectiva de redes sociales. Es el reconocimiento mutuo que poseen del enfoque relacional, lo que motiva el proceso de articulación de esta experiencia.

El inicio del proceso colectivo: entre marchas y contramarchas.

El arribo a una mesa de trabajo interinstitucional, pretende el paso de una estrategia comunicacional de tipo difusionista, a otra basada en la generación de diálogos y conocimientos con la comunidad. Desde esta perspectiva el grupo entiende la comunicación como un proceso que se da en los intercambios que suceden en la práctica.

De los relatos recuperados, se desprende que algunos/as participantes se vincularon con la experiencia por inquietud y necesidad personal y, movilizadas/as por la forma de abordaje implementada. Otros/as plantean que lo hacen a partir del compromiso que sienten por compartir saberes adquiridos y, por el hecho de contar con el recurso material -medio- para socializarlo. Resulta importante mencionar que algunos actores se suman a la experiencia por mandato institucional. Hubo organizaciones que impulsaron la participación de personas con ciertos roles dentro del medio de comunicación, con el propósito de sumar capacidades a la propuesta. Esto se observa entre quienes ocupan posiciones en la operación técnica.

La instancia grupal dio como resultado una experiencia enriquecedora sobre todo, para aquellas radios comunitarias que, producto de una menor acumulación de capital social, se mantenían al margen de información relevante para el sector. El intercambio

favoreció un proceso de fortalecimiento de algunos de los procesos de comunicación comunitaria existentes.

Las organizaciones y la articulación inter institucional: manteniendo el equilibrio.

Durante la implementación del proyecto, se presentaron situaciones problemáticas al interior de las radios comunitarias. Las que han tomado mayor dimensión estuvieron relacionadas con el mantenimiento y reparación del equipamiento. Estas situaciones, toda vez que se presentaron, desviaron los objetivos del proyecto y generaron que el grupo atienda estas problemáticas. Las situaciones enunciadas, que seguramente son problemáticas recurrentes entre los medios de comunicación, generan al interior de los medios comunitarios complicaciones que suelen dejar fuera de aire a las emisoras por meses. Solucionar estos inconvenientes, aunque solo se trate de mantenimiento de los equipos, conlleva complicaciones inusitadas para lo cual es necesario desplegar una amplia red de diversos y variados recursos. Esta logística se transforma en una tarea más que llevan adelante las organizaciones para gestionar la comunicación comunitaria. Esta es otra de las instancias en las cuales el capital social y cultural reviste fundamental importancia y, en algunos casos es lo que define la continuidad o no de las emisoras.

La situación descripta pone de manifiesto la complejidad de la articulación, sobre todo cuando se trata de organizaciones tan diversas, como es el caso de las públicas y las de la sociedad civil. Se constituyó en un constante desafío equilibrar la dinámica institucional de las organizaciones públicas -vinculadas a expectativas de tiempos, impactos, resultados, evaluaciones, presupuestos-, con el proceso en desarrollo.

Los productos: diálogo, crisis y materiales comunicacionales.

Los primeros abordajes, tuvieron que ver con la producción de contenidos: artísticas, spots y cuñas radiales. Las piezas comunicacionales se guionaron, grabaron y editaron. Se generó una articulación con colectivos de agricultores/as, quienes brindaron datos e información de la zona y de sus propias realidades; insumo con el cual se produjo el material. Ese diálogo que se generó con el territorio, a partir de una red de vínculos preexistentes, fue la forma de abordaje convenida por el grupo para la socialización de la realidad de quienes producen alimento.

Para dar continuidad a la tarea, el grupo decide contactarse con representantes, referentes e intelectuales vinculados/as al sector productor de alimentos de la zona. Se concretaron entrevistas que fueron registradas en formato de audio⁶. Esta actividad tuvo un doble propósito; por un lado seguir adquiriendo conocimientos y por otro, tener material

⁶Se realizaron entrevistas a: presidente y vocal del Consorcio de Pequeños Productores Hortícolas Santafesinos; Dra. Silvia Lilian Ferro; representante de la ONG La Verdecita; técnicos de INTA Monte Vera; técnicos de la Secretaría de Agricultura Familiar de la Nación delegación Santa Fe.

disponible con el cual emitir micros radiales. El resultado de las mismas fue enriquecedor y se logró adquirir buen material con información interesante, actualizada, reveladora. Sin embargo se llegó a la situación de contar con gran cantidad de horas de audio generado y no poseer ni tiempo, ni capacidad técnica para generar el formato necesario para emitir o poner al aire el material.

En esa instancia del proceso se suma una comunicadora al grupo, al tiempo que deja de participar la única representante de una de las radios. Esta situación resulta en que tras el primer año de implementación, sean dos radios comunitarias participando del proyecto.

Todo lo anterior, motiva un período de crisis⁷ al interior del equipo. Esta instancia de crisis es la que moviliza al grupo a reflexionar sobre sus limitaciones: falta de recurso humano y de capacidad técnica para producir los contenidos planificados.

Esa crisis es determinante a la hora de plantear como estrategia, la vinculación con otras organizaciones. El propósito sería fortalecer el espacio y pensar nuevas formas de abordaje junto a actores que se consideraron con cierta *expertise* en el tema. Esta situación deriva en que, más tarde, ingresen nuevos miembros: SAF y ACC.

Esto motiva a desestimar el material generado en las entrevistas y cambiar el formato. Se instaría por producir en el estudio de grabación, entrevistas a agricultores/as familiares a partir de preguntas disparadoras. Esta nueva propuesta tendía a suplir la necesidad de grandes ediciones de material para lo cual el grupo no tenía capacidad.

Se realizan micros radiales que contaron con la participación de emprendedores/as, feriantes, agricultores/as y multiplicadores/as de semillas, quienes compartieron saberes, experiencias⁸. También para esta actividad se recurre a la red de vínculos preexistentes. Estos vínculos están dados fundamentalmente a través de INTA, son colectivos con los cuales se lleva a cabo el trabajo de extensión. Se genera en el estudio de grabación un intercambio con el territorio, a partir de las voces y los relatos de quienes intervienen en la producción de alimentos y en procesos propios de la economía social y solidaria.

⁷Se entiende que "la crisis determina cambios profundos en la orientación, en los propósitos, en la intencionalidad de la organización y la motivación de su gente" (ARITO. 2010, p. 6).

⁸Participan de los micros: agricultura Consorcio de Pequeños Productores Hortícolas Santafesinos, grupo Casa de Semillas del Litoral, feriantes de: Feria de las 4 Vías (Santa Fe), Feria de la Costanera (Santa Fe), emprendedora comercializa dulces y conservas (Arroyo Leyes), huerteros y huerteras del departamento.

Fotografía 1: Micro radial “Emprendimientos de la economía social y solidaria en el departamento La Capital”.

Fue generado con la participación de feriantes y agricultoras de la región.



Imagen: Cecilia Páez.

Fotografía 2: Micro radial con “Casa de semillas del Litoral”.

Se produjo a partir del aporte de agricultores y miembros del grupo de multiplicadores/as de semillas nativas y criollas.



Imagen: Cecilia Páez.

Fotografía 3: Edición y producción de piezas comunicacionales.

Comunicadores/as comunitarios/as fueron los realizadores de los materiales generados desde el proyecto.



Imagen: Cecilia Páez.

Concluidos los micros planificados y, con el objetivo de suplir las carencias que fueron identificadas en lo operativo de la propuesta, el grupo decide poner a rodar el engranaje de vínculos personales e institucionales y se vincula con otras organizaciones: Secretaría de Agricultura Familiar de la Nación (SAF) y el Área de Comunicación Comunitaria (ACC) de la Universidad Nacional de Entre Ríos.

La estrategia implementada a partir de la nueva configuración del equipo de trabajo se modifica sustancialmente, producto en parte, de los aportes de las nuevas integrantes. Las propuestas orientadas al encuentro directo con la población destinataria, se convierten en el aspecto priorizado para el abordaje de la soberanía alimentaria y la comunicación comunitaria: se realizan capacitaciones y talleres, radios abiertas, jornadas de sensibilización de la temática, participación en ferias de la economía social y solidaria.

Fotografía 4: Radio abierta.

Feria de la Economía Social y Solidaria. Ciudad de Santa Fe.



Imagen: Cecilia Páez.

Fotografía 4 e 5: Radio abierta.

Permaferia. Ciudad de San José del Rincón.



Imágenes: Marianela Morzán.

Fotografía 6: Mapeo colectivo vinculado productos agroecológicos de la región.

Distrito Monte Vera.



Imagen: Marianela Morzán.

Imagen 2: Taller de reflexión sobre soberanía alimentaria y comunicación comunitaria.
Orientado a comunicadores/as comunitarios/as. Ciudad de Santa Fe.



Imagen: Gabriela Redero.

Resultados

Durante el proceso se instaló la temática. Existió un especial interés y audiencia entre comunicadores comunitarios y nutricionistas (también a partir del colegio de profesionales) y, estudiantes universitarios ligados a la carrera de nutrición. Los encuentros y productos se realizaron en espacios comunitarios y a través de los medios comunitarios que forman parte del proyecto.

Las actividades estuvieron orientadas a la sensibilización sobre la temática soberanía alimentaria. Los talleres se orientaron a la visibilización del sector que produce alimentos y, a la reflexión sobre algunas prácticas naturalizadas y legitimadas socialmente.

Se observa desconocimiento general sobre la impicancia de la temática. Ha sido posible identificar improntas románticas como denominador común de los conocimientos sobre el tema.

Existe una tendencia por la cual lo antiguo está de moda. En ese marco la autoproducción de alimentos en espacios urbanos se actualiza y, es uno de los aspectos por los cuales se explica parte de la audiencia con la cual se trabajó. Por otro lado, ha habido en los últimos años una creciente preocupación sobre la calidad de los alimentos (relacionada con la forma de producirlos y los procesos), que también es responsable de la participación en los talleres promovidos. Vinculado a esto, las modas alimentarias aparecen entre las inquietudes recurrentes. La perspectiva política del concepto es lo que en menor medida ha aparecido entre los y las participantes de talleres y otras dinámicas orientadas a la

comunidad. Como síntesis, se puede afirmar que las percepciones sobre la temática dan cuenta de una aproximación sesgada al concepto.

Las diferentes posiciones con las cuales destinatarios/as arribaron a los encuentros, ha sido incentivo para la discusión y el intercambio de posiciones y puntos de vista. Se pudo constatar un marcado interés por la temática.

Existe falta de información sobre las manifestaciones de la soberanía alimentaria en el departamento La Capital. Esto motivó a la generación de un mapeo colectivo⁹. Se avanzó en la identificación y el relevamiento de los grupos de agricultores/as organizados/as para la comercialización. Se considera necesario fortalecer estos abordajes y allanar el terreno que propicie que la economía social se instale como una forma no alternativa sino, complementaria, en los circuitos comerciales. Para eso es necesario incidir en la agenda pública, propiciar una masa crítica que proponga / demande el crecimiento de estos espacios. En ese sentido se torna preciso seguir fortaleciendo la comunicación y el acercamiento entre los agricultores/as y los consumidores/as locales.

Se realizó un compilado de micros radiales sobre la temática soberanía alimentaria. El mismo fue socializado en la región y en los espacios donde el proyecto participó y/o compartió su experiencia. Esto formó parte de las campañas que llevo adelante el proyecto y que implicaron: cuñas y spots radiales sobre la temática. Los mismos se implementan en las radios comunitarias y radios abiertas¹⁰ en las que participó el proyecto.

Otro producto tiene que ver con facilitar una biblioteca temática en las radios comunitarias participantes, sobre soberanía alimentaria.

Entre las expectativas a futuro que el grupo explicita, se lista la necesidad de fortalecer la articulación del proyecto con las organizaciones que lo conforman.

Conclusiones: Relación con la comunidad

La articulación con la comunidad se dio de diversas formas, según el momento de la experiencia de que se trate. Siempre se partió de la red de vínculos preexistentes. Esta red se construyó en base a los aportes de las organizaciones involucradas en el proyecto.

La primera etapa se caracterizó por la producción de materiales comunicacionales. Tuvieron el propósito de visibilizar la situación de quienes producen alimentos en el departamento La Capital. Focalizando los aspectos vinculados al acceso a los recursos básicos necesarios para llevar adelante la producción.

⁹ Se trata de una herramienta lúdica que facilita la construcción de un relato colectivo sobre un territorio determinado. El objetivo de esta dinámica es reflexionar sobre el territorio que se habita y formar nuevas percepciones sobre este.

¹⁰La radio abierta es una dinámica que permite plantear desde el audio, la cobertura de un acontecimiento. Desde el proyecto se han planteado además, instancias de reflexión que se amplificaron a través de esta herramienta. La radio abierta es un nodo sonoro para la dinamización grupal.

Durante este período, se generó una articulación fluida con organizaciones sociales, referentes del sector y agricultores y agricultoras familiares. A partir de esos relatos se generaron piezas comunicacionales. Este material fue reproducido por las radios y, a través de espacios de intercambio donde el proyecto participó.

El arribo a esta forma de abordaje se sustenta en la noción de ciudadanía comunicativa. Siguiendo la línea argumentativa de Cristina Mata esta categoría “[...] implica el desarrollo de prácticas tendientes a garantizar los derechos en el campo de lo específico de la comunicación [...] alude a la conciencia práctica, posibilidad de acción” (MATA, 2006, p. 13).

Esta instancia tuvo como característica el contacto con la comunidad a partir de un medio: fundamentalmente las radios comunitarias.

Los productos fueron los siguientes: spots, cuñas y artísticas diseñadas en formato radial; biblioteca temática en las radios comunitarias; micros radiales; logo y slogan de identificación del proyecto; materiales gráficos de presentación e información sobre la propuesta; generación de espacio en redes sociales para favorecer la comunicación del grupo de trabajo y, del proyecto con otros; activación de herramientas digitales para compartir los productos generados.

Más tarde se modifica la estrategia. Se toma como método de articulación con la comunidad, la animación sociocultural¹¹. Se promovió la participación activa de los y las destinatarias en espacios de debate y reflexión sobre la situación del alimento. Se buscó instalar la temática: socializarla, visibilizarla. Durante ese segundo momento se hace hincapié en el contacto directo con la comunidad. La herramienta implementada fue básicamente el taller¹². También existieron intervenciones a partir de radios abiertas y otras técnicas participativas como el mapeo y los juegos pautados.

Consideraciones finales

Las expectativas relacionadas con esta propuesta, tienen que ver con el fortalecimiento de los espacios de discusión y reflexión sobre el alimento. Al mismo tiempo, que estos espacios avancen hacia instancias de toma de decisiones colectivas; y que éstas se traduzcan en acciones favorecedoras de la soberanía alimentaria en la región.

Se espera avanzar en relevamientos que profundicen el conocimiento y la información disponible. Indagar sobre los ejes agricultura familiar, consumo, economía social

¹¹“La animación sociocultural busca la materialización de una propuesta a partir de la participación de los ciudadanos; se pretende la discusión abierta, el debate, escuchar y entender, tomar decisiones pactadas, responsabilidad compartida” (UNLA, 2006, p.83).

¹²En el taller se parte siempre del conocimiento que el grupo aporta. Se integran los conocimientos y las experiencias. Se trata de que la atención se focalice en los participantes y no en quien coordina.

y solidaria. Todo lo cual permita plantear propuestas superadoras. Brindar datos que promuevan políticas públicas vinculadas a la soberanía alimentaria en la región.

Interesa sostener y fortalecer los vínculos generados durante el proceso. Al mismo tiempo que fortalecer la vinculación del proyecto con las organizaciones de referencia del mismo.

Referencias

ARITO, S y CERINI, L. Malestar, conflicto y crisis en las organizaciones. In: Facultad de Trabajo Social, **Cuadernillo Ciclo de Complementación Curricular: Análisis Institucional y Organizacional**. Paraná, Entre Ríos: Ediciones Universidad Nacional de Entre Ríos, 2010. p. 1 – 22.

FONTANET, F.; GARCIA, A. Otros vínculos entre productores y consumidores. In: INTA, **Somos la Tierra: Historias y retratos de la agricultura familiar en la Argentina**. Buenos Aires: Ediciones INTA, 2015. p. 70-71.

GONZALEZ, E.; MORICZ, M.; DUMRAUF, S. GT10. Territorio, economía social y desarrollo rural: Modalidades Alternativas de comercialización en la agricultura familiar. Disponible en: <http://www.trabajosocial.unlp.edu.ar/uploads/docs/gt10___modalidades_alternativas_de_comercializacion_en_la_agricultura_familiar_.pdf>. Acceso en: 14 de mar. 2016.

MATA, M. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico- políticos de su articulación. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, São Leopoldo, VIII (1), p 5-15, jan. – abr. 2006.

UNIVERSIDAD NACIONAL DE LANUS. Departamento de Salud Comunitaria. **Abordaje Integral de Problemáticas Sociales en el Ámbito Comunitario: Instrumentos de Intervención Comunitaria**. Lanús, Buenos Aires: Editorial Artes Gráficas. 2006.

UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA. Facultad de Periodismo y Comunicación Social. **Sembrando mi tierra de futuro: Comunicación, planificación y gestión para el desarrollo local**. La Plata, Buenos Aires: Ediciones de la Unidad de Prácticas y Producción de Conocimiento de la Facultad de Periodismo y Comunicación Social. 2002.

Recebido para publicação em 04 de julho de 2016.

Devolvido para a revisão em 13 de julho de 2016.

Aceito para a publicação em 26 de setembro de 2016.

COMPÊNDIO AUTORES

ACOSTA Claudia Yolima Devia. **Orinoquia colombiana, la influencia del agronegocio y la actividad petrolera: territorialidades en disputa.** Ano 18. n. 28. p. 68-91, 2015.

ACUÑA, Isaías Tobasura. **De campesinos a empresarios. La retórica neoliberal de la política agraria en Colombia.** Ano 12, n. 15 p. 07-21, 2009.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **Cultura, trabalho e lutas sociais entre trabalhadores agro-extrativistas do Rio Valparaíso na Amazônia acreana.** Ano 7, n. 5 p. 13-33, 2004.

ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Reflexões sobre a participação dos assentados nas eleições municipais.** Ano 8, n. 6 p. 59-74, 2005.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. **O conceito de região e a problemática dos assentamentos rurais.** Ano 1, n. 2 p. 74-93, 1998

ALMEIDA, Antônio Alves de. **A mística na luta pela terra.** Ano 8, n. 7 p. 22-34, 2005.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Análise preliminar da assistência técnica nos assentamentos de reforma agrária do Estado de Mato Grosso do Sul.** Ano 3, n. 3 p. 58-67, 2000.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de; HÉRNANDEZ, David Gallar; COLADO, Ángel Calle. **A “nova” questão agrária em Andalúcia: processos de recampesinização em tempos de impérios agroalimentares.** Ano 17. n. 24. p. 09-35.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 13, n. 16 p. 22-32, 2010.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 15, dossiê, p. 93-102, 2012.

ANDRADE, Patrícia Soares; VIANA, Masilene Rocha. **Entre o avanço do agronegócio e a política de assentamentos rurais: a intervenção pública na questão agrária e fundiária piauiense.** Ano 19, n. 30, p.80-97, 2016.

AQUINO, Maria Lúcia Santos; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de; SILVA, Zenobio Abel Gouvêa Perelli da Gama e. **Manejo madeireiro na floresta estadual do Antimary, estado do Acre, Brasil.** Ano 14. n. 19 p. 104-135, 2011.

ARACH, Omar. **Problemática y febril. Una mirada a la expansión del biodiesel en argentina.** Ano 18. n. 28.p.19-31.2015.

AVILA, Camilo Alejandro Bustos. **O componente social do Plano Colômbia e a territorialidade da comunidade camponesa-indígena Awá do departamento de Putumayo (Colômbia).** Ano 16. n. 22. p. 09-26, 2013.

BAGLI, Priscilla. **O camponês nas análises de Rousseau, Michelet e Marx: diferenças e semelhanças.** Ano 7, n. 5 p. 63-72, 2004.

BARBAY, Claire. **Vers de nouvelles relations ville-campagne: les travailleurs ruraux et la création de nouveaux lieux.** Ano 9, n. 9 p. 1-27, 2006.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **A interdependência entre estado e MST na constituição de um assentamento de reforma agrária.** Ano 15, n. 20 p. 83-98, 2012.

BARRI, Juan. **Renta Agraria em contextos de alta productividad: las contradicciones emergentes en el actual régimen de producción agropecuaria argentino.** Ano 16, n. 22. p. 27-42, 2013.

BASU, Pratyusha. **Scale, place and social movements: strategies of resistance along India's Narmada river.** Ano 13, n. 16 p. 96-113, 2010.

BATISTA, Ândrea Francine. **A formação e a organização política na territorialização contra-hegemônica: a experiência da Via Campesina sudamérica.** Ano 17, n. 24. p. 51-70.

BATISTA, Edimar Eder. **Complexidade das relações entre campo e cidade: perspectivas teóricas.** Ano. 18, n. 29.p.101-132. 2015.

BELLACOSA, Julia Marques. **Os desafios da produção camponesa frente à expansão dos agrocombustíveis, o assentamento Monte Alegre: Araraquara-SP.** Ano 16, n. 22. p. 55-81, 2013.

BELO, Diego Carvalho; PEDLOWSKI, Marcos Antônio. **Acampamentos do MST e sua importância na formação da identidade do sem terra.** Ano 17, n. 24. p. 71-85, 2014.

BEM, Anderson; FABRINI, João Edmilson. **A comercialização informal de leite como componente de resistência camponesa em Marechal Cândido Rondon - PR.** Ano 8, n. 6 p. 14 -23, 2005.

BENINI Edi Augusto; BENINI, Elcio Gustavo. **Reforma agrária no contexto da economia solidária.** Ano 11, n. 13 p. 6-15, 2008.

BERNARDES, Júlia Adão. **Dimensões da ação e novas territorialidades no cerrado brasileiro: pistas para uma análise teórica.** Ano 10, n. 10 p. 1-10, 2007.

BEZERRA, Juscelino Eudâmidas. **Agronegócio e ideologia: contribuições teóricas.** Ano 12, n. 14 p. 112-124, 2009.

BINSZTOK, Jacob; CARNEIRO, Mônica. **Integração nacional, desenvolvimento capitalista e projetos modernizantes na Amazônia: retrospectiva e perspectiva de despojos da mineração Rio do Norte – PA.** Ano 18, n.28. p.92-105. 2015.

BÔAS, Rafael Litvin Villas. **Terrorismo à brasileira: a retórica da vez da classe dominante contra o MST.** Ano 11, n. 13 p. 156-165, 2008.

BRINGEL, Breno Marqués. **El lugar también importa. Las diferentes relaciones entre Lula y el MST.** Ano 9, n. 9 p. 28-48, 2006.

BRUMER, Anita. ANJOS, Gabriele dos. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar.** Ano 11, n. 12 p. 6-17, 2008.

BRUMER, Anita. SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Estudos agrários no Brasil: modernização, violência e lutas sociais (desenvolvimento e limites da Sociologia Rural no final do século XX).** Ano 9, n. 9 p. 49-73, 2006.

BRUSCHI, Rita. **Manifestaciones de la cuestión agraria en Uruguay.** Ano 17, n. 25. p. 10-24, 2014.

CAMACHO, Rodrigo Simão. **Conhecendo os camponeses-estudantes e o seus territórios no município de Paulicéia-SP: trabalho familiar, lazer e escola.** Ano 14, n. 18 p. 47-78, 2011.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa; GRISA, Felipe Fontoura; SCHIMITZ, Luiz Antonio. **Considerações sobre a experiência de construção de cisternas em Unidades de Produção e Vida Familiares (UPVFs) do município de Francisco Beltrão – Paraná.** Ano. 18. n. 29.p.174- 193, 2015.

CANUTO, Antônio. **Agronegócio: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade.** Ano 7, n. 5 p. 1-12, 2004.

CAPOANE, Viviane; SANTOS, Danilo Rheinheimer dos. **Análise qualitativa do uso e ocupação da terra no assentamento Alvorada, Júlio de Castilhos – Rio Grande do Sul.** Ano 15. n. 20 p. 193-205, 2012.

CARDONA, David Vásquez. **Disputas territoriales con el capital, las subordinaciones, paradigmas y modelos de desarrollo.** Ano 16. n. 23. p. 09-26, 2013.

CARDONA, David Vásquez; SOBREIRO FILHO, J. S. **Os movimentos socioterritoriais: entre as classes e os movimentos populares.** Ano 19, n.30, p.148-168, 2016.

CARDOSO, Antonio Ismael; JOVCHELEVICH, Pedro; MOREIRA, Vladimir. **Produção de sementes e melhoramento de hortaliças para a agricultura familiar em manejo orgânico.** Ano 14. n. 19 p. 162-169, 2011.

CARRASCO, Salvador Ferradás. **Desarrollo Local, Promoción y Publicidad: Criterios de Calidad Medioambiental y Territorial para la mejora de Ciudades Turísticas.** Ano 12, n. 15 p. 22–33, 2009.

CARVALHO, Horácio Martins de. **Política compensatória de assentamentos rurais como negação da reforma agrária.** Ano 7, n. 5 p. 113-122, 2004.

CASTRO, Cloves Alexandre. **Movimento social e geografia: contribuição ao debate.** Ano 16. n. 23. p. 81-108, 2013.

CAVALCANTE, Matuzalem. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Formação territorial, agronegócio e atuais mudanças na estrutura fundiária de Mato Grosso.** Ano 9, n. 8 p. 109 – 121, 2006.

CAVALCANTE, Matuzalem; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Territorialização do agronegócio e concentração fundiária.** Ano 11, n. 13 p. 16-25, 2008.

CHENG, T.J. **Overtime in China: law, practice and social exclusion.** Ano 11, n. 13 p. 26-46, 2008.

CLEMENTS, Elizabeth Alice. **Agrarian reform, food sovereignty and the MST: socio-environmental impacts of agrofuels production in the Pontal do Paranapanema region of São Paulo state, Brazil.** Ano 15. n. 21 p. 08-32, 2012.

CLEMENTS, Elizabeth Alice. **Addressing rural poverty and food insecurity through local food purchasing and school lunch programs: PAA Africa, PRONAE and the creation of institutional markets in Mozambique.** Ano 18. n. 26. p. 29-52, 2015.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) como uma política pública emancipatória no território Cantuquiriguaçu-PR.** Ano 18. n. 26. p. 167-184, 2015.

COELHO, Douglas Cristian; FABRINI, João Edmilson. **Produção de subsistência e autoconsumo no contexto de expansão do agronegócio.** Ano 17. n. 25. p. 71-87, 2014.

CORADIN, Cristiane; SOUZA, Renato Santos. **Os quilombolas e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no Vale do Ribeira Paraná: diversidades culturais, enquadramentos burocráticos e ações dos mediadores técnicos e sociopolíticos.** Ano 18. n. 26. p. 125-148, 2015.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. **O Movimento dos Atingidos por Barragem na Amazônia: um movimento popular nascente de “vidas inundadas”.** Ano 12, n. 15 p. 34-65, 2009.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais.** Ano 14, n. 18 p. 79-105, 2011.

COSCIONE, Marco; PINZÓN, Viviana García. **Paro nacional agrario en Colombia: TLCS y perspectivas del movimiento social y popular.** Ano 17. n. 24. p. 167-19, 2014.

CHRISTANCHO GARRIDO, Hellen Charlot. **Abordagem territorial da segurança alimentar: articulação do campo e da cidade no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA): considerações sobre o caso colombiano.** Ano 18. n. 26. p. 53-71, 2015.

CUBAS, Tiago Egídio Avanço. **Aspectos da formação da opinião pública paulista: um estudo baseado no Dataluta jornal de 1988 a 2010.** Ano 16. n. 23. p. 60-80, 2013.

CUNHA, Paulo Roberto; MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de. **A terra prometida ainda é promessa... desapropriação da fazenda Nova Alegria pelo descumprimento do Código Florestal: conflito, impunidade e imbróglio jurídico.** Ano 15. n. 20 p. 99-130, 2012.

CUTINELLA, César. **La cuestión agraria uruguaya en los manuales escolares de geografía: una aproximación a su evolución histórica.** Ano 17. n. 24. p. 36-50, 2014.

DA ROS, César Augusto. **A política fundiária do governo da Frente Popular no Rio Grande do Sul (1999-2002): diretrizes, luta política e resultados atingidos.** Ano 11, n. 13 p. 47-82, 2008.

DA ROS, César Augusto; PICCIN, Marcos Botton. **Os serviços de assessoria técnica e social aos assentamentos de reforma agrária: uma análise qualitativa das ações do projeto Lumiar no estado do Rio de Janeiro.** Ano 15. n. 20 p. 131-155, 2012.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. **Pelo espaço ou pelo território? Possibilidades de articulação para se compreender a territorialidade e a fragmentação socioespacial.** Ano 15. n. 21 p. 50-68, 2012.

DETTMER, Carlos Alberto; SILVA, Nardel Luiz Soares da. **Agricultura familiar – estudo de caso no assentamento Teijin, município de Nova Andradina, MS.** Ano. 18. n. 29.p.133-150. 2015

DESMARAIS, Annette Aurélie. **La Vía Campesina: Globalização e o poder dos camponeses.** Ano 10, n. 10 p. 165-173, 2007.

Direção Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. **As mentiras do governo FHC sobre reforma agrária.** Ano 1, n. 1 p. 72-75, 1998.

DROULERS, Martine. **Brésil: l'enjeu des biocarburants.** Ano 11, n. 12 p. 18-30, 2008.

DRUMOND, Nathalie. **A guerra da água na Bolívia: a luta do movimento popular contra a privatização de um recurso natural.** Ano 18. n.28. p. 186-205, 2015.

DRUZIAN, Franciele et al. **O estudo do lugar na escola do campo.** Ano 19, n. 30, p. 205-228, 2016.

ECHENIQUE, Sergio Gómez. **Reflexiones sobre la dinámica reciente del mercado de la tierra en América Latina y el Caribe.** Ano 15. n. 20 p. 08-57, 2012.

EDUARDO, Márcio Freitas. **O conceito de território e o agroartesanato.** Ano 11, n. 13 p. 83-101, 2008.

EDUARDO, Márcio Freitas. **Agroecologia e o processo de ativação de territorialidades camponesas.** Ano 19, n. 31, p. 143-165, 2016.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 9, n. 8 p. 29-51, 2006.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 15, dossiê, p. 103-126, 2012.

ESTEVES, Benedita Maria Gomes. **A hierarquização dos espaços agrários na Amazônia Sul-Occidental: os assentados em áreas de preservação e os não assentados.** Ano 8, n. 7 p. 48-67, 2005.

ESTRADA, María de. **Geografía de la frontera: mecanismos de territorialización del agronegocio en frontera agropecuaria de Santiago del Estero, Argentina.** Ano 13, n. 17 p. 81-93, 2010.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 10, n. 11 p. 08-32, 2007.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 15, dossiê, p. 55-78, 2012.

FABRINI, João Edmilson; LUZ, Juan Artigas Souza; LACERDA, Celso Lisboa de. **A importância das culturas de milho e feijão para o desenvolvimento econômico de assentamentos de reforma agrária atendidos pelo projeto Lumiar – Paraná.** Ano 3, n. 3 p. 68-94, 2000.

FABRINI, João Edmilson; ROOS, Djoni; MARQUES, Erwin Becker; GONÇALVES, Leandro Daneluz. **Lutas e resistências no campo paranaense e o projeto Dataluta-PR.** Ano 15. n. 21 p. 33-49, 2012.

FACCO, Vinícius Antonio Banzano. **Alternativas aos impérios agroalimentares a partir do campesinato agroecológico: as experiências do acampamento agroflorestal José Lutzenberger (MST-Antonina/PR).** Ano. 18. n. 29.p.70- 100. 2015.

FALERO, Alfredo. **La potencialidad heurística del concepto de economía de enclave para repensar el territorio.** Ano 18. n.28. p.223-240. 2015.

FARIAS, Cleilton Sampaio; FARIAS, Cleisson Sampaio de Farias. **Os fundamentos e a expressão da questão agrária no Acre.** Ano 13, n. 17 p. 94-111, 2010.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. **Lavouras e sonhos: as representações camponesas nos assentamentos de reforma agrária.** Ano 10, n. 11 p. 33-47, 2007.

FARIAS, Maria Isabel. **Educação do/no Campo, um território em disputa: avanços e conquistas.** Ano 19, n. 30, p. 188-204, 2016.

FELICIANO, Carlos Alberto. **“Grilos” jurídicos no Pontal do Paranapanema: administrando os conflitos agrários.** Ano 10, n. 11 p. 48-60, 2007.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Ação pastoral e questão agrária no Pontal do Paranapanema.** Ano 8, n. 7 p. 112-124, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A territorialização do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 02-44, 1998.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Rural.** Ano 14, n. 18 p. 125-135, 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 8, n. 6 p. 24-34, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 15, dossiê, p. 09-20, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa geográfica em assentamentos de Reforma agrária.** Ano 1, n. 2 p. 01-32, 1998.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. **Assentamentos rurais no território da cana: controvérsias em cena.** Ano 10, n. 11 p. 61-80, 2007.

FILHO, José dos Reis Santos. **A instituição imaginária da Amazônia brasileira. Registros cognitivos e práticas sociais.** Ano 9, n. 9 p. 113-143, 2006.

FIRMIANO, Frederico Daia. **O novo colonialismo transnacional e a experiência brasileira do agronegócio.** Ano 13, n. 16 p. 48-62, 2010.

FREITAS, Alair Ferreira de; BOTELHO, Maria Isabel Vieira. **“Campeinato como ordem moral”: (re)visitando clássicos e (re)pensando a economia camponesa.** Ano 14, n. 19 p. 44-58, 2011.

GALAFASSI, Guido. **Economía regional y emergencia de movimientos agrarios. La región Chaqueña de los años setenta.** Ano 10, n. 10 p. 11-36, 2007.

GALLAR HERNÁNDEZ, David; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Revisitando la agroecología: entrevista a Eduardo Sevilla Guzmán.** Ano 18, n. 27. p. 280-295. 2015.

GARRIDO, Hellen Charlot Cristancho. **Vivir bien ¿paradigma no capitalista?** Ano 15, n. 21 p. 173-180, 2012.

GIARRACA, Norma. GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro. **Estrategias de vida, estrategias de lucha: apuntes de un trabajo de campo: el MST, São Paulo, Brasil (Reunión del GTDR – CLACSO, agosto/setiembre de 2005).** Ano 8, n. 7 p. 141-155, 2005.

GIL, Izabel Castanha. **Cooperação, competição e resistência nas associações de municípios: a AMNAP e o desenvolvimento regional da Nova Alta Paulista.** Ano 11, n. 12 p. 31-56, 2008.

GIL, Izabel Castanha. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Regiões contidas e desenvolvimento territorial: uma reflexão sobre o desenvolvimento contemporâneo da Nova Alta Paulista.** Ano 8, n. 6 p. 75-91, 2005.

GIL, Izabel Castanha. **Territorialidade e desenvolvimento contemporâneo**. Ano 7, n. 4 p. 5 – 19, 2004.

GOLDFARB, Yamila. **Consolidação da hegemonia das corporações, monopolização do território e acumulação por espoliação: o caso da Cargill no Brasil e na Argentina**. Ano 18. n. 27. p. 11-37. 2015.

GOLDFARB, Yamila. **Expansão da soja e financeirização da agricultura como expressões recentes do regime alimentar corporativo no Brasil e na Argentina: o exemplo da Cargill**. Ano 18. n.28. p.32-67. 2015.

GÓMEZ, Sergio. **Las directrices voluntarias sobre gobernanza responsable de la tenencia de los recursos naturalesy su aplicación desde américa latin**. Ano 18. n.28. p. 241-264. 2015.

GÓMEZ, Sérgio. Urbanização e Ruralidade. **Os condomínios e os conselhos de desenvolvimento social**. Brasília: MDA, 2009 (resenha). Ano 12, n. 15 p. 136–138, 2009.

GONÇALVES, Renata. **Impactos da reorganização espacial dos novos modelos de assentamentos nas relações de gênero**. Ano 7, n. 5 p. 43-55, 2004.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro**. Ano 9, n. 8 p. 01-28, 2006.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro**. Ano 15, dossiê, p. 127-154, 2012.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Biofuels: five myths of the agro-fuels transition**. Ano 10, n. 10 p. 151-164, 2007.

JARA, Cristian Emanuel; SPERAT, Ramiro Rodríguez; RINCÓN, Luis Felipe. **La agricultura familiar en el desarrollo rural: continuidades y rupturas del paradigma neoliberal en argentina y Colombia**. Ano 17. n. 24. p. 86-106.

JESUS, José Novaes. **A pedagogia da alternância e o debate da Educação do/no campo no estado de Goiás**. Ano 14, n. 18 p. 7-20, 2011.

JÚNIOR, José Arbex. **Você tem fome do que?** Ano 9, n. 8 p. 173-185, 2006.

JUNQUEIRA, Victor Hugo. **Da cafeicultura ao agronegócio canavieiro: o papel do Estado na consolidação do setor sucroalcooleiro na região de Ribeirão Preto-SP**. Ano 19, n. 31, p. 51-71, 2016.

KARRIEM, Abdurazack. **“Marching as to war”**: a letter from Brazil to South Africa about landlessness, agrarian reform and social movement struggles against Neoliberalism. Ano 8, n. 6 p. 1 – 13, 2005.

LARA JÚNIOR, Nadir. **Análise das principais influências ideológicas na constituição do MST**. Ano 15. n. 20 p. 156-174, 2012.

LEAL, Sidney Cássio Todescato. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no Pontal do Paranapanema**. Ano 18. n. 26. p. 149-166, 2015.

LEITE, Sérgio. **Seis comentários sobre seis equívocos a respeito da reforma agrária no Brasil**. Ano 9, n. 9 p. 144 -158, 2006.

LEITE, Vinícius Rocha; PEDLOWSKI, Marcos Antonio; HADDAD, Ludimila Neves. **Assentamentos de reforma agrária como agentes de recuperação da cobertura vegetal**

em paisagens degradadas de Mata Atlântica na região norte fluminense. Ano 17, n. 25. p. 136-146, 2014.

LERRER, Débora Franco. **Movimentos sociais, mídia e construção de um novo senso comum.** Ano 8, n. 7 p. 125-140, 2005.

LOBOS, Damian Andres. **Los territorios de la desposesión: los enclaves y la logística como territorialización del modelo extractivo sudamericano.** Ano 16, n. 22. p. 43-54, 2013.

LOPES, Gabriel Rodrigues. **“¡Ese desarrollo quiere acabar con nosotros/as!”: del horizonte colonial al giro epistémico des-colonizador.** Ano 19, n.30, p. 31-57, 2016.

MACEDO, Giovanni Raimundo de; BINSZTOK, Jacob. **Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas.** Ano 10, n. 10 p. 37-56, 2007.

MACEDO, Magno Roberto Alves; DARNET, Laura Angélica Ferreira; THALÊS, Marcelo Cordeiro; POCCARD-CHAPUÍS, Rene. **Configuração espacial do desflorestamento em fronteira agrícola na Amazônia: um estudo de caso na região de São Félix do Xingu, estado do Pará.** Ano 16, n. 22. p. 96-110, 2013.

MACHADO, Antonio Maciel Botelho; CASALINHO, Helvio Debli. **Crítica à pluriatividade e suas relações com o campesinato e a reforma agrária.** Ano 13, n. 17 p. 65-80, 2010.

MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo; ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Nova lógica na produção de cana-de-açúcar na Zona da Mata pernambucana: transformações fundiárias para a perpetuação das relações de poder.** Ano 16, n. 22. p. 111-126, 2013.

MAGGI, Leonardo Bauer. **Itaipu e a formação do território do capital.** Ano 18, n. 27. p. 53-63. 2015.

MANRIQUE, Luis Felipe Ricón. **(Neo)extrativismo e despojo no sul global: conflitos e resistências nos territórios.** Ano 18, n.28. p.09-18, 2015.

MARCOS, Valéria de. **Da luta para entrar na terra à luta para permanecer na terra: a realidade dos assentamentos rurais paraibanos.** Ano 1, n. 2 p. 51-73, 1998.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 11, n. 12 p. 57-67, 2008.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 15, dossiê, p. 43-54, 2012.

MARTÍN, Víctor O. Martín. **De cómo se evita hoy la aplicación de la reforma agraria en el Surde España.** Ano 10, n. 11 p. 81-108, 2007.

MARTINS, Adalberto Floriano Greco. **A construção da emancipação humana nos territórios da reforma agrária: o caso do conglomerado cooperativo da produção ecológica de arroz nos assentamentos da região metropolitana de Porto Alegre.** Ano 19, n. 31, p. 32-50, 2016.

MCMICHAEL, Philip. **Reframing development: global peasant movements and the new agrarian question.** Ano 10, n. 10 p. 57 – 71, 2007.

MELLO, Neli Aparecida de. **E a política agrícola transforma-se em instrumento do desenvolvimento sustentável.** Ano 11, n. 12 p. 68 – 85, 2008.

MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de; VAN TILBEURGH, Veronique. **Da teologia da libertação ao desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira: os mecanismos políticos e sociais de sua interpretação.** Ano 14. n. 19 p. 59-72, 2011.

MENDES, Eduardo Roberto; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Algumas considerações sobre o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin e a comunidade rural Yuba em Mirandópolis (SP).** Ano 10, n. 11 p. 109 – 121, 2007.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. ALMEIDA, Maria Geralda de. **Um olhar sobre as redes de sociabilidade construídas do território das fabriquetas de queijo.** Ano 9, n. 8 p. 133 – 150, 2006.

MIGUEZ, Susana Edith Rapp; TORIZ, Rosalia Vázquez; CAPILA, Maristela Amaro; MENDOZA, Xóchilt Formacio. **La disputa por los territorios rurales frente a la nueva cara del extractivismo minero y los procesos de resistencia en Puebla, México.** Ano 18. n.28. p.206-222. 2015.

MIRALHA, Wagner. **Questão agrária brasileira: origem, necessidade e perspectivas de reforma hoje.** Ano 9, n. 8 p. 151-172, 2006.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antônio. **Agricultura de beira de estrada ou agropecuária marginal ou, ainda, o campesinato espremido.** Ano 16. n. 23. p. 43-59, 2013.

MONDARDO, Marcos Leandro. **A “territorialização” do agronegócio globalizado em Barreiras- BA: migração sulista, reestruturação produtiva e contradições sócio-territoriais.** Ano 13, n. 17 p. 112-130, 2010.

MORAES, Vitor de; WELCH, Clifford Andrew. **A disputa territorial e o controle das políticas no território Cantuquiriguaçu - estado do Paraná: a participação dos movimentos socioterritoriais e o papel do estado.** Ano 18. n. 27. p. 96-112. 2015.

MORALES, Selene. **La “sojización” y la tierra en disputa: desarrollo del capitalismo agrario en Uruguay.** Ano 16. n. 23. p. 109-130, 2013.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 10, n. 10 p. 72 – 93, 2007.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 15, dossiê, p. 155-176, 2012.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan; IENO NETO, Genaro. **Organização interna dos assentamentos rurais na Paraíba: caminhos e armadilhas das formas associativas.** Ano 3, n. 3 p. 45 – 57, 2000.

MOREIRA, Fabiano Greter; SCHILINDWEIN, Madalena Maria. **Sucessão da gestão na agricultura familiar: um estudo de caso no assentamento Santa Olga no município de Nova Andradina em Mato Grosso do Sul.** Ano. 18. n. 29.p. 151-173. 2015

MOREIRA, Vagner José. **A criminalização dos movimentos sociais de luta pela terra: mundos dos trabalhadores, questão agrária e o “levante comunista” de 1949 em Fernandópolis-SP.** Ano 13, n. 16 p. 114-129, 2010.

MORENO, Glaucia de Sousa; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. **O drama da instalação de famílias agricultoras na mesorregião sudeste paraense.** Ano 15. n. 21 p.79-99, 2012.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Movimento étnico-socioterritorial Guarani e Kaiowa no estado de Mato Grosso do Sul: disputas territoriais nas retomadas pelo Tekoha-Tekoharã.** Ano 15. n. 21 p. 114-134, 2012.

NAHUN, João Santos; PAIXÃO JÚNIOR, Paulo Roberto Carneiro. **Encontros e desencontros: fronteira, agronegócio da soja e campesinato no Planalto Santareno (PA).** Ano 17. n. 25. p. 47-70, 2014.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Educação do Campo na encruzilhada entre emancipação versus reino do capital: uma leitura filosófica.** Ano 14, n. 18 p. 106-124, 2011.

NAVAS, Rafael; KANIKADAN, Andréa Yumi Sugishita; SANTOS, Kátia Maria Pacheco; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. **Políticas públicas e comunidades tradicionais: uma análise dos projetos de desenvolvimento local sustentável na Mata Atlântica.** Ano 17. n. 25. p. 147-161, 2014.

NAVAS, Rafael; KANIKADAN; Andréa Yumi Sugishita; SANTOS, Kátia Maria Pacheco dos; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. **Transição alimentar em comunidade quilombola no litoral sul de São Paulo/Brasil.** Ano 18. n. 27. p. 138-155. 2015.

NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária. **DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra.** Ano 3, n. 3 p. 7 – 27, 2000.

NETO, Domingos José de Almeida. **O Método do discurso.** Ano 7, n. 5 p. 73-85, 2004.

NETO, João Augusto de Andrade. **A teoria e a prática do MST para a cooperação e a organização em assentamentos rurais.** Ano 18. n. 27. p. 156-182. 2015.

NEVES, Achiles Lemos. **Dos movimentos sociais aos sócio-espaciais e socioterritoriais: uma tentativa de compreensão dos “movimentos” pela perspectiva geográfica.** Ano 7, n. 5 p. 35-42, 2004.

NEVES, Delma Pessanha. **Campesinato e reenquadramento sociais: os agricultores familiares em cena.** Ano 8, n. 7 p. 68 -3, 2005.

NORDER, Luis Antônio Cabello. **Controvérsias sobre a reforma agrária no Brasil (1934-1964).** Ano 17. n. 24. p. 133-145.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues; SERRANO, José Antonio Segrelles. **Análise agrária da multifuncionalidade da terra na província de Alicante-Espanha.** Ano 12, n. 14 p. 28 – 47, 2009.

OCADA, Fabio Kazuo; MELO, Beatriz Medeiros de. **Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva.** Ano 11, n. 12 p. 117-136, 2008.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Prescrições agroecológicas para a crise atual.** Ano 13, n. 16 p. 33-47, 2010.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Uma descrição agroecológica da crise atual.** Ano 12, n. 15 p. 66-87, 2009.

OLIVEIRA, Nallígia Tavares de. **Entrevista com Valmir Ulisses Sebastião – Ocupações de terra: mudanças e perspectivas.** Ano 13, n. 17 p.150-156, 2010.

OLIVEIRA, Alyne Maria Sousa et al. **Indicadores de sustentabilidade cultural de assentamentos rurais em Teresina-PI.** Ano 19, n.30, p.98-147, 2016.

OMENA, Maria Luiza Rodrigues de Albuquerque; SOUZA, Roberto Rodrigues de; SOARES, Maria José Nascimento. **Contradições do programa sergipano de biodiesel**. Ano 15. n. 21 p. 162-172, 2012.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. **O partido da terra: como os políticos conquistam o território brasileiro**. Ano 15. n. 20 p. 206-207, 2012.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. **Análise do processo de espacialização do MST no estado de São Paulo em diferentes contextos histórico-geográficos**. Ano 18. n. 27. p. 113-137. 2015.

OYAHANTÇABAL, Gabriel. **Los tres campos em la cueston agraria en Uruguay**. Ano 16. n. 22. p. 82-95, 2013.

PASINI, Isabela Leão Ponce; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho; SILVA, Douglas Mansur da. **Modernização nas comunidades negras rurais do Sapê do Norte: discursos e práticas de (des)envolvimento e meio ambiente**. Ano 17. n. 24. p. 107-121.

PASQUETTI, Luis Antônio. **O MST como uma empresa social**. Ano 1, n. 2 p. 33 – 50. 1998.

PATIÑO, Luís Carlos Agudelo. **Campesinos sin tierra, tierra sin campesinos: territorio, conflicto y resistencia campesina en Colômbia**. Ano 13, n. 16 p. 81-95, 2010.

PATRÍCIO, Patrícia Cartes; GOMES, João Carlos Costa. **Desenvolvimento rural sustentável, planejamento e participação**. Ano 15. n. 21 p. 100-113, 2012.

PAULA, Elder Andrade de. **O movimento sindical dos trabalhadores rurais e a luta pela terra no Acre: conquistas e retrocessos**. Ano 7, n. 5 p. 86 – 101, 2004.

PAULA, Elder Andrade de. SILVA, Silvio Simione da. **Floresta, para que te quero? Da territorialização camponesa a nova territorialidade do capital**. Ano 11, n. 12 p. 86 -97, 2008.

PAULA, Elder Andrade de; SILVA, Silvio Simione da. **Movimentos sociais na Amazônia brasileira: vinte anos sem Chico Mendes**. Ano 11, n. 13 p. 102 – 117, 2008.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais**. Ano 9, n. 8 p. 52 – 73, 2006.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais**. Ano 15, dossiê, p. 21-42, 2012.

PAVAN, Dulcinéia. **O caminho feminino para a reforma agrária**. Ano 3, n. 3 p. 28 – 44, 2000.

PAZ, Raúl; LIPSHITZ, Héctor; ZERDA, Hugo Raúl; TIEDEMAN, José. **Estructura agraria, áreas de concentración de la agricultura familiar y procesos de expansión de la frontera agropecuaria en Santiago del Estero, Argentina**. Ano 18. n. 27. p. 259-279. 2015.

PEIXOTO, Angêla Maria; OLIVEIRA, Adriano Rodrigues. **Abordagem territorial nas políticas públicas de desenvolvimento rural: uma análise do PAA para a produção camponesa no município de Ipameri-GO**. Ano 18. n. 26. p. 72-94, 2015.

PERAFÁN, Mireya Eugenia Valencia; WALTER, Maria Inez Machado Telles. **A percepção das condições de vida pelas populações dos territórios rurais, além das análises sobre o desempenho dos sistemas produtivos.** Ano 19, n. 31, p. 72-90, 2016.

PERCÍNCULA, Analia; JORGE, Andrés; CALVO, Claudia; MARIOTTI, Daniela; DOMÍNGUEZ, Diego; ESTRADA, Maria de; CICOLELLA, Mariana; BARBETTA, Pablo; SABATINO, Pablo; ASTELARRA, Sofia. **La violencia rural en la Argentina de los agronegocios: crónicas invisibles del despojo.** Ano 14. n. 19 p. 08-23, 2011.

PEREIRA, Lorena Izá. **Políticas fundiárias no Brasil: uma análise geo-histórica da governança da terra no Brasil.** Roma: International Land Coalition (Resenha). Ano 17. n. 25. p. 182-185, 2014.

PEREIRA, Lorena Izá. **Governança da posse e estrangeirização de terras: apontamentos e perspectivas.** Ano. 18. n. 29.p. 48- 69, 2015.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **A disputa política no Brasil em torno da implementação do modelo de reforma agrária de mercado do Banco Mundial (1997-2005).** Ano 8, n. 6 p. 92-117, 2005.

PICCIN, Marcos Botton et al. **Análise do processo de constituição e desestruturação da cooperativa de agricultores assentados Terra Vida – COOPERVIDA, RS.** Ano 12, n. 14 p. 72 – 96, 2009.

PIEDRACUEVA, Maximiliano. **Aportes metodológicos de la teoría del desarrollo territorial.** Ano 15. n. 21 p. 69-78, 2012.

PIEDRACUEVA, Maximiliano. **Discusiones ontológicas sobre una tipología de territorios.** Ano 19, n. 30, p. 10-30, 2016.

PONTE, Karina Furini da. **(Re) Pensando o Conceito do Rural.** Ano 7, n. 4 p. 20 – 28, 2004.

PONTES, Beatriz Maria Soares. **A organização da unidade econômica camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx.** Ano 8, n. 7 p. 35-47, 2005.

PORTO, José Renato Sant'Anna. **O discurso do agronegócio: modernidade, poder e “verdade”.** Ano 17. n. 25. p. 25-46, 2014.

PFRIMER, Matheus Hoffman; BARBOSA JUNIOR, Ricardo Cesar. **(De)Securitizing collectives of the Brazilian Cerrado and the implementation of an agribusiness complex.** Ano 19, n. 30, p.58-79.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **A educação do campo no Brasil e a construção das escolas do campo.** Ano 14, n. 18 p. 37-46, 2011.

QUIJANO, María Adelaida Farah. CORREA, Edelmira Pérez. **Mujeres rurales y nueva ruralidad en Colombia.** Ano 9, n. 9 p. 73 – 88, 2006.

RAMALHO, Cristiane Barbosa. **Quem são os sem-terra? Uma questão relevante para a compreensão da luta pela terra no Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 59 – 72, 1998.

RAMÍREZ, Milena Barrera. **Aproximación histórica al cooperativismo y su relación con la praxis desarrollada por el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST).** Ano 10, n. 10 p. 94-114, 2007.

RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **A ofensiva do capital no campo brasileiro e a resistência do campesinato.** Ano 8, n. 6 p. 46-58, 2005.

REITER, Bernd. **A genealogy of Black organizing in Brazil**. Ano 12, n. 14 p. 48 – 62, 2009.

RIBAS, Alexandre Domingues. **MST: reorganização político-territorial dos assentamentos e a consolidação do sistema cooperativista dos assentados**. Ano 1, n. 1 p. 45-58, 1998.

RIEIRO, Anabel; POSADA, Valentina. **Megaminería en Uruguay: conflictos estructurantes de un nuevo campo en disputa**. Ano 18. n.28. p.165-185, 2015.

RIBEIRO, Edson Sabatini. **RESENHA: Dinâmicas de classe da mudança agrária**. Ano 18. n. 27. p. 296-300, 2015.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A Via Campesina: a globalização e o poder do campesinato**. Ano 16. n. 23. p. 167-170, 2013.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno**. São Paulo: Expressão Popular (Resenha). Ano 17. n. 25. p. 186-191,2014.

RINCÓN, Luis Felipe. **¡Hombres de maíz! Una mirada a la actualidad organizativa campesina en Guatemala**. Ano 13, n. 17 p. 49-64, 2010.

ROCHA, João Henrique; ANJOS, Flávio Sacco dos. **Agricultura familiar e os mercados institucionais: análise do Programa de Aquisição de Alimentos (CPR-Doação) em Boa Vista – Roraima**. Ano 19, n. 31, p. 111-142, 2016.

RODRIGUEZ, Violeta R. Nuñez. **Minería en México en el marco de la acumulación por desposesión**. Ano 18. n.28. p. 132-148. 2015.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Memória e atualização de sentidos em três atos do discurso jornalístico**. Ano 7, n. 5 p. 56-62, 2004.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Muito além de giz e lousa: análise do litígio discursivo em torno da questão agrária**. Ano 11, n. 12 p. 98 – 107, 2008.

ROOS, Djoni. **Lutas camponesas e diferentes atividades associativas nos assentamentos de sem-terra**. Ano 12, n. 14 p. 97-111, 2009.

ROSS, Djoni. **A reprodução contraditória do campesinato frente a territorialidade do agronegócio: subordinações e resistências em assentamentos rurais no Centro-Sul do Paraná**. Ano 19, n. 30, p. 169-187, 2016.

ROS, César Augusto Da; PICCIN, Marcos Botton. **A implantação do programa de assessoria técnica, social e ambiental aos assentamentos de reforma agrária no estado do Rio de Janeiro nos anos de 2002 a 2008: diretrizes, formatos institucionais e dinâmica de execução**. Ano 18. n. 27. p. 183-213. 2015.

ROSSETTO, Onélia Carmem. **Sustentabilidade Ambiental do Pantanal Mato-Grossense: Interfaces entre Cultura, Economia e Globalização**. Ano 12, n. 15 p. 88–105, 2009.

ROSSETTO, Onélia Carmem; GIRARDI, Eduardo Paulon. **Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro**. Ano 15. n. 21 p. 135-161, 2012.

ROSSI, Virginia. **La producción familiar en la cuestión agraria uruguaya**. Ano 13, n. 16 p. 63-80, 2010.

SANTONJA, Jordi Tormo i. **Hacia una Geografía útil: el papel de la Geografía en el siglo XXI en España.** Ano 12, n. 14 p. 7– 27, 2009.

SANTOS, Anderson Luiz Machados dos; DE DAVID, Cesar. **Luta pela terra e disputas territoriais na região da campanha gaúcha: o processo de formação do assentamento Conquista do Caiboaté em São Gabriel – RS.** Ano 15. n. 20 p. 175-192, 2012.

SANTOS, Maria Edilúzia Leopoldino. **A construção do caminho para a conquista da terra: um espaço de transformação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem- Terra.** Ano 9, n. 9 p. 89-112, 2006.

SANTOS, Rafael de Oliveira Coelho dos. **A expansão do agronegócio sobre os assentamentos da reforma agrária: o caso do PA Fazenda Primavera (Andradina-SP).** Ano 17. n. 25. p. 102-135, 2014.

SANTOS, Ricardo Menezes. **A formação do Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA: por soberania alimentar, contra a mercadorização do campo no Brasil.** Ano 19, n. 31, p. 10-31, 2016.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. **A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais.** Ano 11, n. 13 p. 118 – 127, 2008.

SAUER, Sérgio. TUBINO, Nilton Luis Godoy. **A sustentação financeira de organizações do patronato rural brasileiro.** Ano 10, n. 11 p. 131-148, 2007.

SCHEUER, Junior Miranda. **Agroecologia: cuidando da saúde do planeta – palestra de Leonardo Boff.** Ano 19, n. 31, p. 166-179, 2016.

SEGRELLES, José Antonio. **La ecología y el desarrollo sostenible frente al capitalismo: una contradicción insuperable.** Ano 11, n. 13 p. 128-143, 2008.

SHANIN, Teodor. **Definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista.** Ano 8, n. 7 p. 1-21, 2005.

SHIMBO, Júlia Zanin; JIMÉNEZ-RUEDA, Jairo Roberto. **Zoneamento geoambiental como subsídio aos projetos de reforma agrária. Estudo de caso: assentamento rural Pirituba II.** Ano 10, n. 10 p. 115-133, 2007.

SILVA, Arthur Boscaroli; PEDRON, Nelson Rodrigo. **Reprodução do campesinato através de políticas públicas voltadas para a agricultura familiar: a dinâmica do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) em Ourinhos-SP.** Ano 18. n. 26. p. 95-112, 2015.

SILVA, Edson Batista; CALAÇA, Manoel. **Disputas pela terra e na terra: possibilidades para produção agroecológica no assentamento Cunha, em Cidade Ocidental, GO.** Ano 18. n. 27. p. 214-239. 2015.

SILVA, Emerson Xavier da. **Entrevista a James Cockcroft.** Ano 10, n. 11 p. 149-169, 2007.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 13, n. 16 p. 7-21, 2010.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 15, dossiê, p. 79-92, 2012.

SILVA, Judson Jorge; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Do sonho à devastação onde tudo se (RE)constrói: experiências e memórias nas lutas por terra da região do Cariri-CE.** Ano 12, n. 14 p. 125-141, 2009.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. MARTINS, Rodrigo Constante. OCADA, Fábio Kazuo. GODOI, Stela. MELO, Beatriz Medeiros de. VETTORACCI, Andréia. BUENO, Juliana Dourado. RIBEIRO, Jadir Damião. **Do karoshi no Japão à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado.** Ano 9, n. 8 p. 74-08, 2006.

SILVA, Mariele de Oliveira; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Reforma agrária nos municípios de Cáceres/MT e Selvíria/MS: agronegócio, subordinação e emancipação camponesa.** Ano 17. n. 25. p. 8-101, 2014.

SILVA, Rafael Navas; SILVA, Ivone da; MARTINS, Cibele Chalita. **Formação de coletores de sementes nativas da mata atlântica.** Ano 17. n. 24. p. 122-132, 2014.

SILVA, Raimundo Pires. **As especificidades da nova ATER para agricultura familiar.** Ano 16. n. 23. p. 150-166, 2013.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 7, n. 4 p. 42-49, 2004.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 15, dossiê, p. 177-184, 2012.

SILVA, Simone Rezende da. **A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola.** Ano 14. n. 19 p. 73-89, 2011.

SILVA, Tânia Paula da. **As redefinições do “rural”: breve abordagem.** Ano 7, n. 4 p. 50-55, 2004.

SILVA, Tanise Pedron da; COSTABEBER, José Antônio. **A (re)organização da produção: um estudo da segurança alimentar nos assentamentos de reforma agrária Santa Rita e Sepé Tiaraju, município de Capão do Cipó (RS).** Ano 16. n. 23. p. 131-149, 2013.

SIMONETTI, Mirian Claudia Lourenção. **A Geografia dos Movimentos Sociais em tempos de Globalização: o MST e o Zapatismo.** Ano 10, n. 11 p. 122-130, 2007.

SOARES, Jorge Luís Nascimento. **Assentamentos de reforma agrária na defesa e conservação do cerrado: o caso da região sul do Maranhão.** Ano 11, n. 13 p. 144-155, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento; ESPINDOLA, Carlos Roberto. **Geotecnologias no planejamento de assentamentos rurais: premissa para o desenvolvimento rural sustentável.** Ano 11, n. 12 p. 108-116, 2008.

SOARES, Simone Fernandes. **Um processo de capacitação de jovens e adultos remanescentes de quilombolas dos Caetanos de Capuan, Caucaia – Ceará.** Ano 17. n. 25. p. 162-181, 2014.

SOARES, Venozina de Oliveira; ROCHA, Luciana Oliveira. **A evolução da estrutura agrária do município de Barra do Choça-BA.** Ano 13, n. 17 p. 131-149, 2010.

SOBREIRO FILHO, José. **O(s) movimento(s) por trás das dissensões: rupturas, agregação, lideranças e poder nas dissidências do Pontal do Paranapanema.** Ano 18. n. 27. p. 64-95. 2015.

SORZANO, Angelina Herrera; RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **O papel e os desafios da organização camponesa em Cuba: entrevista com o dirigente da Associação Nacional dos Agricultores Pequenos (ANAP), Mario La O Sosa.** Ano 14. n. 19 p. 136-151, 2011.

SOUZA, Francilane Eulália de. **Os colégios rurais agrupados na Espanha: lugar de fortalecimento do campesinato?** Ano 14, n. 18 p. 21-36, 2011.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Nota: a permanência na transformação e a transformação da permanência.** Ano 13, n. 17 p. 157-159, 2010.

SUZUKI, Júlio César. **Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação.** Ano 10, n. 10 p. 134-150, 2007.

TEIXEIRA, Carine Andrade; NORDER, Luís Antonio Cabello. **Participação indígena no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).** Ano 18. n. 26. p. 113-124, 2015.

TEUBAL, Miguel. **La renta de la tierra en la economía política clásica: David Ricardo.** Ano 9, n. 8, p. 122-132, 2006.

THÉRY, Hervé et al. **Geografias do trabalho escravo contemporâneo no Brasil.** Ano 13, n. 17, p. 7-28, 2010.

TRICHES, Rozane Marcia; GRISA, Cátia. **Entre mudanças e conservadorismos: uma análise dos programas de aquisição de alimentos (PAA e PNAE) a partir da retórica da intransigência.** Ano 18, n. 26. p. 11-28, 2015.

TRICHES, Rozane Marcia; SCHABARUM, Joseane Carla; GIOMBELLI, Giovana Paludo. **Demanda de produtos da agricultura familiar e condicionantes para a aquisição de produtos orgânicos e agroecológicos pela alimentação escolar no sudoeste do estado do Paraná.** Ano 19, n. 31, p. 91-110, 2016.

VANDEN, Harry E. **Novos movimentos sociais, globalização e democratização: a participação do MST.** Ano 12, n. 14 p. 63-71, 2009.

VARGAS, Daiane Loreto. **Trabalho dos extensionistas no contexto da ATES: o caso dos assentamentos de Candiota/RS.** Ano 16. n. 22. p. 127-137, 2013.

VASCONCELOS, Joana Salém. **Propriedade coletiva em debate: caminhos da revolução agrária em Cuba (1959-1964).** Ano 18, n. 27. p. 240-258. 2015.

VASSALLO, Miguel; CHAVES, Ethel Ferreira. **Colonización y nuevas formas de acceso a la tierra de productores familiares: enseñanzas de la colonia Maestro Soler en Uruguay.** Ano 17. n. 24. p. 146-166, 2014.

VÁSQUEZ CARDONA, David. **La crisis cafetera: elementos para una discusión sobre los análisis de los sistemas alimentarios.** Ano 18. n. 27. p. 38-52. 2015.

VELTMEYER, Henry. **Dynamics of agrarian transformation and resistance.** Ano 13, n. 17 p. 29-49, 2010.

VELTMEYER, Henry. **El itinerario de desarrollo como una idea.** Ano 14. n. 19 p. 24-43, 2011.

VENTURA, Cláudio Barbosa. **Formação continuada de professores das escolas do campo no município de Governador Valadares – MG.** Ano. 18, n. 29.p.220 -232, 2015.

VIDAL, Déa de Lima; ALENCAR, João Vitor de Oliveira. **Diferenciação camponesa na Depressão Sertaneja Semi-Árida do Ceará.** Ano 12, n. 15 p. 106–135, 2009.

VIEIRA, Flávia Braga. **Lutas camponesas na escala internacional: um estudo sobre a Via Campesina.** Ano 15. n. 20 p. 58-82, 2012.

VIEIRA, Noemia Ramos. **O conhecimento geográfico veiculado pelos parâmetros curriculares nacionais de geografia e o espaço agrário brasileiro: reflexões para uma geografia crítica em sala de aula.** Ano 7, n. 4 p. 29 – 41, 2004.

VILLELA, Fábio Fernandes. **Práticas educativas comparadas em educação do campo e os desafios da formação omnilateral na América Latina.** Ano 14. n. 19 p. 90-103, 2011.

VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos. **Território (i)material e Geografia Agrária: Paradigmas em Questão.** Ano 16. n. 23. p. 27-42, 2013.

VINHA, Janaína Francisca de Souza Campos; SCHIVINATTO, Mônica. **Soberania alimentar e territórios camponeses: uma análise do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).** Ano 18. n. 26. p. 185-205, 2015.

WAHREN, Juan; SCHVARTZ, Agustina. **Disputas territoriales en el valle del intag en Ecuador: de la resistencia social contra la mega-minería a la creación de alternativas al desarrollo.** Ano 18. n.28. p.149-164, 2015.

WANDSCHEER, Elvis Albert Robe; MACIEL, Carlos Alberto da Rosa; NEVES, Anderson Souto. **A influência dos processos contemporâneos na alimentação: uma proposta de reflexão.** Ano 14. n. 19 p. 152-161, 2011.

WELCH, Clifford Andrew. **Estratégias de resistência do movimento camponês brasileiro em frente das novas táticas de controle do agronegócio transnacional.** Ano 8, n. 6 p. 35-45, 2005.

WELCH, Clifford Andrew. **Movement histories: a preliminary historiography of the Brazil's landless laborers' movement (MST).** Ano 9, n. 9 p. 159-168, 2006.

WELCH, Clifford Andrew. **Peasants and globalization in Latin America: a survey of recent literature.** Ano 7, n. 5 p. 102-112, 2004.

WITTMAN, Hannah. **Agrarian reform and the production of locality: resettlement and community building in Mato Grosso, Brazil.** Ano 8, n. 7 p. 94-111, 2000.

ZICARI, Julián. **Neoextractivismo en Sudamérica. El caso del litio.** Ano. 18. n. 29.p.10-47. 2015.

ZIMERMAN, Artur. **Conhecendo a questão agrária por seus atores.** Ano 17. n. 24. p. 191-200

COMPÊNDIO EDIÇÕES

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A territorialização do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - Brasil.** Ano 1, n. 1, p. 2-44, 1998.

RIBAS, Alexandre Domingues. **MST: reorganização político-territorial dos assentamentos e a consolidação do sistema cooperativista dos assentados.** Ano 1, n.1, p. 45 -58, 1998.

RAMALHO, Cristiane Barbosa. **Quem são os sem-terra? Uma questão relevante para a compreensão da luta pela terra no Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 59-72, 1998.

Direção Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. **As mentiras do governo FHC sobre reforma agrária.** Ano 1, n. 1 p. 72 – 75, 1998.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa geográfica em assentamentos de Reforma agrária.** Ano 1, n. 2 p. 1-32, 1998.

PASQUETTI, Luis Antônio. **O MST como uma empresa social.** Ano 1, n. 2 p. 33-50. 1998.

MARCOS, Valéria de. **Da luta para entrar na terra à luta para permanecer na terra: a realidade dos assentamentos rurais paraibanos.** Ano 1, n. 2 p. 51-73, 1998.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. **O conceito de região e a problemática dos assentamentos rurais.** Ano 1, n. 2 p. 74 – 93, 1998

NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária. **DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra.** Ano 3, n. 3 p. 7-27, 2000.

PAVAN, Dulcinéia. **O caminho feminino para a reforma agrária.** Ano 3, n. 3 p. 28 – 44, 2000.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan; IENO NETO, Genaro. **Organização interna dos assentamentos rurais na Paraíba: caminhos e armadilhas das formas associativas.** Ano 3, n. 3 p. 45 -57, 2000.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Análise preliminar da assistência técnica nos assentamentos de reforma agrária do Estado de Mato Grosso do Sul.** Ano 3, n. 3 p. 58 – 67, 2000.

FABRINI, João Edmilson; LUZ, Juan Artigas Souza; LACERDA, Celso Lisboa de. **A importância das culturas de milho e feijão para o desenvolvimento econômico de assentamentos de reforma agrária atendidos pelo projeto Lumiar – Paraná.** Ano 3, n. 3 p. 68-94, 2000.

GIL, Izabel Castanha. **Territorialidade e desenvolvimento contemporâneo.** Ano 7, n. 4 p. 5-19, 2004.

PONTE, Karina Furini da. **(Re) Pensando o Conceito do Rural.** Ano 7, n. 4 p. 20-28, 2004.

VIEIRA, Noemia Ramos. **O conhecimento geográfico veiculado pelos parâmetros curriculares nacionais de geografia e o espaço agrário brasileiro: reflexões para uma geografia crítica em sala de aula.** Ano 7, n. 4 p. 29-41, 2004.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.**

Ano 7, n. 4 p. 42-49, 2004.

SILVA, Tânia Paula da. **As redefinições do “rural”: breve abordagem.** Ano 7, n. 4 p. 50 – 55, 2004.

CANUTO, Antônio. **Agronegócio: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade.** Ano 7, n. 5 p. 1-12, 2004.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **Cultura, trabalho e lutas sociais entre trabalhadores agro-extrativistas do Rio Valparaíso na Amazônia acreana.** Ano 7, n. 5 p. 13 – 33, 2004.

NEVES, Achiles Lemos. **Dos movimentos sociais aos sócio-espaciais e socioterritoriais: uma tentativa de compreensão dos “movimentos” pela perspectiva geográfica.** Ano 7, n. 5 p. 35 – 42, 2004.

GONÇALVES, Renata. **Impactos da reorganização espacial dos novos modelos de assentamentos nas relações de gênero.** Ano 7, n. 5 p. 43 – 55, 2004.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Memória e atualização de sentidos em três atos do discurso jornalístico.** Ano 7, n. 5 p. 56-62, 2004.

BAGLI, Priscilla. **O camponês nas análises de Rousseau, Michelet e Marx: diferenças e semelhanças.** Ano 7, n. 5 p. 63-72, 2004.

NETO, Domingos José de Almeida. **O Método do discurso.** Ano 7, n. 5 p. 73-85, 2004.

PAULA, Elder Andrade de. **O movimento sindical dos trabalhadores rurais e a luta pela terra no Acre: conquistas e retrocessos.** Ano 7, n. 5 p. 86-101, 2004.

WELCH, Clifford Andrew. **Peasants and globalization in Latin America: a survey of recent literature.** Ano 7, n. 5 p. 102 – 112, 2004.

CARVALHO, Horácio Martins de. **Política compensatória de assentamentos rurais como negação da reforma agrária.** Ano 7, n. 5 p. 113 – 122, 2004.

KARRIEM, Abdurazack. **“Marching as to war”: a letter from Brazil to South Africa about landlessness, agrarian reform and social movement struggles against Neoliberalism.** Ano 8, n. 6 p. 1 – 13, 2005.

BEM, Anderson; FABRINI, João Edmilson. **A comercialização informal de leite como componente de resistência camponesa em Marechal Cândido Rondon - PR.** Ano 8, n. 6 p. 14 – 23, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 8, n. 6 p. 24 – 34, 2005.

WELCH, Clifford Andrew. **Estratégias de resistência do movimento camponês brasileiro em frente das novas táticas de controle do agronegócio transnacional.** Ano 8, n. 6 p. 35 – 45, 2005.

RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **A ofensiva do capital no campo brasileiro e a resistência do campesinato.** Ano 8, n. 6 p. 46 – 58, 2005.

ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Reflexões sobre a participação dos assentados nas eleições municipais.** Ano 8, n. 6 p. 59 – 74, 2005.

GIL, Izabel Castanha. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Regiões contidas e desenvolvimento territorial: uma reflexão sobre o desenvolvimento contemporâneo da Nova Alta Paulista.** Ano 8, n. 6 p. 75 – 91, 2005.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **A disputa política no Brasil em torno da implementação do modelo de reforma agrária de mercado do Banco Mundial (1997-2005).** Ano 8, n. 6 p. 92-117, 2005.

SHANIN, Teodor. **Definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista.** Ano 8, n. 7 p. 1 – 21, 2005.

ALMEIDA, Antônio Alves de. **A mística na luta pela terra.** Ano 8, n. 7 p. 22 – 34, 2005.

PONTES, Beatriz Maria Soares. **A organização da unidade econômica camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx.** Ano 8, n. 7 p. 35 – 47, 2005.

ESTEVES, Benedita Maria Gomes. **A hierarquização dos espaços agrários na Amazônia Sul-Occidental: os assentados em áreas de preservação e os não assentados.** Ano 8, n. 7 p. 48 – 67, 2005.

NEVES, Delma Pessanha. **Campesinato e reenquadramento sociais: os agricultores familiares em cena.** Ano 8, n. 7 p. 68 – 93, 2005.

WITTMAN, Hannah. **Agrarian reform and the production of locality: resettlement and community building in Mato Grosso, Brazil.** Ano 8, n. 7 p. 94 – 111, 2005.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Ação pastoral e questão agrária no Pontal do Paranapanema.** Ano 8, n. 7 p. 112 – 124, 2005.

LERRER, Débora Franco. **Movimentos sociais, mídia e construção de um novo senso comum.** Ano 8, n. 7 p. 125 – 140, 2005.

GIARRACA, Norma. GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro. **Estrategias de vida, estrategias de lucha: apuntes de un trabajo de campo: el MST, São Paulo, Brasil (Reunión del GTDR – CLACSO, agosto/setiembre de 2005).** Ano 8, n. 7 p. 141 – 155, 2005.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 9, n. 8 p. 1 – 28, 2006.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 9, n. 8 p. 29 – 51, 2006.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais.** Ano 9, n. 8 p. 52 – 73, 2006.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. MARTINS, Rodrigo Constante. OCADA, Fábio Kazuo. GODOI, Stela. MELO, Beatriz Medeiros de. VETTORACCI, Andréia. BUENO, Juliana Dourado. RIBEIRO, Jadir Damião. **Do karoshi no Japão à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado.** Ano 9, n. 8 p. 74 – 108, 2006.

CAVALCANTE, Matuzalem. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Formação territorial, agronegócio e atuais mudanças na estrutura fundiária de Mato Grosso.** Ano 9, n. 8 p. 109 – 121, 2006.

TEUBAL, Miguel. **La renta de la tierra en la economía política clásica: David Ricardo.** Ano 9, n. 8 p. 122 – 132, 2006.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. ALMEIDA, Maria Geralda de. **Um olhar sobre as redes de sociabilidade construídas do território das fabriquetas de queijo.** Ano 9, n. 8 p. 133 – 150, 2006.

MIRALHA, Wagner. **Questão agrária brasileira: origem, necessidade e perspectivas de reforma hoje.** Ano 9, n. 8 p. 151 – 172, 2006.

JÚNIOR, José Arbex. **Você tem fome do que?** Ano 9, n. 8 p. 173 – 185, 2006.

BARBAY, Claire. **Vers de nouvelles relations ville-campagne: les travailleurs ruraux et la création de nouveaux lieux.** Ano 9, n. 9 p. 1 – 27, 2006.

BRINGEL, Breno Marqués. **El lugar también importa. Las diferentes relaciones entre Lula y el MST.** Ano 9, n. 9 p. 28 – 48, 2006.

BRUMER, Anita. SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Estudos agrários no Brasil: modernização, violência e lutas sociais (desenvolvimento e limites da Sociologia Rural no final do século XX).** Ano 9, n. 9 p. 49 - 73, 2006.

QUIJANO, María Adelaida Farah. CORREA, Edelmira Pérez. **Mujeres rurales y nueva ruralidad en Colombia.** Ano 9, n. 9 p. 73 – 88, 2006.

SANTOS, Maria Edilúzia Leopoldino. **A construção do caminho para a conquista da terra: um espaço de transformação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.** Ano 9, n. 9 p. 89 – 112, 2006.

FILHO, José dos Reis Santos. **A instituição imaginária da Amazônia brasileira. Registros cognitivos e práticas sociais.** Ano 9, n. 9 p. 113 – 143, 2006.

LEITE, Sérgio. **Seis comentários sobre seis equívocos a respeito da reforma agrária no Brasil.** Ano 9, n. 9 p. 144 – 158, 2006.

WELCH, Clifford Andrew. **Movement histories: a preliminary historiography of the Brazil's landless laborers' movement (MST).** Ano 9, n. 9 p. 159 – 168, 2006.

BERNARDES, Júlia Adão. **Dimensões da ação e novas territorialidades no cerrado brasileiro: pistas para uma análise teórica.** Ano 10, n. 10 p. 1 – 10, 2007.

GALAFASSI, Guido. **Economía regional y emergencia de movimientos agrarios. La región Chaqueña de los años setenta.** Ano 10, n. 10 p. 11 – 36, 2007.

MACEDO, Giovanni Raimundo de; BINSZTOK, Jacob. **Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas.** Ano 10, n. 10 p. 37 – 56, 2007.

MCMICHAEL, Philip. **Reframing development: global peasant movements and the new agrarian question.** Ano 10, n. 10 p. 57 – 71, 2007.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 10, n. 10 p. 72 – 93, 2007.

RAMÍREZ, Milena Barrera. **Aproximación histórica al cooperativismo y su relación con la *praxis* desarrollada por el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST).** Ano 10, n. 10 p. 94 – 114, 2007.

SHIMBO, Júlia Zanin; JIMÉNEZ-RUEDA, Jairo Roberto. **Zoneamento geoambiental como subsídio aos projetos de reforma agrária. Estudo de caso: assentamento rural Pirituba II.** Ano 10, n. 10 p. 115 – 133, 2007.

SUZUKI, Júlio César. **Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação.** Ano 10, n. 10 p. 134 – 150, 2007.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Biofuels: five myths of the agro-fuels transition.** Ano 10, n. 10 p. 151 – 164, 2007.

DESMARAIS, Annette Aurélie. **La Vía Campesina: Globalização e o poder dos camponeses.** Ano 10, n. 10 p. 165 – 173, 2007.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 10, n. 11 p. 8 – 32, 2007.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. **Lavouras e sonhos: as representações camponesas nos assentamentos de reforma agrária.** Ano 10, n. 11 p. 33 – 47, 2007.

FELICIANO, Carlos Alberto. **“Grilos” jurídicos no Pontal do Paranapanema: administrando os conflitos agrários.** Ano 10, n. 11 p. 48 – 60, 2007.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. **Assentamentos rurais no território da cana: controvérsias em cena.** Ano 10, n. 11 p. 61 – 80, 2007.

MARTÍN, Víctor O. Martín. **De cómo se evita hoy la aplicación de la reforma agraria en el Surde España.** Ano 10, n. 11 p. 81 – 108, 2007.

MENDES, Eduardo Roberto; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Algumas considerações sobre o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin e a comunidade rural Yuba em Mirandópolis (SP).** Ano 10, n. 11 p. 109 – 121, 2007.

SIMONETTI, Mirian Claudia Lourenção. **A Geografia dos Movimentos Sociais em tempos de Globalização: o MST e o Zapatismo.** Ano 10, n. 11 p. 122 – 130, 2007.

SAUER, Sérgio. TUBINO, Nilton Luis Godoy. **A sustentação financeira de organizações do patronato rural brasileiro.** Ano 10, n. 11 p. 131 – 148, 2007.

SILVA, Emerson Xavier da. **Entrevista a James Cockcroft.** Ano 10, n. 11 p. 149 – 169, 2007.

BRUMER, Anita. ANJOS, Gabriele dos. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar.** Ano 11, n. 12 p. 6 – 17, 2008.

DROULERS, Martine. **Brésil: l'enjeu des biocarburants.** Ano 11, n. 12 p. 18 – 30, 2008.

GIL, Izabel Castanha. **Cooperação, competição e resistência nas associações de municípios: a AMNAP e o desenvolvimento regional da Nova Alta Paulista.** Ano 11, n. 12 p. 31 – 56, 2008.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 11, n. 12 p. 57 – 67, 2008.

MELLO, Neli Aparecida de. **E a política agrícola transforma-se em instrumento do desenvolvimento sustentável....** Ano 11, n. 12 p. 68 – 85, 2008.

PAULA, Elder Andrade de. SILVA, Silvio Simione da. **Floresta, para que te quero? Da territorialização camponesa a nova territorialidade do capital.** Ano 11, n. 12 p. 86 -97, 2008.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Muito além de giz e lousa: análise do litígio discursivo em torno da questão agrária.** Ano 11, n. 12 p. 98 – 107, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento; ESPINDOLA, Carlos Roberto. **Geotecnologias no planejamento de assentamentos rurais: premissa para o desenvolvimento rural sustentável.** Ano 11, n. 12 p. 108 – 116, 2008.

OCADA, Fabio Kazuo; MELO, Beatriz Medeiros de. **Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva.** Ano 11, n. 12 p. 117 – 136, 2008.

BENINI Edi Augusto; BENINI, Elcio Gustavo. **Reforma agrária no contexto da economia solidária.** Ano 11, n. 13 p. 6 – 15, 2008.

CAVALCANTE, Matuzalem; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Territorialização do agronegócio e concentração fundiária.** Ano 11, n. 13 p. 16 – 25, 2008.

CHENG, T.J. **Overtime in China: law, practice and social exclusion.** Ano 11, n. 13 p. 26 – 46, 2008.

DA ROS, César Augusto. **A política fundiária do governo da Frente Popular no Rio Grande do Sul (1999-2002): diretrizes, luta política e resultados atingidos.** Ano 11, n. 13 p. 47 – 82, 2008.

EDUARDO, Márcio Freitas. **O conceito de território e o agroartesanato.** Ano 11, n. 13 p. 83 – 101, 2008.

PAULA, Elder Andrade de; SILVA, Silvio Simione da. **Movimentos sociais na Amazônia brasileira: vinte anos sem Chico Mendes.** Ano 11, n. 13 p. 102 – 117, 2008.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. **A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais.** Ano 11, n. 13 p. 118 – 127, 2008.

SEGRELLES, José Antonio. **La ecología y el desarrollo sostenible frente al capitalismo: una contradicción insuperable.** Ano 11, n. 13 p. 128 – 143, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento. **Assentamentos de reforma agrária na defesa e conservação do cerrado: o caso da região sul do Maranhão.** Ano 11, n. 13 p. 144 – 155, 2008.

BÔAS, Rafael Litvin Villas. **Terrorismo à brasileira: a retórica da vez da classe dominante contra o MST.** Ano 11, n. 13 p. 156 – 165, 2008.

SANTONJA, Jordi Tormo i. **Hacia uma Geografia útil: el papel de la Geografía en el siglo XXI en España.** Ano 12, n. 14 p. 7– 27, 2009.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues; SERRANO, José Antonio Segrelles. **Análise agrária da multifuncionalidade da terra na província de Alicante-Espanha.** Ano 12, n. 14 p. 28 – 47, 2009.

REITER, Bernd. **A genealogy of Black organizing in Brazil.** Ano 12, n. 14 p. 48 – 62, 2009.

VANDEN, Harry E. **Novos movimentos sociais, globalização e democratização: a participação do MST.** Ano 12, n. 14 p. 63 – 71, 2009.

PICCIN, Marcos Botton et al. **Análise do processo de constituição e desestruturação da cooperativa de agricultores assentados Terra Vida – COOPERVIDA, RS.** Ano 12, n. 14 p. 72 – 96, 2009.

ROOS, Djoni. **Lutas camponesas e diferentes atividades associativas nos assentamentos de sem-terra.** Ano 12, n. 14 p. 97 – 111, 2009.

BEZERRA, Juscelino Eudâmidas. **Agronegócio e ideologia: contribuições teóricas.** Ano 12, n. 14 p. 112 – 124, 2009.

SILVA, Judson Jorge; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Do sonho à devastação onde tudo se (RE)constrói: experiências e memórias nas lutas por terra da região do Cariri-CE.** Ano 12, n. 14 p. 125 – 141, 2009.

ACUÑA, Isaías Tobasura. **De campesinos a empresarios. La retórica neoliberal de la política agraria en Colombia.** Ano 12, n. 15 p. 07– 21, 2009.

CARRASCO, Salvador Ferradás. **Desarrollo Local, Promoción y Publicidad: Criterios de Calidad Medioambiental y Territorial para la mejora de Ciudades Turísticas.** Ano 12, n. 15 p. 22–33, 2009.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. **O Movimento dos Atingidos por Barragem na Amazônia: um movimento popular nascente de “vidas inundadas”.** Ano 12, n. 15 p. 34– 65, 2009.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Uma descrição agroecológica da crise atual.** Ano 12, n. 15 p. 66– 87, 2009.

ROSSETTO, Onélia Carmem. **Sustentabilidade Ambiental do Pantanal Mato-Grossense: Interfaces entre Cultura, Economia e Globalização.** Ano 12, n. 15 p. 88–105, 2009.

VIDAL, Déa de Lima; ALENCAR, João Vitor de Oliveira. **Diferenciação camponesa na Depressão Sertaneja Semi-Árida do Ceará.** Ano 12, n. 15 p. 106–135, 2009.

GÓMEZ, Sérgio. **Urbanização e Ruralidade. Os condomínios e os conselhos de desenvolvimento social.** Brasília: MDA, 2009 (resenha). Ano 12, n. 15 p. 136–138, 2009.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 13, n. 16 p. 7– 21, 2010.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 13, n. 16 p. 22–32, 2010.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Prescrições agroecológicas para a crise atual.** Ano 13, n. 16 p. 33-47, 2010.

FIRMIANO, Frederico Daia. **O novo colonialismo transnacional e a experiência brasileira do agronegócio.** Ano 13, n. 16 p. 48-62, 2010.

ROSSI, Virginia. **La producción familiar en la cuestión agraria uruguaya.** Ano 13, n. 16 p. 63-80, 2010.

PATÍÑO, Luís Carlos Agudelo. **Campesinos sin tierra, tierra sin campesinos: territorio, conflicto y resistencia campesina en Colômbia.** Ano 13, n. 16 p. 81-95, 2010.

BASU, Pratyusha. **Scale, place and social movements: strategies of resistance along India's Narmada river.** Ano 13, n. 16 p. 96-113, 2010.

MOREIRA, Vagner José. **A criminalização dos movimentos sociais de luta pela terra: mundos dos trabalhadores, questão agrária e o “levante comunista” de 1949 em Fernandópolis-SP.** Ano 13, n. 16 p. 114-129, 2010.

THÉRY, Hervé et al. **Geografias do trabalho escravo contemporâneo no Brasil.** Ano 13, n. 17 p. 7-28, 2010.

VELTMEYER, Henry. **Dynamics of agrarian transformation and resistance.** Ano 13, n. 17 p. 29-49, 2010.

RINCÓN, Luis Felipe. **¡Hombres de maíz! Una mirada a la actualidad organizativa campesina en Guatemala.** Ano 13, n. 17 p. 49-64, 2010.

MACHADO, Antonio Maciel Botelho; CASALINHO, Helvio Debli. **Crítica à pluriatividade e suas relações com o campesinato e a reforma agrária.** Ano 13, n. 17 p. 65-80, 2010.

ESTRADA, María de. **Geografía de la frontera: mecanismos de territorialización del agronegocio en frontera agropecuaria de Santiago del Estero, Argentina.** Ano 13, n. 17 p. 81-93, 2010.

FARIAS, Cleilton Sampaio; FARIAS, Cleisson Sampaio de Farias. **Os fundamentos e a expressão da questão agrária no Acre.** Ano 13, n. 17 p. 94-111, 2010.

MONDARDO, Marcos Leandro. **A “territorialização” do agronegócio globalizado em Barreiras- BA: migração sulista, reestruturação produtiva e contradições sócio-territoriais.** Ano 13, n. 17 p. 112-130, 2010.

SOARES, Venozina de Oliveira; ROCHA, Luciana Oliveira. **A evolução da estrutura agrária do município de Barra do Choça-BA.** Ano 13, n. 17 p. 131-149, 2010.

OLIVEIRA, Nallígia Tavares de. **Entrevista com Valmir Ulisses Sebastião – Ocupações de terra: mudanças e perspectivas.** Ano 13, n. 17 p.150-156, 2010.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Nota: a permanência na transformação e a transformação da permanência.** Ano 13, n. 17 p. 157-159, 2010.

JESUS, José Novaes. **A pedagogia da alternância e o debate da Educação do/no campo no estado de Goiás.** Ano 14, n. 18 p. 7-20, 2011.

SOUZA, Francilane Eulália de. **Os colégios rurais agrupados na Espanha: lugar de fortalecimento do campesinato?** Ano 14, n. 18 p. 21-36, 2011.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **A educação do campo no Brasil e a construção das escolas do campo.** Ano 14, n. 18 p. 37-46, 2011.

CAMACHO, Rodrigo Simão. **Conhecendo os camponeses-estudantes e o seus territórios no município de Paulicéia-SP: trabalho familiar, lazer e escola.** Ano 14, n. 18 p. 47-78, 2011.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais.** Ano 14, n. 18 p. 79-105, 2011.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Educação do Campo na encruzilhada entre emancipação versus reino do capital: uma leitura filosófica.** Ano 14, n. 18 p. 106-124, 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Rural.** Ano 14, n. 18 p. 125-135, 2011.

PERCÍNCULA, Analia; JORGE, Andrés; CALVO, Claudia; MARIOTTI, Daniela; DOMÍNGUEZ, Diego; ESTRADA, Maria de; CICOLELLA, Mariana; BARBETTA, Pablo; SABATINO, Pablo; ASTELARRA, Sofia. **La violencia rural en la Argentina de los agronegocios: crónicas invisibles del despojo.** Ano 14. n. 19 p. 08-23, 2011.

VELTMEYER, Henry. **El itinerario de desarrollo como un idea.** Ano 14. n. 19 p. 24-43, 2011.

FREITAS, Alair Ferreira de; BOTELHO, Maria Isabel Vieira. **“Campepinato como ordem moral”: (re)visitando clássicos e (re)pensando a economia camponesa.** Ano 14. n. 19 p. 44-58, 2011.

MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de; VAN TILBEURGH, Veronique. **Da teologia da libertação ao desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira: os mecanismos políticos e sociais de sua interpretação.** Ano 14. n. 19 p. 59-72, 2011.

SILVA, Simone Rezende da. **A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola.** Ano 14. n. 19 p. 73-89, 2011.

VILLELA, Fábio Fernandes. **Práticas educativas comparadas em educação do campo e os desafios da formação omnilateral na América Latina.** Ano 14. n. 19 p. 90-103, 2011.

AQUINO, Maria Lúcia Santos; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de; SILVA, Zenobio Abel Gouvêa Perelli da Gama e. **Manejo madeireiro na floresta estadual do Antimary, estado do Acre, Brasil.** Ano 14. n. 19 p. 104-135, 2011.

SORZANO, Angelina Herrera; RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **O papel e os desafios da organização camponesa em Cuba: entrevista com o dirigente da Associação Nacional dos Agricultores Pequenos (ANAP), Mario La O Sosa.** Ano 14. n. 19 p. 136-151, 2011.

WANDSCHEER, Elvis Albert Robe; MACIEL, Carlos Alberto da Rosa; NEVES, Anderson Souto. **A influência dos processos contemporâneos na alimentação: uma proposta de reflexão.** Ano 14. n. 19 p. 152-161, 2011.

CARDOSO, Antonio Ismael; JOVCHELEVICH, Pedro; MOREIRA, Vladimir. **Produção de sementes e melhoramento de hortaliças para a agricultura familiar em manejo orgânico.** Ano 14. n. 19 p. 162-169, 2011.

ECHENIQUE, Sergio Gómez. **Reflexiones sobre la dinámica reciente del mercado de la tierra en América Latina y el Caribe.** Ano 15. n. 20 p. 08-57, 2012.

VIEIRA, Flávia Braga. **Lutas camponesas na escala internacional: um estudo sobre a Via Campesina.** Ano 15. n. 20 p. 58-82, 2012.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **A interdependência entre estado e MST na constituição de um assentamento de reforma agrária.** Ano 15. n. 20 p. 83-98, 2012.

CUNHA, Paulo Roberto; MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de. **A terra prometida ainda é promessa... desapropriação da fazenda Nova Alegria pelo descumprimento do Código Florestal: conflito, impunidade e imbróglio jurídico.** Ano 15. n. 20 p. 99-130, 2012.

DA ROS, César Augusto; PICCIN, Marcos Botton. **Os serviços de assessoria técnica e social aos assentamentos de reforma agrária: uma análise qualitativa das ações do projeto Lumiar no estado do Rio de Janeiro.** Ano 15. n. 20 p. 131-155, 2012.

LARA JÚNIOR, Nadir. **Análise das principais influências ideológicas na constituição do MST.** Ano 15. n. 20 p. 156-174, 2012.

SANTOS, Anderson Luiz Machados dos; DE DAVID, Cesar. **Luta pela terra e disputas territoriais na região da campanha gaúcha: o processo de formação do assentamento Conquista do Caiboaté em São Gabriel – RS.** Ano 15. n. 20 p. 175-192, 2012.

CAPOANE, Viviane; SANTOS, Danilo Rheinheimer dos. **Análise qualitativa do uso e ocupação da terra no assentamento Alvorada, Júlio de Castilhos – Rio Grande do Sul.** Ano 15. n. 20 p. 193-205, 2012.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. **O partido da terra: como os políticos conquistam o território brasileiro.** Ano 15. n. 20 p. 206-207, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 15, dossiê, p. 09-20, 2012.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais.** Ano 15, dossiê, p. 21-42, 2012.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 15, dossiê, p. 43-54, 2012.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 15, dossiê, p. 55-78, 2012.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 15, dossiê, p. 79-92, 2012.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 15, dossiê, p. 93-102, 2012.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 15, dossiê, p. 103-126, 2012.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 15, dossiê, p. 127-154, 2012.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 15, dossiê, p. 155-176, 2012.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 15, dossiê, p. 177-184, 2012.

CLEMENTS, Elizabeth Alice. **Agrarian reform, food sovereignty and the MST: socio-environmental impacts of agrofuels production in the Pontal do Paranapanema region of São Paulo state, Brazil.** Ano 15. n. 21 p. 08-32, 2012.

FABRINI, João Edmilson; ROOS, Djoni; MARQUES, Erwin Becker; GONÇALVES, Leandro Daneluz. **Lutas e resistências no campo paranaense e o projeto Dataluta-PR.** Ano 15. n. 21 p. 33-49, 2012.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. **Pelo espaço ou pelo território? Possibilidades de articulação para se compreender a territorialidade e a fragmentação socioespacial.** Ano 15. n. 21 p. 50-68, 2012.

PIEDRACUEVA, Maximiliano. **Aportes metodológicos de la teoría del desarrollo territorial.** Ano 15. n. 21 p. 69-78, 2012.

MORENO, Glaucia de Sousa; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. **O drama da instalação de famílias agricultoras na mesorregião sudeste paraense.** Ano 15. n. 21 p. 79-99, 2012.

PATRÍCIO, Patrícia Cartes; GOMES, João Carlos Costa. **Desenvolvimento rural sustentável, planejamento e participação.** Ano 15. n. 21 p. 100-113, 2012.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Movimento étnico-socioterritorial Guarani e Kaiowa no estado de Mato Grosso do Sul: disputas territoriais nas retomadas pelo Tekoha-Tekohará.** Ano 15. n. 21 p. 114-134, 2012.

ROSSETTO, Onélia Carmem; GIRARDI, Eduardo Paulon. **Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro.** Ano 15. n. 21 p. 135-161, 2012.

OMENA, Maria Luiza Rodrigues de Albuquerque; SOUZA, Roberto Rodrigues de; SOARES, Maria José Nascimento. **Contradições do programa sergipano de biodiesel.** Ano 15. n. 21 p. 162-172, 2012.

GARRIDO, Hellen Charlot Cristancho. **Vivir bien ¿paradigma no capitalista?** Ano 15. n. 21 p. 173-180, 2012.

AVILA, Camilo Alejandro Bustos. **O componente social do Plano Colômbia e a territorialidade da comunidade camponesa-indígena Awá do departamento de Putumayo (Colômbia).** Ano 16. n. 22. p. 09-26, 2013.

BARRI, Juan. **Renta Agraria em contextos de alta productividad: las contradicciones emergentes en el actual régimen de producción agropecuaria argentino.** Ano 16. n. 22. p. 27-42, 2013.

LOBOS, Damian Andres. **Los territorios de la desposesión: los enclaves y la logística como territorialización del modelo extractivo sudamericano.** Ano 16. n. 22. p. 43-54, 2013.

BELLACOSA, Julia Marques. **Os desafios da produção camponesa frente à expansão dos agrocombustíveis, o assentamento Monte Alegre: Araraquara-SP.** Ano 16. n. 22. p. 55-81, 2013.

OYAHANTÇABAL, Gabriel. **Los tres campos em la cueston agraria en Uruguay.** Ano 16. n. 22. p. 82-95, 2013.

MACEDO, Magno Roberto Alves; DARNET, Laura Angélica Ferreira; THALÊS, Marcelo Cordeiro; POCCARD-CHAPUÍS, Rene. **Configuração espacial do desflorestamento em fronteira agrícola na Amazônia: um estudo de caso na região de São Félix do Xingu, estado do Pará.** Ano 16. n. 22. p. 96-110, 2013.

MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo; ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Nova lógica na produção de cana-de-açúcar na Zona da Mata pernambucana: transformações fundiárias para a perpetuação das relações de poder.** Ano 16. n. 22. p. 111-126, 2013.

VARGAS, Daiane Loreto. **Trabalho dos extensionistas no contexto da ATES: o caso dos assentamentos de Candiota/RS.** Ano 16. n. 22. p. 127-137, 2013.

CARDONA, David Vásquez. **Disputas territoriales con el capital, las subordinaciones, paradigmas y modelos de desarrollo.** Ano 16. n. 23. p. 09-26.

VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos. **Território (i)material e Geografia Agrária: Paradigmas em Questão.** Ano 16. n. 23. p. 27-42, 2013.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antônio. **Agricultura de beira de estrada ou agropecuária marginal ou, ainda, o campesinato espremido.** Ano 16. n. 23. p. 43-59, 2013.

CUBAS, Tiago Egídio Avanço. **Aspectos da formação da opinião pública paulista: um estudo baseado no Dataluta jornal de 1988 a 2010.** Ano 16. n. 23. p. 60-80, 2013.

CASTRO, Cloves Alexandre. **Movimento social e geografia: contribuição ao debate.** Ano 16. n. 23. p. 81-108, 2013.

MORALES, Selene. **La “sojización” y la tierra en disputa: desarrollo del capitalismo agrario en Uruguay.** Ano 16. n. 23. p. 109-130, 2013.

SILVA, Tanise Pedron da; COSTABEBER, José Antônio. **A (re)organização da produção: um estudo da segurança alimentar nos assentamentos de reforma agrária Santa Rita e Sepé Tiaraju, município de Capão do Cipó (RS).** Ano 16. n. 23. p. 131-149, 2013.

SILVA, Raimundo Pires. **As especificidades da nova ATER para agricultura familiar.** Ano 16. n. 23. p. 150-166, 2013.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A Via Campesina: a globalização e o poder do campesinato.** Ano 16. n. 23. p. 167-170, 2013.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de; HÉRNANDEZ, David Gallar; COLADO, Ángel Calle. **A “nova” questão agrária em Andalúcia: processos de recampesinização em tempos de impérios agroalimentares.** Ano 17. n. 24. p. 09-35, 2014.

CUTINELLA, César. **La cuestión agraria uruguaya en los manuales escolares de geografía: una aproximación a su evolución histórica.** Ano 17. n. 24. p. 36-50, 2014.

BATISTA, Ândrea Francine. **A formação e a organização política na territorialização contra-hegemônica: a experiência da Via Campesina sudamérica.** Ano 17. n. 24. p. 51-70, 2014.

BELO, Diego Carvalho; PEDLOWSKI, Marcos Antônio. **Acampamentos do MST e sua importância na formação da identidade do sem terra.** Ano 17. n. 24. p. 71-85, 2014.

JARA, Cristian Emanuel; SPERAT, Ramiro Rodríguez; RINCÓN, Luis Felipe. **La agricultura familiar en el desarrollo rural: continuidades y rupturas del paradigma neoliberal en argentina y Colombia.** Ano 17. n. 24. p. 86-106, 2014.

PASINI, Isabela Leão Ponce; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho; SILVA, Douglas Mansur da. **Modernização nas comunidades negras rurais do Sapê do Norte: discursos e práticas de (des)envolvimento e meio ambiente.** Ano 17. n. 24. p. 107-121, 2014.

SILVA, Rafael Navas; SILVA, Ivone da; MARTINS, Cibele Chalita. **Formação de coletores de sementes nativas da mata atlântica.** Ano 17. n. 24. p. 122-132, 2014.

NORDER, Luis Antônio Cabello. **Controvérsias sobre a reforma agrária no Brasil (1934-1964).** Ano 17. n. 24. p. 133-145, 2014.

VASSALLO, Miguel; CHAVES, Ethel Ferreira. **Colonización y nuevas formas de acceso a la tierra de productores familiares: enseñanzas de la colonia Maestro Soler en Uruguay.** Ano 17. n. 24. p. 146-166, 2014.

COSCIONE, Marco; PINZÓN, Viviana García. **Paro nacional agrario en Colombia: TLCS y perspectivas del movimiento social y popular.** Ano 17. n. 24. p. 167-190, 2014.

ZIMERMAN, Artur. **Conhecendo a questão agrária por seus atores.** Ano 17. n. 24. p. 191-200, 2014.

BRUSCHI, Rita. **Manifestaciones de la cuestión agraria en Uruguay.** Ano 17. n. 25. p. 10-24, 2014.

PORTO, José Renato Sant'Anna. **O discurso do agronegócio: modernidade, poder e “verdade”.** Ano 17. n. 25. p. 25-46, 2014.

NAHUN, João Santos; PAIXÃO JÚNIOR, Paulo Roberto Carneiro. **Encontros e desencontros: fronteira, agronegócio da soja e campesinato no Planalto Santareno (PA).** Ano 17. n. 25. p. 47-70, 2014.

COELHO, Douglas Cristian; FABRINI, João Edmilson. **Produção de subsistência e autoconsumo no contexto de expansão do agronegócio.** Ano 17. n. 25. p. 71-87, 2014.

SILVA, Mariele de Oliveira; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Reforma agrária nos municípios de Cáceres/MT e Selvíria/MS: agronegócio, subordinação e emancipação camponesa.** Ano 17. n. 25. p. 8-101, 2014.

SANTOS, Rafael de Oliveira Coelho dos. **A expansão do agronegócio sobre os assentamentos da reforma agrária: o caso do PA Fazenda Primavera (Andradina-SP).** Ano 17. n. 25. p. 102-135, 2014.

LEITE, Vinícius Rocha; PEDLOWSKI, Marcos Antonio; HADDAD, Ludimila Neves. **Assentamentos de reforma agrária como agentes de recuperação da cobertura vegetal em paisagens degradadas de Mata Atlântica na região norte fluminense.** Ano 17. n. 25. p. 136-146, 2014.

NAVAS, Rafael; KANIKADAN, Andréa Yumi Sugishita; SANTOS, Kátia Maria Pacheco; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. **Políticas públicas e comunidades tradicionais: uma análise dos projetos de desenvolvimento local sustentável na Mata Atlântica.** Ano 17. n. 25. p. 147-161, 2014.

SOARES, Simone Fernandes. **Um processo de capacitação de jovens e adultos remanescentes de quilombolas dos Caetanos de Capuan, Caucaia – Ceará.** Ano 17. n. 25. p. 162-181, 2014.

PEREIRA, Lorena Izá. **Políticas fundiárias no Brasil: uma análise geo-histórica da governança da terra no Brasil**. Roma: International Land Coalition (Resenha). Ano 17. n. 25. p. 182-185, 2014.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno**. São Paulo: Expressão Popular (Resenha). Ano 17. n. 25. p. 186-191, 2014.

TRICHES, Rozana Maria; GRISA, Cátia. **Entre mudanças e conservadorismos: uma análise dos programas de aquisição de alimentos (PAA e PNAE) a partir da retórica da intransigência**. Ano 18. n. 26. p. 11-28, 2015.

CLEMENTS, Elizabeth Alice. **Addressing rural poverty and food insecurity through local food purchasing and school lunch programs: PAA Africa, PRONAE and the creation of institutional markets in Mozambique**. Ano 18. n. 26. p. 29-52, 2015.

CHRISTANCHO GARRIDO, Hellen Charlot. **Abordagem territorial da segurança alimentar: articulação do campo e da cidade no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA): considerações sobre o caso colombiano**. Ano 18. n. 26. p. 53-71, 2015.

PEIXOTO, Angêla Maria; OLIVEIRA, Adriano Rodrigues. **Abordagem territorial nas políticas públicas de desenvolvimento rural: uma análise do PAA para a produção camponesa no município de Ipameri-GO**. Ano 18. n. 26. p. 72-94.

SILVA, Arthur Boscaroli; PEDRON, Nelson Rodrigo. **Reprodução do campesinato através de políticas públicas voltadas para a agricultura familiar: a dinâmica do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) em Ourinhos-SP**. Ano 18. n. 26. p. 95-112.

TEIXEIRA, Carine Andrade; NORDER, Luís Antonio Cabello. **Participação indígena no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)**. Ano 18. n. 26. p. 113-124, 2015.

CORADIN, Cristiane; SOUZA, Renato Santos. **Os quilombolas e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no Vale do Ribeira Paraná: diversidades culturais, enquadramentos burocráticos e ações dos mediadores técnicos e sociopolíticos**. Ano 18. n. 26. p. 125-148, 2015.

LEAL, Sidney Cássio Todescato. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no Pontal do Paranapanema**. Ano 18. n. 26. p. 149-166, 2015.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) como uma política pública emancipatória no território Cantuquiriguaçu-PR**. Ano 18. n. 26. p. 167-184, 2015.

VINHA, Janaína Francisca de Souza Campos; SCHIVINATTO, Mônica. **Soberania alimentar e territórios camponeses: uma análise do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)**. Ano 18. n. 26. p. 185-205, 2015.

GOLDFARB, Yamila. **Consolidação da hegemonia das corporações, monopolização do território e acumulação por espoliação: o caso da Cargill no Brasil e na Argentina**. Ano 18. n. 27. p. 11-37, 2015.

VÁSQUEZ CARDONA, David. **La crisis cafetera: elementos para una discusión sobre los análisis de los sistemas alimentarios**. Ano 18. n. 27. p. 38-52, 2015.

MAGGI, Leonardo Bauer. **Itaipu e a formação do território do capital**. Ano 18. n. 27. p. 53-63, 2015.

SOBREIRO FILHO, José. **O(s) movimento(s) por trás das dissensões: rupturas, agregação, lideranças e poder nas dissidências do Pontal do Paranapanema.** Ano 18. n. 27. p. 64-95, 2015.

MORAES, Vitor de; WELCH, Clifford Andrew. **A disputa territorial e o controle das políticas no território Cantuquiriguaçu - estado do Paraná: a participação dos movimentos socioterritoriais e o papel do estado.** Ano 18. n. 27. p. 96-112, 2015.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. **Análise do processo de espacialização do MST no estado de São Paulo em diferentes contextos histórico-geográficos.** Ano 18. n. 27. p. 113-137, 2015.

NAVAS, Rafael; KANIKADAN; Andréa Yumi Sugishita; SANTOS, Kátia Maria Pacheco dos; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. **Transição alimentar em comunidade quilombola no litoral sul de São Paulo/Brasil.** Ano 18. n. 27. p. 138-155, 2015.

NETO, João Augusto de Andrade. **A teoria e a prática do MST para a cooperação e a organização em assentamentos rurais.** Ano 18. n. 27. p. 156-182, 2015.

ROS, César Augusto Da; PICCIN, Marcos Botton. **A implantação do programa de assessoria técnica, social e ambiental aos assentamentos de reforma agrária no estado do Rio de Janeiro nos anos de 2002 a 2008: diretrizes, formatos institucionais e dinâmica de execução.** Ano 18. n. 27. p. 183-213, 2015.

SILVA, Edson Batista; CALAÇA, Manoel. **Disputas pela terra e na terra: possibilidades para produção agroecológica no assentamento Cunha, em Cidade Ocidental, GO.** Ano 18. n. 27. p. 214-239, 2015.

VASCONCELOS, Joana Salém. **Propriedade coletiva em debate: caminhos da revolução agrária em Cuba (1959-1964).** Ano 18. n. 27. p. 240-258, 2015.

PAZ, Raúl; LIPSHITZ, Héctor; ZERDA, Hugo Raúl; TIEDEMAN, José. **Estructura agraria, áreas de concentración de la agricultura familiar y procesos de expansión de la frontera agropecuaria en Santiago del Estero, Argentina.** Ano 18. n. 27. p. 259-279, 2015.

GALLAR HERNÁNDEZ, David; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Revisitando la agroecología: entrevista a Eduardo Sevilla Guzmán.** Ano 18. n. 27. p. 280-295.

RIBEIRO, Edson Sabatini. **RESENHA: Dinâmicas de classe da mudança agrária.** Ano 18. n. 27. p. 296-300.

MANRIQUE, Luis Felipe Ricón. **(Neo)extrativismo e despojo no sul global: conflitos e resistências nos territórios.** Ano 18. n.28. p.09-18.

ARACH, Omar. **Problemática y febril. Una mirada a la expansión del biodiesel en argentina.** Ano 18. n. 28.p.19-31.

GOLDFARB, Yamila. **Expansão da soja e financeirização da agricultura como expressões recentes do regime alimentar corporativo no Brasil e na Argentina: o exemplo da Cargill.** Ano 18. n.28. p.32-67.

ACOSTA Claudia Yolima Devia. **Orinoquia colombiana, la influencia del agronegocio y la actividad petrolera: territorialidades en disputa.** Ano 18. n. 28. p.68-91.

BINSZTOK, Jacob; CARNEIRO, Mônica. **Integração nacional, desenvolvimento capitalista e projetos modernizantes na Amazônia: retrospectiva e perspectiva de despojos da mineração Rio do Norte – PA.** Ano 18. n.28. p.92-105.

MATO, Elmer Agostinho Carlos de; MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. **Exploração do carvão mineral de Benga em Moçambique e a expropriação da terra dos nativos: alguns apontamentos referentes à acumulação por espoliação.** Ano 18. n.28. p.106-131.

RODRIGUEZ, Violeta R. Nuñez. **Minería en México en el marco de la acumulación por desposesión.** Ano 18. n.28. p. 132-148.

WAHREN, Juan ;SCHVARTZ, Agustina. **Disputas territoriales en el valle del intag en Ecuador: de la resistencia social contra la mega-minería a la creación de alternativas al desarrollo.** Ano 18. n.28. p.149-164.

RIEIRO, Anabel; POSADA, Valentina. **Megaminería en Uruguay:conflictos estructurantes de un nuevo campo en disputa.** Ano 18. n.28. p.165-185.

DRUMOND, Nathalie. **A guerra da água na Bolívia: a luta do movimento popular contra a privatização de um recurso natural.** Ano 18. n.28. p. 186-205.

MIGUEZ, Susana Edith Rapp; TORIZ, Rosalia Vázquez; CAPILA, Maristela Amaro; MENDOZA, Xóchilt Formacio. **La disputa por los territorios rurales frente a la nueva cara del extractivismo minero y los procesos de resistencia en Puebla, México.** Ano 18. n.28. p.206-222.

FALERO, Alfredo. **La potencialidad heurística del concepto de economía de enclave para repensar el territorio.** Ano 18. n.28. p.223-240.

GÓMEZ, Sergio. **Las directrices voluntarias sobre gobernanza responsable de la tenencia de los recursos naturales y su aplicación desde América Latina.** Ano 18. n.28. p. 241-264.

ZICARI, Julián. **Neoextractivismo en Sudamérica. El caso del litio.** Ano. 18. n. 29.p.10-47

PEREIRA, Lorena Izá. **Governança da posse e estrangeirização de terras: apontamentos e perspectivas.** Ano. 18. n. 29.p. 48- 69.

FACCO, Vinícius Antonio Banzano. **Alternativas aos impérios agroalimentares a partir do campesinato agroecológico: as experiências do acampamento agroflorestal José Lutzenberger (MST-Antonina/PR).** Ano. 18. n. 29.p.70- 100.

BATISTA, Edimar Eder. **Complexidade das relações entre campo e cidade: perspectivas teóricas.** Ano. 18. n. 29.p.101-132.

DETTMER, Carlos Alberto; SILVA, Nardel Luiz Soares da. **Agricultura familiar – estudo de caso no assentamento Teijin, município de Nova Andradina, MS.** Ano. 18. n. 29.p.133-150.

MOREIRA, Fabiano Greter; SCHILINDWEIN, Madalena Maria. **Sucessão da gestão na agricultura familiar: um estudo de caso no assentamento Santa Olga no município de Nova Andradina em Mato Grosso do Sul.** Ano. 18. n. 29.p. 151-173.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa; GRISA, Felipe Fontoura; SCHIMITZ, Luiz Antonio. **Considerações sobre a experiência de construção de cisternas em Unidades de Produção e Vida Familiares (UPVFs) do município de Francisco Beltrão – Paraná.** Ano. 18. n. 29.p.174- 193.

VENTURA, Cláudio Barbosa. **Formação continuada de professores das escolas do campo no município de Governador Valadares – MG.** Ano. 18. n. 29.p.220 -232.

PIEDRACUEVA, Maximiliano. **Discusiones ontológicas sobre una tipología de territorios.** Ano 19, n. 30, p. 10-30, 2016.

LOPES, Gabriel Rodrigues. **“¡Ese desarrollo quiere acabar con nosotros/as!”: del horizonte colonial al giro epistémico des-colonizador.** Ano 19, n.30, p. 31-57, 2016.

PFRIMER, Matheus Hoffman; BARBOSA JUNIOR, Ricardo Cesar. **(De)Securitizing collectives of the Brazilian Cerrado and the implementation of an agribusiness complex.** Ano 19, n. 30, p.58-79.

ANDRADE, Patrícia Soares; VIANA, Masilene Rocha. **Entre o avanço do agronegócio e a política de assentamentos rurais: a intervenção pública na questão agrária e fundiária piauiense.** Ano 19, n. 30, p.80-97, 2016.

OLIVEIRA, Alyne Maria Sousa et al. **Indicadores de sustentabilidade cultural de assentamentos rurais em Teresina-PI.** Ano 19, n.30, p.98-147, 2016.

CARDONA, David Vásquez; SOBREIRO FILHO, J. S. **Os movimentos socioterritoriais: entre as classes e os movimentos populares.** Ano 19, n.30, p.148-168, 2016.

FARIAS, Maria Isabel. **Educação do/no Campo, um território em disputa: avanços e conquistas.** Ano 19, n. 30, p. 188-204, 2016.

ROSS, Djoní. **A reprodução contraditória do campesinato frente a territorialidade do agronegócio: subordinções e resistências em assentamentos rurais no Centro-Sul do Paraná.** Ano 19, n. 30, p. 169-187, 2016.

DRUZIAN, Franciele et al. **O estudo do lugar na escola do campo.** Ano 19, n. 30, p. 205-228, 2016.

SANTOS, Ricardo Menezes. **A formação do Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA: por soberania alimentar, contra a mercadorização do campo no Brasil.** Ano 19, n. 31, p. 10-31, 2016.

MARTINS, Adalberto Floriano Greco. **A construção da emancipação humana nos territórios da reforma agrária: o caso do conglomerado cooperativo da produção ecológica de arroz nos assentamentos da região metropolitana de Porto Alegre.** Ano 19, n. 31, p. 32-50, 2016.

JUNQUEIRA, Victor Hugo. **Da cafeicultura ao agronegócio canavieiro: o papel do Estado na consolidação do setor sucroalcooleiro na região de Ribeirão Preto-SP.** Ano 19, n. 31, p. 51-71, 2016.

PERAFÁN, Mireya Eugenia Valencia; WALTER, Maria Inez Machado Telles. **A percepção das condições de vida pelas populações dos territórios rurais, além das análises sobre o desempenho dos sistemas produtivos.** Ano 19, n. 31, p. 72-90, 2016.

TRICHES, Rozane Marcia; SCHABARUM, Joseane Carla; GIOMBELLI, Giovana Paludo. **Demanda de produtos da agricultura familiar e condicionantes para a aquisição de produtos orgânicos e agroecológicos pela alimentação escolar no sudoeste do estado do Paraná.** Ano 19, n. 31, p. 91-110, 2016.

ROCHA, João Henrique; ANJOS, Flávio Sacco dos. **Agricultura familiar e os mercados institucionais: análise do Programa de Aquisição de Alimentos (CPR-Doação) em Boa Vista – Roraima.** Ano 19, n. 31, p. 111-142, 2016.

EDUARDO, Márcio Freitas. **Agroecologia e o processo de ativação de territorialidades camponesas.** Ano 19, n. 31, p. 143-165, 2016.

SCHEUER, Junior Miranda. **Agroecologia: cuidando da saúde do planeta – palestra de Leonardo Boff.** Ano 19, n. 31, p. 166-179, 2016.